

Serhii Plokhy

O último IMPERIO

OS ÚLTIMOS DIAS DA UNIÃO SOVIÉTICA

leYa

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ficha Técnica Copyright © 2014, Serhii Plokhy

Tradução para a Língua Portuguesa © 2015, LeYa Editora Ltda., Luís Antônio Oliveira Título original: The last empire – The final days of the Soviet Union Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Preparação: Elisa Nogueira e Gabriel Demasi Revisão: Jorge Luiz Luz

Capa: Sérgio CAMPANTE

Imagem de capa: Barry Lewis/CORBIS/Latinstock Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Plokhy, Serhii

O último império: os últimos dias da União Soviética / Serhii Plokhy; tradução de Luis Antônio Oliveira. – São Paulo : LeYa, 2015.

Título original: The last empire – The final days of the Soviet Union ISBN 9788544103470

1. União Soviética – História 2. Guerra fria 3. Rússia – Relações exteriores – Estados Unidos I. Título II. Oliveira, Luis Antônio.

15-1108 CDD 947.0854

Índice para catálogo sistemático:

1. União Soviética – Política e governo Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – Consolação – São Paulo – SP

www.leya.com.br

SERHII PLOKHY

O ÚLTIMO IMPÉRIO
Os últimos dias da União Soviética

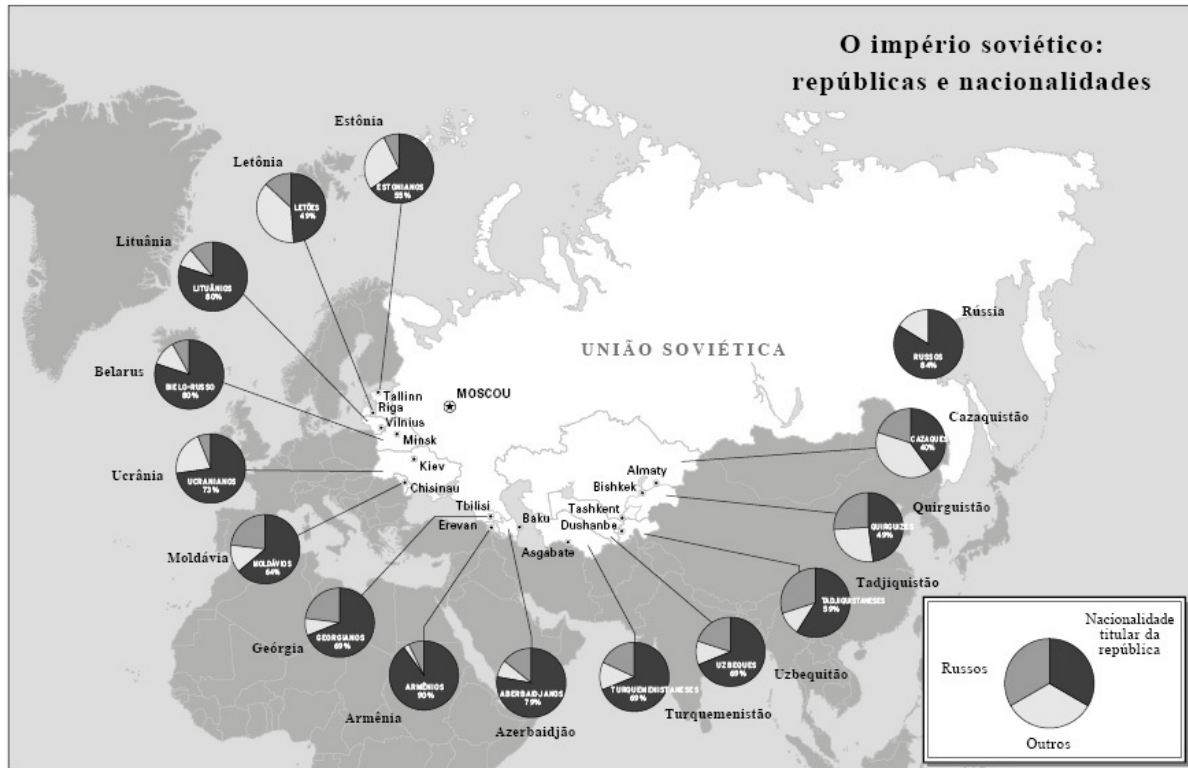
Tradução
Luiz Antônio Oliveira

*Aos filhos
dos impérios que
se libertaram*

A rivalidade da Guerra Fria: o mundo c. 1980



O império soviético: repúblicas e nacionalidades



INTRODUÇÃO

Foi um presente de Natal que poucos esperavam ganhar. Projetado na escuridão do céu noturno, sobre a cabeça dos turistas na praça Vermelha, em Moscou, acima dos fuzis da guarda de honra em marcha para o mausoléu de Lênin e atrás dos muros de tijolos do Kremlin, o estandarte vermelho do governo soviético desceu pelo mastro do prédio do Senado, a sede do governo soviético, e, até então, símbolo mundial do comunismo. As dezenas de milhões de telespectadores do mundo todo que assistiram à cena no final de 1991 mal podiam acreditar no que viam. No mesmo dia, o canal CNN transmitiu ao vivo o discurso de renúncia do primeiro e último presidente soviético, Mikhail Gorbatchov. A União Soviética não existia mais.

O que havia acontecido afinal? O primeiro a responder a essa pergunta foi o presidente dos Estados Unidos, George H.W. Bush. Na noite de 25 de dezembro, pouco depois da transmissão pela CNN e por outras redes do discurso de Gorbatchov e da imagem da arriação da bandeira vermelha no Kremlin, Bush foi à televisão explicar aos compatriotas o significado do que tinham visto, das notícias que tinham ouvido e do presente que tinham acabado de ganhar. O presidente interpretou a renúncia de Mikhail Gorbatchov e a descida da bandeira soviética como uma vitória na guerra que os Estados Unidos haviam travado com o comunismo durante mais de quarenta anos. Além disso, Bush associou o colapso do comunismo ao fim da Guerra Fria e felicitou o povo americano pela vitória dos seus valores. Ele usou a palavra “vitória” três vezes em três frases consecutivas. Algumas semanas depois, em seu discurso sobre o Estado da União, aludiu à implosão da União Soviética num ano que tinha visto “mudanças de proporções quase bíblicas”, declarou que “pela graça de Deus, os Estados Unidos haviam ganhado a Guerra Fria” e anunciou a alvorada de uma nova ordem mundial. “Um mundo outrora dividido em dois campos armados”, disse na sessão conjunta do Senado e da Câmara dos Deputados, “agora reconhece uma potência única e preeminente: os Estados Unidos da América”. O público explodiu em ovação.¹

Durante mais de quarenta anos, os Estados Unidos e a União Soviética se entregaram a uma luta global que por mera sorte não acabou num holocausto

nuclear. Gerações de americanos nasceram em um mundo que parecia permanentemente partido em dois campos beligerantes, um simbolizado pelo estandarte vermelho no alto do Kremlin, e o outro, pelas estrelas e listras sobre o Capitólio. Quem frequentou as escolas americanas na década de 1950 ainda podia se lembrar dos exercícios de alarme nuclear e da recomendação de se esconder embaixo das carteiras em caso de uma explosão atômica. Centenas de milhares de americanos lutaram e dezenas de milhares morreram em guerras destinadas a conter o avanço do comunismo, primeiro nas montanhas da Coreia, depois nas selvas do Vietnã. Gerações de intelectuais ficaram divididas quanto ao caso de suposta espionagem de Alger Hiss para os soviéticos, e Hollywood passou décadas traumatizada com a caça às bruxas desencadeada pelo senador Joseph McCarthy. Poucos anos antes do colapso soviético, as ruas de Nova York e de outras grandes cidades americanas foram tomadas por manifestações organizadas por partidários do desarmamento nuclear. Os protestos separaram pais e filhos, opondo o jovem ativista político Ron Reagan ao seu pai, o presidente Ronald Reagan. Os americanos e seus aliados ocidentais travaram numerosas batalhas em casa e no exterior numa guerra que parecia não ter fim. Então, sem que se disparasse um tiro, um adversário armado até os dentes, que jamais perdera uma batalha, arriava sua bandeira e se desintegrava numa dezena de estados menores.

Não faltavam bons motivos para comemorar, mas também havia algo confuso, para não dizer desconcertante, na pressa do presidente americano em proclamar vitória na Guerra Fria no dia em que Mikhail Gorbatchov, o principal aliado de Bush e de Ronald Reagan na conclusão desse conflito, apresentou sua renúncia. O ato de Gorbatchov deu um fim simbólico, se não legal, à União Soviética, que tinha sido dissolvida formalmente pelos seus membros constitutivos quatro dias antes, em 21 de dezembro, mas a Guerra Fria não visava ao desmembramento da União Soviética. Ademais, o discurso do presidente Bush à nação em 25 de dezembro de 1991, assim como sua fala sobre o Estado da União em janeiro de 1992, contradizia as declarações anteriores do governo sobre a Guerra Fria não ter terminado em confronto com Gorbatchov, e sim em cooperação com ele. O primeiro desses pronunciamentos havia sido feito no encontro dos dois líderes em Malta, em dezembro de 1989, e o último fora a declaração divulgada pela Casa Branca poucas horas antes do discurso de Natal de Bush, elogiando a cooperação de Gorbatchov: “Trabalhando com o presidente Reagan, comigo e com outras lideranças aliadas, o presidente Gorbatchov atuou de forma ousada e decisiva para pôr fim às implacáveis divisões da Guerra Fria e contribuiu para o

restabelecimento de uma Europa íntegra e livre.”²

O discurso de Natal se apartou consideravelmente do modo como Bush e os membros de seu governo tratavam o então parceiro soviético e da visão que tinham de sua própria capacidade de influenciar os desdobramentos na União Soviética. Embora Bush e seu assessor de segurança nacional, o general Brent Scowcroft, tivessem feito questão de dizer publicamente, durante boa parte de 1991, que sua influência era limitada, agora, repentinamente, passavam a creditar a si mesmos o tão extraordinário desenvolvimento da política interna soviética. Essa interpretação nova, nascida em plena campanha de Bush pela reeleição, gerou uma narrativa pública influente, se não dominante, do fim da Guerra Fria e da emergência dos Estados Unidos como única superpotência mundial. Essa narrativa, em grande parte mítica, vinculou intimamente o fim da Guerra Fria ao colapso do comunismo e à desintegração da União Soviética. E, o que é ainda mais importante, tratou esses desdobramentos como um resultado direto da política estadunidense e, aliás, como importantes vitórias americanas.³

Este livro questiona a interpretação triunfalista que vê no colapso soviético uma vitória americana na Guerra Fria e o faz, em parte, com base nos documentos recentemente publicados da Biblioteca Presidencial George Bush, inclusive as notas de seus assessores e a inédita transcrição de conversas telefônicas do presidente com líderes mundiais. Esses documentos, agora acessíveis, mostram com uma clareza sem precedente que o próprio presidente e seus assessores muito contribuíram para prolongar a vida da União Soviética, preocupados com a ascensão do futuro presidente russo Bóris Iéltzin, com o ímpeto independentista dos dirigentes das outras repúblicas soviéticas e com a possibilidade de que, quando a União Soviética desaparecesse, a Rússia quisesse dominar sozinha todo o arsenal nuclear soviético e mantivesse sua influência no espaço pós-soviético, especialmente nas repúblicas da Ásia Central.

Por que um país supostamente em combate com um adversário na Guerra Fria adotaria semelhante política? Os documentos da Casa Branca, combinados com outros tipos de fontes, dão respostas a essa e a muitas outras perguntas relevantes feitas neste livro. Eles mostram que a retórica política da era da Guerra Fria colidia com a *realpolitik*, uma vez que a Casa Branca tentava salvar Gorbatchov, que considerava seu principal parceiro no cenário mundial, e estava disposta a tolerar o prolongamento da existência do Partido Comunista e do Império Soviético a fim de atingir essa meta. Sua principal preocupação não era a vitória na Guerra Fria, que já terminara efetivamente, e sim a possibilidade de eclosão de uma guerra civil na União Soviética, que ameaçava transformar o antigo

império tsarista numa “Iugoslávia com ogivas nucleares”, segundo a expressão cunhada pelos jornalistas da época. A era nuclear alterara a natureza da rivalidade entre as grandes potências e a definição de vitória e derrota, mas não a retórica do ethos guerreiro nem o pensamento das massas. O governo Bush precisaria quadrar o círculo, reconciliando a linguagem e o pensamento da era da Guerra Fria com as realidades geopolíticas de suas consequências imediatas. E, para tanto, fez o que pôde, mas seus atos eclipsaram sua retórica incoerente.

É fácil entender (e simpatizar com) o entusiasmo dos envolvidos nos eventos do fim de 1991 quando viram o estandarte vermelho descer o mastro do Kremlin e recordaram os sacrifícios associados à participação americana na rivalidade global com a União Soviética. Hoje, porém, quase um quarto de século depois, é importante encarar de modo menos passional o que realmente aconteceu. A proclamação da queda da União Soviética como uma vitória americana na Guerra Fria ajudou a criar uma percepção exagerada do poder norte-americano na época em que isso mais importava: a década que precedeu os ataques de 11 de Setembro e o início dos nove anos da Guerra do Iraque. Relatos exagerados sobre o papel americano na queda da União Soviética alimentam as atuais teorias de conspiração de russos nacionalistas, que apresentam o colapso como consequência de uma maquinação da CIA. Semelhantes interpretações não só aparecem em publicações extremistas na internet, como se manifestam nos principais canais de televisão russos.⁴

O quadro que minha narrativa oferece daquilo que de fato aconteceu nos meses anteriores ao colapso soviético é muito mais complexo e potencialmente controverso do que a imagem popular da antiga divisória da Guerra Fria. Este livro também afirma que o mundo americano, que substituiu a divisão do globo em dois campos rivais na era da Guerra Fria, surgiu tanto por acaso quanto por desígnio. Convém revisitar a origem desse mundo e as percepções e ações de seus criadores nos dois lados do Atlântico, tanto deliberadas quanto involuntárias, se quisermos entender o que deu errado nos últimos quinze anos.

Este livro abre a cortina do tempo sobre os acontecimentos extraordinários que precederam a arriação da bandeira vermelha e o colapso da União Soviética. O conceito de império, que incluo no título deste livro, é vital para minha interpretação dos fatos marcantes de 1991. Estou vinculado aos cientistas políticos e historiadores que argumentam que a corrida armamentista perdida, o declínio econômico, a ressurgência democrática e a falência dos ideais comunistas, ainda que tenham contribuído para a implosão da União Soviética,

não predeterminaram sua desintegração, causada pelos fundamentos imperiais, pela composição multiétnica e pela estrutura pseudofederal do Estado soviético, fatores cuja importância nem os estrategistas americanos em Washington nem os assessores de Gorbatchov em Moscou reconheceram plenamente.

Embora fosse comum chamar a União Soviética de “Rússia”, ela era de fato um conglomerado de nacionalidades mantido por Moscou mediante uma combinação de força bruta e concessões culturais, e governado com mão de ferro durante a maior parte do período soviético. Os russos se responsabilizavam *de jure* pela maior república, a Federação Russa, mas havia outras catorze. Perfazendo quase 150 milhões de pessoas, os russos constituíam apenas 51 por cento do total da população soviética. Os ucranianos eram o segundo maior grupo, com mais de 50 milhões de habitantes, correspondentes a quase 20 por cento da população do país.

A Revolução Russa possibilitou aos bolcheviques salvar o império tsarista ao transformá-lo num Estado quase federal, pelo menos no tocante à sua estrutura constitucional. Esse expediente prolongou a história imperial da Rússia, mas a longo prazo não lhe permitiu escapar ao destino de outros impérios. Em 1990, a maior parte das repúblicas soviéticas tinha presidentes, ministros das Relações Exteriores e parlamentos eleitos mais ou menos democraticamente. Somente em 1991 o mundo finalmente compreendeu que a União Soviética não era a Rússia.⁵

Situo o colapso da União Soviética na mesma categoria que os colapsos, no século XX, dos grandes impérios do mundo, inclusive o austro-húngaro, o otomano, o britânico, o francês e o português. Chamo a União Soviética de último império não por acreditar que não existirão outros, mas porque ela foi o último Estado a dar continuidade ao legado dos impérios europeus e eurasiáticos “clássicos” da era moderna. Abordo a história do colapso soviético com a premissa básica de que um governo imperial é incompatível com a democracia eleitoral e que o conflito entre essas duas forças provocou a queda do último império, do mundo. Quando Gorbatchov introduziu elementos de democracia eleitoral na política soviética, em 1989, os políticos russos recém-eleitos obtiveram subitamente a chance de dizer se estavam dispostos a continuar carregando os fardos do império, ao passo que os políticos das repúblicas não russas tiveram de escolher se permaneciam ou não sob o governo imperial. Por fim, os dois grupos responderam negativamente.

Quem primeiro aproveitou a oportunidade de dizer não foram os políticos dos estados bálticos e da Ucrânia Ocidental, as partes da União Soviética incorporadas à força com base no Pacto Molotov-Ribbentrop, assinado em 1939.

Os próximos foram seus equivalentes na Rússia e na Ucrânia Oriental, que pertenciam à Rússia antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Nos países bálticos, na Geórgia e na Armênia, novos líderes democráticos pressionaram pela independência. Nas repúblicas restantes, as antigas elites agarraram-se ao poder, mas, assim que Gorbatchov retirou o apoio do centro aos seus vice-reis regionais e tornou sua sobrevivência política dependente de eleições democráticas, elas começaram a negociar com as forças democráticas em ascensão – um desdobramento que acabou levando à desintegração da União Soviética ao longo das fronteiras estabelecidas para suas quinze repúblicas.⁶

Minha narrativa enfoca os cinco meses – do fim de julho ao fim de dezembro de 1991 – que literalmente mudaram o mundo à medida que se tomavam decisões cruciais sobre o destino da União Soviética. Já no fim de julho, poucos dias antes da visita de George H. W. Bush a Moscou para assinar com Gorbatchov um tratado histórico de redução de armamentos, o presidente soviético firmou um acordo fatal com Bóris Iéltzin para uma reforma da União Soviética, acordo esse que desencadearia o golpe de agosto de 1991. No fim de dezembro, a renúncia de Gorbatchov à Presidência tornou definitivo o colapso soviético. Ainda que muitos autores acadêmicos e não acadêmicos tenham se ocupado do tema, todos ignoraram o período decisivo entre o golpe de agosto e a renúncia de Gorbatchov em dezembro. Alguns concordam, consciente ou implicitamente, com a proposição de que a eliminação do Partido Comunista após o golpe significou automaticamente o fim da União Soviética – uma suposição enganosa, como mostro neste livro. Na época do golpe de agosto, o partido já não era capaz de manter nada unido, nem mesmo a si próprio. Embora tenha sido ferida por esse acontecimento e por suas consequências, a União Soviética ainda existiu por mais quatro meses. Foi o período analisado neste livro – o outono e o começo do inverno de 1991 – que determinou o que aconteceria com suas partes constituintes e, não menos importante, com seus arsenais nucleares.⁷

Em seus reveladores estudos sobre o colapso soviético e o fim do domínio comunista na Europa Oriental, Stephen Kotkin se concentrou na “sociedade incivil”, analisando as elites comunistas que governaram os impérios soviéticos internos e externos antes de decidirem abandonar o experimento comunista. Alega-se que a União Soviética, tal como o império Romanov antes dela, ruiu a partir do alto e que a desintegração do Estado soviético foi iniciada e levada a cabo pelas elites, tanto no centro quanto em cada região. Efetivamente, não houve multidões enfurecidas nas ruas a exigir a dissolução da União Soviética.

O colapso da ex-superpotência também foi surpreendentemente pacífico, sobretudo nas quatro repúblicas nucleares – Rússia, Ucrânia, Belarus e Cazaquistão –, que desempenharam um papel decisivo na desintegração da União Soviética. O destino do bloco foi decidido, em última análise, no primeiro escalão, em meio a uma luta política que envolveu importantes figuras políticas tanto no Oriente quanto no Ocidente, transformada numa guerra de nervos e num teste de habilidade diplomática. As apostas eram altíssimas, implicando a sobrevivência política e, em alguns casos, até mesmo física dos envolvidos.⁸

No centro dos acontecimentos de 1991, achavam-se vários indivíduos que considero os grandes responsáveis pela virada dramática, mas também pacífica, na história do mundo. Minha narrativa não é unipolar, como ficou o mundo a partir de 1991, nem bipolar, como era durante a Guerra Fria, e sim multipolar, como o planeta foi durante a maior parte de sua história e provavelmente está voltando a ser, com a ascensão da China e o desenvolvimento de problemas políticos e econômicos nos Estados Unidos. Dou atenção a decisões tomadas não só em Washington e em Moscou, como também em Kiev, em Almaty (anteriormente Alma-Ata, rebatizada em 1993) e nas capitais de outras repúblicas soviéticas que não tardariam a se tornar independentes. Meus personagens principais são quatro dirigentes políticos que, sem dúvida, tiveram o maior impacto sobre o que ocorreu na União Soviética e, depois de seu colapso, no mundo em geral.

Meu relato acompanha as ações e tenta descobrir as motivações dos envolvidos: o presidente George H. W. Bush, o cauteloso e muitas vezes humilde líder do mundo ocidental, cujo apoio ao presidente Mikhail Gorbatchov e a preocupação com a segurança dos arsenais nucleares prolongaram a existência do Império Soviético, mas garantiram seu desaparecimento pacífico; Bóris Iéltzin, o tosco e rebelde líder da Rússia, que derrotou o golpe quase sem receber ajuda e se recusou a seguir os passos do presidente sérvio para salvar o império moribundo ou rever as fronteiras russas então existentes; Leonid Kravtchuk, o astuto líder da Ucrânia cuja obstinação na independência de seu país condenou a União Soviética; e, finalmente, Mikhail Gorbatchov, o homem no centro dos acontecimentos, aquele que mais seria atingido de acordo com o rumo que eles tomassem. Gorbatchov acabou por perder tudo: o prestígio, o poder e o país. Seu drama pessoal – a história de um líder que arrancou seu país de um passado totalitário, abriu-o para o mundo, instaurou procedimentos democráticos e iniciou a reforma econômica, mudando de tal modo sua pátria e o mundo ao seu redor que não sobrou lugar para ele – ocupa o centro de minha

narrativa.

Meu principal argumento está estreitamente ligado à ideia de que o destino da União Soviética foi decidido nos últimos quatro meses de sua existência, entre o golpe iniciado em 19 de agosto e a reunião dos líderes das repúblicas soviéticas em Almaty em 21 de dezembro de 1991. Argumento que o fator mais importante a determinar o futuro do último império do mundo não foi a política dos Estados Unidos, nem o conflito entre o centro da União e a Rússia (respectivamente representados por Gorbachov e Iéltzin) e suas tensões com as outras repúblicas, e sim a relação entre as duas maiores repúblicas soviéticas, a Rússia e a Ucrânia. Foi a relutância de suas elites políticas em encontrar um *modus vivendi* dentro de uma estrutura estatal que colocou o último prego no caixão da União Soviética.

Em 8 de dezembro, num chalé de caça na floresta bielo-russa de Belavezha, depois de não terem conseguido chegar a um acordo com base nos moldes propostos por Gorbachov para a criação de uma nova União, Iéltzin e Kravtchuk decidiram dissolver a União Soviética, optando pela criação de um *commonwealth* de Estados independentes. Os dirigentes bielo-russos, anfitriões dos dois presidentes, não imaginavam uma União sem a Rússia. Tampouco a imaginavam os presidentes das repúblicas da Ásia Central, que não tinham escolha senão imitá-los. Uma União dirigida por Gorbachov sem a Rússia ou a Ucrânia não atraía ninguém. George H. W. Bush contribuiu para a dissolução do último império do mundo principalmente ao ajudar a garantir que o processo se desenrolasse sem conflitos graves nem proliferação de armas nucleares.

Nas duas décadas decorridas desde a queda da União Soviética, muitos protagonistas de minha história publicaram suas memórias. Entre elas, é possível encontrar livros de George H. W. Bush, Mikhail Gorbachov, Bóris Iéltzin e Leonid Kravtchuk, assim como depoimentos de seus assessores e de outros envolvidos. Embora os relatos de testemunhas oculares e dos demais participantes dos fatos contenham grande abundância de informações e alguns até proporcionem leitura interessante, geralmente deixam de apresentar o quadro mais amplo e de explicar o significado cabal dos acontecimentos que descrevem. Os relatos jornalísticos, indispensáveis à compreensão do estado de espírito da época e dos sentimentos dos atores principais e das pessoas comuns, foram publicados num momento em que documentos confidenciais ainda eram inacessíveis ao público e integrantes do alto escalão relutavam em falar. Superei tais limitações de muitos predecessores suplementando seus relatos com material extraído de entrevistas com os participantes dos acontecimentos e, mais importante ainda, com documentos de arquivo que só recentemente foram

disponibilizados.

Como já observei, este livro aproveitou os documentos americanos liberados para pesquisa pela Biblioteca Presidencial George Bush, que incluem os arquivos do Conselho de Segurança Nacional, as correspondências de funcionários da Casa Branca responsáveis pelas viagens do presidente ao exterior e transcrições de reuniões e telefonemas do presidente Bush, algumas das quais obtive mediante solicitações com base na Lei de Liberdade de Informação (Freedom of Information Act). Combinado com outras fontes primárias dos Arquivos Nacionais de Washington, da coleção James A. Baker, de Princeton, e da Fundação Gorbachov, de Moscou, esse novo material possibilitou-me contar a história do colapso soviético com uma riqueza de detalhes não alcançada pelos autores anteriores. Tive a sorte de entrevistar pessoalmente alguns indivíduos, inclusive Leonid Kravtchuk, da Ucrânia, e Stanislav Chuchkevich, de Belarus.

As fontes históricas que consultei ao escrever este livro ajudaram-me a responder a muitos “Como?” e alguns “Por quê?”. Minhas respostas ao segundo tipo de indagação geralmente começavam com uma tentativa de entender os motivos ideológicos, culturais e pessoais dos líderes no centro da narrativa e descobrir que informações sustentaram suas decisões. Espero que minha discussão acerca dos dois tipos de pergunta não só esclareça os motivos do colapso da União Soviética, como explique as dificuldades crônicas dos dois principais interessados na União, Rússia e Ucrânia, em encontrar um *modus vivendi* a partir de 1991. Também espero que este livro seja útil para os leitores interessados em compreender o envolvimento dos Estados Unidos no colapso soviético e o papel que o país tem num mundo ainda fortemente definido pelas decisões tomadas em 1991. Não entender bem as razões da queda de um império rival pode perfeitamente resultar não só na húbri imperial, como também no declínio de seu próprio império, quer esse termo seja usado como autodescrição, quer não.

-
- 1 BUSH, George H.W. “Address to the Nation on the Commonwealth of Independent States”, 15 de dezembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3791&year=1991&month=12. BUSH, George H. W. “State of the Union Address”, 28 de janeiro de 1992. C-SPAN. Disponível em <http://www.c-spanvideo.org/program/23999-1>.
 - 2 “Statement on the Resignation of Mikhail Gorbachev as President of the Soviet Union”, 25 de dezembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3790&year=1991&month=12.

- 3 Além dos pronunciamentos de Bush, ver os comentários de Brent Scowcroft em BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 563-564, e GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, pp. 552-575.
- 4 SCHRECKER, Ellen. "Cold War Triumphalism and the Real Cold War". In: SCHRECKER, Ellen. *Cold War Triumphalism: The Misuse of History After the Fall of Communism*. Nova York: New Press, 2006, pp. 1-26.
CUMINGS, Bruce. "Time of Illusion: Post-Cold War Visions of the World". In: SCHRECKER, Ellen. *Cold War Triumphalism: The Misuse of History After the Fall of Communism*. Nova York: New Press, 2006, pp. 71-102.
"Tainy mira s Annoi Chapman, n° 79. Gibel' imperii". Vídeo do YouTube postado por ChannelProXima, 13 de fevereiro de 2013. Disponível em www.youtube.com/watch?v=T1zr8Fr1Nbs.
"Sekretnyi stsenarii razvala SSSR i Rossii v planakh TsRU". Vídeo do YouTube postado por AndreyFLKZ, 31 de janeiro de 2013. Disponível em www.youtube.com/watch?v=PfeiGv6lkQc.
- 5 Quanto à União Soviética como um Estado multinacional, ver: PIPES, Richard. *The Formation of the Soviet Union: Communism and Nationalism, 1917-1923* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997).
MARTIN, Terry. *The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923-1939*. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 2001.
HIRSCH, Francine. *Empire of Nations: Ethnographic Knowledge and the Making of the Soviet Union*. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 2005.
- 6 Sobre a interpretação do colapso soviético como a queda de um império e o papel do nacionalismo político nesse processo, ver SZPORLUK, Roman. *Russia, Ukraine, and the Breakup of the Soviet Union*. Stanford, Califórnia: Hoover Institution Press, 2000.
LIEVEN, Dominic. *Empire: The Russian Empire and Its Rivals*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2002, cap. 9.
BEISSINGER, Mark R. *Nationalist Mobilization and the Collapse of the Soviet State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 4.
BURBANK, Jane; COOPER, Frederick. *Empires in World History: Power and Politics of Difference*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2010, cap. 13.
- 7 David Remnick, autor de *Lenin's Tomb: The Last Days of the Soviet Empire* (Nova York: Random House, 1995), laureado com o prêmio Pulitzer, dedica apenas duas páginas e meia ao importante capítulo final da história da Guerra Fria; Michael Dobbs, autor do muito aclamado *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire* (Nova York: Knopf, 1997), seis páginas; e Stephen Kotkin, em seu instigante *Armageddon Averted: The Soviet Collapse, 1970-2000* (Oxford: Oxford University Press, 2001), cinco páginas.
- 8 KOTKIN, Stephen. *Armageddon Averted: The Soviet Collapse, 1970-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2001, introdução e cap. 4.
_____. *Uncivil Society: 1989 and the Implosion of the Communist Establishment*. Nova York: Random House, 2009, prefácio.
LAKE, David A. "The Rise, Fall, and Future of the Russian Empire: A Theoretical Interpretation". In: DAWISHA, Karen; PARROTT, Bruce (orgs.). *The End of Empire? The Transformation of the USSR in Comparative Perspective* (Armonk, Nova York: M.E. Sharp, 1997, pp. 30-62.
COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, caps. 8 e 9.

PARTE I

**A ÚLTIMA REUNIÃO
DE CÚPULA**

CAPÍTULO 1

“S Encontro em Moscou UMMIT”, EM INGLÊS, é o topo de uma montanha. A expressão também tem sido empregada com o sentido de “cúpula” para denotar uma realização suprema, mas só em 1953 entrou para o vocabulário da diplomacia. Nesse ano em que dois valentes alpinistas finalmente conquistaram o Everest, Winston Churchill falou, no parlamento britânico, em certa disposição para a paz “na cúpula das nações”. Dois anos depois, a palavra adquiriu popularidade ao ser aplicada a uma reunião de líderes soviéticos e ocidentais em Genebra. A política internacional mundial precisava muito de um nome novo para as reuniões diplomáticas de altíssimo nível, que desde a década de 1930 vinham se tornando uma característica das relações internacionais. “Cúpula” resolvia o problema. Ainda que governantes se reunissem desde tempos imemoriais para discutir relações mútuas, tais encontros eram raros antes das viagens aéreas. O avião não só revolucionou a guerra, como teve o mesmo efeito na diplomacia, que almejava evitar a guerra. E assim a diplomacia tomou os céus.

As modernas reuniões de cúpula nasceram em setembro de 1938, quando o premiê britânico Neville Chamberlain foi de avião à Alemanha a fim de tentar convencer Adolf Hitler a não atacar a Tchecoslováquia. Durante a Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill e Franklin D. Roosevelt deram um novo impulso à prática da diplomacia pessoal, que ainda não tinha um nome adequado. As cúpulas chegaram ao auge durante a Guerra Fria, quando os encontros de Nikita Krushev com John F. Kennedy e de Leonid Brejnev com Richard Nixon chamaram a atenção da mídia mundial, mas só no final do conflito os soviéticos adotaram o termo ocidental. Durante o verão de 1991, numa mudança extraordinária e sintomática das transformações políticas e ideológicas ainda maiores em Moscou e em todo o mundo, os jornais soviéticos abandonaram sua expressão predileta, “reunião de altíssimo nível”, substituindo-a pela “cúpula” inglesa. Foi uma vitória de Pirro de uma expressão fadada a praticamente desaparecer das relações internacionais na década seguinte.⁹

A “reunião de altíssimo nível” que fez os soviéticos alterarem sua

terminologia diplomática estava agendada para 30 e 31 de julho de 1991, e seria realizada pelo quadragésimo primeiro presidente dos Estados Unidos, George Herbert Walker Bush, e o primeiro presidente da União Soviética, Mikhail Sergueievitch Gorbatchov. Embora a cúpula estivesse sendo preparada havia bastante tempo, sua data final foi decidida poucas semanas antes do evento. Até a última hora, as autoridades soviéticas e americanas tiveram dificuldade em alinhar os derradeiros pormenores do tratado histórico que os dois presidentes firmariam em Moscou. Bush queria fazê-lo o mais depressa possível. Ninguém sabia quanto tempo Gorbatchov ficaria no Kremlin e quanto tempo duraria a oportunidade de chegar a um acordo.

A Casa Branca apresentou o encontro entre Bush e Gorbatchov à imprensa como a primeira cúpula pós-Guerra Fria. O tratado que George H. W. Bush assinaria com Mikhail Gorbatchov destinava-se a lançar as duas superpotências numa nova era de confiança e cooperação mútuas, a começar por questões sensíveis, como as armas nucleares. O START I (sigla em inglês para Strategic Arms Reduction Treaty), um tratado de redução de armas estratégicas, que finalmente ficou pronto para assinatura depois de nove anos de negociações, previa a redução de aproximadamente trinta por cento do arsenal nuclear geral e de até cinquenta por cento dos mísseis intercontinentais soviéticos, quase todos apontados para os Estados Unidos. No tratado de 47 páginas, acompanhado de outras setecentas páginas de protocolos, os dois presidentes concordariam tanto em frear a corrida armamentista quanto em começar a revertê-la.¹⁰

O confronto entre os dois países mais poderosos do mundo, que, iniciado logo depois da Segunda Guerra Mundial, deixara o planeta à beira de um Armagedom atômico, estava quase chegando ao fim. Com a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, a reunificação alemã estava em curso, e com a adoção da “doutrina Sinatra” por Mikhail Gorbatchov, que deixava os clientes europeus orientais de Moscou livres para “fazerem à sua maneira” e enfim saírem dos braços do Kremlin, o conflito no núcleo da Guerra Fria estava resolvido. As tropas soviéticas começaram a sair da Alemanha Oriental e de outros países da região, mas os arsenais atômicos não foram efetivamente influenciados por essas mudanças no clima político. O famoso dramaturgo russo Anton Tchekhov já havia observado certa vez que se uma arma aparece no palco no primeiro ato, ela certamente é disparada no ato seguinte. As duas superpotências haviam colocado muitas armas nucleares no palcos mundiais. Cedo ou tarde haveria um segundo ato com outros atores que talvez quisessem dispará-las.

As armas nucleares eram um elemento essencial da Guerra Fria, responsável

por suas guinadas mais perigosas e pelas duas superpotências, as primeiras a possuírem armas atômicas, não terem entrado em conflito direto e aberto, sabendo que o risco de aniquilamento nuclear era grande demais. Com uma Alemanha dividida no centro da disputa geopolítica da Guerra Fria, os Estados Unidos, que possuíam a bomba atômica desde o verão de 1945, sentiam-se em segurança frente à preponderância esmagadora das forças convencionais soviéticas na Europa Central e Oriental, ocupadas e logo submetidas ao domínio comunista de Joseph Stalin. Porém, se os americanos se sentiam seguros, os soviéticos nem tanto. Intensificando o esforço para obter a bomba atômica, com o auxílio de segredos tecnológicos roubados dos Estados Unidos em 1949, o bloco oriental conseguiu produzir sua própria arma nuclear.

Agora o mundo tinha duas potências nucleares, e, se a Guerra da Coreia era um indício do que estava por vir, elas estavam em rota de colisão. Cada uma tentava suplantar a outra desenvolvendo uma nova geração de armas atômicas. Na década 1950, os dois países obtiveram a bomba de hidrogênio, muito mais poderosa e mais difícil de controlar que a bomba atômica. Quando os soviéticos puseram o Sputnik em órbita, no outono de 1957, demonstrando que possuíam mísseis capazes de jogar bombas nos Estados Unidos, o mundo entrou numa fase nova e significativamente mais perigosa de rivalidade entre as duas superpotências. Com a morte de Stalin em 1953, seus sucessores se mostraram mais abertos para a possibilidade de diálogo com o Ocidente, mas, entusiasmados com os recentes sucessos alcançados na tecnologia de mísseis (foram os primeiros a porem em órbita um satélite não tripulado e em seguida um tripulado), eles costumavam ser imprevisíveis e, portanto, ainda mais perigosos que seu predecessor.

Sob o comando de Krushev e Kennedy, as duas potências chegaram à beira de uma guerra nuclear com a instalação de mísseis soviéticos em Cuba em outubro de 1962. A essa altura, a competição soviético-americana se espalhava pelo mundo afora. Tinha começado por causa do destino da Europa Oriental, capturada e nunca mais libertada pelos soviéticos, e avançara para a Ásia quando a China se tornou comunista, em 1949, e a Coreia foi permanentemente dividida alguns anos depois. Na década de 1950, o desmoronamento dos impérios britânico e francês abriu o resto da Ásia e da África para a disputa entre as grandes potências, e, quando Cuba, governada por Fidel Castro, recorreu à assistência militar e à inspiração ideológica da União Soviética, a América Latina se transformou num campo de batalha.

A crise cubana de outubro de 1962 se resolveu com um acordo – os soviéticos

concordaram em retirar seus mísseis de Cuba e os americanos, da Turquia —, mas tanto Kennedy quanto Krushev ficaram abalados com a experiência. Era preciso fazer alguma coisa para reduzir as tensões e o risco de guerra nuclear. Em 1963, os dois chefes de Estado assinaram o primeiro acordo para controlar a corrida armamentista, o Limited Nuclear Test-Ban Treaty, que proibia parcialmente testes nucleares. Esse documento havia sido negociado durante oito anos, e foi um começo muito modesto, mas não deixou de ser um passo na direção certa. Desde então, ao mesmo tempo que continuavam a competir globalmente e a travar guerras “por procuração” em todo o mundo, do Vietnã até Angola, as duas superpotências continuaram negociando para reduzir seus arsenais nucleares, consolando-se com a doutrina de destruição mútua assegurada (MAD, na sigla em inglês), segundo a qual os dois países tinham armas suficientes para se destruírem reciprocamente e, por conseguinte, eram obrigados a negociar, a fim de sobreviverem.

Em maio de 1972, Nixon foi a Moscou assinar o SALT I, um tratado de limitação de armas estratégicas, com Brejnev, e, em 1979, o presidente Jimmy Carter esteve em Viena para assinar o SALT II (sigla em inglês para Strategic Arms Limitation Treaty) com o mesmo líder. Ambos os tratados impunham limites à produção de armas nucleares, mas logo após o SALT II deu-se a invasão soviética ao Afeganistão, em 1979, e o boicote americano aos Jogos Olímpicos de Verão em Moscou, um ano depois. Em 1981, o novo presidente americano, Ronald Reagan, quis restaurar o moral e o prestígio internacional dos Estados Unidos após a derrota no Vietnã. Na União Soviética, a morte de Leonid Brejnev, em 1982, desencadeou uma crise de sucessão no Kremlin. Surgiram tensões internacionais, que ameaçaram, pela primeira vez desde o início da década de 1960, transformar a Guerra Fria numa guerra quente.¹¹

Em 1º de setembro de 1983, nas proximidades da ilha Sacalina, os soviéticos derrubaram um avião civil da companhia sul-coreana Korean Airlines com 269 pessoas a bordo, inclusive um membro do Congresso estadunidense, e ficaram aguardando a retaliação americana. No mesmo mês, o tenente-coronel Stanislav Petrov, do Comando das Forças de Defesa Aérea Soviética, nos arredores de Moscou, avistou um sinal luminoso na tela de seu radar, indicando que um míssil se dirigia à União Soviética. A seguir, viu outros pontos que pareciam ser mais quatro mísseis vindo na mesma direção. Desconfiando de uma falha no computador, não informou aos seus superiores. Se o tivesse feito, é bastante possível que a guerra nuclear entre as duas potências se tornasse realidade. Na verdade, um alinhamento raríssimo da luz do sol com as nuvens causara um

problema técnico no precoce sistema de alerta soviético. Posteriormente, Petrov foi homenageado como herói. Entretanto, o que o impeliu a salvar o mundo da guerra nuclear não foi a convicção de que os americanos não atacariam primeiro, mas a certeza de que um ataque dos Estados Unidos começaria com centenas de mísseis, não com um ou quatro. Depois desse que ficou conhecido como o incidente Petrov, os soviéticos continuaram esperando um ataque norte-americano.¹²

Em novembro do mesmo ano, os soviéticos confundiram os exercícios Able Archer realizados pela OTAN na Europa com preparativos de guerra nuclear. Todas as suas estações de espionagem no exterior ficaram em alerta máximo, a fim de detectarem sinais do Armagedom que se acercava. No mesmo mês, 100 milhões de americanos assistiram à estreia de *O dia seguinte*, um filme produzido para a televisão em que os habitantes de Lawrence, no Kansas, enfrentavam um ataque nuclear. Muitos atribuíram ao filme a mudança de tom na retórica do presidente Reagan para com a União Soviética. Em março de 1983, ele se referia à União Soviética como um “império do mal”, mas, em janeiro de 1984, durante seu famoso discurso “Ivan e Anya”, o presidente falou sobre o desejo dos povos soviético e americano de viverem em paz. “Imaginem comigo só por um momento”, disse Reagan a uma nação surpresa, “que um Ivan e uma Anya estivessem, por exemplo, numa sala de espera ou se protegendo da chuva sob uma marquise, com um Jim e uma Sally, e não houvesse barreira de idioma que os impedisse de conversar. Acaso eles discutiriam as diferenças entre seus respectivos governos? Ou acabariam trocando observações sobre seus filhos e sobre como cada um ganha a vida?”.¹³

Foi necessário mais que uma mudança de retórica para desviar o foco das relações soviético-americanas para os interesses das pessoas comuns. George H. W. Bush sabia disso melhor que ninguém. Durante boa parte da Guerra Fria, ele ajudara a fazer a política externa americana para a União Soviética, geralmente ocupando cargos de grande responsabilidade. Nascido em junho de 1924, na família de um senador estadunidense, no nordeste americano, o jovem Bush se alistou na Marinha ao receber a notícia do ataque a Pearl Harbor, adiando seus estudos na Universidade de Yale. Aos 19 anos, tornou-se o mais jovem aviador naval das forças americanas e participou de 58 missões de combate durante a guerra. Em janeiro de 1945, estando de licença no Pacífico, casou-se com Barbara Pierce, de 19 anos, que veio a ser mãe de seis filhos. O primeiro deles, o futuro presidente americano George Walker Bush, nasceu em 1946, quando o

pai estava estudando em Yale. Depois de concluir o curso de quatro anos em apenas dois anos e meio, Bush pai, numa atitude inesperada para um homem de sua origem e formação, mudou-se com a família para o Texas, a fim de iniciar carreira no negócio petrolífero. Na época em que entrou na política, em meados da década de 1960, já era o milionário presidente de uma empresa petrolífera especializada em perfuração *offshore*.

A carreira internacional de George Bush começou no princípio da *détente* nas relações soviético-americanas. Em 1971, o presidente Nixon nomeou o ex-congressista republicano de Houston, de menos de 50 anos, para o cargo de representante dos Estados Unidos na ONU. Com seu protetor destituído na esteira do escândalo Watergate, Bush assumiu o papel de principal arquiteto da reaproximação entre os Estados Unidos e a China, iniciada por Nixon, e passou catorze meses na chefia do departamento diplomático em Pequim, ajudando a construir uma aliança então voltada principalmente contra a União Soviética. Em 1976, retornou a Washington para comandar a Agência Central de Inteligência (Central Intelligence Agency – CIA), na qual dirigiu as operações secretas dos Estados Unidos realizadas em Angola contra o governo do primeiro presidente do país, Agostinho Neto, apoiado por Cuba. Como diretor do Conselho de Relações Exteriores entre 1977 e 1979, Bush assistiu da primeira fila à deterioração das relações soviético-americanas durante os últimos anos do governo Jimmy Carter.

Em 1981, George H. W. Bush foi eleito o quadragésimo terceiro vice-presidente de seu país. O homem à cabeça da chapa, Ronald Reagan, elevou extraordinariamente o nível da retórica antissoviética em Washington, reforçou a capacidade militar americana e ergueu o moral da nação na esteira da derrota no Vietnã e da crise econômica no fim da década de 1970. Em paralelo, Reagan também estava à procura de um líder soviético com quem pudesse negociar a redução dos arsenais nucleares dos dois lados. Foi uma busca frustrante, já que os dirigentes soviéticos não faziam senão morrer. Em novembro de 1982, logo depois que Reagan concebeu seu tratado START, Leonid Brejnev faleceu. Seu sucessor, o ex-chefe da KGB Iuri Andropov, faleceu em fevereiro de 1984. Por fim, o sucessor de Andropov, Konstantin Chernenko, morreu em março de 1985. Representando seu país nos funerais dos líderes soviéticos, George Bush tornou-se um visitante frequente em Moscou na década de 1980. Nos Estados Unidos, ele era associado ao lema “Você morre, eu voo”. Foi no enterro de Chernenko que ele conheceu e saudou um novo chefe de Estado soviético, Mikhail Gorbatchov, de 54 anos.¹⁴

Em julho de 1991, Bush foi pela primeira vez a Moscou na qualidade de presidente, após vencer as eleições em 1988. Não viajou para acompanhar mais um enterro, mas para negociar com um homólogo soviético cheio de vida e energia. Muita coisa havia mudado na União Soviética. “Desde minha última visita, em 1985, nós presenciamos a abertura da Europa e o fim de um mundo polarizado pela desconfiança”, disse ele num discurso preparado por sua equipe para a assinatura de um novo tratado de redução dos arsenais nucleares. “Naquele ano, Mikhail Gorbatchov assumiu a liderança da União Soviética e pôs em movimento muitas mudanças monumentais. Começou instituindo reformas que mudaram fundamentalmente o mundo. Nos Estados Unidos, todos conhecem pelo menos duas palavras russas: *glasnost* e *perestroika*. E aqui todos gostam de uma palavra inglesa: *democracy*.”¹⁵

George Bush viajou a Moscou acompanhado pela esposa, Barbara, uma senhora de 66 anos e cabelos grisalhos, e dos membros de seu *staff*. Como sempre acontece nos voos transatlânticos para o leste, os passageiros perderam sono e tempo: o fuso horário de Moscou é oito horas mais adiantado que o de Washington. Durante a viagem, Bush tentou ganhar tempo lendo os jornais que sua equipe havia separado nos dias anteriores à cúpula. Ao desembarcar no Aeroporto Internacional de Sheremetievo, na tarde quente de 29 de julho, George e Barbara Bush foram recebidos pelo recém-nomeado vice-presidente de Mikhail Gorbatchov, Gennady Yanayev. Esse foi o primeiro encontro de Bush com Yanayev, e, durante a breve visita de três dias à União Soviética, o presidente americano se afeiçoou ao anfitrião modesto e despretensioso, cuja atuação nos deveres cerimoniais e exclusão dos meandros políticos provavelmente lembraram Bush de seus anos solitários como segundo homem na Casa Branca de Ronald Reagan. Anoitecia quando a caravana presidencial se aproximou de Moscou. “Algumas pessoas acenaram, e nós acendemos a luz de desfile do carro (que ilumina o interior e deixa as pessoas verem claramente quem está dentro)”, recordou Bush. “Era difícil enxergar lá fora, e nós acenamos algumas vezes para os postes, o que nos fez rir muito.”¹⁶

A caravana pelas ruas escuras de Moscou foi uma metáfora perfeita da iminente reunião de cúpula. A política externa americana brilhava como as luzes de desfile do carro e as expectativas eram altíssimas, e era difícil enxergar claramente na penumbra da existência da União Soviética. Após um período de indecisão e hesitação, Gorbatchov vinha se mostrando consistentemente favorável ao prosseguimento da reforma e da cooperação soviético-americana e parecia cada vez mais persistente no propósito de solicitar ajuda financeira aos

Estados Unidos. Alguns de seus conselheiros mais próximos, inclusive o primeiro-ministro Valentin Pavlov e o chefe da KGB Vladimir Krioutchkov, resistiam e se inclinavam claramente para um governo autoritário, contrários às conquistas democráticas das reformas realizadas por Gorbatchov. Ademais, havia os militares, que acreditavam que Gorbatchov estava indo longe demais ao reduzir o poder militar em troca de pouco ou nada cedido pelo lado americano.

Enfim, havia os líderes cada vez mais autoconfiantes das repúblicas soviéticas. Entre eles, o extravagante líder da Rússia, Bóris Iéltzin, teria um encontro com Bush em Moscou. A seguir, Bush viajaria a Kiev para se encontrar com outra estrela em ascensão, o governante da Ucrânia, a segunda maior república soviética. O poder do bloco já não estava concentrado nas mãos de uma só pessoa e não era exercido unicamente por Moscou. Tornava-se cada vez mais disperso, e o programa da cúpula, que incluía encontros com lideranças republicanas, frisava essa realidade. Para enxergar o futuro, Bush precisava olhar para além das aldeias Potemkin do novo edifício político soviético. Ele tivera muitas oportunidades de discutir essas questões com seus assessores e estava na hora de julgar por si só a nova realidade. Sua pergunta imediata era como ajudar Gorbatchov a permanecer no poder e dar prosseguimento à lua de mel nas relações soviético-americanas.

Mikhail Gorbatchov depositava grandes esperanças na cúpula que aconteceria em Moscou. Esse seria seu terceiro encontro com Bush em pouco mais de um ano. No final de maio e começo de junho de 1990, Gorbatchov visitara o presidente americano em Washington, e, em meados de julho de 1991, os dois haviam negociado em Londres, na reunião do G7, envolvendo as nações mais ricas do mundo. Em todas as ocasiões, ele pedira a Bush ajuda econômica, mas não era só dinheiro que o interessava. O chefe de Estado soviético precisava muito de um empurrão em sua declinante popularidade em casa, e o único lugar em que o poderia obter era na arena internacional. A reunião de cúpula devia lembrar aos cidadãos soviéticos o papel de Gorbatchov na qualidade de líder mundial.

Nascido em março de 1931 e, portanto, sete anos mais novo que Bush, Mikhail Gorbatchov foi o primeiro dirigente soviético criado depois da Revolução Russa em 1917. Tal como Bush, ele era “sulista”, oriundo da região de Stavropol, próxima do volátil Ciscaucaso. Também como Bush, ele recebeu educação de elite, tendo se formado em direito pela prestigiosa Universidade de Moscou e iniciado carreira fora da capital. Mas terminavam aí os paralelos. Bush

provinha das linhas de sucessão da aristocracia política americana, ao passo que Gorbatchov nascera numa família camponesa de colonos da Rússia e da Ucrânia e nunca fora capaz de dominar a pronúncia russa adequada, falava com um forte sotaque do dialeto do sul do país, muito influenciado pelo ucraniano – característica que convidava seus críticos da elite intelectual moscovita a desprezá-lo como um arrivista provinciano. Em Moscou, o jovem Mikhail se casou com Raíssa Titarenko, uma colega de faculdade e mais um produto da amizade dos povos promovida pela União Soviética: seu pai era um ferroviário da Ucrânia e sua mãe, uma camponesa russa da Sibéria, onde Raíssa nascera e fora criada. Diferentemente dos Bush, que tinham seis filhos, os Gorbatchov tiveram uma filha única, Irina.

Depois de se formar pela Universidade de Moscou, Gorbatchov voltou para sua região natal, onde fez uma carreira espetacular no Partido Comunista. Segundo uma biografia concisa de Gorbatchov incluída no livro-síntese de Moscou, “sua carreira inicial incluiu o *Komsomol* [juventude comunista] e funções no partido em Stavropol. Ele se tornou primeiro-secretário do comitê regional do partido em Stavropol em 1970, com apenas 39 anos de idade, cargo em que ficou até ser nomeado para o secretariado do partido”. Em Stavropol, chamou a atenção e se aliou a dois poderosos membros da elite governante de Brejnev, que tinham vínculos diretos com a região. Eles eram o cão de guarda ideológico soviético Mikhail Suslov e o chefe da KGB e futuro secretário-geral do partido Iuri Andropov. Os dois aliados lhe possibilitaram mudar-se para Moscou nos anos finais do regime de Brejnev.¹⁷

Até sua chegada a Moscou, em 1979, quando assumiu o cargo de secretário encarregado da agricultura do comitê central, Gorbatchov teve pouca exposição a qualquer tipo de relações estrangeiras, à parte raras viagens ao exterior em delegações do partido de nível baixo ou médio. No entanto, quando recebeu um cargo mais importante no governo durante a breve gestão de Andropov e depois foi eleito para o altíssimo cargo de secretário-geral do comitê central do Partido Comunista, em março de 1985, mostrou que aprendia depressa. Em Moscou, os conselheiros políticos liberais finalmente encontraram nele um homem graduado e disposto a escutar e a assumir riscos num esforço para alterar o *status quo* tanto internamente quanto no exterior. Muitos tinham saudade do tempo relativamente liberal de Nikita Krushev e da política da *détente* nos primeiros anos de Brejnev. Também eram admiradores secretos dos princípios da Primavera de Praga, de 1968, a tentativa dos comunistas tchecos (esmagada pela força militar soviética) de criar um socialismo “com cara humana”. Gorbatchov fora

influenciado pela denúncia de Krushev sobre o terror instaurado por Stalin na metade da década de 1950 (seu avô paterno e seu avô materno haviam sido presos pela polícia de Stalin) e dividira um quarto, na Universidade de Moscou, com Zdeněk Mlýnař, um dos arquitetos da Primavera de Praga. Logo, sabia ouvir bem e principalmente, executar.

Na política interna, iniciou a *perestroika* (literalmente, “reestruturação”), que relaxou o controle do partido sobre a economia centralizada e introduziu elementos de mercado. Também iniciou a política de *glasnost* (abertura), um termo tomado emprestado ao arsenal dos dissidentes soviéticos, que reduziu o controle do partido sobre a mídia e criou algumas concessões ao pluralismo ideológico. Externamente, retomou ideias remisscentes da política de *détente* exercida por Brejnev ao mesmo tempo que enfim abandonou a “Doutrina Brejnev” de intervenção política e militar na Europa Oriental. Em Gorbatchov, Reagan e Bush enfim encontraram um líder soviético que não só não morreria em breve como também estava disposto a discutir o desarmamento nuclear. Menos de um mês depois de tomar posse, ele suspendeu a disposição de mísseis soviéticos de médio alcance na Europa Oriental; meses depois, convidou os Estados Unidos a juntos cortarem pela metade os arsenais nucleares estratégicos.

Em novembro de 1986, numa cúpula em Reykjavik, na Islândia, Reagan e Gorbatchov quase concordaram, para o horror de seus assessores, em liquidar inteiramente as armas nucleares. O acordo foi estorvado pela insistência do presidente estadunidense em continuar a desenvolver seu programa de defesa com uso de mísseis. Gorbatchov estava convencido de que os soviéticos ficariam em desvantagem se os americanos implementassem o programa. A cúpula terminou num impasse, e o mundo pareceu retornar aos dias mais sombrios da Guerra Fria, mas o diálogo acabou sendo retomado. Andrei Sakharov, o pai da bomba de hidrogênio soviética e um ilustre dissidente político, ajudou a convencer Gorbatchov de que o programa era pouco mais que um produto da imaginação de Reagan. Em 1987, o líder soviético havia viajado a Washington para assinar um acordo de limitação dos arsenais nucleares americanos e soviéticos e desmantelar as armas atômicas de médio alcance na Europa. Agora, em julho de 1991, Gorbatchov e Bush estavam prestes a usar canetas feitas de “euromísseis” para assinar um novo tratado de redução do número de armas nucleares de longo alcance que tinham como alvo Washington, Nova York, Boston, e o do outro lado Moscou, Leningrado e Kiev.¹⁸

Nos meses anteriores à cúpula em Moscou, o chefe de Estado soviético tivera de lutar pela sobrevivência política. Embora ele e seus assessores e admiradores

no país e no exterior acreditassem firmemente que a reforma do sistema soviético era impossível sem uma transformação democrática da sociedade, na prática, reforma econômica e democracia não funcionavam muito bem juntas. A *perestroika* desarticulou a antiga estrutura econômica antes que novos mecanismos de mercado fossem implementados e produzissem resultados. A *glasnost* irritou os membros do partido ao acabar com seu monopólio do controle sobre a mídia e ao desencadear críticas públicas pela primeira vez desde 1917. Com o aumento das dificuldades econômicas e o declínio drástico das condições de vida, Gorbatchov passou a ser atacado tanto pelos *apparatchiks* do partido quanto pelos reformistas que exigiam uma transformação radical da economia e da sociedade nos moldes da Polônia e de outros ex-satélites soviéticos na Europa Oriental.

O relatório antecipado para os jornalistas ocidentais que chegavam a Moscou para cobrir a reunião de cúpula entre Bush e Gorbatchov, preparado por Gene Gibbons, da Reuters, apontava uma fissura crescente entre o Kremlin e o povo comum nas ruas de Moscou. “‘Forte Apache’, diz uma placa colocada na entrada da embaixada americana em Moscou, captando adequadamente o estado de espírito da capital soviética nos espasmos da desintegração econômica”, dizia o relatório. “Quando sua caravana percorrer esta cidade de 8,8 milhões de habitantes, George Bush verá longas filas diante das lojas, vitrines vazias, carros quebrados no meio-fio e dezenas de guias de construção desativadas. No Kremlin, verá o outro extremo: reluzentes candelabros de ouro e cristal, pinturas fabulosas, maravilhosos pisos de madeira marchetados com requinte e mármore suficiente para construir milhares de monumentos.”¹⁹

A deterioração do padrão de vida dos cidadãos soviéticos – que estavam cada vez mais descontentes não só com sua própria situação como também com os privilégios da elite governante – diminuía a popularidade de Gorbatchov entre o povo que ele queria libertar. Em Moscou, durante a cúpula, Peter Jennings, um dos três grandes âncoras dos Estados Unidos, contou aos telespectadores da rede ABC que o índice de aprovação de Gorbatchov caíra a precários vinte por cento (o índice de Bush na mesma época, pouco depois da vitória na Guerra do Golfo, ultrapassava setenta por cento). Não obstante, conversando com correspondentes ocidentais, Gorbatchov mostrou otimismo e bom humor. Apontando para uma multidão amistosa no Kremlin, disse a Jennings: “Veja, algumas pessoas gostam de mim.” Então, acrescentou: “Eu sou o homem que começou tudo isso. Dar Gorbatchov por perdido é um julgamento superficial.” Pela primeira vez em meses, ele sentia que finalmente estava começando a controlar a situação,

refreando a oposição conservadora, e estava ansioso por usar a reunião de cúpula para garantir apoio internacional à sua agenda doméstica.²⁰

O primeiro encontro oficial da cúpula de Moscou foi ao meio-dia de 30 de julho de 1991, no Salão de Santa Catarina do Grande Palácio do Kremlin. “Gorbatchov foi maravilhoso”, escreveu George Bush, lembrando suas impressões durante a primeira sessão da cúpula, “e eu simplesmente não sabia como ele conseguia aguentar tanta pressão negativa”. O dirigente soviético estava de fato em apuros, e a composição da delegação que trouxera consigo para se reunir com Bush indicava o declínio de seu prestígio na política soviética. No grupo estava o líder republicano do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, e um representante do marechal Dmitri Iazov, ministro da Defesa da Rússia, que preferiu não ir e mandou seu vice para representá-lo. Outro líder republicano, Bóris Iéltzin, foi convidado, mas se recusou a comparecer. Ele aguardava Bush em seu gabinete mais tarde naquele dia. Enfim, o ministro da Defesa, o marechal Dmitri Iazov, também preferiu não ir. Mandou seu vice representá-lo.²¹

O caminho de Gorbatchov para a reunião de cúpula não foi nada fácil. Aquilo que ele via como um momento de triunfo de sua nova política externa foi encarado por alguns dos membros mais poderosos da elite governante como traição aos interesses soviéticos. Embora os chefes militares sempre reclamassem de reduções orçamentárias, Gorbatchov estava mais distante do complexo militar-industrial do que qualquer um de seus predecessores, inclusive Nikita Krushev, que os militares ainda lembravam com ódio devido à enorme redução das forças convencionais imposta no início da década de 1960. E não eram só os militares soviéticos que acreditavam que os americanos tinham feito o que queriam em quase todas as questões importantes concernentes ao tratado de armas nucleares. Strobe Talbott, um dos principais comentaristas americanos de política externa e, na segunda metade da década de 1990, o principal arquiteto da política do Departamento de Estado em relação à Rússia, expressou o mesmo sentimento.

Num artigo publicado na revista *Time* logo depois da cúpula de Moscou, ele escreveu: “Em quase todas as questões importantes no START, os Estados Unidos exigiram e obtiveram o que queriam. [...] No tratado START, Gorbatchov está aceitando tacitamente uma posição de inferioridade total, pelo menos a curto prazo, já que abre mão imediatamente de grande parte da principal força da União Soviética, que são os mísseis balísticos baseados em terra, ao

mesmo tempo que permite aos Estados Unidos conservarem suas vantagens em bombardeiros, mísseis de cruzeiro e armas submarinas.” Talbott falava a verdade. Mas por que Gorbatchov estava disposto a assinar um tratado desequilibrado a ponto de irritar não só seu ministro da Defesa, como também criar dúvidas entre os comentaristas políticos americanos? Talbott arriscou uma resposta: “A União Soviética vem cedendo tanto, e os Estados Unidos retribuem com tão pouco por um motivo simples: a revolução de Gorbatchov é a maior liquidação da história. Em tais transações, os preços sempre são baixíssimos.”²²

Gorbatchov havia encarregado seu ministro da Defesa a difícil, se não impossível, missão de convencer o Estado-Maior e o complexo militar-industrial a aceitarem as condições do tratado que reduzia o número de mísseis dos dois lados, mas que excluía a aviação, dando aos americanos clara superioridade em meios de distribuir ogivas nucleares, pois eles tinham efetivamente uma preponderância em bombardeiros pesados. Os militares soviéticos acabaram por concordar.²³

A última questão delicada do tratado foi resolvida menos de duas semanas antes do início da cúpula de Moscou, tratava-se do direito americano de monitorar um voo teste do míssil soviético SS-25. O primeiro míssil balístico intercontinental móvel soviético, o SS-25, conhecido como “Poplar” na União Soviética e como “Sickle” nos Estados Unidos, era o mais recente acréscimo aos arsenais nucleares soviéticos. Seus testes de disparo concluíram-se em dezembro de 1987, e, em julho de 1991, a União Soviética tinha 288 mísseis Poplar dispostos contra os Estados Unidos, que careciam de mísseis balísticos intercontinentais móveis comparáveis. Os Poplar eram como salsichas de 1,7 metro de largura por 20,5 metros de comprimento, montados em lançadores-transportadores de catorze rodas que lhes davam mobilidade única e mais chances de evitar detecção em comparação com outras armas dessa classe. O foguete de três estágios era armado com uma ogiva nuclear de até mil quilos, com um rendimento explosivo de 550 quilotons, aproximadamente o equivalente a quarenta bombas de Hiroshima.

Um estudo pós-Guerra Fria afirmou que uma explosão de 550 quilotons na cidade de Nova York resultaria em mais de 5 milhões de mortos, sepultando metade da população do centro de Manhattan sob os escombros dos prédios e expondo o resto a doses fatais de radiação. Incêndios maciços devastariam tudo num raio de seis quilômetros a partir do marco zero e a coluna de fumaça nuclear se estenderia por toda Long Island. Os negociadores americanos não se deixaram intimidar pelo SS-25 ou por seu poder de devastação, pois contavam

com um arsenal mais que suficiente para superá-lo. Sua principal preocupação era se os mísseis Poplar teriam capacidade para transportar mais do que uma ogiva, coisa que alteraria extraordinariamente todos os cálculos. Para saber se eram capazes disso, o consultor de segurança nacional Brent Scowcroft e sua equipe – que normalmente estudavam a capacidade e não a intenção do inimigo – queriam obter o direito de monitorar um teste de disparo com alcance de onze mil quilômetros. Os soviéticos acharam a exigência inaceitável, dada a preponderância americana em outros tipos de armas atômicas. Por fim, concordaram com um teste com alcance de dez mil quilômetros, usado por outros mísseis balísticos, mas se recusaram a ceder os mil quilômetros extras.²⁴

Gorbatchov queria que todas as divergências entre negociadores americanos e soviéticos estivessem dirimidas antes de sua viagem para reunião do G7 em Londres, em 16 de julho de 1991, pois planejava reunir-se no dia seguinte com o presidente Bush e os líderes do grupo, a fim de fazer um pedido indireto de ajuda à empobrecida União Soviética. Em 17 de julho de 1991, horas antes do planejado encontro de Gorbatchov com Bush, o marechal Iazof assinou com relutância o documento aceitando a exigência norte-americana. Por fim, o caminho para a cúpula de Moscou estava aberto. Gorbatchov convidou Bush oficialmente a Moscou, e o presidente americano concordou em visitá-lo o mais cedo possível, especificando o fim de julho, antes de suas planejadas férias no Maine.²⁵

Durante a primeira reunião com Bush em Moscou, em 30 de julho, Gorbatchov instou seu hóspede a acelerar a admissão de seu país no Fundo Monetário Internacional (FMI), o que poderia propiciar à economia soviética alguma esperança de salvação financeira. Em Londres, ele se recusara a vincular a assinatura do acordo START à sua solicitação de ingresso no FMI e de auxílio financeiro americano, procurando não dar a impressão de que estava traindo os interesses estratégicos de seu país em troca do dinheiro americano. Porém, em Moscou, mostrou-se menos acanhado com suas expectativas financeiras. “Eu peço uma vez mais, na presença da delegação, que o presidente a instrua no sentido de considerar o ingresso [da União Soviética] no FMI”, disse ele. “Tenho grandes problemas nos próximos dois anos. Chamem-nos como quiserem: membros associados, membros semiassociados. É importante para nós *usar* esse fundo.” Bush relutou em se comprometer com o ingresso integral do país no FMI e, portanto, com um apoio financeiro total, assim como relutara na reunião do G7 naquele mesmo mês. “Nós estamos falando sobre o que vocês querem exatamente, sem o fardo do ingresso integral”, respondeu.²⁶

Depois do almoço, Gorbatchov convidou o hóspede de honra americano a dar uma volta pelas dependências do Kremlin. Eles foram imediatamente cercados por dezenas de repórteres. “Os agentes da KGB tiveram de empurrar as pessoas para que nosso grupo pudesse andar”, recordou Bush. “Houve alguns incidentes, com membros do *staff* e fotógrafos empurrados e câmeras quebradas, mas o ‘tanque’ continuou avançando e o próprio Gorbatchov mandou o pessoal da imprensa se afastar e sair do caminho.” Milhares de correspondentes haviam desembarcado em Moscou para fazer a cobertura do tão esperado encontro de altíssimo nível, e todos estavam ávidos por ver e fotografar os dois líderes mais poderosos do mundo.

Em alguns, a cena suscitou uma sensação de *déjà vu*. Três anos antes, Ronald Reagan visitara Moscou para uma ratificação formal do tratado dos armamentos de médio alcance, firmado no ano anterior em Washington. Nessa ocasião, Reagan e Gorbatchov também conversaram com cidadãos soviéticos comuns na praça Vermelha. A visita de Reagan fora mais simbólica, mas a de Bush tinha muito conteúdo: ele e Gorbatchov estavam ali para assinar um novo tratado, e não meramente para ratificar um antigo. Contudo, segundo David Remnick, futuro editor da revista *New Yorker* e então correspondente do *Washington Post* em Moscou, a reunião de cúpula “de negócios” nada tinha a ver com a visita de Ronald Reagan, que tinha sido repleta de drama e entusiasmo. Remnick escreveu em seu despacho enviado da capital soviética: “Bush lidou com a multidão como se estivesse numa festa de alunos de Yale. “Então”, disse ele para um grupo de turistas russos, “você todos são da Sibéria?”. Faltou o tão esperado glamour.”²⁷

Uma razão para a evidente falta de glamour foi a própria personalidade de George Bush. Administrador competente e estadista cauteloso e responsável, ele não chegava aos pés de seu predecessor no quesito carisma. O anfitrião soviético também o eclipsou nesse aspecto. “Gorby”, como o desenvolto líder soviético ficou conhecido na mídia ocidental desde dezembro de 1987, quando conquistou o coração do povo americano durante sua visita aos Estados Unidos, era o centro das atenções. O sólido, mas nada espetacular Bush não tinha como rivalizar com o animadíssimo secretário-geral. “Em guerras de imagem”, escreveu Walter Goodman, do *New York Times*, “Mikhail Gorbatchov, mesmo traduzido, demole George Bush sem o menor esforço”. E, no entanto, embora Gorbatchov fosse o mais encantador dos dois coveiros da Guerra Fria, geralmente se reconhecia que Bush tinha mais peso político. Segundo Goodman, a cúpula em Moscou “derrubou a principal regra da televisão, que diz que uma imagem derrota a realidade”.²⁸

Enquanto os dois líderes estavam ocupados em discutir o ingresso da União Soviética no Fundo Monetário Internacional, suas esposas, Barbara Bush e Raíssa Gorbatchova, aproveitaram a oportunidade para promover não só uma nova imagem das relações soviético-americanas, como a agenda política de seus respectivos maridos. Barbara Bush, em particular, valeu-se do foco da mídia na reunião de cúpula para participar de alguns programas matinais de entrevista, pondo fim à especulação de que ela não queria que o marido se candidatasse ao segundo mandato por motivos de saúde. Aliás, lançou virtualmente sua campanha de reeleição, afirmando que ele tinha de se candidatar pelo bem do país. O sucesso da cúpula de Moscou criou a atmosfera adequada para lançar a campanha, e o próprio George Bush anunciaria sua candidatura logo depois de regressar a Washington.

Apesar das diferenças de idade e de educação (Raíssa era aproximadamente sete anos mais jovem que sua homóloga americana), as primeiras-damas se deram extremamente bem, numa importante mudança em comparação com a relação tensa entre Raíssa e Nancy Reagan, que criticara publicamente o comentário da soviética de que a Casa Branca era mais um prédio oficial e um museu do que um lugar para morar. Como muitos que conheciam Raíssa, Nancy Reagan afirmou que ela preferia ensinar a conversar. Seu espírito deve ter pairado no ar de Moscou no final de julho de 1991, quando Raíssa Gorbatchova, respondendo à pergunta de um jornalista sobre o que ela andava cochichando ao ouvido do marido, observou: “Não fui eu quem falou em cochichos ao ouvido do meu marido. Talvez tenha sido outra pessoa.” Foi uma referência a um comentário anterior de Nancy Reagan, segundo o qual Raíssa teria sussurrado a palavra “paz” para o marido. A primeira-dama soviética matou dois coelhos com uma só cajadada, menosprezando Nancy Reagan e esquivando-se da acusação, por parte de seus críticos soviéticos, de que ela influenciava indevidamente o marido em questões de política e de compromissos oficiais.²⁹

Raíssa Gorbatchova e Barbara Bush haviam estabelecido boas relações pessoais durante a visita de Gorbatchov a Washington em junho de 1990. Enquanto os maridos negociavam questões comerciais, Raíssa acompanhou Barbara Bush a uma cerimônia de formatura no Wellesley College, uma instituição feminina em Massachusetts. Inicialmente, Barbara faria sozinha o discurso de colação de grau, mas 150 alunas assinaram uma petição de protesto contra a oradora, que havia abandonado a faculdade no primeiro ano para se casar e ser dona de casa pelo resto da vida. A administração da faculdade conseguiu contornar a situação convidando também Raíssa Gorbatchova para

falar. Além de professora universitária com doutorado em sociologia, ela era extremamente popular nos Estados Unidos graças à política de seu marido. Ninguém deu muita atenção ao fato de Raíssa ter estudado filosofia marxista-leninista e ser tecnicamente diplomada em comunismo científico (sua biografia no informe de Moscou afirmava que ela havia estudado e ensinado filosofia). Devido à controvérsia no Wellesley, os soviéticos inicialmente se opuseram à visita, mas os americanos insistiram. Raíssa se alegrou com a oportunidade de entrar em contato com estudantes americanas. Posteriormente, afirmou que as perguntas que lhe fizeram a motivaram a escrever um livro autobiográfico, *Minhas esperanças*, que promoveu a política de seu marido na União Soviética e no exterior.³⁰

No dia da abertura da cúpula de Moscou, as primeiras-damas visitaram igrejas e museus no Kremlin e participaram da inauguração de um conjunto de esculturas doado à cidade de Moscou em nome de Barbara Bush. Tratava-se de uma réplica de “Make Way for Ducklings” [Abram caminho para os patinhos], com a mãe pata à frente de oito patinhos, inspirada no popular livro infantil de mesmo nome, de Robert McCloskey, publicado nos Estados Unidos em 1941. As esculturas originais ficavam instaladas num parque de Boston, onde se ambienta a ação do livro. “Há algo mágico em pensar que crianças americanas estão brincando com os patinhos em Boston enquanto as crianças fazem a mesma coisa em Moscou”, disse Barbara Bush durante a cerimônia. A doação a Moscou foi um modo de continuar sua cruzada pessoal pela alfabetização das crianças. Porém, ainda que a escultura dos patinhos se destinasse a superar diferenças culturais e ideológicas, na realidade tornou-se um símbolo de uma grande dificuldade encontrada no diálogo entre Moscou e Washington depois da Guerra Fria: as importações culturais e ideológicas americanas, inicialmente recebidas com entusiasmo, não vingaram em solo soviético. Embora os moscovitas e seus filhos gostassem dos patinhos, a maioria deles não conhecia a história por trás das esculturas. O livro *Make Way for Ducklings* não estava disponível em tradução russa.³¹

Em 31 de julho de 1991, o segundo dia da cúpula de Moscou, logo depois que o relógio da torre do Kremlin badalou três horas e meia, George Bush e Mikhail Gorbatchov entraram no jardim de inverno do Grande Palácio do Kremlin. O breve encontro ali fazia parte do elaborado protocolo do Kremlin que acompanhava a assinatura de importantes tratados internacionais. Os dois presidentes desceram a escada ornamentada do antigo palácio tsarista rumo ao

Salão Vladimir, um espaço retangular decorado com painéis de mármore rosado, um dos cinco salões de recepção denominados segundo as ordens de cavalaria do Império Russo. O próprio palácio fora construído pelo tsar Nicolau I, na metade do século XIX, para celebrar o poder e a glória militar da Rússia. Depois da Revolução de 1917, os comunistas o transformaram num local para festas e atividades do Estado, assim como recepções oficiais de dignitários estrangeiros.³²

O tratado de redução de armas nucleares estava pronto para ser assinado. Parecia o alvorecer de uma nova era, um triunfo da razão sobre a loucura que durante tanto tempo subjugara o mundo. “Eu me senti enormemente tocado durante a cerimônia”, recordou posteriormente o presidente Bush. “Para mim, aquilo foi mais que um ritual, oferecendo aos jovens de todo o mundo a esperança de que o idealismo não estava morto.” Mikhail Gorbatchov não ficou menos comovido que seu hóspede de honra. Quando Bush mencionou, ao discursar, o período de meio século de arsenais militares cada vez maiores, Gorbatchov observou: “Graças a Deus, como dizemos na Rússia, paramos com isso.” Ele também chamou o tratado de “um acontecimento de importância global, pois estamos dando um impulso tão poderoso ao desmantelamento da infraestrutura de medo que governou o mundo que será difícil detê-lo”.³³

Ao assinar o acordo START, os dois mandatários concordaram solenemente em não dispor mais que seis mil ogivas nucleares contra o outro e restringiram a 1.600 em cada lado o número de mísseis intercontinentais capazes de transportar ogivas. Bush e Gorbatchov também conseguiram ir além da agenda de controle e de redução de armas que dominou as relações soviético-americanas na maior parte dos trinta anos anteriores. Num sinal de que a confrontação ideológica da Guerra Fria também se aproximava do fim, Bush prometeu pedir ao Congresso que outorgasse à União Soviética o status comercial de nação mais favorecida, um privilégio até então negado a esse país em virtude da violação dos direitos humanos e de sua recusa a dar visto de saída aos cidadãos judeus.

Também houve sinais de cooperação crescente na arena internacional. Os dois presidentes divulgaram um comunicado conjunto sobre o Oriente Próximo, prometendo colaborar para convocar uma conferência internacional sobre segurança e cooperação regionais. Os soviéticos se empenhavam em levar os palestinos à mesa de negociação e os americanos fariam o mesmo com os israelenses. Os dois presidentes enviariam seus ministros das Relações Exteriores a Israel, onde o secretário de Estado americano, James Baker, discutiria a conferência proposta enquanto seu colega soviético, Alexander Bessmertnykh, negociaria a abertura de relações diplomáticas plenas entre Israel

e a União Soviética. Alguns jornais afirmaram que o anúncio da nova relação com o Oriente Próximo quase eclipsou a assinatura do acordo START. Por fim, houve um entendimento básico em relação a Cuba: a fim de acomodar as exigências americanas, os soviéticos prometeram reduzir seu apoio econômico ao regime de Fidel Castro. Parecia não existir nenhuma questão bilateral ou internacional que os líderes das duas superpotências outrora hostis não pudessem encarar e enfim resolver.³⁴

Bush e Gorbatchov saíram da casa de campo do presidente soviético em Novo-Ogarevo, nas cercanias de Moscou, para irem à cerimônia de assinatura no Grande Palácio do Kremlin. Lá, sem agenda predeterminada, passaram cinco horas discutindo assuntos internacionais e tentaram delinear uma nova ordem mundial depois da abolição do equilíbrio estabelecido pelo terror nuclear. Mais tarde, Gorbatchov chamou essas conversas informais de um “momento de glória” em sua visão de política externa, o qual apelidou de “o novo pensamento”. Em sua opinião, elas marcaram um ponto de inflexão na formulação de “uma política *conjunta* de potências que até recentemente se consideravam inimigas mortais e, nessa inimizade, estavam dispostas a arrastar o mundo inteiro para uma catástrofe”. Se dependesse de Gorbatchov, o mundo se tornaria um condomínio soviético-americano, no qual os dois países não só viveriam em paz, como resolveriam todos os problemas internacionais para sua satisfação mútua.³⁵

Num terraço com vista para o rio Moscou, Gorbatchov expôs ao presidente americano sua visão de uma nova ordem mundial. Posteriormente, seu intérprete, Pavel Palazhtchenko, recordou o sentido geral da argumentação do chefe: “O mundo está se tornando cada vez mais diverso e multipolar, mas é preciso que haja uma espécie de eixo neste mundo, o qual nossos dois países podem prover.” O líder soviético não usou a metáfora do eixo em suas memórias, mas não resta dúvida de que ela refletia a essência de seu pensamento. Gorbatchov estava disposto a discutir uma ampla gama de questões. Queria propor uma política conjunta americano-soviética para a União Europeia, que parecia estar adquirindo não só poder político e econômico, como força militar. Também queria uma frente comum no trato com o Japão, a Índia e a China, que, com seus dois bilhões de habitantes, estavam em plena ascensão. Além disso, havia o sempre problemático Oriente Próximo e o papel indeterminado da África no equilíbrio do poder mundial.

Bush foi receptivo, mas, como sempre, cauteloso. Intimamente, deve ter ficado mais que cético, como escreveu em suas memórias: “Gorbatchov iniciou um

interminável monólogo, durante o qual mal consegui arriscar um comentário.” No entanto, os soviéticos acreditaram que aquele não havia sido um mero monólogo. “Bush concordou”, lembrou Palazhtchenko, “não tanto com palavras, mas em sua disposição para discutir com Gorbatchov de maneira cooperativa assuntos em que, antes, os Estados Unidos não teriam permitido à União Soviética sequer tocar”. Bush garantiu ao anfitrião que, apesar das pressões da direita e da esquerda no espectro político americano, estava comprometido com o sucesso da reforma que Gorbatchov realizava na União Soviética. Enquanto a direita queria se aproveitar da fraqueza soviética para destruir seu rival na Guerra Fria e a esquerda lamentava as continuadas violações dos direitos humanos na União Soviética, Bush se opunha a tirar proveito das vulnerabilidades do antigo inimigo.

Os soviéticos sentiram que tinham sido ouvidos. E ficaram eufóricos. Posteriormente, Gorbatchov recordou com nostalgia que eles estavam “vivendo para o futuro”. Dias depois, seu conselheiro em política externa, Anatoly Tcherniaiev, um dos poucos funcionários soviéticos que participaram do *brainstorming* informal em Novo-Ogarevo, registrou essas ideias em seu diário: “Nossas relações estão mais próximas do que aquelas que tínhamos com nossos ‘amigos’ dos países socialistas. Não há farisaísmo nem hipocrisia; nada de paternalismo, adulação ou subordinação.”³⁶

As conversações que tanto impressionaram os soviéticos, que estavam desesperados por apoio e famintos por reconhecimento como iguais por parte de seu novo parceiro americano, mal foram registradas pelos Estados Unidos. Mais tarde, Brent Scowcroft, experiente e não menos cauteloso que Bush, lembrou seus sentimentos após a cúpula: “Foi um conjunto de conversas satisfatórias. Nós finalmente concluímos o START, um grande passo no caminho da racionalização das forças nucleares estratégicas numa nova era.”³⁷ Em suas memórias, lembrando as conversas em Novo-Ogarevo, Bush não menciona nenhuma abertura soviética no tocante a uma política conjunta. Os soviéticos sabiam que ele estava escutando o que diziam, mas acaso prestava atenção?

Um episódio na coletiva de imprensa após a assinatura do acordo START transformou-se numa metáfora do diálogo Bush-Gorbatchov sobre uma relação especial. Quando Gorbatchov iniciou suas observações preliminares, elogiando o espírito e o resultado da reunião de cúpula, Bush, que usava fones de ouvido para a tradução simultânea, virou-se para o anfitrião e disse sorrindo: “Não ouvi uma palavra que você disse.” Havia um problema com o equipamento. “Está me ouvindo agora? Está me ouvindo agora?”, perguntou o preocupado Gorbatchov.

Bush o ouviu claramente em russo, mas não entendeu uma palavra. A confusão durou mais alguns minutos, até que finalmente consertassem o sistema. “Então você concorda quase inteiramente comigo?”, perguntou Gorbatchov quando se resolveu o contratempo. Bush compreendeu a mensagem traduzida e respondeu à sua maneira típica: “Do que ouvi, eu gostei.”

A julgar pelas memórias de Bush, as insinuações de Gorbatchov relativas à criação de uma ordem mundial conjunta soviético-americana foram malcompreendidas. Eram apenas devaneios.³⁸

-
- 9 REYNOLDS, David. *Summits: Six Meetings That Shaped the Twentieth Century*. Nova York: Basic Books, 2007, pp. 1-102.
- 10 “U.S.-Soviet Relations and the Moscow Summit”, 26 de julho de 1991. C-SPAN. Disponível em www.c-spanvideo.org/program/19799-1.
“Treaty Between the United States of America and the Union of Soviet Socialist Republics on the Reduction and Limitation of Strategic Offensive Arms”, 31 de julho de 1991. Departamento de Estado dos Estados Unidos. Disponível em: <http://www.state.gov/www/global/arms/starthtm/start/start1.html>.
- 11 GADDIS, John Lewis. *The Cold War: A New History*. Nova York: Penguin Books, 2006.
KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, pp. 423-732.
ZUBOK, Vladislav M. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. Chapel Hill, Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 2007, pp. 1-226.
- 12 SHANE, Scott. “Cold War’s Riskiest Moment”. *Baltimore Sun*, 31 de agosto de 2003.
- 13 MCFADDEN, Robert D. “Atomic War Film Spurs Nationwide Discussion”. *New York Times*, 22 de novembro de 1983.
REAGAN, Ronald. *An American Life*. Nova York: Simon & Schuster, 1990, pp. 585-586.
FISCHER, Beth A. *The Reagan Reversal: Foreign Policy and the End of the Cold War*. Columbia, Missouri: The University of Missouri, 2000.
REAGAN, Ronald. “Address to the Nation and Other Countries on United States-Soviet Relations”, 16 de janeiro de 1984. Disponível em <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/11684a.html>.
- 14 BUSH, Barbara. *A Memoir*. Nova York: Scribner, 1994.
BUSH, George. *All the Best, George Bush: My Life in Letters and Other Writings*. Nova York: Simon & Schuster, 2000.
TARPLEY, Webster G.; CHAITKIN, Anton. *George Bush: An Unauthorized Biography*. Joshua Tree, Califórnia: Progressive Press, 2004.
- 15 “Remarks at the Arrival Ceremony in Moscow”, 30 de julho de 1991; “Remarks by President Gorbachev and President Bush at the Signing Ceremony for the Strategic Arms Reduction Talks Treaty in Moscow”, 31 de julho de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3256&year=1991&month=7.

- 16 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 411.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 510-511.
- 17 “Mikhail Sergeevich Gorbachev”, 30 de julho a 1º de agosto de 1991. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento da Primeira Dama, Série Ann Brock, Cúpula de Moscou (29 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991), nº 4.
- 18 BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
GRACHEV, Andrei. *Gorbachev’s Gamble: Soviet Foreign Policy and the End of the Cold War*. Cambridge: Polity, 2008.
GARTHOFF, Raymond L. *The Great Transition: American-Soviet Relations and the End of the Cold War*. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 1994.
OBERDORFER, Don. *From the End of the Cold War to a New Era: The United States and the Soviet Union, 1983-1991*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.
- 19 GOODMAN, Walter. “Summit Image: Hardly a Mikhail and George Show”. *New York Times*, 1º de agosto de 1991.
GIBBONS, Gene. “Pre Advance Pool Report, Moscow Summit, July 29-August 1, 1991”, 25 de julho de 1991. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Mídia da Casa Branca, Guia de imprensa para a viagem do presidente à União Soviética no verão de 1991.
- 20 GOODMAN, Walter. “Summit Image: Hardly a Mikhail and George Show”. *New York Times*, 1º de agosto de 1991.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 511.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 415.
- 21 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 411-412.
“Memorandum of Conversation. Extended Bilateral Meeting with Mikhail Gorbachev of the USSR”, 30 de julho de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30-Gorbachev%20\[1\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30-Gorbachev%20[1].pdf).
- 22 TALBOTT, Strobe. “Mikhail Gorbachev and George Bush: The Summit Goodfellas”. *Time*, 5 de agosto de 1991.
- 23 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993.
- 24 LENNOX, Duncan. *Jane’s Strategic Weapons Systems*. 50 ed. Surrey: Jane’s Information Group, 2009, pp. 161-163.
“Study Details Catastrophic Impact of Nuclear Attack on US Cities”. *Space War*, 23 de março de 2007. Disponível em www.spacewar.com/reports/Study_Details_Catastrophic_Impact_Of_Nuclear_Attack_On_US_Cities_!
- 25 PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 292-293.

- BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 508-509.
- “Beseda Gorbacheva s Dzh. Bushem v Londone, 17 iulia 1991 goda”. In: *V Politiburo TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991)*. Moscou, 2000, pp. 695-696.
- 26 “Memorandum of Conversation. Extended Bilateral Meeting with Mikhail Gorbachev of the USSR”, 31 de julho de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30-Gorbachev%20\[1\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30-Gorbachev%20[1].pdf).
- 27 REMNICK, David. “All Substance, No Style Makes a Dull Summit: Businesslike Bush Forsakes the Flourishes”. *Washington Post*, 31 de julho de 1991.
- 28 GOODMAN, Walter. “Summit Image: Hardly a Mikhail and George Show”. *New York Times*, 1º de agosto de 1991.
- 29 REMNICK, David. “All Substance, No Style Makes a Dull Summit: Businesslike Bush Forsakes the Flourishes”. *Washington Post*, 31 de julho de 1991.
- DEVROY, Ann. “First Lady: Bush Must Run Again: ‘For Country’s Sake,’ She Tells Interviewers”. *Washington Post*, 1º de agosto de 1991.
- Entrevista da Sra. Bush para Steve Fox. *ABC*, 31 de julho de 1991. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional, Arquivos Nicholas R. Burns e Ed A. Hewett, Reuniões do Presidente (março de 1991 a julho de 1991), Cúpula de Moscou, julho de 1991, nº 1.
- 30 “Raíssa Maksimovna Gorbachev”, 30 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991.
- GORBACHEVA, Raíssa. *Ia nadeius*. Moscou: Kniga, 1991.
- CHERNIAEV, Anatólii; GUSENKOV, Vitalli. “Memo for Mikhail Gorbachev on the Program of His Visit to the United States from May 29 to June 4, 1990”. Arquivos da Fundação Gorbachev, Fundo 2, nº 8288.1.
- CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 939.
- “Raíssa Gorbachev to Join Barbara Bush at Wellesley”. *Harvard Crimson*, 18 de maio de 1990.
- “Wellesley Students Hail Raíssa Gorbachev”. *New York Times*, 20 de maio de 1990.
- 31 BUSH, Barbara. “Address to Soviet Children”. Viagem do presidente Bush a Moscou e Kiev, 30 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991.
- CLINES, Francis X. “Red Square Is Beautiful. That’s Agreed”. *New York Times*, 31 de julho de 1991.
- SMITH, J. Y. “Raíssa Gorbachev, Activist First Lady Dies”, *Washington Post*, 20 de setembro de 1999.
- BUSH, Barbara. “Eulogy: Raíssa Gorbachev”. *Time*, 4 de outubro de 1999.
- 32 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 415.
- MARKOVA, Galina. *Bol’shoi kremlevskii dvorets*. Moscou: Avrora, 1981.
- 33 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 514.
- “Remarks by President Gorbachev and President Bush at the Signing Ceremony for the Strategic Arms Reduction Talks Treaty in Moscow”, 31 de julho de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca

Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3256&year=1991&month=7.

- 34 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 514.
APPLE JR., R. W. “Summit in Moscow: Bush and Gorbachev Sign Pact to Curtail Nuclear Arsenals, Join in Call for Mid-East Talks”. *New York Times*, 1º de agosto de 1991.
- 35 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 624.
- 36 Idem.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossen, 2008, pp. 968-969.
- 37 Internal Points for Bessmertnykh Meeting, July 28, 1991”. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 5.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 514-515.
- 38 FEIN, Esther B. “Summit in Moscow: The God (of Technology) That Failed”. *New York Times*, 1º de agosto de 1991.

CAPÍTULO 2

NO penetra A NOITE DE 31 de julho de 1991, George e Barbara Bush receberam convidados soviéticos na Casa Spaso, a residência oficial do embaixador americano no centro de Moscou. No dia seguinte, viajariam a Kiev. Entre os convidados, à parte Mikhail e Raíssa Gorbatchov, figuravam líderes republicanos, sendo o mais ilustre entre eles o recém-eleito presidente da Rússia, Bóris Iéltzin. Também compareceram membros do governo Gorbatchov, inclusive o ministro da Defesa, o marechal Dmitri Iazov, e o chefe da KGB, Vladimir Krioutchkov. O cardápio do jantar incluía sopa de agrião com sementes de gergelim, filé assado com molho de trufas e batatas douradas. Para beber, os garçons serviram o *cabernet sauvignon* Georges de Latour, da vinícola Beaulieu, safra de 1970, o *brut* Summit Cuvée, da Iron Horse, safra de 1987, e um *chardonnay* Cuvaision, da safra de 1990. Café, chá e doces completavam o cardápio.³⁹

No discurso de boas-vindas, George Bush se esforçou para elogiar seu homólogo soviético, sabendo das dificuldades que o aguardavam e que ele estava enfrentando uma séria oposição em seu próprio governo. Ele declarou: “Acredito que a assinatura desse tratado oferece esperança além das fronteiras da União Soviética, além das fronteiras dos Estados Unidos, em todo o mundo. Acredito realmente, do fundo do coração.” Ele ergueu o cálice num brinde aos convidados, especialmente a Mikhail Gorbatchov, a quem chamou de um homem “que respeito e admiro, um homem cujos atos nos últimos seis anos têm dado esperança àqueles que acreditam, como eu, que um indivíduo pode mudar o mundo para melhor”. Então, prosseguiu: “Eu saúdo, pois, o presidente Gorbatchov, e digo que partimos confiantes, mais confiantes do que quando aqui chegamos, em que juntos nós poderemos instaurar uma paz duradoura e, com ela, um amanhã mais iluminado para os nossos filhos.”⁴⁰

Evidentemente, os elogios de Bush a Gorbatchov não convenceram os ministros conservadores da União Soviética. O consultor de segurança nacional de Bush, Brent Scowcroft, estava à mesma mesa que o ministro da Defesa de Gorbatchov, o marechal Iazov. Durante o jantar, eles trocaram opiniões sobre o

tratado START. Iazov, que o informe da delegação americana caracterizava como alguém que queria “proteger os militares contra um declínio de sua influência e prestígio”, tinha pouco a dizer a favor do tratado ou da política externa de seu presidente. “Ele estava taciturno”, comentou Scowcroft, recordando sua conversa com Iazov na Casa Spaso, “queixando-se de que tudo era feito como nós queríamos ao passo que as Forças Armadas soviéticas se deterioravam diariamente. Não chegavam equipamentos novos [...] os jovens não reagiam à convocação, não havia alojamento para as tropas que retornavam da Europa, e assim por diante. Eu lhe perguntei por que ele continuava preocupado com a preparação dos militares soviéticos. Qual era a ameaça? Ele respondeu que a ameaça era a OTAN”. Scowcroft demonstrou não compreender bem as preocupações de seu interlocutor. Por fim, convenceu o obviamente chateado Iazov a brindar à OTAN com ele. Independente do vinho que tomaram, o gosto que ficou na boca de Iazov não deve ter sido agradável.⁴¹

No jantar na Casa Spaso, foi possível sentir a oposição a Gorbatchov não só por parte dos conservadores, como também dos reformistas, representados por Bóris Iéltzin, recém-eleito para o novo cargo de presidente da Rússia. Visivelmente contrariado por não estar sentado à mesa principal, Iéltzin levantou-se em meio ao jantar, foi até a mesa de Bush em companhia de Nursultan Nazarbayev, do Cazaquistão, e garantiu em alto e bom som ao presidente americano que faria o que estivesse ao seu alcance para assegurar o sucesso da democracia. “Todos que estavam às mesas observaram com curiosidade e, acima de tudo, com assombro, sem entenderem o que significava aquilo”, escreveu Gorbatchov mais tarde. Evidentemente, sentiu-se constrangido. Em suas memórias, descreveu esse episódio junto a outro ocorrido na noite anterior, na recepção em honra de Bush.⁴²

A recepção havia acontecido em 30 de julho, o primeiro dia da reunião de cúpula, na Câmara Facetada no Grande Palácio do Kremlin. Mikhail e Raíssa Gorbatchov e George e Barbara Bush estavam a postos na fila de recepção, dando as boas-vindas aos convidados. Subitamente, os Gorbatchov repararam num casal um tanto estranho: o prefeito de Moscou, Gravril Popov, acompanhando Naina Iéltzina, a mulher do recém-eleito presidente da Rússia. Bóris Iéltzin, aliás, não era visto em parte alguma. Porém, quando as saudações terminaram, ele apareceu repentinamente e se acercou dos anfitriões com um sorriso largo. “Por que você confiou sua esposa a Popov?”, caçoou Gorbatchov com certo mal-estar. “Ele já não é perigoso”, respondeu Iéltzin, fazendo piada à custa de seu aliado mais próximo.

Na noite anterior, Iéltzin havia telefonado para Gorbatchov e perguntado se podia entrar no salão de jantar com ele e Bush. Gorbatchov recusou. Agora tudo indicava que, tendo sido esnobado, Iéltzin se sentia no direito de fazer o que bem entendesse. Ele se aproximou inesperadamente de Barbara Bush e, bancando o anfitrião, convidou-a ao salão de jantar. Chocada, a americana perguntou: “Mas será que convém?”. Com uma manobra, ela deixou Raíssa Gorbatchova entre si própria e o presidente russo. Os jornalistas que presenciaram a cena não entenderam o que estava acontecendo. “Enquanto isso, Bush e Gorbatchov olhavam para outra direção, concentrados em uma longa e detalhada conversa que parecia ser a respeito do sofisticado lustre que pendia sobre suas cabeças”, escreveu um correspondente do *Wall Street Journal*. Os convidados, muitos dos quais eram membros do governo Gorbatchov, reprovaram o comportamento tirânico de Iéltzin. Os americanos idem.

Aparentemente, George Bush disse ao seu *entourage* que Iéltzin tinha sido “casca-grossa” na tentativa de usá-lo a fim de eclipsar o líder soviético. Ele recordou o episódio em suas memórias, notando que, se Iéltzin acompanhasse Barbara ao jantar, “a situação teria sido bastante embaraçosa para Gorbatchov”. Scowcroft, que nutria antipatia com Iéltzin desde a primeira visita deste à Casa Branca alguns anos antes, ficou furioso: “Alguém tem de dizer a esse cara que não vamos deixar que ele nos use em seus joguinhos ridículos.” Jack Matlock, o embaixador americano em Moscou, recebeu instrução de passar um recado nesses termos para o ministro das Relações Exteriores de Iéltzin, Andrei Kozyrev. Mais tarde, Matlock escreveu: “O comportamento de Iéltzin foi ao mesmo tempo rude e infantil, calculado para chamar a atenção e constranger tanto Gorbatchov quanto Bush.”⁴³

Apesar da contrariedade, Bush, Scowcroft e outros membros da delegação americana sabiam que não tinham escolha senão tratar com o recém-eleito líder russo. Com a estrela política de Gorbatchov em declínio, Iéltzin surgia como a nova grande esperança para o governo americano em suas relações com os soviéticos. Ele era tudo que Gorbatchov não era: um líder popularmente eleito que denunciava abertamente a ideologia comunista e estava decidido a empreender uma reforma radical nas políticas interna e externa de Moscou. Mas seria realmente possível trabalhar com Iéltzin e suas excentricidades? E como negociar com ele sem fragilizar Gorbatchov? Esses eram enigmas importantes para o presidente Bush e seus assessores.

Bóris Iéltzin tinha a mesma idade que Gorbatchov e um passado parecido.

Nascido nos Urais em 1931, numa família de operários, era um *self-made man* que atingira os mais altos níveis de poder graças, entre outras coisas, à sua energia ilimitada. Formado em engenharia, primeiro se tornou conhecido e respeitado na indústria de construção, provavelmente o setor mais difícil da economia soviética. Sempre mal financiadas e com pouco pessoal, ao contrário do complexo industrial-militar, as empresas de construção dependiam da mão de obra de presidiários recentes e da ralé enviada aos canteiros de obras pelos funcionários do partido para cumprirem seus planos quinquenais. Muita coisa dependia da personalidade do chefe de construção, e a de Iéltzin era forte. Depois de iniciar a carreira em 1955, como mestre de obras na cidade de Sverdlovsk, nos Urais, subiu na vida mostrando resultados acima da média. Em 1976, foi eleito primeiro-secretário do comitê regional do Partido Comunista em Sverdlovsk. Aos 45 anos, tornou-se governante de uma enorme região industrial que, na hierarquia regional soviética, era muito mais importante do que o *krai* de Stavropol, de onde vinha Gorbatchov.

Enquanto Mikhail ascendia aos poucos e entretendo os chefes do partido de Moscou que iam relaxar nas estações hidrotermais de sua região, Iéltzin o fazia preenchendo as cotas de produção e construção. Ele ficou conhecido em Sverdlovsk não só pelo que construiu (entre seus muitos projetos concluídos, figurava o teatro de opereta, que o jovem secretário do partido adorava frequentar), como também pelo que destruiu. Em 1977, por ordem de Moscou, os funcionários de Sverdlovsk demoliram a casa em que os bolcheviques executaram o tsar Nicolau II e seus familiares no verão de 1918. Os chefes do partido receavam que ela se transformasse em local de veneração e peregrinação. Iéltzin destruía tão depressa quanto construía: o último refúgio do imperador, que assistira ao fim da Rússia antiga, foi demolido numa única noite. O partido pôde comemorar o sexagésimo aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro sem nada físico que lembrasse o crime cometido pelos fundadores do Estado socialista.

Bóris Iéltzin sempre se sentiu à vontade conversando com cidadãos soviéticos comuns e gostava muito da adulação pública que recebia, mas sua ascensão como líder democrático só começou na época da *perestroika* e da *glasnost*, quando Gorbatchov convidou o dínamo humano de Sverdlovsk a ir para Moscou. Iéltzin não tardou a assumir a administração da cidade, paralisada pela metástase da corrupção da era Brejnev. Livrou-se dos velhos quadros e abriu seu gabinete para os jornalistas da capital, que adoraram o enérgico e inovador primeiro-secretário do comitê do partido. Contudo, Iéltzin logo descobriu que já

não era senhor de si como fora na longínqua Sverdlovsk. Em Moscou, o poderoso novo secretário municipal tinha de lidar com o ainda mais poderoso politburo de toda a União, do qual ele era candidato a tornar-se membro. Em pouco tempo, os colegas notaram que seus acessos de atividade febril eram seguidos por períodos de depressão.

No ritmo das reformas em Moscou, Iéltzin entrou em choque com seu antigo protetor Iêgor Ligatchev, um ex-secretário do partido na Sibéria que representava a ala conservadora do politburo de Gorbatchov. No outono de 1987, ele arremeteu não só contra Ligatchev, como contra o próprio Gorbatchov, denunciando problemas com a implementação das reformas e acusando os membros do politburo de adularem o chefe. Gorbatchov contra-atacou afastando Iéltzin de sua função na direção da organização do partido em Moscou e retirando-lhe o status de candidato a membro do politburo. Sua carreira no partido estava liquidada. Ele pediu perdão a Gorbatchov e aos colegas, mas a tentativa foi inútil. Sua vida parecia ter retornado ao começo: mandaram-no voltar a supervisionar canteiros de obras num país que continuava erigindo edifícios, mas que vivia acossado pelas dúvidas quanto à “reestruturação do socialismo”. Sua expulsão do politburo foi uma derrota dos elementos liberais na *perestroika* e uma vitória dos conservadores do partido. Um ano depois, o triunfante Ligatchev deu-lhe uma lição em público: “Bóris, você está errado.”⁴⁴

Mas, se o politburo perdia uma de suas vozes radicais, o movimento democrático emergente encontrava inesperadamente um líder em Iéltzin. A situação do país estava mudando a favor dele. Sempre consciente do poder do aparato do partido para interferir em suas políticas de reforma e incapaz de colocá-lo inteiramente sob seu controle, Gorbatchov havia começado a manobrá-las habilidosamente fora do poder. Em 1989, o ano seguinte à expulsão de Iéltzin do politburo, Gorbatchov autorizou a renovação da atividade política fora do partido, pondo fim ao seu monopólio de mais de sessenta anos na esfera política. O novo sistema eleitoral instituiu eleições competitivas pela primeira vez na história soviética, e os secretários do partido foram informados de que só continuariam no poder se fossem eleitos não apenas para sua função no partido, como para o cargo de chefe dos soviets locais (conselhos). O poder real estava sendo transferido dos escritórios dos secretários do partido para os soviets regionais e os parlamentos republicanos.

Os secretários do partido reclamaram, mas não se rebelaram. Todos tiveram uma chance de participar da transição, e os mais hábeis conseguiram usar a máquina partidária e sua vasta influência para a eleição dos cada vez mais

poderosos soviéticos locais. A mudança no âmbito local era dirigida e estimulada por quem já estava no poder. Em março de 1990, o Congresso dos Representantes do Povo excluiu da Constituição soviética um artigo que dava ao partido status especial no Estado e na sociedade soviéticos e elegeu Gorbatchov para o recém-criado cargo de presidente da União Soviética. Ele conservou a função de secretário-geral do comitê central do partido, mas, quase imediatamente, começou a transferir seus principais conselheiros e os elementos mais importantes do aparato partidário para a recém-criada Presidência.

Poucos chefes do partido se beneficiaram mais com as amplas mudanças do que Iéltzin, agora seu arqui-inimigo. Na primavera de 1989, por ocasião das primeiras eleições semilivres na União Soviética, ele iniciou uma carreira inacessível a qualquer um dos insatisfeitos políticos soviéticos que o precederam e aproveitou a oportunidade com todo vigor e energia. “Sua inclinação contra o *establishment* agrada as pessoas comuns”, dizia uma biografia de Iéltzin incluída no informe do presidente Bush para a cúpula de Moscou, “e sua exigência de que se acelere o ritmo da reforma conta com a simpatia da *intelligentsia* liberal”. Se não jogava o jogo do aparato, Iéltzin era brilhante ao jogar com a massa. E havia uma multidão disposta a escutá-lo num momento em que a *perestroika* estava falhando, mas a *glasnost* florescia.⁴⁵

Ao tentar reformar o centralizado sistema de gestão econômica de Stalin, Gorbatchov tornou o seu colapso mais próximo. Diante do fracasso das reformas econômicas da *perestroika*, da crescente escassez de bens e da abrangência cada vez maior das críticas às novas e antigas políticas, o Partido Comunista estava perdendo a corrida para seus adversários. A oposição se organizou politicamente no Primeiro Congresso dos Representantes do Povo da União Soviética, realizado em maio e junho de 1989. Ali, os delegados reformistas de Moscou, Leningrado e outros centros urbanos importantes se aliaram aos camaradas reformistas das repúblicas bálticas, que pressionavam por mais autonomia e pela independência, enfim, de suas nações. A aliança era dirigida contra o aparato do partido.

Iéltzin despontou como líder incontestável da oposição russa ao regime. Os russos comuns estavam fartos dos discursos intermináveis de Gorbatchov, que produziam poucos resultados tangíveis. O fracasso dessas políticas, que deixavam as prateleiras das lojas vazias e as pessoas insatisfeitas, contribuiu tanto para a popularidade de Iéltzin quanto o instinto político notável deste e sua capacidade de aglutinar os partidários liberais da *perestroika* e os líderes do

movimento sindical russo, tudo isso sob o pavilhão nacional do renascimento da Rússia. Em março de 1989, contra a vontade do Kremlin, os cidadãos moscovitas elegeram Iéltzin para o Congresso dos Representantes do Povo. No ano seguinte, sua Sverdlovsk natal enviou-o para o parlamento da Federação Russa, onde ele foi eleito presidente depois de derrotar dois candidatos do Kremlin. Então, Iéltzin saiu do Partido Comunista.

Iéltzin cortou seus vínculos com o partido da maneira mais pública imaginável, perante os representantes do último congresso do partido em julho de 1990. Diante da rejeição do novo nome proposto por ele – Partido do Socialismo Democrático –, o ex-chefe partidário de Sverdlovsk fez um discurso anunciando seu afastamento, em que citou a necessidade de transição para uma democracia multipartidária e declarou que, na qualidade de chefe do *presidium* do parlamento russo, não podia receber ordens de nenhum partido. Esse ato não foi nada fácil para Iéltzin, que o encarou com firmeza. Trabalhou incessantemente no texto do discurso de afastamento e ficou ansiosíssimo à medida que se aproximava o dia de pronunciá-lo. Na véspera, tarde da noite, discutiu suas preocupações e dúvidas com Gennady Burbulis, também natural de Sverdlovsk e seu conselheiro mais íntimo na época. “Aquele homem não só agonizava por sua apresentação iminente”, recordou Burbulis. “Estava também profundamente preocupado com o que ele seria convocado a fazer [...] E não escondia isso. Ele me disse: ‘Mas foi isso que me impulsionou!’”⁴⁶

Gorbatchov acreditava que sair do partido representaria o fim da carreira de Iéltzin, um “fim lógico”, como ele disse ao seu assessor liberal Anatoly Tcherniaiev. Na realidade, o afastamento público sinalizou a preeminência de seu papel na sociedade ao desencadear uma onda de deserções semelhantes. Essas geralmente eram mais discretas: os afiliados simplesmente cessavam de pagar as taxas, de comparecer às reuniões e de cumprir as tarefas partidárias. À medida que perdia membros, o poder da agremiação diminuía. Em 1990, ano da saída de Iéltzin, ela perdeu 2,7 milhões de militantes, caindo de 19,2 milhões para 16,5 milhões. As perdas diretas por desistência chegaram a 1,8 milhão. Posteriormente, Gorbatchov lembrou que, nos dezoito meses anteriores a 1º de julho de 1991, mais de 4 milhões de afiliados, aproximadamente um quarto do número total, saíram do partido ou foram expulsos por assumirem posições contrárias à agremiação ou por se recusarem a seguir suas ordens e a pagar as taxas.⁴⁷

O êxodo deixou os burocratas desconcertados. Em janeiro de 1991, o secretário do comitê central, Oleg Shenin, avisou aos secretários dos comitês

republicanos e dos *oblasts* que muitos dos afiliados perdidos em 1990 eram operários e camponeses, sinal preocupante para uma agremiação que se orgulhava de tais membros. Pior ainda foi o êxodo em massa da *intelligentsia*. Ainda que os operários sempre relutassem em ingressar num partido que oferecia pouco ou nenhum benefício aos seus militantes, muitos membros da *intelligentsia* ansiavam por se inscrever, a fim de avançarem na carreira e obterem acesso à classe dirigente e, enfim, à *nomenclatura*, o primeiro escalão da burocracia partidária e do Estado, que consistia quase exclusivamente em afiliados ao partido. Tanto os cargos dirigentes quanto as instituições de ensino superior e o vasto e bem financiado setor de pesquisa eram diretamente ligados à afiliação ao partido.⁴⁸

No outono de 1990, começaram a aparecer rachaduras até mesmo nos muros do mais prestigioso bastião do privilégio soviético, formado pelo serviço diplomático e pelo corpo de autoridades autorizadas a trabalhar no Ocidente. A afiliação ao partido era um pré-requisito importante para obter cargos que permitissem morar no “paraíso capitalista” e receber salários inimagináveis para os padrões soviéticos. Ainda que estivessem desiludidos com o sistema havia tempo, muitos soviéticos, ao viajarem para o exterior, escondiam essas ideias subversivas por trás de uma fachada de lealdade ao regime e ao partido. Porém, o arranjo informal entre o aparato partidário e a *intelligentsia*, que fazia o partido concordar em aceitar declarações formais de lealdade e a *intelligentsia* em dar tais declarações em troca da gratificação de trabalhar no exterior, chegou ao limite em 1990.

A saída de Iéltzin do partido sem perder o cargo de presidente do parlamento russo mostrou à elite que a afiliação à agremiação já não era pré-requisito para uma carreira profissional. Nos últimos quatro meses de 1990, catorze funcionários soviéticos que trabalhavam em organizações internacionais em Genebra saíram do partido. A situação foi discutida num memorando apresentado à liderança do comitê central pelo departamento organizacional. Seus autores reconheciam plenamente razões ideológicas por trás do novo fenômeno. O principal culpado, acreditavam, estava em Moscou. O comitê central foi informado de que alguns cidadãos soviéticos em Genebra mantinham estreitos vínculos com o círculo de Iéltzin e com os jornais da oposição moscovitas e até tinham planos de formar um ramo local do Partido Republicano Russo.

A revolta não se restringiu a Genebra. O comitê central foi informado de que a tendência a abandonar o navio soviético, que se tornara tão relevante na Suíça,

também se manifestava nas missões diplomáticas e comunidades soviéticas em Nova York, Viena, Paris e Nairóbi. Exigências de despolitização do serviço de relações exteriores também vinham do aparato central do Ministério das Relações Exteriores em Moscou. Os *apparatchiks* do comitê central estavam dispostos a pôr a culpa da revolta na cobiça dos membros privilegiados da *intelligentsia* soviética. Segundo o memorando do comitê central, os ex-comunistas simplesmente se recusavam a pagar as taxas partidárias em moeda forte, coisa que encaravam como um imposto de renda adicional. Essa afirmação não deixava de ter certa importância, uma vez que os burocratas internacionais soviéticos geralmente se sentiam descontentes com os descontos de impostos sobre os salários pagos a eles pelas organizações internacionais. Todos tinham ordem de entregar seus ganhos em divisas ao departamento financeiro das representações soviéticas no estrangeiro, mas muitos se recusavam a obedecer.

Alguns nem queriam voltar para o país. Em 1989 e 1990, afirmava o memorando, sete funcionários soviéticos que trabalhavam em Genebra se recusaram a retornar à União Soviética quando expirou seu contrato negociado pelo Estado e aprovado pelo partido. Em vez disso, assinaram contratos por conta própria e continuaram empregados no exterior. Esses “desertores” se recusaram a ficar em contato com a missão diplomática soviética em Genebra ou a receber ordens de sua administração. A revolta do serviço estrangeiro soviético e dos cidadãos soviéticos que trabalhavam nas organizações internacionais revelou o malogro do partido em controlar sua classe gerencial ideologicamente desiludida. Quando as pessoas em condições de obter benefícios reais com a afiliação começaram a sair do partido, ficou claro que o fim estava próximo.⁴⁹

Ao abandonar o partido, Iéltzin não perdeu nenhum privilégio. Quando tomou essa atitude, ele já era presidente do parlamento russo, com um bom salário, um gabinete espaçoso e uma limusine com motorista. Aliás, ele não foi o primeiro ex-funcionário do partido a passar oficialmente para novas instituições democráticas. Os primeiros a fazê-lo foram os funcionários do partido no Cáucaso e nas repúblicas bálticas, que se revoltaram contra o centro no verão de 1990.

As primeiras medidas tomadas por Gorbatchov e seus aliados para a democratização do sistema autoritário não conseguiram mobilizar muito apoio público ao seu esforço de reformar a União Soviética a partir do centro. Em vez disso, deram às nacionalidades soviéticas a oportunidade de se afirmar e ameaçar a integridade da união na qual tinham ingressado à força. Gorbatchov, seus

aliados e seus adversários, tanto na União Soviética quanto no exterior, acreditavam que a questão nacional estava resolvida. Diferentemente dos derruídos senhores dos impérios britânico, francês e, mais recentemente, português, os líderes soviéticos conseguiram manter unidas as nacionalidades não russas durante um período incrivelmente longo sem conservar os “paramentos” de um império. Tudo isso acabou no final da década de 1980.

No início de 1988, os conflitos étnicos surgidos entre azeris e armênios em Nagorno-Karabakh, um enclave armênio no Azerbaijão, pegou de surpresa aqueles que acreditavam no sucesso da experiência internacionalista soviética. No outono desse ano, cerca de 2 milhões de pessoas participaram mensalmente de manifestações organizadas por lideranças nacionais, a maioria nos países bálticos e no Cáucaso. As autoridades centrais geralmente recorriam à força para conter os conflitos étnicos e restaurar a ordem. No entanto, a principal ameaça para a União veio não do Cáucaso, mas das províncias bálticas, que haviam sido ocupadas ainda em 1940 e totalmente reintegradas ao império após a Segunda Guerra Mundial. Em 23 de agosto de 1989, ativistas de organizações bálticas pró-independência demonstraram sua força organizando a Cadeia Báltica, uma corrente humana que passava por Tallinn (Estônia), Riga (Letônia) e Vîlnius (Lituânia). O ato marcou o quinquagésimo aniversário do Pacto Molotov-Ribbentrop, que levou a uma anexação soviética da região jamais reconhecida formalmente pelos Estados Unidos.

No fim de 1989, o Partido Comunista Lituano declarou-se independente do comitê central em Moscou. Não só o partido perdia poder, como o Estado ao qual Gorbatchov e outros serviam, e do qual se orgulhavam, ruía à sua volta. Os protestos, especialmente numerosos nesse ano nos estados bálticos e nas repúblicas transcaucasianas, foram desencadeados principalmente por propostas de emendas constitucionais que dariam ao parlamento de toda a União o direito de anular leis republicanas que lhe parecessem incompatíveis com a União e decidir unilateralmente as questões de secessão. Em março de 1990, o recém-eleito parlamento da Lituânia declarou a independência da república com relação à União Soviética. No verão desse ano, a maioria das repúblicas soviéticas, inclusive a Rússia liderada por Iéltzin, já havia declarado soberania, o que significava que as decisões republicanas ganhavam precedência sobre as leis da União. As formas externas do império, disfarçado de união voluntária, continuavam intactas, mas o drama de sua desintegração tinha começado a se desdobrar diante dos assustados e confusos funcionários do governo em Moscou.⁵⁰

A mobilização nacional russa começou seriamente no início de 1989, mas não na Federação Russa, e sim além de suas fronteiras, como uma reação à onda crescente de nacionalismo local nas repúblicas bálticas, na Moldávia e em outras nações não russas. O movimento não tardou a se espalhar até a Rússia propriamente, mas de um modo bastante inesperado. Os liberais russos, cujas bases de poder eram Moscou e Leningrado, começaram a se aproximar de uma aliança política com as repúblicas bálticas, que se haviam declarado soberanas. As lideranças do movimento democrático russo, que compartilhavam com os colegas bálticos uma visão econômica liberal, decidiram copiar sua estratégia política a fim de promoverem a soberania de sua própria república. Na primavera de 1990, em campanha por um posto no parlamento russo, Iéltzin abraçou a ideia da soberania russa, algo que, naquelas circunstâncias, significava transferir mais poder político e econômico para as repúblicas. Foi uma hábil jogada política que ajudou a expandir a atração de Iéltzin para além da *intelligentsia* de Moscou e Leningrado.

Antes da *perestroika* de Gorbatchov, poucos russos, inclusive o próprio Iéltzin, optaram por se associar à Federação Russa, a maior república soviética, que, no entanto, carecia de um partido comunista próprio ou de uma academia de ciências. Por que se importar com isso se o Partido Comunista da União Soviética e a Academia de Ciências tinham sede em Moscou e eram não só dirigidas como dominadas pelos russos? Iéltzin admitiu sua inicial falta de apego às instituições russas soviéticas numa entrevista no final de 1990: “Eu me reconhecia como um cidadão do país [a União Soviética], e não da Rússia. Ora, também me considerava um patriota de Sverdlovsk, já que havia trabalhado lá, mas o conceito ‘Rússia’ era tão relativo para mim que, quando fui primeiro-secretário do *obkom* do partido de Sverdlovsk, não recorria aos departamentos russos na maior parte das questões. Recorria primeiramente ao comitê central do Partido Comunista da União Soviética e, depois, ao governo da União.”⁵¹

Iéltzin não foi o único político a jogar a carta russa nesse momento. Seus adversários conservadores também o fizeram, agrupando-se em torno da ideia de criarem um partido comunista da Federação Russa nos moldes dos ramos do partido nas repúblicas não russas. A ideia ganhou ímpeto nos primeiros meses de 1990, em reação à formação, no fim de 1989, da Plataforma Democrática no interior do Partido Comunista da União Soviética, liderada por Iéltzin e com outros adeptos da reforma radical. Os membros do politburo de toda a União não souberam reagir aos novos desdobramentos. O próprio Gorbatchov ficou dos dois lados da questão. “Se houvesse um PCR [Partido Comunista Russo]”, disse

aos colegas na reunião do politburo de 3 de maio de 1990, “ele pressionaria mais os partidos comunistas das outras repúblicas. Então, iriam dizer: para que precisamos do PCUS afinal?”. Minutos depois, repreendeu um secretário do comitê central que se manifestara contra a criação de um partido comunista russo: “Se recusarmos [referindo-se ao PCR], os russos dirão que nós os congregamos durante mil anos. E agora eles nos dizem o que fazer! Saiam da Rússia, para o mais longe possível!”

Gorbatchov não queria a criação de uma organização partidária russa separada, capaz de fortalecer as tendências chauvinistas do país e o nacionalismo nas repúblicas não russas; de resto, ela podia ser numa plataforma organizacional da oposição conservadora às suas reformas. De qualquer forma, ele tampouco podia dizer não. Como Nikolai Ryzhkov, o chefe do governo soviético, observou na mesma reunião do politburo: “Se nós formos contra a formação do PCR, nosso lugar dentro dele será ocupado pelos Iéltzins.” Gorbatchov queria manter o controle, acontecesse o que acontecesse no partido russo. Ele se ofereceu para resolver a questão no iminente vigésimo oitavo congresso do partido, em junho de 1990. Nesse mês, nasceu um Partido Comunista da Federação Russa. Como era de se esperar, ele passou a ser um bastião da oposição ultraconservadora anti-Gorbatchov no bojo do Partido Comunista.⁵²

Para Gorbatchov e seus companheiros, a ascensão da Rússia, fosse na roupagem democrática representada por Iéltzin ou no paramento comunista encarnado por seus adversários conservadores, seria a concretização de um pesadelo. A autoconfiança crescente dos russos tinha o potencial de forjar uma identidade distinta que não coincidiria inteiramente com a soviética e romperia o apego russo ao império – passado, presente e futuro – que mantinha a União. A ameaça da soberania russa tinha sido discutida no politburo já no verão de 1989. Vadim Medvedev, o principal ideólogo do partido na época, se opôs a dar à Rússia os direitos soberanos já concedidos a outras repúblicas: “Se nós a moldarmos como as outras repúblicas, a transformação da União Soviética numa confederação será inevitável. A RSFSR [República Socialista Federativa Soviética Russa] é o núcleo da União.”

Gorbatchov concordou plenamente: “Sim à restauração da autoridade da Rússia, mas não de modo a torná-la soberana. Isso seria retirar o núcleo da União.” Não ficou claro como seria possível aumentar a “autoridade” da Rússia e, ao mesmo tempo, negar-lhe o que as repúblicas haviam assegurado com sucesso. A decisão foi adiada, mas o problema não se resolveu: pelo contrário, tornou-se mais sério. O primeiro-ministro soviético Ryzhkov disse numa reunião

do politburo em novembro de 1989: “Nós não deveríamos temer o[s] báltico[s], e sim a Rússia e a Ucrânia. Isso cheiraria a desintegração total. E então precisaríamos de outro governo, de outra liderança para o país e até de outro país.” Poucos podiam prever, no outono de 1989, o quanto o comentário de Ryzhkov se mostraria profético alguns meses depois.⁵³

Em maio de 1990, Iéltzin foi eleito presidente do parlamento russo na terceira votação com uma margem estreita: 535 contra 467. Porém, a declaração da soberania política russa por ele proposta alguns meses depois contou com o apoio de dois terços dos deputados. “Hoje, o centro é para a Rússia o explorador cruel, o benfeitor sovina e o favorito que não pensa no futuro. Nós temos de pôr fim à injustiça dessas relações. Não é o centro, e sim a Rússia, que deve pensar em quais funções transferir para o centro e quais conservar para si”, disse Iéltzin aos deputados. Tinha nascido o novo campeão da Rússia. No verão de 1990, o parlamento, dirigido por Iéltzin, declarou o país soberano, dando às suas leis prioridade sobre as leis da União. No outono daquele ano, Ryzhkov disse ao politburo que nenhuma de suas ordens vinha sendo cumprida. Não tardou a ser demitido por Gorbatchov como parte de uma reestruturação do gabinete destinada a esmagar aquilo que ficou conhecido como a “parada das soberanias”.⁵⁴

Quando a maioria das repúblicas soviéticas declarou soberania, não houve fórmula para definir as novas relações entre elas e o governo central. A Constituição proporcionava uma fachada de união sob um Estado fortemente centralizado e até garantia às repúblicas o direito de deixar a União, mas não oferecia ferramentas para administrar as relações entre o centro e elas. Efetivamente, segundo os procedimentos estabelecidos, ou uma república estava na União sob o controle total de Moscou ou simplesmente estava fora. A Lituânia queria sair, ao passo que a Rússia, a Ucrânia e algumas outras repúblicas queriam um acordo novo. Gorbatchov fez o que pôde para impedir que a Lituânia saísse e que o parlamento russo elegeisse Iéltzin e declarasse soberania, mas fracassou nas duas coisas. O espaço político e econômico soviético se desintegrava, piorando a crise econômica e ameaçando a própria existência das autoridades centrais.

A solução oferecida a Gorbatchov pelos membros conservadores de seu *entourage* no verão de 1990 foi impor pela força a supremacia das leis da União. Isso só seria possível mediante a instauração do estado de emergência. Gorbatchov autorizou o preparo de planos de contingência. Também anunciou

reformas de grande alcance: o Conselho Presidencial e o Conselho de Ministros seriam abolidos e substituídos por um Conselho de Segurança e um Gabinete de Ministros sob controle direto do presidente. No entanto, resistiu à pressão para a imposição do estado de emergência. Em dezembro de 1990, com o Congresso dos Representantes do Povo em sessão, quase quatrocentos membros do legislativo votaram pela discussão da questão da renúncia de Gorbatchov. Não obtiveram maioria. Em vez disso, o aliado liberal de Gorbatchov, Eduard Shevardnadze, ministro das Relações Exteriores, renunciou quando acusado pelos conservadores de vender os interesses nacionais soviéticos no exterior. Gorbatchov, vendo sua própria carreira em perigo, não tentou dissuadi-lo. Shevardnadze alertou os delegados do congresso sobre a iminência de um golpe de Estado. Numa carta ao seu homólogo americano e amigo pessoal James Baker, afirmou que agira de acordo com sua consciência.⁵⁵

Houvera um golpe de fato, como previra Shevardnadze. No congresso, os conservadores recobram a iniciativa, e Gorbatchov, em vez de renunciar, decidiu conduzir o espetáculo pessoalmente. Em janeiro de 1991, sem decretar formalmente estado de emergência, deu carta branca ao chefe da KGB, Vladimir Krioutchkov, ao ministro da Defesa, Dmitri Iazov, e ao novo ministro do Interior, Bóris Pugo, para que tomassem as medidas necessárias para deter o movimento das repúblicas soviéticas rumo à soberania e à independência. Em 5 de janeiro, Iazov mandou paraquedistas entrarem nas repúblicas bálticas com o pretexto de facilitar o alistamento de novos recrutas no Exército soviético. Em 11 de janeiro, a mídia central anunciou a formação de um Comitê Nacional de Salvação a favor de Moscou em Vîlnius, na Lituânia. Três dias depois, unidades especiais do Ministério de Assuntos Internos e comandos da KGB atacaram a torre central de televisão de Vîlnius, que era defendida por adeptos da independência da Lituânia. Quinze pessoas morreram. Em 20 de janeiro, tropas do Ministério do Interior abriram fogo em Riga, capital da república letã, matando quatro pessoas. Cinco dias depois, os jornais soviéticos publicaram um decreto de patrulhamento conjunto das cidades por tropas do Ministério do Interior e do Exército soviético. O decreto previa uma fundamentação legal para a presença de unidades militares nas ruas das cidades soviéticas.

Em março, Gorbatchov formou um Conselho de Segurança, compondo seu principal corpo consultivo, constituído quase exclusivamente por linhas-duras. Naquele mês, também conseguiu garantir 76 por cento dos votos a favor da preservação da União num referendo que foi desconsiderado pelas autoridades recém-eleitas dos países bálticos e do Cáucaso, mas, mesmo assim, animou o

presidente soviético e seus assessores. Em 28 de março, mandou tropas a Moscou para impedir manifestações de apoio a Bóris Iéltzin. Naquela data, parlamentares linha-dura orquestrariam uma votação que afastasse Iéltzin da presidência do parlamento russo. A tentativa fracassou. Em Moscou, houve manifestações apesar da proibição governamental. Não foram usadas tropas para dispersá-las. Embora não hesitassem em atirar em cidadãos não russos e não eslavos nos países bálticos e no Cáucaso, as unidades da elite russa e eslava estavam menos inclinadas a disparar em camaradas eslavos. Ademais, Gorbatchov se opunha à perspectiva de um banho de sangue em larga escala. Ordenou que as tropas voltassem aos quartéis – uma medida bem-vinda pela oposição democrática (Iéltzin cessou por algum tempo seus ataques diretos ao presidente), mas condenada pelas linhas-duras do partido. Gorbatchov os enganara novamente recusando-se a ir até o fim. Em sua opinião, ele agora era um obstáculo a ser removido.

No aparato do partido, muitos tentaram se livrar do líder partidário que se descaminhara. Ao contrário de Iéltzin, Gorbatchov achava inconcebível sair do partido por livre e espontânea vontade, não só por causa de sua frequentemente declarada adesão aos ideais socialistas e crença em sua capacidade de reformar o partido, como por questões táticas: não queria que a máquina partidária, que ainda tinha um poder enorme no país, se voltasse contra ele. Alguns dias antes que Iéltzin saísse do partido, Tcherniaiev havia registrado em seu diário uma conversa que tivera com Gorbatchov: “Eles só se preocupam com seus interesses. Não precisam de nada, só do poder”, dissera Gorbatchov, aludindo aos secretários do partido com os quais se encontrara naquele dia. “Praguejou, usando palavras”, prosseguiu Tcherniaiev. “Eu lhe disse: ‘Abandone-os. Você é o presidente; veja que tipo de partido é esse; aliás, você continua sendo o refém, o bode expiatório dele.’” Gorbatchov não se deixou convencer. “Você acha que não sei disso? Sei, sim”, respondeu. “Mas não posso soltar a coleira desse cão sarnento. Se eu o fizer, a máquina inteira despenca em cima de mim.”⁵⁶

O momento decisivo seria uma reunião do comitê central marcada para 24 de abril de 1991. Os comitês partidários espalhados por todo o país exigiam a renúncia de Gorbatchov do posto de secretário-geral do partido, mas ele, uma vez mais, mostrou-se mais hábil que os adversários. Os participantes da reunião ficaram surpresos ao saberem pelos jornais matutinos que, no dia anterior, Gorbatchov havia entrado em acordo com seu archi-inimigo Bóris Iéltzin e com os líderes das repúblicas, que pressionavam por mais soberania. Numa reunião em sua *datcha* em Novo-Ogarevo, eles concordaram em elaborar o texto de um

novo tratado de união.

Gorbatchov finalmente havia encontrado uma alternativa para o estado de emergência: em vez de retornar ao *status quo* e depender de força para restaurar o poder do centro, optou por avançar e buscar uma fórmula para equilibrar os interesses do centro com os objetivos das repúblicas. Tal expediente o livraria dos ditames dos líderes do partido e dos linhas-duras de seu *entourage*. Em 24 de abril, reagindo a uma crítica brutal aos seus atos na reunião do comitê central, ele se declarou disposto a renunciar. Os líderes partidários recuaram, pois, sem Gorbatchov, o partido estaria perdido. No momento, ele era a única proteção contra Iéltzin e seu *entourage* democrático. A tentativa de golpe dentro do partido tinha fracassado, e Gorbatchov sobrevivia, mas os linhas-duras não desistiram.⁵⁷

Em junho de 1991, Iéltzin chegou à Presidência da Rússia com a promessa de aumentar a soberania do país. No juramento que prestou ao tomar posse em 10 de julho, comprometeu-se a defender essa soberania. O império estava ruindo. Os “construtores da nação”, como Roman Szporluk, historiador de Harvard, denominou os partidários da autoafirmação russa, estavam vencendo a luta contra os “salvadores do império”. No dia da eleição presidencial, o assessor de Gorbatchov Anatoly Tcherniaiev registrou em seu diário: “M[ikhail] S[ergueievitch] mostrou-se menos perspicaz que Iéltzin com seu instinto animal. M. S. temia que o povo russo nunca o perdoasse por renunciar ao império, mas resulta que o povo russo não dava a mínima para o império.” Tcherniaiev percebeu a inutilidade de qualquer projeto imperial sem a Rússia. “Afinal, não haverá nada sem a Rússia”, escreveu em seu diário. “Não haverá nenhuma União. E, em termos reais, o presidente só pode confiar nisso, e de modo algum no Turcomenistão e em Nazarbayev!”⁵⁸

Gorbatchov teve de aceitar o resultado da eleição presidencial na Rússia: seu ex-protégido, agora oponente, passava a ser o primeiro presidente da Federação Russa com um mandato popular de que o próprio Gorbatchov carecia. Ele tinha sido eleito presidente da União Soviética com os votos de membros do parlamento soviético. Agora era obrigado a tratar com Iéltzin.

Na véspera da visita do presidente Bush a Moscou, Gorbatchov, Iéltzin e Nursultan Nazarbayev, o líder do Cazaquistão, finalmente se entenderam quanto às condições do novo tratado de união. Foi uma vitória importante para as repúblicas. Elas seriam declaradas as únicas proprietárias dos recursos naturais de seu território e reservariam para si o direito de decidir que contribuição fariam ao orçamento da União. Ao governo desta cabia manter o controle da

segurança militar e nacional, mas não mais reger a política externa, que seria decidida em consulta com as repúblicas. Gorbatchov, Iéltzin e Nazarbayev também chegaram a um acordo sobre mudanças no governo, concluindo que os linhas-duras trazidos por Gorbatchov iriam embora e que Nazarbayev formaria e chefiaria um novo gabinete. O novo tratado seria assinado em 20 de agosto de 1991.⁵⁹

Bóris Iéltzin, que havia constrangido Gorbatchov em seu próprio partido e na recepção oferecida por Bush na Casa Spaso, não era apenas o líder popularmente eleito da maior república da União, como também estava prestes a assumir o controle da maior parte dos recursos da União em petróleo e gás. A situação do cofre da União e, possivelmente, os vencimentos do próprio Mikhail Gorbatchov dependeriam de sua boa vontade. Por mais que o comportamento insólito de Iéltzin o constrangesse e incomodasse, a Gorbatchov não restava outra opção senão tolerá-lo. O mesmo parecia valer para o presidente dos Estados Unidos. O presente preparado pela equipe de Bush para Iéltzin – uma taça de prata da Tiffany & Co. de 490 dólares – era mais caro que os presentes dados a outros membros da liderança soviética, inclusive Gorbatchov, que ganhou um exemplar da primeira edição americana de *Anna Karénina*, de Liev Tolstói, que figurava na lista de presentes sem preço. A Casa Branca ainda apostava todas as suas fichas geopolíticas em Gorbatchov. Seu presente não tinha preço.⁶⁰

O presidente Bush conheceu Iéltzin por ocasião da primeira visita deste aos Estados Unidos em setembro de 1989. Durante essa viagem, o então deputado do parlamento soviético visitou onze cidades, deu numerosas aulas em universidades americanas, apareceu no programa de televisão *Good Morning America*, visitou o centro espacial Lyndon Johnson e a organização Mayo Clinic e esteve com empresários e políticos de diversos estados, inclusive do Texas e da Flórida. Ele considerou a viagem como a realização de um sonho de toda a vida. Depois de contornar duas vezes a Estátua da Liberdade em um helicóptero, disse a um acompanhante que se tornara “duplamente livre”. Tampouco escondeu seus sentimentos em público. Pelo contrário, estava ansioso por superar Gorbatchov e usar seu charme para afastar dele o público americano.

“Todas as minhas impressões do capitalismo, dos Estados Unidos e dos americanos, que foram incutidas em mim ao longo dos anos, inclusive pela *Breve história do Partido Comunista*, mudaram completamente no dia e meio que passei aqui”, disse ele à imprensa. Sua impressão mais forte, como acontecia com quase todos os cidadãos soviéticos que visitavam os Estados Unidos pela

primeira vez, ocorreu num supermercado. A abundância e a diversidade de produtos encontrados num estabelecimento de Houston contrastavam nitidamente com as prateleiras vazias vistas nas lojas soviéticas. Foi durante essa viagem, segundo um de seus assessores, que “se evaporou” a última gota da consciência bolchevique de Iéltzin”.⁶¹

Essa viagem aos Estados Unidos incluiu uma breve visita à Casa Branca e um encontro com George Bush. A visita deixou um ranço entre os assessores presidenciais que haviam organizado o encontro. Mesmo que Bush quisesse conversar com Iéltzin e conhecer sua opinião sobre os desdobramentos na União Soviética, queria fazê-lo sem ofender Gorbatchov, que, no outono de 1989, considerava Iéltzin como um arqui-inimigo. Iéltzin foi convidado à Casa Branca, mas teve um encontro oficial com Brent Scowcroft, não com o presidente, e isso criou problemas. “Disseram-lhe”, recordou Robert M. Gates, futuro chefe da CIA e secretário de Defesa, que então estava na função de conselheiro substituto de segurança nacional, “que ele provavelmente conversaria com o presidente, mas, como queríamos uma visita o mais discreta possível, não lhe demos garantias absolutas”. Quando Condoleezza Rice, a especialista em União Soviética que compunha o quadro do Conselho de Segurança Nacional, levou Iéltzin à Casa Branca pela entrada do subsolo da Ala Oeste, ele perguntou se aquela era a entrada usada pelos visitantes do presidente e se recusou a seguir adiante a menos que lhe garantissem que seria recebido por Bush. Rice lhe respondeu que se ele não quisesse falar com Scowcroft, podia sair da Casa Branca e voltar ao hotel.

Iéltzin finalmente desistiu de suas objeções e aceitou ver Scowcroft, a quem apresentou sua visão sobre como os Estados Unidos podiam ajudar a economia soviética. Scowcroft não estava interessado e, segundo Gates, quase caiu no sono. Tudo mudou quando Bush apareceu no gabinete. “Iéltzin se transformou como um camaleão”, lembrou Gates. “Ganhou vida, tornou-se entusiástico e interessado. Evidentemente, em sua opinião, havia chegado uma pessoa com quem valia a pena conversar: uma pessoa poderosa.” Bush confirmou seu apoio a Gorbatchov, mas Iéltzin tinha conseguido seu encontro com o presidente dos Estados Unidos. Assim que saiu da Casa Branca, aproximou-se dos repórteres que aguardavam nos jardins e fez para o mundo um relato de seu encontro. “Não foi o final silencioso e tranquilo que esperávamos”, lembrou Scowcroft, “mas não chegou a prejudicar”.⁶²

Bóris Iéltzin deixou Bush com uma boa impressão, mas Scowcroft achou o futuro presidente da Rússia desonesto e, a julgar por suas memórias, nunca

perdeu essa impressão. Os defensores de Iéltzin no governo, inclusive Rice e Gates, ficaram horrorizados com sua grosseria e seu comportamento imprevisível. Recordando a visita, Gates escreveu em suas memórias: “Aparentemente, ele bebia demais, justificou-se muito mal num discurso na Universidade Johns Hopkins e, em geral, foi mal educado.” Não obstante, as pessoas em torno de Bush puderam notar a mudança no poder em Moscou na primavera de 1990, após as primeiras eleições semilivres para os parlamentos republicanos. Embora Gorbatchov fosse a escolha dos políticos e do público ocidental, era impossível negar que o volúvel Iéltzin estava em ascensão.

Em junho de 1990, uma semana depois da eleição de Iéltzin para a presidência do parlamento russo, Gates enviou um memorando a George Bush dizendo que Iéltzin “mostrou-se notavelmente hábil no uso das novas regras do sistema para reemergir como líder político. Ele parece ser um político efetivo e popular, ainda que errático”. Gates recomendou evitar qualquer comentário negativo acerca de Iéltzin: “É possível que um dia tenhamos de sentar à mesa diante dele.” Bush concordou. A segunda visita de Iéltzin aos Estados Unidos aconteceu em junho de 1991, pouco depois de eleito presidente da Rússia, e foi um sucesso enorme que melhorou seu status junto ao governo americano. Bush e Iéltzin telefonaram para Gorbatchov, em Moscou, alertando-o sobre uma possível tentativa de golpe por parte dos linhas-duras, informação que chegara por intermédio de canais diplomáticos americanos a partir de um aliado de Iéltzin em Moscou. Agora, as relações de Iéltzin com o governo Bush, que haviam começado com uma gafe no outono de 1989, entravam nos eixos, ou assim pareceu durante algum tempo.⁶³

Em visita oficial a Moscou em julho de 1991, Bush incluiu em sua agenda um encontro com o presidente russo no fim da manhã do dia 30. Gorbatchov, que não queria que Bush se reunisse com Iéltzin sem sua presença, convidou Iéltzin e Nazarbayev para um almoço com o presidente americano. Os assessores de Bush e Gorbatchov também foram convidados ao evento, mas o encontro com o presidente americano, que Iéltzin e Nazarbayev tanto desejavam, ocorreria sob o controle e a supervisão de Gorbatchov. Nazarbayev aceitou e aproveitou a oportunidade para fazer lobby junto ao presidente dos Estados Unidos por investimentos no setor de recursos naturais no Cazaquistão, mas Iéltzin se recusou a desempenhar o papel a ele atribuído pelo líder soviético e participar do que chamou de “audiência anônima em massa”. Em vez de ir ao almoço, convidou Bush a visitá-lo em seu novo gabinete no Kremlin. Bush aceitou o convite.⁶⁴

O encontro entre Bush e Iéltzin durou aproximadamente quarenta minutos e

destinou-se em grande parte aos problemas encontrados no novo tratado de união proposto por Gorbatchov e apoiado por Iéltzin. A reunião foi como um sinal do status especial conferido a Iéltzin pela Casa Branca. A julgar pelos pontos de discussão de Bush, sua principal missão era garantir ao presidente russo o apoio americano à política de reforma, tanto sua quanto de Gorbatchov, e, ao mesmo tempo, evitar qualquer possível iniciativa por parte dele no sentido de abrir uma representação russa nos Estados Unidos ou assinar um acordo oficial de cooperação. “Como o senhor sabe, não podemos estabelecer relações diplomáticas com sua república, a qual reconhecemos como parte constituinte da União Soviética”, disselhe Bush. O presidente americano se ateu a essa fala durante a reunião. Quando Iéltzin lhe perguntou “O senhor apoia minha ideia de formalizar os princípios fundamentais de nossa relação?”, Bush reagiu não muito diplomaticamente: “Que relação? O senhor se refere à relação dos Estados Unidos com a Rússia ou à sua relação com o centro? Não entendi bem a pergunta.” O secretário de Estado James Baker, que estava presente, “traduziu” a resposta de Bush a um decepcionado Iéltzin: “Presidente Iéltzin, a resposta dependerá do que disser o tratado de união sobre a autoridade das repúblicas para entrar em acordo com outros países. Nós teremos de ver esse novo tratado.”⁶⁵

Se, ao convidar Bush para visitá-lo em seu novo gabinete no Kremlin, Iéltzin procurava erigir sua imagem como um líder mundial independente aos olhos de seu público interno, certamente conseguiu. Se queria irritar Gorbatchov, também conseguiu. Em suas memórias, Gorbatchov relembrou o episódio com amargura. Porém, se Iéltzin queria melhorar suas relações com o presidente americano, fracassou completamente. Bush ficou furioso com seu atraso de quase dez minutos. “Quanto tempo teremos de esperar por Sua Alteza?”, queixou-se Scowcroft. A visita de cortesia inicialmente planejada para durar quinze minutos estendeu-se para quarenta minutos, com Iéltzin a repetir os comentários que fizera a Bush durante seu encontro privado para um grupo de assessores russos e americanos que depois foram ter com os dois presidentes. Então, Iéltzin apareceu com outra surpresa ao tentar improvisar uma coletiva de imprensa com jornalistas levados ao Kremlin sem o consentimento de Bush, dizendo a eles que as duas partes já haviam preparado um esboço do acordo de cooperação russo-americana, pelo que ele agradecia ao presidente Bush. O americano teve de engolir, mas, quando o presidente russo se preparava para responder às perguntas dos jornalistas, explicou-lhe que já estava atrasado e precisava ir embora. Ao entrar no carro, disse a Scowcroft que tinha sido emboscado pelo

“fanfarrão” Iéltzin.⁶⁶

O que aconteceu na cúpula de Moscou lembrou Bush e Scowcroft do político errático que eles haviam conhecido em setembro de 1989. No entanto, por mais grosseiro, infantil e imprevisível que fosse o comportamento de Iéltzin, o presidente americano estava encontrando cada vez mais pontos em comum com ele, e não com Gorbatchov. No verão de 1991, uma das questões mais importantes na agenda soviética de Bush era a independência das repúblicas bálticas da Estônia, da Letônia e da Lituânia, uma causa apoiada por muitos membros do Senado e do Congresso estadunidenses. Bush estava empurrando Gorbatchov discretamente para o reconhecimento da independência da Lituânia e da Letônia, declarada em 1990. Se Gorbatchov estava indeciso, Iéltzin não estava. Em nome da Rússia, ele condenara as ações do centro durante a tomada de medidas enérgicas no começo de 1991 e apoiara o desejo báltico de independência. Agora, ao lado de Bush, reafirmou seu apoio àquela causa, dizendo aos repórteres, que havia reunido sem o consentimento do convidado, que a Rússia e os Estados Unidos tinham uma posição comum no tocante às repúblicas bálticas: as três deviam ser autorizadas a sair da União. Essa era uma posição que Gorbatchov não se atrevia a tomar.⁶⁷

No dia seguinte, George Bush partiria de Moscou tão preocupado com a ameaça a Gorbatchov por parte de seus próprios militares quanto com os desafios apresentados pelos líderes republicanos. Iéltzin era o mais explícito entre eles, mas não era o único que queria um centro mais fraco e mais liberdade para sua pátria.

³⁹ TALBOTT, Strobe. “Mikhail Gorbachev and George Bush: The Summit Goodfellas”. *Time*, 5 de agosto de 1991.

FEIN, Esther B. “At Big Moment, Little Earpiece Fails”. *New York Times*, 1º de agosto de 1991.

⁴⁰ BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 514-515.

“Toasts at a Dinner Hosted by President Bush in Moscow”, 31 de julho de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3256&year=1991&month=7.

⁴¹ BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 510-514.

PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 305-306. “Dmitriy Timofeyevich Iazov”, 30 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991. Biblioteca Presidencial George Bush, Viagem do presidente Bush a Moscou e Kiev.

- 42 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 624-625.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 300-301.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 413.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 512.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 564.
- 43 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 624-625.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 300-301.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 413.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 512.
SEIB, Jerry Seib. "Pool Report N. 11. Bush, Gorbachev - and Yeltsin - Go to Dinner", 30 de julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional, Arquivos Nicholas R. Burns, Cúpula de Moscou, Comunicados de Imprensa, Resumos, Comentários, nº 2.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 564.
- 44 Sobre as biografias de Iéltzin, ver COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, e ARON, Leon. *Yeltsin: A Revolutionary Life*. Nova York: St. Martins Press, 2000. Cf. YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994.
- 45 "Boris Nikolaevitch Yeltsin", 30 de julho a 1º de agosto de 1991. Arquivos da Biblioteca Presidencial George Bush. Viagem do Presidente Bush a Moscou e Kiev.
- 46 COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, pp. 183-184.
AVEN, Petr; KOHK, Alfred. "El'tsin sluzhil nam!". Entrevista com Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 47 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 862-863, 968.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 601-602.
- 48 SHENIN, Oleg. "Ot partii zhdut énergichnykh deistvii", 24 de janeiro de 1991. Rascunho do discurso em encontro de secretários de comitês republicanos, regionais e de *oblasts*. Arquivo Nacional Russo de História Contemporânea. Fundo 89, Conjunto 23, nº 2, pp. 25-26.
- 49 "TsK KPSS. Ob obstanovke v partiinoi organizatsii sovetskikh uchrezhdenii v g. Zheneva (Shveitsarii)". Arquivo Nacional Russo de História Contemporânea. Fundo 89, Conjunto 20, nº 23, pp. 1-6.
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Economic Survey of Europe*, nº 3, p. 125, 2003.
- 50 BEISSINGER, Mark R. *Nationalist Mobilization and the Collapse of the Soviet State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 147-199.

- 51 Apud WALKER, Edward W. *Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2003, p. 88.
- 52 *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 150-155.
LIKHACHEV, Yegor. *Inside Gorbachev's Kremlin*. Nova York: Westview Press, 1996.
BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
BROWN, Archie. *Seven Years That Changed the World: Perestroika in Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- 53 *V Politburo TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991)*. Moscou, 2000, pp. 499, 529.
BEISSINGER, Mark R. *Nationalist Mobilization and the Collapse of the Soviet State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 405.
- 54 SZPORLUK, Roman. "Dilemmas of Russian Nationalism". In: *Russia, Ukraine and the Breakup of the Soviet Union*. Stanford, Califórnia: Hoover Institution Press, 2000, pp. 183-228.
BEISSINGER, Mark R. *Nationalist Mobilization and the Collapse of the Soviet State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 390-396, 401-416.
WALKER, Edward W. *Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2003, pp. 78-81.
- 55 Eduard Shevardnadze to James Baker, 20 de janeiro de 1991. Documentos James A. Baker, Caixa 102, Pasta 35.
- 56 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 862-863.
- 57 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 326-347, 569-607.
WALKER, Edward W. *Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2003, pp. 55-136.
- 58 SZPORLUK, Roman. "Dilemmas of Russian Nationalism". In: *Russia, Ukraine and the Breakup of the Soviet Union*. Stanford, Califórnia: Hoover Institution Press, 2000, pp. 188-198.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 947, 961.
BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995.
- 59 *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 268-283.
- 60 "President. USSR. Designated Gifts", 30 de julho a 1º de agosto de 1991. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento da Primeira Dama, Série Ann Brock, Cúpula de Moscou (29 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991).
- 61 COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, pp. 171-173.
YELTSIN, Boris. "Quotation of the Day". *New York Times*, 11 de setembro de 1989.

- 62 GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, pp. 478-479.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 141-143.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 103-104.
- 63 GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 503.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 142-143.
COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, p. 172.
- 64 "Luncheon with President Mikhail Gorbachev of the USSR", 30 de julho de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30-Gorbachev%20\[2\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30-Gorbachev%20[2].pdf).
- 65 "Memorandum of Conversation. Meeting with Boris Yeltsin, President of the Republic of Russia", 30 de julho de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-07-30--Yeltsin.pdf.
"The White House Office of the Press Secretary. Remarks of President Bush and President Yeltsin in Press Availability", 30 de julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed A. Hewett, Reuniões POTUS (março de 1991 a julho de 1991), Cúpula de Moscou, julho de 1991, nº 1.
- 66 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 412-413.
"Points to Be Made for Meeting with President Yeltsin". Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Viagem a Moscou e Kiev, Reuniões do Presidente, 27 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991, nº 1.
ALIMOV, G. "Ukaz o departizatsii nachnet deistvovat' s 4 avgusta. Bush-Yeltsin-Gorbachev". *Argumenty i fakty*, nº 30, p. 7, 30 de agosto de 1991.
LEE, Jessica. "Pool Report nº 10. President Bush Visits Boris Yeltsin and Stops at Tsereteli Studio", 30 de julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Cúpula de Moscou, Comunicados de Imprensa, Resumos, Comentários, nº 2.
- 67 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 509.
ALIMOV, G. "Ukaz o departizatsii nachnet deistvovat' s 4 avgusta. Bush-Yeltsin-Gorbachev". *Argumenty i fakty*, nº 30, p. 7, 30 de agosto de 1991.

CAPÍTULO 3

Frango à Kiev

POUCO ANTES DO meio-dia de 1º de agosto de 1991, o *Air Force One* de George Bush decolou no Aeroporto Internacional de Sheremetievo, nas proximidades de Moscou, rumando para Kiev, a capital da Ucrânia e o terceiro maior centro urbano da União Soviética. No começo de 1991, aproximadamente quarenta ogivas atômicas americanas estavam apontadas para essa cidade. Em caso de conflito nuclear, múltiplas explosões a reduziram a escombros, matando todos os seus habitantes, que chegavam a mais de 2 milhões. A assinatura do acordo START significava que, na eventualidade de uma guerra, a cidade seria alvo de menos explosões atômicas, de modo que alguns habitantes teriam uma chance real de sobreviver. Porém, o objetivo da visita de Bush não era dar essa boa notícia. Seu recado era de outra natureza.⁶⁸

A visita seria apenas uma escala de cinco horas, mas o número de horas não importava, e sim o fato de Bush acreditar que as negociações em Moscou não bastavam e que também era preciso ir às repúblicas e conversar com suas lideranças. Isso era novidade na história das relações soviético-americanas e sinal das rápidas mudanças na situação política da União Soviética. A Casa Branca queria mostrar sua disposição para trabalhar com as repúblicas e, ao mesmo tempo, alertar os líderes contra o uso da violência para atingir seus objetivos. Na época, ninguém no governo Bush seria capaz de prever a rápida desintegração da União Soviética ou prognosticar o papel decisivo da Ucrânia nesse processo alguns meses depois. Kiev foi escolhida como lugar onde anunciar a nova política americana para as repúblicas soviéticas porque sua liderança máxima não era a favor da independência completa. Na Ucrânia, as forças anti-Moscou eram vigorosas, mas não violentas, e suas plateias receberiam bem a nova mensagem de Washington.

Contudo, Gorbatchov não ficou nada contente com a visita do presidente americano à Ucrânia, a segunda república soviética mais populosa, cuja liderança relutava firmemente em assinar o novo tratado de união que ele vinha promovendo agressivamente desde abril. Ao contrário de Bush, Gorbatchov

entendia perfeitamente a importância do país para o futuro da União e receava que a visita do norte-americano estimulasse as forças anti-União. Ele se empenhara em obstruir a visita. Num segunda-feira, 21 de julho, pouco mais de uma semana antes da chegada de Bush a Moscou, o embaixador americano Jack Matlock recebeu um inesperado telefonema de Ed Hewett, o consultor especial para assuntos soviéticos do presidente dos Estados Unidos. Um encarregado de negócios soviético estivera no gabinete de Hewett, na Casa Branca, para dar-lhe um recado urgente vindo do Kremlin, que queria o cancelamento da viagem à Ucrânia. Matlock ficou atônito com a solicitação. Os soviéticos alegavam tensões não especificadas, mas Kiev parecia calma. Ademais, os preparativos da visita, que Matlock havia iniciado após a aprovação do Ministério das Relações Exteriores soviético, já estavam em andamento e envolviam não só os americanos como seus homólogos ucranianos. Cancelar a visita àquela altura seria um grande constrangimento para o lado estadunidense.

O pedido soviético surpreendeu Bush. A notícia chegou quando ele estava a bordo do *Air Force One*, a caminho da Turquia. Junto com Brent Scowcroft, o presidente rascunhou uma resposta dizendo que, se os soviéticos quisessem, a visita seria cancelada, mas, considerando o estado avançado dos preparativos e o envolvimento da parte ucraniana, Moscou se responsabilizaria pelo cancelamento. Matlock telefonou para o Departamento de Estado, usando uma linha aberta, e, sabendo que a KGB provavelmente estava na escuta, descreveu as possíveis consequências negativas do cancelamento, mas não para Washington, e sim para Moscou e suas relações com a Ucrânia. No dia seguinte, repetiu a mesma mensagem para o ministro soviético das Relações Exteriores, Alexander Bessmertnykh. Alarmado, o ministro entrou em contato com Gorbatchov, que teria dito: “Esqueça. Diga aos americanos que não se preocupem e que sigam adiante com seus planos. Se o presidente quer ir a Kiev, tenho certeza de que será bem recebido.” A crise foi resolvida. Gorbatchov teve de aceitar as novas regras do jogo.⁶⁹

No encontro com Gorbatchov em 30 de julho, Bush tentou convencê-lo de que nada tinha a temer quanto à sua iminente visita a Kiev. “Quero garantir que, durante minha viagem a Kiev, nem eu nem meus acompanhantes faremos qualquer coisa que venha a complicar os problemas existentes ou interferir na questão da assinatura ucraniana do tratado de união”, disse Bush. Gorbatchov deu a entender a razão de sua preocupação: “Quanto à Ucrânia, talvez tenha pesado o fato de que se soube que, não muito antes de sua visita, a Fundação Heritage preparou um relatório recomendando ao presidente usar a visita à

Ucrânia para estimular atitudes separatistas, já que isso seria estrategicamente importante.” Bush negou ter conhecimento da situação: “Não sei desse relatório, mas espero que o senhor esteja informado de que enfatizei a necessidade de extremo cuidado na preparação do itinerário da visita. Eu estaria disposto a não visitar Kiev, e sim Leningrado, por exemplo. Gostaria muito de visitar uma das suas cidades, mas não tenho intenção de apoiar o separatismo sob circunstância alguma. Kiev só foi incluída no itinerário da visita quando seu ministro das Relações Exteriores informou-nos que isso era perfeitamente aceitável para o senhor.”⁷⁰

Se dependesse de Gorbatchov, Bush não visitaria Kiev. Bóris Iéltzin também compartilhava a posição de Gorbatchov no que dizia respeito à Ucrânia. Ambos acreditavam que não se podia permitir que a segunda maior república soviética conquistasse a independência. Se Gorbatchov, em suas conversas com Bush, aventava a possibilidade de conflito ou mesmo guerra civil envolvendo a Ucrânia e outras repúblicas, Iéltzin se mostrava mais calmo, mas não menos determinado. “A Ucrânia não pode sair da União”, disse ele ao presidente americano durante o encontro em seu gabinete no Kremlin. Sem a Ucrânia, argumentou ele, a União Soviética seria dominada pelas repúblicas não eslavas. Esse “apego” à Ucrânia refletia a atitude da população russa em geral. Segundo uma pesquisa patrocinada pela Agência de Informação dos Estados Unidos em fevereiro e março de 1991, somente 22 por cento dos russos eram favoráveis à independência da Ucrânia, ao passo que quase 60 por cento se opunham a ela. Já a atitude do povo russo para com os países bálticos era surpreendentemente diferente: 41 por cento dos entrevistados eram a favor da independência da Lituânia e 40 por cento, contra.⁷¹

No final de junho de 1991, a CIA preparou uma avaliação de inteligência para o presidente e seus assessores, expondo os possíveis desdobramentos na União Soviética. Apenas um cenário, de fragmentação violenta, incluía a possibilidade de uma independência ucraniana. Outras duas opções eram “continuar se arranjando de algum modo” ou um golpe por parte dos linhas-duras, mantendo a União Soviética intacta. Uma última opção, denominada “Mudança de Sistema”, previa a independência dos países bálticos, das três repúblicas do norte do Cáucaso e da Moldávia, com a Ucrânia ingressando numa união centro-asiática eslava dominada pela Rússia. Iéltzin queria que a Ucrânia fizesse parte dessa união enquanto Gorbatchov receava a “fragmentação violenta”. Parecia que a CIA, Gorbatchov e Iéltzin estavam em pleno acordo numa coisa: se os Estados Unidos quisessem uma transformação pacífica do regime soviético, que com os

acordos START se dispusera a cortar seus arsenais nucleares, convinha assegurar que a Ucrânia continuasse na União.⁷²

Durante suas conversas com Gorbatchov em Novo-Ogarevo, Bush foi alertado para a importância da questão da nacionalidade soviética. O monólogo de Gorbatchov sobre o futuro da ordem mundial soviético-americana foi interrompido por uma mensagem que chegara para Bush. Nicholas Burns, um membro da equipe do Conselho de Segurança Nacional e contato da Casa Branca com os americanos-bálticos, tinha recebido um telefonema de um de seus conhecidos bálticos com a notícia de que atiradores não identificados haviam atacado um posto aduaneiro recém-estabelecido na fronteira lituana com Belarus, executando seis funcionários lituanos. Burns passou a notícia para o presidente Bush e sua equipe em Novo-Ogarevo. Gorbatchov sentiu-se ao mesmo tempo humilhado e enfurecido e, segundo Bush, empalideceu visivelmente. O presidente americano tinha sido informado sobre um tiroteio em território soviético antes que o próprio chefe do Executivo do país soubesse! Gorbatchov mandou assessores averiguarem a situação. A embaixada dos Estados Unidos acreditava que se tratava de obra da OMON, uma unidade especial das forças do Ministério do Interior soviético. Os americanos desconfiavam de que os linhas-duras haviam providenciado o incidente para constranger Gorbatchov. Sendo esse o caso, haviam atingido seu objetivo. A apresentação de sua visão de uma nova ordem mundial foi interrompida. “Uma sombra caiu sobre a reunião”, recordou Bush. “Nós retomamos as discussões, mas o entusiasmo havia desaparecido.”

Para Gorbatchov, os trágicos acontecimentos na Lituânia deram uma nova urgência ao problema da autodeterminação, evocando o espectro da guerra civil na União Soviética. Ele aproveitou a ocasião para deslocar a discussão para problemas de autodeterminação nacional e solicitou ajuda americana em relação à política soviética na Iugoslávia, onde queria evitar a desintegração de outro Estado eslávico-muçulmano. Gorbatchov também queria apoio no tocante às repúblicas soviéticas. “Há um número enorme de problemas internacionais e interétnicos reais e imaginários”, disse Bush a Gorbatchov. “Trinchar estados ao longo dessas linhas significa provocar um caos extremo. Se eu comesse a listar os problemas territoriais potenciais, não teria dedos suficientes, não só nas minhas mãos, mas nas mãos de todos aqui. Por exemplo, setenta por cento das fronteiras entre as repúblicas soviéticas não foram traçadas definitivamente. Ninguém se importava com isso antes, e tudo era decidido pragmaticamente, quase sempre no nível distrital soviético.” Se a notícia das execuções na recém-

estabelecida fronteira lituana constrangeu Gorbatchov perante Bush, também legitimou seus temores com relação à possibilidade de um caos como o ocorrido na Iugoslávia. Em sua perspectiva, a notícia chegou no momento mais oportuno: a véspera da visita “não vigiada” de Bush à Ucrânia.⁷³

Em 1º de agosto de 1991, pouco depois das treze horas, os líderes da República Socialista Soviética Ucraniana se aglomeraram no aeroporto de Boryspil, próximo a Kiev, para receber seus convidados de honra. Era a segunda vez que um presidente americano visitava a cidade. A primeira ocasião tinha sido no final de maio de 1972, quando Richard Nixon, o antigo patrono de Bush, esteve na capital ucraniana após assinar o Tratado de Limites para Armas Estratégicas (SALT I) e o Tratado sobre Mísseis Antibalísticos com Leonid Brejnev. Nixon viajara de Moscou a Kiev num avião soviético que teve de ser trocado na última hora devido a problemas técnicos detectados em solo em Moscou. George Bush foi a Kiev no recém-fabricado *Air Force One*, um jato Boeing 747 que havia substituído o Boeing 707 usado pelos presidentes americanos de Nixon a Reagan. Em 1972, Nixon achara impressionante o interior do avião soviético que o levava a Kiev: como lembrou posteriormente, “em certos aspectos, era até mais impressionante que o nosso”.⁷⁴

Dessa vez, George Bush teve orgulho de mostrar ao vice-presidente soviético Gennady Yanayev o interior de seu avião novo, decorado no estilo *American Southwest* por sugestão de Nancy Reagan. Yanayev havia recebido os Bush em sua chegada a Moscou, e, a pedido de Gorbatchov, seguiu com o presidente estadunidense para Kiev. Alguns americanos acreditaram que a motivação de Gorbatchov foi enfatizar o pertencimento da Ucrânia à União Soviética, mas outros acharam que Yanayev tinha sido designado para vigiar o chefe de Estado americano. Quando o *Air Force One* decolou, Bush levou Yanayev para dar uma volta pelo avião, inclusive pelo centro de comando presidencial. Yanayev, que ele depois identificou como o mais alto funcionário soviético a viajar no *Air Force One*, reagiu com comentários educados. Mais tarde, o americano disse aos assessores que o vice-presidente soviético era um “sujeito amigável”, mas “não um peso pesado”.⁷⁵

Enquanto Bush entretinha o hóspede soviético no voo a Kiev, os membros de seu *staff* se envolveram num debate linguístico com importantes implicações políticas. Jack Matlock, a quem mostraram o texto do discurso que o presidente americano faria naquele dia no parlamento ucraniano, protestou junto a um dos redatores contra o uso do artigo definido antes de “Ucrânia”. O embaixador disse

ao seu interlocutor: “Omita o artigo e faça com que o presidente diga apenas ‘Ucrânia’. Os americanos-ucranianos acham que o artigo faz com que a palavra soe como uma região geográfica, e não como um país.” O autor do discurso protestou: “Mas nós dizemos ‘os Estados Unidos’, não?” Porém, a opinião de Matlock prevaleceu. Seu argumento não era linguístico, e sim político: “Se o presidente disser ‘a Ucrânia’, a Casa Branca receberá milhares de cartas e telegramas de protesto na semana que vem.”

Os Estados Unidos tinham cerca de 750 mil cidadãos de origem ucraniana. O Canadá tinha 1 milhão de cidadãos com a mesma origem. Não chegava a ser uma comunidade gigantesca pelos padrões norte-americanos, mas era organizada, politicamente ativa e persistente. Durante a Guerra Fria, as lideranças da diáspora americano-ucraniana tiveram êxito em incentivar seus seguidores a votarem no Partido Republicano. Bush sabia disso e, ao ouvir a argumentação política de Matlock, endossou-a. A eliminação do artigo apaziguaria os eleitores nos Estados Unidos sem magoar Gorbatchov, pois a língua russa não tem artigos definidos nem indefinidos. Atualmente, a versão do discurso disponível no site da Biblioteca Presidencial George Bush, na cidade de College Station, Texas, inclui algumas passagens em que o artigo definido antes de “Ucrânia” passou despercebido e não foi excluído do texto, sinal da confusão que reinou entre os assessores do presidente durante o voo a Kiev. Matlock também tentou eliminar passagens que manifestavam apoio a Gorbatchov e ao novo tratado de união, achando que seriam inconvenientes em Kiev, mas era tarde demais, pois o texto do discurso já tinha sido distribuído aos jornalistas.⁷⁶

“Em Kiev, capital da Ucrânia às margens do rio Dnieper, oitocentos quilômetros ao sul de Moscou, Bush verá uma face diferente da União Soviética”, dizia o relato avançado do material distribuído à imprensa americana. “A cidade é asseada e limpa, com largas avenidas orladas de árvores, e proporcionará à viagem um *finale* colorido e tocante.” O autor do relato gracejou, dizendo que o motivo real da visita presidencial a Kiev era lançar a campanha do vice-secretário de imprensa da Casa Branca, um ucraniano étnico chamado Roman Popadiuk, para a Presidência da Ucrânia. “Seu slogan de campanha será: não posso fazer nada por vocês”, brincou o autor do relato.

Kiev recebeu Bush não como a “mãe das cidades russas”, como havia dito Richard Nixon dezenove anos antes, mas como a capital de um Estado soberano, se não independente. No terminal, um cartaz dizia: “Mr. Bush, bem-vindo à Ucrânia!” Além dos hinos nacionais soviético e americano, a banda tocou o hino ucraniano. O grau de lealdade da Ucrânia a Moscou era uma questão em aberto.

Jack Matlock, que acompanhara Nixon em sua visita em 1972, reparou em outras diferenças. Dessa vez, os discursos foram feitos em inglês e em ucraniano, e não em inglês e em russo, como em 1972.^{zz}

Eram outros tempos. Nixon visitara Kiev dez dias depois que Brejnev substituiu Petro Chelest, chefe nacionalista do partido da Ucrânia, por seu leal Vladimir Chtcherbitsky. O protegido de Brejnev esmagou o reavivamento nacional em andamento na Ucrânia, transformando-a numa república soviética exemplar e num baluarte do domínio moscovita na União. Tal como Brejnev, natural da região ucraniana de Dnipropetrovsk, Chtcherbitsky era uma figura fundamental no clã de Dnipropetrovsk, um grupo leal a Brejnev que governou efetivamente a União Soviética até a morte de seu chefe, em novembro de 1982. Na Ucrânia, Vladimir formou uma pirâmide de funcionários do partido leais a ele, e Gorbatchov levou quatro longos anos para se tornar poderoso a ponto de afastá-lo do cargo no outono de 1989.

Desde a década de 1950, a elite ucraniana do partido não só governava sua república como se tornara uma parceira subalterna no governo da União Soviética. A “segunda república soviética”, como a Ucrânia ficou conhecida entre os cientistas políticos ocidentais, entrou num acordo informal de partilha do poder com seu homólogo russo na década de 1950, quando o *establishment* ucraniano ajudou a catapultar Nikita Krushev, que havia muito tempo ocupava o cargo de primeiro-secretário do Partido Comunista da Ucrânia, ao poder em Moscou. Considerando que os russos não tinham um partido comunista próprio e dirigiam em seu lugar o partido de toda a União, os quadros partidários ucranianos emergiram como o maior bloco votante nos congressos do partido em Moscou e usaram bem seu poder de voto. Krushev levou dezenas de apoiadores ucranianos a Moscou e os nomeou para cargos de poder. Talvez sua destituição no golpe do Kremlin em 1964 tenha até melhorado o status dos quadros ucranianos.

O substituto de Krushev na direção do partido foi Leonid Brejnev, um russo étnico da Ucrânia que se declarou de nacionalidade ucraniana na ficha de registro no partido na década de 1930. Nikolai Podgorny, outro natural da Ucrânia, tornou-se presidente do Soviete Supremo, o chefe formal de Estado soviético. O cargo de chefe de governo ficou com um russo étnico, Alexei Kosygin, mas, quando ele faleceu, no final da década de 1970, foi substituído por outro antigo funcionário ucraniano, Nikolai Tikhonov. O ministro de Assuntos Internos e dois vice-chefes da KGB eram membros do clã de Brejnev e produtos da máquina partidária ucraniana. O papel do clã de Dnipropetrovsk

devia prosseguir mesmo após a morte de Brejnev; o líder enfermo via Vladimir Chtcherbitsky como seu sucessor.

Porém, com o falecimento de Brejnev em 1982, a KGB, dirigida por Iuri Andropov, assumiu o controle do Kremlin. Andropov deu lugar de destaque a Gorbatchov, que, embora fosse parte ucraniano, não tinha vínculos com o aparato partidário na Ucrânia nem com os ucranianos da capital. Além disso, afastou Chtcherbitsky, tirando-lhe sua função na Ucrânia, e fechou o canal que levava funcionários ucranianos a Moscou e dava-lhes influência. Sem perspectiva de fazer carreira no centro e sob ataque em casa, a elite ucraniana do partido sentiu-se traída por Moscou. O trato que eles tinham com a União desde o tempo de Krushev – lealdade em troca de domínio ilimitado na Ucrânia e poder compartilhado no centro – já não estava em vigor, e não eram eles que o tinham revogado.

O ressentimento na elite do partido começara pouco depois da catástrofe nuclear de Chernobil em abril de 1986. A usina estava inteiramente sob controle de Moscou, mas foram as autoridades ucranianas que tiveram de enfrentar as consequências do desastre a longo prazo e cuidar dos reassentados das regiões contaminadas. Ademais, Moscou pressionou para que fosse realizada a parada de 1º de maio mesmo quando a nuvem radioativa atingiu Kiev. A elite do partido acreditava que Gorbatchov havia obrigado Chtcherbitsky a manter o desfile, ameaçando expulsá-lo do partido se não obedecesse. Chernobil desencadeou um movimento maciço de protestos contra as autoridades, e, mais uma vez, foi a elite partidária da Ucrânia que teve de administrar a situação. E, ainda por cima, o centro passou a incentivar os movimentos democráticos na república, coisa que solaparia ainda mais o poder das autoridades. A elite ucraniana do partido se sentiu traída, abandonada e encolerizada. O centro agora só lhes trazia problemas.⁷⁸

Em Kiev, George e Barbara Bush foram recebidos pelo presidente do parlamento ucraniano, Leonid Kravtchuk, de 57 anos. Um relatório do material distribuído à imprensa caracterizava Kravtchuk como um “sujeito grisalho, bronzeado, de aparência dinâmica, um pouco parecido com John Gotti, com um óbvio talento para política, talvez o Newt Gingrich da Ucrânia”. Apesar das comparações, os antecedentes de Kravtchuk não podiam ser mais diferentes das histórias de vida do notório chefe mafioso de Nova York ou do astro em ascensão do Partido Republicano. Ex—*apparatchik* do partido, no posto de presidente do parlamento pelo segundo ano, ele desempenhava um difícil papel de equilíbrio, mantendo uma fachada de lealdade ao centro ao mesmo tempo que

lutava agressivamente pelos interesses de sua terra nas relações com o debilitado Gorbatchov e os líderes republicanos cada vez mais poderosos. Kravtchuk também surgiu como a única figura capaz de reconciliar os interesses da máquina partidária da época de Chtcherbitsky com a agenda dos movimentos pró-independência e democráticos em ascensão na Ucrânia.⁷⁹

Membro da geração de Gorbatchov e Iéltzin, o líder ucraniano teve uma trajetória diferente deles. Nascido em 1934, na província ucraniana ocidental de Volhynia, então parte da Polônia governada por Joseph Pilsudski, Kravtchuk sentiu na própria pele a brutalidade da Segunda Guerra Mundial, que levou à sua região natal não só os exércitos inimigos alemão e soviético, como também o Holocausto, a limpeza étnica e a luta entre as guerrilhas ucranianas e nacionalistas polonesas. Seu pai morreu combatendo os alemães como soldado do Exército Vermelho, e o jovem Kravtchuk aprendeu cedo sobre técnicas de sobrevivência. Como recordou posteriormente, a filosofia de seu avô era não arriscar o pescoço.

Tendo presenciado a perseguição policial aos membros sobreviventes do movimento nacional ucraniano no fim da década de 1940 e começo da de 1950, Kravtchuk não precisou ouvir o discurso secreto de Krushev em 1956 para se inteirar do viés político do sistema Judiciário soviético na era do “culto à personalidade” de Stalin. Contudo, à semelhança de Gorbatchov e Iéltzin, cujos parentes haviam sido perseguidos durante o Grande Terror, ele aparentemente não teve a menor restrição em servir ao Partido Comunista. Após se formar em economia política pela Universidade de Kiev, fez uma carreira espetacular. Se Gorbatchov e Iéltzin eram chefes do partido encarregados de governar regiões enormes da União Soviética, Kravtchuk era um *apparatchik*, ou um burocrata do partido, por excelência.

Na década de 1980, o ex-súdito polonês galgou posições até chegar a chefe do aparato de propaganda do Partido Comunista na Ucrânia. Considerando que ele não provinha da região industrial da bacia dos Donets, na Ucrânia Oriental, nem pertencia ao clã de Dnipropetrovsk, aquele era provavelmente o cargo mais elevado a que podia aspirar durante o governo de Brejnev. Porém, com a *perestroika* e a *glasnost* de Gorbatchov, vieram as primeiras eleições semilivres e a necessidade de gente capaz de falar com as massas e de ter um desempenho respeitável nos debates com os adversários políticos. Kravtchuk revelou-se um mestre nesse ofício e foi promovido a secretário no comitê central ucraniano encarregado de ideologia quando Chtcherbitsky, que nunca confiou no gênio da propaganda de Volhynia, foi obrigado a se aposentar no outono de 1989.

No verão seguinte, Kravtchuk foi eleito presidente do parlamento ucraniano, substituindo Vladimir Ivashko, um mandachuva do partido que Gorbatchov convocara a Moscou para ser seu segundo no comando do aparato partidário numa tentativa de restaurar a combalida parceria russo-ucraniana no centro. Kravtchuk se viu à frente de um corpo legislativo em que mais ou menos um terço dos deputados advogava pela independência enquanto dois terços se inclinavam a aumentar sua autonomia dentro da União Soviética. “Como presidente do Soviete Supremo ucraniano”, dizia sua biografia no informe de Bush, “Kravtchuk precisa equilibrar cautelosamente as reivindicações da maioria comunista no Legislativo com os pedidos dos deputados de orientação independente”. De fato, ele conseguiu manobrar habilmente as duas facções, encontrando terreno comum numa linha que dotava de substância política e econômica a declaração de soberania ucraniana adotada pelo parlamento naquele verão. Escrevendo para o *Washington Post* sobre a visita de Bush a Kiev, David Remnick citou o que disse Kravtchuk sobre ver uma oportunidade de criar um Estado ucraniano puro-sangue e não pretender perdê-la.⁸⁰

Kravtchuk alegrou-se em dar as boas-vindas ao proeminente visitante em Kiev, muito embora a visita fosse uma surpresa para ele. Como lembrou posteriormente, Moscou não lhe havia permitido participar dos preparativos, e, no último instante, ele teve de interromper as férias para receber o presidente estadunidense, voando da Crimeia para o aeroporto de Boryspil – a imprensa reparou em seu bronzado – sem tempo sequer para entrar na cidade. Iniciou seu discurso dando as boas-vindas a George e Barbara Bush, referindo-se explicitamente ao “solo ucraniano”, e não à União Soviética, mas evitando qualquer alusão à Ucrânia como país ou república. Como os assessores do presidente que estavam preocupados com o uso do artigo definido antes de “Ucrânia”, Kravtchuk tinha lá seus enigmas linguísticos a resolver. Fazia um ano que a Ucrânia se tornara um Estado oficialmente soberano, mas não independente. Qual era a diferença? Ao que tudo indicava, só Gorbatchov sabia, e Kravtchuk fez o possível para igualar os dois vocábulos. “A nação americana conhece [muitíssimo] bem o preço da soberania genuína, e a Declaração da Independência foi a primeira a proclamar para o mundo inteiro os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade”, disse ele aos hóspedes americanos.

George Bush não parecia disposto a endossar a equação de Kravtchuk sobre soberania e independência e, horas depois, estabeleceria uma diferença entre liberdade e independência. Em sua resposta às saudações do presidente do parlamento, optou por iniciar sua fala com questões menos controversas.

Observou que a Ucrânia era a pátria ancestral (e usou a expressão “pátria mãe”, mais ao gosto soviético) de centenas de milhares de americanos. Citou o poeta ucraniano Taras Shevchenko e aplaudiu o retorno de líderes da Igreja Cristã outrora banidos por Moscou e o início do reavivamento espiritual de outros grupos religiosos. Ao falar das relações de Washington com as repúblicas, foi tão cauteloso quanto nas conversas com Iéltzin. “Queremos manter a relação oficial mais forte possível com o governo Gorbatchov”, declarou, “mas também entendemos a importância de vínculos mais amplos com a Ucrânia e as outras repúblicas, com todos os povos da União Soviética”. Aparentemente, conseguiu fazer sua primeira breve fala em solo ucraniano sem usar o pronome definido antes de “Ucrânia”.⁸¹

Do aeroporto, a caravana de Bush seguiu para o centro de Kiev. “Um grande número de pessoas se aglomerava na praça em frente ao terminal, com as bandeiras amarelas e azuis do movimento pela independência ucraniana”, escreveu Jack Matlock em suas memórias. “Milhares de ucranianos foram às ruas para acompanhar a caravana”, disse um relato do material distribuído à imprensa. “Muitos acenavam e quase todos mostravam simpatia por Bush; várias mulheres seguravam buquês de flores cultivadas em casa; algumas pessoas erguiam bebês; um homem ostentava um enorme pão e um saco de sal, em um gesto tradicional de boas-vindas.” Isso nada tinha de parecido com a modesta recepção pública que acolhera Bush em Moscou, onde o presidente americano foi hóspede do cada vez mais impopular Gorbatchov. Kiev diferiu não só no entusiasmo como na aparência. O assessor de Gorbatchov, Anatoly Tcherniaiev, que havia acompanhado seu chefe a um encontro com o chanceler alemão Helmut Kohl em Kiev, no começo de julho, registrou impressões positivas em seu diário: “Foi como se estivéssemos em uma grande cidade europeia ocidental, mais precisamente em uma cidade alemã: um ar do século XIX, avenidas, espaços verdes, arrumada, limpa, cuidada [...] e geralmente lotada. Em comparação com Moscou.”

O estado de espírito dos manifestantes de agosto era o mesmo visto em julho, quando Tcherniaiev reparou em slogans como “Kohl, sim! Gorbatchov, não!”. A multidão era profundamente anti-Gorbatchov. Os cartazes agitados pelos manifestantes deixavam seus sentimentos muito claros para quem se desse ao trabalho de lê-los. Alguns se dirigiam especificamente aos hóspedes americanos, com dizeres como “Moscou tem quinze colônias”; “O império do mal está acabando”; “Se é tão bom ser parte de um império, por que os americanos não quiseram ser?” e “Colombo abriu a América, Bush abre a Ucrânia”. George

Bush reagiu emocionalmente a essa recepção. No discurso perante o parlamento ucraniano, algumas horas depois, disse à plateia: “Todos os americanos nessa longa caravana – e, acreditem em mim, foi longa – ficaram comovidos e emocionados com a cordialidade da acolhida ucraniana. Nunca vamos esquecer.” É difícil dizer se o presidente e seu *entourage* entenderam que a cidade estava dando as boas-vindas a eles como aliados contra Moscou e Gorbatchov, e não como apoiadores das reformas de Gorbatchov ou de sua visão de uma união reformada.⁸²

As pessoas que foram às ruas para receber Bush eram partidárias da independência ucraniana, representavam os sentimentos dos habitantes de Kiev e de milhões de ucranianos fora da cidade e tinham sido lideradas por ativistas de uma organização política chamada Rukh, palavra ucraniana que significa “movimento”. A organização nascera no outono de 1989 como o Movimento do Povo da Ucrânia pela *Perestroika*. Moldada pelas frentes populares criadas nas repúblicas bálticas, inicialmente contou com o apoio de Gorbatchov, que viu nessa organização, criada por iniciativa de antigos dissidentes saídos da prisão por ordem sua e de líderes da *intelligentsia* ucraniana, um contrapeso à liderança conservadora do partido encabeçada por Vladimir Chtcherbitsky. Como recordou Kravtchuk, Chtcherbitsky detestava a palavra “*perestroika*”. Durante um encontro com kievenses, Gorbatchov os exortou a pressionar o aparato por um lado enquanto ele fazia o mesmo por outro, mas Chtcherbitsky se virou para seu *entourage* e apontou o dedo para a própria cabeça, dando a entender que a saúde mental de Gorbatchov não estava nada bem. Ele perguntou aos assessores: “De quem ele planeja receber apoio?”⁸³

Chtcherbitsky tinha razão. O apoio do movimento Rukh a Gorbatchov não durou muito. Se inicialmente seus fundadores professaram lealdade ao programa de reformas de Gorbatchov, em outubro de 1990, no segundo congresso da organização, eles tiraram a palavra “*perestroika*” do nome do movimento e declararam que seu principal objetivo era a independência da Ucrânia. A essa altura, o país já havia proclamado a soberania, autorizando o parlamento ucraniano a desconsiderar qualquer lei da União que conflitasse com a legislação em âmbito republicano. Mesmo assim, o aparato do partido, os serviços de segurança, as Forças Armadas e a maior parte da indústria do país continuavam recebendo ordens de Moscou. O Rukh desejava pôr fim a essa subordinação. Seus líderes também protestavam contra a perspectiva de participação da Ucrânia na união reformada preconizada por Gorbatchov. A visita de Bush a Kiev poderia dar apoio ao Rukh ou fortalecer seus adversários, dependendo da

posição que ele tomasse. O recado que os líderes do Rukh vinham recebendo a esse respeito não era nada positivo. Segundo os boatos, Bush visitaria Kiev para cumprir ordens de Gorbatchov.

Em 31 de julho, quando o presidente americano estava negociando com o presidente soviético em Moscou, a liderança do Rukh organizou uma coletiva de imprensa em Kiev dedicada à visita iminente. Entre os presentes, encontravam-se Ivan Drach, um poeta talentoso e chefe do Rukh, e Viacheslav Chornovil, um dissidente e durante muito tempo prisioneiro num gulag, que agora presidia a administração regional da cidade de Lviv, bastião do movimento pró-independência na outrora austríaca e polonesa Ucrânia Ocidental. Acompanhava-os o lendário ex-presos político Levko Lukianenko, um advogado treinado em Moscou que fora preso pela primeira vez em 1961 por usar argumentos marxista-leninistas para defender a independência ucraniana e passara mais de um quarto de século em campos de trabalho soviéticos. Os ex-prisioneiros em gulags haviam unido forças com representantes da *intelligentsia* nacional para levar a Ucrânia primeiramente à soberania de estilo soviético e, depois, à independência total. Queriam que Bush respaldasse seu esforço.

Aos 55 anos de idade, calvo e usando óculos, Drach foi o primeiro a falar na coletiva de imprensa do Rukh, quando elogiou Bush pelo apoio oferecido às nacionalidades soviéticas enquanto servia ao governo Ronald Reagan, mas aí terminaram as amenidades. O resto da declaração foi um ataque à política do americano em relação às repúblicas soviéticas em geral e à Ucrânia em particular. “O presidente Bush parece ter sido hipnotizado por Gorbatchov”, ironizou Drach. “O governo Bush continua falando em estabilidade de um modo que sugere que nossa fonte de estabilidade é Moscou e devemos lembrar que, como presidente, Bush esnobou constantemente os movimentos democráticos nas repúblicas. [...] Recusou-se especificamente a se reunir com os líderes do Rukh em Washington. Recusou-se especificamente a se reunir conosco aqui. Receio que venha aqui na qualidade de mensageiro do centro.”

A recusa do presidente americano a reunir-se em separado com os líderes da oposição foi o motivo imediato da insatisfação do Rukh. Quando a liderança do movimento se dirigiu à Casa Branca para solicitar um encontro, recebeu uma reprimenda: os dirigentes seriam convidados a um almoço para Bush oferecido por Leonid Kravtchuk e por outras lideranças comunistas da Ucrânia, mas não haveria reunião em separado. Os militantes do Rukh também ficaram irritados com as declarações americanas que não reconheciam o caráter peculiar da Ucrânia e sua cultura. Reagindo a uma declaração da Casa Branca de que Bush

viajaria a Kiev para conhecer mais a vida e a cultura soviéticas, Drach afirmou que “o presidente Bush estava fazendo confusão”. “Se o que ele quer é ver a vida e a cultura soviéticas, que vá ao Kremlin. No Kremlin, poderá conhecer a cultura e a ganância imperialistas. Isso aqui é a Ucrânia. Nós não somos uma amostra da cultura soviética; somos exemplos do legado da ambição soviética, uma nação estuprada pelo centro de Gorbatchov”,⁸⁴ prosseguiu ele.

Bush ficou sob a pressão de Gorbatchov em Moscou e sob a pressão dos dirigentes do Rukh em Kiev. Seus assessores haviam retirado o artigo definido antes de “Ucrânia” ao longo do discurso que o presidente faria no parlamento ucraniano, mas ele continuava preocupado com a recepção que sua fala teria. No caminho entre o aeroporto e a cidade, surpreendeu Kravtchuk ao pedir que lesse o discurso e dissesse se era oportuno fazer alguma alteração. O governante ucraniano ficou mais do que impressionado, pois não podia imaginar tratamento com tamanha consideração por parte de nenhum dirigente soviético de Moscou. Todos eles, de Brejnev a Gorbatchov, chegavam à Ucrânia para dizer o que fazer, e não para perguntar a opinião das pessoas. Bush, o presidente do país mais rico e poderoso do mundo, estava interessado na opinião de Kravtchuk. Também lhe deu um conselho que o ex—*apparatchik* do partido, convertido à democracia, jamais esqueceu: olhe nos olhos das pessoas, pois só assim saberá se elas votarão no senhor ou não. Kravtchuk leu a tradução da minuta do discurso de Bush e sugeriu algumas mudanças. As partes menos aceitáveis pelos parlamentares eram demasiado essenciais para ser apagadas, então só restava esperar para ver quantos deputados ficariam descontentes e até que ponto seriam contrariados.⁸⁵

O breve contato de Kravtchuk com Bush antes do discurso no parlamento deu-lhe a certeza de que o hóspede de Washington estava tratando a Ucrânia e sua liderança com respeito. Os pontos a serem abordados por ele na reunião com o líder ucraniano incluíam referências ao “poder econômico e ao tamanho da Ucrânia, mais ou menos equivalente à França e à Grã-Bretanha em população”. O presidente americano explicaria ao seu homólogo que “nossas relações diplomáticas continuariam sendo exclusivamente com o centro” e que pretendia manter as relações mais estreitas possíveis com Gorbatchov, por quem tinha profundo respeito, mas não influenciaria de um ou outro modo a posição ucraniana no tratado da união. “Entendo que vocês vão adiar o compromisso final com o tratado de união até que possam terminar a redação de sua Constituição”, diria o visitante ao seu anfitrião. Tratava-se de uma referência direta à tática de protelação adotada pela liderança ucraniana com relação ao

tratado de união, sabendo que a elaboração de uma nova Constituição podia durar uma eternidade.⁸⁶

Kravtchuk e a liderança ucraniana decidiram usar a visita de Bush a Kiev para pressionar pela abertura de um consulado ucraniano nos Estados Unidos (um consulado americano acabara de ser aberto em Kiev) e por um investimento econômico de até 5 bilhões de dólares. Essa meta seria promovida pela outorga à Ucrânia, por parte dos americanos, do status comercial de nação mais favorecida. Outra questão era a cooperação no trato dos efeitos do desastre nuclear de Chernobil. Os ucranianos tinham pouco a oferecer em troca além da cooperação de seu país nas Nações Unidas, mas estavam claramente dispostos a atuar como agentes independentes na arena internacional, coisa que não eram. Diferentemente da oposição, as lideranças ucranianas não pediam apoio à independência, porém moviam-se essencialmente na mesma direção.

Os dirigentes ucranianos desejavam as mesmas coisas que Iéltzin, talvez até mais ardentemente que o líder russo, mas apresentavam seus desejos de modo mais discreto, e Bush, embora sem se afastar da linha adotada em Moscou, foi muito mais amistoso em suas observações para os líderes ucranianos. A multidão a lhe dar as boas-vindas nas ruas de Kiev e os eleitores de origem ucraniana nos Estados Unidos obviamente o haviam ajudado a encontrar o tom certo entre os anfitriões do país. “Ainda se decidirá o tratado de união”, disse a Kravtchuk, “que acredito que possibilitará transações mais diretas com as repúblicas. No meio-tempo, podemos avançar nas questões econômicas e de segurança nuclear”.⁸⁷

Eram quase quatro horas da tarde de 1º de agosto, depois de uma reunião com a liderança ucraniana e um almoço com representantes da oposição, quando o presidente Bush se levantou para falar aos legisladores ucranianos. Interrompendo um debate sobre a implementação da soberania do país para escutar o discurso do presidente americano, os legisladores representavam uma população de 52 milhões, da qual mais de setenta por cento eram ucranianos étnicos e cerca de vinte por cento russos étnicos. Também chegavam a aproximadamente 500 mil os judeus radicados no país. Mais ou menos metade, da população falava russo, ao passo que a outra metade, ucraniano.

Os territórios ocidentais incorporados à União Soviética após a Segunda Guerra Mundial – boa parte tendo pertencido à Polônia no período entre guerras e, antes disso, à Áustria-Hungria – eram um baluarte do nacionalismo ucraniano. Sua população votava de acordo com as repúblicas bálticas também anexadas à União Soviética durante a guerra. O Leste não votava diferentemente dos *oblasts*

vizinhos da Federação Russa; na verdade, tudo dependia de as pessoas morarem em cidades ou em aldeias. Grandes centros urbanos como Cracóvia tornaram-se bastiões da oposição democrática, comparáveis nesse aspecto a Moscou e Leningrado. A área rural continuava sob o encanto da propaganda comunista. No parlamento ucraniano, os comunistas conservavam uma sólida maioria, com 239 entre os 450 assentos. Os “nacional-democratas”, categoria que abrangia nacionalistas e liberais, escolhidos por eleitores do Oeste e das grandes cidades orientais, inclusive Kiev, podiam contar com 125 votos.⁸⁸

O principal tema do discurso de Bush, que ele fez à frente de uma gigantesca estátua de Lênin, foi a ideia de liberdade e da responsabilidade que ela traz consigo. O presidente introduziu esse tema com uma observação sobre a etimologia do nome “Ucrânia”. Evitando cautelosamente o emprego do artigo definido, disse: “Séculos atrás, seus antepassados batizaram este país como Ucrânia, ou ‘fronteira’, porque suas estepes ligam a Europa à Ásia, mas os ucranianos se tornaram fronteiriços de outra sorte. Hoje vocês exploram as fronteiras e os contornos da liberdade.” Contrariando as piores expectativas dos dirigentes do Rukh, Bush falou sobre a Ucrânia – seu povo, sua história e sua geografia – como algo separado da Rússia. A fala foi muito diferente do discurso de Nixon em 1972, durante um jantar organizado por funcionários ucranianos, quando se referiu ao “solo soviético”, chamou Kiev de “mãe de todas as cidades russas” e usou sem reservas o artigo definido antes do nome do país.⁸⁹

O que Bush disse a seguir não agradou tanto à oposição. Seu discurso, ainda que cuidadosamente redigido para não ofender a sensibilidade ucraniana, confirmou os piores prognósticos de Drach e seus colegas acerca da importância política da visita de Bush a Kiev. “Algumas pessoas instaram os Estados Unidos a optarem entre apoiar o presidente Gorbatchov ou apoiar as lideranças independentistas de toda a União Soviética”, afirmou o americano. “Isso eu considero uma falsa escolha. Francamente, o presidente Gorbatchov vem conquistando objetivos assombrosos, e suas políticas de *glasnost*, *perestroika* e democratização visam a metas de liberdade, democracia e liberdade econômica.” Então, Bush explicou sua concepção de “liberdade”, coisa desalentadora para o Rukh: “Liberdade não é sinônimo de independência. Os americanos não apoiarão aqueles que buscam a independência com o intuito de substituir uma tirania longínqua por um despotismo local. Não apoiarão aqueles que promovem um nacionalismo suicida fundado no ódio étnico.” Não restava a menor dúvida de que os Estados Unidos não apoiariam a ofensiva ucraniana pela independência e de que seus partidários estavam sozinhos.⁹⁰

O discurso refletiu o pensamento corrente na Casa Branca. Posteriormente, Nicholas Burns recordou:

Duvido que, em 1991, alguém no lado americano cogitasse uma possibilidade real de desintegração da União Soviética [...] Havia uma confiança relativa entre Gorbatchov e Bush; nós vínhamos cooperando muito bem na maior parte das questões e estávamos ansiosos para visitar Kiev a fim de mostrar nosso interesse pelas repúblicas [...] Queríamos ver o enfraquecimento gradual da estrutura soviética e mudanças e reformas graduais, pois receávamos que, se déssemos apoio direto aos movimentos nacionalistas, surgisse violência, coisa capaz de comprometer o controle sobre as armas nucleares em algumas repúblicas, e sentíamos que um declínio estável era interessante para nós.⁹¹

O discurso suscitou as mais diversas reações no parlamento ucraniano. A maioria comunista recebeu bem a abordagem cautelosa de Bush; a oposição pró-democrática a rejeitou, assim como seus defensores nos Estados Unidos. Bush procurou acalmar os americanos-ucranianos em seu discurso aos parlamentares: “Se vocês me viram acenando como um louco na minha limusine, foi pensando que talvez algumas daquelas pessoas ao longo do caminho fossem da Filadélfia, de Pittsburgh ou de Detroit, onde vivem tantos americanos-ucranianos, onde tantos americanos-ucranianos concordam com as observações que hoje fiz aqui.” Ele achava que o discurso, que estava prestes a ser reimpresso nos jornais ucranianos que circulavam nos Estados Unidos, deixaria seus eleitores contentes. Foi um erro de cálculo, para dizer o mínimo.⁹²

A comunidade americano-ucraniana se mobilizara após os desdobramentos recentes na Ucrânia e não apoiava Gorbatchov nem a liderança comunista. Apoiava o Rukh, e, se o Rukh estava descontente, descontentes estavam também os americanos-ucranianos. Poucos sabiam sobre as tentativas de Gorbatchov de impedir a visita de Bush a Kiev e sobre os esforços que o americano e sua equipe fizeram para viabilizar a viagem.

No domingo, 4 de agosto, três dias depois da visita do presidente americano a Kiev, um grupo de manifestantes ucranianos dirigiu-se à Casa Branca em passeata gritando slogans como “Eu sou americano-ucraniano. Não apoio George Bush” e “Sr. Bush: a independência ucraniana equivale à liberdade a todas as minorias”. Depois de uma hora, os líderes entregaram suas queixas à Casa Branca. A carta terminava com a ameaça direta de derrotar Bush nas eleições seguintes: “Senhor presidente, nós chegamos à triste conclusão de que, nessa visita a Kiev, o senhor cumpriu direitinho as ordens de Gorbatchov. No entanto, tão certamente quanto o fato de que o sol nasce todos os dias, Ucrânia será independente apesar da coalizão Bush-Gorbatchov. E nós, seus

compatriotas americanos, que no discurso feito em Kiev o senhor afirmou que o apoiavam, não o apoiávamos e não o apoiamos. Não vamos esquecer a lição aprendida nas eleições de 1992.”⁹³

As reações negativas ao discurso não se restringiram à comunidade americano-ucraniana. A crítica mais dura foi publicada num artigo de William Safire, colunista do *New York Times* e ex-redator de discursos de Richard Nixon, que classificou o “lamentável discurso ‘frango à Kiev’” de Bush como uma das maiores besteiras de sua gestão. Segundo Safire, o presidente americano havia “censurado os ucranianos por quererem autodeterminação, colocando estupidamente Washington ao lado do centralismo de Moscou e contra a maré da história”. A expressão pejorativa de Safire “discurso frango à Kiev” despertou o interesse do público americano como uma metáfora para a indecisão da política externa do líder americano. Num livro de memórias escrito a quatro mãos com George Bush, Scowcroft asseverou que a alusão do presidente ao despotismo local visava não à Ucrânia, e sim à Moldávia e a outras repúblicas soviéticas. Jack Matlock, que foi provavelmente quem mais se empenhou para a realização da visita, detectou má vontade por parte de Safire, mas também uma possível tentativa de expiação. Afinal de contas, observou, foi ele quem redigiu o discurso de Nixon em 1972, que chamou Kiev de a “mãe de todas as cidades russas”.⁹⁴

Em 1º de agosto de 1991, à parte os protestos de ex-presos políticos e intelectuais desconhecidos fora da Ucrânia, nada indicava que problemas estavam por vir para Bush e seus assessores. Depois de uma salva de palmas por parte da maioria comunista no parlamento, o presidente e seu *entourage* saíram do prédio em companhia de Leonid Kravtchuk e assessores. As limusines tomaram o rumo de Babi Yar, uma ravina próxima da igreja medieval de São Cirilo e que fora palco de um dos mais horrendos massacres do Holocausto. “A longa e vagarosa viagem de vinte minutos a Babi Yar foi a melhor caravana da viagem de Bush”, dizia o relato do material da imprensa sobre o fato. “Os ucranianos se alinhavam nas ruas em filas de cinco ou seis. Ao contrário dos moscovitas, sorriam. Acenavam para Bush e para toda a comitiva.”⁹⁵

Nas encostas de Babi Yar, o 4º Sonderkommando nazista assassinou quase 34 mil judeus de Kiev em apenas dois dias do final de setembro de 1941. As execuções ocorreram à plena luz do dia. A música de gramofone tocada pelos nazistas não conseguiu encobrir os gritos das vítimas, e a experiência aturdiu os habitantes da cidade. Eram os primeiros dias da ocupação alemã e morriam as

primeiras vítimas de Babi Yar. Antes que o Exército Vermelho recapturasse Kiev no outono de 1943, mais de 70 mil vítimas – prisioneiros de guerra soviéticos, nacionalistas ucranianos, romanis, reféns civis e pacientes psiquiátricos – foram executadas nas valas de Babi Yar. Antes de partir, os nazistas tentaram ocultar seus crimes exumando cadáveres, queimando-os e espalhando suas cinzas, mas não conseguiriam apagar a memória dos sobreviventes.

Os soviéticos investigaram e documentaram as execuções, relatando cerca de 100 mil vítimas durante o julgamento de crimes de guerra em Nuremberg, mas o relatório original foi adulterado para ocultar o fato de que as primeiras vítimas foram judeus e que estes foram mortos no âmbito daquilo que ficaria conhecido como Holocausto. Os soviéticos trataram todas as vítimas como cidadãos indiferenciados da União Soviética. Um romance na forma de documentário intitulado *Babi Yar*, do talentoso escritor kievense Anatoly Kuznetsov, publicado em 1966, teve um quarto do texto apagado pelos censores. Só foi publicado integralmente em 1970, quando Kuznetsov se refugiou no Ocidente. Em 1976, finalmente, foi erigido um monumento em Babi Yar em homenagem às vítimas dos massacres. Segundo a versão oficial dos fatos, o monumento consagrava os prisioneiros de guerra soviéticos e os cidadãos soviéticos em geral.⁹⁶

Foi diante dessa memória da era soviética que George Bush se preparou para discursar em honra aos mortos. “Olhem bem para esse grande monumento de bronze e granito que formará o pano de fundo do discurso de Bush”, dizia o relato avançado entregue à imprensa. “No alto, uma mulher inclina a cabeça para beijar o filho. Somente na parte de trás o monumento se revela o verdadeiro horror e tragédia da cena, pois as mãos da mulher estão atadas às costas.”

No discurso, Bush felicitou a nova política de memória na Ucrânia, que enfim possibilitava identificar as verdadeiras vítimas do Holocausto. “A tragédia de Babi Yar foi ignorada por muitos anos, mas já não o é”, disse ele. “Em breve, vocês colocarão uma placa neste lugar reconhecendo o extermínio de judeus, a matança de ciganos, o assassinato gratuito de comunistas e cristãos, de qualquer um que ousasse se opor às fantasias malucas dos nazistas.” Tal como no discurso feito no parlamento, Bush deu um jeito de reconhecer a contribuição de Mikhail Gorbatchov para a reavaliação da história soviética e apoiar seu acossado parceiro no Kremlin. Ele o vinculou a nada menos que uma das figuras máximas da história americana: “Abraham Lincoln disse certa vez: ‘Nós não podemos fugir da história.’ Mikhail Gorbatchov tem promovido a verdade na história.”

“Perdi a fala quando fomos ao memorial em Babi Yar, onde os ocupantes

nazistas mataram dezenas de milhares de ucranianos, judeus e outros”, relembrou Bush posteriormente. “Em meio ao discurso, titubeei ao descrever os horrores acontecidos cinquenta anos antes.” O discurso do presidente fora repleto de dolorosos pormenores do massacre, inclusive o uso de gramofones pelos algozes nazistas. Barbara Bush ouviu a alocução ao lado de mulheres idosas vestidas humildemente, de aparência camponesa, sobreviventes de Babi Yar, e daqueles que ajudaram a salvar suas vidas. Leonid Kravtchuk tentava acalmar suas próprias emoções. Aos 8 anos de idade, na Ucrânia ocupada, presenciara a execução em massa de judeus pelos metralhadores nazistas. Meses depois da visita de Bush, na cerimônia do quinquagésimo aniversário do massacre de Babi Yar, ele fez parte do discurso em iídiche e, numa entrevista posterior, afirmou que nem todos os seus compatriotas haviam se comportado como deveriam naquelas circunstâncias. Era uma referência à participação de ucranianos no Holocausto.⁹⁷

O discurso de Bush foi muito bem recebido pelos presentes na cerimônia. Ivan Drach e outros dirigentes do Rukh, que figuravam entre os primeiros na Ucrânia a reconhecer o significado de Babi Yar no Holocausto, saudaram a visita. A aliança judaico-ucraniana contra o Império Soviético, desenvolvida por dissidentes políticos dos dois povos enviados para gulags, estava se tornando uma realidade política graças ao Rukh, cujos posicionamentos eram fortemente influenciados por ex-dissidentes. O Rukh estava na vanguarda do combate ao ainda muito difundido antissemitismo na Ucrânia, e sua plataforma política defendia a cooperação judaico-ucraniana contra os ditames do centro.⁹⁸

As únicas pessoas que pareciam deslocadas na cerimônia eram os representantes de Gorbatchov que acompanharam Bush na viagem a Kiev: o vice-presidente Gennady Yanayev e o embaixador soviético em Washington Viktor Komplektov. Como todos os discursos e negócios foram feitos em ucraniano ou em inglês, os visitantes russos ficaram completamente perdidos. Komplektov observou, durante o discurso do presidente americano no parlamento, que “ainda bem que eu entendo inglês, do contrário não teria podido acompanhar o que se passava”. Segundo sua breve biografia no informe americano, Yanayev falava “um pouco de inglês”. Sendo esse o caso, não se evidenciou em Kiev. Os funcionários ucranianos falavam russo perfeitamente, mas sua opção pela língua nativa teve significado simbólico para a república agora oficialmente soberana.

Coniventes, os americanos levaram um intérprete ucraniano e atenderam à solicitação de um encontro em separado entre o presidente Bush e Leonid

Kravtchuk, do qual Yanayev foi excluído. Segundo Ed Hewett, do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, o vice-presidente soviético, que não falava ucraniano e provavelmente não entendia a maior parte do que se dizia em inglês, foi tratado pelos funcionários ucranianos mais como o “presidente da Associação de Leprosos da União” do que como um representante do centro da União. Ele estava visivelmente entediado e irritado durante o almoço oferecido por Kravtchuk. De qualquer forma, os tempos eram outros: chegara a vez de o centro se fazer útil para as repúblicas, e Yanayev entendeu as novas regras do jogo.⁹⁹

Aproximadamente às dezenove horas, pelo horário local, o *Air Force One* decolou no aeroporto de Boryspil com destino a Washington. A visita havia terminado. Alcançara-se um marco importante no longo caminho do desarmamento nuclear, fora formulada uma nova política de autodeterminação das repúblicas soviéticas, apoiara-se a democracia e ajudara-se a um amigo no Kremlin a manter o controle sobre a antiga superpotência em ruínas. No avião de Yanayev, com destino a Moscou, Matlock e o vice-presidente soviético “brindaram ao que parecia ter sido uma visita muito bem-sucedida do presidente americano”. George Bush aguardava um merecido descanso em sua propriedade em Kennebunkport, no Maine. Julho tinha sido um mês atarefadíssimo. Agosto prometia ser arrastado e sossegado. Essa era uma esperança fadada a nunca se cumprir.¹⁰⁰

⁶⁸ “Nuclear Weapon Effects from Hiroshima to Nagasaki to the Present and Beyond: A Broad-Gauged Analysis with New Information Regarding Simultaneous Detonations and Firestorms”. Disponível em www.nukefix.org/weapon.html.

⁶⁹ MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, pp. 464-465.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 408-410.

⁷⁰ SOLODKIN, Sergei. “Glavredu udalos’ razdobyt’ v Londone sensatsionnye zapisi besed Mikhaila Sergeevicha s inostrannymi politikami”. *Glavred*, 5 de outubro de 2009. Disponível em <http://www.glavred.info/archive/2009/10/05/163604-3.html>.

⁷¹ “Russians Divided over Baltics’ Independence”, 12 de abril de 1991. Memorando de Pesquisa da Agência de Inteligência dos Estados Unidos (USIA), Arquivos e Registros Nacionais, RG 306, Caixa 49, M 52-91.

⁷² BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 512.
“Implications of Alternative Soviet Futures”, junho de 1991. National Intelligence Estimate (NIE 11-

- 18-91). Disponível em http://www.foia.cia.gov/docs/DOC_0000265647/DOC_0000265647.pdf.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, pp. 565-566.
- 73 Entrevista do autor com Nicholas Burns. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 414-415.
Notas manuscritas sobre o assassinato de guardas na fronteira lituana entregues por Brent Scowcroft a James Baker em 31 de julho de 1991. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 5.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 513-514.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 623.
- 74 "Richard Nixon/Frank Gannon Interviews", 13 de maio de 1983. Dia 5, Fita 1, 00:01:59. Disponível em www.libs.uga.edu/media/collections/nixon/nixonday5.html.
BLACK, Conrad. *Richard M. Nixon: A Life in Full*. Nova York: Public Affairs, 2008, p. 814.
- 75 HARDESTY, Von; SCHIEFFER, Bob. *Air Force One: The Aircraft That Shaped the Modern Presidency*. Nova York: Creative Publishing International, 2005, pp. 127-154.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 515.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 415-416.
- 76 MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 567.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 416.
BUSH, George H. W. "Remarks to the Supreme Soviet of the Republic of the Ukraine in Kiev, Soviet Union", 1º de agosto de 1991. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3267&year=1991&month=8.
- 77 GIBBONS, Gene. "Pre Advance Pool Report, Moscow Summit, July 29-August 1, 1991, July 25, 1991". Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Mídia da Casa Branca. Guia de imprensa para a viagem do presidente à União Soviética no verão de 1991.
PAGE, Susan. "Pool Report, Pool H". Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Cúpula de Moscou, Comunicados de Imprensa, Resumos, Comentários, nº 1.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 567.
- 78 LYTVYN, Volodymyr. *Politychna arena Ukrainy: diiovi osoby ta vykonavtsi*. Kiev: Abrys, 1994.
LYTVYN, Volodymyr. *Ukraina: politychna istoriia XX-pochatok XXI stolittia*. Kiev: Abrys, 2007, pp. 875-947.
KUSHNIR, Lina. "Valentyna Shevchenko: Provesty demonstratsiiu 1 travnia 1986-ho nakazaly z Moskvu". *Ukrains'ka pravda*, 25 de abril de 2011. Disponível em http://www.istpravda.com.ua/articles4db5d3966b581/view_comments/.
- 79 PAGE, Susan. "Pool Report, Pool H". Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Cúpula de Moscou, Comunicados de Imprensa, Resumos, Comentários, nº 1.

- 80 “Leonid Makarovich Kravtchuk”. Viagem do presidente Bush a Moscou e Kiev entre 30 de julho e 1º de agosto de 1991.
Entrevista de Leonid Kravtchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011. Disponível em http://www.istpravda.com.ua/articles2011/09/10/53558/view_print.
KIPIANI, Vahtang; FEDORYN, Volodymyr. “Kravchuk: ‘Shcherbyts’kyi skazav: Kakoi durak pridumal slovo perestroika?’”. *Ukrains’ka pravda*, 13 de setembro de 2011.
CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994.
REMICK, David. “Ukraine Split on Independence as Republic Awaits Bush Visit”. *Washington Post*, 1º de agosto de 1991.
- 81 “Remarks at the Arrival Ceremony in Kiev, Soviet Union”, 1º de agosto de 1991. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3265&year=1991&month=8.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador’s Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 568.
- 82 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 510-511.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador’s Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 569.
CHERNIAEV, Anatolii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossen, 2008, pp. 957-958.
LAPYCHAK, Chrystyna N. “Bush Notes Importance of Republics in Historic Trip to Ukrainian Capital”. *Ukrainian Weekly*, 4 de agosto de 1991.
PAGE, Susan. “Pool Report, Pool H”. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Cúpula de Moscou, Comunicados de Imprensa, Resumos, Comentários, nº 1.
BUSH, George H. W. “Remarks to the Supreme Soviet of the Republic of the Ukraine in Kiev, Soviet Union”, 1º de agosto de 1991. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3267&year=1991&month=8.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 417.
- 83 Entrevista de Leonid Kravtchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011.
KIPIANI, Vahtang; FEDORYN, Volodymyr. “Kravchuk: ‘Shcherbyts’kyi skazav: Kakoi durak pridumal slovo perestroika?’”. *Ukrains’ka pravda*, 13 de setembro de 2011.
- 84 DRACH, Ivan. “My vitaiemo Dzhordzha Busha-iak prezidenta SShA i ne pryimaiemo ioho iak moskovs’koho ahitatora”. In: *Polityka: statti, dopovidi, vystupy, interv’iu*. Kiev: Kongres Ukrainskoi Inteligentsii, 1997, pp. 324-327. Cf. “Rukh Chairman Ivan Drach’s Remarks to President Bush”. *Ukrainian Weekly*, 11 de agosto de 1991.
- 85 Entrevista de Leonid Kravtchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011.
- 86 “Points to Be Made for Meeting with the Ukrainian Chairman Leonid Kravchuk”. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional, Arquivos Nicholas R. Burns, Viagem a Moscou e Kiev entre 27 de julho de 1991 e 1º de agosto de 1991, nº 3.
- 87 “Memorandum of Conversation. Meeting with Ukrainian Supreme Soviet Chairman Leonid Kravchuk”, 1º de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-

[01-Kravchuk.pdf](#).

“Proposals of the Ukrainian SSR for Possible Directions of Trade-and-Economic Cooperation Between the Ukrainian SSR and USA”. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional, Arquivos Nicholas R. Burns e Ed A. Hewett, Reuniões do Presidente, Cúpula de Moscou, julho de 1991, nº 1.

- 88 Para uma análise da história ucraniana, ver MAGOCSI, Paul Robert. *A History of Ukraine*. 2ª ed. Toronto: University of Toronto Press, 2010. Acerca do caminho da Ucrânia rumo à independência, ver NAHAYLO, Bohdan; SWOBODA Victor. *Soviet Disunion: A History of the Nationalities Problem in the USSR*. Nova York: Free Press, 1990. NAHAYLO, Bohdan. *The Ukrainian Resurgence*. Toronto: University of Toronto Press, 1999.
- 89 BUSH, George H. W. “Remarks to the Supreme Soviet of the Republic of the Ukraine in Kiev, Soviet Union”, 1º de agosto de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3267&year=1991&month=8. Cf. NIXON, Richard. “Toast at a Dinner in Kiev”, 29 de maio de 1972. The American Presidency Project. Disponível em www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=3440#axzz1Q0nAP09C. Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
- 90 BUSH, George H. W. “Remarks to the Supreme Soviet of the Republic of the Ukraine in Kiev, Soviet Union”, 1º de agosto de 1991. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3267&year=1991&month=8.
- 91 Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
- 92 BUSH, George H. W. “Remarks to the Supreme Soviet of the Republic of the Ukraine in Kiev, Soviet Union”, 1º de agosto de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3267&year=1991&month=8.
- 93 *Ukrainian Weekly*, 11 de agosto de 1991.
- 94 “The Moscow Coup”. *Washington Post*, 20 de agosto de 1991.
SAFIRE, William. “After the Fall”. *New York Times*, 29 de agosto de 1991.
SAFIRE, William. “Bush at the UN”. *New York Times*, 16 de setembro de 1991.
SAFIRE, William. “Pútín’s ‘Chicken Kiev’”. *New York Times*, 6 de dezembro de 2004. “Bush Sr. Clarifies ‘Chicken Kiev’ Speech”. *Washington Times*, 23 de maio de 2004.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 15-16.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador’s Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, pp. 570-571, 798.
- 95 MCFEATTERS, Ann. “Pool Report nº 21. Pool from the Supreme Soviet Session to St. Sophia to Babii Yar”. 1º de agosto de 1991. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional, Arquivos Nicholas R. Burns, Cúpula de Moscou, Comunicados de Imprensa, Resumos, Comentários, nº 1.
- 96 KUZNETSOV, Anatólii. *Babii Iar: A Document in the Form of a Novel*. Trad. David Floyd. Londres: J. Cape, 1970.
KHITERER Victoria. “Babi Yar: The Tragedy of Kiev’s Jews”. *Brandeis Graduate Journal*, 2, 2004,

pp. 1-16.

- 97 GIBBONS, Gene. “Pre Advance Pool Report, Moscow Summit, July 29-August 1, 1991, July 25, 1991”. Documentos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Mídia da Casa Branca. Guia de imprensa para a viagem do presidente à União Soviética no verão de 1991. BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 516-517.
BUSH, George. “Remarks at the Babi Yar Memorial in Kiev, Soviet Union”, 1º de agosto de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3268&year=1991&month=8.
Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*, Fita 9.
- 98 BURAKOVSKYI, Oleksandr. *Rada natsionalnostei Narodnoho rukhu Ukrainy (1989-1993)*. Edmonton: CIUS Press, 1995.
BURAKOVSKYI, Oleksandr. “Rukh ievrei, Ukraina. Rozdumy inorodtsia”. Kiev, nos 1-2, 1997, pp. 93-125.
Entrevista de Yaakov Bleich em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*, fita 2. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/470>.
- 99 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 417.
“Gennádiy Ivanovich Yanayev”. Viagem do presidente Bush a Moscou e Kiev, 30 de julho de 1991 a 1º de agosto de 1991.
- 100 MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 571.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 517.

PARTE II

OS TANQUES DE AGOSTO

CAPÍTULO 4

“**M O prisioneiro da Crimeia** IKHAIL, ESPERO QUE você esteja bem” foram as primeiras palavras da mensagem que George Bush ditou ao pequeno gravador. Durante os anos de presidência, ele manteve um audiodiário em que registrava ideias e sentimentos que não queria tornar públicos. Na noite de 19 de agosto de 1991, quando ditou uma nova entrada ao gravador, sua mente estava longe das praias americanas, pois o presidente pensava em Mikhail Gorbatchov. “Espero que não o tenham maltratado”, prosseguiu. “Você liderou seu país de modo fantasticamente construtivo. Foi atacado pela direita e pela esquerda, mas merece um crédito enorme. Agora nós não sabemos que diabolhe aconteceu, onde você está, em que condições se encontra, mas fizemos bem em apoiá-lo. Eu me orgulho de tê-lo apoiado, e não faltarão comentaristas na televisão a dizer o que estava errado, mas você fez o que era certo, forte e bom para o seu país.”¹⁰¹

Nessa noite, Bush estava se recompondo de um dia que ele mesmo classificou como histórico em seu diário. Na longínqua Moscou, aquele dia tinha presenciado uma declaração de estado de emergência pelos antigos aliados de Gorbatchov, sua destituição do poder devido a um suposto problema de saúde e a presença de tanques nas ruas. O presidente americano não esperava semelhante evolução após seu retorno de Moscou algumas semanas antes. Havia passado a noite anterior na propriedade de sua família, Walker’s Point, em Kennebunkport, com um único item importante na agenda: às 6h30, antes que o furacão Bob atingisse o litoral, planejava jogar dezoito buracos de golfe com Brent Scowcroft, que estava hospedado no Nonantum Hotel, em Kennebunkport, e Roger Clemens, um famoso lançador do time de beisebol Boston Red Sox. Minutos depois de se deitar, Bush foi despertado por um telefonema de Scowcroft. O consultor de segurança nacional não estava ligando para falar sobre o jogo de golfe nem sobre o furacão que ameaçava atrapalhá-lo. Como havia ocorrido no verão anterior, quando Saddam Hussein invadira o Kuwait, a notícia tinha a ver com política internacional e ameaçava acabar não só com o jogo de golfe, como com as próprias férias do presidente. Ele telefonava para

avisar que houvera um golpe em Moscou.

Meia hora antes, Scowcroft estava lendo tranquilamente cabogramas. Com a televisão sintonizada nos noticiários ininterruptos do canal de notícias CNN, ouviu o locutor dizer algo sobre a renúncia de Gorbatchov por motivos de saúde. Isso não lhe pareceu verdadeiro, pois apenas algumas semanas antes ele vira Gorbatchov, que parecia gozar de ótima saúde. Ele começou a escutar com mais atenção. O anúncio seguinte, vindo de Moscou, não deixou a menor dúvida: a agência de informações soviética TASS relatava a doença de Gorbatchov e a criação de um comitê para lidar com o novo estado de emergência. Entre os responsáveis pelo comitê – um grupo de linhas-duras chefiados pelo vice-presidente Gennady Yanayev – figuravam o chefe da KGB, Vladimir Krioutchkov, e o chefe das Forças Armadas, o marechal Dmitri Iazov. Todos haviam estado na recepção de Bush em Moscou semanas antes. Scowcroft telefonou para seu conselheiro substituto, Robert Gates, pedindo-lhe que checasse a notícia com a CIA. A seguir, chamou o vice-secretário de imprensa Roman Popadiuk, que estava no mesmo hotel, para esboçar uma declaração caso a notícia fosse confirmada.

Então ligou para o presidente e contou-lhe o que sabia. Por ora, não havia confirmação de nenhum canal governamental, nem mesmo por parte da CIA. As primeiras palavras de Bush foram “Meu Deus!”. Eles discutiram como reagir enquanto os jornalistas já batiam na porta do quarto de hotel de Popadiuk. “A inclinação do presidente foi condenar o golpe cabalmente, mas, se fosse bem-sucedido, seríamos obrigados a conviver com os novos líderes, por mais repulsivo que fosse seu comportamento”, escreveu Scowcroft mais tarde. “Decidimos que o presidente precisava ser condenatório, mas sem prejudicar suas relações.” Scowcroft não estava nada otimista. Com tantas figuras poderosas envolvidas, o sucesso do tal golpe era provável. “Extraconstitucional” foi a palavra sugerida por ele para que o presidente se referisse publicamente ao golpe. Antes que Bush tentasse voltar a dormir, os dois combinaram que Scowcroft monitoraria a situação durante a noite e telefonaria às 5h30. Popadiuk emitiu uma breve declaração à imprensa, admitindo que o governo não dispunha de confirmação dos acontecimentos em Moscou. Ele disse a Scowcroft que o presidente teria de falar com a imprensa pela manhã e que não poderia comentar o golpe de Estado num campo de golfe. “De qualquer modo, é bastante provável que chova amanhã cedo”, respondeu Scowcroft. O jogo estava definitivamente cancelado.¹⁰²

A manhã trouxe poucos esclarecimentos, a não ser a certeza de que, sem

dúvida alguma, tinha havido um golpe de Estado. O que acontecera a Gorbatchov? O que se podia esperar agora? Qual era a agenda dos conspiradores e o que significava o golpe para o futuro das relações soviético-americanas e da própria União Soviética? Todos sabiam que o impacto desse acontecimento seria enorme, mas ninguém era capaz de dizer o que aconteceria.

A CIA, como de costume, cobriu todas as opções possíveis. Sua análise sugeria dez por cento de possibilidade de volta ao regime pré-*perestroika*, 45 por cento de impasse entre os linhas-duras e os democratas e 45 por cento de possibilidade de fracasso do golpe. A CIA era mais cética do que Scowcroft quanto às chances de sucesso dos golpistas, em parte porque não fora detectado nenhum preparativo importante. O golpe fora organizado de uma hora para outra e não podia ter sido muito bem preparado. No entanto, todos especulavam sobre o que podia acontecer. Bush conversou com o premiê da Grã-Bretanha, John Major, e com o presidente da França, François Mitterrand. Tal como ele, os dois líderes tinham sido completamente surpreendidos. Bush disse a Mitterrand que Gorbatchov também tinha sido pego de surpresa. Essa era a mensagem que recebera de Scowcroft naquela manhã. “Se eles não sabiam, como nós poderíamos saber?”, ditou o presidente ao gravador naquele dia. Porém, a coisa ia mal: a CIA não só não detectara os sinais do golpe iminente, como deixara o presidente e seu consultor de segurança nacional receberem a notícia pela CNN. “A imprensa diz que foi uma falha da inteligência”, contou Bush ao primeiro-ministro do Canadá, Brian Mulroney, naquela mesma manhã.¹⁰³

O Departamento de Estado também estava despreparado. James Baker, que estava de férias em Wyoming, soube do golpe pelo centro de operações do Departamento de Estado uma hora depois que Scowcroft vira o noticiário na televisão. À medida que recebia informações de Washington e conselhos de seus assessores em férias e espalhados pelo mundo afora, Baker fazia anotações em sua caderneta de caçador. As pequenas páginas haviam sido marcadas no alto com uma observação apropriada para as férias, mas não para a gestão de crises internacionais: “Um caçador fará qualquer coisa por uma caça.” As primeiras notas diziam: “Nenhuma influência. Por certo mínima”; “Vai ser difícil negociar c/os novos caras durante algum tempo”; “Enfatizar sua falta de legitimidade política”. Depois, parece ter surgido uma esperança de que a situação se revertere. “Iéltzin é o cara principal”, dizia uma das anotações. “Ficar em contato com ele. Apresentar-nos e tentar obter informações. Contatar base c/reformista.”

A embaixada americana em Moscou estava em plena transição: Jack Matlock

já havia partido, mas seu substituto, Robert S. Strauss, ainda não chegara a Moscou. Strauss, um texano com vínculos estreitos com Bush e nenhum conhecimento do russo nem qualquer tipo de experiência diplomática, atuaria como intermediário direto do presidente americano com Gorbatchov, mas agora tudo indicava que ele era carta fora do baralho antes mesmo que entrasse em cena. Bush telefonou para seu encarregado de negócios, Jim Collins, que já havia estado no prédio vizinho, o parlamento russo, conhecido em Moscou como Casa Branca. Ele contou ao presidente que o prédio estava aberto, mas que não havia sinal de Bóris Iéltzin, que se opusera ao golpe. Os americanos em Moscou não corriam perigo, garantiu o encarregado de negócios.

Essa foi a única boa notícia que Bush pôde dar aos jornalistas aglomerados numa pequena sala da residência presidencial, onde se abrigaram da chuva trazida pelo furacão Bob. Ele expressou profunda preocupação em relação aos acontecimentos em Moscou e garantiu aos repórteres que o governo dos Estados Unidos estava acompanhando atentamente a situação, mas era muito cedo para dizer como as coisas se desenvolveriam. Respondendo a uma pergunta, observou que os golpes podiam não dar certo: “Eles podem tomar o poder no começo e depois tropeçar na vontade do povo.” Seguindo o conselho de Scowcroft, caracterizou o golpe como “extraconstitucional”, e não inconstitucional. Seu elogio a Gorbatchov e às suas realizações soou como uma elegia. Ele reconheceu que não havia tentado entrar em contato com Gorbatchov por telefone. Sua principal preocupação era se os golpistas manteriam a retirada de tropas soviéticas da Europa Oriental iniciada por Gorbatchov e se honrariam o acordo START e outros de controle de armas nucleares. Disse que a ajuda americana seria suspensa enquanto durasse o governo “extraconstitucional”, mas que não haveria outras sanções, a menos que os novos governantes descumprissem seus compromissos com outros países.

Entretanto, Bush relutava em prejudicar sua relação com os líderes do golpe, dizendo palavras positivas acerca do vice-presidente Yanayev e se recusando a apoiar o chamado de Iéltzin a uma greve geral, apesar de uma pergunta direta de um jornalista. Em âmbito privado, recusava-se a acreditar que Yanayev estivesse de fato à frente do golpe, impressão essa que compartilhava com o chanceler alemão Helmut Kohl. Bush gostava do vice-presidente soviético, a quem conhecera em sua recente viagem a Moscou e Kiev. Ao regressar a Washington, sabendo que Yanayev gostava de pescar, enviara-lhe algumas iscas de pesca de seu próprio estoque. Não sabia se haviam chegado ao suposto líder do complô. Na coletiva de imprensa, compartilhou seu “pressentimento instintivo” de que

Yanayev estaria comprometido com a reforma, mas admitiu que seus atos apontavam para o contrário. No entanto, observou – corretamente, como se verificou depois – que não era Yanayev, e sim a KGB e os linhas-duras do Exército que estavam no comando do *putsch*.¹⁰⁴

A coletiva de imprensa não foi propriamente um sucesso, como Scowcroft disse a Bush imediatamente. Os jornalistas ficaram surpresos com a frieza da reação do presidente e a compararam com sua reação ao massacre na praça da Paz Celestial por parte do governo comunista da China mais de dois anos antes. Para controlar o estrago feito, ele decidiu, por sugestão de Scowcroft, interromper as férias e partir do Maine para Washington diante das câmeras de televisão, a fim de manifestar sua liderança e seu envolvimento direto com a crise internacional. A imagem transmitida mudaria, mas não a essência de sua reação. Na mente dos funcionários do governo, o mais importante era mostrar firmeza diante das câmeras de televisão sem provocar os líderes do golpe de Estado a ponto de levá-los a abandonar os acordos internacionais assinados por Gorbatchov. Helmut Kohl disse a Bush que o preocupava não saber se a retirada das tropas soviéticas da Alemanha Oriental prosseguiria. A mesma dúvida preocupava os líderes europeus orientais que ainda tinham tropas soviéticas em seu território. Os Estados Unidos e seus aliados haviam obtido grande parte do que queriam de Gorbatchov, mas acaso seus sucessores continuariam a observar tais arranjos?¹⁰⁵

Fazia tempo que os líderes americanos sabiam que a política de cooperação da União Soviética podia ter vida curta, e os planos de Washington levavam isso em conta. Em janeiro de 1991, após ouvir um relatório da CIA sobre os últimos desdobramentos na União Soviética, o secretário de Estado James Baker comentou com seu *staff*: “O que vocês estão dizendo, amigos, é que o mercado de ações está indo para o sul. Precisamos vender.” Isso significava garantir os lucros do período de alta sem precedentes das relações americano-soviéticas. Ele escreveu em suas memórias: “‘Vender’ queria dizer tentar obter o máximo possível dos soviéticos antes que houvesse uma guinada ainda maior à direita ou uma mudança rumo à desintegração.” Essa política prosseguiu durante a primavera e o verão de 1991. Robert Gates escreveu em suas memórias que, nos meses imediatamente anteriores ao golpe, o governo seguiu uma abordagem resumida por Brent Scowcroft num informe de segurança nacional para o presidente em 31 de maio de 1991: “Nosso objetivo é manter Gorby no poder tanto tempo quanto possível e fazer tudo para ajudá-lo a avançar na direção certa e a fazer o que for melhor para nós em política externa.”

Agora que Gorbatchov estava fora do poder, a tarefa era não perder o que havia sido realizado durante seu exercício. A queda do Muro de Berlim em 1989 levava à unificação dos dois Estados alemães e simbolizava o fim do comunismo na Europa Oriental. Acaso os novos líderes do Kremlin desejariam reerguer os antigos muros que separavam Oriente e Ocidente? Ninguém sabia dizer. Em 19 de agosto, o mesmo dia em que ditou sua afetuosa e compadecida carta sonora a Gorbatchov, George Bush também ditou o seguinte ao gravador: “Acho que o que nos cabe fazer é cuidar para que o progresso alcançado sob Gorbatchov não se perca. Refiro-me à Europa Oriental, refiro-me à reunificação da Alemanha, refiro-me a tirar as tropas dos países do pacto e manter o próprio Pacto de Varsóvia fora de cena. A cooperação [soviética] no Oriente Próximo é naturalmente vital, e pode ser que nós não a tenhamos agora, mas quem pode saber?”¹⁰⁶

A julgar pelo audiodiário, o presidente americano estava lutando para reconciliar as políticas que achava que devia implementar no interesse de seu país e o apego pessoal que claramente sentia por Gorbatchov. Mentalmente, retrocedeu no tempo para decidir se ele ou seu governo poderiam ter feito algo mais para apoiar o líder soviético e ajudá-lo a impedir o golpe. Por fim, conseguiu convencer-se de que não teria podido fazer nada de maneira diferente ou melhor. Nas entradas no diário daquele dia, Bush estava ansioso para responder aos críticos que afirmavam que ele havia apoiado Gorbatchov em demasia. Ele via o *putsch* como uma justificação de suas políticas anteriores junto ao centro soviético e às repúblicas, representadas pelo presidente soviético e Iéltzin. “Se tivéssemos puxado o tapete de Gorbatchov e tomado o partido de Iéltzin, veríamos uma repressão militar muito mais horrenda”, escreveu em seu diário.

Uma pergunta mais difícil era se os Estados Unidos e seus aliados haviam feito o suficiente para apoiar Gorbatchov em Londres em julho, quando ele pediu ajuda financeira. Essa questão foi colocada pelo primeiro-ministro do Canadá, Brian Mulroney, numa conversa telefônica com Bush depois da coletiva de imprensa. Ele lembrou ao americano sobre a pergunta que tinha feito a Helmut Kohl em Londres: “Se Gorbatchov for deposto daqui a um mês e as pessoas nos acusarem de não termos feito o bastante, o que estamos propondo aqui é o tipo de coisa que devemos fazer?” Kohl, que tinha uma dívida com Gorbatchov pelo seu papel na reunificação da Alemanha e era o mais veemente advogado da concessão do máximo de crédito possível à União Soviética, teria dito: “Certamente.” Tanto Bush quanto Mulroney sabiam que a posição de Kohl

na reunião do G7, em Londres, tinha sido muito mais favorável a Gorbatchov, mas os dois se reconfortaram com sua mudança de opinião quando ele indicou que a Alemanha concordava com os Estados Unidos e o resto do grupo em oferecer incentivo a Gorbatchov, mas pouco dinheiro. “Em sua opinião, há alguma dúvida quanto a ele ter sido derrubado por ser demasiado próximo de nós?”, perguntou Mulroney. “Certamente não”, respondeu o presidente.¹⁰⁷

Gorbatchov pretendia voltar das férias de verão na Crimeia em 19 de agosto. Fora para lá em 4 de agosto, mais ou menos ao mesmo tempo que o presidente Bush viajara a Walker’s Point. Tal como a propriedade de Bush, a casa de férias de Gorbatchov ficava à beira-mar, mas, enquanto Bush fugia do calor do verão americano, Gorbatchov ia para o sul, a fim de gozar o sol: como muitos soviéticos de sua geração, não podia imaginar férias sem ficar bronzeado e nadar no mar Negro. Porém, ao contrário dos seus concidadãos, ele podia passar as férias no que era considerado um luxo extremo para os padrões soviéticos.

Em 1988, uma enorme propriedade foi construída para Gorbatchov nos altos penhascos da Crimeia, nas cercanias de uma colônia chamada Foros. Situada na “grande Yalta”, Foros ficava a aproximadamente quarenta quilômetros de Livadia, onde Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Joseph Stalin se reuniram em 1945. A nova mansão, conhecida como Centro Turístico Estatal nº 11 ou Edifício Alvorada, foi construída numa época em que Gorbatchov e seus colegas no politburo lançaram uma campanha contra os privilégios da liderança e do aparato partidários. Quando os Gorbatchov estiveram em Foros em agosto de 1991, Raíssa ordenou que os lustres de cristal fossem removidos das casas à beira-mar, mas isso pouco serviu para mudar a realidade, pois ainda se tratava de um palacete muito requintado.

O Edifício Alvorada foi erigido em tempo recorde sobre o que antes era pura rocha. Para tornar o ambiente mais hospitaleiro, trouxeram de longe toneladas de terra, arbustos e árvores. Todos os anos, quando as chuvas e as ventanias do inverno arrastavam a terra para o mar, levavam mais terra para substituir o que fora perdido. A praia, criada com a remoção de rochas e o acréscimo de centenas de toneladas de areia, era ligada ao terraço principal por uma escada rolante. Para proteger o imóvel da ação do vento, que era particularmente forte ali, parte da gigantesca parede rochosa foi cortada para acomodá-lo. Os funcionários da KGB que supervisionaram a construção e eram responsáveis pela segurança da casa queixavam-se da dificuldade de protegê-la de uma aproximação por terra ou por mar, mas os Gorbatchov a adoravam. Como nos anos anteriores, em agosto

de 1991, foram para lá com sua filha, uma médica de 34 anos chamada Irina Vigranskaia, nascida Gorbatchova, seu marido Anatoly, também médico, e as duas filhas pequenas do casal.

Dezoito de agosto, o último dia das férias de Gorbatchov, havia começado como qualquer outro em sua estada na Crimeia. Ele e Raíssa acordaram por volta das oito horas, tomaram o café da manhã e, mais ou menos às onze horas, desceram ao mar. Os movimentos de ambos foram registrados por seus guardacostas da KGB, de codinomes “110” e “111”. Como sempre, Raíssa nadou, mas Mikhail ficou na praia: dias antes, tinha sofrido uma crise de lombalgia e preferia ficar longe da água. Como sempre, para Gorbatchov eram férias com trabalho. Depois do almoço, ele revisou o discurso que faria em Moscou em 20 de agosto, durante a cerimônia de assinatura do novo tratado de união, resultado de muitos meses de manobras e negociações entre o debilitado centro e as repúblicas cada vez mais assertivas. Por volta das 16h30, falou por telefone com Georgui Chakhnazarov, um de seus assessores que estava de férias num *resort* próximo e o ajudava a redigir o discurso. Essa foi a última conversa telefônica que teria em vários dias.

Alguns minutos antes, dois funcionários da KGB que haviam chegado à Crimeia com o chefe do Departamento de Segurança Pessoal, o general Iuri Plekhanov, mandaram Tamara Vikulina, uma telefonista do centro telefônico governamental dirigido pela KGB, cortar as linhas de Gorbatchov. Vikulina pediu-lhes autorização para completar uma última ligação, pois acabara de dizer a Gorbatchov que o estava conectando com Chakhnazarov. Os dois concordaram. Quando o telefonema terminou, todas as linhas que ligavam a mansão de Gorbatchov ao mundo exterior foram cortadas, inclusive a rede de comunicações que possibilitaria ao presidente soviético lançar um ataque atômico. Sua maleta nuclear seria enviada a Moscou no dia seguinte, onde cairia nas mãos dos conspiradores, entre os quais se achava o ministro da Defesa, o marechal Iazov, e o chefe do Estado-Maior, o general Mikhail Moiseev, portadores de outras duas malas nucleares. O ministro da Defesa passou a ser o único senhor da força nuclear soviética.¹⁰⁸

Gorbatchov percebeu que algo estava errado quando Vladimir Medvedev, o chefe do serviço de segurança, entrou na sua sala por volta de 16h45 e interrompeu sua leitura vespertina dos jornais anunciando que um grupo de visitantes de Moscou aguardava para ser recebido. Entre os membros do grupo estavam seu chefe de gabinete, Valeri Boldin, dois secretários do comitê central do Partido Comunista e o comandante das forças terrestres soviéticas, o general

Valentin Varennikov. Com exceção deste, todos eram assessores de confiança que Gorbatchov conhecia havia bastante tempo, mas, mesmo assim, ele ficou visivelmente preocupado e perguntou a Medvedev como tinham conseguido entrar no prédio fortemente vigiado. O chefe do serviço de segurança respondeu que o general Plekhanov, chefe do Departamento de Segurança Pessoal, inclusive dele próprio, fazia parte do grupo. O que queriam? Medvedev não pôde responder a essa pergunta. Àquela altura, já sabia que estava acontecendo um golpe de Estado. Minutos antes, quando Plekhanov entrara em seu escritório pedindo-lhe que conduzisse a delegação até Gorbatchov, Medvedev havia tentado avisar o presidente por telefone. Não havia linha. “Então, eu entendi”, escreveu ele posteriormente. “Era o cenário de Krushev. Todas as comunicações estavam cortadas.”¹⁰⁹

Gorbatchov compreendeu que podia tratar de um *putsch* quando, tendo mandado Medvedev pedir aos visitantes que esperassem, tentou ligar para Moscou, a fim de descobrir o que estava acontecendo. Queria falar com o chefe da KGB, Vladimir Krioutchkov, seu aliado de confiança. O telefone estava mudo. Assim se encontravam também todas as outras cinco linhas, inclusive o telefone vermelho à sua disposição por ser o comandante-chefe das Forças Armadas soviéticas. Agora não havia a menor dúvida: era mesmo um golpe de Estado, e os visitantes não só tinham quebrado o protocolo aparecendo sem ser chamados como o isolado de aliados potenciais. Gorbatchov chamou Raíssa e, depois, a filha e o genro a um dos quartos. Após uma breve discussão, toda a família decidiu apoiá-lo, fosse qual fosse a decisão que tomasse. Posteriormente, ele escreveu que estava firmemente decidido a não sucumbir à pressão e mudar de política, custasse o que custasse. Foi um momento de muita ansiedade. “Nós todos conhecíamos nossa história, suas páginas terríveis”, recordou Raíssa Gorbatchova mais tarde.¹¹⁰

O último líder soviético destituído por seus assessores tinha sido Nikita Krushev, de cuja deposição, em 1964, o guarda-costas de Gorbatchov se lembrou imediatamente. Krushev teve sorte, pois pouparam-lhe a vida e deixaram-no se aposentar. Todos os líderes soviéticos anteriores, assim como o sucessor de Krushev, Brejnev, haviam morrido enquanto estavam no cargo – alguns em circunstâncias mais que suspeitas. Havia persistentes rumores segundo os quais Stalin tinha sido envenenado, morrendo num momento em que se preparava para eliminar seus auxiliares mais próximos, inclusive o chefe da polícia secreta Lavrenti Béria. Esse suposto mentor do assassinato de Stalin não tardou a ser preso pelos militares por ordem de Krushev e fuzilado sob a

acusação de trabalhar para a inteligência britânica. Leonid Brejnev falecera em 1982, quando, segundo alguns relatos, estava preparando uma transferência de poder que excluísse o ex-chefe da KGB, Iuri Andropov. Conforme o guarda-costas de Brejnev, Vladimir Medvedev, fazia anos que Andropov (juntamente com alguns outros membros do politburo) fornecia comprimidos para dormir a Brejnev, que morreu dormindo. Os Gorbatchov conheciam muito bem sua história, ou melhor, o folclore do Kremlin.¹¹¹

Tendo em conta os precedentes políticos, não deixava de ser um bom sinal que os conspiradores houvessem decidido conversar antes de agir. Depois de trocar ideias com sua família, Gorbatchov recebeu os visitantes indesejáveis. Eles já estavam no prédio, alguns sentados num sofá, outros passeando pelo segundo andar da mansão, que acharam espetacular. Então, viram Gorbatchov. Era evidente que sofria com a lombalgia e se locomovia com dificuldade. Convidou os visitantes ao seu gabinete e, voltando-se para aqueles com quem se sentia mais à vontade, perguntou em voz baixa se aquilo seria uma prisão. Eles garantiram que não. Disseram que estavam ali para discutir a situação do país. Gorbatchov mudou de atitude. “Quem vocês representam? Em nome de quem falam?”, perguntou quando seus visitantes se aglomeraram no gabinete, que tinha apenas duas cadeiras para visitantes. Todos ficaram em silêncio, sem saberem o que dizer. Gorbatchov repetiu a pergunta. Quando disseram que representavam um comitê do qual participavam Krioutchkov, Iazov e Yanayev, o presidente quis saber quem havia criado o comitê. Havia sido o Soviete Supremo? Eles não responderam. Gorbatchov identificou prontamente o ponto fraco daquele grupo: o comitê que representava era, na melhor das hipóteses, um corpo “extraconstitucional”.¹¹²

Valeri Boldin, o chefe da Casa Civil e o conspirador que melhor conhecia o presidente, acreditou que Gorbatchov sentiu certo alívio ao ouvir o nome dos membros do comitê. Sua principal preocupação, sustentou ele em suas memórias, era de que os visitantes representassem não seus indecisos assessores, e sim seu impulsivo arqu-inimigo Bóris Iéltzin. Nos dias anteriores, Gorbatchov conversara amiúde com Krioutchkov por telefone, discutindo a situação política do país. Sua principal preocupação era de que, no último instante, o presidente russo se recusasse a assinar o tratado de união. Em 14 de agosto, ele mesmo tivera uma longa conversa com Iéltzin, tentando convencê-lo a não sucumbir à pressão dos críticos que exigiam um referendo russo sobre o tratado. “De modo geral, nós nos separamos amigavelmente”, escreveu Gorbatchov em suas memórias. “No entanto, eu não conseguia me livrar da sensação de que Iéltzin

estava escondendo alguma coisa.”

Poucos dias depois, em 16 de agosto, quando Iéltzin foi a Almaty para encontrar-se com o líder cazaque e aliado Nursultan Nazarbayev, o alarmado Gorbatchov telefonou para Valeri Boldin, em Moscou, para checar se ele sabia alguma coisa sobre a visita. O líder soviético desconfiava de um complô. “Você sabe o que está acontecendo. Independentemente, sem se importar com a opinião do presidente da União Soviética, os líderes locais estão decidindo questões de Estado. Isso é uma conspiração”, teria dito ao auxiliar, que já estava conspirando com Krioutchkov e outros para depor o chefe. Em 18 de agosto, o dia em que os golpistas apareceram à porta da propriedade de Gorbatchov em Foros, Iéltzin havia promulgado um decreto que lhe dava o controle sobre todas as instituições da União responsáveis por cadeias de abastecimento no território da Federação Russa. A principal preocupação de Gorbatchov, na época, era como lidar como Iéltzin.¹¹³

A julgar pelas memórias de Boldin, o presidente soviético pressionou a KGB nos últimos anos de governo para que grampeasse as conversas de Iéltzin, apesar dos supostos protestos de Krioutchkov, que dizia que seu pessoal se recusava a fazer tal coisa. Ele enviava as transcrições a Boldin, que então providenciava para que fossem entregues diretamente a Gorbatchov. O presidente soviético temia uma possível aliança de seus adversários políticos, entre os quais listava não só Iéltzin, como também seu conselheiro liberal e o “avô da *perestroika*” Alexander Yakovlev, além dos militares, tendo ficado especialmente perturbado com o violento fim do regime de e com a execução do líder romeno e sua esposa pelos rebeldes em dezembro de 1989. Discutiu-se o estabelecimento de controle presidencial direto sobre a direção da KGB encarregada dos guarda-costas do presidente, mas Gorbatchov nunca colocou a ideia em prática. Em vez disso, aumentou extraordinariamente o número de guarda-costas e seus vencimentos e passou a usar com mais frequência uma limusine blindada. Em agosto de 1991, os seguranças ainda eram contratados por Krioutchkov e prestavam contas a ele, não a Gorbatchov.

As lembranças dos acontecimentos na Romênia estavam muito vivas na mente de Gorbatchov e de seus chefes de segurança, embora houvessem chegado a conclusões diferentes. Em 18 de agosto de 1991, surpresos com o inesperado aparecimento dos conspiradores, os guarda-costas do presidente soviético abordaram as limusines recém-chegadas armados com fuzis automáticos Kalashnikov. Um comandante dos guarda-costas, o general Viacheslav Generalov, havia chegado com os golpistas e avançou às pressas para eles,

mandando-os baixar os fuzis para que o cenário romeno não se repetisse, quando os seguranças de Ceaușescu provocaram a matança que levou à sua execução. Os guarda-costas obedeceram à ordem de Generalov e deixaram os visitantes não anunciados passarem por seu posto de controle. A principal linha de defesa de Gorbatchov falhara. Quando ele conduziu os conspiradores ao seu pequeno gabinete, não deixou entrar o general Plekhanov, chefe do Departamento de Segurança Pessoal, pois o considerava um traidor que havia tentado “salvar a própria pele” ao trair o presidente.¹¹⁴

Enquanto enfrentava os representantes dos conspiradores em seu gabinete, a principal preocupação de Gorbatchov não era a lealdade dos guardas, mas sim a traição por parte de seus auxiliares de confiança. Contra toda a lógica, tentava vencer uma batalha política, não uma confrontação armada que podia muito bem ter um desfecho trágico para ele e sua família. Ao descobrir que os golpistas não eram os adversários políticos, mas seus aliados e auxiliares até então bajuladores, não só sentiu alívio psicológico, como se viu numa posição de poder. “Eu tinha promovido aquela gente, e agora eles estavam me traindo!”, escreveu em suas memórias. Conseguiu intimidá-los e mantê-los sob controle, impedindo que Plekhanov entrasse no seu gabinete. Mandou Boldin calar a boca e chamou-o de um “imbecil” que viera dar-lhe lições sobre a situação do país.

Os visitantes ficaram chocados com o vigor da reação de Gorbatchov às suas propostas e ofereceram-lhe uma opção: assinar um decreto declarando estado de emergência ou transferir seus poderes temporariamente a Gennady Yanayev e ficar na Crimeia por “motivos de saúde” enquanto o novo grupo se encarregava do “trabalho sujo” em Moscou. Os conspiradores acreditavam que seu chefe, com quem muitos haviam discutido planos de contingência para a implementação de um estado de emergência, concordaria com uma das propostas, mas Gorbatchov se recusou categoricamente a aceitá-las. “Se eles estavam verdadeiramente preocupados com a situação no país”, escreveu em suas memórias, “disse a eles que convocássemos o Soviete Supremo da União Soviética e o Congresso dos Representantes do Povo. Vamos discutir e decidir, mas ajamos unicamente no arcabouço da Constituição e dentro da lei. Qualquer outra coisa me parece inaceitável”. Ele agia com propriedade, negociando, manobrando, tentando convencer os oponentes. Pediu-lhes que descrevessem seus planos e classificou a missão como suicida. “Pensem sobre isso e consultem os camaradas”, disse aos visitantes enquanto lhes apertava a mão antes que fossem embora. Ao general Valentin Varennikov, membro da delegação que se mostrou especialmente insistente na exigência da proclamação do estado de

emergência, Gorbatchov disse: “Ora, depois de tais explicações, nós obviamente não vamos trabalhar juntos.”

Quando a delegação se foi, ele contou o essencial da conversa aos familiares e ao seu assessor, Anatoly Tcherniaiev, um antigo *apparatchik* com algumas convicções liberais, que fora responsável pela formulação de muitas iniciativas do presidente em política externa. “Ele estava calmo, firme e sorridente”, escreveu Tcherniaiev em seu diário alguns dias depois. No entanto, Gorbatchov não conseguia esquecer o fato de que seus companheiros o haviam traído. Não podia acreditar que Krioutchkov estivesse entre os conspiradores e ficou particularmente abalado com a afirmação de que o marechal Iazov se unira a eles. “Talvez o tivessem incluído sem o consultar?”, perguntou-se acerca de seu leal ministro da Defesa. Tcherniaiev foi solidário, mas não pôde deixar de notar que todos os conspiradores eram gente de Gorbatchov.¹¹⁵

Os visitantes deixaram a propriedade de Foros confusos e deprimidos. O motorista que os transportou testemunhou que, no caminho para Foros, eles se mostraram animados e falaram sobre o tempo. Na viagem de volta, rumo ao aeroporto, estavam zangados e geralmente calados. Posteriormente, Boldin lamentou que não tivesse sobrado tempo para um banho de mar, o que provavelmente fazia parte do plano inicial: uma conversa amigável com o presidente, que optaria por assinar um dos documentos preparados, dando-lhes tempo para um mergulho rápido. Agora eles enfrentavam uma situação diferente. No voo de retorno a Moscou, os visitantes tomaram mais que alguns drinques para acalmar os nervos. Antes de aterrissarem duas horas e meia depois, acabaram com uma garrafa grande de uísque, que foi servido com pedaços de lardo, pão e legumes.

Em Moscou, dirigiram-se diretamente ao Kremlin. No espaçoso gabinete do primeiro-ministro Valentin Pavlov, outrora usado pelo próprio Joseph Stalin, foram recebidos pelos líderes do complô: Krioutchkov, chefe da KGB; Pavlov, primeiro-ministro; Bóris Pugo, ministro do Interior; e o vice-presidente Yanayev. Também estava presente o ministro da Defesa, Dmitri Iazov, cuja lealdade Gorbatchov reafirmara perante o presidente Bush algumas semanas antes. Os golpistas já tinham recebido a notícia de que o presidente se recusara a transferir poderes para Yanayev: o chefe do Departamento de Segurança Pessoal da KGB, o general Plekhanov, havia telefonado para Krioutchkov quando entrara no avião, a fim de informá-lo do que se passara na Crimeia. Agora eles estavam à espera da delegação para ouvir em primeira mão um relato da

conversa e decidir o que fazer.¹¹⁶

De óculos, cabelos grisalhos e ficando calvo aos 67 anos, Krioutchkov era um conspirador improvável, que ficara conhecido por sua extraordinária ética de trabalho, sua habilidade burocrática e sua cautela. Como advogado, ingressara no Ministério das Relações Exteriores no início da década de 1950, encontrando um protetor em Iuri Andropov após trabalhar sob seu comando na embaixada soviética em Budapeste durante a revolta húngara de 1956. Krioutchkov foi para a KGB junto com o chefe na década de 1960, na qual chefiou a agência soviética de espionagem estrangeira durante catorze anos, de 1974 a 1988. Nesse ano, Gorbatchov o promoveu a chefe da KGB. Krioutchkov tinha amigos poderosos no primeiro escalão, inclusive Alexander Yakovlev, um aliado muito próximo do líder soviético. Os reformistas queriam que a KGB fosse dirigida não por um cão de guarda ideológico, como havia sido no passado, mas por uma pessoa com experiência internacional que se desse conta do muito que o regime soviético estava atrasado em comparação com o Ocidente e que, por conseguinte, apoiasse a reforma.

Krioutchkov tinha as qualidades necessárias, ou pelo menos aparentava tê-las. Na verdade, seu único trabalho no exterior fora a temporada em Budapeste na década de 1950. O único espírito ocidental que ele apreciava verdadeiramente era o uísque, produto ao qual cidadãos soviéticos comuns não tinham acesso. Robert Gates, então subdiretor da CIA, descobriu a queda de Krioutchkov por uísque em dezembro de 1987, quando ele viajou a Washington para preparar a primeira visita de Gorbatchov aos Estados Unidos. Gates, Colin Powell (então consultor de segurança nacional do presidente Reagan) e Krioutchkov foram jantar em um restaurante da capital americana. Quando chegou a hora de pedirem as bebidas, o russo quis um *scotch*. O intérprete, falando inglês, pediu um Johnny Walker Red Label, mas Krioutchkov o corrigiu, dizendo que queria Chivas Regal. “Ficou claro que não se tratava de um homem de gosto camponês”, lembrou Gates. Para ele, o diretor da KGB parecia mais um professor universitário que um chefe de inteligência.¹¹⁷

Sem dúvida, Krioutchkov, como muitos outros conspiradores, inicialmente apoiara a *perestroika* de Gorbatchov, que todos entendiam como um conjunto de reformas destinadas a tornar o sistema soviético mais competitivo, sem solapar seus alicerces. Porém, mudaram de atitude quando perceberam que o programa ameaçava não só o partido, com o qual aqueles mais pragmáticos não tinham nenhum vínculo ideológico, como também a estrutura política do Estado e seu lugar nela. Robert Gates detectou essa mudança em Krioutchkov quando se

encontrou com ele em Moscou em fevereiro de 1990. Depois do encontro, Gates contou a James Baker, que também estava em Moscou na época, que Krioutchkov “já não apoiava a *perestroika*”. “Gorbatchov que tomasse cuidado”, disse ele. O chefe da KGB dissera ao visitante americano que “as pessoas estavam atordoadas com as mudanças”, que a *perestroika* havia fracassado, que a economia se deteriorara e que as relações entre os grupos nacionais iam de mal a pior. “Krioutchkov parecia menosprezar Gorbatchov”, recordou Gates.¹¹⁸

O que levou Krioutchkov e os demais conspiradores a atacarem foi a ameaça à sua posição no topo da pirâmide de poder. Posteriormente, Gorbatchov acreditou que o golpe havia sido desencadeado por um grampo de uma das discussões mais confidenciais que teve com Bóris Iéltzin. A conversa acontecera na noite de 29 de julho de 1991, um dia antes da visita de Bush a Moscou. O lugar foi a mesma *datcha* em Novo-Ogarevo onde Gorbatchov e Bush negociariam dois dias depois, e a conversa incluiu mais um chefe republicano, Nursultan Nazarbayev. Eles ficaram na casa até meia-noite, discutindo mudanças de pessoal que se seguiriam à assinatura de um novo tratado de união em 20 de agosto. Nazarbayev substituiria o primeiro-ministro Valentin Pavlov no novo governo da União. Iéltzin exigiu o afastamento de Krioutchkov e Iazov. Nazarbayev também queria se livrar de Yanayev. Embora se sentisse mal discutindo o destino de seus auxiliares, Gorbatchov concordou com o afastamento de Krioutchkov e do ministro do Interior, Bóris Pugo, mas não com o destino de Iazov.¹¹⁹

A conversa foi gravada por ordem de Krioutchkov, e agora o chefe da KGB sabia que seus dias no poder estavam contados, a menos que agisse imediatamente. Um golpe só poderia ser organizado enquanto o presidente estivesse fora de Moscou; do contrário, ele acabaria descobrindo os preparativos. Como Brejnev e seus aliados fizeram em 1964, concebendo uma aliança secreta contra Krushev quando ele estava de férias, Krioutchkov aguardou a viagem de Gorbatchov à Crimeia, chamou dois funcionários seus e incumbiu-os de preparar uma avaliação da provável reação pública à imposição do estado de emergência. O resultado não foi animador, pois os expertos da KGB concluíram que a reação seria em grande parte negativa. A situação econômica arriscava piorar. Mesmo assim, Krioutchkov sabia que precisava agir antes que Gorbatchov regressasse a Moscou para assinar o tratado de união em 20 de agosto. Naturalmente, havia certa esperança em que a aliança Gorbatchov-Iéltzin se rompesse antes, mas, como Gorbatchov e Iéltzin confirmaram sua disposição a assinar o tratado num telefonema em 14 de agosto, Krioutchkov não pôde esperar mais.

Nesse dia, mandou seus assessores prepararem planos para a introdução do estado de emergência. No dia seguinte, ordenou o grampeamento telefônico de Iéltzin e de outros líderes democráticos. Na sexta-feira, 16 de agosto, discutiu como proceder numa série de reuniões com seus companheiros *putschistas* no quartel-general da KGB. Em 17 de agosto, os conspiradores, entre os quais Krioutchkov e altos funcionários do partido e do governo, se reuniram num grupo maior em um “refúgio” da KGB conhecido pelo código “ABC”. Em primeiro lugar, perguntaram ao primeiro-ministro Pavlov, que ainda não estava envolvido com o complô, se ele sabia que estava prestes a ser afastado do cargo. Pavlov se disse disposto a renunciar, mas, mesmo assim, uniu-se aos golpistas. Interrogado depois do golpe, Pavlov e outros participantes da reunião declararam não terem discutido a deposição do presidente; o que tinham em mente era simplesmente ir à Crimeia e convencê-lo a decretar o estado de emergência. Na segunda-feira, dia 18, enviaram uma delegação a Gorbatchov. Antes de falar com o presidente, cortaram suas comunicações e detiveram seus guarda-costas. Planejada como um golpe de Estado ou não, a ação passou a sê-lo no momento em que mandou desligar os telefones do presidente da União Soviética.¹²⁰

A delegação que enfrentou Gorbatchov em Foros chegou ao Kremlin pouco depois das dez horas da noite de 18 de agosto. Dias depois, o marechal Iazov recordou que o relato ouvido pelos golpistas se reduzia ao seguinte: “Ele [Gorbatchov] mandou-os embora, recusando-se a assinar qualquer documento. Falando em termos gerais, nós revelamos ‘nossas intenções’, por assim dizer. E, se agora nos dispersamos de mãos vazias, estamos a caminho do patíbulo enquanto vocês ficam livres e puros.” A referência era aos membros da conspiração, inclusive Iazov e Krioutchkov, que haviam aguardado em Moscou pelo resultado da viagem à Crimeia.

Os *putschistas* não conseguiram chegar a um acordo imediato quanto ao curso de ação. A recusa de Gorbatchov a deixá-los fazer o “trabalho sujo” tomou-os de surpresa. O Gorbatchov que eles conheciam – um político matreiro, sempre manobrando e mudando de posição conforme as circunstâncias – sucumbiria sob pressão. Sua objeção colocou os conjurados numa situação precária. Seguir adiante com a implementação do estado de emergência significaria infringir a lei. Alguns presentes sugeriram que, tendo em conta a recusa de Gorbatchov a apoiar o golpe, as coisas deveriam ficar como estavam. Boldin tinha suas dúvidas. Na reunião no gabinete do primeiro-ministro, ele disse: “Eu conheço o presidente. Ele nunca perdoará semelhante tratamento.” Não havia caminho de volta, principalmente para aqueles que tinham ido à Crimeia. A única esperança

era a transferência dos poderes presidenciais a Yanayev por motivo de saúde.¹²¹

Esse havia sido o plano B desde o começo. Krioutchkov e os outros golpistas tinham certeza de que Yanayev aceitaria, mas o vice-presidente não sabia absolutamente nada sobre a conspiração ao entrar no gabinete do primeiro-ministro algumas horas antes da chegada da delegação que retornava da Crimeia. Tal como os membros da delegação, Yanayev não estava nada sóbrio quando chegou à reunião. Conhecido pela propensão a beber, ele tinha sido arrancado de uma mesa num resort nas redondezas de Moscou, aonde fora para visitar um amigo. Horas antes, sem nada saber sobre o complô, Yanayev dissera a Gorbatchov, por telefone, que se encontraria com ele quando retornasse a Moscou no dia seguinte. Quando o efeito do álcool começou a passar, ele não ficou nada satisfeito ao se ver envolvido naquela aventura “extraconstitucional”. Embora estivesse habilitado a assumir a Presidência em caso de incapacidade do titular do cargo, não havia prova de que Gorbatchov tivesse algum problema de saúde.

Quando Krioutchkov apresentou uma cópia do decreto de uma só frase, Yanayev se opôs, defendendo que o presidente retornasse quando se recuperasse da doença. Ademais, ele não se sentia preparado para assumir o cargo. Os conspiradores não podiam ceder. A tomada do poder pelo vice-presidente era sua única esperança de legitimar o golpe, ainda que mal, e pressionaram muito Yanayev, citando a necessidade de estabilizar a situação e “salvar a colheita”. Todos eles reuniram esforços para fazer o trabalho até o fim, e a única coisa que lhe cabia fazer era assinar o decreto. Quando Krioutchkov, bancando o “mocinho”, disselhe em voz baixa “Assine, Gennady Ivanovich”, ele se deu por vencido. O decreto dizia: “Dada a incapacidade de Mikhail Sergueievitch Gorbatchov, por motivos de saúde, atender às responsabilidades de presidente da União Soviética, e de acordo com o artigo 127 (7) da Constituição da União Soviética, as responsabilidades de presidente do país foram transferidas ao vice-presidente Gennady Yanayev a partir de 19 de agosto de 1991.” Então, como presidente em exercício, ele assinou um decreto de criação de um Comitê de Estado de Emergência, que incluía, além dele próprio, Krioutchkov, Iazov, Pavlov e outros membros da conspiração. A Constituição foi praticamente suspensa. O poder no país tinha sido usurpado pelo comitê.

Krioutchkov e seus auxiliares haviam preparado toda a papelada antecipadamente. Apesar das tantas referências à Constituição, nenhum dos decretos era constitucional. Não só Yanayev não tinha o direito de assumir os poderes de Gorbatchov – já que este não estava realmente incapacitado –, como,

segundo a Constituição, nem mesmo Gorbatchov tinha autoridade para declarar estado de emergência sem o consentimento dos parlamentos de toda a União e das repúblicas. Ademais, não havia motivo para declarar estado de emergência, pois não se registrou desastre natural, catástrofe industrial ou distúrbio popular. A única emergência que os redatores dos documentos conseguiram inventar foi a necessidade de “salvar a colheita”, porém, mesmo assim, a situação não estava melhor nem pior que de costume. Porém, com a assinatura dos questionáveis papéis por Yanayev e outros membros do comitê recém-formado, atravessou-se o Rubicão e chegou a hora de agir. Yanayev e o primeiro-ministro Pavlov, por sua vez, recolheram-se no gabinete do vice-presidente e beberam até o amanhecer. Os outros foram trabalhar no estabelecimento do estado de emergência além dos confins da propriedade de Gorbatchov em Foros.

Vladimir Krioutchkov passou o resto da noite reunido com seus subchefes e comandantes e organizando a implementação do golpe. Para começar, tinha sido ideia dele, e seu pessoal estava envolvido com a redação dos documentos relevantes e com os primeiros preparativos clandestinos. Era chegada a hora de envolver todo o aparato da KGB. Durante a madrugada, às 3h30, Krioutchkov convocou uma reunião geral da liderança da KGB para anunciar que a *perestroika* chegara ao fim. A liderança democrática não havia conseguido manter a situação sob controle, disse ele, tendo em mente Gorbatchov e seus consultores liberais, e estava na hora de impor um estado de emergência.¹²²

A primeira notícia sobre a deposição de Gorbatchov e a declaração do estado de emergência foi dada pela mídia soviética às seis horas da manhã de 19 de agosto. O rádio e a televisão soviéticos fizeram um anúncio que abalou o país, declarando estado de emergência durante um período de até seis meses. Não houve comentário independente e quase mais nada foi dito na programação do noticiário. As estações de televisão e rádio receberam ordem de trabalhar como faziam nos dias de luto pelo falecimento de líderes soviéticos. Após a morte dos secretários-gerais Brejnev, Andropov e Konstantin Chernenko, entre 1982 e 1985, o público soviético recebera transmissões de música clássica e balé. Acaso a apresentação de *O lago dos cisnes* naquela ocasião significava a morte de mais um chefe de Estado? Ninguém sabia ao certo. Houvera apenas o anúncio da doença do presidente, mas sem a complementação de um boletim médico.¹²³

Gorbatchov, que havia passado a noite em claro em Foros, soube de sua deposição graças a um radinho Sony que, por distração, os golpistas não levaram. “Que sorte tê-lo trazido conosco”, escreveu Raíssa Gorbatchova em seu

diário de Foros. “Mikhail Sergueievitch costuma escutar a estação Maiak quando faz a barba pela manhã. Ele o trouxe à Crimeia. O rádio fixo da residência não sintoniza nenhum comprimento de onda. Só o pequeno Sony funciona.” Toda a família passara a noite sem dormir. “Vários navios de guerra aproaram para nossa baía”, escreveu Raíssa. “Os barcos patrulheiros se aproximaram demais da praia, ficaram por uns cinquenta minutos e então foram embora.” Ela se perguntou o que aquilo podia significar: “Uma ameaça? Isolamento por mar?” Nem ela nem o marido sabiam a resposta.¹²⁴

A presença de um número maior de barcos patrulheiros nas proximidades da mansão de Gorbachov foi um dos poucos fatos que a CIA pôde informar ao presidente Bush além dos relatórios oficiais soviéticos sobre o golpe em andamento. Outra informação era que o avião do presidente soviético não saía da Crimeia. Os americanos sabiam que Gorbachov estava lá, mas ninguém era capaz de dizer o que havia acontecido. Eles só podiam esperar o melhor, mas seu otimismo era limitado, para dizer o mínimo.

Na noite de 19 de agosto, o presidente Bush ditou ao gravador uma carta sonora ao distante Gorbachov: “Enquanto estou aqui com o melhor conselho que podemos reunir, não tenho certeza de que exista uma chance de você voltar, Mikhail. Espero que você não tenha cedido a ponto de ter problemas se retornar. Espero que Iéltzin, que exige seu retorno, continue firme e que não seja afastado pelo poder desse horrendo golpe de direita.” As palavras pareciam uma oração, mas era uma incógnita se seria atendida.¹²⁵

¹⁰¹ BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 526.

¹⁰² Ibid., p. 520.

BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 422-423.

“Statement by Deputy Press Secretary Popadiuk on the Attempted Coup in the Soviet Union”.

Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em

http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3313&year=1991&month=8.

¹⁰³ “Telephone Conversation with Prime Minister Brian Mulroney of Canada, August 19, 1991”.

Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em

http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-19-Mulroney.pdf.

¹⁰⁴ “First Statement on Soviet Coup”. 19 de agosto de 1991, *C-Span*. Disponível em www.c-spanvideo.org/program/20705-1.

BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 429-430.

BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s Sons, 1995, pp. 514-518.

- BAKER, James A. "Assorted JAB Notes from Events Related to Attempted Coup in USSR, 8/12-8/22". Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 5.
- BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 504-505, 515.
- 105 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 521-522.
"Telcon with Jozsef Antall, Prime Minister of Hungary", 19 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-19-Antall.pdf.
- 106 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1995, p. 475.
GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 502.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 521-522.
- 107 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 521-522.
"Telephone Conversation with Prime Minister Brian Mulroney of Canada", 19 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush.
- 108 MEDVEDEV, Vladimir. *Chelovek za spinoi*. Moscou: Russlit, 1994, pp. 253-260, 269-273.
"Gorbachevskia dacha 'Zaria' v Forose". Disponível em <http://www.foros-yalta.com/?id=288>.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 17, 56, 135-143.
- 109 MEDVEDEV, Vladimir. *Chelovek za spinoi*. Moscou: Russlit, 1994, p. 278.
- 110 DOBBS, Michael. *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire*. Nova York: Knopf, 1997, pp. 377-379.
- 111 BRENT, Jonathan; NAUMOV Vladimir. *Stalin's Last Crime: The Plot Against the Jewish Doctors, 1948-1953*. Nova York: Harper Perennial, 2004, pp. 313-325.
MEDVEDEV, Vladimir. *Chelovek za spinoi*. Moscou: Russlit, 1994, pp. 147-148.
ZEN'KOVICH, Nikolai. *Mikhail Gorbachev, zhizn' do Kremliia*. Moscou: Olma-Press, 2001, p. 587.
- 112 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 631.
VARENNIKOV, Valentin. *Nepovtorimoe*. Volume 6. Parte 3. Moscou: Art Press, 2001.
BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995, pp. 15-16.
- 113 BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995, pp. 13-17.
Soiuz mozhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 289-290.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 626-630.

- 114 BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995, pp. 182, 263-265, 282, 333-334, 380-381.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, p. 8;.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 972-974.
EBON, Martin. *KGB: Death and Rebirth*. Westport, Connecticut: Praeger, 1994, pp. 3-6.
- 115 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 631-632.
BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995, pp. 15-17.
VARENNIKOV, Valentin. *Nepovtorimoe*. Volume 6. Parte 3. Moscou: Art Press, 2001.
DOBBS, Michael. *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire*. Nova York: Knopf, 1997, pp. 377-379.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 972-974.
- 116 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, p. 19.
- 117 GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 424.
- 118 Ibid., pp. 476-477, 491.
KRIUCHKOV, Vladimir. *Lichnoe delo*. Moscou: Olimp, 2003, pp. 364-475.
- 119 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 38-39.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 628, 642, 643.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2^a ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 204.
- 120 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 62, 84-85.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2^a ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 289-290.
REMICK, David. *Lenin's Tomb: The Last Days of the Soviet Empire*. Nova York: Random House, 1994, p. 45.
PAVLOV, Valentin. *Avgust iznutri. Gorbachev-putch*. Moscou: Delovoi Mir, 1993, pp. 105-115.
VARENNIKOV, Valentin. *Nepovtorimoe*. Volume 6. Parte 3. Moscou: Art Press, 2001.
- 121 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, p. 90.
BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995, pp. 18-19.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 632.
- 122 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou:

Ogonyok, 1992, pp. 90-91.

123 Ibid., pp. 107-110.

BONNELL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 33-41.

SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 827-831.

REMICK, David. *Lenin's Tomb: The Last Days of the Soviet Empire*. Nova York: Random House, 1994, pp. 459-460.

124 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 633.

125 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 421.

BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 526.

CAPÍTULO 5

BO rebelde russo ÓRIS IÉLTZIN FOI despertado pela filha Tatiana pouco depois das seis horas da manhã em sua casa de férias no complexo governamental de Arkhangelskoye-2, nos arredores de Moscou. Não tinha dormido nem cinco horas depois da visita que fizera a Nursultan Nazarbayev em Almaty. Primeiramente, custou a compreender o que estava acontecendo, mas, quando Tatiana lhe falou sobre o golpe, sua primeira reação foi: “Isso é ilegal.” A notícia foi um choque violento. Era 19 de agosto, o primeiro dia completo desde o *putsch*. Na noite anterior, ele havia concentrado os pensamentos na assinatura do novo tratado de união. Sua indagação era o que esperar de Gorbatchov quando o tratado fosse assinado: acaso tentaria jogar as repúblicas da Ásia Central, todas leais a ele, contra a Rússia? Agora, Iéltzin enfrentava uma situação sem precedentes. Sentou-se diante da televisão e ali ficou, vendo os locutores lerem as declarações oficiais do Comitê de Emergência. Evidentemente, Gorbatchov não figurava entre os membros do tal comitê. O tratado era carta fora do baralho. O que fazer agora?

Naina, a esposa de Iéltzin, foi a primeira a se acalmar. “Boria”, disse ela, chamando o marido pelo apelido, “Para quem podemos telefonar?”. A maioria dos dirigentes russos estava nos prédios próximos. Ao contrário dos telefones de Gorbatchov, as linhas de Iéltzin continuavam funcionando, e ele se apressou a chamar os auxiliares a sua casa. Os visitantes o encontraram muito pensativo. Todos concordaram que se tratava de um golpe de Estado. Considerando a composição do Comitê de Emergência, os *putschistas* tinham nas mãos todos os instrumentos do poder. Já o governo russo, pelo contrário, não passava de um tigre de papel. Contava com ministros e secretarias, mas não controlava o Exército, a KGB ou as forças internas. Os prefeitos democraticamente eleitos de Moscou e de Leningrado (que passaria a se chamar São Petersburgo em setembro de 1991) tinham, teoricamente, a polícia local sob controle, mas só isso. O primeiro impulso foi entrar em negociação com o Comitê de Emergência, mas a ideia não tardou a ser rejeitada. Em vez disso, a liderança russa apelaria para o povo.

Iéltzin e os membros do governo da Federação Russa começaram a escrever o texto do apelo sem ter papas na língua: “Na madrugada de 18 para 19 de agosto de 1991, o presidente legalmente eleito do país foi aliado do poder.” O texto declarou que o Comitê de Emergência estava fora da lei e convocou os “cidadãos da Rússia a repelirem devidamente os *putschistas* e exigirem o retorno ao desenvolvimento constitucional normal”. Iéltzin, o primeiro-ministro Ivan Silaiev e o presidente do parlamento Ruslan Khasbulatov, as três autoridades russas que assinaram o apelo, convocaram a sociedade a uma greve geral até que suas reivindicações fossem atendidas: pediam que Gorbatchov fosse autorizado a falar ao país e que se convocasse uma sessão de emergência do parlamento soviético. O apelo foi escrito à mão e datilografado por Tatiana. Estava pronto para ser distribuído. Seus pontos principais foram ditados por telefone ao vice-presidente russo, Alexander Rutskoi, que então se encontrava em Moscou. O vice-prefeito da cidade, Iuri Luzhkov, entrou precipitadamente em seu carro e, em alta velocidade, levou à capital uma cópia do apelo. Tinha ordens de Iéltzin para mobilizar os moscovitas contra o golpe.

Já eram quase nove horas da manhã, e Iéltzin precisava decidir o que fazer. Ficar em Arkhangelskoye ou ir para Moscou? “Temíamos ser capturados lá”, relembrou o primeiro-ministro Silaiev, aludindo a Arkhangelskoye. Seria fácil naquele complexo tão distante, mas o perigo de serem presos a caminho de Moscou não era menos real. Os guarda-costas, que vinham relatando a presença de tropas da KGB nas proximidades do complexo e o movimento de tanques em direção à capital, ofereceram transportar Iéltzin secretamente a um barco pesqueiro no rio Moscou e depois seguir de carro para a capital. Ele se recusou. Iria em sua limusine presidencial à Casa Branca, como os moscovitas chamavam o enorme prédio do parlamento russo no centro da cidade, de onde comandaria a resistência. Viu lágrimas nos olhos da esposa. Quando Iéltzin pôs um colete à prova de balas e preparou-se para sair, ela tentou detê-lo: “O que você protege com esse colete? Sua cabeça está desprotegida. E sua cabeça é o mais importante.” Ela acrescentou: “Escute: há tanques lá fora. De que adianta você ir? Os tanques não o deixarão passar.”

Mais tarde, Naina Iéltzina recordou as palavras do marido: “Não, eles não me deterão.” Foi quando ela sentiu verdadeiramente medo. Iéltzin guardou uma lembrança um pouco diferente de sua resposta. “Eu tinha de dizer alguma coisa”, escreveu ele em suas memórias, “então eu disse o melhor que me ocorreu: ‘Nós temos uma bandeirinha russa no carro. Eles não vão nos parar quando a virem’”. As memórias de Iéltzin não esclarecem que bandeira russa havia no carro: a

soviética oficial, a vermelha com uma estreita listra azul, sob a qual ele prestara o juramento presidencial poucas semanas antes, ou a antiga bandeira tricolor tsarista, com faixas branca, azul e vermelha, oficial do Império Russo e, posteriormente, da primeira revolução democrática de fevereiro de 1917, que derrubou o tsar. Decerto foi justamente a última que se tornou o símbolo da esperança e da identidade russas nos dias do golpe.

Algumas horas depois, ao chegar à Casa Branca, Iéltzin subiu num dos tanques que cercavam o prédio do parlamento para ler seu apelo ao povo da Rússia. Atrás dele, os assessores desfraldaram uma bandeira tricolor russa de tamanho médio. “Aquele comício improvisado no tanque não foi um artifício de propaganda”, recordou ele. “Quando saí e fui ao encontro do povo, senti uma explosão de energia e uma enorme sensação de alívio.” Agora Iéltzin liderava uma oposição ao golpe que dizia querer salvar a União Soviética. Fazia-o em nome da Rússia, sob as tradicionais cores imperiais, como o líder improvável de uma revolta ainda mais improvável. A Rússia se rebelava contra seu próprio império.

Para o chefe da KGB, Vladimir Krioutchkov, assim como para a maior parte dos golpistas, o dia seguinte à noite de vigília de 18 de agosto foi agitado, mas também cheio de entusiasmo. Logo depois das cinco horas da manhã, ele ordenou a distribuição de documentos impressos aos comandantes militares para a detenção de líderes da oposição. O primeiro-ministro Valentin Pavlov exigiu a prisão de mil ativistas, porém Krioutchkov não foi tão implacável. Havia cerca de setenta indivíduos na sua lista, inclusive os ex-assessores liberais de Gorbatchov, Eduard Shevardnadze e Alexander Yakovlev. Também havia uma breve lista de dezoito pessoas, na qual figuravam ativistas da Shield, uma organização de ex-oficiais das Forças Armadas que os conspiradores consideravam capazes de organizar protestos em massa. A “listinha” não incluía o nome de Bóris Iéltzin.

O presidente russo não era amigo de Gorbatchov, e os *putschistas* esperavam ganhar sua adesão. Krioutchkov mandou comandos de seu grupo Alfa da KGB ao chalé de Iéltzin em Arkhangelskoye com ordens de criar condições para que o presidente russo negociasse com a liderança soviética. Em linguagem simples, isso significava prendê-lo, mas Krioutchkov logo mudou de ideia e suspendeu a operação em Arkhangelskoye. Na esperança de que o parlamento soviético fornecesse um véu de legitimidade ao golpe, teve o cuidado de evitar uma ação precipitada. Sem dúvida, a prisão não provocada de uma figura proeminente

como Iéltzin levantaria questões no parlamento. Por conseguinte, decidiu-se aguardar: se Iéltzin cooperasse, seria mantido em liberdade; caso contrário, podia ser preso por violação das leis recém-proclamadas tão logo mostrasse claramente que se opunha ao estado de emergência e, assim, esperava-se, ficasse desacreditado aos olhos do público. Os conjurados tinham certeza de que a maioria da população estava farta da anarquia do governo de Gorbatchov e apoiaria o golpe. Portanto, permitiu-se que Iéltzin fosse a Moscou na manhã de 19 de agosto; os agentes do grupo Alfa receberam ordem para deixá-lo passar.¹²⁶

Às dez horas, os conspiradores foram ao gabinete do presidente interino Yanayev para a primeira reunião regular do Comitê de Emergência. Krioutchkov contou aos colegas que havia entrado em contato com o presidente russo. O resultado foi deprimente: “Iéltzin se recusa a cooperar. Eu falei com ele por telefone. Tentei chamá-lo à razão. Foi inútil.” Tratava-se de um claro revés, mas não um motivo importante para preocupação. O golpe estava evoluindo conforme o planejado. Às seis horas, tanques da divisão de Taman haviam cercado o estúdio e a torre da televisão Ostankino; uma hora depois, o resto das tropas das divisões de Taman e de Kantemirovskaya, conhecidas pelos moscovitas por sua participação nas paradas militares anuais na praça Vermelha, começaram a chegar. Ao todo, quatro mil homens, mais de 350 tanques, cerca de trezentos veículos blindados com pessoal e 420 caminhões entraram rapidamente na cidade. As tropas convergiram para a capital quando os moscovitas que haviam passado o fim de semana em suas casas de campo estavam retornando à cidade. Os soldados bloquearam as interseções importantes e criaram confusão nas estradas. A limusine de Iéltzin conseguiu chegar ao centro da cidade antes que os veículos do Exército tornassem as ruas quase intransitáveis.

Os moscovitas reclamavam do tráfego congestionado e do Exército, mas geralmente tratavam bem os soldados individuais. Conversavam com os jovens recrutas, cuja idade média era dezenove anos. Também levavam comida e doces e bombardeavam os oficiais com perguntas intermináveis: Por que estão aqui? Vão atirar? Os soldados não sabiam responder à primeira pergunta, mas sabiam que não atirariam em civis. Para os conspiradores, as coisas iam bem. Não havia manifestações em Moscou, as empresas estavam trabalhando normalmente e o chamado de Iéltzin à greve geral não obtivera resposta. Seu discurso em cima de um tanque criara uma imagem impressionante, mas havia relativamente pouca gente nas imediações da Casa Branca para ouvi-lo. A situação fora de Moscou também parecia calma. Krioutchkov recebia relatórios regulares vindos de todo o país. Ele recordou mais tarde: “Reinava a calma em toda parte. A primeira

reação trouxe esperança; havia até uma certa euforia.”

Com as tropas em segurança em Moscou e a situação sob controle, era chegada a hora de enfrentar o público e contar ao povo soviético e à comunidade internacional o que os golpistas queriam. Muitos correspondentes estrangeiros e um seleto grupo de repórteres soviéticos, cujos editores gozavam da confiança dos linhas-duras, foram convidados a uma coletiva de imprensa a acontecer às seis horas da tarde no centro de imprensa do Ministério das Relações Exteriores. Lá, algumas semanas antes, Bush e Gorbatchov tinham dado sua coletiva de imprensa depois da assinatura do tratado START. Cansado e sob pressão, Gennady Yanayev, que nada sabia sobre o golpe até um dia antes e dificilmente teria se imaginado seu líder, foi encarregado de vendê-lo ao povo. Krioutchkov, Iazov e o primeiro-ministro Pavlov se recusaram a enfrentar o público, dispondo-se a administrar o golpe nos bastidores, mas o resto dos conspiradores, inclusive o ministro do Interior Bóris Pugo, sentaram-se com ele à mesa em frente a centenas de jornalistas estrangeiros e nacionais.

“Senhoras e senhores, amigos e camaradas”, disse Yanayev ao abrir a coletiva, “como já sabem pelos relatos da mídia, Mikhail Sergueievitch Gorbatchov se acha impedido, devido ao seu estado de saúde, de cumprir os deveres de presidente da União Soviética, de modo que o vice-presidente assumiu temporariamente o cumprimento desses deveres”. Yanayev também frisou a gravidade da situação política e econômica em que o país se encontrava em consequência das reformas instauradas por Gorbatchov e prometeu organizar a discussão mais ampla possível sobre o novo tratado de união. Quando terminou, permitiu-se que a plateia fizesse perguntas a ele e aos demais membros do comitê. Naquela tarde, o comitê havia mandado fechar todos os jornais de tendência liberal em Moscou. À noite, usaria seu controle total da televisão estatal para projetar a imagem que desejasse do golpe e de seus objetivos. As câmeras de televisão estavam no salão. O plano dos golpistas era simples: seu próprio homem conduziria a coletiva de imprensa, e, por mais que os estrangeiros fizessem perguntas desconfortáveis, as perguntas “certas” dos repórteres leais as compensariam.

Tudo começou bem. Os correspondentes leais fizeram perguntas destinadas a ajudar Yanayev a argumentar a favor de medidas extraordinárias e contra as ações empreendidas por Bóris Iéltzin. Um correspondente do *Pravda* disse que o chamado do presidente russo à greve geral podia “levar às mais trágicas consequências”. Contudo, a pergunta seguinte, feita por um correspondente estrangeiro, abriu uma salva devastadora de indagações. Alheios ao tom

estabelecido pelos repórteres soviéticos, seus colegas estrangeiros bombardearam Yanayev com perguntas sobre a saúde de Gorbatchov e apontaram a ilegalidade do golpe. Nesse aspecto, a pancada mais dura veio de uma jornalista local. Tatiana Malkina, uma jovem repórter do *Nezavisimaya Gazeta* (gazeta independente, em português), um dos jornais fechados pelos *putschistas*, havia entrado furtivamente no salão da coletiva sem ser convidada. Quando o desavisado secretário de imprensa lhe passou a palavra, ela sacudiu o público com a audácia de sua atitude: “O senhor pode fazer o favor de dizer se compreende ou não que vocês deram um golpe de Estado ontem à noite? Qual comparação lhe parece mais cabível: 1917 ou 1964?” As referências eram ao golpe bolchevique e à deposição de Nikita Krushev.

Yanayev se esquivou da pergunta, dizendo que nenhum precedente se aplicava àquele caso, mas a pergunta seguinte, feita por um jornalista estrangeiro, não foi menos esmagadora, indagando se os conspiradores haviam consultado o general Pinochet, líder do golpe de Estado ocorrido no Chile em 1973. O público explodiu em gargalhadas e aplausos. O secretário de imprensa exigiu ordem. Respondendo outras perguntas e contestando acusações de que o comitê estava agindo inconstitucionalmente, Yanayev prometeu que o parlamento soviético entraria em sessão em 26 de agosto e se esforçou para assegurar, perante o público, sua lealdade ao “amigo presidente Gorbatchov”, cujo restabelecimento e retorno ele esperava ansiosamente. Antes da coletiva, Yanayev tinha recebido uma mensagem de Gorbatchov exigindo que restabelecessem as comunicações em Foros e providenciassem um avião que o levasse à capital. A exigência foi rejeitada. Em compensação, os guardas reconectaram o cabo de televisão, possibilitando a Gorbatchov e sua família assistir à coletiva de imprensa.

O encontro com os jornalistas foi um fracasso para os conjurados. As câmeras de televisão mostraram a todo o país um *apparatchik* fragilizado e de aparência pouco saudável, com um esquisito corte de cabelo para esconder a calvície, a voz trêmula, o nariz escorrendo e mãos inquietas que ele não sabia onde pôr. Pouco conhecido no país e insignificante para quem o conhecia, Yanayev confirmou as piores expectativas das pessoas. A coletiva de imprensa mostrara ao povo de todo o país que as autoridades não só podiam ser contestadas, como até ridicularizadas. Mais tarde, naquela noite, ficou evidente que os golpistas não tinham pleno controle sobre a televisão soviética. O programa de notícias oficial *Vremia* (em português, “tempo”) incluiu, além de uma leitura das declarações do Comitê de Emergência e de uma reportagem sobre a coletiva de imprensa, uma transmissão de tomadas da Casa Branca, onde os partidários de Iéltzin erguiam

barricadas. Agora todo mundo em Moscou sabia que a resistência era possível e aonde ir para participar dela.

A coletiva realçou um grave problema do comitê, tornando óbvio que lhe faltava um líder incontestável. O cabeça do *putsch* era Krioutchkov, mas a autoridade formal pertencia a Yanayev, que, sendo um *apparatchik* experimentado, tentava salvar seu lugar no topo da pirâmide soviética da única maneira que ele sabia: evitando a responsabilidade. O primeiro-ministro Valentin Pavlov, que entrara no comitê e exigira medidas severas contra seus adversários políticos e os participantes da greve, bebeu até sofrer uma crise de hipertensão e encontrar porto seguro num hospital. O marechal Iazov e o ministro do Interior Pugo estavam às turras desde que seus subordinados começaram a ser deslocados para esmagar movimentos pró-independência nas repúblicas não russas, de modo que não se dispunham a assumir a responsabilidade por fracassos lá. Quando a mulher do marechal Iazov o procurou no Ministério da Defesa, durante a coletiva de imprensa, e implorou-lhe que saísse do comitê e telefonasse para Gorbatchov, ele lhe disse: “Emma, entenda que estou sozinho.” Depois, sacudiu a cabeça, desesperado, ao assistir à transmissão da coletiva. “Dima”, disse Emma, chamando-o pelo apelido, “com quem você se meteu? Você vivia rindo dessa gente!”.

Quando os conspiradores se reuniram no gabinete de Yanayev depois da coletiva de imprensa, a euforia que sentiram poucas horas antes tinha desaparecido. Agora entendiam que Iéltzin era um perigo real e que convinha entrar em acordo com ele, decidindo fazer algo nesse sentido no dia seguinte.

A manhã de 20 de agosto começou, para Yanayev e os outros, com a leitura de um novo memorando da KGB sobre os erros cometidos na véspera. O comitê, escreveram os especialistas da KGB, não tinha conseguido impor o estado de emergência, localizar e isolar os líderes opositores, interromper as comunicações entre os grupos opositores e apreender os recursos de mídia da oposição. E havia outras más notícias, pois estavam diminuindo as chances de o parlamento soviético aprovar as ações do comitê à medida que se espalhavam boatos, entre os políticos, segundo os quais Gorbatchov estava vivo e saudável em sua gaiola na Crimeia. Naquela manhã, Krioutchkov, Iazov e Pugo ordenaram aos subordinados que preparassem um plano para tomar a Casa Branca.

Bóris Iéltzin passara o dia 19 de agosto na Casa Branca. Naina Iéltzina, sua filha mais nova, Tatiana, e o resto da família se esconderam num pequeno

apartamento localizado na periferia de Moscou, que pertencia ao guarda-costas de Iéltzin.

Haviam saído apressadamente de Arkhangelskoye assim que a limusine presidencial de Iéltzin, com sua bandeira russa, partiu para Moscou. Os membros da família entraram num furgão trazido pelos guardas. Disseram a Bóris e Maria, os filhos pequenos da filha mais velha de Iéltzin, Elena, que, se o pessoal da segurança os mandasse deitar no chão do furgão, obedecessem sem fazer perguntas. “Mamãe, vão atirar na nossa cabeça?”, perguntou o menino. A pergunta abalou toda a família. Embora a tropas da KGB tenham inspecionado o furgão na saída de Arkhangelskoye, eles foram autorizados a seguir viagem a Moscou. Quando Tatiana ligou de um telefone público na manhã de 20 de agosto, não conseguiu falar com o pai. Como contou posteriormente, disseram-lhe que estava “tudo normal. Papai praticamente não dormiu, trabalha sem parar e seu ânimo é de combate”.

Na Casa Branca, Iéltzin estava no seu hábitat. Projetando uma sensação de força e sua fé na vitória final, encarnava o tipo de liderança com que os golpistas só podiam sonhar. Político carismático capaz de sentir o estado de ânimo das massas, estava disposto a correr riscos que seus competidores, inclusive Mikhail Gorbatchov, não se dispunham a correr. Como Abraham Lincoln e Winston Churchill, Iéltzin simplesmente crescia e brilhava em períodos de crise. Também fora assim quando o expulsaram de Moscou como chefe do partido no outono de 1987, ocasião em que tentou se suicidar furando a barriga com uma tesoura de escritório. Ele tratava suas depressões com álcool, surpreendendo tanto partidários quanto oponentes com seu comportamento errático, mas se agigantava nas crises e, também dessa vez, mostrou-se à altura dos acontecimentos.

Além de subir num tanque, o presidente russo havia passado aquele dia promulgando decretos que declaravam o golpe inconstitucional e estabeleciam sua autoridade sobre as instituições e tropas em território da Federação Russa. A KGB soviética, as tropas do Ministério do Interior e o Exército deviam obedecer unicamente às ordens do presidente russo, declaravam seus decretos e apelos. No entanto, no âmbito mais íntimo, ele se preparava para o pior. Os relatórios enviados aos membros do Comitê de Emergência naquela manhã não mentiam: não só não havia uma greve geral política, como nenhuma greve individual ganhara evidência. No fim do dia, algumas minas foram paralisadas na longínqua região de Kemerovo, mas isso não chegava a ajudar os defensores da Casa Branca.

Alexander Rutskoi, o vice-presidente de Iéltzin, de 44 anos, foi incumbido da defesa da Casa Branca. Ex-piloto militar, Rutskoi tinha sido derrubado duas vezes no Afeganistão. Numa ocasião, foi capturado por agentes do Inter-Serviços de Inteligência do Paquistão e, ao que parece, recebeu uma proposta de imigração para o Canadá em troca de cooperação com a CIA, mas permaneceu leal ao seu país. Libertado do cativeiro, foi condecorado com a estrela de Herói da União Soviética e eleito para o parlamento russo antes de ser escolhido por Iéltzin como seu vice nas eleições presidenciais de 1991. Inconformista por natureza e oficial militar treinado, Rutskoi era o candidato ideal para organizar as defesas da Casa Branca, que dependia muito da *expertise* de veteranos do Afeganistão. Porém, nem os homens precariamente armados de Rutskoi nem as barricadas improvisadas pelos moscovitas imitando as barreiras construídas pelos lituanos ao redor de seu parlamento em janeiro de 1991 seriam capazes de repelir um ataque dos comandos de Krioutchkov com o apoio dos tanques de Iazov. Iéltzin, Rutskoi e o resto da liderança russa sabiam muito bem disso. Sua única esperança era que os *putschistas* não se atrevessem a atacar ou, se o fizessem, que as tropas não obedecessem à sua ordem de atirar.

Iéltzin trabalhou arduamente naquele dia para ganhar as tropas levadas a Moscou pelos conspiradores. Apelou individualmente a alguns comandantes, tentando atraí-los para seu lado. Um dos primeiros telefonemas que dera em Arkhangelskoye tinha sido para o general Pavel Grachev, um veterano do Afeganistão, de 43 anos de idade, e comandante-chefe das unidades de paraquedistas de Iazov. O presidente russo o havia conhecido meses antes, durante sua campanha presidencial. Na ocasião, o general lhe garantira que estava disposto a defender o governo russo contra qualquer desafio à Constituição. Tinha chegado a hora de testar a determinação do general. Mesmo que Grachev não tivesse a intenção de fazer o que disse no calor da campanha política, Iéltzin nada tinha a perder. Nenhum golpe era possível sem os paraquedistas, que formavam uma das poucas unidades do Exército soviético prontas para o combate, e, na pior das hipóteses, Iéltzin ficaria sabendo o que se passava entre eles. Seus contatos com adversários reais ou potenciais prosseguiriam durante todo o golpe.¹²⁷

Porém, a principal batalha pela lealdade do Exército foi travada nas ruas de Moscou. Inicialmente chocados com a presença de tanques na sua cidade, os moscovitas não tardaram a adotar uma estratégia que foi devastadora para o golpe e que se resumiu a simplesmente cativar “os rapazes”. Bate-papos casuais com veteranos do Exército, moças bonitas e avós boazinhas que compartilhavam

o que quer que tivessem com os soldados tornaram-nos psicologicamente incapazes de esmagar qualquer agitação civil. A nova classe de empresários russos, que apoiavam Iéltzin e temiam a perda de suas empresas nas mãos de um novo regime comunista linha-dura, levou à Casa Branca comida e álcool suficientes para manter os ânimos não só de seus defensores, mas também das tropas estacionadas em torno à fortaleza de Iéltzin. Iazov estava horrorizado. Para eliminar o perigo de fraternização, os comandantes do Exército começaram a revezar suas unidades em toda Moscou. No entanto, Iéltzin tornou o mais difícil possível que Iazov e seu pessoal conseguissem comandar a lealdade das tropas. Sua primeira vitória foi obtida em grande parte graças ao esforço dos moscovitas, com os quais ele contava para inverter o estado das coisas quando os convocou a um comício em frente à Casa Branca ao meio-dia de 20 de agosto.

A Eco de Moscou, uma estação de rádio independente cujos jornalistas se recusavam a se deixar intimidar pelos *putschistas*, passou a exortar incessantemente os moscovitas a irem à Casa Branca. As reportagens na televisão na noite anterior haviam mostrado aos cidadãos onde se reunir. Contudo, era um jogo de azar. Se as pessoas desconsiderassem a convocação para um comício do modo como haviam desconsiderado o chamado à greve geral, nenhuma barricada ou relutância por parte das tropas salvaria Iéltzin e a nascente democracia russa das iminentes medidas repressivas. Contudo, as pessoas ouviram a convocação e compareceram em número assombroso. Iéltzin falou da varanda da Casa Branca a cerca de cem mil moscovitas que foram ao local para manifestar apoio a ele e à sua luta. Levaram uma enorme bandeira tricolor. Bandeiras menores decoravam a varanda onde Iéltzin se postara para falar à cidade e à nação. O presidente falou por trás de escudos à prova de balas, e seus assessores logo o puxaram para dentro, pois temiam possíveis atiradores de elite posicionados nos telhados dos prédios próximos.

Não faltaram oradores naquele dia. Durante três horas, um sucedeu ao outro, dirigindo-se à multidão, que respondia com gritos de “Iéltzin, nós te apoiamos”, “A Rússia está viva!” ou “Levem a junta a julgamento!”. Entre os oradores encontravam-se o ex-ministro das Relações Exteriores de Gorbatchov, Eduard Shevardnadze, e o mais conhecido poeta vivo da Rússia, Ievgueni Ievtuchenko, que leu um poema apresentando referências a Pushkin e Tolstói e descrevendo a Casa Branca como “um cisne de mármore da liberdade ferido e defendido pelo povo” e nadando rumo à imortalidade. Também estava presente o mundialmente famoso violoncelista Mstislav Rostropovich, que, tendo recebido a notícia do golpe em Paris, tomara o primeiro avião a Moscou. Na Casa Branca, ele fez uma

apresentação para seus defensores e, então, armou-se de um fuzil de assalto Kalashnikov. B, a viúva de Andrei Sakharov, o pai da bomba de hidrogênio soviética e durante muito tempo dissidente político, fez sucesso com uma anedota pessoal de sua vida no exílio com Sakharov. Ela perguntou a um funcionário da KGB por que o regime andava escrevendo mentiras a respeito de seu marido. “Isso não é escrito para nós, e sim para a ralé”, respondeu o funcionário. “A junta faz o mesmo”, argumentou Bonner. “Tudo que eles têm dito e escrito é para a ‘ralé’. Pensam que nós somos ‘ralé’.” Os ouvintes de Bonner acreditavam que eles já não eram ralé. Os organizadores do comício pediram aos participantes que ficassem e ajudassem a defender a Casa Branca. Milhares atenderam ao pedido.¹²⁸

Quando o comício junto aos muros da Casa Branca russa se acercava do fim, Iéltzin recebeu o estímulo que esperava. Na linha telefônica da cidade, que não tinha sido cortada pela KGB, ouviu a voz de George H.W. Bush. Era um telefonema que fora preparado por muito tempo. Na tarde de 19 de agosto, minutos antes que Bush fizesse sua primeira e muito cautelosa avaliação pública do golpe em seu complexo em Kennebunkport, Andrei Kozyrev, o ministro das Relações Exteriores de Iéltzin, havia convocado Jim Collins, o encarregado de negócios americano em Moscou, à Casa Branca russa para entregar-lhe uma carta de Iéltzin para o presidente Bush. “Eu lhe peço, senhor presidente”, dizia o texto, “que chame a atenção de toda a comunidade mundial e principalmente das Nações Unidas para os fatos que estão ocorrendo na União Soviética e que exija a reabilitação dos órgãos do poder legalmente eleitos e a reafirmação de M.S. Gorbatchov como presidente da União Soviética”.¹²⁹

Na metade da manhã, o conteúdo da carta já tinha sido recebido em Washington. O consultor adjunto de segurança nacional, Robert Gates, ditou-o por telefone para Brent Scowcroft, que estava com o presidente num voo do Maine para Washington. Após uma breve discussão, Bush e Scowcroft decidiram que a carta era motivo suficiente para endurecer a posição pública do governo perante o golpe. Coube ao sempre cauteloso Scowcroft fornecer essa nova ênfase. O general falou à imprensa na parte traseira do avião. Diante das câmeras, declarou que todos os conjurados eram conservadores, que o golpe fora concebido para destruir as reformas e que o governo dos Estados Unidos tinha uma atitude negativa para com o que continuou chamando de ato “extraconstitucional”. Mesmo que isso tenha ficado aquém das expectativas de Iéltzin, o governo se aproximava pouco a pouco de uma posição mais dura

perante o *putsch* e seus perpetradores. A carta de Iéltzin foi a primeira mensagem oficial a sair de Moscou e chegar a Washington, mas o presidente russo não foi o único dirigente soviético a bater na porta do americano naquela manhã.¹³⁰

Viktor Komplektov, embaixador em Washington e um entre os poucos funcionários soviéticos a acompanharem Bush em sua visita a Kiev semanas antes, visitou o Departamento de Estado e a Casa Branca para entregar missivas de seus novos chefes no Kremlin. “Envio-lhe esta mensagem em um momento crítico para o destino da União Soviética e para a situação internacional em todo o mundo”, começava a carta de Gennady Yanayev ao presidente Bush. Ela expressava a determinação dos conspiradores de seguir em frente com sua agenda *antiperestroika*, embora prometessem dar prosseguimento às reformas. No final do texto preparado pelos especialistas da KGB subordinados a Krioutchkov, Yanayev acrescentara uma breve nota pessoal que solapava as afirmações acerca da doença de Gorbatchov. “Para sua informação”, escreveu ele, “Mikhail Sergueievitch [Gorbatchov] está em plena segurança e nada o ameaça”. Komplektov entregou a carta a Gates, que, aliás, era o funcionário sênior de plantão na Casa Branca naquela manhã. “Eu não ofereci nenhum comentário amável ou conversação cordial e tentei tornar a atmosfera a mais fria possível”, escreveu Gates, recordando seu encontro com Komplektov.¹³¹

Gates tinha acabado de sair de uma reunião de subdiretores dos principais ministérios do governo, que ele mesmo convocara na Sala de Situação da Casa Branca às nove e meia da manhã. Durante a conversa, os participantes haviam decidido mudar o tom dos pronunciamentos americanos a respeito do golpe, deslocando-se em direção a uma real condenação. Tal decisão foi influenciada por um relatório entregue pelo vice-diretor da CIA, Richard Kerr. Os analistas da agência acreditavam que estavam lidando com um golpe “incompleto”, cujo resultado ainda não estava claro. Gates lembrou mais tarde: À medida que a manhã avançava, nossa impressão em Washington era de que algo não cheirava bem, algo estava errado em Moscou. Por que todos os telefones e linhas de fax continuavam funcionando para dentro e para fora da cidade? Por que a vida cotidiana tinha sido tão pouco afetada? Por que a “oposição” democrática em todo o país, e até na capital, não estava presa? Como era possível que o regime deixasse a oposição formar barricadas no prédio do parlamento russo e as pessoas irem e virem? Começamos a achar que os golpistas não estavam tão bem organizados e que talvez, apenas talvez, fosse possível reverter aquela situação.

Eles decidiram reforçar a declaração em que haviam trabalhado com a

inclusão da palavra “condenar”. Gates consultou Scowcroft, que ainda estava a caminho de Washington, e acrescentou essa palavra fundamental ao texto do documento. Ela gerou manchetes nos noticiários noturnos e salvou a cara do governo, que havia iniciado o dia com declarações que cheiravam a apaziguamento.¹³²

Uma declaração que condenava o golpe de Estado com ainda mais força foi aprovada na segunda reunião do comitê de subdiretores convocada por Gates às cinco horas da tarde na Sala de Situação. Dela participaram o presidente Bush, o consultor de segurança nacional Brent Scowcroft e o chefe do Estado-Maior Conjunto, general Colin Powell. A essa altura, havia novos indícios da desorganização dos *putschistas*. Richard Kerr, vice-diretor da CIA, resumiu assim a estimativa da agência: “Em suma, senhor presidente, não parece ser um golpe de Estado convencional. Não é muito profissional. Eles não estão tentando tomar o controle dos principais centros de poder ao mesmo tempo, e não se pode levar um golpe adiante por etapas.” A nova informação indicava que agora o presidente podia ir muito além na condenação do golpe. “Nós estamos profundamente transtornados com os acontecimentos das últimas horas na União Soviética e condenamos o recurso inconstitucional à força”, começava o novo documento, que incluía uma citação da carta de Iéltzin ao presidente Bush, exigindo a reabilitação dos órgãos de poder legalmente eleitos e a reafirmação de M.S. Gorbatchov como presidente da União Soviética.¹³³

Para Iéltzin, a citação foi um sinal de que Bush recebera sua carta e estava do seu lado, não oferecendo apoio ou reconhecimento aos golpistas, mas Bush ainda relutava em telefonar para o presidente russo. Em vista das relações desagradáveis com Iéltzin durante sua recente visita a Moscou, o americano não tinha pressa em contatá-lo. Pediu aos assessores que o conectassem com Gorbatchov, mas as linhas estavam mudas. O presidente dos Estados Unidos tinha visto pessoalmente o quanto a rivalidade entre Gorbatchov e Iéltzin se tornara implacável e não queria fazer nada que provocasse uma nova rodada de hostilidades. Todavia, o progresso do golpe de Estado não lhe deixava muita escolha. Na noite de 19 de agosto, os assessores presidenciais chegaram à conclusão de que seu chefe teria de telefonar para Iéltzin.¹³⁴

Na manhã de 20 de agosto, sem conseguir contato com Gorbatchov, Brent Scowcroft redigiu um memorando que serviria de base para o telefonema de Bush para Iéltzin. Os americanos contavam com poucas informações confiáveis sobre a situação em rápida evolução em Moscou. Scowcroft disse ao presidente que Iéltzin estava “refugiado no prédio da RSFSR [República Socialista

Federativa Soviética Russa], sua ‘Casa Branca’, com aproximadamente cem subordinados”. Também corriam boatos de que ele já tinha sido preso. Outro rumor afirmava que Gorbatchov estava em Moscou, escreveu Scowcroft. A inteligência americana não podia confirmar nenhuma dessas informações duvidosas, e o consultor de segurança nacional queria que o presidente recebesse “informações de primeira mão sobre a situação corrente”. Também havia outras razões para o telefonema. “Ligar para o presidente russo nessa manhã significa mostrar apoio a ele e, através dele, ao processo constitucional violado pelo golpe de Estado. Um simples telefonema o animará”, afirmou Scowcroft. Isso era o máximo que o governo estava disposto a fazer em apoio à resistência ao *putsch* em Moscou. “É importante não dar ao presidente Iéltzin, nem involuntariamente, a impressão de que podemos oferecer mais do que apoio geral”, escreveu Scowcroft. Era preciso garantir-lhe que os Estados Unidos apoiavam sua exigência da restauração de Gorbatchov ao poder. Os americanos também tentariam falar com os chefes golpistas para buscar evitar o uso da força.¹³⁵

A ligação para Iéltzin completou-se miraculosamente pouco depois das oito horas da manhã¹³⁶ de 20 de agosto. “Estou ligando para saber como vão as coisas aí”, começou o presidente, aparentemente esquecendo-se de cumprimentar o interlocutor russo. “Bom dia”, respondeu Iéltzin, para quem era fim de tarde em Moscou. “Bom dia”, reiterou Bush, sem dar atenção à diferença de fuso horário entre Washington e a capital soviética. Então, repetiu sua fala: “Eu só queria um relato de primeira mão da situação aí.” Ateve-se aos pontos de conversa, sem mostrar entusiasmo por ter conseguido falar com Iéltzin, que apenas alguns minutos antes se supunha que estivesse preso. O russo não se importou. Como previra Scowcroft, o telefonema era um importante incentivo para ele. “O prédio do Soviete Supremo e gabinete do presidente está cercado”, contou, “e espero um assalto ao prédio a qualquer momento. Estamos aqui há 24 horas. Não vamos sair. Eu pedi às cem mil pessoas que estão lá fora que defendam o governo legalmente eleito”. O comício a que Iéltzin se referia estava chegando ao fim junto aos muros da Casa Branca russa.

“O senhor tem todo o nosso apoio no esforço pelo retorno de Gorbatchov e do governo legítimo”, assegurou Bush depois do longo relato de Iéltzin sobre o golpe de Estado e as exigências da oposição. Instando o presidente americano a reunir os líderes mundiais em apoio à democracia russa, Iéltzin também o aconselhou a não telefonar para Yanayev, e Bush concordou. Combinaram outro contato no dia seguinte. Surpreendentemente, a conversa resultou animadora não só para Iéltzin, como também para o presidente americano. “Boa sorte e

parabéns pela sua coragem e por seu compromisso. Nós nos solidarizamos e oramos pelo senhor. Todo o povo americano o apoia. O que está fazendo é absolutamente certo”, concluiu Bush. A diferença de tom em comparação com o frio diálogo inicial não poderia ter sido mais impressionante.¹³⁷

A determinação demonstrada pelos milhares de civis moscovitas reunidos em frente à Casa Branca na hora do telefonema de Bush deu a Iéltzin motivos para um cauteloso otimismo, mas não faltavam sinais de que os *putschistas* estavam preparando um ataque armado ao prédio do parlamento. Antes das duas horas da tarde, Iéltzin recebeu a visita do general Alexander Lebed, cujos paraquedistas estavam ostensivamente postados ao redor da Casa Branca para protegê-lo. Lebed recebera ordem para se retirar, tornando o prédio vulnerável ao ataque. Recusou-se a obedecer à ordem de Iéltzin para manter o batalhão onde estava. Mencionou seu juramento militar e explicou que a única maneira de contornar a situação era ele, na qualidade de presidente da Federação Russa, promulgar um decreto nomeando-o comandante-chefe. Iéltzin vacilou. Lebed também explicou aos defensores da Casa Branca o quanto seus esforços eram fúteis. “Bastaria o disparo de alguns mísseis antitanque guiados para que o plástico no prédio pegasse fogo”, foram as palavras do general recordadas por Iéltzin posteriormente. “O fogo arderia com tanta violência que as pessoas pulariam pelas janelas.”¹³⁸

No fim da tarde, começou a chegar à Casa Branca russa a notícia de que o assalto era iminente. Um homem da KGB foi levado aos defensores, afirmando que sua unidade tinha recebido ordem de atacar o parlamento russo. Isso foi confirmado pelos assessores de Iéltzin, que estavam em contato com seus colegas veteranos do Afeganistão tanto no Exército quanto na KGB. Às cinco horas, o vice-presidente Rutskoi ordenou que as pessoas aglomeradas em torno da Casa Branca fossem organizadas em unidades de defesa. Declarou-se a formação das Forças Armadas russas (independentes das forças soviéticas) e convocaram-se os jovens a se alistarem. Iéltzin finalmente decidiu nomear-se comandante-chefe das Forças Armadas. Desertores do Exército, da polícia e da KGB soviéticos estacionados em Moscou foram bem-vindos. As unidades cresceram em número e força. Às seis horas da tarde, chegou o anúncio de que as mulheres eram obrigadas a sair da Casa Branca. A estação de rádio Eco de Moscou continuava no ar, convocando os moscovitas a irem para o prédio do parlamento para ajudar a salvar a democracia. As pessoas acorriam.

Quando escureceu, havia cerca de 15 mil pessoas ao redor do prédio. Entre

elas estava Theresa Sabonis-Chafee, uma jovem estudante da Escola Woodrow Wilson de Assuntos Públicos e Internacionais da Universidade de Princeton, que desembarcara em Moscou em janeiro de 1991 e cujo russo era, na melhor das hipóteses, precário. “Eu vaguei em meio à multidão”, recordou-se depois, “perguntando-me se deveria gritar: ‘Camaradas, preciso de um intérprete’, mas decidi que preferia ser tratada como uma russa entre russos”. Ela não tardou a ser recrutada para uma unidade que vigiava o acesso à Casa Branca. Esperando que o Exército usasse gás para dispersar a multidão, os organizadores começaram a distribuir máscaras. “Eles criaram cordões de isolamento humanos, com os braços dados”, escreveu Sabonis-Chafee. “O primeiro cordão era formado por homens, mas perceberam que não havia máscaras grandes suficientes. Então as mulheres, em quem as máscaras pequenas serviam, puderam entrar no primeiro cordão. Eu fiquei no segundo, controlando o acesso à entrada de veículos.”

Na Casa Branca, exausto, Iéltzin tentou dormir um pouco. Antes que se recolhesse, seu principal guarda-costas, Alexander Korzhakov, apresentou-lhe duas alternativas: se o ataque esperado ocorresse, deveriam recuar para o subsolo ou passar para a embaixada americana, ali perto. No subsolo, explicou ele ao presidente, “vamos perecer sem receber socorro externo”. Na embaixada, “podemos ficar muito tempo refugiados e contar ao mundo todo o que está acontecendo na Rússia”. Iéltzin disse: “Tudo bem.” Korzhakov postou um guarda armado com fuzil à entrada do gabinete e mandou o presidente dormir no consultório médico que ficava no outro lado do prédio. Nas proximidades da Casa Branca, Theresa Sabonis-Chafee, depois de passar horas examinando documentos de outras pessoas sem nunca ter mostrado seu passaporte americano, dormiu num ônibus estacionado por ali.¹³⁹

¹²⁶ YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 42-46, 53-54, 57, 61-62, 69, imagem 172.

KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 80-84.

BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 170-171, 218-220.

STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 110-112.

Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknoenie mnenii. Moscou, 1992, pp. 89-92.

¹²⁷ STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 108, 117-121.

- Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknoenie mnenii.* Moscou, 1992, pp. 95-96.
- COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, p. 198.
- 128 COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, p. 198.
- SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 18-19.
- STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 109, 123.
- 129 BOLDIN, Valerii. *Krushenie p'edestala. Shtrikhi k portretu M. S. Gorbacheva*. Moscou: Respublika, 1995, pp. 19-20.
- GRACHEV, Andrei. *Gorbachev. Chelovek, kotoryi khotel kak luchshe*. Moscou: Vagrius, 2001, pp. 366ss.
- 130 BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 42-54, 318-321.
- STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 134-135.
- 131 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 122-123, 133.
- 132 Ibid., pp. 159-160.
- 133 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 43-45.
- KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, p. 84.
- 134 *Soiuz mozno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politique M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2^a ed. Moscou: Comit  Central do Partido Comunista, 2007, p. 289.
- CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh  pokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 941.
- KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, p. 82.
- COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, pp. 147-149, 308-314.
- GHAEMI, Nasir. *A First-Rate Madness: Uncovering the Links Between Leadership and Mental Illness*. Nova York: Penguin Books, 2011.
- 135 BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 172-175.
- YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 77-78.
- COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, pp. 200-201.
- RUTSKOI, Alexander. *Krovavaia osen'*. Moscou: sem editor, 1995.
- 136 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 80, 83.

KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 87-89.

- 137 ELLIOT, Iain. "On-the-Spot Impressions". In: BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 293-294.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 85-86.
Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknovenie mnenii. Moscou, 1992, p. 99.
BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 95-96.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, pp. 196.
- 138 "Charge's Meeting with RSFSR Foreign Minister: Yeltsin's Next Steps and Letter for President Bush", 19 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional, Arquivos Nicholas Burns, Golpe na URSS, nº 2.
"Yeltsin's Letter to President Bush". Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Golpe na URSS, nº 1.
- 139 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-431.
GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 522.
"Reaction to Coup in the Soviet Union". *C-Span*, 19 de agosto de 1991. Disponível em www.c-spanvideo.org/program/20711-1.

CAPÍTULO 6

A vitória da liberdade

ELE SABIA QUE estava sendo seguido. Em 20 de agosto, o segundo dia do golpe de Estado, Andrei Kozyrev, ministro das Relações Exteriores da Federação Russa, foi ao Aeroporto Internacional de Sheremetievo, na periferia de Moscou, sendo seguido por uma “escolta” de funcionários da KGB disfarçados tal como no dia anterior. Kozyrev tentaria viajar a Paris, mas não tinha passagem e não sabia se o deixariam sair de Moscou. Estava numa missão especial do governo que se embarricara na Casa Branca russa.

Bóris Iéltzin havia ordenado a seu ministro das Relações Exteriores que viajasse ao estrangeiro a fim de angariar apoio à oposição russa entre os líderes e o público ocidentais. Seu destino final eram os Estados Unidos; mais precisamente, a sede das Nações Unidas em Nova York. Se acontecesse o pior e o próprio Iéltzin fosse morto ou aprisionado, Kozyrev devia estabelecer um governo russo no exílio. Iéltzin também enviou um grupo de leais lugares-tenentes a Sverdlovsk, nos Urais, sua cidade natal e base de poder – o “centro geográfico da Rússia”, como ele posteriormente a descreveu a Bush – para instaurar um centro governamental alternativo em um dos *bunkers* soviéticos da era da Guerra Fria instalado na região. Kozyrev deixou em Moscou a esposa e uma filha do primeiro casamento. Suas chances de revê-las em breve eram nulas. Os funcionários da KGB que o seguiam não tentaram impedi-lo de comprar passagem nem sair do país. Não tinham ordens para tanto. Krioutchkov não se opunha a que os líderes da oposição, inclusive o próprio Iéltzin, deixassem o país. Kozyrev teve a impressão de que os homens da KGB estavam dizendo entre si “Ora, deixem-no ir”. E ele se foi.

As três horas de voo até Paris deram-lhe uma oportunidade de organizar as ideias. Diplomata admitido no prestigioso Instituto de Relações Internacionais de Moscou (com a ajuda da KGB, como ele reconheceu mais tarde), Kozyrev, tal como seu chefe, Bóris Iéltzin, começou a questionar a ideologia e a prática soviéticas quando entrou em um supermercado americano durante sua primeira viagem ao exterior. Não foi a mera abundância de comida que impressionou o

jovem diplomata soviético, mas o fato de os fregueses serem pessoas comuns, muitos deles negros ou latinos. Para um leal súdito soviético, uma coisa era reconhecer que o Ocidente podia oferecer uma riqueza de produtos à elite capitalista, mas outra coisa muito diferente era se dar conta de que os operários e as minorias, supostamente explorados pelas elites, tinham acesso a bens com os quais os *apparatchiks* soviéticos só podiam sonhar.

Então, ele adquiriu um exemplar de *Doutor Jivago*, de Bóris Pasternak, um romance de circulação proibida no país do autor, e o devorou, sentado num banco do Central Park, em Nova York. Uma das muitas ironias foi ter lido o romance russo em inglês. Deixou-o no banco, com medo de levá-lo ao complexo diplomático soviético em que estava hospedado. Para sua surpresa, não encontrou nada antissoviético no livro. Por que tinha sido proibido? Por fim, concluiu que o regime do qual ele era produto e ao qual estava servindo com distinção não permitia que seus súditos tivessem o direito de oposição ou mesmo de autonomia. Pasternak não era antissoviético; simplesmente não se sujeitava à linha do partido. Juntamente com o exemplar de *Doutor Jivago*, Kozyrev largou no banco do Central Park sua fé no sistema ao qual continuaria pertencendo oficialmente. No íntimo, como ele próprio se expressou, tornou-se um *antisovetchik*, termo com que a KGB designava os dissidentes.

No Ministério das Relações Exteriores, Kozyrev foi um entre os jovens diplomatas que, de maneira lenta, mas firme, levaram seus chefes, inclusive Eduard Shevardnadze e Mikhail Gorbatchov, a caminhar da amplamente definida política de *glasnost* para um abraço público à liberdade de expressão e aos direitos humanos tal como reconhecidos internacionalmente. Nunca confiou em Gorbatchov, que para ele continuava sendo um comunista dedicado e um *apparatchik* do partido. Iéltzin, que se rebelara publicamente contra o partido, era diferente. No verão de 1990, Kozyrev fez sua escolha. Abandonou a cobiçada função de chefe de uma junta diretiva do Ministério das Relações Exteriores soviético, sob Shevardnadze, para assumir o cargo (então em grande parte cerimonial) de ministro das Relações Exteriores da República Socialista Federativa Soviética Russa. O ministério não tinha representação no estrangeiro e, ao contrário das estruturas paralelas da Ucrânia e de Belarus, carecia de envolvimento com as atividades das Nações Unidas: a Ucrânia e Belarus, assim como a União Soviética, eram membros da ONU, mas a Rússia, não. Kozyrev sabia que, unindo-se a Iéltzin e sua equipe, ingressaria na oposição, mas desejava uma Rússia nova e democrática e se dispôs a correr o risco.

Em suas audiências de confirmação no parlamento russo, o então futuro

ministro das Relações Exteriores, de 39 anos, formulou sua visão da seguinte maneira: “A Rússia democrática deve ser e será uma aliada tão natural das nações democráticas ocidentais quanto a União Soviética era uma adversária natural do Ocidente.” Então, veio o golpe de Estado. Os homens de Kozyrev, que ele levou consigo do Ministério das Relações Exteriores soviético para o russo, apoiaram Iéltzin. Acreditavam sinceramente na visão de uma Rússia democrática aliada ao Ocidente. Agora a questão real era se o Ocidente via a Rússia do mesmo modo. Será que os líderes ocidentais se davam conta de que a verdadeira luta já não era entre Gorbatchov e os linhas-duras do partido, mas entre a Rússia democrática e a junta militar que ameaçava a liberdade em todo o mundo?¹⁴⁰

Kozyrev tinha uma missão feita sob medida para ele. Os líderes ocidentais, embora transtornados com as notícias dos acontecimentos em Moscou, inicialmente relutaram em condenar o *putsch* ou levantar a voz em apoio ao aprisionado Gorbatchov, para não dizer nada quanto a apoiar a convocação de Iéltzin de uma greve política em toda a Rússia. Em Paris, o primeiro destino de Kozyrev, o presidente François Mitterrand fez uma declaração, na manhã de 19 de agosto, em que quase reconheceu o golpe de Estado como um fato consumado. A ministra canadense das Relações Exteriores, Barbara McDougall, compartilhava do mesmo sentimento. A primeira declaração do presidente Bush, na manhã de 19 de agosto, tampouco foi uma condenação ao *putsch*. Na noite daquele dia, o vice-presidente Gennady Yanayev até elogiou a abordagem não conflituosa durante a coletiva de imprensa para correspondentes estrangeiros transmitida a toda a União Soviética. Foi uma grande decepção para Kozyrev e o *entourage* de Iéltzin, tudo isso apesar do esforço frenético de Kozyrev, no primeiro dia do golpe, para obter apoio ocidental a Iéltzin e à sua exigência de rejeitar o *putsch* anticonstitucional e restituir o poder a Gorbatchov.

Ao chegar a Paris, Kozyrev telefonou para Allen Weinstein, diretor da organização Centro para Democracia,¹⁴¹ sediada em Washington, e futuro arquivista dos Estados Unidos, para ditar uma declaração própria. Weinstein não era membro do governo Bush, mas Kozyrev, aparentemente, não conhecia ninguém na Casa Branca nem no Departamento de Estado a quem pudesse se dirigir naquele momento crucial. Weinstein revelou-se uma escolha excelente. Nascido e criado no Bronx, em Nova York, e filho de imigrantes judeus naturais do Império Russo, ele se interessava profundamente pelos acontecimentos na União Soviética e tinha bons contatos na mídia. No dia seguinte, a declaração de Kozyrev, talvez editada por Weinstein, foi publicada no *Washington Post*.

O ministro das Relações Exteriores russo afirmava que a morna reação inicial ao golpe de Estado por parte dos líderes do mundo democrático levava os *putschistas* a acreditarem que haviam conseguido enganar o Ocidente. “As declarações mais recentes do presidente Bush, do premiê John Major e de outros líderes ocidentais”, prosseguiu Kozyrev, “corrigiram esse equívoco. O Ocidente precisa continuar condenando a tentativa de golpe e não pode reconhecer – ou prometer reconhecer – os *putschistas*”. Ele continuou: “O presidente Gorbatchov deve recobrar imediatamente o cargo de presidente da União Soviética, e o Ocidente precisa exigir contato imediato e direto com ele, assim como peritos médicos internacionais que lhe garantam a saúde.”¹⁴²

Nem Iéltzin nem Kozyrev confiavam totalmente em Gorbatchov. Muitos em Moscou suspeitavam de um jogo duplo em que Gorbatchov estaria usando seus ex-assessores para fazer o trabalho sujo de esmagar a oposição democrática para então retornar a Moscou como o salvador da pátria. Ainda assim, reivindicar a volta de Gorbatchov expunha a maior fragilidade dos golpistas: a falta de justificação constitucional e legal para a arbitrária deposição de um legítimo chefe de Estado. A estratégia “tragam Gorbatchov de volta” propiciava a Iéltzin o tipo de legitimidade de que suas ações anteriores careciam aos olhos do Ocidente. Também apelava para o coração e a mente do público ocidental, ainda atordado com a *gorbymania* do final da década de 1980. Quando, enfim, telefonou para Iéltzin no segundo dia do *putsch*, Bush lhe disse que apoiava sua exigência do retorno de Gorbatchov. Os dois presidentes tinham agora uma agenda conjunta que ia além de estratégias a longo prazo para construir a democracia. Seus dois objetivos principais eram deter o golpe e salvar Gorbatchov.

As “declarações mais recentes” do presidente Bush, que, segundo Kozyrev, “corrigiram o equívoco” da complacência do Ocidente para com o golpe de Estado, haviam sido feitas em uma coletiva de imprensa aberta pelo americano no dia 20 de agosto, às dez e meia da manhã, duas horas depois da conversa telefônica com Iéltzin, no Rose Garden. “A tomada inconstitucional do poder é uma afronta para os objetivos e as aspirações que os povos soviéticos vêm nutrendo há anos”, declarou Bush. Seguiu-se uma notícia que eletrizou a plateia: “Hoje conversei com Bóris Iéltzin, o líder livremente eleito da república russa, e garanti a ele o apoio permanente dos Estados Unidos à sua meta de restauração do sr. Gorbatchov ao posto de líder constitucionalmente eleito. O sr. Iéltzin conta com o apoio do povo soviético e sua determinação em face dessas circunstâncias difíceis. Ele expressou gratidão por nosso apoio a ele e ao

presidente Gorbatchov.” Os correspondentes na Casa Branca queriam detalhes, mas era pouco o que o presidente podia acrescentar. Uma das perguntas feitas na coletiva tocou o âmago do dilema do governo: “Sr. Presidente, que tipo de apoio o senhor dará a Iéltzin? Ou o senhor... pode apenas observar passivamente e oferecer encorajamento verbal?” Bush manteve a linha já anunciada: o apoio se limitaria a incentivar a oposição e pressionar os golpistas, que teriam dificuldade para sobreviver sem a ajuda econômica ocidental. Mas, no íntimo, Bush já estava disposto a ir mais longe.¹⁴³

Depois da coletiva, o presidente reuniu-se com os assessores para discutir o que fazer para apoiar Iéltzin. No Salão Oval, recebiam a cada hora notícias adicionais sobre os desafios ao golpe. Algumas, não confirmadas, diziam que os mentores do *putsch* estavam enfrentando as primeiras deserções: o premiê Valentin Pavlov se declarara doente e tudo indicava que o marechal Dmitri Iazov se afastara do Comitê de Emergência. Também se falava em divisões entre os comandantes militares e os líderes de repúblicas importantes, inclusive pesos-pesados, como Nursultan Nazarbayev, do Cazaquistão, e Leonid Kravtchuk, da Ucrânia, que se declararam contrários ao golpe. Tendo em conta tais desdobramentos, Bush e seus conselheiros concordaram em aumentar a pressão sobre o regime. O novo embaixador estadunidense na União Soviética, Robert Strauss, que acabara de ser nomeado e estava prestes a ir para Moscou, recebeu instrução de não apresentar credenciais aos novos governantes. A equipe de Bush também pediu que os locutores da emissora estatal Voice of America ajudassem Iéltzin a divulgar sua mensagem em toda a União Soviética. Eles acederam.¹⁴⁴

A emissora tinha três correspondentes na União Soviética, dois em Moscou e um em Vîlnius. A estação de rádio ficava no ar catorze horas por dia, transmitindo para toda a União Soviética, desde os países bálticos, no oeste, até a península de Kamchatka, no extremo leste, e começou a cobrir o golpe de Estado vinte minutos depois que a rádio e a televisão soviéticas o anunciaram. Os ouvintes da emissora na União Soviética puderam ouvir a declaração de Iéltzin condenando o *putsch* na manhã de 19 de agosto. O que se podia fazer para aumentar o impacto das transmissões sobre a situação? Em 20 de agosto, pouco depois das cinco horas da tarde, a Agência de Informação dos Estados Unidos, responsável pela radiodifusão da Voice of America, enviou um relatório por fax à Casa Branca indicando as alterações feitas no programa de transmissões durante o segundo dia do golpe de Estado. “Foram acrescentadas quinze novas horas transmissoras para aumentar as frequências e fortalecer o sinal russo da

estação. As horas diárias continuam sendo catorze, mas agora o sinal é mais alto e mais fácil de captar.” A emissora passou a fazer uma cobertura *all-news*, com reportagens quase horárias enviadas pelos correspondentes em Moscou.

No dia seguinte, suas matérias passaram a ser transmitidas nas ruas de Moscou por uma rede de telefonia celular finlandesa recentemente instalada na capital soviética. “O roteamento inusitado de reportagens faladas de um correspondente por telefone”, afirmou outro relatório para a Casa Branca, “faz o caminho rua de Moscou – escritório da Voice of America – Londres – Washington – transmissores de Greenville – retransmissores no Reino Unido – ouvinte soviético, tudo em milésimos de segundo”. Os programas da emissora e de outras mídias ocidentais, inclusive a BBC, passaram a ser uma importantíssima fonte de informação para os cidadãos soviéticos sobre as ações de Bóris Iéltzin e as forças da oposição. Na capital, elas suplementavam as informações dadas pela estação de rádio Eco de Moscou, mas nas províncias eram a única fonte de notícias acerca da resistência ao golpe de Estado. Um relatório da Agência de Informação dos Estados Unidos enviado à Casa Branca durante o *putsch* dizia o seguinte:

Com apenas nove jornais agora supostamente publicados na União Soviética e as emissoras de rádio e televisão da república virtualmente antecipadas pelas transmissões soviéticas oficiais, os meios de comunicações ocidentais desempenharão um papel cada vez mais importante na informação do público soviético.

Quando Dan Rather, do programa *CBS News*, perguntou ao seu entrevistado, um especialista em política soviética, como a notícia do chamado de Iéltzin à greve geral chegaria ao público na União Soviética, a resposta foi: “A Voice of America se encarrega disso.” E, de fato, encarregou-se.¹⁴⁵

Às 17h35, ainda em 20 de agosto, James Baker recebeu, no Departamento de Estado, a notícia de disparos de armas automáticas ao redor da Casa Branca russa e nas imediações da embaixada americana. Não havia muito que o secretário de Estado pudesse fazer diante dos acontecimentos em rápida evolução em Moscou. “Raramente na vida me senti tão impotente”, recordou Baker mais tarde. Naquela noite, enquanto atravessava o Atlântico para participar de uma reunião convocada pela OTAN em Bruxelas na manhã seguinte, esperou a notícia ruim e aparentemente inevitável, pensando que o Centro de Operações ou a Sala de Situação telefonaria informando que as tropas

da KGB ou do Ministério do Interior atacaram e invadiram as barricadas, matando Iéltzin.¹⁴⁶

Aproximadamente na mesma hora em que a notícia do tiroteio em Moscou chegou a Baker, o marechal Dmitri Iazov voltou ao seu gabinete no Ministério da Defesa depois de uma reunião noturna do Comitê de Emergência no Kremlin. Encontrava-se no pior estado de ânimo possível. A reunião iniciada na véspera, às oito horas da noite, revelara divisões profundas no comitê. A conversa começou com uma proposta espantosa de Yanayev, que leu o texto de uma declaração negando os rumores de planos para um ataque à Casa Branca. Ele queria divulgá-lo no rádio e na televisão. Os presentes, entre os quais um bom número de funcionários e políticos favoráveis ao golpe, notaram que a declaração foi uma grande surpresa para Iazov, Krioutchkov e os outros membros do comitê.

O plano fora encomendado por Iazov e Krioutchkov na manhã de 20 de agosto. Ao meio-dia, eles já tinham um plano detalhado. Paraquedistas e unidades da tropa de choque da polícia cercariam a sede do parlamento durante a madrugada e dispersariam a multidão, abrindo caminho para os comandos da unidade Alfa da KGB e da unidade B do Exército. Os comandos assaltariam o prédio, abrindo caminho com lança-granadas, esvaziariam o recinto e prenderiam Iéltzin. A operação, batizada de Trovão, começaria às três horas da madrugada de 21 de agosto. As unidades do Exército envolvidas começariam a convergir para a Casa Branca à meia-noite. Iazov prometeu reforços. Os golpistas só precisavam esperar que anoitecesse. Aquela seria a última noite de liberdade de Iéltzin. Uma vez capturado, ele seria levado a um campo de caça estatal em Zavidovo, onde antigamente Leonid Brejnev caçava javalis com dignitários estrangeiros, inclusive Henry Kissinger, o consultor de segurança nacional e depois secretário de Estado durante o governo de Richard Nixon. Para os comandos, alguns dos quais haviam assaltado o palácio presidencial em Cabul em dezembro de 1979, a operação parecia extremamente fácil.¹⁴⁷

Agora, porém, tudo indicava que havia discordância no topo da pirâmide dos *putschistas*. Yanayev, o presidente soviético interino e líder formal do complô, estava tergiversando, tratando de se esquivar da responsabilidade do planejado assalto. Se algo saísse errado – e muita coisa podia sair errada –, ele ficaria livre de reprimendas, aparecendo como um líder responsável que se recusou a usar violência contra seu próprio povo. Quando os funcionários do segundo escalão também convidados pelo Comitê de Emergência foram dispensados e os golpistas ficaram a sós na sala, Yanayev mudou subitamente de atitude e cessou

de bancar o liberal. Como todos os demais, votou pela prisão de Iéltzin. O assalto à Casa Branca seria levado a cabo tal como planejado, mas a conduta da reunião deixou sérias dúvidas em Iazov. Acaso os outros estavam tentando usar o Exército para fazer o trabalho sujo, transformando-o num bode expiatório? Nesse caso, não seria a primeira vez que o Exército era usado para então ser responsabilizado pelas decisões tomadas pelos políticos.¹⁴⁸

Os militares achavam que era exatamente o que havia acontecido em Vínlius em janeiro de 1991. As tropas foram enviadas contra os manifestantes na rua e depois acusadas de violência quando milhões de cidadãos soviéticos viram as imagens dos conflitos na televisão e Gorbatchov ordenou a suspensão da operação. Na ocasião, ele disse aos assessores que Krioutchkov e Iazov eram imprestáveis. O alto escalão se enfureceu. Liberais como o ministro adjunto de Iazov e marechal do ar Ievgueni Chapochnikov estavam horrorizados com a mera ideia de usar o Exército contra a população civil. “Depois de Vínlius, depois das imagens vistas na televisão em que um de nossos soldados agredia um civil a coronhadas de metralhadora, entendi que era preciso dar um fim decisivo e definitivo a isso”, escreveu ele alguns anos depois. Oficiais jamais suspeitos de inclinações liberais, como o general Pavel Grachev, comandante dos paraquedistas, ficaram chocados com a duplicidade da liderança. Na noite de 20 de agosto, Grachev disse a Chapochnikov, referindo-se ao planejado ataque à Casa Branca: “Se eles se atreverem a sugerir que eu darei a ordem, eu os escorraço.”¹⁴⁹

Os comandantes militares estavam receosos devido a suas experiências anteriores, em que também foram usados contra os civis. Em Tbilisi, em abril de 1989, e em Vínlius, em janeiro de 1991, o governo deu-lhes ordem de esmagar as manifestações pró-independência, mas se recusou a assumir a responsabilidade quando as coisas saíram erradas e pessoas foram feridas ou até mortas. Em ambos os casos, o governo culpou os militares. Agora podia acontecer o mesmo em Moscou. Ademais, a situação na capital apresentava um novo desafio aos generais. Nos países bálticos e no Cáucaso, unidades de elite majoritariamente russas e eslavas foram lançadas contra manifestantes não russos. Em Moscou, teriam de ser usadas contra russos. Em tais circunstâncias, as tropas obedeceriam às ordens? Os partidários de Iéltzin, além de cercar os soldados com manifestações de carinho, bombardeavam-nos com lições sobre a natureza da democracia e do patriotismo, pedindo aos rapazes que não atirassem em seus compatriotas.

A questão da identidade soviética contra a identidade russa era colocada em

primeiro plano. Quando o general Alexander Lebed, comandante dos paraquedistas, os primeiros a chegar à Casa Branca em 19 de agosto, declarou que eram soviéticos os defensores do prédio, um deles retrucou: “O que quer dizer soviético?” Posteriormente, Iain Elliott, um repórter da Rádio Liberdade, financiada pelos Estados Unidos, descreveu uma cena presenciada por ele nas ruas de Moscou. Um bêbado, “rasgando a camisa e encostando o peito nu no cano da Kalashnikov empunhada por um adolescente raivoso [...], gritou: ‘Você não vai atirar em nós, vai? Afinal, nós somos russos, e você é russo.’” Theresa Sabonis-Chafee, que passou a noite de 20 de agosto no cordão em torno da Casa Branca, recordou que aqueles que se declaravam “pró Rússia” eram considerados “nossos” e podiam passar. Na mesma noite, o general Grachev, que ainda vacilava entre os dois lados, mandou o mensageiro de Iéltzin avisar ao presidente da Rússia que “ele era russo e não deixaria o Exército derramar o sangue de seu povo”.¹⁵⁰

No entanto, sangue seria derramado em breve. Os primeiros tiros foram disparados à meia-noite. Na praça em frente à Casa Branca, Michael Hetzer, editor do *Guardian*, um semanário produzido em Moscou para a comunidade estrangeira e os exilados, registrou o horário: zero hora do dia 21 de agosto. Entre os defensores da Casa Branca, espalhou-se imediatamente a notícia de que tanques estavam circulando para atacar o parlamento a partir da barragem do rio Moscou. “À 0h10, ouviram-se mais disparos na colina do rodoanel”, escreveu Hetzer alguns dias depois em seu jornal. “Dessa vez, o barulho rápido e regular era seguramente de armas automáticas. ‘Eles estão vindo!’, gritou uma mulher. ‘Os malditos estão vindo.’ Mais tarde, houve outra salva de tiros e, a seguir, várias explosões terríveis.”¹⁵¹

O general Valentin Varennikov, que havia discutido com Gorbachov em Foros na tarde de 18 de agosto, voltara a Moscou depois de uma breve passagem pela Ucrânia e estava disposto a enfrentar Iéltzin. Mandou veículos de transporte de tropas rumo à Casa Branca e se empenhou em organizar a descida de comandos pelo telhado do prédio do parlamento russo. Os primeiros tiros foram disparados por soldados da divisão Taman, que, por ordem de Varennikov, passavam pela Casa Branca para se posicionar perto do Ministério das Relações Exteriores soviético, a fim de preparar o ataque. Quando os veículos blindados entraram na passagem subterrânea sob a avenida Kalinin, foram repentinamente emboscados por defensores da Casa Branca, que pensaram que o assalto já tinha começado. A saída da passagem foi bloqueada por ônibus. Embora o primeiro veículo tenha conseguido passar pela barricada, os outros ficaram presos no

túnel estreito.

Os defensores da Casa Branca, alguns deles veteranos do Afeganistão, sabiam o que fazer para neutralizar os veículos blindados, jogando pedaços de pano sobre as estreitas aberturas de observação e impedindo a visão dos motoristas. Sentindo-se aprisionados, os jovens e inexperientes soldados começaram a girar as torretas de canhão para desalojar os atacantes, mas não tardaram a ser atacados com coquetéis Molotov, que incendiaram os veículos. Só restou-lhes saltar para fora, atirando para o alto. As balas atingiram a blindagem dos veículos e as paredes da passagem subterrânea, ricocheteando na multidão. Embora um recruta tenha queimado as mãos ao tentar apagar o fogo em sua farda, os outros fugiram ilesos, deixando três corpos sem vida: um veterano afegão com o crânio esmagado por um blindado e dois defensores baleados. Muitos outros ficaram feridos.¹⁵²

O marechal Iazov recebeu a notícia das primeiras baixas ao retornar da reunião do Comitê de Emergência, onde suspeitou que Gennady Yanayev e outros queriam salvar a pele. Parecia que a barra estava limpa para todo mundo, exceto para Iazov, afinal foi seu pessoal, os militares, e não as unidades da KGB ou da polícia, que abriu fogo contra cidadãos russos comuns. Depois de ouvir com desalento o relato dos acontecimentos em volta da Casa Branca, ordenou a seu vice que desse ordem para pararem. Foi com incredulidade que Krioutchkov recebeu a notícia de que o Exército não participaria do planejado assalto à Casa Branca. Aqueles que estavam reunidos em seu gabinete nas primeiras horas da manhã de 21 de agosto acusaram os militares de covardia, mas alguns estavam verdadeiramente aliviados: entre eles, os oficiais graduados encarregados de levar a cabo o ataque, que arriscavam acabar sendo responsabilizados pelas baixas. O comandante das forças do Ministério do Interior declarou que, se o Exército não participaria, tampouco suas tropas o fariam.¹⁵³

Os comandos da KGB também se recusaram a assaltar a Casa Branca. A todopoderosa organização de espionagem estava ruindo sob os pés de Krioutchkov. Confiando nas posteriores declarações de Vladimir Putin, futuro presidente da Rússia, naquele dia o chefe da KGB recebeu um telefonema inesperado vindo de São Petersburgo. O major Anatoly Sobtchak, que apoiava Iéltzin, perguntou o que havia acontecido com a carta de renúncia apresentada um ano antes pelo seu vice, o tenente-coronel da KGB Vladimir Putin, de 38 anos. Naquele dia, Putin diz ter apresentado uma segunda carta de renúncia. Sua lealdade era para com Sobtchak, não para com os chefes do golpe de Estado. Como relembrou depois, Putin respeitava Krioutchkov, mas, “quando vi os criminosos na tela, entendi

imediatamente que tudo tinha acabado e que eles estavam perdidos”.

Alguns biógrafos de Putin questionam essa afirmação de que ele teria entregado a carta de demissão durante o golpe, sugerindo que o fez mais tarde, quando o golpe tinha ido por água abaixo. Naqueles dias decisivos de agosto, dizem seus críticos, Putin apostou no jogo do “esperar para ver”, tentando adivinhar para que lado oscilaria o pêndulo. Mesmo que os críticos de Putin tenham razão, seu comportamento durante o golpe não foi exatamente o que Krioutchkov esperava de seus subordinados. Muitos funcionários da KGB ficaram em cima do muro, esperando para ver se o golpe seria bem-sucedido. Putin compartilhava o objetivo dos golpistas de salvar o país, mas não seus métodos antiquados. “Nos dias do *putsch*, ruíram todos os ideais e metas que eu tinha quando fui trabalhar na KGB”, confidenciou o futuro presidente da Rússia numa entrevista que deu oito anos depois.¹⁵⁴

Às voltas com deserções em todas as frentes, Krioutchkov não teve opção senão suspender o assalto. “Ora, a operação precisa ser cancelada”, disse aos subordinados. A essa altura, uma chuva forte impedia um helicóptero de pousar no telhado da Casa Branca, e a última e desesperada tentativa de infiltrar comandos à paisana foi frustrada pela vigilância dos defensores do parlamento. Krioutchkov enfim ordenou o corte das linhas telefônicas do edifício, iniciando um prolongado estado de sítio da Casa Branca.

No entanto, às oito horas da manhã, Iazov chamou seus comandantes e ordenou a retirada total das tropas de Moscou. Tal decisão foi uma grande surpresa para Krioutchkov e os outros membros do Comitê de Emergência. Os golpistas foram para o Ministério da Defesa, tentando convencer Iazov a alterar sua ordem. Por mais que o acusassem de covardia e de traição, sua resposta continuou sendo a mesma, afirmando que atirar nas pessoas não era a solução. Se o Exército ficasse em Moscou, disse ele, haveria novos enfrentamentos, e, se incendiassem um único tanque, que levava quarenta projéteis, seria um desastre enorme. Também disse aos companheiros *putschistas* que não estava disposto a se transformar em mais um Pinochet, o ditador chileno conhecido na União Soviética como símbolo da lei marcial e da tirania.¹⁵⁵

A notícia da retirada das tropas não tardou a chegar aos exaustos defensores da Casa Branca, causando júbilo em suas fileiras. Naquela noite, ao ouvir os primeiros disparos, o chefe da segurança pessoal de Iéltzin, Alexander

Korzhakov, correu para acordá-lo no consultório médico. Ele estava dormindo de roupa. Não demorou a se levantar e a seguir o guarda-costas ao elevador e à garagem. Seu primeiro pensamento foi: “Pronto. Começou o assalto.” Os assessores lhe deram um colete à prova de balas e o colocaram no banco traseiro da limusine presidencial.

Korzhakov mandou abrirem o portão; iriam para a embaixada dos Estados Unidos, do outro lado da praça. Àquela altura, os americanos haviam sido alertados e mantinham os portões da representação diplomática abertos. O pessoal de Korzhakov abriu uma brecha nas barricadas para que a limusine passasse. Em poucos minutos, Iéltzin estaria a salvo dentro da embaixada estadunidense. Porém, antes que ligassem o motor do carro, ele acordou inteiramente. “Aonde vamos?”, perguntou ao segurança. “Como assim, aonde?”, surpreendeu-se Korzhakov. “À embaixada americana. Duzentos metros e estamos lá.”

“Que embaixada?”, reagiu o presidente russo, não menos surpreso. “Não, nós não precisamos de embaixada nenhuma. Vamos voltar.”

Korzhakov mandou o motorista esperar. A resposta que Iéltzin dera a Korzhakov poucas horas antes não valia mais – e, como era frequente no caso dele, a mudança se deu da maneira mais dramática e no último instante.

O instinto político de Iéltzin suplantava seu instinto de sobrevivência. Por maior que fosse o risco de prisão ou de morte durante um ataque à Casa Branca, ele queria sobreviver politicamente, o que não seria possível se optasse por se esconder na embaixada americana. “Isso significaria que eu me enfiara num lugar seguro, largando-os debaixo de fogo”, recordou Iéltzin posteriormente. Ele também era sensível ao orgulho nacional russo, que havia mobilizado com tanta habilidade nos meses anteriores ao golpe de Estado. “Apesar do nosso respeito pelos americanos, meu povo não gosta que os estrangeiros tenham uma participação ativa demais em nossos assuntos”, escreveu em suas memórias. Isso decerto era lýtotes. Muitos de seus eleitores ainda pensavam em termos de Guerra Fria, enxergando nos Estados Unidos o maior adversário do país. Os anos da *perestroika* de Gorbatchov fizeram relativamente pouco para dissipar tais sentimentos, ao passo que a retirada soviética da Europa Oriental e os problemas econômicos internos não faziam senão aumentar o ressentimento com o Ocidente rico e, em particular, os Estados Unidos.

Iéltzin passou a noite no subsolo da Casa Branca, ouvindo os disparos ocasionais de armas automáticas e aguardando o início do assalto. A ele se juntaram os líderes democráticos de Moscou, entre eles o prefeito Gravril Popov

e seu vice, Iuri Luzhkov. Este chegou com a esposa, grávida, que levou comida feita em casa e uma sensação de calma que escasseava no prédio sitiado.¹⁵⁶

Às cinco horas da madrugada, quando as autoridades militares de Moscou suspenderam o toque de recolher, o encarregado de negócios americano, Jim Collins, teve a chance de examinar o campo de batalha da noite anterior. “Os seis tanques que ficaram presos na passagem subterrânea da [avenida] Kalinin renderam-se depois de meia-noite às forças da república russa”, escreveu o diplomata a Washington. Uma fonte não identificada¹⁵⁷ na Casa Branca de Iéltzin telefonou para a representação diplomática, às seis horas, a fim de relatar que os paraquedistas que se dirigiam à Casa Branca haviam parado quando oficiais russos abordaram seu comandante.

Por volta das oito horas, uma mensagem de fax à embaixada pelo serviço de informação russo confirmou a notícia da retirada do Exército. Segundo esse texto, as autoridades militares em Moscou haviam ordenado a retirada das tropas a “toda velocidade”. Um dos comandantes seniores declarou que as Forças Armadas não tentariam tomar a Casa Branca “amanhã ou depois de amanhã”. O golpe parecia estar malogrando. A multidão que Collins vira perto da Casa Branca russa por volta das cinco horas da madrugada diminuía à medida que muitos defensores voltavam para casa. Collins disse aos funcionários americanos que haviam passado a tumultuada noite no prédio da embaixada que havia segurança para voltar a suas moradias.¹⁵⁸

Embora a notícia da retirada das tropas tenha surpreendido a maioria dos defensores da Casa Branca, há indícios de que Iéltzin e as pessoas que o rodeavam foram informados mais cedo. Sabe-se que, a certa altura, Krioutchkov, o chefe da KGB, telefonou pessoalmente para Iéltzin, a fim de avisá-lo que o assalto tinha sido cancelado. À parte isso, tudo indica que Iéltzin sabia mais a respeito dos golpistas e seus planos do que eles supunham. Alguns anos após esses acontecimentos, um funcionário americano contou ao jornalista investigativo Seymour Hersh, ganhador do Pulitzer, que o presidente Bush ordenara que as interceptações americanas das comunicações telefônicas entre os líderes do *putsch* e os comandantes militares soviéticos fossem compartilhadas com Iéltzin.

“O ministro da Defesa e o chefe da KGB usavam as linhas mais seguras para contatar os comandantes militares”, escreveu Hersh, citando sua fonte. “Nós contávamos a Iéltzin, em tempo real, quais eram suas comunicações. A maior parte dos comandantes do teatro não recebia as chamadas.” Segundo Hersh, a embaixada americana enviou um especialista em comunicações à Casa Branca

rusa para estabelecer comunicações seguras com os comandantes militares soviéticos. “Iéltzin teve condições de aconselhá-los a se afastarem”, disse a fonte anônima de Hersh.¹⁵⁹

Nem Bush nem os membros de seu governo mencionaram em suas memórias a transferência de informações de inteligência para Iéltzin. Caso tenha ocorrido de fato, ela infringiu uma lei assinada pelo presidente quatro dias antes do golpe de Estado, que tornava ilegal autorizar operações secretas em países estrangeiros sem informar o Senado. Como a maior parte do material referente à inteligência do governo Bush ainda é inacessível a pesquisa, só se pode especular se essa informação delicada, que revelaria a capacidade americana de grampear as comunicações mais secretas da alta oficialidade russa, foi realmente transferida a Iéltzin e, assim sendo, se influenciou seu comportamento e o resultado do *putsch*. Não há indício de acordos secretos estabelecidos nas conversas telefônicas de Bush com o presidente russo.

Em 21 de agosto, Bush ligou para Iéltzin de seu complexo em Kennebunkport, ao qual retornara depois da breve visita a Washington. Eram oito e meia da manhã no Maine e três e meia da tarde em Moscou. Como recordou o americano, Iéltzin mostrou-se mais confiante do que na véspera. Tinha sobrevivido àquela noite e, nas palavras de Robert Gates, fora transformado numa “figura-chave como nunca antes”. O presidente estadunidense perguntou-lhe se podia fazer alguma coisa para auxiliá-lo naquele momento: “Nós estamos ansiosos por fazer algo útil, não contraproducente. O senhor tem alguma sugestão?” Iéltzin não tinha solicitações adicionais: “Infelizmente, além de divulgar nossa grave situação, dar-nos apoio moral e fazer declarações, não vejo como vocês possam auxiliar agora, tecnicamente ou de qualquer outro modo.” Aludindo aos seus planos de prender os golpistas, continuou: “Não posso lhe dar os detalhes por este telefone.” Bush respondeu: “Eu entendo.”¹⁶⁰

Nesse momento, a principal preocupação do líder russo já não era um eventual ataque à Casa Branca, e sim as manobras políticas dos adversários. Ele contou ao colega americano que uma delegação havia sido enviada à Crimeia juntamente com dois leais assessores de Gorbatchov para um encontro com o presidente aprisionado. “Infelizmente”, prosseguiu, “quarenta minutos antes que nosso grupo partisse, cinco membros da junta, inclusive Iazov, decolaram com o mesmo destino. O que querem é deter Gorbatchov e obrigá-lo a assinar um documento ou levá-lo a lugares desconhecidos. Estou tentando trabalhar com Kravtchuk [chefe da Ucrânia], a fim de interceptá-los e fazer com que aterrissem em Simferopol, na Crimeia, sem deixar que cheguem a ele [Gorbatchov]”.

Iéltzin também contou que seus oponentes eram membros lobistas do Soviete Supremo, o qual entraria em sessão em 26 de agosto para dar fundamento legal aos atos do Comitê de Emergência. Pela análise de Iéltzin, parecia que o *putsch* talvez falhasse militarmente, mas pudesse ser bem-sucedido em termos políticos. A figura-chave capaz de decidir o destino do golpe de Estado seria, uma vez mais, Mikhail Gorbatchov.

Nos dias anteriores, Iéltzin conseguira denunciar a ilegalidade do golpe de Estado e estabelecer sua própria legitimidade ao exigir a libertação de Gorbatchov. Para ele e para aqueles que o rodeavam, tratava-se de um jogo de azar. No seu *entourage*, muitos ainda acreditavam que Gorbatchov não era vítima dos golpistas, e sim seu instigador e o titereiro do golpe. O que aconteceria se os *putschistas* chegassem primeiro à casa na Crimeia e convencessem Gorbatchov a unir-se a eles? A delegação russa tinha de interceptá-los. Iéltzin mandou seu vice-presidente, o general Alexander Rutskoi, para a Crimeia, acompanhado por um grupo de oficiais armados com fuzis de assalto Kalashnikov. Também pediu para o comandante da Força Aérea soviética, o marechal do ar Chapochnikov, que o apoiara durante o golpe, tirar o avião dos *putschistas* de sua rota ou obrigá-lo a pousar de modo a possibilitar que a aeronave russa chegasse primeiro à Crimeia. Porém, Chapochnikov era impotente: unicamente o chefe do Estado-Maior tinha autoridade para obrigar o avião presidencial a aterrissar.

Tanto os golpistas quanto seus adversários davam suma importância à posição que Gorbatchov tomaria sob as novas circunstâncias. Quem conseguisse “salvá-lo” primeiro determinaria o sucesso ou o fracasso do golpe de Estado e a sobrevivência política – e talvez até física – dos principais atores no palco político soviético. “Há três aeronaves voando naquela direção e tentando chegar primeiro”, contou Iéltzin ao presidente Bush. O terceiro avião a caminho da Crimeia levava o presidente do parlamento soviético, Anatoly Lukyanov, que havia apoiado o *putsch*, mas agora estava ávido por se mostrar independente dos golpistas. Em Washington, James Baker recebeu um relatório que dizia que James Collins, que estava na embaixada americana em Moscou, tentara ir à Crimeia com Rutskoi, mas tinha chegado atrasado ao aeroporto.¹⁶¹

Entrementes, pouco depois de uma hora da tarde, horário de Moscou, o marechal Iazov abraçou a esposa, Emma, e foi para o aeroporto. Estava finalmente disposto a seguir o conselho que ela lhe dera no primeiro dia do golpe e abandonar os golpistas para conversar com Gorbatchov. Quando contou aos

membros do Comitê de Emergência que não só ordenaria a retirada das tropas de Moscou, como partiria para a Crimeia, a fim de dialogar com Gorbatchov, Krioutchkov tentou impedi-lo. A tentativa gorou, e, mudando de ideia, o chefe da KGB disse que também ia. Queria ser o primeiro a falar com o presidente que o grupo havia traído e fazer com ele uma aliança contra seu rival comum, agora ainda mais poderoso e ameaçador, o presidente da Rússia. Durante o voo, souberam que Iéltzin havia mandado prendê-los. Gorbatchov se tornava sua única esperança. Krioutchkov disse aos colegas: “Gorbatchov não pode ser burro a ponto de não entender que ele não é nada sem nós.”¹⁶²

No fim da tarde, uma caravana de limusines que levava Krioutchkov, Iazov e alguns ex-assessores de Gorbatchov se aproximou do complexo presidencial em Foros. Tal como a delegação que ali estivera três dias antes, essa estava acompanhada pelo chefe do Departamento de Segurança Pessoal, o general Iuri Plekhanov. Por volta das cinco horas, os portões do complexo rigorosamente vigiado se abriram para receber os visitantes de Moscou, mas, então, aconteceu algo inesperado. Dois membros da guarda pessoal de Gorbatchov, armados com fuzis de assalto Kalashnikov, saíram repentinamente de uns arbustos próximos e mandaram a comitiva parar. O general Plekhanov saltou do carro e ordenou-lhes que deixassem os veículos passarem: “O quê? Vocês não querem deixar o chefe da segurança passar?” Os guardas não cederam. Só obedeciam às ordens de Mikhail Gorbatchov. Raíssa Gorbatchova, incomodada com o barulho, saiu do quarto. A entrada do escritório de Gorbatchov estava bloqueada por seus guarda-costas. “Vocês não deixam que ninguém passe por aqui?”, perguntou ela em tom exausto. “Ninguém mais passa por aqui”, ouviu como resposta.

Raíssa Gorbatchova estava visivelmente desgastada pelas experiências vividas naqueles últimos dias. Exausta após noites em claro, havia sofrido uma crise e perdera parcialmente o controle de um dos braços. Ainda que a família tivesse se mostrado calma depois que os mensageiros de Moscou se foram em 18 de agosto, a pressão começou a aumentar na manhã seguinte com o anúncio dos *putschistas* de que Gorbatchov estava doente. A situação tornou-se quase insuportável quando a família assistiu à coletiva de imprensa do Comitê de Emergência na noite de 19 de agosto. Se outros reagiram com moderado otimismo, achando que aquela gente não conseguiria aguentar muito tempo no poder, a família Gorbatchov ficara ainda mais ansiosa. As perguntas insistentes dos repórteres sobre a saúde do presidente soviético e a reiterada garantia de Yanayev de que o que ele mais queria era a volta de seu chefe a Moscou haviam gerado a suspeita de que os golpistas tentariam alterar a realidade para que

combinasse com suas declarações: em outras palavras, providenciar uma doença em Gorbatchov. Naquela noite, o presidente soviético gravou uma mensagem ao país, condenando o golpe de Estado e denunciando as mentiras dos *putschistas* acerca de sua saúde. As quatro fitas cassete pequenas teriam de sair sorrateiramente do muito vigiado complexo, o que não seria uma tarefa nada fácil. E agora, depois de três dias repletos de preocupação e ansiedade, recebiam a notícia de que uma delegação estava chegando para ver com os próprios olhos o que se havia passado com Gorbatchov.

Dessa vez, ele soube da visita iminente de seus ex-auxiliares antes que eles entrassem no prédio. Raíssa anotou no diário que sua filha e seu genro ouviram uma transmissão da BBC afirmando que Krioutchkov concordara em deixar uma delegação viajar à Crimeia para tomar conhecimento do estado de saúde de Gorbatchov. Uma notícia preocupante. “Nós consideramos que isso é um sinal de que vai acontecer o pior”, escreveu Raíssa. “Nas próximas horas, pode ser que tomem providências para transformar a infame mentira em realidade. Mikhail Sergueievitch mandou os guardas bloquearem os caminhos que levam à casa, assim como as entradas, e não dar acesso a ninguém sem sua autorização, ordenando que estivessem prontos para agir e que usassem a força, se necessário.” Toda a esperança estava depositada nos membros restantes do serviço de segurança. No dia seguinte à inesperada visita dos golpistas a Gorbatchov, os guardas haviam prometido apoiar seu comandante-chefe até o fim, determinados a mostrar o quanto levavam a sério a defesa do presidente que eles não souberam proteger quando foi ameaçado pela primeira vez.

A atitude firme dos guarda-costas surtiu nos visitantes o efeito desejado: Plekhanov conteve seus homens, dizendo-lhes que os seguranças estavam realmente dispostos a atirar. Então, os golpistas explicaram aos seguranças que queriam apenas ver o presidente e se recolheram pacificamente à casa de hóspedes, aguardando que Gorbatchov fosse chamado. O leal assessor de Gorbatchov, Anatoly Tcherniaiev, informado da chegada dos *putschistas* por seus secretários, correu para aconselhar Gorbatchov a não os receber. O presidente soviético garantiu que não tinha essa intenção: “Eu [...] dei um ultimato: enquanto não ligarem as redes de comunicação, não falo com eles. E agora, seja como for, não falo mesmo.” Quando os golpistas restabeleceram o sistema de comunicações, Krioutchkov foi o primeiro na linha. Gorbatchov se recusou a conversar com seu ex-auxiliar e entrou em contato com o chefe do Estado-Maior Geral, o general Mikhail Moiseev, ordenando que providenciasse que um avião com a delegação da Federação Russa pousasse em segurança na

Crimeia, pois os *putschistas* estavam fazendo preparativos para emboscá-lo na aterrissagem. O comandante da guarnição do Kremlin foi informado de que não podia receber ordens de ninguém, a não ser Gorbatchov. O ministro das Comunicações recebeu instruções para cortar as linhas dos golpistas. O presidente estava novamente no exercício do cargo.

Quando os *putschistas* atenderam à exigência de Gorbatchov, restaurando suas comunicações, o principal objetivo dele, à parte recuperar o controle das forças militares e de segurança, foi avaliar a situação política e decidir um novo curso de ação. Seu assessor, Vadim Medvedev, que lhe telefonou de Moscou no fim da tarde, recordou posteriormente: “O presidente disse que já tinha feito algumas ligações para Moscou e para diversas repúblicas e que agora conversaria com Iéltzin.” Enfim, na tarde de 21 de agosto, Gorbatchov reemergia plenamente como uma força poderosa na política soviética. Tanto os golpistas quanto os democratas ligados ao líder russo sentiam que precisavam dele e de sua influência política. Agora Gorbatchov podia escolher vencedores e perdedores. Teoricamente, podia até entrar em acordo com os *putschistas*, como eles esperavam que acontecesse, mas, em vez disso, deu todo apoio a Iéltzin.¹⁶³

Então, inesperadamente, chegou um telefonema de Washington. Por ordem de Brent Scowcroft, os militares americanos tentaram repetidamente entrar em contato com Gorbatchov e finalmente conseguiram. Quando o presidente russo estava na linha, eles se apressaram a procurar George Bush. “Deus existe!”, disse o principal comunista da União Soviética ao intérprete americano Peter Afanassenko. “Faz quatro dias que estou preso numa fortaleza.” Bush também se referiu ao Todo-Poderoso ao ouvir a voz de Gorbatchov: “Ah, meu Deus, que maravilha ouvi-lo, Mikhail.”

“Preciso felicitá-lo pela posição que tomou desde o primeiro minuto. Você foi leal”, disse Gorbatchov generosamente ao colega americano (ou, melhor, com base em provas insuficientes, dadas as declarações de Bush logo depois de saber do golpe de Estado). “Obrigado por sacrificar [tempo das] suas férias. Você afetou o mundo todo com suas declarações fortes, com exceção de Gaddafi”, o excêntrico ditador líbio que não titubeara em se manifestar favorável ao *putsch*.

Barbara Bush não tardou a se juntar ao marido. “Barbara está aqui e manda lembranças a Raíssa”, anunciou o americano. Gorbatchov ficou comovido: “George, obrigado a você e a Barbara por seus princípios, mas também pela humanidade e pela amizade.” Tcherniaiev, que presenciou a conversa, lembrou mais tarde que “foi um bate-papo cheio de alegria”.

O líder soviético prosseguiu: “Quero continuar avançando com você. Não

vamos fraquejar por causa do que aconteceu. O importante é que a democracia impediu o golpe. É uma garantia para nós.”

Bush ficou muito satisfeito. “Vou espalhar essa mensagem pelo mundo”, declarou com alegria.

Menos de uma hora depois do telefonema, Bush já estava falando com a imprensa. Ele contou aos correspondentes apinhados numa sala pequena em sua casa em Kennebunkport que tinha falado com o presidente soviético, o qual se achava em bom estado físico, reassumira a Presidência e havia “expressado sua sincera gratidão ao povo dos Estados Unidos e aos outros de todo o mundo pelo apoio à democracia e à reforma”. Ao encerrar, Bush disse: “Em suma, é algo muito positivo.” Ao presidente não faltava o que comemorar: sua estratégia cautelosamente calculada de apoiar a nascente democracia russa sem prejudicar sua relação com os golpistas tinha funcionado excepcionalmente bem.¹⁶⁴

A delegação russa, chefiada pelo vice-presidente Rutskoi, chegou a Foros depois das oito horas da noite. Ao ver tanta gente armada de fuzis de assalto acompanhando Rutskoi, Raíssa Gorbatchova perguntou se eles tinham vindo prender seu marido. Não, garantiu o vice-presidente russo, tinham vindo libertá-lo. Ao contrário dos golpistas, que Gorbatchov deixou esperando por horas, Rutskoi foi recebido prontamente. O assessor Anatoly Tcherniaiev anotou em seu diário que o encontro do presidente soviético com os “russos” ficaria gravado na sua memória até o fim da vida:

Eu os observo. Entre eles, encontram-se aqueles que costumavam insultar M.S. repetidamente, discutir com ele, zangar-se e protestar no parlamento e na imprensa. Porém, o infortúnio havia feito com que agora estivessem unidos, e justamente isso era vital para o país. Eu cheguei a dizer em voz alta, observando aquela comemoração e os abraços gerais: “A união do Centro com a Rússia ocorreu sem nenhum tratado de união.”

A recepção carinhosa dissipou quaisquer dúvidas que os russos pudessem ter sobre a atitude de Gorbatchov. Até o último instante, Iéltzin e seus companheiros não sabiam se o presidente soviético apoiava os golpistas ou não. As pessoas nas ruas de Moscou ficaram surpresas quando o tradutor de Gorbatchov, Pavel Palazhtchenko, contou-lhes que o presidente tinha, de fato, sido isolado pelos *putschistas*. Para Rutskoi, bastou olhar para a devastada Raíssa Gorbatchova para concluir que aquilo não era um jogo político e que o isolamento tinha sido real.¹⁶⁵

Gorbatchov foi para Moscou com Rutskoi e sua delegação no avião russo.

Rutskoi o convencera de que seria muito mais seguro que viajar na aeronave presidencial soviética, que os golpistas podiam tentar derrubar. A dita aeronave foi justamente aquela que os *putschistas* usaram para retornar a Moscou. Iazov amaldiçoou a hora em que concordara em entrar para o comitê e chamou a si mesmo de velho idiota. Resignado com seu destino, recebeu a notícia de sua prisão com calma e dignidade. A esperança de Krioutchkov aumentou inicialmente quando o convidaram a viajar no avião de Gorbatchov com os “russos”, mas o revistaram antes de embarcar e, durante o voo, ninguém falou com ele, a não ser o guarda: na verdade, seu papel ali era ser usado como escudo humano para evitar um ataque ao avião que muitos acreditavam que poderia ter sido providenciado antecipadamente. Ao aterrissar, Krioutchkov se surpreendeu ao ser preso por autoridades russas, e não pelas autoridades da União. Quando chegou à sua prisão temporária, um prédio vigiado num resort próximo de Moscou, pediu uísque, mas não foi atendido. Os tempos estavam mudando.¹⁶⁶

¹⁴⁰ Carta do vice-presidente Yanayev ao presidente Bush. Tradução não oficial. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Golpe na URSS, nº 1.

“Meeting between Ambassador Viktor Komplektov and Robert Gates”. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Golpe na URSS, nº 1.

GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 522.

¹⁴¹ GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, pp. 521-522.

“Minutes of the Deputies Committee Meeting”, 19 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos do Conselho de Deputados, NSC/DC 300, 301.

BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-432.

¹⁴² GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 523.

“Statement on the Attempted Coup in the Soviet Union”, 19 de agosto de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3316&year=1991&month=8.

¹⁴³ BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 523.

¹⁴⁴ SCOWCROFT, Brent. “Memorandum for the President, Subject: Phone Call to President Boris Yeltsin”. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Golpe na URSS, nº 2.

“Phone Call to Boris Yeltsin: Suggested Talking Points”, agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da

Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Arquivos Cronológicos da URSS, nº 1.

- 145 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 527-528.
“Telecon with President Boris Yeltsin of Republic of Russia, USSR”, 20 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-19--Yeltsin.pdf.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-431, pp. 433-434.
- 146 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 80, 83, 87.
- 147 KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 93-94.
SABONIS-CHAFEE, Theresa. “Reflections from the Barricades”. In: BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 242-245.
- 148 KOKH, Alfred; AVEN, Petr. “Andrei Kozyrev: nastoiashchii kamikadze”. *Forbes* (edição russa), 28 de setembro de 2011. Disponível em www.forbes.ru/ekonomika/lyudi/74501-andrei-kozyrev-nastoyashchii-kamikadze.
“Kozyrev in Strasbourg: Stand for Election or Stand Aside”, 22 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 5.
- 149 KOZYREV, Andrei. “Stand by Us”. *Washington Post*, 21 de agosto de 1991.
- 150 “The President’s Press Conference”, 20 de agosto de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3317&year=1991&month=8.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-431, pp. 433-434.
- 151 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 520-521.
- 152 Memorando de McKenney Russell (USIA) para Robert Gates (Casa Branca). “USIA Media Coverage of Gorbachev Ouster”, 19 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush, Conselho de Segurança Nacional, Série Nancy Berg Dyke, Golpe na URSS e Relações Diplomáticas.
Memorando de McKenney Russell (USIA) para Robert Gates (Casa Branca). “USIA on Day Two After the Coup”, 21 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush, Conselho de Segurança Nacional, Série Nancy Berg Dyke, Golpe na URSS e Relações Diplomáticas.
Memorando de McKenney Russell (USIA) para Robert Gates (Casa Branca). “The Coup’s Third and Last Day on USIA Media”, 22 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush, Conselho de Segurança Nacional, Série Nancy Berg Dyke, Golpe na URSS e Relações Diplomáticas.

- 153 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 521.
- 154 Ibid., pp. 160-162.
- 155 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 162-168.
- 156 SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 19, 39.
- 157 KUCHER, Valerii. "A Russian Reporter Remembers". In: BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M.E. Sharpe, 1994, p. 334.
ELLIOT, Iain. "On-the-Spot Impressions". In: BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M.E. Sharpe, 1994, p. 291.
SABONIS-CHAFEE, Theresa. "Reflections from the Barricades". In: BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory. (orgs.) *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M.E. Sharpe, 1994, pp. 244-245.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, p. 178.
- 158 KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 93-94.
HETZER, Michael. "Death on the Streets". In: BONNEL, Victoria E.; COOPER, Ann; FREDIN, Gregory (orgs.). *Russia at the Barricades: Eyewitness Accounts of the August 1991 Coup*. Armonk, Nova York: M. E. Sharpe, 1994, pp. 253-254.
- 159 *Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknovenie mnenii*. Moscou, 1992, pp. 113-130.
DUNLOP, John B. "The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics". *Journal of Cold War Studies*, v. 5, n° 1, pp. 94-127 (arqui. 110-111), 2003.
- 160 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 180-184.
- 161 Ibid., pp. 270-279.
GERVOKIAN, Natalia; TIMAKOVA, Natalia; KOLESNIKOV, Andrei Kolesnikov. *Ot pervogo litsa. Razgovory s Vladimirom Putinyim*. Moscou: Vagrius, 2000, capítulo "Demokrat".
GESSEN, Masha. *The Man Without a Face: The Unlikely Rise of Vladimir Putin*. Nova York: Riverhead Books, 2013, pp. 108-118.
- 162 DUNLOP, John B. "The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics". *Journal of Cold War Studies*, v. 5, n° 1, p. 111, 2003.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 186-187.
Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknovenie mnenii. Moscou, 1992, p. 251.
- 163 KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 93-

96, 113.

YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 93.

164 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-431, pp. 434-435.

BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 528-530.

“USSR State of Emergency: Situation Report, no. 21, 08:00 [[a.m.]] local, August 21”. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte3/4, 1991, nº 11.

165 HERSH, Seymour M. “The Wild East”. *Atlantic Monthly*, junho de 1994.

166 “Telecon with President Boris Yeltsin of the Russian Federation”, 21 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Yeltsin%20\[\[1\]\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Yeltsin%20[[1]].pdf).

PARTE III

UM CONTRAGOLPE

CAPÍTULO 7

O O ressurgimento da Rússia S JORNALISTAS E
funcionários que se aglomeraram no aeroporto de Vnukovo, nas proximidades de Moscou, nas primeiras horas de 22 de agosto de 1991, para dar as boas-vindas ao presidente em seu retorno da detenção na Crimeia, viram-no descer a escada do avião com um semblante cansado, mas cheio de ânimo. Os guarda-costas traziam os fuzis Kalashnikov preparados, como um lembrete do rigor da experiência que o presidente e sua família acabavam de viver e um sinal de que o perigo talvez ainda não tivesse passado.

Gorbatchov vinha acompanhado de Raíssa e outros membros da família, inclusive suas netas, Ksenia e Anastásia. Raíssa parecia abalada e deprimida. Ainda não tinha recuperado o movimento total de uma das mãos e seria hospitalizada dois dias depois. Irina, a filha de Gorbatchov, médica por formação, que se mostrara serena e controlada durante a dura vivência, prorrompeu em lágrimas ao se ver na segurança da limusine presidencial. Apenas as duas netas pareciam alheias ao que se passava ao redor. Mais tarde, Gorbatchov relembrou que a neta mais nova, Anastásia, foi a menos afetada nos primeiros dias do golpe: “Não entendia nada, corria, queria que a levassem à praia.” No voo para Moscou, as meninas dormiram tranquilamente no chão da cabine.¹⁶⁷

Enquanto a família aguardava na limusine presidencial, Gorbatchov se dirigiu aos veículos de comunicação. Discorreu sobretudo acerca do cativeiro e prometeu falar mais a respeito nos dias subsequentes. Também fez uma avaliação da nova situação política e das tarefas que o aguardavam. “O principal”, disse ele diante das câmeras de televisão, “é que tudo o que fizemos desde 1985 já produziu resultados reais. Nossa sociedade e nosso povo estão diferentes, e esse foi o principal obstáculo no caminho da aventura empreendida por um grupo de indivíduos. [...] E essa é a maior vitória da *perestroika*”. Ele agradeceu pessoalmente a Bóris Iéltzin por sua postura durante o *putsch* e expressou gratidão especial aos *rossiiane* – os cidadãos da Federação Russa – por sua atitude. Olhando para o futuro, frisou a necessidade de cooperação

continua entre o centro e as repúblicas, a fim de superar a crise política e econômica. Não conclamou para a assinatura imediata do tratado de união, que havia desencadeado o golpe de Estado e por ele fora arruinado, preferindo falar na necessidade de “entendimento”.¹⁶⁸

“Estamos indo a um novo país”, havia dito aos assessores a bordo do avião russo que o levava a Moscou. É provável que não soubesse o quanto estava certo. Os milhares de moscovitas que passaram boa parte da noite de 22 de agosto à espera do presidente soviético perto da Casa Branca russa não puderam vê-lo. Ou ele não foi informado da sua presença ou simplesmente estava muito exausto para se dirigir ao povo depois de 72 horas de provação. Por volta das quatro horas da madrugada, o vice-presidente russo Alexander Rutskoi disse à multidão exultante que Gorbatchov estava livre e que a prisão dos golpistas havia começado. Por um motivo ou outro, Gorbatchov, que ao se recusar a apoiar os *putschistas* propiciara justificação para os que resistiram ao golpe de Estado, não discursou para aquela gente que havia possibilitado seu retorno.¹⁶⁹

Foram muitos os aspectos que ele aparentemente não chegou a entender ou a avaliar plenamente na situação pós-golpe. Um deles foi o aumento extraordinário do poder da rua na política soviética. As massas que ocuparam as ruas e praças de Moscou durante e imediatamente depois do fracassado *putsch* tornaram-se uma força por si só. Também se mostraram uma arma poderosa nas mãos de Bóris Iéltzin e seus aliados, que podiam falar com elas, dirigir suas ações e usar seu apoio nas batalhas políticas. Gorbatchov não podia. O ativismo das massas era, sem dúvida, um produto de suas políticas de *perestroika* e *glasnost*, mas não foram seus ideais que os moscovitas defenderam nas imediações do parlamento russo nos dias e noites do golpe de Estado. As pessoas não queriam “reestruturar” o antigo modo de vida; queriam construir um novo.

Nos dias subsequentes, Gorbatchov perderia a oportunidade de ser um novo tipo de político e seria derrotado no importantíssimo primeiro assalto de sua disputa com Bóris Iéltzin, o cada vez mais poderoso novo senhor da Rússia. Tais perdas teriam um impacto profundo no futuro da União Soviética.

Em suas memórias, Gorbatchov omite os acontecimentos de 22 de agosto, que um de seus conselheiros mais importantes na época, Vadim Medvedev, considerou um dia de oportunidades perdidas. Na primeira manhã após o retorno do cativo na Crimeia, o presidente soviético se entregou a um muito necessário descanso. Ao meio-dia, foi ao Kremlin, onde convocou seus auxiliares mais próximos. A principal questão na agenda era como lidar com os

golpistas. Ele se ocupou em afastá-los dos cargos governamentais, junto com seus adeptos, e substituí-los por gente em que acreditava poder confiar. Os necessários decretos presidenciais foram redigidos pelos assessores em sua presença, datilografados e imediatamente assinados por ele. A prioridade máxima era a substituição do chefe da KGB e dos ministros do Interior e da Defesa, algo que o presidente não podia procrastinar. Tais autoridades eram os pilares do poder presidencial em tempos de crise, e, no período pós-golpe, Gorbatchov precisava mais do que nunca desses pilares.¹⁷⁰

Desejando preencher o mais depressa possível os cargos vagos, promoveu vices de ex-ministros que acreditava que não tinham envolvimento com o *putsch*. Nomeou para ministro interino da Defesa o general Mikhail Moiseev, que havia impressionado muito o presidente Bush e seus assessores durante sua visita a Washington na primavera de 1991. O americano perguntou duas vezes a Iéltzin, em seus telefonemas na época do golpe de Estado, se Moiseev se “comportara” ou não. Iéltzin respondeu que não, mas Gorbatchov tinha outra opinião. O posto de chefe da KGB foi dado a Leonid Chebarchin, o cabeça da inteligência estrangeira soviética e especialista em Oriente Próximo, que havia passado o primeiro dia do golpe jogando tênis e, assim, enviando um sinal de que nada tinha a ver com o complô organizado e administrado por seus colegas. O ministro do Interior, Bóris Pugo, que se suicidara naquele mesmo dia, foi substituído por seu vice. Ao que parecia, o primordial não era a proximidade dos novos nomeados com os líderes do golpe de Estado, que já não eram uma ameaça, e sim sua distância de Iéltzin, que estava ressurgindo como o principal rival do presidente soviético na luta pelo poder.¹⁷¹

As novas nomeações ministeriais produziram a primeira grave crise nas relações pós-golpe entre Gorbatchov e Iéltzin. Enquanto o primeiro redigia e assinava decretos novos, o segundo reunia as massas. Ao meio-dia, Iéltzin discursou para uma multidão de milhares de “vencedores” em Moscou, declarando a bandeira tricolor imperial como símbolo oficial da Federação Russa. Posteriormente, seu principal guarda-costas, Alexander Korzhakov, recordou a reação do chefe quando soube da recente nomeação de novos ministros por parte de Gorbatchov: “Naturalmente, um ato tão audacioso deixou Iéltzin exasperado. Ele decidiu refazer tudo à sua maneira.” Agora, o presidente russo se considerava o mestre da situação, não Gorbatchov.

Os ministros responsáveis pelas Forças Armadas, pela polícia e pelos serviços secretos podiam decidir o futuro político não só do país quanto do próprio Iéltzin. Para tais cargos, o presidente russo queria gente que lhe fosse leal ou

que, pelo menos, não dependesse de Gorbatchov nem estivesse em dívida com ele. Sua principal arma na contraofensiva eram informações, da qual este carecia, acerca do comportamento dos altos funcionários do governo durante o *putsch*. Quando soube pelos telejornais da nomeação dos novos chefes para as agências de segurança, Iéltzin telefonou imediatamente para Gorbatchov: “Mikhail Sergueievitch, o que você está fazendo? Moiseev foi um dos organizadores do golpe, e Cherbachin é o homem de Krioutchkov, o principal coordenador da quartelada.” O presidente soviético tentou sair da situação delicada. “Sim, é possível que eu tenha me equivocado um pouco, mas agora é tarde. Todos os jornais publicaram o decreto; ele foi lido na televisão.” Iéltzin não estava disposto a desistir. Pediu-lhe para visitá-lo em seu gabinete no dia seguinte.¹⁷²

Uma parte do plano de jogo de Iéltzin era cancelar o decreto de Gorbatchov. Fazê-lo aprovar seu decreto que aumentava a autonomia econômica, se não levasse à independência definitiva da Federação Russa em relação com a União Soviética, era outra parte. O presidente soviético anulou os decretos dos golpistas, mas reconheceu a validade dos documentos assinados por Iéltzin na situação extraordinária do golpe de Estado. Agora este afirmava que tinha assinado um decreto de soberania econômica russa em 20 de agosto. Segundo tal documento, a partir de 1º de janeiro de 1992, todas as empresas em território russo seriam transferidas para a jurisdição e para o controle operacional da Federação Russa. Iéltzin também decretou medidas para criar um serviço aduaneiro russo, formar reservas de ouro nacionais e submeter a exploração dos recursos naturais ao licenciamento e à tributação pelas autoridades russas. Tratava-se de um estratagema destinado a levar Gorbatchov a aprovar um decreto que ele normalmente não autorizaria, uma vez que solapava os fundamentos da União. O decreto não podia ter sido e não foi assinado em 20 de agosto. Não havia sequer sinal de que houvesse sido redigido enquanto o presidente aguardava a invasão do prédio em que estava.

Isso não era tudo. Um decreto à parte assinado por ele em 22 de agosto, dia em que Gorbatchov reassumiu a função de presidente da União Soviética, proibia a publicação do *Pravda* e de outros jornais que haviam apoiado o *putsch*. Iéltzin evidentemente extrapolou sua jurisdição quando demitiu o diretor da agência de informação TASS e estabeleceu o controle do governo russo sobre as sucursais dos meios de comunicação do Partido Comunista localizadas no território da Federação Russa. Essas medidas excediam em muito os direitos atribuídos à federação pelo texto do tratado de união que o golpe de Estado arruinara. Não

deixavam a menor dúvida quanto ao fato de que, para a Rússia, o tratado estava morto. Porém, Iéltzin não se contentou em obter mais direitos soberanos para seu país. Tendo salvado Gorbatchov dos golpistas, achou-se no direito de submetê-lo a um novo cativo. Vadim Medvedev, assessor do presidente soviético, classificou os atos de Iéltzin como um contragolpe nos primeiros dias após o *putsch*.¹⁷³

Quando o líder russo levantou a questão das nomeações ministeriais durante o *tête-à-tête* em 23 de agosto, Gorbatchov procurou ganhar tempo. Respondendo à exigência de Iéltzin sobre a demissão de Moiseev, disse: “Vou pensar numa maneira de corrigir isso.”

O presidente russo se recusou a sair do gabinete: “Não, eu não vou embora enquanto você não fizer isso na minha presença. Chame Moiseev aqui imediatamente e mande-o para a aposentadoria.” A posição de Iéltzin foi reforçada quando ele recebeu um bilhete, entregue por um guarda-costas, dizendo que Moiseev ordenara a destruição dos documentos referentes ao envolvimento do Ministério da Defesa com o golpe de Estado. O bilhete trazia o nome e o número do telefone do oficial incumbido da queima de arquivo. Iéltzin mandou discarem o número e, então, passou o telefone para Gorbatchov. “Ordene ao tenente que pare de destruir os documentos. Mande-o colocar tudo sob custódia.” Gorbatchov obedeceu à ordem. Fez o mesmo quando Iéltzin insistiu para que chamasse Moiseev ao gabinete. “Explique-lhe que ele já não é ministro”, disse ao presidente soviético. Humilhado, Gorbatchov obedeceu.¹⁷⁴

O novo ministro da Defesa, nomeado por recomendação do presidente russo, foi o marechal do ar Ievgueni Chapochnikov, que se opusera ao *putsch* e tornara sua posição conhecida por Iéltzin e seu *entourage*. Agora o presidente russo tinha um homem seu à frente das Forças Armadas soviéticas. Ele também negociou a nomeação de Vadim Bakatin, um aliado de Gorbatchov que havia apoiado Iéltzin durante o golpe, para novo chefe da KGB. Ademais, impôs o afastamento de Alexander Bessmertnykh, ministro das Relações Exteriores soviético que se declarara doente quando o *putsch* estava em andamento. Igualmente demitido foi o ministro interino de Assuntos Internos, nomeado por Gorbatchov na véspera. “Eu lhe disse que o golpe nos dera uma lição amarga e, por isso, era preciso fazer questão de que ele não tomasse nenhuma decisão pessoal sem antes obter meu consentimento”, recordou Iéltzin, descrevendo sua conversa com Gorbatchov sobre as nomeações ministeriais. “Ele me olhou fixamente, com a expressão de uma pessoa encurralada.” Tratava-se realmente de um contragolpe. Iéltzin estava obrigando Gorbatchov a nomear sua própria

gente ou aqueles que parecessem simpáticos a ele. As nomeações de Chapochnikov e de Bakatin seriam cruciais nos meses que levariam à desintegração da União Soviética.¹⁷⁵

Confuso, Gorbatchov retrocedia claramente, e sua posição era solapada pela acusação de que ele próprio havia estado por trás do *putsch*. Em 22 de agosto, quando os correspondentes do diário *Argumenty i Fakty*,¹⁷⁶ de Moscou, foram às ruas da capital e perguntaram aos transeuntes o que achavam do presidente da União Soviética, o subtexto da pergunta foi perfeitamente óbvio: as pessoas acreditavam que Gorbatchov estava por trás do golpe de Estado? Um entre cada quatro entrevistados naquele dia não confiava em Gorbatchov, o segundo confiava e os outros dois davam-lhe o benefício da dúvida, mas não confiavam inteiramente no presidente: afinal de contas, os líderes do *putsch* eram seus protegidos. A fala de Iéltzin acerca dos novos nomeados ministeriais ou funcionários seniores do comitê central bem podia ser verdade: isolado durante os três dias críticos do golpe, Gorbatchov não tinha condições de checar os fatos ou refutar alegações. Relembrando suas primeiras nomeações ministeriais, ele escreveu em suas memórias: “Tais erros se deveram à falta de informação. Muita coisa só seria revelada meses depois, e certas questões não foram completamente esclarecidas até hoje.”¹⁷⁷

Quando retornou a Moscou, Mikhail Gorbatchov estava decidido a recuperar não só o posto de presidente, como também a posição de chefe do partido. Na coletiva de imprensa ocorrida na noite de seu retorno, declarou-se adepto da ideia socialista, censurou seu assessor próximo, Alexander Yakovlev, por ter abandonado o partido, e proclamou sua determinação de continuar a trabalhar pela renovação do partido numa base democrática. Em julho, havia imposto ao comitê central um novo programa partidário que reformasse o Partido Comunista pelo modelo da social-democracia europeia. Agora, com os linhas-duras em fuga após a derrota do golpe de Estado, acreditava que a reforma podia ser realizada com sucesso.

Em suas memórias, explicou sua lógica da seguinte maneira: “A ruptura do partido era inevitável, cedo ou tarde, por causa das diversas tensões ideológicas e políticas entre seus membros. Eu defendi que se procedesse por meios democráticos, convocando um congresso em novembro e fazendo uma separação amistosa. Segundo algumas pesquisas de opinião, a versão do programa adotada por mim e meus seguidores era apoiada por quase um terço dos afiliados.” O partido que ele imaginava podia ter até cinco milhões de membros, mas não

tardou a se ver sem partido nenhum. Seus adversários usaram o poder que tinham nas ruas para acabar com as atividades do comitê central do Partido Comunista.¹⁷⁸

Iniciaram-se grandes manifestações em Moscou no dia do regresso de Gorbatchov. Ao longo desse dia, as multidões se incharam com os partidários liberais da revolução democrática, a maioria dos quais não se atrevera a dar as caras durante a etapa aguda do conflito, assim como com jovens em busca de aventura e emoção. A bebida alcoólica era facilmente acessível, alvoroçando ainda mais o turbilhão. Quem controlou o povo foram os membros da prefeitura moscovita, todos ardentes partidários de Iéltzin durante o golpe. Eles conseguiram impedir o povo cada vez mais agressivo de invadir os prédios da KGB, todos protegidos por atiradores de elite, ao oferecerem como alternativa a remoção do monumento a “Félix de Aço” – Félix Dzerjinsky, o fundador da polícia secreta soviética –, que dominava a praça Lubianka, em frente à sede da KGB. O estratagema deu certo.¹⁷⁹

Os funcionários da embaixada americana que se aproximaram do prédio da KGB no fim da tarde tiveram uma excelente vista da cena. Quando um deles contou aos manifestantes que era americano, foi transportado nos braços da multidão até o centro da praça para que assistisse ao acontecimento na primeira fila. Inicialmente, os manifestantes queriam derrubar a estátua com um caminhão, mas as autoridades municipais pediram que esperassem a chegada dos guindastes, explicando que a estátua era muito pesada. Se caísse, poderia romper o pavimento e entrar na rede de metrô de Moscou. A advertência funcionou, e a estátua foi retirada horas depois com a ajuda de guindastes Krupp.

Os diplomatas americanos relataram os acontecimentos a Washington: Por fim, pouco antes de meia-noite, cortaram-se os últimos parafusos e os guindastes se posicionaram para erguer a estátua. Quando isso aconteceu, a multidão prorrompeu em gritos e aplausos e começou a cantar “Abaixo a KGB”, “Rússia” e “Carrasco”. Os três prédios da KGB se mantiveram às escuras durante todo o evento. Quando acendiam a luz de um escritório, a multidão começava a apontar e gritar até que a apagassem. Na multidão, as pessoas observavam: “Eles estão com medo de nós.”

A noite chegou ao fim sem tumultos ou maiores incidentes.¹⁸⁰

Então, nasceu o dia 23 de agosto. Os lugares-tenentes de Iéltzin pareciam ter a multidão sob controle e não estavam com pressa de mandar os manifestantes para casa, percebendo sua momentânea importância política. Eles avisaram ao povo que os linhas-duras estavam preparando um novo ataque à Casa Branca. O

general Chapochnikov, que seria nomeado ministro da Defesa dentro de poucas horas, reagiu ao boato colocando a Força Aérea em estado de alerta máximo. Nesse meio-tempo, uma multidão se aglomerou em torno de uma delegacia de polícia na praça Petrovka, onde os mais ousados começaram a subir nas grades ao redor do prédio. Preparava-se uma revolta, com uma possível captura de armas. Além disso, não havia uma autoridade suprema responsável pela polícia: o ministro do Interior, Bóris Pugo, se suicidara; seu substituto, nomeado por Gorbatchov, tinha sido rejeitado por Iéltzin; e o indicado por Iéltzin ainda não fora aprovado por Gorbatchov e pelos líderes republicanos. A situação podia muito bem escapar ao controle.¹⁸¹

As autoridades municipais, que se haviam oposto ao golpe de Estado e gozavam de muita confiança entre os moscovitas, assumiram o controle da situação como tinham feito na noite anterior. A solução foi desviar as massas para a sede do Partido Comunista, situada a alguns quilômetros da delegacia da praça Petrovka. “O prefeito precisa da sua ajuda. Todos para o comitê central”, disse um funcionário da prefeitura à multidão. Muitos ficaram contrariados por ser impedidos quando estavam quase pondo as mãos nos policiais e em suas armas, mas grande parte da multidão de moscovitas, acostumada a ver o partido como a fonte e o principal símbolo do poder, obedeceu à convocação do servidor público.

Enquanto os primeiros alvos da cólera da multidão – a KGB e a polícia – haviam estado direta e visivelmente envolvidos com o golpe, o partido, cuja liderança não declarou uma atitude publicamente, era um prêmio ainda maior. Os manifestantes se rebelavam não só contra as autoridades, como contra o próprio Estado dirigido pela agremiação. Nos últimos anos, slogans contrários ao partido vinham mobilizando os moscovitas para participar de comícios e manifestações, e agora funcionavam exatamente como as autoridades municipais esperavam. A multidão se deslocou em direção ao complexo de edifícios pertencente ao comitê central do Partido Comunista da União Soviética.

Nesse dia, enquanto Gorbatchov e Iéltzin barganhavam cargos ministeriais no Kremlin, o poder real no país e na capital estava com Gennady Burbulis, neto de 46 anos de imigrantes letões que fora criado em Sverdlovsk, a terra natal de Iéltzin. Ex-professor universitário de economia política marxista e, desde o começo da *perestroika*, um organizador democrático e ainda por cima anticomunista, Burbulis havia sido nomeado recentemente por Iéltzin para o cargo de secretário de Estado, o segundo cargo mais alto na hierarquia russa, que lhe dava controle sobre a administração presidencial e boa parte do governo. Em

23 de agosto, ele já estava administrando os assuntos russos num gabinete na Casa Branca. Comunicava-se com Iéltzin, então reunido com Gorbatchov e com líderes republicanos no Kremlin, mediante bilhetes passados para o presidente russo por seus guarda-costas. Foi ele quem o alertou para a fragmentação de documentos no Ministério da Defesa, dando-lhe motivos para exigir a demissão do nomeado de Gorbatchov para aquela pasta.

Burbulis usou a mesma tática – acusações de destruição de documentos e de encobrimento de participação no *putsch* –, a fim de enfraquecer Gorbatchov em sua própria esfera e paralisar as operações do Partido Comunista, no qual nem Iéltzin, que saíra do partido vários anos antes, nem os líderes republicanos tinham influência real. Burbulis enviou a Gorbatchov (então reunido com Iéltzin) um bilhete em que afirmava que funcionários do partido estavam fragmentando documentos que os implicavam no golpe de Estado e pedia autorização para fechar temporariamente o prédio do comitê central. De fato, a destruição de documentos estava em andamento, muito embora os *apparatchiks* do partido, ansiosos por apagar todos os vestígios de sua participação no *putsch*, acabariam quebrando as máquinas fragmentadoras ao esquecerem de tirar os grampos. Aparentemente para apaziguar Iéltzin, Gorbatchov assinou o memorando que autorizava o fechamento dos prédios do comitê central. Agora seu destino como chefe do partido estava selado e seu cargo de presidente, mais frágil que antes.

Os funcionários da municipalidade de Moscou apressaram-se a ir para a sede do partido com o papel assinado por Gorbatchov, exigindo que os confusos e assustados *apparatchiks* fechassem os escritórios e fossem para casa. A multidão que sitiava o prédio deu força à exigência. Quando Nikolai Kruchina, chefe de pessoal do comitê central, disse aos funcionários municipais que não podia simplesmente suspender as operações de todo o comitê, eles apontaram para a janela e para a multidão do lado de fora. “Eles vão despedaçar todos os que estiverem aqui dentro, a menos que vocês saiam caladinhos”, rosnou um dos funcionários municipais para Kruchina. “Pare de bancar o maluco. Faça o que eu mando!”, continuou ele. Visivelmente abalado, o alto funcionário do partido ruborizou. Não havia guardas da KGB suficientes para opor resistência efetiva, de modo que só lhe restou ceder e mandar seu vice conduzir os representantes da municipalidade ao sistema de anúncio da defesa civil no prédio. “Por acordo com o presidente, tendo em conta os acontecimentos recentes, tomou-se a decisão de fechar o edifício. Vocês têm uma hora para sair. Podem levar os pertences pessoais, mas deixem tudo o mais”, anunciou-se.

A multidão foi ao delírio. Quando os *apparatchiks* do partido começaram a sair do edifício, os funcionários municipais pediram aos manifestantes para não darem “o menor pretexto para aqueles que querem semear a desordem aqui”. “Vergonha! Vergonha!”, entoavam os moscovitas enquanto milhares de empregados do partido saíam do prédio completamente humilhados. O secretário do partido da cidade de Moscou, Iuri Prokofiev, que, no último dia do golpe de Estado, havia pedido aos *putschistas* que lhe dessem uma pistola para que ele pudesse se suicidar, sofreu violência verbal e até pontapés, mas recebeu proteção policial e foi levado embora em um táxi. Os manifestantes, que revistaram os funcionários à medida que saíam do edifício, mostraram seu butim: peixe defumado e embutidos que alguns funcionários do partido tentaram levar consigo, iguarias difíceis de conseguir na época.¹⁸²

O fechamento da sede do partido no centro de Moscou coincidiu com o maior desastre público de Gorbatchov em sua longa carreira política. Naquela tarde, encontrou-se com um grupo de deputados russos num cenário que deveria ser informal. Aliás, o encontro foi transmitido pela televisão. Ele começou com um agradecimento ao parlamento russo e a Iéltzin pela resistência que opuseram ao golpe e revelou que havia assinado um decreto promovendo Alexander Rutskoi, um coronel na época do golpe, à patente de general. A fim de apaziguar Iéltzin, leu em voz alta um excerto da ata de uma reunião do gabinete realizada em 19 de agosto, na qual todos os seus ministros, com exceção de dois, apoiaram o *putsch*.

Porém, o presidente soviético também estava ansioso por salvar o que lhe restava de poder e fez um apelo para que os deputados o auxiliassem a salvar a União: “Hoje, depois de sair dessa crise, os russos devem agir em colaboração com todos os outros soviets supremos e com os povos das demais repúblicas. Do contrário, não seriam russos.” A alusão era ao tradicional papel imperial dos russos na União Soviética. Nada disso agradou aos deputados, que tomaram o apelo de Gorbatchov como uma tentativa de checar a inclinação da Rússia para a democracia e a reforma do mercado atrelando-a ao trem da União Soviética. Eles bombardearam Gorbatchov com perguntas a respeito de sua cumplicidade com o golpe e exigiram que o Partido Comunista, sua base real de poder, fosse declarado uma organização criminosa. O presidente soviético colocou-se na defensiva. “Essa é apenas outra maneira de empreender uma cruzada ou uma guerra religiosa no tempo presente”, disse ele aos deputados. “O socialismo, como eu o entendo, é um tipo de convicção que as pessoas têm, e nós não somos os únicos a tê-la, pois ela existe em outros países, não só hoje como em outras

épocas.”

Então, foi feita uma pergunta sobre a propriedade dos bens da União em território russo e o decreto da soberania econômica russa assinado por Iéltzin. “Hoje você disse que assinaria um decreto confirmando todos os meus decretos promulgados nesse período”, afirmou o presidente da Rússia, referindo-se às medidas que ele havia aprovado durante o golpe.

Gorbatchov sabia que estava em apuros. “Não acredito que você tenha tentado me colocar numa armadilha ao me trazer para cá”, respondeu ele, dizendo também que assinaria um decreto confirmando todos os atos de Iéltzin no período do *putsch*, com exceção do ato sobre a propriedade da União. “Vou promulgar tal decreto depois de assinar o tratado [de união]”, disse. Não se tratava de uma mera tática de adiamento. Gorbatchov estava tentando manter Iéltzin fisgado: primeiro, o tratado de união; depois, o tratado de propriedade.

O presidente russo não gostou do que ouviu. Seu estratagema de aprovar o decreto já assinado falhara, mas ele tinha um trunfo na mão e soube usá-lo contra Gorbatchov. “Agora, passando para um assunto mais leve”, declarou diante das câmeras, “vamos assinar um decreto suspendendo as atividades do Partido Comunista russo?”. Gorbatchov ficou aturdido. De uma hora para outra, todas as organizações do partido na Rússia estavam no cepo. Sem elas, seu poder já minguado se reduziria a quase nada. Percebendo o que se passava, ele perguntou ao seu “aliado”: “O que está acontecendo? Eu... Nós não... Eu não li isso.”¹⁸³

Sem pressa, o líder russo assinou o decreto que proibia temporariamente a atividade do Partido Comunista em território russo. Quando Gorbatchov lhe disse que não podia proibir o partido, ele respondeu que estava proibindo apenas suas atividades. Dando boas-vindas ao decreto com aplausos e vivas, os parlamentares deram prosseguimento ao interrogatório do presidente soviético pego em armadilha, que achou difícil se recuperar da pancada de Iéltzin. “Naquele encontro”, recordou, “Iéltzin se deleitou com um prazer sádico”. Aquele era um lado de sua personalidade que o público ainda não tinha visto: não era o líder popular que captava o estado de espírito das massas, nem o político calculista que valorizava a lealdade pessoal nem o homem sensível que cuidava de quem lhe era próximo, mas o predador Iéltzin. Posteriormente, um de seus principais conselheiros relembrou sua impressão do repentino ataque de seu chefe contra o presidente soviético: “Uma cena cruel, maliciosa, perversa.”¹⁸⁴

Iéltzin havia marcado mais uma vitória importante em sua disputa com Gorbatchov para controlar as alavancas do poder. Com a revogação da

nomeação dos ministros da segurança e a suspensão das atividades do Partido Comunista, Gorbatchov praticamente perdeu sua influência no país e sua base de poder.

Uma vez assinado o decreto, Iéltzin tentou encantar a vítima. No final da reunião, o triunfante presidente russo tomou publicamente Gorbatchov sob sua proteção, garantindo aos deputados que o presidente soviético estava comprometido com a perseguição aos cúmplices do golpe de Estado. Terminada a reunião, disse ao líder soviético: “Mikhail Sergueievitch! Nós passamos por poucas e boas! Tantos acontecimentos, tanto tumulto! Você viveu uma experiência penosa em Foros, e nós não sabíamos no que daria aquele *putsch* do Comitê de Emergência, e nossos parentes, e Raíssa Maksimovna... Vamos combinar uma reunião de família. Naina Iosifovna, Raíssa Maksimovna...”

Gorbatchov olhou para ele com perplexidade, provavelmente sem saber se devia levá-lo a sério. “Não, agora não”, respondeu. “Não devemos fazer nada disso.”¹⁸⁵

Ainda na noite de 23 de agosto, George Bush e Brent Scowcroft assistiram a uma transmissão televisiva do encontro de Gorbatchov com os deputados russos e à humilhação a ele imposta pelo rival Iéltzin. “Está tudo acabado”, comentou Scowcroft, dizendo que Gorbatchov já não era “um agente independente. Iéltzin é quem lhe diz o que fazer. Duvido que Gorbatchov entenda o que aconteceu”. George Bush concordou: “Lamento, mas acho que dessa vez ele não escapa.” A suspensão do Partido Comunista era um marco importante na disputa ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética, e, para dois combatentes experimentados da Guerra Fria como Bush e Scowcroft, sobravam motivos para comemoração. Porém, o mais importante no momento era o significado daquele ato para a sobrevivência política de Gorbatchov.¹⁸⁶

Bush já o tinha previsto. Os primeiros sinais da nova situação política em Moscou se evidenciaram em 21 de agosto, quando o exultante Iéltzin, na Casa Branca russa, telefonou para o presidente americano pela primeira vez desde o *putsch*. Parecia estar totalmente no comando, e de fato estava. “Como combinamos, estou telefonando para relatar os últimos acontecimentos”, começou ele após uma breve saudação.

“Sim, por favor”, pediu Bush.

“O primeiro-ministro russo Silaiev e o vice-presidente Rutskoi”, disse Iéltzin, “trouxeram o presidente Gorbatchov a Moscou, ileso e gozando de ótima saúde. Também quero contar que o ministro da Defesa, Iazov, o primeiro-ministro,

Pavlov e o diretor da KGB, Krioutchkov, estão presos”. Silaiev, que havia passado em casa a noite decisiva do cerco à Casa Branca, retornara para seu presidente no dia seguinte e voltara ao centro da ação. Bush incentivou Iéltzin com observações ocasionais indicando seu interesse. O russo prosseguiu: “E, por ordem minha, com autorização oficial, o procurador-geral da União Soviética processou todos os conspiradores.”

Um país em que o procurador-geral da União cumpria ordens do presidente da Rússia decerto não era a antiga União Soviética, mas, por ora, tratava-se acima de tudo de comemorar a derrota dos golpistas. “Meu amigo, você está em alta por aqui”, disse Bush a Iéltzin. “Vocês mostraram respeito pela lei e defenderam os princípios democráticos. Parabéns. Estavam na linha de frente e ficaram nas barricadas – a única coisa que nós fizemos foi apoiá-los. Vocês trouxeram Gorbatchov de volta e intacto. Devolveram-lhe o poder. Ganharam muitos amigos em todo o mundo. Nós os apoiamos e os felicitamos pela coragem e pelo que fizeram. Se o senhor aceitar o conselho de um amigo, descanse e durma um pouco.”¹⁸⁷

Dormir era a última coisa que passava pela cabeça de Iéltzin. Eram 21h20 do dia 21 de agosto em Kennebunkport e começo da manhã de 22 de agosto em Moscou. Ele acabava de declarar a derrota do golpe e de agradecer aos defensores da Casa Branca russa. Tinha um dia novo em folha pela frente e estava ávido por usá-lo para consolidar seu poder, não mais em confrontação como os líderes do *putsch*, mas em competição com Gorbatchov. O campo de batalha não se restringia a Moscou, à Rússia ou à União Soviética. Também incluía as capitais e as plataformas ocidentais propiciadas pelas organizações internacionais. Lá seus adeptos apresentaram um surpreendente dilema tanto para o público russo e soviético quanto para os líderes ocidentais: apoiá-lo como um político eleito democraticamente e dedicado à reforma radical ou manter a lealdade a Gorbatchov e dizer adeus tanto à democracia quanto à reforma.

Naquele dia, o jovem ministro das Relações Exteriores de Iéltzin, Andrei Kozyrev, chegou a Estrasburgo a convite do Conselho da Europa. Sua principal mensagem para os líderes europeus foi: “Chegou a hora de separar o joio do trigo na política soviética.” Era uma grande mudança em comparação com o ambiente de poucos dias antes. Para começar, a nova mensagem não favorecia Gorbatchov. Pelo contrário, segundo um relatório diplomático americano, Kozyrev “criticou reiteradamente ‘certa gente’ em posição de autoridade que não tem compromisso com os ideais democráticos e carece de legitimidade porque nunca foi eleita”. A referência era claramente a Gorbatchov, que havia sido

eleito presidente da União Soviética pelo parlamento, e não por voto popular, como Iéltzin. Ele também duvidava que Gorbatchov tivesse “recursos psicológicos para implementar reformas realmente radicais”. “Kozyrev”, prosseguia o relatório, “comentou que Gorbatchov estava à mercê de uma ‘síndrome do medo’”. Faria qualquer coisa pela reforma, mas somente dentro do sistema. “Receia que ele e sua família passem a ser ninguém, deixem de existir, se o sistema que os apoia vier abaixo.”¹⁸⁸

A perdição do presidente soviético se completou em 24 de agosto. Pela manhã, ele e Iéltzin compareceram ao enterro dos três rapazes que haviam morrido defendendo a Casa Branca na madrugada de 20 de agosto. Gorbatchov tentou usar a ocasião, que era também sua primeira aparição perante os moscovitas desde o retorno da Crimeia, para expressar sua gratidão aos que defenderam a democracia. Também estava impaciente para mostrar a bandeira da União Soviética ao dar o título póstumo de herói aos três homens. A multidão ficou comovida, mas Iéltzin, o verdadeiro herói da resistência ao golpe de Estado, conseguiu roubar a cena de Gorbatchov. A Federação Russa não tinha prêmios próprios, e ele não tinha autoridade para outorgá-los. Então, simplesmente pediu às mães dos três jovens que o perdoassem por não ter podido salvar seus filhos. E, uma vez mais, ganhou o dia.¹⁸⁹

Depois do enterro, Gorbatchov foi ao Kremlin para assinar alguns decretos. Com um deles, dissolveu o gabinete e o substituiu por um comitê presidido pelo primeiro-ministro de Iéltzin, Ivan Silaiev. Com outro, renunciou ao posto de secretário-geral do partido, citando a atitude de seus dirigentes durante o *putsch*. Também aconselhou seus antigos correligionários a dissolverem o comitê central e pediu às organizações partidárias locais que decidissem seu destino. Na qualidade de presidente da União Soviética, assinou um decreto que colocava os bens do Partido Comunista sob o controle e a proteção dos soviets locais. Não estava disposto a dirigir um partido proibido que não constituía uma ameaça para ele, como acreditava que antes constituía, e que não trazia nenhum ativo na luta política que ele havia começado a travar depois do golpe de Estado. Em suas memórias, dedicaria páginas a uma tentativa de provar que o aparato do partido o tinha traído em agosto de 1991, e não o contrário.¹⁹⁰

Os *apparatchiks* eram soldados rasos, mas dificilmente compunham a força motriz por trás do golpe – no verão de 1991, estavam muito desmoralizados e desorganizados para se tornar seus verdadeiros líderes –, e o apelo do Comitê de Emergência ao povo não fez a menor alusão ao partido e aos seus ideais ou

políticas. Foram a KGB e os oficiais das Forças Armadas que lideraram o *putsch*. Como grupo, porém, os *apparatchiks* eram aqueles que mais se beneficiariam com um golpe bem-sucedido, que revogaria o decreto de Iéltzin que proibira células do partido nas empresas estatais. Numa reunião do secretariado do comitê central em 13 de agosto de 1991, cinco dias antes do *putsch*, os chefes do partido haviam discutido como lidar com o decreto.

O golpe parecia ser a única maneira de recolocar o poder político nas mãos do partido, mas, com seu fracasso e a renúncia de Gorbatchov ao posto mais elevado do partido, a força política que havia governado o país com mão de ferro e muitas vezes empunhando um porrete sujo de sangue estava sendo derrotada sem derramamento de sangue. Derramou-se um pouco, sem dúvida, mas foi o sangue das figuras do *establishment* do partido que preferiram pôr fim à própria vida a enfrentar um julgamento.¹⁹¹

O primeiro foi Bóris Pugo, o ministro do Interior cujas formações e tropas policiais estiveram diretamente envolvidas com o golpe de Estado. Na manhã de 22 de agosto, funcionários russos telefonaram para ele em casa para pedirem uma reunião. Quando o grupo de quatro homens, inclusive o consultor econômico de Gorbatchov, Gregori Iavlinski, chegou à residência de Pugo, um velho com sinais evidentes de demência abriu a porta e deixou-os entrar. Era o sogro do dono da casa. Um dos visitantes viu uma poça de sangue no chão. Então, eles entraram no quarto e viram Bóris Pugo na cama, morto com um tiro aos 54 anos. Em vez de esperar a prisão, havia se suicidado. Sentada ao seu lado, junto à cama, encontrava-se sua esposa mortalmente ferida. Ela chegou a reagir às perguntas, mas não conseguia dizer nada. Valentina Pugo morreria em breve num hospital de Moscou. Em um bilhete de despedida escrito naquela manhã, Bóris Pugo pedia perdão aos familiares: “Tudo isso é um erro. Eu vivi minha vida inteira honestamente.”

Dias depois, outro apoiador do *putsch*, o marechal Serguei Akhromeyev, de 68 anos, suicidou-se em seu escritório no Kremlin. Ele tinha sido um dos negociadores soviéticos de tratados de redução de armamentos com os Estados Unidos. Em 19 de agosto, o primeiro dia do golpe de Estado, sendo consultor de Gorbatchov em assuntos militares, ele interrompeu as férias de verão em Sótchi para voltar a Moscou e se apresentar a seu novo chefe, o presidente interino da União Soviética, Gennady Yanayev. Disselhe que compartilhava a agenda do Comitê de Emergência e estava disposto a participar de sua realização. Coubelhe a incumbência de colher e analisar informações sobre a situação nas regiões. Yanayev também lhe pediu que preparasse um esboço de seu discurso a ser feito

no parlamento soviético. Akhromeyev se entregou às duas tarefas com entusiasmo.

Em uma carta que escreveu a Mikhail Gorbatchov, o marechal explicou seus motivos para apoiar o golpe: “No início de 1990, eu me convenci, e hoje continuo convencido, de que o nosso país está a caminho da perdição. Em breve, será desmembrado. Eu procurei um modo de dizer isso em voz alta [...] entendo que, como marechal da União Soviética, quebrei meu juramento militar e cometi um crime militar [...] Nada me resta senão assumir a responsabilidade pelo que fiz.” Akhromeyev prendeu uma nota de cinquenta rublos ao bilhete suicida para pagar os almoços que devia à cantina do Kremlin.¹⁹²

Posteriormente, Vadim Medvedev, um assessor de Gorbatchov que conhecia bem tanto Pugo quanto Akhromeyev, comentou esses suicídios: “Eu entendo a tragédia: conhecia muito bem Bóris Karlovitch [Pugo], um homem íntegro à sua maneira, dedicado a uma ideia particular, alheio à intriga política e ao carreirismo. Tampouco tenho a menor dúvida quanto à honestidade de Serguei Fedorovitch.” Pugo e Akhromeyev acreditavam nos ideais comunistas e na indivisibilidade do Estado soviético. Serguei havia combatido na Segunda Guerra Mundial. Bóris, filho de um “atirador de elite letão” – uma das tropas especiais de Lênin fanaticamente dedicadas à revolução –, passara boa parte da vida na direção da KGB letã e depois em altos cargos do partido comunista de seu país, extirpando a dissidência nacionalista. O golpe de Estado dera a ambos a esperança de salvar o mundo que os alçara e oportunidades de carreira, com posições elevadas e, enfim, identidade. Para gente como Pugo e Akhromeyev, o fracasso do *putsch* significou fiasco pessoal e o colapso de seu universo. O suicídio os libertou de um mundo que os encarava não como heróis e salvadores, mas como criminosos que agiram contra seu próprio povo e traíram o presidente.¹⁹³

Na noite de domingo, 25 de agosto, um dia depois do afastamento de Gorbatchov, que deixava o posto de secretário-geral do Partido Comunista soviético, e da assinatura do decreto sobre a transferência dos bens do partido, dia em que Iéltzin, por sua vez, assinou um decreto confiscando esses bens, Nikolai Kruchina, de 63 anos, chefe de pessoal do comitê central, foi ao seu antigo escritório para discutir a transferência de bens com representantes do governo de Moscou. A reunião, que terminou pouco depois das nove horas, não foi bem para Kruchina. Indivíduo normalmente afável, ele surpreendeu seu guarda-costas da KGB quando, ao retornar do comitê central, não o cumprimentou como costumava fazer. Com ar deprimido e retraído, subiu ao seu

apartamento no quinto andar de um prédio exclusivo no centro de Moscou. Ele deu boa-noite à esposa, dizendo-lhe que ainda precisava concluir um trabalho. Pouco depois das cinco horas da madrugada, saiu à varanda e jogou-se para a morte.

Kruchina não se suicidou por estar desiludido com os ideais do Partido Comunista ou com os atos de seus dirigentes e afiliados, e sim porque sentia que havia quebrado seu juramento de lealdade ao chefe e, julgando pelo que sabemos hoje, receava uma investigação das finanças do partido. A reunião que o deixou em estado depressivo na noite de 25 de agosto terminou com uma nota muito preocupante para ele: como homem responsável pelas finanças da agremiação, assinara quase todos os documentos importantes autorizando transferências secretas de fundos do partido para projetos empresariais tanto no país quanto no exterior. Quando Vasily Chakhnovsky, o funcionário da municipalidade de Moscou que se reunira com Kruchina naquela noite, disselhe: “Precisaremos ter uma discussão especial sobre as finanças do partido”, o chefe de pessoal empalideceu. Então, interrompeu abruptamente a conversa, prometendo retomar o tema no dia seguinte. Para ele, esse dia não amanheceu.

As finanças do partido eram uma coisa que o chefe de pessoal não estava disposto a discutir com funcionários russos. Como mostraram as investigações posteriores, parte desse dinheiro tinha sido transferida para o exterior, segundo memorandos assinados por Kruchina, para “boas” causas comunistas, inclusive o apoio clandestino a partidos e movimentos comunistas em todo o mundo, dos Estados Unidos ao Afeganistão. Porém, a maior parte das transferências foi para os novos bancos comerciais e empresas suspeitas criados pelos *apparatchiks* e seus comparsas de negócios durante os dois últimos anos do governo Gorbatchov. Tendo perdido os cargos que ocupavam, os funcionários do partido estavam procurando transformar o poder político de que dispunham em recursos financeiros. Essa estratégia ofereceu-lhes uma vida confortável fora do aparato partidário e salvou o país de uma luta prolongada e potencialmente sangrenta com os numerosos e entrincheirados membros da classe dirigente, que, de outro modo, teriam tudo a perder e nada a ganhar com a transição. Contudo, o processo não deixou de ser sangrento. Kruchina foi uma de suas primeiras vítimas.¹⁹⁴

¹⁶⁷ BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 522.

SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 47-50.

“Telecon with President Boris Yeltsin of the Russian Federation”, 21 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Yeltsin%20\[\[1\]\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Yeltsin%20[[1]].pdf).
“Assorted JAB Notes from Events Related to Attempted Coup in USSR, 8/12-8/22”. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 6.

- 168 DUNLOP, John B. “The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics”. *Journal of Cold War Studies*, v. 5, nº 1, p. 111, 2003.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 186-187.
Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknovenie mnenii. Moscou, 1992, p. 251.
- 169 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 632-640.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 982-983.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 205-207.
Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknovenie mnenii. Moscou, 1992, pp. 141-142.
DUNLOP, John B. “The August 1991 Coup and Its Impact on Soviet Politics”. *Journal of Cold War Studies*, v.5, nº 1, pp. 94-127 (arqui. 110-111), 2003.
- 170 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 531-532.
“Telecon with President Mikhail Gorbachev of the USSR”, 21 de agosto de 2011. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Gorbachev.pdf.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 983.
“Exchange with Reporters in Kennebunkport, Maine, on the Attempted Coup in the Soviet Union”, 21 de agosto de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3322&year=1991&month=8.
- 171 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 101.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 311-312.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 983.
- 172 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 208-210, 213-217, 297.
- 173 “Press-konferentsiia prezidenta SSSR”. *Pravda*, 23 de agosto de 1991.
- 174 “Vozvrashchenie prezidenta SSSR”. *Pravda*, 23 de agosto de 1991.
- 175 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 984.
REMICK, David. *Lenin’s Tomb: The Last Days of the Soviet Empire*. Nova York: Random House,

- 1994, pp. 494-495.
DOBBS, Michael. *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire*. Nova York: Knopf, 1997, p. 411.
- 176 V Politbiuro TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991). Moscou, 2000, pp. 497-498.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, pp. 199-200.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 641.
- 177 “Press-konferentsiia prezidenta SSSR”. *Pravda*, 23 de agosto de 1991.
V Politbiuro TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991). Moscou, 2000, pp. 497-498.
- 178 “Rossiiskii triokolor, kak simvol avgusta 1991 g”. Rádio Svoboda, 21 de agosto de 2009. Disponível em www.svobodanews.ru/content/article/1804909.html.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 106-109.
- 179 *Izvestiia*, 23 de agosto de 1991.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 841-843, 847-849.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, pp. 199-200.
- 180 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 106-109.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 115-117.
SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 62-65.
- 181 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 106.
- 182 “Opros. ‘Ulitsa’ o M. Gorbacheve”. *Argumenty i fakty*, nº 33, p. 6, 23 de agosto de 1991.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 642.
- 183 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 644-645.
- 184 V Politbiuro TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991). Moscou, 2000, pp. 697-698.
- 185 “Communist Monuments Coming Down. Lenin May Be Evicted from Mausoleum”, 26 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 9.
- 186 SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, p. 63.
- 187 KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 116-117.
SEVOSTIANOV, Evgenii. “V avguste 91-go”. Disponível em www.savostyanov.ru/index_6.html.

DOBBS, Michael. *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire*. Nova York: Knopf, 1997, pp. 411-417.

YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 100.

REMICK, David. *Lenin's Tomb: The Last Days of the Soviet Empire*. Nova York: Random House, 1994, pp. 493-494.

188 REUTERS. "Gorbachev's Speech to Russians: A Major Regrouping of Political Forces". *New York Times*, 24 de agosto de 1991, pp. 6-7.

REMICK, David. *Lenin's Tomb: The Last Days of the Soviet Empire*. Nova York: Random House, 1994, pp. 494-495.

189 REUTERS. "Gorbachev's Speech to Russians: A Major Regrouping of Political Forces". *New York Times*, 24 de agosto de 1991, p. 7.

GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 644.

AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. "El'tsin sluzhil nam!". Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.

190 AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. "El'tsin sluzhil nam!". Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.

GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 644.

191 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-431, p. 438.

192 Memorando de conversa telefônica com Bóris Iéltzin, 21 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21-Yeltsin%20\[2\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21-Yeltsin%20[2].pdf).

193 "Kozyrev in Strasbourg: Stand for Election or Stand Aside", 21 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 5.

194 *Krasnoe ili beloe? Drama avgusta-91. Fakty. Gipotezy. Stolknovenie mnenii*. Moscou, 1992, pp. 116-117.

CAPÍTULO 8

NA Ucrânia independente NINGUÉM PODERIA DIZER quanta gente havia lá: milhares de pessoas, dezenas de milhares, talvez cem mil. Abrindo caminho entre a multidão até o prédio do parlamento, os deputados ucranianos não tinham condições de contá-la. Era uma ensolarada manhã de domingo, 24 de agosto, o mesmo dia em que Iéltzin eclipsou Gorbatchov no enterro dos defensores da Casa Branca e em que o líder soviético renunciou ao comando do Partido Comunista. O que estava por acontecer em Kiev naquele dia provocaria, em toda a União Soviética, um choque consideravelmente maior do que o susto causado pelos acontecimentos em Moscou. A segunda maior república soviética estava prestes a se proclamar completamente independente da União Soviética.

Naquele dia, a multidão kievense não se havia aglomerado no centro da cidade para defender o parlamento, como ocorrera em Moscou dias antes, mas para condenar a maioria parlamentar comunista pelo apoio sigiloso ao golpe de Estado. Na véspera, Iéltzin havia assinado um decreto proibindo o Partido Comunista na Rússia, e o fizera diante não só de Gorbatchov, como de milhões de empolgados telespectadores de toda a União Soviética. Muitos entre aqueles que se apinhavam em Kiev acreditavam que era preciso fazer o mesmo na Ucrânia. Os panfletos que os convocavam chamavam o Partido Comunista de “uma organização criminosa e anticonstitucional cujas atividades precisavam acabar”. O povo reagiu. Muitos levaram consigo a bandeira nacional azul e amarela e cartazes reivindicando que o Partido Comunista fosse submetido a um julgamento nos moldes de Nuremberg.¹⁹⁵

O destino do partido não era a única preocupação da multidão; se assim fosse, as pessoas se aglomerariam em frente ao prédio do comitê central ucraniano, a apenas alguns quarteirões do parlamento. Não o fizeram porque o partido já não tinha poder para conceder ou negar o que elas queriam. Ostentando cartazes com os dizeres “A Ucrânia vai sair da União Soviética”, exigiam a independência do país, coisa que só o parlamento podia dar. À multidão majoritariamente composta de adeptos dos partidos ucranianos de oposição não faltava

determinação. Poucas semanas antes, muitos entre os presentes na praça do parlamento haviam lotado as ruas de Kiev para saudar o presidente George Bush. Na ocasião, levaram cartazes com a mesma reivindicação. Agora, porém, não a dirigiam a um visitante americano, no qual eles confiavam implicitamente, mas aos seus maiores inimigos: os *apparatchiks* comunistas, nos quais não depositavam a menor confiança.

John Stepanchuk, o cônsul-geral interino dos Estados Unidos em Kiev, que havia estado diretamente envolvido com os preparativos da visita de Bush e agora era responsável pelo consulado na cidade, teve dificuldade para abrir caminho entre a multidão aglomerada em frente ao prédio do parlamento naquela manhã. “Eram milhares de pessoas a cercá-lo, pessoas zangadas”, relembrou ele posteriormente. “Zangadas com os comunistas, zangadas com tudo. Milhares simplesmente aglomeradas ali. Tomaram-me por comunista porque eu estava usando um terno. Uma mulher começou a puxar meu paletó, gritando ‘*hanba*’, ‘que vergonha’. Pensavam que eu era um dos culpados.” Dentro do prédio do parlamento, a maioria comunista sentiu-se subitamente uma minoria sitiada. Instalado num compartimento diplomático, Stepanchuk pôde “ver que todos os comunistas estavam grudados na janela, vendo aquela multidão se aproximar cada vez mais, perguntando-se se conseguiriam sair do edifício”. Os parlamentares comunistas “estavam nervosos e fumando, andando de um lado para outro. Aquilo era uma atmosfera de tensão. Sabia-se, naturalmente, que Kravtchuk faria um discurso, mas ninguém sabia até que ponto chegaria.

Leonid Kravtchuk, o grisalho presidente do parlamento ucraniano, que deixara uma boa impressão no presidente Bush semanas antes e parecera ter pleno controle da instituição, estava visivelmente na defensiva. Além do Partido Comunista, seu comportamento durante o golpe estava sendo questionado e julgado. Sua própria sina – o resultado daquele dia no parlamento, fora de suas paredes e em todo o país – dependeria da atitude adotada por ele. Com a multidão a gritar lá fora “Que vergonha, Kravtchuk”, o presidente estava lutando por sua vida política.¹⁹⁶

O que aconteceu em Moscou em 18 de agosto de 1991 surpreendeu a Leonid Kravtchuk, apresentando um grave desafio ao seu domínio do poder na Ucrânia e ao movimento pela soberania ucraniana com o qual ele associara estreitamente seu nome e destino político. Na manhã de 19 de agosto, Kravtchuk foi informado sobre a deposição de Gorbatchov por seu principal rival político, o

primeiro-secretário do Partido Comunista da Ucrânia, Stanislav Hurenko, que telefonou para sua residência no subúrbio, a fim de convocá-lo à sede do comitê central. Haveria uma reunião com o homem forte do Comitê de Emergência, o desbocado general Valentin Varennikov, que desembarcara em Kiev após estar com Gorbatchov na Crimeia.

Kravtchuk recusou. “Eu entendi imediatamente para onde o poder estava indo”, lembrou mais tarde. “E disse: ‘Stanislav Ivanovitch, acontece que quem encarna o Estado é o Soviete Supremo, e eu sou o chefe do Soviete Supremo. Se Varennikov quiser se encontrar comigo, que seja no meu gabinete no Soviete Supremo.’” Hurenko foi obrigado a concordar. Essa foi a primeira e modesta vitória de Kravtchuk sobre o rival. Um ano antes, Hurenko, de 55 anos, ocupando o cargo de primeiro-secretário do comitê central, era considerado um grau acima de Kravtchuk na hierarquia republicana. Porém, com a proclamação da soberania ucraniana no verão de 1990, o papel do parlamento e de seu presidente, tradicionalmente conhecido como chefe do *presidium* do Soviete Supremo, havia crescido enormemente, transformando Kravtchuk numa das principais figuras da república. Agora essa era a tendência nas repúblicas da União Soviética, ainda que nem tanto na Ásia Central, onde os chefes locais dos comitês centrais do partido também foram eleitos presidentes do parlamento.

Posteriormente, Kravtchuk lembrou que se sentiu indefeso enquanto aguardava a chegada de Hurenko e Varennikov, pois nenhuma unidade militar ou policial estava sob as ordens do presidente do parlamento, e a única força de que dispunha consistia em três guardas com armas pequenas. A repentina chegada de Varennikov a Kiev mostrou como era efêmero o poder de chefe de uma república que se havia proclamado soberana e colocara suas leis acima das ordens da União. Kravtchuk não tinha dúvida de que estava às voltas com um golpe. A alegada doença de Gorbatchov era uma farsa; ele o vira na Crimeia poucas semanas antes. Na noite em que visitou Gorbatchov em Foros, os dois esvaziaram uma garrafa de vodca sabor limão com a ajuda do genro do presidente soviético. Kravtchuk não ocultou de nenhuma das pessoas com quem conversou naquele dia sua incredulidade na afirmação do Comitê de Emergência referente ao mau estado de saúde de Gorbatchov e, mais tarde, num encontro com veteranos da Segunda Guerra Mundial, mencionou a garrafa de vodca. Enfim, os visitantes chegaram, com Hurenko precedendo Varennikov e seu *entourage*.¹⁹⁷

O anfitrião e seus visitantes sentaram-se a uma mesa comprida, entre militares e civis. Instalado em frente a Kravtchuk, Varennikov foi o primeiro a falar.

“Gorbatchov está doente. O poder no país passou para um órgão recém-criado, o Comitê de Emergência em Situação Extraordinária”, disse ele, segundo um participante da reunião. “A partir das quatro horas da madrugada de 19 de agosto, no interesse da segurança pública, foi declarado estado de emergência em Moscou em virtude da deterioração da situação na capital e do perigo de tumultos. Eu vim a Kiev a fim de encarar definitivamente a situação e, se necessário, recomendar a declaração de estado de emergência em pelo menos algumas regiões da Ucrânia.” Varennikov especificou Kiev, Lviv, Odessa e uma das cidades da região ocidental de Volínia.

Os civis, no outro lado da mesa, reagiram com estupefação. Fez-se silêncio por pelo menos um minuto. Hurenko não mostrou emoção. O silêncio finalmente foi rompido por Kravtchuk, que se mostrou tranquilo e confiante, mas sem ser agressivo: “Nós o conhecemos, Valentin Ivanovitch, como vice-ministro da Defesa da União Soviética, um indivíduo respeitado, mas você não nos mostrou nenhuma credencial”, disse ele em resposta. “Além disso, ainda não recebemos instruções vindas de Moscou. E, enfim, o ponto mais importante é que uma declaração de estado de emergência em toda a Ucrânia ou numa região particular cabe ao Soviete Supremo. É o que a lei impõe. Temos informação de que a situação em Kiev e nas regiões está muito calma e não requer medidas extraordinárias.”¹⁹⁸

Varennikov se achava na Ucrânia porque os golpistas, em Moscou, estavam apreensivos com o Rukh – a aliança pró-independência dos partidos de oposição da Ucrânia – e com suas possíveis ações contra o *putsch* em Kiev e no oeste do país. “Não há poder soviético naquela parte da Ucrânia; é tudo Rukh”, asseverou ele. “É imperativo declarar estado de emergência nos *oblasts* ocidentais. As greves devem ser freadas. Todos os partidos, com exceção do PCUS, precisam ser fechados, juntamente com seus jornais; os comícios devem ser reprimidos e dispersos. É necessário tomar medidas extraordinárias para que as pessoas não pensem que vocês estão seguindo o curso anterior [...] O Exército está cheio de disposição para o combate, e nós tomaremos todas as medidas, inclusive derramamento de sangue.” Kravtchuk insistiu que não havia necessidade de impor um estado de emergência. Se o general achava que sim, que fosse à Ucrânia Ocidental ver com os próprios olhos que lá prevalecia a calma.¹⁹⁹

Varennikov mudou o tom. “Você é um homem de autoridade. Muita coisa depende de você, e eu lhe peço pessoalmente”, disse a Kravtchuk, “que, em primeiro lugar, apareça na televisão, e depois no rádio, e faça um apelo para que as pessoas permaneçam calmas, tendo em conta o que já se proclamou”. Quando

Hurenko e os outros saíram do escritório, deixando o líder da Ucrânia a sós com o general, Kravtchuk perguntou como um velho conhecido (ambos compareciam às mesmas reuniões do comitê central em Kiev na época em que Varennikov seria na Ucrânia): “Valentin Ivanovitch, se vocês forem bem-sucedidos, trarão de volta o antigo sistema?” Ele tinha em mente a ordem política da *perestroika* e as relações entre o centro e as repúblicas. O general respondeu afirmativamente: “Não temos outra escolha.” Essa resposta disse tudo a Kravtchuk. Como ele recordaria depois, percebeu naquele momento que a vitória do Comitê de Emergência não significaria manter as coisas tal como estavam, mas, na realidade, levaria a um retrocesso no tempo, talvez até a época da perseguição em massa.

Os *putschistas* nada tinham a perder, e sua vitória implicaria não só o fim da carreira política de Kravtchuk, como sua possível prisão. Ao contrário de Hurenko, Kravtchuk não ganharia nada politicamente apoiando o golpe de Estado, mas tampouco estava disposto a se rebelar como Bóris Iéltzin em Moscou. Sua estratégia era diferente, consistindo em fazer o que estivesse ao seu alcance para não dar aos militares nenhum pretexto para impor o estado de emergência na Ucrânia. “Um pressentimento me sugeriu”, lembrou Kravtchuk, “que era necessário ganhar tempo e evitar medidas desnecessárias, e assim tudo ficaria bem”. Era a atitude de esperar para ver, pela qual ele foi severa e justamente criticado mais tarde.²⁰⁰

Sua postura coincidiu com o comportamento de grande parte do governo ucraniano. Nenhum de seus membros apoiou genuinamente o *putsch*, recordou o vice-primeiro-ministro liberal Serhi Komisarenko. Numa reunião entre o *presidium* do governo convocada naquele dia, ele mesmo classificou as ações do Comitê de Emergência de “francamente inconstitucionais”. No entanto, se faltava apoio às ações do comitê, não faltava medo. O governo não tardou a criar uma comissão especial nos moldes propostos por Varennikov, embora seu propósito fosse algo diferente do sugerido pelo general. O título do decreto governamental que estabelecia a comissão já indicava a principal preocupação de seus criadores: “Sobre o Estabelecimento de uma Comissão Temporária para Evitar Situações Extraordinárias.” Se fosse declarado estado de emergência na Ucrânia, o poder real seria retirado do parlamento e do governo nos quais estava depositado até então. Uma vez perdido, nunca seria recuperado. A principal tarefa da comissão era manter a oposição em silêncio e fazer com que o Comitê de Emergência e as Forças Armadas ficassem a distância.²⁰¹

O único homem no alto da pirâmide de poder ucraniana que tinha muito a

ganhar com o golpe, o primeiro-secretário do comitê central, Stanislav Hurenko, voltou à sede do partido depois da reunião com Kravtchuk e Varennikov e encontrou um telegrama vindo de Moscou que exortava os comitês do partido a apoiarem o golpe. Ele convocou os principais funcionários da agremiação a uma reunião e informou-os do estado das coisas e do plano de ação: preparar um memorando especial com base no telegrama vindo de Moscou e enviá-lo aos comitês locais, instruindo-os a dar todo apoio possível ao golpe de Estado. O memorando preparado por ordem de Hurenko era muito mais comprido que o telegrama, indicando a agitação do aparato partidário ucraniano. O comitê central instruiu os quadros da base que o apoio ao Comitê de Emergência era sua tarefa mais importante, ordenou-lhes que proibissem quaisquer comícios ou manifestações e frisou que a preservação da União Soviética figurava entre as principais missões do partido. “As ações do Comitê de Emergência”, escreveram os dirigentes do Partido Comunista da Ucrânia, “correspondem às atitudes da maioria esmagadora dos operários e estão em consonância com os princípios do Partido Comunista da Ucrânia”.²⁰²

Nesse meio-tempo, Kravtchuk tentava manter um equilíbrio praticamente impossível, tentando agradar a todos e, ao mesmo tempo, manter o poder que já tinha. Ele falou ao país no rádio e na televisão no final da tarde de 19 de agosto. Varennikov havia sugerido certo discurso, mas o líder ucraniano tinha uma agenda própria, recusando-se tanto a apoiar quanto a condenar o *putsch* e pedindo calma e tempo, ambos necessários para avaliar a situação. “Isso será feito por um órgão coletivo eleito pelo povo”, disse ele ao público. “Mas não há dúvidas de que, num Estado fundado na lei, tudo, inclusive a declaração de estado de emergência, deve ser feito com base na lei.” Também declarou que não se introduziria um estado de emergência na Ucrânia. “Kravtchuk exortou os ucranianos”, disse um despacho diplomático de Kiev, “a demonstrar sabedoria, controle e coragem, e acima de tudo a não hostilizar Moscou, coisa capaz de piorar a situação”.²⁰³

Kravtchuk tentou, com menos sucesso, seguir a mesma linha numa breve entrevista dada no noticiário televisivo *Vremia*. Na ocasião, chocou o público soviético ao dizer que “o que aconteceu tinha de acontecer, talvez não dessa forma”. Argumentou que uma situação em que o centro e as repúblicas não tinham poder suficiente para lidar com questões econômicas e sociais urgentes não poderia durar eternamente. Também caracterizou o golpe de Estado como um desdobramento lamentável que, dada a trágica história da Ucrânia, levava as pessoas a se preocuparem com a possibilidade de um retorno ao passado

totalitário. Apesar de tais advertências, a impressão geral deixada pela entrevista de Kravtchuk, que terminou com uma declaração a respeito da necessidade de manter o ritmo de trabalho da economia, foi de que, na melhor das hipóteses, o líder do país estava tentando tomar os dois lados da questão e, na pior, apoiava o golpe. Contrastando com relatos, citados no mesmo programa, da franca resistência de Iéltzin e da declaração do presidente Mircea Snegur, da Moldávia, segundo a qual sua república continuaria pressionando pela independência, a manobra de Kravtchuk mais pareceu apoio indireto ao golpe.²⁰⁴

O golpe foi uma grande surpresa tanto para os funcionários do governo ucraniano quanto para os líderes dos “nacional-democratas” do país, os membros da oposição liberal que, semanas antes, haviam saudado o presidente Bush em Kiev com o slogan da independência da Ucrânia. A sessão do parlamento em que Bush discursara em 1º de agosto tinha sido encerrada fazia tempo, e os deputados se haviam dispersado por todo o país, trabalhando em seus eleitorados ou tirando merecidas férias. Viacheslav Tchornovil, que havia sido por longos anos prisioneiro em um gulag e agora chefiava a administração regional no oeste ucraniano, passou os dias anteriores ao *putsch* em Zaporójjia, uma cidade industrial sulista com 900 mil habitantes.

Tchornovil era o principal candidato democrático nas eleições presidenciais anunciadas pelo parlamento um mês antes, e Zaporójjia parecia ser o lugar perfeito para o lançamento de sua campanha. No verão de 1991, a cidade foi escolhida para receber o segundo festival da canção Chervona Ruta, que combinava a música tradicional com o rock e a cultura musical *underground* que aos poucos se libertava das restrições soviéticas. O *finale* do festival realizou-se no estádio de futebol local na noite de 18 de agosto, enquanto os golpistas faziam sua visita surpresa a Gorbatchov na vizinha Crimeia. O festival se transformou numa grande celebração da cultura ucraniana e das anteriormente suprimidas tendências musicais emergentes, mas foi totalmente desconsiderado pelo governo comunista local. Na manhã seguinte, os participantes e convidados, inclusive Tchornovil e vários dirigentes nacional-democráticos, deixariam a cidade. Para muitos, a partida se transformou num suplício quando milhares de visitantes, alarmados com a notícia do golpe de Estado, invadiram o aeroporto e os terminais ferroviário e rodoviário no esforço para chegar a Kiev o mais depressa possível.²⁰⁵

Na manhã de 19 de agosto, o primeiro dia do golpe, Tchornovil foi acordado por um jornalista que estava no mesmo hotel e bateu na sua porta para contar que tinha havido um *putsch* em Moscou. Para ele, que passara mais de quinze anos em prisões soviéticas e em exílio interno, o mero fato de saber do golpe de Estado por intermédio de um jornalista, e não da KGB, já era uma boa notícia. “O *putsch* não pode ser sério se eu ainda estou dormindo aqui, ainda estou sonhando, e não estou numa cela de prisão”, disse ele ao homem que o despertou.

John Stepanchuk, o cônsul americano interino em Kiev, que também havia assistido ao festival Chervona Ruta e estava hospedado no mesmo hotel, foi ao quarto de Tchornovil e o encontrou telefonando para a KGB e para os quartéis da cidade de Lviv, na qual fora eleito chefe da administração local, para descobrir o que estava acontecendo. O comandante do distrito militar dos Cárpatos contou-lhe que suas forças eram essencialmente contrárias ao golpe de Estado e que ele não tinha intenção de interferir no funcionamento dos governos democráticos dos *oblasts* ocidentais desde que se abstivessem de declarar greve geral. Tchornovil garantiu ao comandante que faria o possível para manter a paz no oeste do país.²⁰⁶

Sua primeira reação ao golpe de Estado foi basicamente a mesma de Kravtchuk, ansiando por entrar em acordo com os militares e trocar a paz nas ruas pela não ingerência nos assuntos do governo. Essa foi a estratégia também adotada pelo aliado de Iéltzin, Anatoly Soltchak, o prefeito democraticamente eleito de Leningrado. Com a ajuda de seu vice, Vladimir Putin, Soltchak negociou com as Forças Armadas e a KGB, trocando a relativa paz nas ruas pela neutralidade das forças de segurança que prestavam contas a Krioutchkov e Iazov. Tratava-se de uma estratégia destinada a preservar os ganhos políticos da *perestroika*. Porém, a reação de Tchornovil, ditada em grande parte por seu papel de chefe da administração regional da maior cidade da Ucrânia Ocidental, não era compartilhada por muitos líderes oposicionistas em Kiev, alguns dos quais conclamavam para a resistência ativa.²⁰⁷

O líder reformista mais ilustre no parlamento ucraniano, o vice-presidente Vladimir Hryniov foi ao rádio naquela manhã para condenar o *putsch* nos termos mais veementes possíveis. Posteriormente, ele relembrou sua atitude na época: “Eu entendi perfeitamente que os funcionários da *nomenklatura* chegaram a um entendimento entre si e que nenhum chegaria a um entendimento comigo no que quer que fosse.” Russo étnico eleito pela cidade de Carcóvia, na Ucrânia Oriental, Hryniov representava uma tendência dentro da oposição ucraniana. Ele

e seus apoiadores se associaram estreitamente a Bóris Iéltzin e aos democratas liberais russos sem participar de sua atitude de “Rússia em primeiro lugar”. Hryniov e o eleitorado que ele representava – a *intelligentsia* urbana do leste e do sul russificados do país – lutavam por uma Ucrânia democrática numa confederação liderada pela Rússia. Os aliados de Hryniov estiveram entre os primeiros a içar a bandeira da resistência ao golpe em cidades como Zaporóžia.²⁰⁸

Tchornovil e outros nacional-democratas ucranianos ficaram presos entre as vacilações de Kravtchuk e a posição radical assumida por Hryniov e outros aliados de Iéltzin na Ucrânia. O Rukh, organização guarda-chuva nacional-democrata composta por vários partidos e associações democráticas, tardou um pouco a fazer uma declaração, que somente apareceu no segundo dia do *putsch*, mas foi forte e inequívoca em sua condenação e convocou os cidadãos da Ucrânia a se prepararem para uma greve que paralisasse a economia do país. Para os nacional-democratas ucranianos, o momento de indecisão havia passado. Naquele dia, o conselho regional de Lviv declarou que o golpe havia sido inconstitucional. O conselho municipal de Carcóvia, na Ucrânia Oriental, fez o mesmo, e os mineiros da bacia do Donets estavam se preparando para a greve. O Rukh anunciou uma greve geral política a ser iniciada ao meio-dia de 21 de agosto. Em cidades de toda a Ucrânia, os ativistas democráticos distribuíram o apelo de Iéltzin para a resistência. As pessoas ficavam grudadas nos rádios, escutando a Voice of America, a BBC e outras estações ocidentais. As notícias que chegavam da Casa Branca em Moscou eram cada vez mais preocupantes. Ninguém sabia se a democracia russa sobreviveria àquela noite.²⁰⁹

Em 21 de agosto, o terceiro e decisivo dia do golpe, Leonid Kravtchuk foi despertado antes das quatro horas da madrugada pelo telefonema de um deputado da oposição que exigia uma reunião de emergência do *presidium*, o órgão diretor do parlamento. Ele recebera a notícia de que unidades do Exército haviam começado a atacar a Casa Branca russa. Kravtchuk foi evasivo como sempre, alegando que nada podiam fazer pela situação em Moscou em plena madrugada, de modo que seria preciso esperar até o começo do expediente. Quando Kravtchuk chegou ao seu escritório naquela manhã, a situação havia mudado completamente. As notícias dos acontecimentos em Moscou não deixavam dúvidas de que o *putsch* estava se desfazendo e de que Iéltzin, até então um prisioneiro virtual na Casa Branca, surgia vitorioso.

Kravtchuk fez imediatamente o que os deputados da oposição vinham exigindo havia dias e se jogou nos braços de Iéltzin. Mais tarde, o líder

ucraniano disse ter passado todo o período do golpe em contato com o líder russo sitiado e seu *entourage*. Ele havia sido o primeiro líder republicano a quem Iéltzin telefonara na manhã de 19 de agosto. Mesmo que não tivesse conseguido convencer Kravtchuk a somar forças para resistir ao golpe de Estado, havia recebido garantias de que este não reconheceria o Comitê de Emergência. Kravtchuk nunca violou formalmente a promessa feita ao líder russo. No último dia do *putsch*, Iéltzin disse a George Bush que acreditava poder confiar no ucraniano, que estava do lado certo da história outra vez. Contudo, não era essa a impressão que tinham os dirigentes das forças oposicionistas do país. A multidão que lotou a praça principal de Kiev ao receber a notícia da derrota do golpe gritava: “Iéltzin, Iéltzin! Abaixo Kravtchuk!” O dia que, para o presidente do parlamento ucraniano, iniciou-se com preocupações com as possíveis medidas repressivas por parte dos *putschistas* terminou com preocupações com seu futuro político num ambiente inteiramente dominado pelos nacional-democratas.²¹⁰

Em 22 de agosto, dia do retorno de Gorbatchov a Moscou, Kravtchuk finalmente concordou em convocar uma sessão de emergência do parlamento e apresentou sua agenda para a sessão na coletiva de imprensa que deu naquele dia para explicar sua vacilação durante o golpe de Estado. Queria que os deputados condenassem o *putsch*, estabelecessem controle parlamentar sobre as Forças Armadas, a KGB e a polícia em território ucraniano, criassem uma guarda nacional e retirassem o país das negociações do novo tratado de união. “Para nós, não há pressa para assinar o tratado de união”, disse ele à imprensa. “Acredito que, no momento, a União Soviética precisa formar um governo para esse período de transição, talvez um comitê ou conselho, talvez com nove pessoas ou algo assim, que proteja as ações das instituições democráticas. Todas as formas políticas devem ser reavaliadas. Entretanto, eu creio que é urgente assinarmos um acordo econômico.” Não falou em independência. Sua agenda era a destruição completa do centro da União tal como havia existido antes do golpe e sua substituição por um comitê de líderes republicanos. Era um programa de confederação.²¹¹

No dia seguinte, Kravtchuk foi a Moscou para encontrar-se com Gorbatchov, Iéltzin e os demais líderes republicanos. A visita refletiu o cenário que ele descrevera à imprensa na véspera. Na presença de Gorbatchov, o comitê de líderes republicanos concordou com a nomeação de novos ministros da Defesa e do Interior, assim como para o cargo de chefe da KGB. Também discutiu a composição do novo comitê executivo que substituiria o antigo governo soviético, mas havia um ardil: todas as novas nomeações foram feitas pelo

presidente russo. Iéltzin não bloqueou as nomeações de segurança nacional de Gorbatchov para que ninguém mais colhesse os frutos da sua vitória.

À primeira impressão, os líderes republicanos não se importaram com a rápida ascensão de Iéltzin a poderes virtualmente ditatoriais na União a que todos ainda pertenciam. Políticos experientes criados numa tradição de subordinação ao partido e intriga bizantina, não manifestaram a menor discordância em relação ao agora dominante presidente russo, que era seu aliado tradicional contra o debilitado centro. Também foram unânimes em condenar o golpe que muitos haviam apoiado apenas alguns dias antes. Tampouco fizeram objeções ao ataque de Iéltzin ao partido ao qual todos pertenciam. Naquele dia, os líderes do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, e do Tajiquistão, Kakhahr Makhamov, renunciaram ao politburo e ao comitê central do partido.²¹²

Porém, os líderes republicanos não estavam inteiramente do lado do presidente russo. Ainda que fossem obrigados a se render a ele em todas as questões e em todas as nomeações governamentais que fizesse, também prometeram a Gorbatchov colaborar para o avanço rumo a um novo tratado de união. O comunicado oficial publicado no dia seguinte na imprensa central deu ênfase especial ao seu interesse em assinar tal tratado. Naquele dia, Gorbatchov contou ao embaixador americano Robert Strauss: “No que diz respeito à nossa federação, confirmamos que vamos proceder a um novo tratado de união. Além disso, desta vez decidimos assiná-lo juntos, todas as repúblicas, não uma por uma.” Assinar um novo tratado de união em grupo, prosseguiu Gorbatchov, significava que “algumas terão de esperar um pouco em comparação com os prazos anteriormente estipulados, mas a Ucrânia, por exemplo, terá de se apressar com sua decisão”.²¹³

Na verdade, Leonid Kravtchuk não estava disposto a se apressar. Quando Gorbatchov, referindo-se ao discurso “Frango à Kiev” feito por George Bush, contou ao líder ucraniano que até o presidente americano podia ver que o desejo de independência da Ucrânia não tinha “perspectivas históricas”, Kravtchuk se mostrou evasivo. Também se recusou a morder a isca quando Gorbatchov tentou adular a Ucrânia com a nova proeminência de seus líderes nas estruturas da União e jogar contra Iéltzin. Quando o presidente soviético lhe perguntou se o primeiro-ministro ucraniano Vitold Fokin seria um bom chefe do governo interino da União – o cargo que Iéltzin queria para o primeiro-ministro russo –, Kravtchuk respondeu com um subterfúgio, afirmando que Fokin era uma escolha excelente, mas que dificilmente ia querer sair da Ucrânia. De fato, Fokin disse não a Gorbatchov.²¹⁴

O que Kravtchuk presenciou naquele dia em Moscou deve tê-lo tornado mais simpático que nunca à ideia da independência ucraniana. Ele fora a Moscou decidido a substituir o governo de toda a União por um comitê dominado pelas repúblicas, mas o sucesso de Iéltzin em afastar do novo governo todos os nomeados por Gorbatchov e sua decisão repentina de suspender as atividades do Partido Comunista russo modificou a paisagem política em Moscou não menos do que modificara sua vitória sobre os líderes do golpe de Estado dois dias antes. Em vez do frágil centro da União liderado por Gorbatchov, emergia um centro forte controlado por Iéltzin. Nem Kravtchuk nem seus colegas no governo e no partido ucranianos queriam participar de uma União dirigida pelo líder russo. Não acreditavam que fosse possível restaurar um acordo de divisão do poder como havia existido no tempo de Nikita Krushev e de Leonid Brejnev; além disso, nos últimos anos do governo Gorbatchov, eles se acostumaram a um grau de liberdade anteriormente impensável. Na sua ótica, o centro não oferecia nada além de incerteza e dificuldade, agora mais do que antes. Kravtchuk se via diante de um desafio inesperado que, uma vez mais, era um teste para sua capacidade de sobrevivência.

Durante o golpe, ele obteve pela primeira vez a reputação de homem que não precisava de guarda-chuva, que era capaz de abrir caminho entre as gotas de chuva sem se molhar. Vinte anos depois, interrogado sobre a validade dessa piada, respondeu com uma franqueza inusitada: “A princípio, ela é muito certa. Eu sou flexível e diplomático; raramente digo a verdade na frente das pessoas e raríssimamente me abro. A experiência ensina que há situações na política em que a franqueza e sinceridade podem ser usadas contra a gente.” Nessa resposta, o ex-presidente do parlamento ucraniano foi mais sincero do que se pode esperar da maioria dos políticos. Em 23 de agosto de 1991, Leonid Kravtchuk, o homem que desviava das gotas de chuva, voltou à sua terra para enfrentar uma inundação. Daquela vez, precisaria não de um guarda-chuva, e sim de um colete salva-vidas. A dúvida era se conseguiria arranjar um.²¹⁵

Na manhã de 24 de agosto, enquanto o povaréu aglomerado em torno do parlamento ucraniano gritava “Que vergonha, Kravtchuk!”, o visivelmente abalado presidente do parlamento dizia aos deputados – suas palavras eram transmitidas ao vivo para aqueles que estavam junto aos muros do parlamento – que nunca reconheceria a legitimidade do golpe e propunha várias leis advogadas

pela oposição e destinadas a fortalecer a soberania ucraniana. “É imperativo adotar leis sobre o status das Forças Armadas dispostas no território da república. As forças interiores, o Comitê de Segurança do Estado [KGB] e o Ministério de Assuntos Internos devem se subordinar ao chefe de Estado ucraniano. Ademais, não podem estar envolvidos com nenhuma estrutura de toda a União. É uma questão de atividades coordenadas. Devem-se adotar leis adequadas. Também é preciso resolver a questão da separação do partido das agências de segurança e de manutenção da ordem da república.”²¹⁶

Os deputados nacional-democratas queriam mais. Seu líder parlamentar, o acadêmico Ihor Iukhnovsky, exigia a independência. Então, o escritor Vladimir Yavorivsky leu um breve texto intitulado “Lei de Declaração da Independência” e pediu que fosse colocado em votação. O parlamento mergulhou na confusão. O principal comunista da Ucrânia, Stanislav Hurenko, pediu um intervalo na sessão. Kravtchuk concordou, declarando recesso para que as facções parlamentares formulassem suas posições sobre a questão. Aqueles que mais estavam em dificuldade eram os comunistas.²¹⁷

O principal autor do esboço de declaração da independência foi Levko Lukianenko, o chefe do Partido Republicano Ucraniano, de longe a força política mais bem organizada no período. Lukianenko passara mais de um quarto de século em um gulag devido à sua dedicação à independência ucraniana. Era a personificação do sacrifício pela liberdade, e os deputados democráticos queriam que ele fosse o primeiro a ler a declaração. Foi só por causa da comoção criada nas fileiras democráticas que a honra coube a Yavorivsky. Algumas semanas antes do golpe, durante o almoço para o presidente Bush com dirigentes políticos ucranianos, Lukianenko se aproximara dele e lhe dera um papel com três perguntas. Duas abordavam a oposição ucraniana e a terceira se referia à independência do país, dizendo (em um inglês precário) o seguinte: “Agora que a desintegração inevitável do Império Russo é um fato, se o governo dos Estados Unidos, o Estado mais poderoso do mundo, pode ajudar a Ucrânia a ser um sujeito de pleno direito de relações internacionais?”

No voo de retorno aos Estados Unidos, Bush ditou um memorando para seu especialista em União Soviética, Ed Hewett, relativo às perguntas de Lukianenko. “No almoço de hoje em Kiev”, dizia o memorando, “Levko Grigorovitch Lukianenko se dirigiu muito educadamente a mim e depois ao presidente Kravtchuk. Ele é deputado no Soviete Supremo ucraniano. Passou vinte anos na prisão por ser dissidente e agora representa o movimento da independência Narodna Rada”. Bush pediu a Hewett que preparasse uma

resposta. Quanto à questão do reconhecimento internacional da Ucrânia, o esboço de Hewett, datado de 5 de agosto, definiu a posição americana quanto ao assunto, destacando que uma mudança da estrutura da União Soviética só poderia ocorrer “mediante o diálogo pacífico e de boa-fé entre as repúblicas e os líderes da União”.²¹⁸

Lukianenko já não acreditava em diálogo. Acreditava, porém, que a derrota do golpe de Estado oferecia uma grande oportunidade para avançar em direção ao seu objetivo. Numa reunião geral entre os deputados democráticos na manhã de 23 de agosto, ele surpreendeu os colegas ao propor que a questão da independência da Ucrânia fosse colocada na agenda da sessão de emergência do parlamento. “O momento é tão único que precisamos solucionar o problema fundamental e proclamar a independência da Ucrânia”, lembrou-se depois de haver dito em seu apelo aos parlamentares. “Se não o fizermos agora, pode ser que nunca o façamos, porque este período em que os comunistas estão atordoados é breve. Logo eles voltam a se levantar, e têm maioria.”

Sabendo como seu poder real era efêmero, os deputados democráticos aceitaram a argumentação de Lukianenko e lhe confiaram a tarefa de esboçar a declaração. “Há duas abordagens do documento que posso escrever”, disse Lukianenko a um colega deputado que escolheu a dedo para ser o coautor do texto. “Podemos escrever um documento longo ou curto. Se escrevermos um [documento] longo, ele causará discussão inevitavelmente; se escrevermos um [documento] curto, há uma chance de que suscite menos discussão. Vamos fazê-lo o mais breve possível, de modo que tenha o mínimo possível de discussões sobre onde pôr uma vírgula ou o que alterar.” E foi exatamente isso que fizeram. Não chegou a ser “exatamente o Quatro de Julho”, debochou mais tarde o cônsul interino dos Estados Unidos em Kiev, John Stepanchuk, referindo-se à concisão da declaração da independência ucraniana. Não obstante, quando Lukianenko apresentou o texto recém-redigido aos colegas da facção democrática, eles concordaram com suas alegações. Com poucas modificações editoriais, a declaração foi aprovada para distribuição entre os deputados durante a abertura da sessão de emergência.²¹⁹

Embora apoiasse a iniciativa de Lukianenko quanto a submeter a questão da independência ao voto parlamentar, o grupo democrático dividiu-se no tocante a seu lugar na agenda. Alguns deputados, inclusive o ilustre vice-presidente do parlamento, Vladimir Hryniov, queriam que a independência fosse votada depois da votação da suspensão das atividades do Partido Comunista. Temia que, se a proibição não fosse aprovada em primeiro lugar, a independência ucraniana

resultasse na criação de um Estado dominado pelos comunistas. Alguns deputados democráticos de Kiev compartilhavam essa visão, mas quais eram as chances de um parlamento dominado pelos comunistas banir o próprio partido e votar a favor da independência? Nenhuma, pensava Lukianenko e outros que o apoiavam. Eles preconizavam a independência primeiro e a “descomunização” depois, mesmo que esta última demorasse um pouco a se concretizar. Um parlamentar chegou a dizer que estava disposto a passar dez anos na prisão, contanto que fosse uma prisão ucraniana. Não eram muitos os colegas que tinham essa determinação, mas aqueles que compartilhavam a opinião de Lukianenko ficaram em vantagem no grupo.²²⁰

Se os democratas voltaram à sessão parlamentar munidos de uma posição mais ou menos consolidada sobre a independência, os comunistas sentiam-se surpreendidos. A interrupção da sessão solicitada por Hurenko e concedida por Kravtchuk permitiu-lhes discutir a questão pela primeira vez em grupo. Tradicionalmente adversários incondicionais da independência, eles agora se viam em dificuldade. Ia longe o tempo em que a maioria comunista no parlamento constituía uma força unificada. Havia muito que Kravtchuk e a facção comunista que o apoiava pressionavam pela soberania, estando dispostos a abraçar a independência completa. Quando os nervosos e desorientados deputados comunistas se reuniram no cinema dentro do prédio do parlamento, seu líder, Stanislav Hurenko, fez um apelo para que apoiassem a independência, do contrário eles e o partido ficariam muito encrencados.

Os membros conservadores do bloco comunista sabiam que tinham sido praticamente abandonados por seus dirigentes em Moscou, considerando a renúncia de Gorbatchov à secretaria-geral naquele mesmo dia e estando a liderança do partido entregue à mais profunda perplexidade. No que lhes dizia respeito, Iéltzin havia declarado aberta a temporada anticomunista, e era só uma questão de tempo para que a “caça às bruxas”, como a chamava Gorbatchov, chegasse à Ucrânia. Aliás, já havia chegado: a multidão de cem mil ao redor do prédio do parlamento exigia a independência e estava disposta a submeter os deputados a julgamento. Ela ficaria satisfeita com a independência? Muitos esperavam que conceder a independência garantisse proteção contra o tsunami anticomunista que chegava da Rússia e deixasse o parlamento no comando da Ucrânia.

Aqueles que ainda vacilavam abandonaram suas dúvidas quando representantes da oposição apareceram na reunião e sugeriram um compromisso: o voto pela independência seria confirmado por um referendo popular realizado

em 1º de dezembro, simultaneamente com as eleições presidenciais. Muitos viram aí a solução ideal, pois o voto a favor da independência dar-lhes-ia proteção imediata, deixando o referendo para um futuro que talvez nem chegasse a acontecer. Por conseguinte, os comunistas apoiariam a declaração de Lukianenko.²²¹

Durante o recesso, Kravtchuk telefonou para Moscou, mantendo-se aparentemente fiel à velha tradição dos líderes comunistas ucranianos de pedir a aprovação do irmão mais velho para suas decisões menores. Dessa vez, contudo, os papéis se inverteram. Kravtchuk informou tanto Iéltzin quanto Gorbatchov sobre os desdobramentos acontecidos no parlamento ucraniano e disselhes que o voto a favor da independência era inevitável. Iéltzin aceitou a notícia com serenidade, mas Gorbatchov ficou claramente contrariado. Por fim, disse a Kravtchuk que pouco importava o resultado da votação do parlamento ucraniano, uma vez que o referendo ocorrido em março de 1991, na Ucrânia, indicara um apoio esmagador à União. O parlamento não podia anular o resultado do referendo. Kravtchuk concordou. Depois do telefonema, mergulhou de corpo e alma na ideia da ratificação do voto parlamentar por meio de um referendo. Assim, um referendo anularia outro. Parecia que, uma vez mais, o matreiro Kravtchuk conseguiria satisfazer todas as partes envolvidas.²²²

Quando o intervalo de uma hora chegou ao fim, ele estava pronto para pôr em votação a declaração da independência ucraniana. Naquele dia, converteu-se num forte partidário da lei, vendo nela uma saída para a crise política. Suas inclinações patrióticas também seriam levadas em conta. “O que senti quando estávamos trabalhando naquele documento histórico?”, recordou ele posteriormente. “Simplesmente me senti feliz.” Trabalhou muito para convencer os relutantes a votarem pelo sim. Sabendo que os dois blocos principais estavam divididos quanto à questão, reuniu-se com representantes dos grupos regionais e, como ele recordou mais tarde, pediu aos ocidentais que não se deixassem desnortear pela exigência de primeiro dissolverem o partido e somente depois votarem pela independência. Não se sabe o que disse aos comunistas, mas a mensagem era clara: queria que eles votassem pela independência.

O único obstáculo que restava no caminho da independência ucraniana tão sonhada por Lukianenko era a falta de quórum na câmara. Kravtchuk aguardou o retorno dos parlamentares, processo que se mostrou lentíssimo. Para os partidários da independência, cada minuto parecia uma semana. Segundo um boato, Kravtchuk teria mandado fechar o túnel secreto que ligava o parlamento ao prédio do comitê central ucraniano, impossibilitando os deputados comunistas

de saírem do parlamento sem enfrentar a multidão irritada. Por fim, o número de parlamentares registrados ultrapassou trezentos. Quem leria o texto da declaração? Kravtchuk sugeriu Lukianenko, mas sua ligação com o Conselho do Povo e com o poeta Dmytro Pavlytchko e tudo o mais ordenava que Kravtchuk lesse o texto. Pavlytchko queria que a resolução fosse proposta pelo próprio presidente; do contrário, os comunistas podiam mudar de ideia. Sob ataque por ter vacilado durante o golpe, Kravtchuk estava na berlinda e foi obrigado a concordar.²²³

Ele leu o texto:

Em face do perigo mortal que paira sobre a Ucrânia em conexão com o golpe de Estado de 19 de agosto de 1991 na União Soviética, e dando continuidade à tradição milenar de construção do Estado na Ucrânia, [...] o Soviete Supremo da República Socialista Soviética da Ucrânia declara solenemente a independência do país e a criação de um Estado ucraniano independente: Ucrânia. [...] Esta lei entra em vigor no momento em que for aprovada.²²⁴

Kravtchuk convidou os deputados a votar. Momentos depois, o resultado apareceu na enorme tela atrás dele. A câmara explodiu subitamente em berros. Quando os deputados se levantaram e começaram a se abraçar, foi difícil distinguir democratas e comunistas. Um estado de euforia envolveu a câmara. O parlamento ucraniano acabava de votar a independência, com 346 deputados a favor, dois deputados contra e cinco abstenções. Faltavam cinco minutos para as seis horas da tarde. A multidão na rua aprovou o resultado com vivas e urros. Os diplomatas estrangeiros se dirigiram apressadamente aos seus respectivos consulados para apresentar relatórios. “A dama gorda cantou”, dizia o título do relatório enviado pelo cônsul canadense, Nestor Gayowsky, sobre a independência da Ucrânia.²²⁵

Às nove horas, depois de a multidão passar horas gritando “Hasteiem a bandeira no prédio do parlamento!”, a bandeira nacional azul e branca, símbolo da vitória dos democratas, foi levada à câmara. Petro Stepkin, o maestro do coro cossaco de Zaporóžia, onde poucos dias antes houvera o festival da canção, perdera a voz berrando do lado de fora do prédio. Mesmo que ele e outros partidários não tivessem conseguido içar a bandeira azul e amarela no alto do prédio, conseguiram fazer com que entrasse na câmara. Foi um compromisso típico de Kravtchuk. Contrariando os deputados comunistas, que continuavam considerando a bandeira um emblema do nacionalismo, não do patriotismo, permitiu que a bandeira entrasse, supostamente em reconhecimento da vitória

democrática em Moscou, pois Viacheslav Tchornovil afirmou que aquela bandeira havia estado em cima de um dos tanques que defendiam o parlamento russo. Os comunistas não puderam dizer não a um símbolo da vitória em Moscou, muito embora Moscou os tivesse abandonado.²²⁶

- 195 SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 853-856.
V Politbiuro TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991). Moscou, 2000, pp. 699-701.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, pp. 201-202.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 643-645.
- 196 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008.
“TsK KPSS. Ob orientirovke dlia partiinykh komitetov po zakonu RSFSR ‘O militsii, 4 iunია 1991’”. Arquivo Nacional Russo de História Contemporânea. Fundo 89, Conjunto 11, nº 90.
“Informatsiia o deiatel'nosti partiinykh organizatsii Kompartii RSFSR v usloviakh deistviia Ukaza Prezidenta RSFSR ot 20 iunია 1991 g.” Arquivo Nacional Russo de História Contemporânea. Fundo 89, Conjunto 23, nº 8.
- 197 STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 236-254.
“Pugo, Boris Karlovich”. Disponível em http://www.biografiia.ru/show_bio.aspx?id=109919.
- 198 MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 198.
KUTSENKO, A. *Marshaly i admiraly flota Sovetskogo Soiuzu*. Kiev, 2007, pp. 18-21.
- 199 “Soviet Turmoil. New Suicide: Budget Director”. *New York Times*, 27 de agosto de 1991.
DOBBS, Michael. *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire*. Nova York: Knopf, 1997, pp. 420-421.
STEPANKOV, Valentin; LISOV, Evgenii. *Kremlevskii zagovor. Versiia sledstviia*. Moscou: Ogonyok, 1992, pp. 233-236.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 85-57.
KOTKIN, Stephen. *Armageddon Averted: The Soviet Collapse, 1970-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2001, pp. 113-117.
- 200 TURCHENKO, Fedir. *HKChP i proholoshennia nezalezhnosti Ukrainy: pohliad iz Zaporizhzhia*. Zaporizhia, 2011, pp. 108-111.
- 201 Entrevista de John Stepanchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/315>.
- 202 Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Fita 8. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.
TUHLUK, Vasyl'. “Den', shcho zminyv khid istorii”. *Uriadovykur'ier*, 23 de agosto de 1991.
- 203 RAKHMANIN, Serguei. “Boris Sharikov: ‘To’ chto GKChP provalilsia ia pochuvstvoval, kogda

uvidel press-konferentsiiu chlenov komiteta””. *Zerkalo nedeli*, 18 de agosto de 2001.

- 204 SHAPOVAL, Iurii. “Iak HKChP-isty krainu z kryzy vyvodyly”. *Dzerkalo tyzhnia*, 19 de agosto de 2001.
RAKHMANIN, Serguei. “Boris Sharikov: ‘To’ chto GKChP provalilsia ia pochuvstvoval, kogda uvidel press-konferentsiiu chlenov komiteta””. *Zerkalo nedeli*, 18 de agosto de 2001.
Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 8. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 94-98.
Entrevista de Valentin Varennikov em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 2. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/401>.
- 205 Entrevista de Leonid Kravtchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 99.
- 206 KYIANS’KYI, Dmytro. “Akademik. Vitse-prem’ier. Dyploamat”. *Dzerkalo tyzhnia*, 2 de fevereiro de 2002.
“Ievhen Marchuk: Iakby ia chysto shyzofrenichno zakhativ zrobyty HKChP”. *Ukrains’ka Pravda*, 12 de agosto de 2011. Disponível em http://www.istpravda.com.ua/digest/2011/08/12/51759/view_comments.
- 207 Entrevista de Georgi Krioutchkov em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 4. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/516/>.
“Iz shifrotelegrammy TsK Kompartii Ukrainy”. *Nezavisimost’ Ukrainy: Khronika*, <http://usenet.su/showthread.php/222481-5-5>.
- 208 Entrevista de Adam Martyniuk em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 4. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/603>.
“Iz vystupleniia Predsedatelia Prezidiuma Verkhovnogo Soveta USSR L. M. Kravchuka po ukrainskomu televideniiu”. *Nezavisimost’ Ukrainy: Khronika*, 19 de agosto de 1991.
“Reaction in Ukraine to the Coup in Moscow”, 23 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 5.
- 209 *Vremia*, 19 de agosto de 1991. Disponível em www.youtube.com/watch?v=HY5wf-ywETE.
SOLCHANYK, Roman. “Kravchuk and the Coup”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991, pp. 2, 10.
- 210 TURCHENKO, Fedir. *HKChP i proholoshennia nezalezhnosti Ukrainy: pohliad iz Zaporizhzhia*. Zaporizhia, 2011, pp. 9-54.
PLOKHY, Serhii. *Ukraine and Russia: Representations of the Past*. Toronto: University of Toronto Press, 2008, pp. 165-181. Para *videoclips* da marcha cossaca de 1990 e do festival de música Chervona Ruta de 1991, ver “SichCentr 7: Cossack Hogan at Festivals in Zaporozhye”. Vídeo do YouTube postado pelo SichCentr, 22 de julho de 2009. Disponível em http://youtu.be/Ex_cFOqEvoQ.
- 211 “Reaction in Ukraine to the Coup in Moscow”, 23 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 5, p. 3.

- 212 GESSEN, Masha. *The Man Without a Face: The Unlikely Rise of Vladimir Putin*. Nova York: Riverhead Books, 2013, pp. 108-118.
- 213 Entrevista de Vladimir Hryniov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/239/>.
“Reaction in Ukraine to the Coup in Moscow”, 23 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 5, p. 3.
- 214 “General Strike Planned by Democratic Groups”. *Ukrainian Weekly*, 25 de agosto de 1991, pp. 1, 13.
KOLOMAYETS, Marta. “What the Coup Meant for Ukraine”. *Ukrainian Weekly*, 25 de agosto de 1991, pp. 1, 10.
SOLCHANYK, Roman. “Kravchuk and the Coup”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991, p. 10.
- 215 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 66.
Entrevista de Vlodymyr Filenko em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/438>.
Entrevista de Ruslan Khasbulatov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*.
Entrevista de Nikolai Bagrov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/372>.
“Telecon with President Boris Yeltsin of the Russian Federation”, 21 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Yeltsin%20\[1\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-21--Yeltsin%20[1].pdf).
LAPYCHAK, Chrystyna. “Kravchuk Criticized”. *The Ukrainian Weekly*, 25 de agosto de 1991, p. 2.
- 216 LAPYCHAK, Chrystyna. “Kravchuk Criticized”. *The Ukrainian Weekly*, 25 de agosto de 1991, p. 4.
SOLCHANYK, Roman. “Kravchuk and the Coup”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991, p. 10.
- 217 SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 63-64.
- 218 “Soveshchanie s rukovoditeliami respublik”. *Izvestiia*, 24 de agosto de 1991.
Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 308-309.
- 219 *Soiuz možno bylo sokhranit'.* Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 309.
Entrevista de Leonid Kravtchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011.
“Gorbachev's Speech to Russians: A Major Regrouping of Political Forces”. *New York Times*, 21 de agosto de 1991.
KVATSIUK, Ruslan; PEREVOZNAIA, Oksana. “Vitol'd Fokin: liudi mogut vyiti na maidan”. *Gazeta.ua*, 4 de fevereiro de 2009. Disponível em <http://www.inosmi.ru/ukraine/20090204/247198.html>.
- 220 KIPIANI, Vahtang; FEDORYN, Volodymyr. “Shcherbitskii skazal: kakoi durak pridumal slovo

perestroika?” *Ukrains’ka pravda*, 10 de setembro de 2011. Disponível em www.istpravda.com.ua/articles/2011/09/10/53558/view_print.

PYLYPCHUK, O. I. “Pid chas HKChP u Kravchuka buly v zapasi shapky z chervonymy zirkamy i tryzubom”. *Gazeta.ua*, 19 de agosto de 2011.

- 221 SOLCHANYK, Roman. “Kravchuk and the Coup”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991. Entrevista de John Stepanchuk em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/315>.
TUHLUK, Vasył’. “Den’, shcho zminyv khid istorii”. *Uriadovykur’ier*, 23 de agosto de 1991.
- 222 SOLCHANYK, Roman. “Kravchuk and the Coup”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991.
LAPYCHAK, Chrystyna. “Ukraine, Russia Sign Interim Bilateral Pact”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991, p. 9.
TUHLUK, Vasył’. “Den’, shcho zminyv khid istorii”. *Uriadovykur’ier*, 23 de agosto de 1991. Entrevista de Vladimir Yavorivsky em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/382>.
- 223 “The Question for Mr. President from Narodna Rada (the ‘People’s Council’)”. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Arquivos Cronológicos da URSS, agosto de 1991, nº 2.
George Bush a Ed Hewett (a bordo do AF I), 1º de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Arquivos Cronológicos da URSS, agosto de 1991, nº 2.
George Bush a Lukianenko. Minuta da carta, sem data. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Arquivos Cronológicos da URSS, agosto de 1991, nº 2.
- 224 Entrevista de Levko Lukianenko em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/541>.
- 225 Entrevista de Vladimir Hryniov em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/239>.
Entrevista de Vladimir Yavorivsky em *Rozpad Radians’koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/382>.
- 226 LAPYCHAK, Chrystyna. “Ukraine, Russia Sign Interim Bilateral Pact”. *Ukrainian Weekly*, 1º de setembro de 1991, p. 9.
TUHLUK, Vasył’. “Den’, shcho zminyv khid istorii”. *Uriadovykur’ier*, 23 de agosto de 1991.

CAPÍTULO 9

N Salvando o império A TARDE DE 28 de agosto, uma semana depois de ter ido à Crimeia para salvar o presidente da União Soviética, o vice-presidente russo, Alexander Rutskoi, tornou a viajar, dessa vez para salvar a própria União Soviética. Promovido por Gorbatchov de coronel a major-general após o sucesso de sua primeira missão, estava a caminho de Kiev para administrar uma crise que irrompera nas relações russo-ucranianas após a declaração da independência da Ucrânia. O plano era manter o país na União apresentando uma perspectiva de divisão de seu território se ele insistisse na independência.

Noticiando a nova missão de Rutskoi e seus colegas, uma correspondente da *Nezavisimaia Gazeta*, jornal pró-Iéltzin, escreveu: “Hoje eles têm a oportunidade de informar a liderança ucraniana sobre a posição de Iéltzin: caso a Ucrânia saia de ‘de certa União Soviética’, ficará anulado o artigo do acordo bilateral sobre fronteiras.” Em linguagem simples, isso significava que a Rússia estava denunciando o tratado existente com a Ucrânia, país vizinho, e ameaçando fragmentar seu território. “Espera-se”, prosseguia a reportagem, “que hoje uma sessão do Soviete Supremo da Crimeia declare a independência”. A emancipação dessa república autônoma situada dentro da Ucrânia podia desencadear um processo de divisão capaz de levar a uma confrontação violenta entre as duas maiores repúblicas soviéticas.²²⁷

O avião que levava Rutskoi a Kiev decolou do aeroporto de Vnukovo, na periferia de Moscou, levando também Serguei Stankevitch, conselheiro muito próximo de Iéltzin, que, dias antes, ajudara a remover o monumento a Félix Dzerjinsky no centro da capital soviética. Contudo, os “russos” não eram os únicos membros da delegação enviada para arrazoar com os deputados ucranianos rebeldes. Acompanhavam-nos os “soviéticos” membros do Soviete Supremo ou parlamento da União Soviética, que iniciara suas deliberações dias antes. Algumas horas antes da decolagem, uma sessão do Soviete Supremo dedicada a investigar as atividades dos *putschistas* fora convocada abruptamente para se ocupar de uma emergência. Os deputados deixaram suas diferenças de

lado para selecionar representantes para as negociações russo-ucranianas e despachá-los para Kiev. “Foi algo como um aviso de problema, uma das últimas advertências ao parlamento da União, que era, falando objetivamente, um dos poucos pilares que restavam da União em desintegração”, escreveu o jornal *Izvestia* no dia seguinte.

A delegação parlamentar soviética também contava com o aliado próximo de Iéltzin, Anatoly Sobtchak, prefeito de Leningrado e forte partidário da União. Segundo o mesmo artigo do *Izvestia*, ele havia feito naquele dia um apelo para que os deputados “se concentrassem na coisa principal: não permitir a desintegração espontânea das estruturas do poder soviético e pôr fim a discussões improdutivas sobre questões alheias ao perigo do colapso do país”. Sobtchak era acompanhado por um membro do parlamento soviético representando a Rússia e por dois membros eleitos da Ucrânia. Foram às pressas para o aeroporto, esperando alcançar o avião do vice-presidente russo. Poucos dias antes, ninguém teria imaginado semelhante situação. A Rússia e a Ucrânia, cujos líderes forjaram uma forte aliança antes do golpe de Estado e conseguiram preservá-la durante os dias sombrios de agosto, agora estavam às turras por causa de fronteiras. E, inversamente, russos e políticos da União, antes divididos por diferenças aparentemente insuperáveis, agora cooperavam para salvá-la. De resto, o papel principal na tentativa pertencia a Iéltzin, não a Gorbatchov. Este, aliás, nem aparecia na fotografia.²²⁸

A mudança de posição de Iéltzin, que deixou de prejudicar Gorbatchov e o centro da União para apoiá-los, foi resultado direto de sua vitória na campanha desencadeada contra o presidente soviético desde seu retorno da Crimeia. Em 22 de agosto, quando tentou dizer aos deputados russos que a Rússia não seria a Rússia sem que se procurasse manter as repúblicas unidas, Gorbatchov foi vaiado e insultado. Em 28 de agosto, quando a delegação russo-soviética partiu para Kiev, a vitória de Iéltzin parecia quase completa, pois já havia substituído Gorbatchov no papel de figura mais poderosa não só na Rússia, como na própria União. Mantê-la coesa passou a ser, repentinamente, uma de suas maiores preocupações. Tentar obter mais concessões por parte do centro enquanto Gorbatchov mandava e desmandava no Kremlin era uma coisa; conceder a independência às repúblicas da União na esteira da implosão do centro era outra coisa muito diferente. Nem Iéltzin nem seus conselheiros estavam dispostos a tanto, fosse psicológica ou politicamente. Eles se dispunham a deixar os países bálticos se retirarem e esperavam que as repúblicas da Ásia Central cessassem de

exigir subsídios do centro, mas ninguém no *entourage* de Iéltzin havia imaginado perder a Ucrânia eslávica. Era o cenário de um pesadelo.²²⁹

A declaração da independência ucraniana produziu uma onda de choque em toda a União Soviética, alterando extraordinariamente o panorama político. A Ucrânia, que tinha declarado soberania no verão de 1990, somente na esteira da Rússia de Iéltzin, agora assumia a liderança no que dizia respeito ao desejo de independência por parte das repúblicas cujos dirigentes continuavam leais à União. As repúblicas bálticas, a Armênia e a Geórgia, que proclamaram a independência antes da Ucrânia, eram controladas por forças adversárias do velho regime comunista. A Ucrânia tornou-se o primeiro país com uma assembleia legislativa dominada por comunistas a fazer tal declaração, abrindo caminho para as outras repúblicas governadas pela *nomenklatura* comunista ou ex-comunista. Em 25 de agosto, um dia antes que o parlamento ucraniano votasse por sua independência, Belarus fez uma declaração semelhante; em 26 de agosto, foi a vez de outra vizinha da Ucrânia, a Moldávia. O remoto Azerbaidjão proclamaria a independência em 30 de agosto e seria acompanhado pelo Quirguistão no dia seguinte e pelo Usbequistão um dia depois. Tanto Gorbatchov quanto Iéltzin viam com horror e assombro uma república após outra declarar a independência.²³⁰

Nenhuma das repúblicas que declararam a independência depois de 24 de agosto adotou uma disposição nos moldes ucranianos de um referendo que ratificasse a declaração, mas, na época, nenhuma tinha a intenção imediata de sair da União. Então quais foram as consequências práticas das declarações? Por ora, a principal diferença entre soberania e independência era que a soberania dava às leis republicanas prioridade sobre as leis da União, ao passo que a independência possibilitava desconsiderar inteiramente as leis da União. Agora apenas as leis republicanas eram válidas. A independência formal das repúblicas também significou o advento de líderes republicanos mais poderosos.²³¹

O dia 24 de agosto foi um divisor de águas, não só por causa da declaração da independência da Ucrânia, como também pelo fato de, na mesma data, o próprio Iéltzin ter reconhecido a independência das três repúblicas bálticas, a Estônia, a Letônia e a Lituânia. Naquele dia, ele assinou três cartas reconhecendo a independência dos vizinhos ocidentais da Rússia sem impor nenhuma condição nem questionar as antigas fronteiras da era soviética. Esse ato deixou milhares de russos étnicos, a maioria dos quais se mudara para a região depois da Segunda Guerra Mundial, além das fronteiras da Rússia e da União. Suas preocupações pareciam não pertencer ao governo de Iéltzin.

A nova Rússia democrática se recusou a usar força, pressão econômica ou ardis jurídicos e diplomáticos para conservar as repúblicas bálticas na União Soviética. As questões territoriais e os direitos das minorias não pareceram ter importância na época. Anteriormente, muitos membros das comunidades russas eram contrários à independência das repúblicas que chamavam de sua terra e ingressaram nos *interfronts* financiados por Moscou e dirigidos por comunistas que saudaram as medidas repressivas aplicadas por Moscou contra a independência báltica no início de 1991. Agora suas lideranças, que apoiaram abertamente o golpe de Estado em Moscou, receavam vingança por parte das majorias locais. O governo de Iéltzin desconsiderou essencialmente suas preocupações. Seus aliados eram os nacional-democratas em Tallinn, Riga e Vítlnius, e não as minorias russas que haviam apoiado os conservadores do Kremlin.²³²

Nas repúblicas não russas da União Soviética, muitos se perguntavam se o exemplo báltico estabelecia um precedente para as negociações da Rússia com as demais repúblicas. Logo ficou evidente que não. Os países bálticos ocupavam um lugar especial no coração e na mente dos democratas de Iéltzin, e o reconhecimento diplomático russo não se estendia a todas as repúblicas soviéticas que haviam declarado a independência antes ou durante o *putsch*. A Geórgia, que proclamara a independência em 9 de abril de 1991, muito antes da Estônia e da Letônia, não contou com esse reconhecimento. Não estava claro se a declaração da independência ucraniana a colocaria no grupo das repúblicas bálticas ou no grupo da Geórgia. Como a reação de Iéltzin ao telefonema de Kravtchuk na véspera da votação pela independência no parlamento foi muito mais calma que a reação de Gorbatchov, havia alguma esperança de que a posição da Ucrânia fosse tratada com respeito e compreensão na Rússia. Como se constatou, houve apenas um intervalo de um fim de semana. Kravtchuk telefonou para Iéltzin com a notícia no sábado, o que significava que a reação russa só viria segunda-feira, 26 de agosto, quando seria aberta, em Moscou, a sessão do parlamento soviético prometida pelos *putschistas* no primeiro dia do golpe de Estado.

Na abertura dessa sessão, o deputado ucraniano Iuri Shcherbak leu uma tradução russa da declaração da independência de seu país. Mais tarde, considerou aquele momento como o maior de toda sua vida, mas, na ocasião, quase teve medo das próprias palavras. Fez-se silêncio absoluto na câmara normalmente ruidosa. Ele teve a impressão de que as pessoas empalideceram. Com um rubor na face, Gorbatchov se levantou e saiu. Vadim Medvedev, seu

leal consultor, registrou no diário que, naquele dia, os representantes das repúblicas falaram “em uníssono em independência, na desnecessidade do centro e na liquidação das estruturas da União”.

Os defensores da União dispararam o alarme. Um vizinho de Shcherbak na câmara, Anatoly Sobtchak, foi à tribuna afirmar que, “a pretexto de falar na independência nacional, estão tentando manter essas estruturas comunistas, mas com cara nova”. Declarou que estava presenciando algo insano, já que a União Soviética era uma potência nuclear e sua fragmentação levaria à anarquia nuclear. Serguei Stankevitch, outro membro da delegação e vice-prefeito de Moscou, expressou a esperança de que seus amigos ucranianos não causassem danos, presumivelmente, à causa da democracia. Uma autoridade moral russa, o acadêmico Dmitri Likhachov, asseverou que o colapso descontrolado da União levaria a guerras de fronteira.²³³

Muitos aliados de Iéltzin viram a independência ucraniana não como um ato contrário ao debilitado centro, mas como uma punhalada nas costas da Rússia democrática, que surgira vitoriosa na batalha contra o Golias comunista. Ademais, a súbita mudança do poder político em Moscou criou uma situação inimaginável poucos dias antes. Até então, a Federação Russa estava na vanguarda da rebelião contra o centro, trabalhando de mãos dadas com os países bálticos e adotando leis sobre sua soberania à frente da Ucrânia, de Belarus e da maioria das outras repúblicas soviéticas. Agora a mesma Rússia se havia praticamente apoderado do centro e enfrentava o inesperado dilema relativo ao que fazer com a União.

Enquanto Sobtchak, Stankevitch e Likhachov uniam forças para tentar salvar a União no parlamento soviético, Bóris Iéltzin dava ao seu assessor de imprensa, o economista transformado em jornalista Pavel Voshchanov, de 42 anos, a tarefa de preparar uma declaração informando que, “se uma república romper relações de União, a Rússia tem o direito de levantar a questão de reivindicações territoriais”. Foi uma inversão completa da política adotada apenas dois dias antes no tocante à independência dos países bálticos. Posteriormente, Voshchanov recordou que, quando se tratava de relações com as repúblicas não russas, Iéltzin tinha gana de “humilhar” Gorbatchov por não ter sabido colocá-las na linha. Para sua mortificação, não tardou a se ver na mesma situação. “O presidente russo ficou magoado”, lembrou Voshchanov. “E, a essa altura, surgiu a ideia de ‘dar a entender’ aos parceiros de negociação que Iéltzin, como você verá, não é nenhum Gorbatchov.” A declaração da independência ucraniana e o processo por ela desencadeado tornaram a tarefa especialmente urgente.²³⁴

Pavel Voshchanov fez o que disse. Quando o rascunho da declaração presidencial ficou pronto, leu-o para Iéltzin por telefone. O texto entregue à imprensa dizia: “A Federação Russa não põe em dúvida o direito constitucional de todo Estado e povo à autodeterminação. Existe, porém, o problema das fronteiras, cuja irresolução só é possível e admissível em condições de relações de aliança garantidas por um tratado adequado. No caso de sua expiração, a RSFSR se reserva o direito de levantar a questão da revisão das fronteiras.” A declaração não mencionava quais eram as repúblicas que poderiam ser envolvidas em disputas territoriais com a Rússia, mas, na coletiva de imprensa, quando lhe perguntaram que países Iéltzin tinha em mente, Voshchanov respondeu citando a Ucrânia e o Cazaquistão. Depois recordou que entre as regiões contestadas figuravam territórios outrora pertencentes à Rússia, sendo eles a Crimeia e a região de Donetsk na Ucrânia, a Abecásia na Geórgia e os territórios do norte do Cazaquistão.²³⁵

Na realidade, a Crimeia era a única região transferida da Rússia na década de 1950. A transferência ocorreu em 1954, quando, em comemoração do tricentenário da extensão do protetorado de Moscou à Ucrânia cossaca, a Crimeia foi readjudicada por Moscou à Ucrânia. Na época, 200 mil tártaros crimeienses naturais da península foram exilados na Ásia Central. Embora a maior parte dos habitantes restantes no território fossem russos étnicos, a península era geográfica e economicamente ligada à Ucrânia. A transferência tinha sentido do ponto de vista dos planejadores centrais localizados em Moscou, e as autoridades da Rússia e da Ucrânia consentiram. No entanto, a Crimeia era a exceção na lista de territórios contestados de Voshchanov, pois os outros nunca tinham pertencido à Federação Russa. Isso se aplicava à bacia do Donets da Ucrânia Oriental, que fizera parte do Estado ucraniano independente da Rússia e, depois, da república da União e da Abecásia, que na época soviética tinha sido ou formalmente independente ou parte autônoma da Geórgia. Nenhum território foi transferido da Federação Russa para o Cazaquistão, que se tornou uma república autônoma na década de 1920 e integrante da União Soviética na década seguinte.²³⁶

A crise nas relações russo-ucranianas produziu também uma abertura para o acossado Gorbachov. Naquele dia, falando em uma sessão do parlamento soviético, ele disse aos deputados que faria tudo que estivesse ao seu alcance para manter a União. “Não pode haver problemas territoriais no interior da União”, asseverou. “Mas seu surgimento não pode ser eliminado se as repúblicas saírem da União”. A declaração de Voshchanov também foi bem recebida pelos

russos do campo democrático. Muitos acreditavam que a independência da Ucrânia e de Belarus equivalia a pouco mais que um esforço das elites partidárias locais para se agarrarem ao poder, e, na luta contra essas elites, a democracia devia mostrar os dentes. Gravril Popov, o prefeito democrático de Moscou e grande aliado de Iéltzin, apareceu na televisão central para declarar que apoiava a posição do presidente russo no concernente às repúblicas secessionistas e que as questões relacionadas às fronteiras teriam de ser decididas por referendo nas regiões fronteiriças. Referiu-se especificamente à Crimeia, a Odessa e à Transnístria moldávia. A ironia da situação era que as elites dessas regiões haviam aprovado o golpe de Estado, e a maioria de seus habitantes não simpatizava com os líderes democráticos russos de Moscou.²³⁷

Nem todos em Moscou aplaudiram Iéltzin e Voshchanov. No dia seguinte à publicação da declaração do jornalista, sete ilustres figuras democráticas lideradas por Iuri Afanasiev e Yelena Bonner, cujas credenciais antigolpistas estavam acima da crítica, assinaram um apelo intitulado “Nós Damos as Boas-vindas à Queda do Império”. Eles reconheciam que a liderança de algumas repúblicas em processo de saída da União Soviética era dominada por comunistas que haviam apoiado o *putsch* e tendiam a oprimir seu próprio povo, mas a resistência a isso devia acontecer pela ação coordenada com outras potências democráticas, não pela restauração do império. “As mais perigosas”, escreveram Afanasiev, Bonner e seus colegas, “são as declarações sobre possíveis reivindicações territoriais ou de propriedade por parte da Rússia em relação às repúblicas vizinhas em caso de dissolução da União Soviética”. Os autores do apelo afirmavam que o caminho para a criação de uma nova comunidade de repúblicas democráticas sobre as ruínas do antigo império passava pela dissolução pacífica da União Soviética. O apelo apresentava um claro desafio à posição assumida pela liderança russa. Também oferecia uma visão ousada que seria decisiva na busca russa por uma nova política para o centro da União e para as antigas repúblicas nos meses vindouros. Poucos avaliaram sua importância na época.²³⁸

A nova linha do governo russo, expressa na declaração de Voshchanov, também foi recebida com preocupação profunda pelos líderes e legisladores da Ucrânia, da Moldávia e do Cazaquistão. A Ucrânia era a mais ameaçada e, portanto, deu a conhecer sua posição mais depressa que qualquer outra república direta ou potencialmente afetada pela nova atitude russa. Em 27 de agosto, dia em que se publicou a declaração de Voshchanov, a associação Rukh de partidos democráticos ucranianos soltou uma declaração própria, acusando os “recém-

democratizados líderes da Rússia” de terem “aspirações imperiais” parecidas com as manifestadas pelos bolcheviques em 1917. Naquela época, sob a bandeira da revolução proletária, os bolcheviques esmagaram o jovem movimento de independência ucraniano e destruíram suas instituições democráticas. Esse paralelo histórico se repetiu num documento divulgado no mesmo dia pelo *presidium* do parlamento ucraniano, que declarava que a Ucrânia não tinha reivindicações territoriais na Rússia, mas estava disposta a discutir possíveis reivindicações russas com base no tratado russo-ucraniano assinado por Iéltzin em novembro de 1990. Esse tratado garantia a fronteira existente entre a Rússia e a Ucrânia. Leonid Kravtchuk convocou uma coletiva de imprensa para divulgar a declaração do *presidium*, informando os jornalistas de que havia telefonado para Iéltzin a fim de discutir a declaração de Voshchanov. No dia seguinte, o presidente russo ordenou a Rutskoi e Stankevitch que fossem tratar da situação em Kiev.²³⁹

Os membros da delegação conjunta da Rússia e da União, que foram a Kiev na tarde de 28 de agosto para explicar a posição do presidente russo e seus partidários democráticos à liderança do país recém-emancipado, tinham uma tarefa feita sob medida para eles. Sua meta principal era atrapalhar ou adiar a independência da Ucrânia, e não reclamar territórios contestados. “Você acha que precisamos desses territórios?”, perguntou um membro do círculo mais próximo de Iéltzin ao surpreso Voshchanov. “Nós precisamos que Nazarbayev e Kravtchuk saibam qual é o seu lugar!” Claro que seu lugar era na União, junto com a Rússia e sob seu controle.

Mais tarde, o parlamentar soviético Iuri Shcherbak, que foi a Kiev com Rutskoi e seus colegas como um dos delegados representando os órgãos da União, lembrou-se de algo que Anatoly Sobtchak lhe havia dito: “Vocês, ucranianos, nem pensem em se separar da Rússia. Afinal, nós somos um só.” Segundo Shcherbak, tanto Sobtchak quanto Stankevitch encaravam a proclamação da independência ucraniana com extrema desconfiança. Rutskoi, que falava bem em ucraniano, foi especialmente condescendente. “Quer dizer, seus birotos,²⁴⁰ que vocês resolveram se separar, não é?”, perguntou ele aos representantes da Ucrânia, usando um termo depreciativo para designar sua nacionalidade.²⁴¹

Antes de embarcar, Shcherbak telefonou para Kiev e avisou os colegas sobre a chegada da delegação de Moscou. Imediatamente, a rádio ucraniana transmitiu dois apelos do parlamento local. O primeiro exortava todas as forças políticas do

país a se unirem em defesa da independência. O segundo garantia às numerosas minorias nacionais que a independência da Ucrânia não lhes ameaçava os direitos. Naquele dia, o *presidium* também promulgou um decreto que colocava todos os centros de recrutamento militar do país sob a jurisdição da república. A liderança ucraniana estava consolidando sua posição política e preparando os cidadãos para a iminente confrontação diplomática com a Rússia.

Enquanto o avião russo estava a caminho de Kiev, a rádio ucraniana divulgou um terceiro apelo. Um dirigente do Rukh foi ao ar para convocar os kievenses a se reunirem em frente ao prédio do parlamento, a fim de defenderem a independência do país. O número de pessoas que atendeu ao chamado foi maior que o grupo que esteve diante do parlamento ucraniano durante a votação pela independência, e, em pouco tempo, o edifício ficou cercado por cidadãos ansiosos por defender aquilo que ainda era um sonho. O próprio Shcherbak ficou chocado ao ver tanta gente decidida a defender a recém-declarada independência.²⁴²

Não está claro que tipo de recepção Alexander Rutskoi e seus colegas esperavam ter em Kiev, mas decerto não tiveram o que imaginaram. Posteriormente, o membro da delegação Serguei Stankevitch recordou: “Em Kiev, não nos deixaram sair do avião durante metade do dia, interrogando-nos sobre o motivo pelo qual tínhamos ido àquele Estado independente.” Rutskoi apelou para a solidariedade eslávica e declarou que o objetivo da visita era elaborar um programa de desenvolvimento das relações russo-ucranianas à luz da declaração da independência do país.

Somente depois de dar essas garantias a delegação foi levada ao parlamento. Em vez dos membros do *presidium*, dominado por ex-comunistas, quem a recebeu foram os líderes do bloco democrático. Sobtchak e Stankevitch sentaram-se à mesa com velhos amigos e aliados do campo democrático ucraniano, que procuraram convencer os homólogos russos de que a Ucrânia independente era tudo, menos um porto seguro para o Partido Comunista. Stankevitch garantiu aos membros do “comitê de recepção” que a delegação de Moscou não levantaria questões territoriais nem questionava o direito da Ucrânia à independência. Essa garantia quebrou o gelo.²⁴³

Depois dessa reunião com os deputados democráticos, os representantes russos e os parlamentares soviéticos se encontraram com a delegação ucraniana oficial, chefiada por Leonid Kravtchuk. As conversações avançaram noite adentro. De quando em quando, os participantes saíam para contar à multidão ao redor do prédio do parlamento como evoluíam as negociações e para tentar acalmá-la. As

tentativas de Sobtchak, que quis se dirigir ao povo por cima dos líderes ucranianos inflexíveis, surtiram resultados desastrosos. Quando ele disse à multidão: “É importante para nós ficarmos juntos”, a resposta foi “Não!”, “Que vergonha!” e “Ucrânia sem Moscou!”.

Depois de meia-noite, quando Kravtchuk e Rutskoi finalmente convocaram uma coletiva de imprensa para prestar contas de suas deliberações, os resultados favoreceram a liderança ucraniana. Os dois países concordaram em criar estruturas conjuntas para administrar a transição e elaborar acordos econômicos. Os ucranianos ficaram satisfeitos com o resultado, mas os russos nem tanto. “As conversações foram difíceis”, lembrou Stankevitch. “Nós não conseguimos chegar a uma fórmula de associação.” Ele quis dizer que não haviam encontrado um terreno comum para a manutenção de um mesmo Estado, o que era uma péssima notícia para o futuro da União. Seus dois maiores membros eram incapazes de conceber uma fórmula de coexistência que satisfizesse as duas partes. O tempo mostraria que mesmo a adesão ucraniana ao acordo era provisória, pois os políticos kievenses já estavam à procura de uma fórmula para o que posteriormente ficou conhecido como um “divórcio civilizado”.²⁴⁴

Se decepcionou Stankevitch, o resultado das deliberações noturnas em Kiev animou o líder cazaque Nursultan Nazarbayev, que andava contrariado com o controle russo do governo da União e queria tomar o controle das Forças Armadas soviéticas em sua república. Naquele dia, ele enviou um telegrama a Iéltzin, solicitando que a delegação de Rutskoi também visitasse seu país. O texto dizia: “Como até agora a imprensa não divulgou nenhuma renúncia claramente expressa, por parte da Rússia, às reivindicações territoriais nas repúblicas contíguas, o protesto social está crescendo no Cazaquistão, com consequências imprevisíveis. Isso pode obrigar a república a adotar medidas análogas às ações da Ucrânia.” A ameaça de seguir o exemplo ucraniano e proclamar abertamente a independência do país, apresentada pelo líder de outra república nuclear, surtiu o efeito desejado. Com o avião devidamente reabastecido, Rutskoi, Stankevitch e Sobtchak rumaram para o leste, em vez de voltarem a Moscou. Em Almaty, capital do Cazaquistão, assinaram uma declaração análoga ao documento negociado em Kiev. Na sua coletiva de imprensa com Nazarbayev, Rutskoi assegurou aos jornalistas que não havia problemas territoriais entre a Rússia e o Cazaquistão.²⁴⁵

Tanto em Kiev quanto em Almaty, os funcionários russos fizeram o possível para se distanciar da declaração de Voshchanov, tratando-a como o ato de um funcionário desonesto. Essa mudança de situação foi uma grande surpresa para o

inexperiente assessor de imprensa, que depois escreveu: Nunca esquecerei a estranha sensação: ligo a televisão e vejo Ruskoi e Stankevitch falando aos kievenses reunidos e amaldiçoando de todas as maneiras o “arrogante assessor de imprensa que vai receber o que merece”. Esperei ansiosamente pela volta de Ruskoi a Moscou. Vou ao seu escritório: “Sacha, por que você resolveu me transformar em bode expiatório?” O vice-presidente põe uma garrafa sobre a mesa. “Ah, Pavel, meu filho, o que quer que eu faça? Você e eu temos de fazer o trabalho sujo!”

Não foram só Ruskoi e Stankevitch. O próprio Iéltzin tentou renegar a fracassada iniciativa política depois de ter aprovado a declaração. “Recebi um telefonema de ninguém menos que Bóris Nikoláievitch [Iéltzin]”, recordou Voshchanov posteriormente. “Ele nunca usara tanta severidade para falar comigo em todos os anos de convivência e cooperação. ‘Você cometeu um erro gravíssimo!’ [...] Então resultou que, após a declaração, eu devia calar a boca como se tivesse perdido a língua e não mencionar sob circunstância alguma os territórios disputados.” Voshchanov pagou o pato.²⁴⁶

Em 28 de agosto, apenas dois dias depois que Iéltzin e os novos deputados russos reduziram Gorbatchov à submissão e quase se apoderaram do centro da União, os vencedores se viram em grande dificuldade. Kravtchuk e Nazarbayev, que deveriam ter sido lembrados do lugar que ocupavam na hierarquia da União, se recusavam evidentemente a entrar na linha. Ficava cada vez mais claro que as repúblicas não russas não eram meros peões no jogo de xadrez entre o presidente russo e seu homólogo soviético. Elas tinham objetivos próprios, e suas forças combinadas eram demasiado poderosas para ser mantidas em xeque pelos dois principais jogadores em conflito. As forças russas outrora unidas agora estavam desordenadas. Alguns assessores de Iéltzin queriam tomar o lugar do centro da União nas negociações com as repúblicas enquanto outros propunham fortalecer a aliança desigual entre Iéltzin e Gorbatchov. Também havia aqueles que não viam sentido em lutar por uma União que deixaria de fora a Ucrânia e Belarus, mas incluiria as “antidemocráticas” repúblicas centro-asiáticas. E, enfim, não faltava quem, fora do círculo imediato de Iéltzin, festejasse a queda do império e pedisse a dissolução da União Soviética, fossem quais fossem as consequências.²⁴⁷

O revés na ofensiva russa contra os líderes republicanos cada vez mais obstinados e a confusão nas fileiras de Iéltzin deram-se num momento em que o próprio presidente se sentia completamente exausto, como era comum depois de períodos de estresse extremo e atividade febril. Mesmo antes da crise em torno

do reconhecimento das fronteiras da era soviética, ele havia avisado os assessores que tiraria duas semanas de férias fora de Moscou. “Após o *putsch* e as mudanças de pessoal”, recordou Alexander Korzhakov, chefe de sua guarda pessoal, “Bóris Nikoláievitch queria descansar”. Em 29 de agosto, foi visto em Riga, a capital letã, na inauguração da embaixada russa. Os jornalistas se perguntaram o que o tinha levado à Letônia em plena crise em Moscou. Acontece que Iéltzin, exausto, resolvera passar as férias num resort báltico à beira-mar, perto de Jurmala, agora além das fronteiras da Rússia e da União. Foi a última vez que um líder de Moscou passou as férias num país báltico.

“Bóris Nikoláievitch e eu passeamos na praia e nos deliciamos com a brisa do mar”, lembrou Korzhakov. “As gaiotas grasnavam, as crianças caçavam pedaços de âmbar na praia, e as noites em claro na Casa Branca e a batalha extenuante com os adversários políticos pareciam ter ocorrido muito tempo antes, em outra dimensão temporal.” Nos dias subsequentes, Iéltzin telefonou para os auxiliares, assinou documentos e, ocasionalmente, foi a Moscou para participar do Congresso dos Representantes do Povo, o superparlamento da União, cuja sessão foi convocada em 2 de setembro de 1991. Porém, sua ausência na capital deu aos rivais uma oportunidade de recobrar parte do terreno perdido.²⁴⁸

O agravamento da crise nas relações da liderança russa com as repúblicas possibilitou a Gorbatchov e seus conselheiros, que poucos dias antes pareciam excluídos do cenário, tentar um retorno político. Sua volta ao centro do palco da política soviética começou numa sessão do parlamento soviético em 28 de agosto, o dia em que Iéltzin partiu para a Letônia e a delegação de Rutskoi viajou a Kiev. Naquela data, pela primeira vez desde o golpe de Estado, ele foi atacado por ser subserviente a Iéltzin e à liderança russa, pois apoiara a nomeação do primeiro-ministro do presidente russo, Ivan Silaiev, para a chefia do governo da União. O consultor econômico de Gorbatchov, Vadim Medvedev, escreveu em seu diário em 28 de agosto: “As maiores paixões estão remoinhando em torno da criação do comitê de Silaiev. Dizem que, por causa desse comitê, as agências da União estão sendo suplantadas pelas russas. Acusam o presidente de agir a mando dos russos.”

Ivan Silaiev veio em socorro de Gorbatchov, explicando que as repúblicas seriam convidadas a participar de seu comitê. Essa explicação desagradou a muitos deputados, aos quais agora Gorbatchov pedia que autorizassem sem questionamento a liquidação do gabinete, um órgão criado menos de um ano

antes mediante emenda à Constituição existente. Gorbatchov manobrou aqui e ali, mas finalmente se permitiu fazer as primeiras observações críticas sobre o presidente russo e seus atos desde o *putsch*. Disse que, como o golpe de Estado chegara ao fim, nem Iéltzin nem o parlamento ou governo russos tinham o direito de violar a Constituição reclamando as prerrogativas do governo central. Estava especificamente em questão a tentativa russa de tomar o banco central soviético em meio ao caos que se seguiu à derrota do golpe. Os assessores de Gorbatchov protestaram. Naquele mesmo dia, Iéltzin assinou um decreto suspendendo a apoderação. Gorbatchov e seu círculo se alegraram em registrar a primeira vitória sobre o arqui-inimigo russo.²⁴⁹

A segunda vitória importante de Gorbatchov verificou-se em 2 de setembro, dia da inauguração do Congresso dos Representantes do Povo da União Soviética, o superparlamento investido de autoridade para alterar a Constituição. A reunião começou com Nursultan Nazarbayev lendo uma “Declaração do Presidente da União Soviética e dos Líderes Supremos das Repúblicas”. Ela ficou conhecida como “10 + 1”, sendo que o “10” correspondia ao número de repúblicas que assinaram a declaração e o “1”, ao centro representado por Gorbatchov. Dias antes, os jornais de Moscou publicaram diversos artigos exigindo que a Rússia, não o centro da União, fosse o um na fórmula “9 + 1” ou “10 + 1”, mas poucos deputados participantes do Congresso aceitaram a ideia. A declaração de Nazarbayev trouxe o centro de volta à equação e recolocou Gorbatchov no jogo. Foi a principal façanha do presidente do Soviete.

A própria declaração resultou de um compromisso que reduziu a importância real do centro nos assuntos da União a um grau inconcebível antes do *putsch*. Produzida numa reunião de Gorbatchov com os líderes das repúblicas na noite anterior, ela refletia a nova realidade política, caracterizada pelo poder crescente de Iéltzin em Moscou e dos líderes republicanos nos assuntos da União. Leonid Kravtchuk foi a Moscou dizer que a Ucrânia estava implementando a proclamação da independência, mas, antes mesmo que o referendo a confirmasse, ele se dispôs a participar de negociações sobre o tratado de união, caso a proclamação não fosse aprovada. Anteriormente, ele havia informado ao presidente russo, que fazia questão de uma estrutura federal para a União, que a única estrutura aceitável para a Ucrânia era uma confederação. Nazarbayev, afirmando que a proclamação da independência da Ucrânia havia tornado obsoleta a antiga União federativa, também deu apoio à ideia de confederação. Essa proposta concebia a União Soviética não como um Estado propriamente, e sim como uma coligação de Estados que criariam órgãos conjuntos para a

condução da política externa e militar.

Com os líderes das duas maiores repúblicas não russas apresentando uma frente unida, Gorbatchov e Iéltzin praticamente não tiveram escolha senão se render à exigência. A afirmação de Nazarbayev, preparada e assinada por Gorbatchov, Iéltzin e outros líderes das repúblicas soviéticas, pedia uma nova Constituição da União e propunha um conjunto de medidas para o chamado “período de transição”. Entre elas, figurava a substituição do Soviete Supremo e do Congresso dos Representantes do Povo por uma Assembleia Constituinte composta por membros dos parlamentos republicanos, a criação de um Conselho de Estado, o novo órgão executivo, constituído pelo presidente da União e pelos líderes das repúblicas, e a formação de um Comitê Econômico composto de representantes das repúblicas para substituir não só o gabinete agora defunto como também o controverso comitê Silaiev.

Além disso, Nazarbayev propôs a assinatura de um novo tratado de união e a conclusão de abrangentes acordos econômicos e de segurança entre as repúblicas a fim de garantir os direitos e liberdades de seus cidadãos. As repúblicas declararam a intenção de ingressar na Organização das Nações Unidas. Ao contrário das aparências, a declaração de Nazarbayev resultou em um projeto de tomada do controle do centro não por uma única república, como tentara Iéltzin, mas por todas elas. Tal como a oferta de tomada de posse de Iéltzin, ela se voltava contra a Constituição existente, que foi declarada irrelevante. Para a surpresa dos delegados, a declaração exigia que o Congresso dos Representantes do Povo endossasse tal assalto à Constituição e então se dissolvesse. Em suas memórias, tanto Gorbatchov quanto Iéltzin se referem muito favoravelmente à declaração de Nazarbayev e defendem sua constitucionalidade. Na época, ambos também fizeram o possível para que o Congresso dos Representantes do Povo aprovasse o documento e logo depois se dissolvesse.²⁵⁰

Quando Nazarbayev terminou a leitura do texto da declaração, anunciou-se abruptamente um recesso, sem dar aos deputados a oportunidade de fazer perguntas ou opinar. O choque prevaleceu na câmara, mas o intervalo deu a alguns parlamentares tempo para se acalmar e impediu uma reação explosiva. Vadim Medvedev, o aliado muito próximo de Gorbatchov, que participou da sessão, escreveu em suas memórias: “Essencialmente, tais decisões são inevitáveis como uma última chance de salvar o país. Por fora, é claro, elas não parecem muito democráticas, mas, por outro lado, essa é a natureza da situação.” Foi um eufemismo impressionante, e muitos membros do superparlamento soviético não tinham a intenção de ceder. O debate duraria quatro dias.²⁵¹

“Ao presidente do Cazaquistão, o camarada Nazarbayev, que eu respeito, estão oferecendo o papel do lendário marinheiro Zhelezniak”, declarou o deputado A.M. Obolensky na tribuna do Congresso. Ele se referia à forçosa dissolução da Assembleia Constituinte russa no início de 1918 por uma unidade militar bolchevique comandada por um marinheiro da Frota do Báltico, Anatoly Zhelezniakov. “A liderança das repúblicas”, prosseguiu Obolensky, “deu sua contribuição destrutiva para o desmantelamento final do poder soviético. Talvez seja hora de pararmos de tratar a Constituição como uma meretriz ordinária ajustando-se ao prazer do novo cortesão!”. Se tinha em mente Iéltzin ou Gorbatchov, Obolensky terminou com a exigência de renúncia deste. Iéltzin, que retornara do Báltico e estava presidindo aquela sessão, recordou posteriormente que “palavras como *traição, conspiração, saqueio do país* e assim por diante eram jogadas da tribuna”.

Porém, depois de dias de debate, Gorbatchov e os líderes das repúblicas enfim sujeitaram o Congresso dos Representantes do Povo. Segundo Iéltzin, “Gorbatchov tinha dificuldade para se conter quando as pessoas diziam coisas tão repulsivas ao seu redor, e, quando enfim o colocaram numa situação desesperada, ele foi à tribuna e ameaçou dispersar o Congresso se este mesmo não se dissolvesse. Isso esfriou a ira de alguns oradores, e a proposta do conselho de chefes de Estado passou sem impedimento”. Assim, o Congresso aprovou o memorando de Nazarbayev e se dissolveu, mas não sem antes obter uma concessão medíocre: enquanto o superparlamento estivesse ausente, seria mantido o Soviete Supremo ou parlamento regular da União Soviética, que não tinha o direito de emendar a Constituição. Mais tarde, Gorbatchov exprimiu satisfação com essa decisão. Afinal, deixava-lhe mais uma instituição da União em que se apoiar em suas batalhas com os líderes republicanos.²⁵²

O Congresso concluiu seus trabalhos em 5 de setembro. No dia seguinte, Gorbatchov convocou a primeira reunião do Conselho de Estado, composto por ele e pelos líderes republicanos. “Na nova realidade”, lembrou Iéltzin, “Gorbatchov ficou com o único papel de unificador das repúblicas que se dispersavam”. Fosse como fosse, ele estava de volta, desempenhando um papel claramente apequenado, mas ainda significativo, que, por ora, satisfazia tanto a Iéltzin quanto aos líderes das repúblicas não russas. No fim de agosto, um desses líderes, o presidente do parlamento armênio Levon Ter-Petrosyan, havia explicado a natureza do novo arranjo numa entrevista ao semanário moscovita *Argumenty i fakty*: “Se Iéltzin permitir a reanimação do centro, Gorbatchov tem uma chance de ficar, mas, por ora, Gorbatchov é necessário como fator

estabilizador.”²⁵³

Terminara a fase ativa da luta entre o centro da União e as repúblicas. Estas, que ainda não estavam prontas para sair da União, ganharam tempo para tomar sua decisão final. O reconhecimento da independência dos países bálticos por parte do presidente russo encerrara um capítulo, incentivando a soberania das repúblicas e sua rebelião contra o centro. A declaração da independência da Ucrânia abriu um novo capítulo, no qual a Rússia começou a se sentir responsável pelo destino do centro e das repúblicas. Pouco antes que o superparlamento soviético adotasse a declaração de Nazarbayev, Iéltzin assinou um decreto cancelando passagens de seus decretos anteriores que infringiam os direitos da União. Gorbatchov e Iéltzin haviam chegado a um acordo provisório, compartilhando a responsabilidade de manter o império.

Bóris Iéltzin e sua equipe administrativa logo se mudaram para um dos prédios do Kremlin. Ele exigiu e recebeu o mesmo tipo de limusine blindada que Gorbatchov usava. “Os dois presidentes cooperavam, esforçando-se pelo compromisso assumido”, recordou o guarda-costas de Iéltzin, Alexander Korzhakov. “Mikhail Sergueievitch tinha vantagem sobre Bóris Nikoláievitch não no Kremlin, mas em sua casa em Ogarevo, onde se reuniam os chefes das outras repúblicas da União. Gorbatchov tomava seu conhaque Jubileu armênio e se comportava como um tsar à mesa. Iéltzin se zangava com ele e fazia observações virulentas, mas os colegas de Bóris Nikoláievitch não o apoiavam.” O poder dual, que não era visto na Rússia desde a Revolução de 1917, ressurgira em Moscou. Ninguém era capaz de dizer quanto tempo duraria o compartilhamento do poder ou o que aconteceria se uma das partes resolvesse romper o trato que mantinha coesa a instável União.²⁵⁴

Os dois presidentes do Kremlin foram unidos e assim mantidos por dois fatores que agora lhes escapavam ao controle: os líderes das repúblicas não russas, que não queriam poderes iguais para Gorbatchov e Iéltzin, e o presidente dos Estados Unidos, que continuou leal a Gorbatchov e olhava para a aliança entre Gorbatchov e Iéltzin na esperança de que a União Soviética continuasse existindo, frágil, mas ainda estável. Para Iéltzin, como havia ocorrido durante o golpe de Estado, a única maneira de desenvolver suas relações com Bush e, assim, com o Ocidente em geral era mostrar disposição para cooperar com Gorbatchov. “Agora, por enquanto, Gorbatchov e eu estamos unidos”, disse ele ao embaixador americano Robert Strauss durante sua visita em 24 de agosto. Pediu-lhe que informasse o presidente americano de que ele e Gorbatchov estavam trabalhando juntos. Strauss resumiu a impressão da visita da seguinte

maneira: “Esse é um homem com consciência de sua autoridade e nova estatura, mas que também quer mandar a mensagem de que está colaborando com Gorbatchov, mas a partir de uma posição de força.”²⁵⁵

- 227 Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*, Fita 8. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 101.
- 228 Entrevista de Bohdan Havrylyshyn em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*, Fita 3. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/189>.
Entrevista de Dmytro Pavlytchko em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*, Fita 4. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/497>.
- 229 “Akt proholoshennia nezalezhnosti Ukrainy”. Site oficial do Parlamento Ucrainiano. Disponível em http://gska2.rada.gov.ua/site/postanova/akt_nz.htm.
- 230 KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 102-103.
Entrevista de John Stepanchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/315>.
- 231 TURCHENKO, Fedir. *HKChP i proholoshennia nezalezhnosti Ukrainy: pohliad iz Zaporizhzhia*. Zaporizhia, 2011, pp. 111-112.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 102-104.
- 232 KUZNETSOVA, Vera. “Ukraina”. *Nezavisimaia Gazeta*, 29 de agosto de 1991.
- 233 “Soiuz raspadaetsia pod perebranku deputatov”. *Izvestiia*, 28 de agosto de 1991.
CHUGAEV, S.; SHCHEPORKIN, V. “Pravitel'stvo uvoleno, parlament prodolzhaet rabotat”. *Izvestiia*, 29 de agosto de 1991.
SOLCHANYK, Roman. “Ukraine and Russia: Relations Before and After the Failed Coup”. *Ukrainian Weekly*, 29 de setembro de 1991, p. 9.
- 234 “Gorbachev's Speech to the Russians”. *New York Times*, 24 de agosto de 1991.
SZPORLUK, Roman. *Russia, Ukraine, and the Breakup of the Soviet Union*. Stanford, Califórnia: Hoover Institution Press, 2000, pp. 183-228.
- 235 *Soiuz možhno bylo sokhranit'.* Belaia kniga. *Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 310-317.
- 236 Ibid., pp. 317-319.
- 237 MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, p. 451.
- 238 Entrevista de Iuri Shcherbak ao autor. Roma, 19 de junho de 2012.

- KELLER, Bill. "A Collapsing Empire". *New York Times*, 27 de agosto de 1991.
- CLINES, Francis X. "A New Vote Promised. President, in Address to Parliament, Accepts Blame for Coup". *New York Times*, 27 de agosto de 1991.
- SOLCHANYK, Roman. "Ukraine and Russia: Relations Before and After the Failed Coup". *Ukrainian Weekly*, 29 de setembro de 1991, p. 9.
- Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 314-315.
- 239 VOSHCHANOV, Pavel. "Kak ia ob"iavlial voinu Ukraine". *Novaia gazeta*, 23 de outubro de 2003.
- 240 "Press sekretar prezidenta ofitsial'no zaiavliaet". *Rossiiskaia gazeta*, 27 de agosto de 1991.
- VOSHCHANOV, Pavel. "Kak ia ob"iavlial voinu Ukraine". *Novaia gazeta*, 23 de outubro de 2003.
- 241 BARRINGTON, L. "Russian Speakers in Ukraine and Kazakhstan: 'Nationality,' 'Population' or Neither?". *Post-Soviet Affairs*, v. 17, nº 2, pp. 129-158, 2001.
- KHAZANOV, A. M. *After the USSR: Ethnicity, Nationalism and Policies in the Commonwealth of Independent States*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1995.
- MELVIN, N. J. "The Russians: Diaspora and the End of Empire". In: KING, C.; MELVIN, N. J. (orgs.). *Nations Abroad: Diaspora Politics and International Relations in the Former Soviet Union*. Boulder, Colorado: Westview Press, 1998, pp. 27-58.
- KUZIO, Taras. "Russians and Russophones in the Former USSR and Serbs in Yugoslavia: A Comparative Study of Passivity and Mobilization". *East European Perspectives*, v. 5, nº 13, 25 de junho de 2003.
- 242 SOLCHANYK, Roman. "Ukraine and Russia: Relations Before and After the Failed Coup". *Ukrainian Weekly*, 29 de setembro de 1991, p. 9.
- Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 315-316.
- 243 AFANAS'EV, I. et al. "Privetstvuem razval 'imperii'". *Nezavisimaia Gazeta*, 3 de setembro de 1991. Cf. *Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 285-288.
- 244 PORTNIKOV, Vitalii. "Ukraina ne imeet pretenzii k Rosii. Reaktsiia na zaiavlenie press-sekretaria prezidenta RSFSR". *Nezavisimaia Gazeta*, 29 de agosto de 1991.
- SOLCHANYK, Roman. "Ukraine and Russia: Relations Before and After the Failed Coup". *Ukrainian Weekly*, 29 de setembro de 1991, p. 9.
- 245 VOSHCHANOV, Pavel. "Kak ia ob"iavlial voinu Ukraine". *Novaia gazeta*, 23 de outubro de 2003.
- CHERVONENKO, Vitalii. "Nezavisimost': kak èto bylo" (Entrevista de Iuri Shcherbak). *Vovremia.info*, 24 de agosto de 2007. Disponível em <http://vovremia.info/art/1187882352.html>.
- Entrevista de Iuri Shcherbak ao autor. Roma, 19 de junho de 2012.
- 246 TSEKORA, S. "Rossiia i Ukraina dogovorilis'". *Izvestiia*, 29 de agosto de 1991.
- 247 Entrevista de Iuri Shcherbak ao autor. Roma, 19 de junho de 2012.
- KALININA, Nadezhda. "Serguei Stankevich: 'net nikakikh osnovanii schitat' putch operetkoi'".

Russkii kur'er, 14 de agosto de 2006.

- 248 TSEKORA, S. “Rossiia i Ukraina dogovorilis’”. *Izvestiia*, 29 de agosto de 1991.
KALININA, Nadezhda. “Serguei Stankevich: ‘net nikakikh osnovanii schitat’ putch operetkoi’”. *Russkii kur'er*, 14 de agosto de 2006.
SOLCHANYK, Roman. “Ukraine and Russia: Relations Before and After the Failed Coup”. *Ukrainian Weekly*, 29 de setembro de 1991, p. 11.
- 249 *Kazakhstanskaia pravda*, 30 de agosto de 1991.
DROZDOV, V. “Kazakhstan i Rossiia: soglasie podtverzhdeno”. *Izvestiia*, 30 de agosto de 1991.
- 250 MOROZ, Oleg. “Za riumkoi kliuchevye voprosy ne reshais’” (Entrevista de Yegor Gaidar). *Newsland*, 2 de maio de 2011. Disponível em www.newsland.ru/news/detail/id/690529.
- 251 FEL'GENGAUER, Pavel. “Novaia forma voenno-ekonomicheskogo soiza ‘14+1’ gde 1 eto Rossiia”. *Nezavisimaia Gazeta*, 29 de agosto de 1991.
MINASIAN, Liana. “Tsentr umer. Da zdravstvuet tsentr”. *Nezavisimaia Gazeta*, 29 de agosto de 1991.
GAGUA, Alexander. “My pereotsenivaem nashikh partnerov”. *Nezavisimaia Gazeta*, 29 de agosto de 1991.
SELIUNIN, Vasilii. “Esli raspad neizbezhen, ego nado khorosho organizovat’”. *Izvestiia*, 29 de agosto de 1991.
RUMIANTSEV, O. G. “Ne zaboltat’ by pobedu”. *Izvestiia*, 30 de agosto de 1991.
- 252 LITVINOVA, I. “Boris El'tsin pribyl v Latviu. V Rige otkryto pervoe posol'stvo”. *Izvestiia*, 30 de agosto de 1991.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 123-124.
- 253 *Soiuz možno bylo sokhranit'.* Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politique M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 315.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 202.
SCHMEMANN, Serge. “Plea for Survival”. *New York Times*, 29 de agosto de 1991.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, p. 863.
CHUGAEV, S.; SHCHEPORKIN, V. “Pravitel'stvo uvoleno, parlament prodolzhaet rabotat’”. *Izvestiia*, 29 de agosto de 1991, p. 4.
- 254 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 649-651.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 108.
Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politique M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 317-319.
- 255 MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 205.

PARTE IV

DESUNIÃO SOVIÉTICA

CAPÍTULO 10

O dilema de Washington

GEORGE H.W. BUSH estava no terraço de sua casa de Kennebunkport, deleitando-se com o calor e observando as gaivotas pousando nos rochedos em que ele costumava pescar. Era o começo da tarde de 2 de setembro de 1991, o dia em que o Congresso dos Representantes do Povo iniciou suas deliberações em Moscou. Algumas horas antes, o presidente americano havia anunciado ao mundo que os Estados Unidos estavam retomando as relações diplomáticas com os países bálticos – as ex-repúblicas soviéticas da Estônia, da Letônia e da Lituânia –, que acabavam de recuperar a independência do entreguerras. Os países bálticos tinham um papel importante no pensamento americano acerca do destino da União Soviética. Durante meses, a Casa Branca pressionou pelo reconhecimento oficial soviético da independência da Lituânia. Àquela altura, com as relações diplomáticas restauradas, a questão era: e agora? Convinha a Washington apoiar o desejo de independência por parte das outras repúblicas ou era melhor tentar salvar o que restava da União Soviética? Essa seria a principal indagação na agenda do governo nas semanas e nos meses seguintes.²⁵⁶

Dois de setembro de 1991 foi o último dia das férias do presidente, que havia arrematado o almoço com uma taça de xerez. Ele estava reflexivo. “Nessa data, há exatos 47 anos, fui derrubado nas ilhas Ogasawara (Bonin)”, ditou ao gravador. “Aconteceu tanta coisa, tanta coisa, na minha vida e no mundo.” Em 2 de setembro de 1944, o torpedeiro *Avenger*, pilotado pelo tenente (júnior) George H.W. Bush, de 27 anos, foi um dos quatro que decolaram do porta-aviões americano *San Jacinto* para atacar instalações japonesas na ilha de Chichi-jima. A aeronave de Bush foi atingida pelo fogo antiaéreo japonês antes de chegar ao seu alvo, mas o jovem tenente conseguiu seguir até a ilha, jogar as bombas e retornar ao porta-aviões. Com o fogo a engolfar a aeronave, Bush e os dois tripulantes que o acompanhavam saltaram de paraquedas em pleno oceano. Só dois paraquedas se abriram, e Bush acabou sendo o único sobrevivente, recolhido por um submarino estadunidense depois de flutuar por quatro horas

numa balsa inflável. Condecorado com a Distinguished Flying Cross, o tenente Bush deu prosseguimento a uma carreira com triunfos suficientes para preencher três vidas, senão mais: a dele e as vidas dos dois camaradas que perdeu em combate.²⁵⁷

De fato, o mundo mudara muito nesse quase meio século. Em setembro de 1944, Joseph Stalin, um poderoso aliado dos Estados Unidos, concluiu a absorção da Romênia e da Bulgária, e seus comandantes lançaram uma grande ofensiva para recapturar Tallinn e Riga, as capitais da Estônia e da Letônia, que tinham sido anexadas à União Soviética no verão de 1940, mas ocupadas pelos nazistas após a invasão por Hitler. O governo Franklin D. Roosevelt se recusara a reconhecer as anexações soviéticas, mas, em dezembro de 1943, o presidente americano disse a Stalin que não tinha intenção de iniciar uma guerra com ele por causa dessa questão. Tal declaração equivaleu a um reconhecimento *de facto* da incorporação soviética, tacitamente confirmada na Conferência de Yalta no início de 1945. Os Estados Unidos andaram na corda bamba durante toda a Guerra Fria, aceitando o controle soviético sobre os países bálticos, mas se recusando a reconhecer a soberania regional da União Soviética. As missões diplomáticas estoniana, letã e lituana nos Estados Unidos foram fechadas, mas o governo americano reconheceu a autoridade soberana das três legações bálticas e trabalhou com elas durante a Guerra Fria.²⁵⁸

Nicholas Burns, o funcionário de 35 anos do Conselho de Segurança Nacional e contato da Casa Branca com as comunidades bálticas americanas, recordou mais tarde:

Desde o começo, nós nos concentramos muito nos Estados bálticos. Jamais aceitamos sua incorporação forçada à União Soviética. Aceitamos a soberania soviética na Armênia, no Turcomenistão, na Ucrânia, mas nunca nos Estados bálticos. Mantivemos as legações bálticas abertas; protegemos o ouro báltico a nós entregue em 1940. No Congresso dos Estados Unidos, era fortíssimo o sentimento de que os países bálticos deviam ser livres, e havia uma comunidade báltica muito forte e ativa chamada Comitê Nacional Conjunto Báltico-Americano, e eu me reunia com eles frequentemente na qualidade de funcionário da Casa Branca. Nosso governo queria muito apoiar os direitos bálticos.²⁵⁹

Ativo durante muito tempo, senão sempre, o apoio americano à independência dos países bálticos foi um componente essencial do pensamento por trás da política externa dos Estados Unidos na era da Guerra Fria. Segundo essa visão, os Estados bálticos independentes no período entreguerras faziam parte dos grupos de nações ilegalmente aprisionados pela União Soviética. Semelhante

tratamento não se estendia à Moldávia, à Ucrânia Ocidental nem ao oeste de Belarus, que haviam sido incorporados à Romênia e à Polônia do entreguerras, muito embora tivessem sido anexadas à União Soviética na mesma época em que os Estados bálticos por conta do Pacto Molotov-Ribbentrop, datado de 1939. Essa distinção seguia uma lógica peculiar: ao contrário dos países bálticos, nenhum dos territórios citados era independente no período do entreguerras ou reconhecido como tal no direito internacional. Assim, na mente dos especialistas em política externa americanos, os Estados bálticos mereciam um tratamento especial que os incluía na categoria da Polônia, da Hungria e da Tchecoslováquia. Por essa lógica, a retirada soviética da Europa Oriental não estaria completa enquanto os países bálticos não recuperassem a independência.²⁶⁰

Essa visão não era compartilhada ou mesmo plenamente compreendida em Moscou. Para os soviéticos, os Estados bálticos não faziam parte da Europa Oriental, e eram possessões do Império Russo perdidas durante a Revolução de 1917 devido à intervenção imperialista. Eles haviam recobrado esses territórios em consequência do Pacto Molotov-Ribbentrop, perdido uma vez mais em 1941 e reconquistado na guerra sangrenta contra Hitler. Na ótica de Moscou, os aliados ocidentais tinham aceitado essa nova realidade geopolítica nas conferências de Teerã e Yalta. Desfazer-se dos países bálticos era inconcebível para os líderes soviéticos presos à mentalidade da Guerra Fria, convencidos de que, ao se apoderar da região, eles haviam corrigido uma injustiça cometida pelo Ocidente contra a Rússia em consequência da revolução. Um motivo mais imediato para reter as repúblicas bálticas era o fato de que permitir sua secessão criaria um precedente para as outras repúblicas soviéticas e implicaria o fim da União Soviética. Como disse certa vez o ministro das Relações Exteriores soviético Eduard Shevardnadze a Jack Matlock, os países bálticos não foram os únicos tomados e mantidos pela força.²⁶¹

Usar a força novamente era uma opção que Gorbatchov e seus conselheiros linha-dura haviam tentado, mas que não conseguiram implementar inteiramente. Para eles, o principal obstáculo na política externa foi a posição dos Estados Unidos e de outros países ocidentais. No começo de 1991, depois da repressão militar soviética nos países bálticos, George Bush explicou a Gorbatchov, na linguagem mais franca possível, o quanto custaria o uso da força lá. Numa carta entregue a ele pelo embaixador Matlock em 24 de janeiro, Bush tornou a cooperação econômica americana com a dilacerada economia soviética dependente da postura adotada pelos soviéticos quanto aos Estados bálticos.

“Estou esperando ver medidas positivas rumo à solução pacífica desse conflito com os líderes eleitos dos Estados bálticos”, escreveu o presidente americano. Ele continuou:

Mas, na ausência dessas medidas e na ausência de uma mudança positiva na situação, eu não teria escolha senão reagir. De modo que, a menos que o senhor tome essas medidas positivas muito em breve, vou congelar diversos elementos de nossa relação econômica, inclusive as garantias de crédito de exportação e importação; o apoio ao status de associado especial para a União Soviética no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial; e a maior parte dos nossos programas de assistência técnica. Além disso, eu não submeteria o Tratado de Investimento Bilateral ou Convenção Fiscal ao Senado dos Estados Unidos para consentimento da ratificação quando e se forem concluídos.

Um parágrafo da carta apresentava a história da assistência econômica dos Estados Unidos à União Soviética pelo prisma do tratamento soviético dado aos países bálticos. “Eu honrei sua solicitação pessoal e assinei o acordo de comércio apesar do bloqueio econômico imposto pela União Soviética à Lituânia”, escreveu Bush. “O senhor me garantiu que tomaria providências para resolver pacificamente todas as diferenças com os líderes bálticos. Várias semanas depois, levantou aquele bloqueio e começou a dialogar com os líderes lituanos e de outros Estados da região. Desde então, nossa cooperação na esfera econômica se expande, culminando nas medidas que tomei, em 12 de dezembro, em reação às circunstâncias difíceis que seu país enfrentava com a chegada do inverno.” Porém, a repressão militar nos países bálticos, argumentou, impossibilitava a assistência econômica contínua. “Infelizmente”, dizia a carta, “diante dos acontecimentos das últimas duas semanas – que resultaram na morte de pelo menos vinte pessoas nos Estados bálticos – eu não posso, em boa consciência, e não vou prosseguir nesse caminho”.²⁶²

“Ninguém deseja ver a desintegração da União Soviética”, escreveu George Bush nessa mesma carta. Não era uma tentativa de enganar o presidente soviético. De fato, ele e seu governo não pretendiam liquidar a União Soviética pressionando pela independência das repúblicas bálticas. Em 1988, quando o vice-ministro soviético das Relações Exteriores Anatoly Adamichin pediu ao secretário adjunto de Estado Thomas Simons que “por favor, por favor, por favor, não abram uma segunda frente nos países bálticos”, teve como resposta que os Estados Unidos não pretendiam fazer tal coisa, pois não era a política americana estimular a dissolução da União Soviética. Isso continuou valendo em 1989, 1990 e até 1991. Contudo, independentemente do que Bush pensasse a

respeito de suas ações e das ações de seu governo, pressionar pela independência dos países bálticos equivaleu, verdadeiramente, a estimular a dissolução da União.

A dependência de Gorbatchov em relação à assistência econômica ocidental durante os últimos dois anos de seu governo figurou entre os fatores que o obrigaram a administrar a crise báltica concedendo cada vez mais autonomia às repúblicas rebeldes. Era uma situação escorregadia. Segundo a Constituição soviética, que com o início da *perestroika* passara a ter valor no processo político do país, as repúblicas bálticas tinham os mesmos direitos que todas as outras repúblicas da União, inclusive as três maiores: Rússia, Ucrânia e Cazaquistão. Quando Gorbatchov e seus conselheiros propuseram uma legislação que garantisse direitos especiais aos países bálticos, os líderes das outras repúblicas se sentiram discriminados e exigiram igualdade. Como Gorbatchov e o governo central resistiram a tais reivindicações, as repúblicas começaram a tomá-las por conta própria. Essa foi a lógica por trás das sucessivas declarações de soberania republicana, que se iniciaram com a Estônia no outono de 1988 e engolfaram a União Soviética como um todo no verão de 1990. As proclamações de independência que vieram após o golpe de Estado também seguiram o exemplo báltico.²⁶³

Como a Casa Branca sabia muito bem, incentivar a independência dos Estados bálticos também significava prejudicar Gorbatchov e, assim, os interesses dos Estados Unidos em outras partes do mundo. As exigências bálticas de independência eram contrárias aos objetivos americanos globais. “Temos tanta coisa em jogo que isso afeta os outros no mundo e nos afeta”, escreveu Bush a Gorbatchov em 23 de janeiro de 1991, referindo-se à questão báltica. “O controle de armamentos vem à mente, mas também [vêm] Afeganistão, Cuba, Angola e muitas outras questões regionais. E ainda temos a desconfiança natural dos alemães e dos poloneses, que não querem saber de nenhum tipo de reviravolta com a União Soviética.” Em suma, como observou Robert Gates, então consultor substituto de segurança nacional, o governo Bush tinha coisas mais importantes para fazer e o desejo báltico de independência podia pôr em perigo o diálogo soviético-americano.²⁶⁴

Também havia uma questão de política doméstica americana. Bush, que nunca gozou de toda a confiança da direita republicana, tinha de prestar muita atenção às aspirações dos bálticos americanos. “Recebi muito chumbo grosso, na imprensa, de dirigentes das comunidades bálticas nos Estados Unidos e de ‘especialistas’ por estar muito acomodado, aceitando o ‘novo pensamento’ e as

reformas de Gorbatchov simplesmente pelo que pareciam ser”, recordou anos depois. Em julho, na véspera da viagem a Moscou e Kiev, ele recebeu uma carta assinada por 45 congressistas, que o exortava a usar a cúpula para “pressionar efetivamente os soviéticos por negociações diretas e substantivas com as lideranças dos Estados bálticos”.

Introduziram-se questões sobre a independência desses países nos prováveis temas de conversa de Bush tanto com Gorbatchov quanto com Bóris Iéltzin e Leonid Kravtchuk, os dois outros líderes soviéticos com que ele esperava se encontrar durante a viagem. Em sua resposta, Gorbatchov citou a lei soviética, que, como Bush sabia, tornava a secessão quase impossível. O presidente estadunidense ficou entre Gorbatchov, que manobrava, mas era inflexível na questão da independência báltica, e as críticas cada vez mais persistentes que recebia em casa. Diante da pressão das organizações dos emigrados bálticos nos Estados Unidos e de seus simpatizantes no Partido Republicano, é fácil imaginar que o presidente Bush e seus conselheiros estivessem simplesmente fazendo o que a política interna os obrigava a fazer, esperando que, de algum modo, as peças do quebra-cabeça da política externa finalmente entrassem no lugar.²⁶⁵

E o fizeram, por assim dizer. O colapso do golpe de Estado ressuscitou as esperanças de Bush em que Gorbatchov realmente pudesse libertar as repúblicas bálticas. “Um Gorbatchov cauteloso”, disse ele ao ditar uma anotação em seu diário em 21 de agosto, “precisa se preocupar menos com o problema de sua direita política, como as Forças Armadas, a KGB *etc.* E talvez assim consigamos obter um avanço no tocante a Cuba, ao Afeganistão, aos países bálticos *etc.*”. Esses últimos, que haviam proclamado a independência antes ou durante o *putsch*, precisavam de uma decisão do parlamento da União para legitimar inteiramente a independência, e, uma vez mais, os líderes bálticos pediram ajuda ao presidente americano. “Se o senhor, presidente, aconselhar M. Gorbatchov a apoiar tal resolução”, dizia a carta enviada a Washington pelo líder do parlamento lituano, Vytautas Landsbergis, pouco depois do colapso do golpe, “talvez essa questão seja resolvida rápida e positivamente”. Landsbergis acreditava que aquela era a última chance de Gorbatchov provar suas credenciais democráticas. “Não sabemos se M. Gorbatchov se manterá em seu posto durante algum tempo, embora talvez ainda consiga participar da questão da independência báltica e, até certo ponto, salvar a cara politicamente”, argumentou Landsbergis. Ele pediu a Bush a “renovação imediata do reconhecimento da Lituânia”.²⁶⁶

A pressão sobre o presidente americano para que desse reconhecimento aos

Estados bálticos vinha crescendo desde o colapso do *putsch*. Em 23 de agosto, o senador republicano Slade Gorton, de Washington, escreveu a Bush cobrando reconhecimento e asseverando que “qualquer laço possível – qualquer vínculo entre a União Soviética e as nações bálticas – certamente foi destruído pela ação militar contra estas”. O senador tinha em mente a imposição do estado de emergência sobre as repúblicas bálticas durante o golpe. De fato, os Estados Unidos estavam ficando para trás no reconhecimento da independência báltica. Países menores, liderados pela Islândia, começaram a dar reconhecimento aos Estados bálticos quase imediatamente após a Estônia e a Letônia declararem a independência em 20 e 21 de agosto, respectivamente. Então, Bush telegrafou para Gorbatchov dizendo que os Estados Unidos já não podiam esperar e reconheceriam a independência báltica em 30 de agosto. Gorbatchov pediu-lhe que aguardasse três dias, até 2 de setembro, esperando que o Conselho de Estado reconhecesse os países bálticos naquele dia. No entanto, o novo conselho só se reuniu em 6 de setembro.²⁶⁷

Bush não pôde esperar mais e fez seu anúncio na data inicialmente solicitada por Gorbatchov, 2 de setembro, seu último dia de férias em Kennebunkport. Depois do almoço, apreciando a vista para o mar em seu terraço, ditou ao gravador: “Hoje tive uma coletiva de imprensa. Reconheci os países bálticos. Telefonei para os presidentes da Estônia e da Letônia, sendo que já havia conversado com Landsbergis, da Lituânia, alguns dias antes. Disse a eles o que íamos fazer. Contei-lhes por que esperamos uns dias a mais. O que tentei fazer foi usar o poder e o prestígio dos Estados Unidos, não para dar o tom, não para ser o primeiro a bordo, mas para estimular Gorbatchov a ser mais rápido na libertação das repúblicas bálticas.” Numa carta enviada a Landsbergis dias antes, ele havia escrito: “Nós nunca reconhecemos a incorporação forçada da Lituânia à União Soviética e sentimos orgulho por termos ficado com o povo lituano durante os muitos tempos difíceis dos últimos 51 anos.”²⁶⁸

O que fazer com a União Soviética era a questão mais importante da agenda do presidente Bush em seu retorno das férias, no início de setembro. O problema era que nem ele nem seus conselheiros tinham uma visão clara sobre o que fazer; a Casa Branca continuava reativa em seu tratamento da situação em rápido desenvolvimento. Acreditava-se que aquela era a única posição razoável em tais circunstâncias. Talvez fosse. O presidente, como ele próprio admitiu, “não considerava nada útil para os Estados Unidos fingir que podia ter um papel importante na determinação do resultado do que estava acontecendo na União

Soviética”. Bush e seu consultor de segurança nacional, Brent Scowcroft, temiam que demasiada atividade por parte dos Estados Unidos resultasse em outro golpe. “Exigências e declarações dos Estados Unidos podiam ser contraproducentes e galvanizar a oposição às mudanças entre os linhas-duras soviéticos”, escreveram os dois posteriormente.²⁶⁹

Em 5 de setembro, dia em que o Congresso, em Moscou, decidiu desfazer-se da Constituição soviética e dissolver-se, Bush convocou o Conselho de Segurança Nacional. As questões de segurança – cortes nos arsenais nucleares e a segurança das reservas soviéticas – dominaram a agenda, mas boa parte da reunião foi dedicada a discutir a estratégia soviética mais ampla que até então faltara à Casa Branca. O presidente iniciou a reunião afirmando que, “com os países bálticos finalmente livres e a pressão em relação a outras declarações de independência, a situação era complexa”. Era mesmo. O governo estabeleceu uma diferença clara entre sua política para as repúblicas bálticas e sua política para o resto da União Soviética. O que era bom para os países bálticos era considerado ruim para a Ucrânia. Porém, mesmo que se optasse por apoiar o centro contra as repúblicas, onde achariam o centro? Estaria com Iéltzin e seus jovens revolucionários ou com Gorbatchov e seus experimentados reformistas liberais? Fazia tempo que a imprensa vinha criticando Bush por apoiar Gorbatchov e abandonar Iéltzin. Agora ele devia se comprometer totalmente com o presidente russo? “Ainda que Iéltzin seja um herói, um verdadeiro herói, como ele se comportará daqui a um mês?”, escreveu o presidente ao seu consultor de segurança nacional, lembrando o antigo dilema.²⁷⁰

Na reunião, Bush pediu conselho aos assessores, mas também informou que preferia ter cautela. “Não devemos agir só para parecer ocupados”, disse ao grupo reunido. A única pessoa na sala que parecia não simpatizar com a abordagem cuidadosa do presidente era o secretário de Defesa, Richard Cheney, de 50 anos, que participou da reunião do Conselho de Segurança Nacional. Ao contrário de Scowcroft e de Bush, ele acreditava que os Estados Unidos podiam e deviam influenciar a situação na União Soviética. “Acho que esses desdobramentos estão longe de acabar”, disse ele. “Nós ainda podemos dar de cara com um regime autoritário. O que me preocupa é como explicar, daqui a mais ou menos um ano, se tudo azedar, por que não fizemos mais.” Ele advogava uma estratégia proativa: “Nós devemos liderar e modelar os acontecimentos.”²⁷¹

O secretário de Defesa pressionou pelo fortalecimento dos vínculos do governo com as repúblicas soviéticas, coisa que incentivaria a dissolução da

União Soviética, o que, por sua vez, diminuiria a ameaça soviética e, com o tempo, o orçamento do Pentágono. Ele não via diferença entre os Países Bálticos e a Ucrânia. Acreditava que os Estados Unidos deviam apoiar as nações novas se elas quisessem ser independentes. Por ora, sugeriu a abertura de consulados americanos em todas as repúblicas soviéticas. Em sua opinião, a canalização da ajuda humanitária americana e do G7 por intermédio do centro – ponto também levantado por Scowcroft – era “um exemplo do pensamento antigo”. Em suas memórias, Bush e Scowcroft qualificaram a proposta de Cheney como nada menos que “um pequeno e disfarçado esforço para fomentar a dissolução da União Soviética”.

Enfim, coube a James Baker, que era amigo pessoal de Bush e, como todos sabiam na Casa Branca, tinha uma influência significativa em seu modo de pensar, reagir ao desafio de Cheney. Como este, ele acreditava que a posição americana podia influenciar os desdobramentos na União Soviética. “Ao passo que os fatos são determinados *in loco*, nossas *palavras* terão – como evidentemente tiveram durante o golpe – um grande impacto sobre o modo de agir dos líderes”, dizia um memorando preparado para Baker pelos seus assessores. Antes da reunião do Conselho de Segurança Nacional, ele havia divulgado à imprensa cinco princípios nos quais se devia basear a política dos Estados Unidos na União Soviética. Era uma mensagem para os líderes das antigas repúblicas soviéticas acerca das expectativas americanas depositadas neles. Entre elas estavam uma autodeterminação nacional pacífica, a inviolabilidade das fronteiras existentes, o respeito pela democracia e o império da lei, o respeito pelos direitos humanos, especialmente em relação às minorias étnicas, e, enfim, o respeito pelas obrigações internacionais da União Soviética. O Departamento de Estado se opunha decididamente a abandonar o acordo START que acabava de ser negociado com Gorbatchov.

Baker e seus conselheiros no Departamento de Estado não pretendiam defraudar Gorbatchov depois do que ele tinha feito para melhorar as relações soviético-americanas. Para eles, o líder soviético e as pessoas que o cercavam eram conhecidos, simpáticos e previsíveis. No Departamento de Estado, ninguém conhecia bem Bóris Iéltzin nem seu ministro das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, sem contar os líderes das outras repúblicas. Gente próxima de Eduard Shevardnadze tinha avisado ao secretário de Estado americano que o centro estava ruindo e que o nacionalismo estava em alta. Um memorando do Departamento de Estado preparado para Baker depois do *putsch* apontava para “a real possibilidade de que agora as declarações de independência levem a

disputas territoriais, econômicas e militares entre as repúblicas”. “Devemos aguardar no que diz respeito aos consulados [nas repúblicas] e fazer o possível para fortalecer o centro”, disse Baker na reunião do Conselho de Segurança Nacional. Também fez questão de assinalar os problemas potenciais que a desintegração da União Soviética traria consigo, especialmente a perspectiva de violência e derramamento de sangue, assim como a possibilidade de proliferação nuclear.²⁷²

Cheney não se deixou convencer pelo que ouviu. Sentia que o governo estava perdendo oportunidades emergentes. “O que deveríamos estar fazendo para envolver a Ucrânia?”, perguntou, levantando o grave problema apresentado pela proclamação da independência por parte da segunda maior república da União Soviética. “Nós estamos reagindo.”

O presidente Bush perguntou se a Ucrânia ingressaria na União. “Fora dela”, respondeu Cheney. “A fragmentação voluntária da União Soviética é do nosso interesse. Se ela for uma associação voluntária, isso vai acontecer. Se a democracia falhar, é melhor para nós que sejam repúblicas pequenas”, argumentou.

Apoiando Baker, Scowcroft perguntou se o secretário de Estado apoiaria a União se a alternativa fosse um derramamento de sangue. “Nós estamos interessados na mudança pacífica das fronteiras, nos moldes [dos Acordos] de Helsinque”, respondeu Cheney.

Scowcroft insistiu: “Mas, se houver derramamento de sangue associado à fragmentação, devemos nos opor a ela?” Baker defendeu a continuação da política existente, trabalhando com os líderes republicanos sem incentivar a dissolução. Cheney discordou; em sua opinião, era possível obter mais intensificando os contatos com as repúblicas.

O único item da agenda em que o presidente Bush sugeriu ação naquele dia – um item importantíssimo – foi o desarmamento nuclear. O chefe do Estado-Maior Conjunto, general Colin Powell, que participava da reunião, acreditava que, enquanto as armas nucleares se achassem nas mãos das Forças Armadas, e não nas mãos dos políticos, elas estariam em segurança. Seus anos de envolvimento na diplomacia nuclear o haviam apresentado a muitos comandantes soviéticos, nos quais ele agora tendia a confiar, desconfiando da nova onda de líderes políticos e não apoiando a transferência de armas nucleares das outras repúblicas para a Rússia. Com o centro ainda ativo e em funcionamento e o Exército controlado, os Estados Unidos tinham uma oportunidade – talvez a derradeira – de obter algum avanço na diplomacia

nuclear com a União Soviética. Bush pediu a Cheney que preparasse uma proposta de redução dos arsenais atômicos. Isso ajudaria a economizar dinheiro e mostraria que o governo Bush não estava meramente reagindo aos acontecimentos na União Soviética. Ele decidiu pressionar o máximo possível na já conhecida direção do desarmamento nuclear. Isso era o que o povo americano queria e algo que Gorbachov ainda tinha condições de dar. Eles tentariam manter a União Soviética tanto quanto possível.²⁷³

James Baker viajou para avaliar o alcance das mudanças na União Soviética desde o colapso do golpe de Estado, chegando a Moscou em 10 de setembro para a abertura de uma conferência de direitos humanos sob os auspícios do Conselho de Segurança e Cooperação na Europa (CSCE). Achou a experiência “surreal”. Nas proximidades da Casa Branca russa, viu barricadas e ramos de flores em homenagem aos três rapazes mortos semanas antes. Na conferência, escutou um discurso do ministro das Relações Exteriores da Lituânia. “Se há dois meses”, escreveu a George Bush, “alguém nos dissesse que, em setembro, o ministro das Relações Exteriores de uma Lituânia independente faria um discurso muito positivo numa reunião do CSCE em Moscou, nós lhe perguntaríamos o que ele havia fumado.”

Os direitos humanos eram uma pedra no sapato do *establishment* da política externa soviética desde os Acordos de Helsinque, assinados em 1975, quando a União aceitou respeitar os direitos humanos em seu território. Fazendo pouco caso dessa obrigação, as autoridades vinham encarcerando dissidentes políticos que tentavam monitorar os direitos humanos no país. Isso transformou a questão num instrumento de propaganda ocidental contra a União Soviética e numa palavra chula em seu vocabulário político. Somente sob Gorbachov os funcionários começaram a levar mais a sério a ideia de respeitar os direitos humanos. Com os dissidentes postos em liberdade, organizando frentes populares e até tomando o poder nos países bálticos e em outras repúblicas, a conferência de direitos humanos em Moscou sublinhou a enormidade das mudanças em curso no país.²⁷⁴

Muita coisa agradou e assombrou os visitantes americanos e de outros países ocidentais em Moscou em setembro de 1991. Os direitos humanos eram apenas um exemplo e a abertura para os ocidentais, outro. James Baker se encontrou com Ivan Silaiev, primeiro-ministro de Iéltzin e verdadeiro chefe do novo governo da União, no mesmo gabinete (outrora ocupado por Stalin) em que o premiê Valentin Pavlov e os linhas-duras, agora presos, haviam conspirado para

derrubar Gorbatchov na noite de 18 de agosto. Baker também visitou o antigo escritório do ex-chefe da KGB, Vladimir Krioutchkov. Vadim Bakatin, o novo responsável pelo prédio, um liberal nomeado por Gorbatchov e Iéltzin, aguardava o secretário de Estado na calçada e o recebeu depois de admitir para a imprensa que estava “um pouco nervoso”.

Gorbatchov e Iéltzin foram tão amistosos com o visitante americano quanto seus subordinados e os líderes das repúblicas. Baker queria muito retomar a agenda americana anterior ao *putsch* e pressionar pelas coisas que Bush não tinha conseguido obter na cúpula de Moscou. Com os países bálticos finalmente livres, fazia parte da agenda cancelar a ajuda soviética aos regimes do Afeganistão e de Cuba, apoiados por Moscou. “Em vista do altamente incerto futuro soviético”, recordou Baker, “nós tínhamos ainda mais pressa de ‘fisgar’ ganhos aqui e ali”. Baker deixou claro para os presidentes soviético e russo que a ajuda econômica americana dependia da retirada do apoio da União a Cuba e ao Afeganistão. “Eles aceitaram prontamente minha oferta e, aliás, foram quase competitivos na tentativa de cooperar”, escreveu Baker em suas memórias. Gorbatchov, que já não representava o Partido Comunista, disse ao secretário de Estado americano: “Sim, nós gastamos 82 bilhões de dólares em ideologia.”

Baker ficou surpreso quando ele concordou não só em encerrar a ajuda a Cuba, como em anunciar sua decisão na coletiva de imprensa conjunta que ambos dariam no Kremlin. Isso foi feito sem consultar Fidel Castro. Foi um golpe importante para a política externa americana, decidindo-se que todos os soldados do Exército soviético seriam retirados de Cuba e a ajuda chegaria ao fim a partir de 1º de janeiro de 1992. Estabeleceu-se o mesmo prazo para a suspensão da ajuda soviética ao Afeganistão. Ao ouvir a solicitação de Baker, Iéltzin respondeu: “Vou mandar Gorbatchov fazer isso.” Imediatamente, telefonou para o presidente soviético e garantiu ao americano que o prazo seria aceito. No dia seguinte, anunciou-se em Moscou um acordo pelo qual tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos se comprometiam a deixar de dar assistência aos seus respectivos clientes no Afeganistão.

O líder pró-soviético afegão Mohammad Najibullah foi informado da retirada do pacote anual de ajuda soviética seis horas antes do anúncio em Moscou e comportou-se como se a notícia não o preocupasse. Deposto alguns meses depois, acabou enforcado pelo Talibã em setembro de 1996. As fotografias de seu cadáver divulgadas pela imprensa de todo o mundo foram um sinal dos problemas por vir, mas, em setembro de 1991, ninguém previa a trágica virada dos acontecimentos que se seguiria no Afeganistão. Baker pôde se alegrar com

uma importante vitória. Quando o embaixador Robert Strauss lhe passou um pedaço de papel com uma nota que dizia “Essas duas reuniões de hoje são mesmo históricas!”, ele devolveu o bilhete com um comentário: “Esse é o eufemismo do dia!”²⁷⁵

Por que os soviéticos agiam de forma tão complacente? O novo ministro das Relações Exteriores, Bóris Pankin, o único embaixador que condenou publicamente o golpe de Estado antes que chegasse ao fim e, a seguir, foi premiado com o mais elevado posto diplomático, explicou assim as concessões aos Estados Unidos:

Nós esperávamos conseguir a assistência econômica dos Estados Unidos e estávamos dispostos a fazer muitas concessões para obtê-la, daí nossa flexibilidade quanto à independência dos Estados bálticos. Nossa retirada do Terceiro Mundo e o recuo nas relações com Cuba seguiram o mesmo critério. Por um lado, já não podíamos nos dar ao luxo de manter aquele tipo de relação; por outro, nós nos empenhávamos em apresentar o abandono dela como um emblema de boa intenção. Tanto os americanos quanto nós adornamos nossas declarações em termos de *détente*, mas, de nossa parte, eram imperativos econômicos que nos guiavam, coisa que os americanos entenderam perfeitamente.

Pankin tinha bons motivos para enfatizar o fator econômico quando, anos depois, sentou-se para escrever as memórias e tentou recordar, analisar e justificar sua política externa. Mesmo assim, essas memórias indicam que havia algo mais do que pura *realpolitik* por trás do comportamento soviético na arena internacional no fatídico outono de 1991. O outro fator importante foi uma revolução ideológica que levou à rejeição de tudo quanto se relacionasse com a antiga visão comunista do mundo e do papel internacional da União Soviética. Essa revolução, que se fermentou durante anos entre os funcionários de viés liberal nos escritórios do departamento internacional do comitê central e nos corredores do Ministério das Relações Exteriores, foi desencadeada pelo malogro do *putsch*.

Tanto Iéltzin quanto Gorbatchov concordaram plenamente com a nova tendência. Em seu primeiro encontro com Pankin, Gorbatchov disse: “Nós precisamos mudar as prioridades e livrar-nos de preconceitos. Yasser Arafat, Gaddafi... Eles se dizem nossos amigos, mas só porque sonham com que voltemos ao passado. Basta de hipocrisia.” A partir de então, a ideologia comunista foi praticamente excluída da política externa soviética. O pensamento liberal intimamente associado à recém-descoberta admiração pelas conquistas econômicas e culturais dos Estados Unidos passou a ocupar o centro do processo de política externa.²⁷⁶

“Nós ansiávamos por ser aceitos”, escreveu Pankin. “Naqueles dias, a obsessão comum que tomava conta de toda a nossa liderança era a ideia ser um ‘Estado civilizado’.” O desejo de aceitação moldou o comportamento de Pankin em seu primeiro encontro com Baker. Ele começou por entregar ao americano uma cópia de um memorando interno que havia preparado para Gorbatchov, explicando a disposição soviética de inverter todas as posições tomadas em questões que se estendiam do Afeganistão à Europa Oriental, a Israel e a Cuba. Provavelmente queria indicar que, dali por diante, a diplomacia soviética não teria segredos para o “mundo civilizado”. Enquanto Baker, surpreso, examinava o documento, Pankin lhe disse:

Espero que cheguemos a um entendimento comum sobre muitos desses assuntos, mas quero fazer um pedido: mesmo que o acordo a que cheguemos fique mais próximo de sua posição inicial que de nossa proposta, por favor, não caia na tentação de dizer à imprensa que se trata de concessões extraídas pelo senhor. Tudo isso resulta das ideias e posições das pessoas que estão dirigindo nossa atual política externa.²⁷⁷

Aquilo parecia uma tentativa de ser mais católico do que o papa. Baker provavelmente não tinha condições de avaliar toda a dimensão das razões ideológicas daquela queima de estoque dos ativos da política externa soviética, mas as razões econômicas eram bem visíveis. Ivan Silaiev, que dirigia o Comitê Econômico então funcionando como o governo interino da União, contou a Baker que a situação econômica era “grave”. Sua principal missão não chegava a ser melhorá-la – algo que estava além da capacidade do governo –, mas evitar que piorasse. Gravril Popov, o prefeito democrático de Moscou e leal defensor de Iéltzin durante o golpe, disse a Baker que, na realidade, não havia um governo central. As repúblicas e as grandes municipalidades, como Moscou, estavam sozinhas. “Moscou não consegue se manter durante todo o inverno”, admitiu ele antes de pedir auxílio, mencionando particularmente ovos, leite em pó e mistura para purê de batatas. “Parte desse material é armazenada pelo seu Exército, que joga tudo fora depois de três anos, mas comida de três anos atrás serve muito bem para nós.” Baker ficou assombrado. “Era uma impressionante admissão dos problemas que o país enfrentava, o mesmo país cujo líder certa vez falara em “sepultar o Ocidente”, escreveu ele em suas memórias. O prefeito de São Petersburgo, Anatoly Sobtchak, e seu assessor, Vladimir Putin, que Baker visitou em sua breve escala na antiga capital imperial, mostraram-se igualmente preocupados com o inverno vindouro.

Depois de se reunir com os novos líderes democráticos, que queriam mudanças, mas estavam evidentemente despreparados para governar o país, Baker escreveu a Bush sugerindo um Plano Marshall, ainda que com outro nome, para a União Soviética:

O fato é que temos um interesse tremendo no sucesso dos democratas aqui. Seu sucesso mudará o mundo de um modo que reflete tanto nossos valores quanto nossas esperanças. [...] O fracasso dos democratas produziria um mundo muito mais ameaçador e perigoso, e eu não tenho dúvida de que, se eles não conseguirem começar a fornecer os bens, serão suplantados por um líder autoritário da direita xenófoba.²⁷⁸

A grande questão em quase todas as discussões de Baker em Moscou foram as relações entre o centro e as repúblicas. O novo ministro da Defesa, Ievgueni Chapochnikov, pediu a Baker: “Por favor, não tenha pressa para reconhecer todas essas repúblicas novas.” Baker não a tinha. Sem uma estratégia clara enunciada pela Casa Branca, estava livre para conduzir uma política própria. As conversas que teve em Moscou e em São Petersburgo pareciam confirmar sua suposição de que os democratas estavam concentrados no centro; por conseguinte, ajudar o centro era ajudar a democracia. Ele disse a todos que o ouviram na União Soviética que era preciso fazer um arranjo entre o centro e as repúblicas de modo que o Ocidente soubesse com quem tratar a questão da reforma econômica e da ajuda humanitária.

Baker conseguiu oferecer um jantar aos primeiros-ministros das repúblicas. Foi muito diferente de março de 1991, quando Gorbatchov e sua gente torpedearam a iniciativa do embaixador Jack Matlock, que quis reunir os dirigentes das repúblicas num encontro em sua embaixada. Agora Baker era o único líder político que os chefes das repúblicas consideravam como um agente honesto. Ele aproveitou a ocasião para aparar as arestas das contradições e aliviar a tensão e a desconfiança entre as novas coortes dos líderes soviéticos. Agiu como um mediador entre o centro e os chefes republicanos. Ao garantir ao primeiro-ministro Vitold Fokin, da Ucrânia, que a ajuda humanitária seria distribuída a todas as repúblicas, obteve o compromisso de que seu país assinaria o tratado econômico com a Rússia e as demais repúblicas pós-soviéticas.²⁷⁹

As ações de Baker em Moscou referentes às repúblicas contaram com todo o apoio do presidente George Bush, que fez quase tudo diplomaticamente possível para manter a União Soviética viva. Não era uma tarefa fácil. Ele teve uma oportunidade de avaliar as dimensões do problema em 25 de setembro, quando

recebeu na Casa Branca seu ex-anfitrião Leonid Kravtchuk, o presidente do parlamento ucraniano. Três dias antes, cinco mil manifestantes representando organizações americano-ucranianas se haviam aglomerado no Lafayette Park, em frente à Casa Branca, para exprimir seu apoio à independência da Ucrânia e exortar Bush, então ainda sob ataque devido ao discurso “Frango à Kiev”, a mudar de atitude em relação à independência das repúblicas soviéticas. “Você foi o último nos países bálticos. Seja o primeiro na Ucrânia”, dizia o cartaz levado por um dos manifestantes.

Bush achou Kravtchuk mais autoconfiante e muito menos afável do que no encontro em Kiev menos de dois meses antes. Durante a visita do americano, Kravtchuk concordara com ele quanto à necessidade de resistir ao que Bush chamava de “nacionalismo suicida”. O presidente americano continuava com a mesma atitude mental, contrário à independência das repúblicas soviéticas, com exceção das bálticas, mas Kravtchuk havia mudado claramente de posição. Seu apoio à independência ucraniana tornara-se algo mais do que uma jogada tática de um *apparatchik* do partido ameaçado pela vitória democrática em Moscou. “A independência é forjada pelo povo. E em 1º de dezembro [a data do iminente referendo] o povo confirmará nossa independência e nós começaremos a construir uma nação nova: Ucrânia”, disse ele à mídia norte-americana.²⁸⁰

Tendo começado a vender a ideia da independência ucraniana para o mundo, Kravtchuk usou o convite à Casa Branca como uma oportunidade de expor seus argumentos ao líder político mais poderoso do planeta. Sua opinião sobre a União Soviética não era aquilo que Bush e seus assessores queriam ouvir: “A União Soviética está se desintegrando virtualmente. Não há governo nacional. Não há Soviete Supremo da União Soviética.” Kravtchuk concluiu sua apresentação com a seguinte fala: “A União não pode existir em nenhuma forma séria. Há uma luta pelo poder, e nós não podemos participar de uma União em que alguns membros são mais poderosos que outros.” Sua referência era evidentemente à aliança entre Gorbatchov e Iéltzin e ao papel que a Rússia almejava ter na nova União. Kravtchuk solicitou apoio à democracia ucraniana, que ele entendia como o impulso à independência nacional. Também queria vínculos diplomáticos diretos, a abertura de uma missão comercial ucraniana nos Estados Unidos e, enfim, o reconhecimento da independência de seu país. Não viajara somente para pedir favores. Também tinha o que oferecer, pois a Ucrânia, disse ele, aspirava a ser um país livre de armas nucleares.

Bush não se deixou impressionar. Em suas memórias, escreve que Kravtchuk “parecia não entender as implicações e complexidades do que propunha”. Na

véspera, o presidente americano tinha se encontrado com o ministro das Relações Exteriores soviético, Bóris Pankin, que garantiu que, embora o período pós-golpe tivesse visto uma avalanche de independência nas repúblicas, nas últimas semanas os líderes republicanos se haviam dado conta de que precisavam trabalhar juntos. Não seria essa a impressão de quem conversasse com Kravtchuk. Segundo as memórias de Bush, o líder ucraniano deu-lhe “uma amostra da insatisfação que as repúblicas sentiam em relação à União”. O americano prometeu apoio à democracia e à reforma econômica, assim como a entrega de gêneros alimentícios e assistência humanitária. Também lhe ofereceu o que, àquela altura, era a linha padrão americana no tocante às relações centro-república: os Estados Unidos não se atreviam a moldar as mudanças em curso na União Soviética, mas queriam clareza política por lá. Também queriam um plano econômico viável. O reconhecimento da Ucrânia, ao contrário do caso dos Estados bálticos, teria de esperar o resultado do referendo.

Programada para durar 45 minutos, a conversa já se estendia por uma hora e meia, e Bush deu a entender que o tempo estava chegando ao fim. Kravtchuk se apressou a fazer seu pedido final, que surpreendeu o americano. Agradecendo-lhe a oferta de alimento e ajuda humanitária, disse que a Ucrânia precisava mesmo de investimento e tecnologia, coisa muito diferente do que Bush e Baker ouviram dos representantes do centro soviético, que imploravam o fornecimento de víveres. “Nós estamos numa situação difícil”, disse ele. “A União Soviética está recebendo assistência alimentar, mas a Ucrânia, não. Agora temos de pagar essas dívidas [da União]. Enquanto a União Soviética recebia assistência, nós enviávamos 60 mil toneladas de carne e leite [a preços nominais] (...) Nosso pedido é que vocês nos deem crédito. Compraremos tecnologia. Convidaremos os empresários a investir na Ucrânia. Vamos trabalhar.” O discurso de Kravtchuk refletia o simples fato de a Ucrânia ser uma república produtora de alimentos, não importadora, e de seus interesses diferirem do que buscavam as outras repúblicas. Comércio e investimento, e não a assistência alimentar, eram a maior prioridade do país.

Despindo o véu da imparcialidade americana referente às relações entre o centro e as repúblicas, Bush fez uma pergunta direta que revelou a premissa subjacente à política americana na época: “O senhor acha que deve haver uma união econômica com o centro ou não? Nós acreditamos que é uma medida necessária para incentivar o investimento.” “Eu gostaria muito que houvesse se o centro pudesse fazer alguma coisa”, respondeu Kravtchuk. “Mas o centro é incapaz de fazer o que quer que seja. Estamos perdendo tempo. A União

Soviética é um país gigantesco. É impossível implementar uma reforma econômica em ritmo acelerado no país inteiro.”

Os dois líderes se despediram sem chegarem a um acordo. O visitante ucraniano procurou ser tão amável quanto possível em seus comentários subsequentes à imprensa, que acusava Bush de se colocar inteiramente do lado de Gorbatchov. “Estou convencido de que o presidente George Bush já começou a mudar seu modo de pensar”, disse ele aos jornalistas. Posteriormente, resumiu a posição do chefe de Estado americano, dizendo que ele queria que a União Soviética continuasse a existir. A segurança dos arsenais nucleares sempre esteve no topo de sua agenda. Kravtchuk respeitava essa posição, pois acreditava que correspondia aos interesses daqueles que elegeram Bush para governar seu país.²⁸¹

George H.W. Bush realmente queria que a União Soviética sobrevivesse. Isso era essencial para sua agenda de segurança, que continuava enfocada nos armamentos nucleares soviéticos tal como estivera no auge da Guerra Fria. Quando o presidente se encontrou com o cada vez mais difícil Kravtchuk, Dick Cheney e seus especialistas do Departamento de Defesa já haviam preparado a proposta de desarmamento atômico que Bush solicitara na reunião do Conselho de Segurança Nacional três semanas antes. Ela foi enviada imediatamente aos aliados dos americanos na Europa Ocidental e a Gorbatchov em Moscou. Em 27 de setembro, Bush telefonou para o primeiro-ministro britânico John Major, para o presidente francês François Mitterrand e para o chanceler alemão Helmut Kohl a fim de explicar sua iniciativa e pedir apoio. Também ligou para Gorbatchov. À primeira vista, a proposta constituía uma oferta unilateral de reduzir o arsenal nuclear retirando as armas atômicas táticas e desfazendo-se dos mísseis de reentrada múltipla independentemente direcionados (MIRVs) nos mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs). Na realidade, a proposta foi concebida como um convite para que a União Soviética fizesse a mesma coisa. Como disse Scowcroft ao secretário-geral da OTAN, Manfred Woerner: “Nós não estamos planejando negociações. Essa é uma medida unilateral. Naturalmente, se os soviéticos rejeitarem nossas propostas, é possível que tenhamos de reconsiderá-las.”²⁸²

Basicamente, o sucesso da proposta dependia de como seria a reação soviética. Na conversa telefônica com Gorbatchov em 27 de setembro, Bush disse: “Nós vamos explicar o que fazemos. Em certas categorias, vamos explicar como a União Soviética pode tomar medidas semelhantes. Por exemplo, nós cancelamos

os ICBMs, com exceção das ogivas únicas, e gostaríamos que a União Soviética fizesse o mesmo.”

Gorbatchov mostrou-se interessado, mas evitou qualquer comprometimento específico. “George, obrigado pelos esclarecimentos”, disse ele ao presidente americano. “Como você está me exortando a tomar medidas, só posso lhe dar uma resposta a princípio – uma vez que ainda é necessário esclarecer muita coisa –, e essa resposta é positiva.” Bush disse que compreendia e perguntou se podia anunciar que sua reação inicial tinha sido positiva. O presidente soviético consentiu.²⁸³

Gorbatchov conversou com o líder americano na presença de altos oficiais soviéticos com os quais havia estudado o texto da proposta. O general Vladimir Lobov, o novo chefe do Estado-Maior do Exército, mostrou-se mais do que cético. Segundo Scowcroft, a proposta de remover as armas nucleares táticas atendia de várias maneiras os interesses americanos imediatos. Na Alemanha, essas armas se tornaram obsoletas com a reunificação do país; se disparadas, atingiriam os territórios orientais anexados por Bonn. Na Coreia do Sul, o governo de Seul queria armas dessa classe, a fim de envolver a Coreia do Norte no nível diplomático. Em outras partes do Pacífico, os governos do Japão e da Nova Zelândia se opunham à presença de navios americanos com armas nucleares em seus portos. Com a oferta americana de retirar unilateralmente o armamento atômico tático, eliminavam-se os problemas associados a longas negociações e posterior verificação.

Segundo Anatoly Tcherniaiev, o consultor de política externa de Gorbatchov que estava presente durante o telefonema, “[o general] Lobov tentou ‘pressionar’ – aquilo era supostamente desvantajoso para nós; eles vão nos enganar; não vejo nenhuma reciprocidade e assim por diante –, muito embora Mikhail Sergueievitch apontasse o dedo para o texto de Bush e argumentasse contrariamente”. Depois do telefonema, Gorbatchov entreteve os generais falando na impressão que ele e a esposa tiveram de uma peça teatral assistida alguns dias antes e baseada no romance *Os idos de março*, de Thornton Wilder, de 1948. Ele surpreendeu os generais quando disse que via analogias entre os últimos dias da República romana e a época em que viviam. “Nele há um misto de ingenuidade e de esperta simulação de credulidade com os novos generais”, observou Tcherniaiev em seu diário. De um modo ou de outro, Gorbatchov convenceu os novos chefes militares a concordarem. Eles se revelaram muito mais agradáveis que seus predecessores.

Bóris Pankin escreveu em suas memórias que, “depois do *putsch* de agosto de

1991, muitos militares ficaram constrangidos com sua própria simpatia tácita – quando não apoio ativo – pelos objetivos do golpe, de modo que a inatividade dos militares tornou mais fácil para nós sermos imaginativos”. Nesse espírito, Tcherniaiev creditou a proposta de Bush à influência internacional do “novo pensamento” de Gorbatchov, que ele próprio ajudara a plasmar. “Vocês não veem aí o surgimento de uma nova política dos Estados Unidos, de novas relações conosco, resultados do novo pensamento?”, perguntou aos desconfiados generais após a teleconferência de Bush e Gorbatchov. Aparentemente, eles não viam. A declaração de Tcherniaiev surpreenderia os americanos igualmente, mas não a Gorbatchov. Ele continuava acreditando em sua influência transformadora sobre a natureza da política internacional.

Oito dias depois, em 5 de outubro, Gorbatchov telefonou para Bush não só para aceitar o desafio, como também para convidá-lo a avançar ainda mais no caminho do desarmamento atômico. Propôs uma proibição, por um ano, de testes nucleares e um convite às outras potências atômicas a se unirem aos Estados Unidos e à União Soviética na redução de seus arsenais. Os soviéticos se desfariam do armamento tático, negociariam os MIRVs e cortariam, unilateralmente, suas forças de terra em 700 mil. Dessa vez, foram os americanos que se surpreenderam e examinaram as novas propostas com os generais. “Havia algumas diferenças em nossas posições”, recordou Bush, “mas, considerando todos os aspectos, aquilo era muito positivo e generoso”. A jogada de Bush tinha dado certo. Enquanto os soviéticos, como os americanos, estavam procurando transformar a necessidade em virtude ao cortar seus orçamentos militares, não há dúvida de que os dois países se beneficiavam, assim como o mundo em geral. O acordo no outono de 1991 criou uma base para o START II, que Bush e Iéltzin assinariam em janeiro de 1993.²⁸⁴

Dias depois, quando o presidente americano tornou a convocar uma sessão do Conselho de Segurança Nacional, havia boas notícias para compartilhar. O plano para reduzir os arsenais atômicos, que haviam discutido na reunião anterior, estava funcionando. No entanto, o curso dos acontecimentos na União Soviética continuava nebuloso como sempre, e o dilema sobre quem apoiar, o centro ou as repúblicas, seguia longe de uma solução. Quando se retomou a discussão desses problemas, Dick Cheney voltou a procurar mudar a estratégia existente de apoio ao centro. “Era Cheney outra vez contra todos”, lembrou Robert Gates, que participou da reunião. Apesar da concordância geral quanto à necessidade de apoiar a democracia e a reforma econômica, não havia consenso no tocante à melhor maneira de fazê-lo. “O apoio ao centro nos coloca no lado errado da

reforma”, alegou Cheney. James Baker discordou, dizendo que “os caras do centro são reformistas”, e resumiu seu argumento afirmando: “Não devemos estabelecer a política de apoio à fragmentação da União Soviética em doze repúblicas. Devemos apoiar o que *elas* querem conforme *nossos* princípios.” A reunião terminou sem uma decisão clara, o que significou o prosseguimento da tentativa de equilíbrio entre o centro e as repúblicas, entre Gorbachov e Iéltzin.²⁸⁵

- 256 RUMIANTSEV, O. G. (org.). *Iz istorii sozdaniia Konstitutsii Rossiiskoi Federatsii. Konstitutsionnaia komissii. Stenogrammy, materialy, dokumenty (1990-1993) v 6-ti tomakh*. Moscou: Wolters Kluwer, 2008, pp. 814-815.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 109.
Cf. GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 647-651.
- 257 SHAKHRAI, S.M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 916-920.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 109.
“Blitsinterviu. Ter-Petrosian, predsdatel' Verkhovnogo Soveta Armenii”. *Argumenty i fakty*, 29 de agosto de 1991.
- 258 SHAKHRAI, S.M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 920-921.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 118-119, 125.
- 259 “My Meeting with Boris Yeltsin”, 24 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 6.
- 260 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 539.
- 261 Idem.
HYAMS, Joe. *Flight of the Avenger: George Bush at War*. Nova York: Harcourt, 1991.
TARPLEY, Webster G.; CHAITKIN, Anton. *George Bush: An Unauthorized Biography*. Joshua Tree, Califórnia: Progressive Press, 2004, pp. 101-114.
- 262 LIEVEN, Anatol. *The Baltic Revolution: Estonia, Latvia, Lithuania and the Path to Independence*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 1994, pp. 82-85, 204-254, 374-384.
- 263 Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
- 264 Secretaria de Estado à embaixada em Bucareste, 22 de março de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Relações com a Rússia e Política no Debate sobre a URSS.
“Response to the Soviet Embassy on the USSR Borders”, 1º de abril de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R.

Burns e Ed Hewett, Relações com a Rússia e Política no Debate sobre a URSS.
George Bush a Mikhail Gorbachev. Minuta de 27 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Arquivos Cronológicos da URSS, nº 1.

265 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 238.
Discurso de Jack Matlock no Davis Center. Universidade de Harvard, 25 de outubro de 2011.

266 George H.W. Bush a Mikhail Gorbachev, 23 de janeiro de 1991. Documentos James A. Baker, Caixa 109, Pasta 9.
MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador's Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, pp. 469-473.

267 WALKER, Edward W. *Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2003, pp. 55-178.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial'nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 265-635.

268 Entrevista de Thomas Simons ao autor, 13 de maio de 2013.
George H. W. Bush a Mikhail Gorbachev, 23 de janeiro de 1991. Documentos James A. Baker, Caixa 109, Pasta 9.
GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, pp. 528-529.

269 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 207, 223.
Olgerts Pavlovskis, presidente do Comitê Nacional Conjunto Americano Báltico ao presidente Bush, 13 de junho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Documentação da Casa Branca. Cúpula econômica, Londres, Inglaterra, 15 a 17 de julho de 1991.
Benjamin L. Cardin e 44 outros membros do Congresso dos Estados Unidos ao presidente Bush, 26 de julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Documentação da Casa Branca. Cúpula econômica, Londres, Inglaterra, 15 a 17 de julho de 1991.
Carta da liderança da Comissão de Segurança e Cooperação na Europa, assinada pelo senador Alfonse D'Amato e outros, ao presidente Bush, 26 de julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Documentação da Casa Branca. Cúpula econômica, Londres, Inglaterra, 15 a 17 de julho de 1991.
"Points to Be Made for Meeting with President Boris Yeltsin", julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Viagem do Presidente da Moscou e Kiev, nº 1.
"Points to Be Made for Meeting with Chairman Leonid Kravchuk", julho de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns e Ed Hewett, Viagem do Presidente da Moscou e Kiev, nº 3.

270 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 533-534.
Embaixada americana em Moscou para o secretário de Estado, Washington, 25 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 7.
"Embaixada americana em Moscou para o secretário de Estado, Washington", 26 de agosto de 1991.

Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 4/4, 1991, nº 9.

- 271 Slade Gorton para George H. W. Bush, 23 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Departamento de Documentação da Casa Branca.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 538-539.
- 272 Memorando de conversa telefônica entre Bush e Vytautas Landsbergis, 31 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-31--Landsbergis.pdf.
Bush e Arnold Ruutel, 2 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-02--Ruutel.pdf.
Bush e Anatoly Gorbunovs, 2 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-02--Gorbunovs.pdf.
George Bush para Vytautas Landsbergis, 31 de agosto de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Jane Hall, União Soviética, 1991.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 539.
- 273 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 540.
BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 526.
- 274 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 540-541.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 430-431, pp. 441, 444-445.
- 275 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 541-542.
- 276 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 624-636.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 541-542.
CHENEY, Dick; CHENEY, Liz. *In My Time: A Personal and Political Memoir*. Nova York: Threshold Editions, 2011, pp. 231-232.
- 277 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 541-542.
- 278 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 526-527.
GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, pp. 85-96.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 661-662.
ZUBOK, Vladislav M. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to*

- Gorbachev. Chapel Hill, Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 2007, pp. 254-264.
- ADAMISHIN, Anatoly; SCHIFTER, Richard. *Human Rights, Perestroika and the End of the Cold War*. Washington, D.C.: United States Institute of Peace, 2009.
- 279 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 526-529.
- PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 115-122.
- Troca de bilhetes de James Baker com Strauss e reuniões com Gorbatchov e Iéltzin em Moscou em 11/9/91.
- Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 7.
- 280 PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 53, 71, 106.
- ZUBOK, Vladislav M. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. Chapel Hill, Carolina do Norte: The University of North Carolina Press, 2007, p. 140.
- SHIRAEV, Eric; ZUBOK, Vladislav. *Anti-Americanism in Russia: From Stalin to Putin*. Nova York: Palgrave, 2000.
- 281 PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 104-105, 113.
- 282 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 526-539.
- BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 532-533.
- CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 928.
- 283 LEW, Khristina. "Ukrainians Demonstrate Across United States. 5000 rally Across from White House". *Ukrainian Weekly*, 29 de setembro de 1991.
- KOLOMAYETS, Marta. "Delegation Representing Free Ukraine Arrives in US. Kravchuk Meets with Bush, Addresses UN Assembly". *Ukrainian Weekly*, 6 de outubro de 1991, p. 1.
- 284 "Meeting with Leonid Kravchuk, Ukrainian Supreme Soviet Chairman", 25 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-25--Kravchuk.pdf.
- "Meeting with Soviet Foreign Minister Boris Pankin During the UNGA", 24 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bush.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-24--Pankin.pdf.
- BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998.
- KOLOMAYETS, Marta. "Kravchuk Delegation in US Capital Emphasizes Ukraine's Independence". *Ukrainian Weekly*, 6 de outubro de 1991, p. 1.
- Entrevista de Leonid Kravchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011.
- ZLENKO, Anatólii. *Dyplomatiia i polityka. Ukraina v protsesi dynamichnykh heopolitychnykh zmin*. Carcóvia: Folio, 2003, pp. 239-240.
- 285 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 544-545.

Conversa com Manfred Woerner (secretário-geral da OTAN), 27 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-27--Woerner.pdf.

CAPÍTULO 11

A arca russa

“EU AGRADEÇO DO fundo do coração”, disse Bóris Iéltzin a George Bush antes de recolocar o fone no gancho. O presidente americano tinha ligado para saber sobre sua saúde e oferecer assistência médica. Era 25 de setembro, início da tarde na Rússia. Alguns dias antes, Iéltzin, ainda exausto de sua trombada com o destino em agosto, sentira dores no peito. As férias breves que havia tirado semanas antes não melhoraram seu estado. Ele precisava de mais tempo de descanso. “Eu li no jornal que o senhor pode precisar de atendimento médico”, disse o americano quando ouviu a voz de Iéltzin no outro lado da linha. “Gostaria de lhe oferecer as melhores instalações hospitalares de Washington, se for de seu agrado.”

Depois do colapso do golpe de Estado, George Bush havia adotado a prática de telefonar para os dois presidentes do Kremlin, Gorbatchov e Iéltzin. “Nós sabíamos que Gorbatchov estava se debilitando e que Iéltzin se fortalecia, e o presidente Bush começou a cuidar de nossas relações com ambos”, recordou Nick Burns, o funcionário do Conselho de Segurança Nacional que frequentemente tomava nota dos telefonemas do presidente americano para Moscou. “Fizemos um esforço muito equilibrado para colaborar com Gorbatchov e Iéltzin. Assim, toda vez que conversava com um, o presidente Bush procurava arrematar com uma ligação para o outro.” Iéltzin ficava visivelmente comovido com tais sinais de atenção. “Senhor presidente, obrigado”, disse ele a Bush no final da conversa telefônica de 25 de setembro. “Estou muito agradecido. Obrigado por sua atenção. Não encontro palavras para agradecer.” Os dois políticos combinaram não revelar à imprensa a substância de sua conversa para, como disse o presidente russo, “não preocupar muito as pessoas”.²⁸⁶

Naquele dia, os russos leram relatos na mídia não sobre a saúde de Iéltzin, mas sobre seus êxitos diplomáticos no norte do Cáucaso, onde ele e Nursultan Nazarbayev, do Cazaquistão, haviam negociado um cessar-fogo entre o Azerbaijão e a Armênia em Nagorno-Karabakh, o lugar do primeiro conflito

étnico a irromper na União Soviética na época da *perestroika*. “Nós tivemos uma missão difícil em Nagorno-Karabakh, mas levamos os dois lados à mesa e assinamos um protocolo”, contou Iéltzin a Bush por telefone. Também o informou de que tiraria umas férias curtas novamente. Naquele dia, o porta-voz presidencial Pavel Voshchanov declarou que Iéltzin sairia de férias “não para descansar, mas para trabalhar em seus planos adicionais e em um novo livro em ambiente calmo”.

O descanso e a necessidade de tratamento médico eram, na realidade, os principais motivos de sua ausência da capital pela segunda vez em menos de um mês. Iéltzin hospedou-se numa mansão do governo, chamada Botcharov Rutchei, nas proximidades de Sótchi, à beira do mar Negro. Não fez avanços substantivos em seu novo livro de memórias, mas teve muito tempo para pensar em “planos adicionais” e discuti-los com numerosos visitantes. O chefe da segurança pessoal de Iéltzin, Alexander Korzhakov, organizou partidas de tênis e saunas russas para o presidente, mas chegaram boatos a Moscou segundo os quais ele estava bebendo demais. “Dizem que fica completamente bêbado”, observou o consultor de Gorbatchov, Anatoly Tcherniaiev, em seu diário. “E a única ambulância da pequena cidade está a postos perto da *datcha*.”²⁸⁷

Fossem os boatos verdadeiros ou não (e não se esperava que os assessores de Gorbatchov se mostrassem muito cordiais com Iéltzin), o desaparecimento do presidente russo deu-se num momento infeliz para o novo governo. “Foi como se Napoleão tivesse ido compor poemas na Riviera depois de derrotar os exércitos austríaco e russo em Austerlitz”, comentou um aliado do presidente no parlamento russo. “O país estava a caminho do colapso”, recordou o principal conselheiro de Iéltzin na época, Gennady Burbulis. Com o governo da União em pandarecos e o governo russo ainda sem o controle, ninguém respondia por nada. “E aquela situação de poder sem poder, de responsabilidade sem recursos, podia alongar-se indefinidamente”, argumentou Burbulis muitos anos depois. “De um modo ou de outro, era preciso estabelecer rapidamente um governo efetivo, mas Iéltzin preferia repousar em Sótchi.”²⁸⁸

Iéltzin deixara três centros de poder concorrentes, um em torno de Mikhail Gorbatchov e dois outros dentro de seu próprio governo. Na ausência do líder, eles se atacaram. Uma parte do governo russo queria tomar um rumo radical de reforma, o que significava cortar os vínculos econômicos com as demais repúblicas. A outra queria avançar lentamente, coordenando os esforços da Rússia com as ações da antiga União. Gorbatchov, por sua vez, queria restaurar a União com um nome novo e um centro tão forte quanto possível. Enquanto

reinava a confusão entre as autoridades centrais, as repúblicas da União deixaram de transferir impostos a Moscou, usando seu recém-adquirido direito para comprar produtos industriais na Rússia. A alimentação se transformava cada vez mais num problema nos centros industriais russos. Outubro viria a ser o mês crucial na decisão do curso do país e das perspectivas da União Soviética. Iéltzin precisava optar. Mas não tinha pressa.²⁸⁹

A discórdia dentro do governo russo tornou-se pública em 27 de setembro, com a renúncia de Ivan Silaiev, o premiê russo que desde o fim de agosto vinha acumulando o posto de chefe do governo interino soviético. Ele se viu numa situação impossível, representando simultaneamente o centro e a maior república da União. Os líderes das outras repúblicas o acusavam de favorecer a Rússia, ao passo que os membros do governo russo afirmavam que ele protegia os interesses do centro. Os ataques a Silaiev vindos de dentro de seu próprio governo se intensificaram quando ele publicou uma carta recomendando a suspensão de vários decretos de Iéltzin concernentes à aquisição de propriedades da União e à introdução de taxas alfandegárias russas. Silaiev queria que os decretos, muitos promulgados imediatamente após o golpe de agosto, fossem suspensos até que as demais repúblicas fossem consultadas. Seus adversários consideraram a carta como uma tentativa de restaurar o antigo centro.²⁹⁰

Forçado a escolher entre a Rússia e a União, Silaiev acabou ficando com a última. Para decidir, recebeu ajuda do próprio Iéltzin, que o chamou em meados de setembro e sugeriu-lhe que se encarregasse da administração econômica da União. No topo da pirâmide de poder russa, Silaiev perdeu uma batalha burocrática para o *entourage* imediato de Iéltzin, formado por conterrâneos de Sverdlovsk que o presidente levava para Moscou. Em conversa particular com James Baker, Nursultan Nazarbayev chegou a chamá-los de “máfia de Sverdlovsk”. Nesse grupo estava a segunda pessoa mais influente da Rússia depois de Iéltzin, o secretário de Estado Gennady Burbulis, assim como o diretor da administração presidencial e o primeiro vice-chefe de governo. Enquanto Silaiev advogava uma abordagem cautelosa da reforma e sua coordenação com as outras repúblicas, Burbulis defendia aquilo que ficou conhecido como “terapia de choque”, propondo um esforço reformista agressivo associado à rápida liberação dos preços e a um brusco declínio inicial do padrão de vida, procedimento que tinha sido aplicado com sucesso na Polônia.²⁹¹

Burbulis e seus aliados – entre os quais figuravam o ministro das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, e o ministro da Informação, Mikhail Poltoranin –

punham os interesses da Rússia em primeiro lugar, procurando tomar o máximo de poder do centro e fazê-lo o mais depressa possível. Não estavam dispostos a retardar a reforma russa para facilitar a adaptação das repúblicas que rejeitavam sua estratégia ou que estavam despreparadas para acompanhar a Rússia no caminho da rápida transformação econômica e social. Burbulis depositava suas esperanças na reforma em um grupo de jovens economistas que, desde o fim de agosto, vinha trabalhando na avaliação da situação econômica.²⁹²

Os economistas estavam reunidos num *resort* do governo no povoado de Arkhangelskoye, no qual, em 19 de agosto, Iéltzin e seu *entourage* foram despertados para a notícia do golpe de Estado em Moscou. O grupo era chefiado por Yegor Gaidar, um acadêmico promissor de 35 anos que, nos anos da *perestroika*, tinha sido editor econômico das duas principais publicações do Partido Comunista, a revista *Kommunist* e o jornal *Pravda*. O jovem Gaidar, de rosto redondo, nasceu no mundo do privilégio soviético. Seus dois avôs eram escritores famosos. Um deles, Arkadi Gaidar, era o mais popular autor soviético de literatura infantojuvenil; todos os adolescentes do país liam seu best-seller *Timur e seu time*, de 1940, que descreve as batalhas do principal personagem do livro, Timur, contra uma gangue de adolescentes numa colônia de *datchas* nas imediações de Moscou. Timur era o nome do filho de Arkadi Gaidar e pai de Yegor Gaidar, que veio a ser um oficial graduado da Marinha soviética e correspondente militar do *Pravda*. Yegor passou boa parte da infância e da juventude no exterior, primeiro na Iugoslávia e depois em Cuba, onde seu pai esteve alocado como repórter.

Em 1980, Yegor Gaidar formou-se na prestigiosa Universidade de Moscou com pós-graduação em economia, ingressou no Partido Comunista e passou a trabalhar em institutos econômicos e *think tanks* na capital. Sua principal obsessão passou a ser a reforma econômica soviética, que moldou a partir das transformações de mercado então realizadas na Iugoslávia e na Hungria. A *perestroika* possibilitou-lhe popularizar suas opiniões reformistas nas principais publicações do partido. Ele também criou um instituto de pesquisa próprio e alçou-se a líder de um pequeno grupo de jovens economistas que desenvolviam um programa de reforma para o governo da União. Segundo o consultor econômico de Gorbatchov, Vadim Medvedev, Gaidar “participou de muitas análises da situação e sessões de *brainstorming* no aparato presidencial”. Gorbatchov passou meses maturando a ideia de reforma econômica radical e até chegou a dar apoio a um “Plano de 500 Dias” para a transição para o mercado, proposto em agosto de 1990 por uma equipe de economistas chefiada por

Stanislav Chatalin. Por fim, conformou-se com uma versão aguada sem mecanismo nem programa de implementação.²⁹³

Depois do fracassado golpe de agosto de 1991, a administração presidencial russa passou a ser o cliente principal de Gaidar. Seu mais importante contato e patrocinador era Gennady Burbulis, que ele conheceu na sitiada Casa Branca enquanto defendia a nascente democracia russa. No final de agosto, esteve entre os primeiros partidários da tomada de posse das instituições da União pelo governo russo, que ele enxergava como a única esperança de continuidade da União. “Gorbatchov deve desistir imediatamente de seu cargo e o transferir a Iéltzin como presidente da maior república da União”, disse Gaidar posteriormente, descrevendo seu cenário para salvar o império. “Iéltzin deve subordinar legitimamente as estruturas da União a si e, fazendo uso de sua autoridade então absoluta como líder de toda a Rússia, assegurar a fusão dos dois centros de poder.”

Essa visão não se realizou na época, fato que Gaidar atribuiu à indecisão e à passividade do governo russo. Algumas semanas depois, o mesmo governo deu a ele e sua equipe uma oportunidade inimaginável para testar seus modelos econômicos e enfim passar das palavras para a ação na esfera da reforma do mercado. Havia meses que eles pressionavam por uma oportunidade assim, mas o governo Gorbatchov procrastinava. Agora a situação era tão ruim que o governo russo era obrigado a agir. Gaidar e seu grupo mergulharam no trabalho. Acreditavam que, se não se fizesse alguma coisa imediatamente para estabilizar a situação, o colapso da economia seria não só inevitável, como também irreversível em um ou dois meses.²⁹⁴

Como escreveu Gaidar ulteriormente, muito cedo ficou claro para ele e seu círculo que “não pode haver união econômica efetiva sem união política; e, obviamente, não havia a menor possibilidade de restaurar uma [união] rapidamente”. Por isso, concluíram que a Rússia tinha de seguir sozinha. Sua primeira prioridade foi liberar os preços, a fim de reavivar os mercados em colapso e criar incentivos para que as empresas estatais e coletivas voltassem a comerciar. Contudo, a liberalização levaria inevitavelmente a um colapso do sistema financeiro, a não ser que o governo procedesse a uma redução drástica de despesas, cortando inclusive os subsídios a produtos alimentícios. Isso podia gerar uma explosão social, mas os jovens economistas acreditavam que nem eles nem os políticos tinham outra opção viável e que precisavam assumir o risco. Esperavam que a terapia de choque desse a partida na economia agonizante, abrindo caminho para a privatização da propriedade estatal e para uma transição

completa para a economia de mercado.²⁹⁵

Acompanhado por outros membros do governo, Burbulis visitou Gaidar e sua equipe no resort de Arkhangelskoye e concluiu que não havia alternativa para a terapia de choque. Se Iéltzin não tentasse implementá-la, apesar dos riscos óbvios, sua popularidade se evaporaria em breve, como acontecera a Gorbatchov, e uma revolução popular o tiraria do cargo, assim como a seu *entourage*. Burbulis pediu informações pormenorizadas, e Gaidar e os jovens economistas ofereceram suas estimativas e propostas. Depois de discuti-las no Conselho de Estado Russo, Burbulis viajou a Sótchi para “vender” ao presidente o plano de salvar a economia russa e a própria presidência de Iéltzin. O documento que levou se intitulava “Estratégia da Rússia para o Período de Transição”, mas ficou mais conhecido como o Memorando Burbulis. Ninguém sabia como Iéltzin reagiria ao plano. “Todos aguardaram, não em dias, mas hora a hora, para ver o que aconteceria por lá”, recordou Burbulis mais tarde.²⁹⁶

Os dois passaram longas horas na praia, à beira do mar Negro, discutindo o plano. Alexander Korzhakov supriu-os de comida. “A situação era realmente extrema, uma vez que o legado herdado era monstruoso”, lembrou Burbulis. “E Bóris Nikoláievitch entendeu isso muito bem.” Sentado numa espreguiçadeira, o secretário de Estado afirmou que o plano econômico de Gaidar era a única esperança.

A primeira reação de Iéltzin foi uma brusca recusa: “Não posso fazer isso. O que você quer dizer?”

Burbulis insistiu e posteriormente resumiu sua reação: “O bom era que, nos documentos de Gaidar, a ideia vinha imediatamente acompanhada por medidas e por um instrumento. Uma lei, depois um decreto; um decreto, depois uma lei, depois uma resolução. Deixara claro o que estava sendo proposto e como fazê-lo.”

Uma das premissas fundamentais de Gaidar era que a Rússia não tinha condições de subsidiar as outras repúblicas, pois os recursos russos eram necessários para superar a crise em curso e dar um grande salto para a economia de mercado sem causar transtornos sociais. Isso, por sua vez, levantava questões sobre a necessidade de um centro da União, em termos não apenas políticos como econômicos. “Objetivamente, a Rússia não precisa de um centro econômico acima dela e ocupado com a redistribuição de seus recursos”, dizia o memorando. “Porém, muitas outras repúblicas estão interessadas nesse centro. Tendo obtido o controle das propriedades em seu território, elas tentam usar as agências da União para redistribuir as propriedades e os recursos russos segundo

seu próprio interesse. Uma vez que tal centro só pode existir com o apoio das repúblicas, ele levará a cabo, independentemente da composição de seus quadros, uma política contrária aos interesses da Rússia.”

A certa altura, Burbulis perguntou a Iéltzin: “O que faremos com as repúblicas?”. Porém, ele mesmo tratou de responder: “Vamos cooperar moderadamente com elas, mas não temos comida nem bebida a oferecer.”

Iéltzin finalmente começou a se inclinar na direção da proposta de Burbulis. “Só há esse jeito e nenhum outro?”

Burbulis foi taxativo: “Nenhum outro.”

Iéltzin tornou a perguntar: “Não há nenhuma outra possibilidade?” Burbulis disse que não. O presidente enfim se deu por vencido: “Se não há nenhum outro modo, então é assim que vamos proceder.”

Em Sótchi, Burbulis encontrou-se com membros do grupo rival no governo russo, constituído por aliados de Silaiev, que estavam tentando convencer Iéltzin a adotar uma estratégia mais cuidadosa, mas ele retornou a Moscou com uma nova esperança no futuro. Se Iéltzin colocasse em prática o memorando de Burbulis, a Rússia embarcaria em algo sem precedentes em sua história: em vez de pôr o império em primeiro lugar, começaria a construir sua própria arca para sobreviver ao dilúvio iminente.²⁹⁷

Como havia acontecido em agosto de 1991, a inesperada partida de Iéltzin da capital criou uma oportunidade política para Gorbatchov, que tanto queria voltar ao centro do palco da política soviética. O principal instrumento com que contava era a ideia de um novo tratado de união, o qual queria que os líderes das repúblicas assinassem o mais depressa possível.

Sua primeira reunião pós-golpe com Iéltzin e os líderes das outras repúblicas, ocorrida em 23 de agosto, não deixara dúvidas de que agora tanto a antiga União quanto o antigo tratado de união, que haviam desencadeado o *putsch*, estavam mortos. Nos dias subsequentes à reunião, Gorbatchov chamou um de seus principais conselheiros, Georgui Chakhnazarov, e perguntou se ele estava preparando um novo tratado de união. A pergunta surpreendeu ao homem: “Não me passou pela cabeça fazê-lo.” Ele duvidava que fosse possível retomar as negociações.

Gorbatchov disse com firmeza: “Se ficarmos de braços cruzados, vamos perder tudo. Eles vão dilacerar o país.” Chakhnazarov observou que agora as repúblicas iam querer mais do centro. “Sem dúvida”, respondeu o presidente soviético, “mas devemos explicar-lhes que, sem a União, nenhuma república

sobreviverá. Nem mesmo a Rússia. Será ruim para todo o mundo”.²⁹⁸

Em 10 de setembro, enquanto James Baker estava em Moscou, Gorbatchov convenceu Iéltzin a reintegrar o processo de negociação. O presidente russo concordou sob a condição de que o novo tratado de união criasse uma confederação, uma entidade descentralizada na qual o centro trataria principalmente de questões de defesa e relações exteriores. Essa também era a posição de Kravtchuk e, após o colapso do golpe de Estado, de Nursultan Nazarbayev. Posto que quisesse uma nova união, e não uma confederação, Gorbatchov não teve escolha senão aceitar a oferta de Iéltzin. No fim de setembro, com este fora de Moscou, Chakhnazarov se encontrou com Burbulis e o consultor jurídico de Iéltzin, Serguei Chakhrai, para discutir os parâmetros do novo tratado. Burbulis deu ao conselheiro de Gorbatchov uma introdução à nova ordem de precedência, afirmando que iam longe os tempos em que a “Rússia, como ‘doadora’, salvadora da União, deitava-se na canhoneira para cobrir qualquer rachadura”. A Rússia precisava de tempo para “cuidar de si e reunir forças”.

Burbulis e aqueles que o rodeavam não acreditavam que a tentativa de Gorbatchov de ressuscitar o mercado da União ofereceria solução para os problemas econômicos gerais ou atenderia aos interesses russos. As repúblicas estavam inundando os bancos russos com dinheiro cada vez mais desvalorizado, a fim de drenar os recursos naturais do país. “É por isso que temos de salvar a Rússia e fortalecer sua independência, separando-nos do resto da União”, argumentaram Burbulis e Chakhrai. “Depois, quando a Rússia estiver de pé outra vez, todas [as repúblicas] se unirão a ela, e a questão [da União] poderá ser resolvida novamente”, garantiram para o representante do centro da União. Por ora, os russos queriam uma confederação, e não uma união que os enredasse. Também queriam que a Rússia fosse a sucessora legal da União Soviética, coisa que daria ao país primazia na confederação. Estavam dispostos a trabalhar rumo a essa meta junto ao centro, o qual consideravam um intermediário com as repúblicas. Esse arranjo permitiria a Gorbatchov continuar na política, se não no poder, como disse Burbulis:

Nós entendemos que Gorbatchov é um reformador extraordinário e que está desempenhando um papel importantíssimo no palco mundial, como antes. E, se um processo de negociação for anunciado de acordo com o cenário russo, serão necessárias estruturas de coordenação para produzir uma estratégia de defesa e desenvolver agências diplomáticas. Ninguém pode exercer essa função melhor que Gorbatchov.²⁹⁹

Traduzida para linguagem simples, a proposta de Burbulis significava que a aquisição revolucionária do centro pelas instituições russas imediatamente após o *putsch* tinha fracassado. Devido à posição tomada pelos líderes das repúblicas da União e por George Bush, Iéltzin era obrigado a trabalhar com o centro. Seus assessores estavam dispostos a transformar o centro num aliado. Se Gorbatchov cooperasse, podia fornecer um biombo para a hegemonia russa dentro da União e ajudar a mantê-la. A proposta russa baseava-se formalmente em princípios confederativos, correspondendo nesse sentido ao acordo informal entre Iéltzin e Gorbatchov feito semanas antes. Contudo, não era isso que Gorbatchov queria das negociações iminentes. Seu objetivo fundamental era um Estado de união com um centro forte, e ele estava disposto a envidar todo o esforço para obtê-lo.

Enquanto Iéltzin descansava em Sótchi, o presidente soviético em apuros recebia o inesperado apoio de dois vigorosos aliados: Gravril Popov e Anatoly Sobtchak, os prefeitos de Moscou e de São Petersburgo, respectivamente. Os milhões de cidadãos dessas cidades dependiam do fornecimento de produtos alimentícios vindos das repúblicas da União para sobreviver ao inverno, o que exigia a pronta restauração dos vínculos da União. Gorbatchov era sua única esperança para tanto. “Leningrado foi retirada da rede de abastecimento da União e das repúblicas; nós já não recebemos provisões da Ucrânia e do Cazaquistão”, relatou Sobtchak numa reunião do conselho político de Gorbatchov em 2 de outubro. “Com o que nós provemos, eu poderia alimentar dez Leningrados. Se isso não mudar, vou proibir o embarque de tratores para a Ucrânia e suspender o fornecimento para as repúblicas que não cumprirem suas obrigações.” Posteriormente, Vladimir Putin, então assessor de Sobtchak e encarregado das relações exteriores, recordou a raiva de seu chefe em relação ao que se passava em Moscou: “O que eles estão fazendo? Por que destroem o país?”, comentou ele com Putin.³⁰⁰

Embora os líderes republicanos da Rússia, da Ucrânia e do Cazaquistão tivessem sérias restrições aos planos de criar uma nova união, a maior parte concordava quanto à necessidade de um acordo econômico que restabelecesse um mercado comum. Gorbatchov declarou inicialmente que o tratado econômico seria assinado antes de um tratado político. Porém, como faltavam apenas alguns dias para uma reunião dos primeiros-ministros republicanos, marcada para 1º de outubro para discutir o tratado econômico, Gorbatchov mudou bruscamente o curso das negociações e passou a fazer questão de que o tratado político fosse assinado antes do acordo econômico. Sua esperança era de que a necessidade econômica obrigasse os líderes republicanos a endossarem seu esboço de tratado

de união.

Essa mudança repentina criou consternação entre os líderes republicanos e no próprio campo de Gorbatchov. Gregori Iavlinski, o principal arquiteto do acordo econômico, estava disposto a renunciar. Quando ele contou a Anatoly Tcherniaiev o que estava acontecendo, o leal assessor de Gorbatchov explodiu. “O que ele está fazendo? Será que enlouqueceu?”, escreveu Tcherniaiev em seu diário. Ele continuou:

Não haverá tratado de união. Qual é o problema dele? Não vê que a Rússia está provocando isso para que [as outras repúblicas] saltem em todas as direções, e então a Rússia “em isolamento esplêndido” passe a ditar suas condições para “salvá-las”, contornando Gorbatchov, que será completamente desnecessário!!!³⁰¹

Gorbatchov parecia acreditar que podia realizar tais mudanças súbitas porque tanto o presidente russo quanto os líderes republicanos precisavam dele. As repúblicas estavam incomodadas com o comportamento hegemônico de Iéltzin e queriam que o centro contivesse as ambições crescentes da Rússia. Iéltzin, por outro lado, precisava do centro como um instrumento com o qual influenciar o comportamento das repúblicas. Sentindo a mudança na situação política, Gorbatchov começou a usar sua tática de ameaça de renúncia, que tinha dado tão certo com os *apparatchiks* do partido. “Eu não vou participar do enterro da União”, disse ele ao presidente russo dias antes de sua partida para Sótchi. A tática não funcionou. Na verdade, o tiro saiu pela culatra. Nazarbayev, o anfitrião do fórum econômico que se realizou em 1º de outubro de 1991, rejeitou a proposta de Gorbatchov sobre vincular os acordos econômico a uma união política, afirmando que o acordo econômico seria principalmente entre as repúblicas. Gorbatchov foi efetivamente excluído da reunião, que acabou sendo um sucesso. Nela, os primeiros-ministros de oito repúblicas soviéticas, inclusive a Rússia e o Cazaquistão, endossaram um tratado destinado a restaurar os laços comerciais e econômicos entre as repúblicas.³⁰²

Como fizera com frequência no passado, Gorbatchov recusou-se a se dar por vencido e fez questão de acrescentar um tratado político à pauta da reunião entre o Conselho de Estado marcada para 11 de outubro, que envolveria os mandatários das repúblicas e discutiria a cooperação econômica. Também mandou seus assessores enviarem às repúblicas o novo rascunho do tratado de união. Preparado por Chakhnazarov e por Serguei Chakhrai, que representava

Iéltzin, o esboço refletia uma visão confederativa. Porém, antes de enviá-los às repúblicas, Gorbatchov cobrou mais alterações, substituindo as referências a uma “união de Estados” por “Estado da união”, adicionando provisões para uma Constituição da união e planejando a eleição de um presidente da união por voto popular, e não pela assembleia parlamentar. Chakhnazarov se opôs a fazer quaisquer mudanças, lembrando-o de que ele já concordara com uma confederação, que significava “união de Estados”, não um “Estado da união”. Contrariado, Gorbatchov retrucou: “Quer me ensinar? Não preciso de que você me diga nada. Isso eu estudei na faculdade. [...] A questão agora não é o palavreado, e sim a essência da matéria. Tenha a bondade de escrever ‘Estado da união’. Não quero ouvir nenhuma objeção.” O esboço com as alterações foi enviado às repúblicas.³⁰³

Para a grande decepção de Gorbatchov, o tratado político foi removido da pauta da reunião do Conselho de Estado em 11 de outubro. Leonid Kravtchuk, da Ucrânia, disselhe que o parlamento de seu país tinha votado pela suspensão de sua participação nas negociações do novo tratado da união até o referendo de 1º de dezembro, quando os ucranianos decidiriam pela independência ou não. Gorbatchov ficou visivelmente contrariado com essa importante mudança na posição da Ucrânia. Antes disso, Kravtchuk participara das discussões sob a premissa de que, se o referendo não confirmasse o voto do parlamento pela independência, a Ucrânia ingressaria na União, que ele próprio encarava como uma confederação. Agora, porém, a Ucrânia se retirava inteiramente das negociações. Gorbatchov propôs que o Conselho de Estado emitisse um apelo ao parlamento ucraniano, pedindo-lhe que suspendesse sua decisão sobre não participar da preparação do tratado.

“O parlamento ucraniano confirmará sua decisão”, respondeu Kravtchuk.

“Deus esteja com vocês, e nós estaremos de alma limpa!”, foi a resposta de Gorbatchov.³⁰⁴

Com a proposta de união política excluída da discussão, o acordo econômico passou a ter posição central nas deliberações do Conselho de Estado. A apresentação do acordo foi feita por Gregori Iavlinski, o principal conselheiro econômico de Gorbatchov, em sua terceira tentativa de convencer os donos do poder a aceitarem sua visão da transformação econômica. A primeira havia sido feita em 1990, com o desenvolvimento do “Plano de 500 Dias” para a transformação de mercado da economia soviética. Depois de acatar inicialmente o programa, Gorbatchov o abandonou no outono daquele ano. Em julho de 1991, trabalhando com Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard, Iavlinski havia

preparado outro plano de reforma econômica a ser apresentado na cúpula do G7 em Londres, mas a proposta foi descartada pelos principais líderes mundiais por ser insuficiente. Agora Iavlinski apresentava um plano revisto e adaptado às novas circunstâncias da União, que se encontrava em ruínas.

Anatoly Tcherniaiev, que participou da reunião, achou excelente o trabalho de Iavlinski, que apresentou um esboço do tratado ao conselho. Classificou seu desempenho de “instrutivo e culto para os presidentes republicanos analfabetos”. Tcherniaiev ficou assombrado com o que encarou como incapacidade dos líderes republicanos de entenderem os princípios básicos da economia de mercado. “O primitivismo é impressionante”, registrou em seu diário. Com toda a razão, o assessor de Gorbatchov também observou que poucos líderes republicanos, que haviam ascendido nas fileiras do partido sob o comando soviético, tinham um bom conhecimento dos princípios da economia de mercado. Contudo, mostraram entender claramente os interesses de suas repúblicas e seus próprios interesses como líderes quando fizeram questão do controle republicano conjunto sobre o banco central, apesar do esforço enorme de Iavlinski para persuadi-los do contrário.³⁰⁵

A posição assumida pelos líderes das repúblicas não era um bom presságio para o espaço financeiro comum e não caiu bem a Tcherniaiev nem a Bóris Pankin, o ministro das Relações Exteriores soviético (e também um produto do *establishment* liberal de Moscou), ambos presentes na reunião. Mais tarde, Pankin expressou em suas memórias o choque que sentiu quando acompanhou os debates no Conselho de Estado, observando o outrora todo-poderoso centro “espremido numa única sala, e mais da metade dele representada pelos líderes das repúblicas independentes” e vendo com horror os novos líderes definirem o destino do que restava de seu país. “Quem eram aqueles homens novos e desconhecidos no Conselho de Estado? Quem eram aqueles novos cãs das regiões mais remotas da União Soviética?”, escreveu ele posteriormente.

Pankin caracterizou Kravtchuk, que lembrava um dos personagens de Nikolai Gogol, como um homem “rechonchudo” com um “forte senso de autossatisfação e autoimportância”. Ayaz Mutalibov, o líder do Azerbaijão, deu-lhe a impressão de ser um “menino de rua brigão que cresceu e perdeu o contato com os companheiros, mas não se livrou totalmente dos antigos hábitos”. Saparmurat Niyazov, do Turcomenistão, lembrava “um diretor de uma grande fazenda coletiva”, e Askar Akáiev, do Quirguistão, “um educador local da década de 1920”. Na verdade, Akáiev, de 46 anos, era um destacado especialista soviético em ótica e ex-diretor da Academia Quirguiza de Ciências. Também foi o único

presidente centro-asiático que se opôs ao golpe de Estado. Para Pankin, todos os presidentes republicanos eram provincianos sem a menor ideia de como governar um grande país.³⁰⁶

Pankin e Tcherniaiev ficaram desesperados. Durante décadas, eles e sua coorte de *apparatchiks* educados e de mentalidade liberal haviam sido obrigados a servir a chefes do partido enviados a Moscou pela elite partidária provinciana. Em Gorbatchov, finalmente, haviam encontrado um provinciano com uma assombrosa capacidade de aprender e de mudar tanto a si próprio quanto ao país de acordo com os padrões deles. Contudo, Gorbatchov estava naufragando rapidamente, junto com o país que eles adoravam. Diante de seus olhos, o poder passava para um bando de administradores coloniais que eles consideravam ainda mais incultos que a velha elite, que adquirira alguns elementos de sofisticação imperial depois de passar anos em Moscou. Os bárbaros estavam conquistando Roma.

Iéltzin, que regressara a Moscou após as férias em Sótchi, passou a maior parte da reunião do Conselho de Estado em silêncio. “Durante as seis horas do Conselho de Estado, Iéltzin, taciturno como ele costumava ser no politburo, não abriu a boca”, apontou Tcherniaiev em seu diário. O presidente russo tinha um bom motivo para essa atitude. Posto que houvesse endossado privadamente o Memorando Burbulis, que punha a Rússia no caminho da reforma econômica independentemente dos desejos e das necessidades econômicas das outras repúblicas, não tinha condições políticas de se opor ao acordo, que permitia às repúblicas emitir moeda nos seus próprios termos e, como acreditava Burbulis, inundar a Rússia com rublos sem valor e exaurir-lhe os recursos. Uma razão para o silêncio de Iéltzin era seu governo ainda estar dividido na questão da reforma econômica. Outra razão era a promessa que fizera a Gorbatchov sobre apoiar o acordo econômico. E ainda havia a promessa feita ao presidente dos Estados Unidos.

George Bush havia telefonado inesperadamente para Iéltzin em Sótchi na noite de 8 de outubro, dois dias antes do retorno do líder russo a Moscou, e repetido seu convite anterior sobre tratar-se nos Estados Unidos, se necessário. Porém, esse não era o principal motivo da ligação. A Casa Branca estava alarmada com a notícia transmitida pela embaixada americana em Moscou indicando que o governo russo estava retirando seu apoio ao tratado econômico. “Claro que é um assunto interno, e nada que seja da minha conta”, disse Bush, “mas eu gostaria de compartilhar uma ideia com o senhor. Uma união econômica voluntária pode ser importante para esclarecer quem é dono do quê, quem é responsável,

facilitando assim a ajuda humanitária e qualquer investimento que estejam por vir”. Bush tentava persuadir o presidente russo a entrar na união econômica com a promessa de assistência humanitária.

Iéltzin reconheceu que seu governo estava dividido quanto a essa questão, mas prometeu fazer o possível para assinar o tratado econômico. Conhecendo o apego do americano a Gorbatchov, ou talvez até suspeitando que Bush estivesse agindo a pedido dele, Iéltzin frisou que estava colaborando com o presidente soviético. “Eu telefonei para o presidente Gorbatchov”, contou ele, “e nós concordamos que, em 11 de outubro, estaremos juntos em Moscou, ouviremos os relatórios, e então a Rússia assinará o tratado”. Iéltzin apresentou tal coisa como um verdadeiro sacrifício dos interesses russos. “Nós entendemos que temos muito pouco a ganhar; aliás, até podemos perder”, disse ele, “mas vamos assiná-lo por causa do objetivo político maior de salvar a União. Como presidente, eu tenho esse direito, ainda que seja difícil submetê-lo à aprovação do Soviete Supremo”.³⁰⁷

Aparentemente, o líder russo cumpriria a promessa feita a Bush. Na noite de 18 de outubro, foi ao Kremlin, assim como os líderes das outras repúblicas, para assinar o tratado que declarava a criação de uma comunidade econômica de “Estados independentes”. Chegou-se a um compromisso incômodo sobre o controle do banco central e a cunhagem de moeda, decidindo-se que o banco da União seria administrado por uma comissão de representantes dos bancos central e republicanos, mas que cada um teria de aceitar limites à quantidade de moeda que podiam emitir. Entretanto, não havia indicação de que Iéltzin pretendesse honrar o tratado, pois ele disse imediatamente que a Rússia somente o ratificaria se também fossem assinados trinta acordos adicionais sobre questões específicas importantes para ela.³⁰⁸

Nesse mesmo dia, o presidente russo havia feito um discurso que praticamente sabotara a restauração da antiga União, anunciando que a Rússia interromperia o financiamento da maioria dos ministérios da União, observando que “a tarefa é eliminar os restos das estruturas imperiais unitárias e criar estruturas inter-republicanas baratas”. Em setembro, a Rússia nacionalizara as empresas de petróleo e gás em seu território e se apoderara da renda com que elas antes contribuía para os cofres da União. Enriquecendo a Rússia e levando a União à falência, os líderes russos obtiveram uma poderosa arma nova a ser usada contra o centro. Na metade de outubro, o parlamento russo aprovou a declaração de que as decisões dos órgãos da União, inclusive do Conselho de Estado de Gorbatchov, não incluíam a Federação Russa. Iéltzin promulgou um decreto

semelhante referente ao Gosplan, o órgão de planejamento econômico da União. O telefonema de Bush fez com que ele assinasse o acordo econômico, mas o presidente americano nada podia fazer para garantir que o presidente russo o honrasse ou que seus atos não levassem a um enfraquecimento ainda maior da União.³⁰⁹

Yegor Gaidar estava em Roterdã a convite da Universidade Erasmo quando recebeu um telefonema urgente dizendo-lhe que voltasse para a Rússia, pois Iéltzin queria vê-lo. Ele sabia que a ligação podia significar o fim de sua vida confortável de consultor acadêmico e o início da talvez mais impopular e dolorosa reforma da história russa. Embora não esperasse supervisioná-la, não estava disposto a rejeitar a possibilidade. Quando contou ao pai o que o aguardava, o velho, que tinha sido correspondente militar em Cuba e no Afeganistão, não pôde ocultar o horror. Educado no dogma stalinista de que liberdade significa o reconhecimento de necessidades, o pai deu seu consentimento: “Se você tem certeza de que não há outra saída, faça o que achar melhor.”³¹⁰

Tal como Burbulis e seu *entourage*, Gaidar acreditava que o plano por eles proposto era a única maneira de escapar ao colapso econômico. Também acreditava que Iéltzin era o único político disposto a se arriscar e implementar suas reformas. “Para um político, Iéltzin tem um entendimento decente de economia e geralmente sabe o que se passa no país”, escreveu Gaidar, registrando suas primeiras reações à reunião que tivera com o presidente russo ao regressar de Amsterdã. “Ele compreende o risco tremendo associado ao início das reformas e compreende o quanto é suicida ficar passivo e esperar os desdobramentos.” Os amigos de Gaidar achavam que ele estava enfeitiçado pela personalidade de Iéltzin e passaria anos entregue a esse encanto.³¹¹

Iéltzin não ficou menos impressionado com seu jovem visitante, vendo nele um representante da *intelligentsia* russa que, “ao contrário dos enfadonhos burocratas da administração do governo, não esconderia suas opiniões”, e sim as defenderia a qualquer preço. Outra qualidade que Iéltzin achava atraente em Gaidar era sua capacidade de explicar questões econômicas complexas em termos simples. “Ouvindo-o”, escreveu, “começamos a enxergar o caminho que precisávamos seguir”. Ele também tinha um programa que ninguém mais propunha e estava cercado por um grupo de pessoas dispostas a implementá-lo, pensando em uma reforma rápida e decisiva, que produzisse resultados dentro de um ano. Ademais, Gaidar o levava a acreditar que, se não fizesse algo drástico

com a economia, ele teria o destino de Gorbatchov, que vivia prometendo reforma e não a fazia.³¹²

Burbulis, que havia apresentado Gaidar a Iéltzin, acreditava que eles tinham forjado imediatamente um vínculo cultural. Como a maioria dos soviéticos de sua geração, Iéltzin conhecia e admirava os escritos do avô paterno de Gaidar, Arkadi Gaidar, e, como os naturais da região dos Urais, tinha muita consideração pelos escritos do avô materno de Gaidar, Pavel Bazhov, autor de uma série de contos baseados no folclore dos Urais e intitulados *The Malachite Casket*. “Foi uma conexão raríssima”, disse Burbulis, recordando o primeiro encontro de Iéltzin com Gaidar. “Houve uma percepção repentina; nós éramos da mesma terra, da mesma origem vulcânica, da mesma raiz.” A crescente máfia de Sverdlovsk estava achando recrutas nos lugares mais inesperados.

As raízes comuns mencionadas por Burbulis eram não só geográficas, como também ideológicas. Os dois avôs de Gaidar foram bolcheviques dedicados que lutaram na Revolução de 1917. Burbulis acreditava que Gaidar e Iéltzin compartilhavam a matriz histórica e cultural particular do bolchevismo inicial. “Havia o utopismo, a mitologia da audácia bolchevique e do serviço a uma ideia, que também estão presentes nesse camarada”, observou Burbulis em Gaidar. “E esse código histórico-cultural e socio-romântico. Tudo estava lá em forma comprimida.” Ambos os avôs de Gaidar haviam ajudado a suprimir as revoltas camponesas contra o governo comunista. Agora seu neto optava por levar o país de volta a um mundo em que a propriedade privada defendida pelos camponeses rebeldes teria poder absoluto. Nos dois casos, o processo era extremamente doloroso; ao assalto total bolchevique ao capitalismo seguir-se-ia um assalto semelhante ao sistema econômico comunista. Yegor Gaidar não faria prisioneiros.³¹³

Ainda que tivesse aprovado o Memorando Burbulis na praia de Sótchi, Iéltzin não o publicou e, provavelmente, não tomou uma decisão final antes do encontro com Gaidar. Porém, uma vez tomada essa resolução, os desdobramentos avançaram em uma velocidade arrebatadora. Ele se preparou para apresentar o plano de reforma e solicitou poderes especiais para sua implementação numa sessão do Congresso Russo dos Deputados – o superparlamento russo – marcada para 28 de outubro. Poucos dias antes da sessão, a notícia do conteúdo da reforma e do discurso de Iéltzin chegou ao círculo de Gorbatchov. Em 22 de outubro, o assessor deste, Vadim Medvedev, anotou em seu diário:

Parece que vão anunciar uma liberalização geral dos preços, e isso sem conexão com regulações bancárias mais rigorosas no tocante à circulação da moeda ou a limitações de déficits orçamentários. [...] Os próximos dias mostrarão para onde as coisas irão, mas a liderança russa se inclina obviamente à opção extrema de independência total para a república.³¹⁴

Deixando Gorbatchov sem pistas do que esperar de seu iminente discurso, Iéltzin telefonou para Bush, em 25 de outubro, a fim de informá-lo sobre a importante virada na política russa, “seguindo a tradição de conversarmos sobre os assuntos de grande importância”. Ele disse: “Vou anunciar planos e programas econômicos substanciais e dizer que estamos prontos para avançar rapidamente na liberação dos preços e, ao mesmo tempo, na privatização e nas reformas financeira e agrária. Tudo isso será feito nos próximos quatro ou cinco meses, talvez seis meses. Será um esforço de uma só vez, que aumentará a inflação e baixará o padrão de vida, mas tenho um mandato popular e estou disposto a fazer isso. Teremos resultados no ano que vem.” Iéltzin se ofereceu para enviar seu ministro das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, a Washington, a fim de explicar o plano de reforma russo, e Bush manifestou interesse em conversar com ele. “Parece ser um programa ambicioso. Eu o felicito pela decisão firme”, disse Bush. Os dois terminaram a conversa como velhos amigos, e Iéltzin informou ao americano que as duas semanas de férias lhe tinham feito muito bem. “Estou cheio de energia, jogando tênis, e meu coração vai bem”, garantiu ele. “Estou ótimo.”³¹⁵

Três dias depois da conversa com Bush, em 28 de outubro, Iéltzin dirigiu-se ao parlamento com um discurso que provavelmente foi o mais fatídico de sua curta história. “Eu me volto para vocês num dos momentos mais críticos da história russa”, disse no início do discurso, que durou quase uma hora e se intitulava “Um apelo aos povos da Rússia e ao Congresso dos Representantes do Povo da Federação Russa”. Ele continuou:

Neste momento, está se decidindo como a Rússia e a nação soviética como um todo serão nos anos e nas décadas por vir, como viverão a atual e as futuras gerações de russos. Eu os convoco a entrar incondicionalmente no caminho das reformas profundas e peço o apoio de todos os estratos da população a essa resolução.

Iéltzin declarou que o governo planejava liberar os preços e cortar gastos, inclusive os subsídios aos produtos alimentícios.

A primeira etapa será a mais difícil. Haverá certa redução no nível de vida, mas a incerteza finalmente desaparecerá e uma perspectiva clara surgirá. O principal é que em atos, e não em palavras, nós finalmente sairemos da areia movediça que nos puxa cada vez mais para o fundo. Se

entrarmos hoje neste caminho, teremos resultados já no outono. Se não tirarmos proveito dessa chance real de inverter o curso desfavorável dos acontecimentos, vamos nos condenar à pobreza e vamos condenar um Estado com séculos de história à destruição.

“As reformas na Rússia são o caminho da democracia, não o caminho do império”, prosseguiu Iéltzin, ocupando-se do tema das relações entre o centro da União e as repúblicas. Também anunciou que a Rússia cessaria de financiar a maior parte dos ministérios da União a partir de 1º de novembro, meros três dias depois do discurso. As instituições inter-republicanas seriam limitadas a coordenar as relações entre as repúblicas, e a Rússia não permitiria a restauração do antigo centro todo-poderoso. Porém, Iéltzin não pretendia abandonar a União inteiramente. Ele incentivou a Ucrânia, cuja liderança se recusava a assinar o tratado econômico, a ingressar na união econômica e ameaçou as repúblicas que adotassem uma política de separação “artificial” em relação à Rússia, afirmando que teriam de pagar preços mundiais pelos recursos russos. Disse esperar que as antigas repúblicas soviéticas também assinassem um acordo político. Na ausência de tal acordo, a Rússia se declararia sucessora legal da União Soviética e se apoderaria de todas as instituições e bens da União, uma medida a que se opunham os líderes da Ucrânia e do Cazaquistão, entre outros.³¹⁶

No dia seguinte, Iéltzin pediu ao parlamento russo que lhe outorgasse poderes especiais durante um ano. Não haveria eleições em 1992, fosse qual fosse o resultado da transformação. Ele chefaria o governo e assumiria toda a responsabilidade pelo sucesso da reforma. Todas as suas solicitações foram atendidas. “O presidente mais popular finalmente está disposto a tomar as medidas mais impopulares. O grupo *kamikaze* será liderado por Iéltzin”, dizia o editorial do *Nezavisimaya Gazeta*.

A reação das repúblicas não russas foi cautelosa, na melhor das hipóteses. “O Usbequistão recebe de fora de suas fronteiras sessenta por cento dos bens que consome, e grande parte vem da Rússia”, disse Islam Karimov, do Usbesquistão. “Seremos obrigados a tomar medidas defensivas.” Isso soou como o fim não apenas da União Soviética, como também do acordo econômico que devia manter existente o mercado comum.³¹⁷

A arca russa estava zarpando do porto soviético.

286 “Address to the Nation on Reducing United States and Soviet Nuclear Weapons”, 27 de setembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.Php?id=3438&year=1991&month=9.

Conversa com Mikhail Gorbachov, 17 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da

Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-27--Gorbachev.pdf.

- 287 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 544-545.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, p. 107.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 547.
“Telecon with Mikhail Gorbachev, President of the Union of Soviet Socialist Republics”, 5 de outubro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-05--Gorbachev.pdf.
- 288 GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 530.
- 289 “Telecon with Boris Yeltsin, President of the Russian Republic”, 25 de setembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-09-25--Yeltsin.pdf.
Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
- 290 “Mirotvorcheskaia missiia El'tsina i Nazarbaeva zavershilas'. Podpisano piatistoronnee kommuniike”. *Nezavisimaia Gazeta*, 25 de setembro de 1991.
COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, p. 223.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 997.
- 291 COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, p. 223.
AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. “El'tsin sluzhil nam!”. Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 292 GAIDAR, Yegor. *Collapse of an Empire: Lessons for Modern Russia*. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2007, pp. 228-229.
- 293 “Silaev protiv Silaeva”. *Izvestiia*, 25 de setembro de 1991.
“Beseda glavnogo redaktora Valentina Logunova s chlenom Gosudarstvennogo Soveta Mikhailom Poltoraninym”. *Rossiiskaia gazeta*, 26 de setembro de 1991.
“Silaev vyshel iz kabineta”. *Moskovskie novosti*, 29 de setembro de 1991.
- 294 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 538-539.
STANKEVICH, Sergei. “Ia dumaiu El'tsin dolzhen prosto vybrat'”. *Moskovskie novosti*, 29 de setembro de 1991.
- 295 DUNLOP, John. *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Empire*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1995, pp. 261-464.
Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 328.

AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. "El'tsin sluzhil nam!". Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.

- 296 GAIDAR, Yegor. *Dni porazhenii i pobed*. Moscou: Vagrius, 1997, pp. 1-259.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 219.
- 297 GAIDAR, Yegor. *Dni porazhenii i pobed*. Moscou: Vagrius, 1997, p. 253.
- 298 Ibid., pp. 256-259, 261-264.
- 299 AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. "El'tsin sluzhil nam!". Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print
- 300 Idem.
GORBACHEV, Mikhail. *Poniat' perestroiku*. Moscou: Alpina Biznes Buks, 2006, p. 347.
- 301 SHAKHNAZAROV, Georgy. *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscou: Rossika-Zevs, 1993, pp. 281-282.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 323-324.
- 302 SHAKHNAZAROV, Georgy. *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscou: Rossika-Zevs, 1993, pp. 284-285.
- 303 *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarstva*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 327-328.
"Prem'er ne soglasilsia s ekonomicheskoi politikoi SSSR". *Kurs*, 15 de dezembro de 2011.
Disponível em <http://www.kurs.ru/15/8946>.
- 304 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 992.
- 305 *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarstva*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 323-324, 329.
- 306 SHAKHNAZAROV, Georgy. *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscou: Rossika-Zevs, 1993, pp. 287-289.
YELTSIN, Boris. "Zamechaniia po proektu Soiuznogo dogovora ot 25 oktiabria 1991 g.". Arquivos da Fundação Gorbachov, Fundo 5, nº 3730.01.
- 307 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 997.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 332-333.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, pp. 217-218.

- 308 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 997.
- 309 Ibid., p. 997.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 244.
- 310 “Telecon; with Boris Yeltsin, President of the Republic of Russia”, 8 de outubro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-08--Yeltsin.pdf.
- 311 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 997.
MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 218.
Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 330-353.
- 312 *Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 334, 353-354.
WALKER, Edward W. *Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2003, p. 147.
DUNLOP, John. *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Empire*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1995, p. 267.
- 313 GAIDAR, Yegor. *Dni porazhenii i pobed*. Moscou: Vagrius, 1997, p. 279.
- 314 Ibid., 278-279.
AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. “El'tsin sluzhil nam!”. Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 315 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 124-126.
- 316 AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. “El'tsin sluzhil nam!”. Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 317 *Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 353-354.

CAPÍTULO 12

NO sobrevivente O FINAL DE outubro, a guarda do Palácio Real de Madri, residência oficial do rei da Espanha, recebeu uma solicitação da administração do Estado para que tirasse da parede e guardasse uma de suas pinturas mais magníficas. A tela, que representava Carlos V, imperador do Sacro Império Romano-Germânico e rei da Espanha, não seria restaurada. Ficaria guardada num depósito. O lugar estava sendo arrumado para a inauguração de uma cúpula internacional sobre o Oriente Próximo, marcada para 29 de outubro, e, obviamente, o retrato de um governante cristão que massacrara muçulmanos era inadequado para a ocasião. Vencendo Washington, Cairo, Genebra e Haia, Madri tinha sido escolhida como sede mais apropriada para a primeira reunião de alto nível entre líderes israelenses e palestinos em mais de quarenta anos. Eles haviam concordado em se encontrar com os chefes de Estado do Egito, da Síria e de outros países da região para discutir a paz, no início de um processo que acabaria levando aos Acordos de Oslo, assinados em 1993, e à mais longa paz na história recente de Israel.³¹⁸

Não teria havido a Conferência de Madri sem o novo espírito de cooperação entre os Estados Unidos e a União Soviética, as duas superpotências da Guerra Fria que haviam competido no Oriente Próximo durante décadas, financiando e armando os lados opostos do conflito árabe-israelense. George Bush e Mikhail Gorbatchov patrocinaram a conferência. “O presidente Bush e o presidente Gorbatchov pedem que aceitem este convite”, dizia a carta endereçada aos participantes potenciais, inclusive os chefes de Estado europeus e do Oriente Próximo e a liderança da Organização para a Libertação da Palestina. Todos concordaram em ir ou em enviar delegações de alto nível.

Fora durante a visita de George H.W. Bush a Moscou, em julho, que se decidira organizar uma conferência. A pavimentação do caminho até Madri se iniciara oito meses antes, em novembro de 1990, quando os chefes de Estado europeus se reuniram em Paris com os líderes dos Estados Unidos e do Canadá para aquela que foi apelidada de conferência da Guerra Fria. Eles aproveitaram os acontecimentos recentes na Europa Oriental, como a queda do Muro de

Berlim e o desaparecimento da Cortina de Ferro, para aprovar a Carta de Paris por uma Nova Europa: um documento que formava uma ponte sobre a divisão Leste e Oeste em termos institucionais e ideológicos e lançava um sólido fundamento para o estabelecimento da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa.³¹⁹

James Baker acreditou que, ali e naquele momento, a Guerra Fria chegava realmente ao fim. Sua crença não se baseava tanto na assinatura da Carta de Paris quanto nas ações da União Soviética, cujos líderes concordavam, pela primeira vez desde a Conferência de Yalta, em 1945, em cooperar com os Estados Unidos na solução de uma grave crise internacional causada pela invasão de Saddam Hussein ao Kuwait alguns meses antes. Em Paris, respondendo a um pedido do presidente Bush, Mikhail Gorbatchov concordou em copatrocinar uma resolução proposta pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas que autorizava o uso de força contra Saddam Hussein. Gorbatchov prevaleceu sobre seus conselheiros linha-dura e cumpriu sua palavra, dando a Bush e a uma coalizão de Estados a oportunidade de atacar Saddam, expulsá-lo do Kuwait e sitiar o Iraque.³²⁰

Com a vitória dos Estados Unidos na Guerra do Golfo, o envolvimento americano na região cresceu tremendamente, dando a Washington a oportunidade de pressionar a favor de uma conferência de paz entre Israel e seus vizinhos árabes. A União Soviética apoiou a iniciativa, que ganhou um novo impulso após o malogro do golpe de Moscou e a nomeação de Bóris Pankin para ministro das Relações Exteriores. Os soviéticos, que haviam cortado relações diplomáticas com Israel depois da Guerra dos Seis Dias, em 1967, restauraram-nas em outubro de 1991. Para surpresa de Washington, fizeram isso sem consultar a Síria, sua principal aliada na região. Os fatos no Oriente Próximo seguiam o rumo desejado pelos Estados Unidos. Naquele mês, o presidente Bush comentou a nova política soviética com um dignitário do Oriente Próximo, o emir do Barém: “Nós não imaginamos que eles possam voltar a ameaçar nosso interesse no Oriente Próximo.” James Baker iniciava suas numerosas reuniões com líderes do Oriente Próximo, do primeiro-ministro Yitzhak Shamir, de Israel, ao presidente Hafez al-Assad, da Síria, com a mesma frase confiante: “Os soviéticos continuam inteiramente conosco.”³²¹

Sem dúvida, Mikhail Gorbatchov estava plenamente de acordo com os planos dos Estados Unidos para o futuro do Oriente Próximo, mas os desdobramentos na União Soviética questionavam os compromissos que ele estava prestes a assumir na arena internacional. Aquela situação precária reiterava outro recente

acontecimento dramático. A cúpula de Paris, em novembro de 1990, que abriu caminho para a Conferência de Madri, foi a última conferência internacional a que compareceu a primeira-ministra Margaret Thatcher, da Grã-Bretanha. Enquanto ela participava das negociações na capital francesa, uma votação em seu próprio bloco partidário no parlamento britânico a obrigava a renunciar. Para os britânicos, foi uma reprise da Conferência de Potsdam, no fim da Segunda Guerra Mundial, quando Winston Churchill foi removido abruptamente do cargo de primeiro-ministro pelos eleitores. Agora havia um temor bem fundamentado de que Madri viesse a ser a última conferência internacional de Mikhail Gorbatchov, outro peso-pesado da política internacional.

“Recentemente [chegaram] relatos de que pode ser que ele não fique muito tempo por aqui”, registrou Bush em seu diário na véspera da viagem a Madri. “O informe indica que esse pode ser meu último encontro dessa natureza com ele. O tempo segue adiante.” Minutos antes, havia ditado ao gravador: Está claro para mim que as coisas são muito diferentes do que eram no referente a Gorbatchov e ao Centro. Ele se debilita o tempo inteiro. Estou ansioso por ver em que estado de espírito se encontra. Ele ainda é importante em assuntos nucleares, mas em todas as questões econômicas parece-me que as repúblicas têm se afirmado cada vez mais. Será interessante descobrir seu estado de ânimo. Lembro-me de que, não faz tanto tempo, ele não suportava Iéltzin. Em Camp David [em junho de 1990], deixou claro que achava que Iéltzin não iria a lugar nenhum. Mas agora tudo isso mudou.³²²

Gorbatchov não estava de bom humor quando partiu de Moscou para Madri na tarde de 28 de outubro. Iéltzin ocupava o centro das atenções na capital soviética. A cúpula americano-soviética e a conferência de paz internacional, que normalmente teriam dominado os noticiários, eram assuntos secundários. E, fossem quais fossem as coberturas nos meios de comunicação, geralmente eram desfavoráveis a Gorbatchov. “‘Emissário de um Estado inexistente’ era uma expressão típica nas manchetes da imprensa moscovita”, lembrou o ministro das Relações Exteriores, Bóris Pankin. Gorbatchov era muito sensível a essas afrontas. Em Madri, um repórter fez-lhe uma pergunta inocente: “Quem está em seu lugar em Moscou desde sua partida?” O presidente soviético se ofendeu. “Eu continuo sendo o presidente”, respondeu ele. “Ninguém está no meu lugar. Todos os outros estão fazendo o que devem fazer e exercendo suas funções. (...) Ninguém vai me tirar do jogo.”³²³

Raíssa Gorbatchova concordou em acompanhar o marido nessa viagem a Madri. Havia se recuperado parcialmente do ataque de agosto, mas sua visão

estava prejudicada. A experiência na Crimeia a perseguiria pelo resto da vida. Com Iéltzin agora no Kremlin, ela deixou de ir lá. À medida que o poder de Gorbatchov declinava visivelmente, Raíssa sentia que as pessoas ao redor do marido se tornavam menos corteses que outrora. Teve um conflito com o leal assessor de Gorbatchov, Anatoly Tcherniaiev, que agora evitava a esposa do chefe. Inicialmente, ele se recusou a ir a Madri por esse motivo, mas Gorbatchov o obrigou a ir. No voo, enquanto Tcherniaiev e outros assessores presidenciais discutiam a cúpula, Raíssa lia, sentada num sofá na outra extremidade da cabine.

Seu livro *Minhas esperanças*, publicado nos Estados Unidos em setembro, entrou na lista dos best-sellers do jornal *New York Times*, mas havia pouca gente com quem compartilhar o entusiasmo. Barbara Bush, que a inspirara a escrevê-lo quando a levou à cerimônia de colação de grau no Wellesley College, em junho de 1990, não estaria em Madri. Isso foi suficiente para reduzir o significado do encontro americano-soviético, baixando seu status de uma visita oficial para uma visita de trabalho. Até o fim, os soviéticos não sabiam quem estaria esperando os Gorbatchov quando aterrissassem em Madri. Por fim, chegou ao avião presidencial a notícia de que o primeiro-ministro da Espanha, Felipe González, e sua esposa, Carmen Romero, estariam no aeroporto. “Senti que isso alegrou um pouco o presidente”, recordou Bóris Pankin.³²⁴

González mostrou respeito genuíno pelo presidente soviético. Foi um encontro de dois aliados e confidentes, se não amigos. Gorbatchov tinha uma afinidade natural por González, o filho de um agricultor que se havia tornado secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol e, enfim, primeiro-ministro. González, por sua vez, respeitava muito Gorbatchov. Ao saber do *putsch* em agosto, tomou a atitude mais honrada entre todos os líderes ocidentais. Enquanto François Mitterrand, da França, quase aceitava o golpe como um fato consumado e Bush se mostrava indeciso, González soltou imediatamente um comunicado redigido por ele mesmo, denunciando o acontecido como um golpe de Estado. Em Madri, teve a oportunidade de falar com Gorbatchov: “Mikhail, naqueles dias tive a impressão de que o Ocidente havia aceitado o acontecido como um fato consumado e estava disposto a se resignar com ele.”

González acreditava que, tendo se mostrado dispostos a descartar Gorbatchov, os líderes ocidentais podiam muito bem fazê-lo. “Acho que, hoje, os líderes políticos ocidentais duvidam da capacidade de sobrevivência da União Soviética e, portanto, partem dos cenários possíveis, inclusive a desintegração”, disse ele ao presidente soviético. “É deprimente.” Essas palavras impressionaram tanto Gorbatchov que, alguns anos depois, ele as reproduziu em suas memórias.

Durante seus últimos anos no cargo, enquanto as coisas se deterioravam no país, Gorbatchov se reconfortava com visitas ao exterior e conversas com os amigos ocidentais. Esses tempos estavam chegando ao fim. Mesmo no Ocidente, já não se sentia exatamente em casa. Projetava uma imagem minguada e cada vez mais patética.³²⁵

Alexander M. Haig, ex-secretário de Estado do governo Ronald Reagan, publicou uma espécie de obituário político do presidente soviético: “O Sr. Gorbatchov é o líder de ontem, e muito lhe devemos por não ter recorrido à força para impedir a dissolução do império, mas, no que diz respeito ao futuro, ele é passado.” Os jornalistas americanos e soviéticos sabiam quem estava dirigindo o show em Madri. O jornal *Pravda* publicou um informe em que o chefe do protocolo do Ministério das Relações Exteriores espanhol dizia aos repórteres: “A música é solicitada pelos americanos, o corpo de baile são os participantes da conferência, e nós disponibilizamos o palco.” O mesmo sentimento se expressou num artigo publicado no *New York Times*, que, entre outras coisas, discutia a tenda branca instalada à entrada da embaixada soviética, na qual Bush e Gorbatchov se reuniram antes da conferência. “A tática da tenda diz algo a respeito da diminuição do poder soviético”, escreveu Alan Cowell. “Os americanos a propuseram, os espanhóis a costuraram e os soviéticos a aceitaram.”³²⁶

Gorbatchov se encontrou com Bush num almoço de trabalho no prédio da embaixada soviética em 29 de outubro, o dia seguinte à sua chegada a Madri. O encontro “foi afetuoso e cordial, especialmente diante das câmeras”, recordou Bóris Pankin, o ministro das Relações Exteriores de Gorbatchov. A reunião começou com uma conversa sobre os acontecimentos desde seu último contato pessoal em julho. A discussão naturalmente abordou o golpe, mencionando a insegurança que o presidente soviético sentiu na época.

“Foi uma idiotice tentar derrubá-lo”, disse Bush.

“É o que os generais fazem de vez em quando”, caçoou Gorbatchov, apontando para o general Scowcroft.

“Se Brent Scowcroft quiser meu emprego, ou Baker, podem ficar com ele”, ofereceu o líder estadunidense.

Gorbatchov não achou tanta graça na piada. “Eu não quero largar meu emprego”, disse ele.

A resposta levou Bush a aludir a uma eventualidade que não se podia desdenhar. “Pode ser uma pergunta imprópria, mas você receia uma segunda

tentativa de deposição?”, perguntou ele. Gorbatchov respondeu que acreditava em sua sorte. Depositava esperança na assinatura de um novo tratado de união.

Enquanto ele se esforçava para comunicar seu cauteloso otimismo em relação ao futuro soviético, o presidente americano mostrava-se mais interessado na segurança nuclear que em qualquer outra coisa. Queria reduzir tanto quanto fosse possível os arsenais atômicos soviéticos enquanto Gorbatchov ainda tivesse condições de fazê-lo. “Eu gostaria de saber sua opinião”, disse ele. “Essa é uma situação em que o centro tem um papel e em que você está envolvido.”

O soviético garantiu que não havia nada a temer. “George”, disse ele, “muito do que se ouve na imprensa não é confiável. Pode ser que a imprensa tenha o dever de dizer tais coisas”. Então, prosseguiu alegando que, apesar da retórica política inflada, Leonid Kravtchuk havia comprometido a Ucrânia com a busca do status não nuclear. Nursultan Nazarbayev fizera o mesmo, e, recentemente, Iéltzin se confessara favorável ao controle central sobre as Forças Armadas.³²⁷

Porém, se as armas nucleares estavam no topo da agenda americana, o dinheiro era a grande prioridade soviética. Gorbatchov queria assistência financeira maciça. “Nós todos sabemos o que está em jogo. O que acontecer com a União terá consequências para o mundo inteiro.” Ele falou explicitamente: “Vou ser muito franco. Dez a 15 bilhões de dólares não é muito para nós, e o reembolso não chega a ser um problema grave.” Não era uma quantia que os americanos estivessem dispostos a cogitar. “Vou lhe dizer o que podemos fazer agora”, disse Bush. “Um bilhão e meio para passarem o inverno enquanto você põe a situação da união-república em ordem. Se isso parecer um insulto, verei o que se pode fazer.” Gorbatchov respondeu que precisava de 3,5 bilhões de dólares para enfrentar a crise alimentar até a nova colheita. James Baker entrou na conversa e salientou que os Estados Unidos não podiam oferecer mais do que Bush ofertara. Conta-se que ele teria dito ao intérprete de Gorbatchov, Pavel Palazhtchenko, em particular: “Aceitem esse um bilhão e meio em dinheiro vivo; aceitem antes que reconsideremos. Muito pouco? Não podemos dar mais.”

Foi o fim da negociação do pacote de ajuda. A posição das repúblicas no tocante à dívida soviética, que elas não haviam contraído nem estavam ansiosas por pagar, preocupava Bush e seus conselheiros, que eram cada vez mais pressionados para fazerem alguma coisa, se não para salvar Gorbatchov, ao menos para proteger a população de seu país contra uma possível fome. O governo Bush estava mais disposto a enfiar a mão no bolso do que qualquer um imaginaria poucos meses antes, mas só para alimentar os famintos e ajudar a evitar uma explosão social capaz de recolocar no poder os linhas-duras e pôr as

armas atômicas nas mãos erradas. Para Gorbatchov, que havia tentado em vão convencer Bush a dar ajuda financeira maior durante seu encontro na cúpula do G7 em Londres, a proposta americana não foi uma surpresa. Posteriormente, ele manifestaria até certa satisfação com a oferta estadunidense.

Ainda que Bush e Gorbatchov concordassem que a principal missão da Conferência de Madri era dar aos dois lados do conflito no Oriente Próximo uma oportunidade de se reunirem e encetarem discussões, a conferência recebeu, surpreendentemente, pouca atenção na sua reunião preliminar. Bush queria que os soviéticos continuassem a incentivar os líderes sírios e palestinos a participarem do processo de paz. Gorbatchov ajudava ao mesmo tempo que fazia solicitações próprias. Agora a agenda global soviética se restringia ao mundo eslávico e ortodoxo, a arena tradicional dos tsares e o foco da política externa russa nas décadas vindouras. Gorbatchov queria que os Estados Unidos persuadissem os aliados turcos a serem mais condescendentes no trato com os cipriotas gregos e que envolvessem mais a Organização das Nações Unidas na solução da crise iugoslava, que havia cobrado as primeiras vítimas. Fez pouco progresso, pois Bush não prometeu apoio quanto a Chipre e foi cético quanto à Iugoslávia.³²⁸

Não chegou a surpreender o fato de que a maioria das perguntas, na coletiva de imprensa que Bush e Gorbatchov deram depois da reunião, ocupou-se da situação da União Soviética, e não do processo de paz no Oriente Próximo. Tcherniaiev registrou em seu diário: “Bush procurou evitar mostrar a diferença em categorias de peso, e Mikhail Sergueievitch não o teria permitido. (...) Agiu como se tudo estivesse bem.” Contudo, segundo Pavel Palazhtchenko, isso não impressionou o público. “Quando olhavam para Gorbatchov”, escreveu posteriormente acerca da reação da delegação americana, “a expressão em seus rostos era cética, fria e indiferente. (...) Para eles, Gorbatchov já [estava] nas últimas.” Naquele dia, Palazhtchenko teve a sensação de que uma “era estava chegando decididamente ao fim”. Bóris Pankin apontou o escasso apoio de Bush ao seu homólogo. Sentiu que, apesar das aparências, faltava algo importante. “Pouco a pouco, percebi o que estava errado”, lembrou. “Gorbatchov estava irritado e preocupado com a especulação dos veículos de comunicação sobre a desintegração da União Soviética e a precariedade da situação dele. Sabia que o presidente Bush vinha recebendo as mesmas informações que ele e esperava que desse alguma indicação de apoio, que enviasse um sinal, mas Bush não enviou sinal nenhum.”³²⁹

Caso o tivesse enviado, Pankin não teria condições de captá-lo. Seu péssimo

humor não deixaria. Ele estava prestes a virar um ministro sem pasta. Na capital espanhola, recebera a notícia de que, no discurso sobre a reforma econômica, Iéltzin havia mandado o ministério de Pankin para o cadafalso, exigindo que fosse reduzido a um décimo de seu tamanho e até ameaçando cortar toda sua verba.

Na véspera da Conferência de Madri, o anúncio dos cortes planejados, feito pelo ministro das Relações Exteriores russo, Andrei Kozyrev, criou tumulto em Washington. Bush e James Baker instruíram o embaixador americano em Moscou, Robert Strauss, a reunir-se o mais depressa possível com Kozyrev para discutir os inesperados cortes no ministério de Pankin. A poucos dias do início da Conferência de Madri, a redução aparentemente drástica do centro da União por parte de Iéltzin, inclusive de seu braço internacional, apresentava uma grave ameaça aos planos americanos de acordo de paz entre Israel e os palestinos. Kozyrev garantiu que aquilo que dissera não passava de uma expressão de sua frustração com a política do ministério, que gostava de menosprezar a Rússia. O problema parecia já ter sido resolvido. Porém, em Madri, Pankin soubera que, apesar das garantias contrárias de Kozyrev, Iéltzin tinha avançado mais e anunciado os cortes.³³⁰

Pankin tentou não se mostrar preocupado, dizendo à imprensa internacional que “Bóris Nikoláievitch devia estar falando em sentido figurado”, mas a situação já escapava ao controle. Seus subordinados no Ministério das Relações Exteriores soviético iniciaram um motim. Em Madri, Pankin recebeu uma petição assinada por alguns dos funcionários mais importantes do ministério exigindo seu retorno a Moscou. A petição “teve a audácia de dizer que, em vez de estabelecer a paz no Oriente Próximo, eu devia voltar logo e tratar de salvar o Ministério das Relações Exteriores”, recordou ele. Pankin se recusou a fazer tal coisa. Somente voltaria à União Soviética quando acreditasse que havia cumprido plenamente sua missão mundial.³³¹

A petição do Ministério das Relações Exteriores ressaltou a brecha entre a grande fachada da diplomacia soviética e as dificuldades da existência cotidiana do governo da União. O colapso de suas instituições, que ganhava velocidade em Moscou, parecia um pesadelo que muitos em Madri – não só os membros da delegação soviética – simplesmente queriam esquecer. Afinal, interferia na realização do sonho de uma paz duradoura no Oriente Próximo, algo que os líderes ocidentais vinham acariciando havia gerações. Agora que esse sonho parecia alcançável, o parceiro com que eles contavam para fazer o processo funcionar estava prestes a desaparecer.

Os americanos trabalharam arduamente para manter vivo o sonho, ajudando o centro soviético a mandar representantes ao exterior e desempenhar seu papel na grande gala do Oriente Próximo. Os soviéticos mostraram-se à altura do desafio. Como os velhos aristocratas que perderam todos os bens para os novos ricos, mas não abriram mão de seu estilo de vida extravagante, os líderes soviéticos foram a Madri para jogar a última cartada. Todos agradeceram sua presença, mas a conferência foi considerada um sucesso exclusivamente americano. Nas dezenas de cartas de felicitação que seu principal organizador e promotor, James Baker, recebeu posteriormente, não havia a menor menção à União Soviética.³³²

O verdadeiro ponto culminante da visita de Gorbatchov a Madri foi o banquete a que compareceram Bush e Felipe González, oferecido pelo rei espanhol Juan Carlos. Nessa ocasião, o líder soviético recebeu todo o apoio emocional pelo qual ansiava. Em suas memórias, chamou o jantar e a conversa que durou quatro horas de “verdadeiramente único” e “assombrosamente franca”. Gorbatchov e Raíssa, que depois se retirou com a rainha, deixando os quatro homens a sós, recordaram o sofrimento na Crimeia. Juan Carlos, ele próprio sobrevivente de um golpe militar e chefe de um Estado com problemas de nacionalidade vivamente representados pelo separatismo basco, não poderia ter sido mais compreensivo. Assim como o foi Felipe González. O banquete oferecido pelo rei espanhol fez com que toda a viagem valesse a pena para o presidente soviético. Apesar dos tantos problemas e humilhações, a Conferência de Madri conseguiu proporcionar-lhe, em última instância, tudo que suas viagens anteriores ao exterior lhe haviam proporcionado, levantando seu moral e o ajudando a recarregar as baterias para continuar lutando em seu país.³³³

Outro estímulo psicológico, dessa vez inesperado, veio do presidente François Mitterrand, que convidou os Gorbatchov a visitá-lo em sua modesta propriedade rural no sul da França quando estivessem a caminho de Moscou. O casal aceitou. Ao contrário de González, que tomara a defesa do presidente soviético nas primeiras e mais difíceis horas do *putsch*, Mitterrand tinha feito uma declaração inicial que muitos interpretaram como um reconhecimento do golpe. Ele corrigiu sua posição no final do dia, e as pessoas em torno de Gorbatchov puseram a culpa da gafe no embaixador soviético em Paris. Agora Mitterrand queria encontrar-se com o colega soviético e mostrar apoio à sua luta para preservar a União, fazendo-o mais de uma vez durante a improvisada visita de Gorbatchov à sua propriedade.

“A história nos ensina há séculos”, disse ele ao líder soviético segundo os

registros no diário de Tcherniaiev, “que a França precisa de um aliado para manter o equilíbrio europeu. (...) Nós somos grandes amigos dos alemães hoje, mas será muito perigoso se houver um ponto fraco ao norte ou a leste da Alemanha, porque os alemães sempre serão tentados a penetrar nessas direções”. Gorbatchov concordou em gênero, número e grau. Na verdade, os dois líderes concordaram em quase tudo, inclusive sobre a ameaça da expansão econômica alemã, as relações excessivamente amistosas entre os Estados Unidos e Israel e a necessidade de preservar a Iugoslávia. Discutiram também a nova arquitetura da Europa, quase sempre pondo-se de acordo.³³⁴

Gorbatchov estava obviamente no seu hábitat. Quando as esposas e os assessores se juntaram aos dois presidentes, continuou conversando enquanto tomava o café e o conhaque servidos depois do jantar. “Mitterrand”, recordou Tcherniaiev, “sentado numa poltrona, raramente ‘interrompia’ a digressiva conversa com observações significativas (...) com um sorriso benevolente e condescendente no rosto cansado”. Tcherniaiev, um dos arquitetos do conceito de Gorbatchov de um “lar europeu comum” e do destino europeu da União Soviética, mencionou em seu diário o encontro de “dois grandes europeus no final de um século terrível, tão distintos e tão compreensíveis um com o outro”. Porém, nem mesmo ele pôde deixar de reparar na diferença entre os comportamentos privado e público de Mitterrand. Na coletiva de imprensa que se seguiu às suas conversas informais, o francês, como Bush fizera antes, ofereceu pouquíssimo apoio a Gorbatchov. Pelo menos foi essa a impressão dos assessores do líder soviético. “Os amigos o estão descartando”, disse Palazhtchenko a Tcherniaiev.

No voo de volta, Gorbatchov reuniu um pequeno grupo de conselheiros no almoço para dividir suas opiniões sobre a visita e traçar uma rota para o futuro. Estava contente e inspirado com o que enxergava como a preocupação dos líderes ocidentais com o futuro da União Soviética. Sua melhor estratégia, argumentou ele, seria apoiar Iéltzin em seu esforço pela reforma econômica e, ao mesmo tempo, levar adiante o novo tratado de união. Todos concordaram. A única pessoa no avião que parecia pessimista com as chances de sucesso era Raíssa Gorbatchova”, escreveu Palazhtchenko mais tarde. “Ela não falava muito, mas era evidente que tinha grandes preocupações.”³³⁵

Tal como o retorno de Gorbatchov a Moscou após sua provação na Crimeia, o

regresso de Madri foi, até certo ponto, uma aterrissagem num país diferente. Uma vez mais, a Rússia estava sendo transformada por Bóris Iéltzin. Sua decisão de iniciar uma reforma econômica radical, para a qual Gorbatchov nunca tivera estômago e agora não tinha tempo, impressionou muito todo mundo, inclusive os assessores do presidente soviético. “Esses dias são provavelmente decisivos afinal”, anotou Anatoly Tcherniaiev em seu diário ao chegar em Moscou. “O relatório de Iéltzin no congresso da RSFSR decerto é um avanço rumo a um novo país, a uma sociedade diferente.”

Iéltzin estava ansioso por mostrar que falava a sério quando discursou no parlamento russo e cortou realmente o financiamento da maioria dos ministérios da União. Os professores universitários ficaram sem salário e os estudantes, sem bolsa. Tcherniaiev imaginava que, na metade de novembro, haveria 50 mil funcionários ministeriais desempregados apenas em Moscou. Era a primeira vez que ele e sua equipe na administração presidencial não recebiam os vencimentos, pois, com a Rússia retirando o financiamento, não havia dinheiro nos cofres da União. A escassez de alimento tornou-se uma realidade diária. Revigorado após o retorno de Madri, Gorbatchov sentiu que era uma oportunidade de recobrar parte do terreno político perdido. Em 4 de novembro, em uma reunião do Conselho de Estado e na presença dos líderes das repúblicas da União, atacou Iéltzin e seu plano mal concebido para implementar a reforma.³³⁶

“Vejam o que já está acontecendo”, disse ele, referindo-se ao pânico entre os consumidores criado pela liberalização de preços estabelecida por Iéltzin. “Geralmente, vendem-se 1.800 toneladas [métricas] de pão por dia em Moscou, mas ontem foram 2.800 toneladas! Os bens estão se esgotando num ritmo furioso. As lojas começam a sonegar mercadorias. Os mercados foram abandonados e os vendedores estão esperando que os preços subam.” Gorbatchov lançou esse ataque antes que Iéltzin entrasse na sala – ele se atrasara –, mas continuou quando o presidente russo finalmente chegou à reunião. “Isso é o que acontece quando a gente se atrasa com relação aos acontecimentos”, declarou ele na presença de Iéltzin. “Aqueles que estavam sentados à mesa se entreolharam divertidos”, recordou Bóris Pankin. “Os papéis estavam trocados, e agora era Gorbatchov que repreendia Iéltzin por perda de tempo.”³³⁷

O presidente soviético usou a aura de líder mundial que havia recuperado parcialmente em Madri para encarecer sua causa de preservação da União. “O Ocidente teme a dissolução da União Soviética”, disse ele aos líderes republicanos. “Eu garanto que esse foi o tema principal de todas as conversas que tive em Madri. Eles não conseguem entender o que está acontecendo aqui.

Justamente quando finalmente estamos trilhando o caminho da democracia e removendo o entulho do totalitarismo. (...) Eles dizem que a União Soviética tem de ser preservada como um dos pilares do sistema internacional.” Iéltzin não se deixou impressionar e estropeou a tentativa de renovar a discussão sobre o tratado de união, exigindo que os participantes se ativessem à pauta, que não incluía nenhum item sobre o tratado. Ainda assim, não mostrou hostilidade à ideia de união em geral e até manifestou apoio à continuação da existência de Forças Armadas conjuntas. O porta-voz de Gorbatchov, Andrei Grachev, chegou à conclusão de que Iéltzin não tinha planos imediatos para destruir a União Soviética.³³⁸

Nos dias subsequentes, Gorbatchov ampliou a ofensiva contra o presidente russo, assumindo seu tradicional papel de protetor das repúblicas autônomas dentro da Federação Russa contra a “tirania” do governo. O caso em questão era o tratamento dispensado por Iéltzin à Chechênia. No sábado, 9 de novembro, em meio a um feriado prolongado para marcar o aniversário da Revolução de 1917, Anatoly Tcherniaiev encontrou o chefe em seu gabinete usando as linhas telefônicas. “O que ele está fazendo? O que ele está fazendo?”, disse Gorbatchov a Tcherniaiev, referindo-se a Iéltzin. “Centenas de pessoas serão mortas se isso começar.”

Na noite anterior, a emissora central de televisão havia anunciado a assinatura de um decreto do presidente russo impondo o estado de emergência na Chechênia, uma antiga república autônoma da Federação Russa que, recentemente, proclamara a independência. Naquele momento, Gorbatchov estava consultando seus ministros de segurança na tentativa de evitar um banho de sangue. “Contaram-me que o governador que ele [Iéltzin] nomeou recusou-se a desempenhar seu papel”, continuou Gorbatchov para Tcherniaiev. “O parlamento também. Todas as facções e agrupamentos que estavam tendo discussões e brigando entre si [agora] se uniram contra os ‘russos’. Eles já estão reunindo mulheres e crianças para irem à frente quando as tropas se aproximarem. Idiotas!” A última palavra foi uma alusão a Iéltzin e à sua equipe.³³⁹

As raízes do conflito russo-checheno, que se exacerbou em novembro de 1991 e depois engolfou todo o Cáucaso do Norte, remontavam à conquista russa da região no século XIX. Durante a Segunda Guerra Mundial, Joseph Stalin ordenara que todos os chechenos fossem reassentados no Cazaquistão como castigo por sua suposta deslealdade. No final da década de 1950, Nikita Krushev autorizou os chechenos e os inguches, outro povo da região com o

qual os chechenos compartilhavam uma república autônoma e a experiência do exílio, a retornarem para o Cáucaso do Norte. Três décadas depois, com a implementação da *perestroika* e da *glasnost*, os chechenos puderam afirmar sua identidade e reivindicar soberania e independência. Nesse aspecto, eles não eram muito diferentes das outras nacionalidades soviéticas.³⁴⁰

Em junho de 1991, após a vitória de Iéltzin nas eleições presidenciais russas, o Congresso Nacional Checheno, uma organização pró-independência criada no outono do ano anterior, proclamou uma república nacional chechena separada da Inguchétia. Um major-general chamado Dzhokhar Dudayev, de 47 anos, despontou como seu dirigente. Um mês depois, renunciou ao posto de comandante da divisão soviética estratégica de bombardeiros baseada na Estônia, onde ele presenciou o movimento da república báltica pela soberania e pela independência. Queria o mesmo para sua pátria. Seu povo era ligeiramente menos numeroso que os estonianos: segundo o censo soviético, havia quase 1 milhão de estonianos étnicos e aproximadamente 750 mil chechenos étnicos em suas respectivas pátrias. Os russos e outros eslavos constituíam entre um quarto e um terço da população de cada república, mas também havia diferenças significativas entre a Estônia e a Chechênia. A Estônia tinha o status de república da União, e seu direito à independência era reconhecido e promovido tanto por Bush quanto por Iéltzin, ao passo que a Chechênia era uma república autoproclamada, cujo direito à existência, para não dizer o direito à independência, não era reconhecido por ninguém.³⁴¹

Durante o golpe de agosto, Dudayev apoiou o presidente russo. “Nós tomamos o controle da situação, organizamos unidades armadas, localizamos o MAI [Ministério de Assuntos Internos] e a KGB e apoderamo-nos das tropas, das comunicações e dos entroncamentos ferroviários”, lembrou Dudayev, resumindo o relatório que tinha enviado a Iéltzin na época. O insucesso do *putsch* em Moscou fortaleceu Dudayev na Chechênia, mas não o tornou líder, pois oficialmente o poder continuou nas mãos dos políticos estabelecidos que haviam apoiado os golpistas. Em 6 de setembro, Dudayev protagonizou um golpe de Estado em Grózni, a capital da república. Seus aliados invadiram e ocuparam os prédios governamentais. O presidente do parlamento republicano foi obrigado a renunciar, e o prefeito da cidade se suicidou, saltando da janela de seu gabinete, quando os rebeldes se apossaram do edifício. Foi a primeira vítima proeminente de um conflito que ainda custaria centenas de milhares de vidas.³⁴²

Iéltzin e seus assessores, entre os quais figurava Ruslan Khasbulatov, um checheno étnico e presidente interino do parlamento russo, viram-se numa

situação difícil. Seus adversários na Chechênia, os velhos quadros do Partido Comunista, opunham-se à independência da república, ao passo que seus aliados, chefiados por Dudayev, eram favoráveis a ela. Em setembro e no começo de outubro, Grózni recebeu a visita de um grande número de conselheiros de Iéltzin, inclusive Ruslan Khasbulatov e o vice-presidente Alexander Rutskoi. O compromisso que eles ajudaram a negociar levou à dissolução do antigo parlamento republicano. Em breve seriam organizadas eleições, mas, para decepção das autoridades russas, não seriam eleições para o novo parlamento republicano.³⁴³

Em 27 de outubro, por meio das eleições boicotadas pelos russos étnicos e justamente criticadas por numerosas violações da lei eleitoral, o general Dudayev foi eleito presidente da Chechênia. Seu primeiro decreto declarou a soberania política do país. Pareceu o início da desintegração não apenas da União Soviética, como também da Federação Russa. Em 7 de novembro, Iéltzin contra-atacou com um decreto que impunha o estado de emergência na Chechênia. No dia seguinte, tropas da NKVD foram enviadas ao aeroporto de Khankala, próximo de Grózni. Mil e quinhentos soldados em fardas da polícia tinham a missão de entrar em Grózni, depor o novo governo e prender Dudayev e seu *entourage*. Em 8 de novembro, todo o país soube do decreto de Iéltzin pelos noticiários noturnos. Agora todos já sabiam.³⁴⁴

Os chechenos não se deixaram intimidar e pressionaram pela independência completa com relação à Rússia. No dia seguinte, o general Dudayev tomou posse oficialmente no cargo de primeiro presidente da Chechênia. Um dia depois, promulgou um decreto anulando a imposição do estado de emergência. A polícia local começou a se juntar aos rebeldes, que ocuparam as instalações da polícia e da KGB e passaram a armar sua milícia – num de seus primeiros decretos, Dudayev ordenou a mobilização de todos os homens de idade entre 15 e 55 anos. As unidades militares soviéticas na Chechênia foram cercadas em seus quartéis e se bloquearam as conexões ferroviárias entre a Rússia e as repúblicas transcaucasianas da Armênia, do Azerbaijão e da Geórgia.

Em 10 de novembro, a fim de chamar a atenção internacional para as ações russas na Chechênia, três chechenos armados sequestraram um avião soviético com 171 passageiros a bordo e o desviaram para a Turquia. Deixando os assustados passageiros no aeroporto de Ankara, os sequestradores rumaram para Grózni, onde foram recebidos como heróis nacionais. Foi o primeiro ato de terrorismo perpetrado em nome da independência chechena por Chamil Bassaïev, que estivera entre os defensores da Casa Branca russa alguns meses

antes. Vários anos depois, ele comandaria a invasão do hospital de Budennovsk, na região russa de Stavropol, a terra natal de Gorbatchov, tomando reféns todos os pacientes.³⁴⁵

O vice-presidente Alexander Rutskoi, que fora encarregado por Iéltzin de supervisionar toda a operação militar na Chechênia, ficou numa situação difícil. A bem-sucedida mobilização das forças pró-independência por parte de Dudayev era apenas um entre os problemas enfrentados por Rutskoi e seus homens. Não menos grave era a sabotagem de suas ordens pelas autoridades soviéticas. O ministro do Interior soviético, Viktor Barannikov, que anteriormente fora ministro do Interior russo, exprimiu sua oposição ao uso da força na Chechênia. Foi um duro golpe nos planos de Rutskoi. A polícia e as forças interiores eram o único ativo disponível para que a liderança russa impusesse o estado de emergência na república. O Exército estava sob jurisdição da União, e os oficiais russos logo decidiram não o usar em Grózni. A KGB também estava sob a jurisdição da União. Sem a cooperação e o apoio dos ministérios da União, Rutskoi não tinha chance de implementar o decreto de Iéltzin.

Essa constatação chegou tarde demais. Quando ele e o presidente do parlamento, Ruslan Khasbulatov, começaram a telefonar pedindo ajuda aos ministros de segurança da União, todos recusaram, citando Gorbatchov. Em 7 de novembro, Iéltzin havia enviado uma carta para Gorbatchov simplesmente informando-o de sua decisão de usar a força na Chechênia, sem pedir conselho nem assistência. A missiva também afirmava que Iéltzin informaria o secretário-geral das Nações Unidas sobre sua decisão. O presidente russo e aqueles que o rodeavam avaliaram erroneamente o grau de independência da Rússia com relação à União. Eles podiam cortar o financiamento do gabinete de Gorbatchov e dos ministros da União, humilhá-lo e ridicularizá-lo nos meios de comunicação e tornar a Presidência soviética irrelevante nos assuntos econômicos e sociais, mas Gorbatchov ainda tinha o monopólio da representação dos interesses internacionais de Moscou e controlava as Forças Armadas soviéticas, os serviços secretos e, como se verificou, as tropas interiores. Com os ministros de segurança relutando em comprometer suas tropas com a operação de Iéltzin, Gorbatchov deu-lhes uma cobertura perfeita para desdenhar as ordens de Rutskoi.³⁴⁶

Com a operação na Chechênia em perigo, o *presidium* do parlamento russo entrou em sessão para discutir a situação. Em 9 de novembro, promulgou dois decretos: um instruía o presidente a assumir o controle total das tropas interiores

em território da Federação Russa; o outro culpava os ministros da União pelos problemas associados à implementação do decreto de Iéltzin, “propondo que o presidente da RSFSR avalie os atos dos chefes das agências executivas”. Em linguagem simples, isso significava demitir os ministros da União. O problema era que Iéltzin não tinha autoridade sobre eles. Depois de exigir em vão que o *presidium* do parlamento russo sujeitasse o ministro do Interior da União Viktor Barannikov à corte marcial, Rutskoi finalmente resolveu telefonar para Gorbatchov.

Anatoly Tcherniaiev, que se achava no gabinete do chefe, registrou em seu diário que o presidente soviético primeiramente ouviu a explosão de cólera de Rutskoi, mas então pôs o telefone de lado e passou dez minutos lendo os jornais na escrivaninha enquanto Rutskoi descarregava sua frustração. Depois, segundo Tcherniaiev, ele disse ao vice-presidente russo: Alexander, acalme-se, você não está num front. Empreender um bloqueio começando pelas montanhas, cercá-las e bloqueá-las de modo que nenhum checheno consiga passar, prender Dudayev e isolar os outros... O que está acontecendo com você? Não vê onde isso vai dar? (...) Eu tenho informações de que ninguém na Chechênia apoia o decreto de Iéltzin. Estão todos unidos contra vocês. Não seja louco.

Gorbatchov estava de volta ao jogo e uma vez mais em seu hábitat.³⁴⁷

Em 10 de novembro, sem o apoio do centro, as autoridades russas ordenaram a retirada das tropas interiores estacionadas em Grózni. O parlamento russo votou a anulação do decreto de Iéltzin que impunha estado de emergência. Alexander Rutskoi, que supostamente havia preparado o decreto e estava incumbido de sua implementação, levou a culpa. Iéltzin mandou seu secretário de imprensa, Pavel Voshchanov, preparar um comunicado afirmando que o presidente sempre favoreceu uma solução política para o problema checheno. “Vocês sabem que entre nós há aqueles que esmagarão a Chechênia com tanques com a mesma facilidade com que bombardearam aldeias no Afeganistão!”, disse o presidente ao secretário de imprensa. A alusão era a Rutskoi, que, tal como o general Dudayev, seu principal adversário, era veterano do Afeganistão.³⁴⁸

Bóris Iéltzin havia passado os dias decisivos da crise da Chechênia em Zavidovo, uma estância de caça nas imediações de Moscou. Sete de novembro era o Dia da Revolução de Outubro, esplendidamente celebrado pela elite soviética. Iéltzin integrara essa elite durante muito tempo para não ter desenvolvido uma consideração especial pela festa, que ainda figurava nos calendários soviético e russo. Sua comemoração parece ter durado mais que um dia. Em 9 de novembro, quando Gorbatchov quis marcar um encontro com ele

para discutirem a crise da Chechênia, foi obrigado a desistir da ideia de telefonar para Zavidovo, pois o presidente russo estava bêbado. “Quando comecei a falar com Bóris Nikoláievitch”, contou Gorbatchov a Tcherniaiev, “bastaram-me poucos segundos para entender que era inútil conversar; o que ele falava era incoerente”. Mais tarde, Gorbatchov disse a Khasbulatov, que havia telefonado para exigir a restauração da ordem na Chechênia, que a reunião precisou ser adiada porque Iéltzin estava “fora de si”.³⁴⁹

Consciente ou inconsciente, a decisão do presidente russo de isolar-se no momento mais crucial da primeira crise chechena e deixar a implementação de seu decreto para os assessores teve um grave impacto sobre o resultado das ações. O homem que meses antes havia mobilizado suas forças para resistir à proclamação de um estado de emergência não podia ser encontrado em parte alguma quando chegou a hora de levar a cabo a mesma coisa em um dos territórios russos. Somente ele teria condições para arrebatrar as Forças Armadas de Gorbatchov, mas se recusou ou se encontrava temporariamente incapacitado de fazê-lo. Tal como Gorbatchov nos países bálticos naquele mesmo ano, Iéltzin não estava disposto a dar todo apoio aos seus linhas-duras na Chechênia. Em ambos os casos, fatores externos tiveram um papel decisivo: Bush havia ajudado a conter Gorbatchov, e agora Gorbatchov continha Iéltzin.

A primeira demonstração de força por parte da nova Rússia terminara numa embaraçosa demonstração pública dos limites do poder de Iéltzin. Gorbatchov, por outro lado, pôde deleitar-se com a vitória. Conforme Tcherniaiev, “a falta de jeito de Iéltzin com o estado de emergência na Chechênia o ‘inspirou’”. Porém, Gorbatchov não estava disposto a explorar ao máximo a gafe do adversário e disse aos seus conselheiros: “Eu vou salvá-lo; não posso deixar esse caso fragilizar sua autoridade.” A cooperação de Iéltzin também era decisiva para a luta de Gorbatchov por sua sobrevivência pessoal e pela sobrevivência da União Soviética. Sem o apoio de Iéltzin, não haveria União. Em suas memórias, ele recordou o que disse ao líder russo no tocante aos acontecimentos na Chechênia: “Lembre-se, a unidade de nosso Estado é mantida por dois aros. Um aro é a União Soviética; o outro, a Federação Russa. Se o primeiro quebrar, o outro terá problemas.”³⁵⁰

O novo tratado de união foi finalmente colocado na agenda de discussão do Conselho de Estado, que tinha reunião marcada para 14 de novembro, alguns dias depois da crise na Chechênia. Na véspera dessa reunião, Gorbatchov autorizou seu principal negociador do tratado, Georgui Chakhnazarov, a ir a

Londres para participar de um diálogo organizado pelo jornal japonês *Yomiuri Shimbun*, onde também estaria o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger. Foi uma notável mudança de atitude do presidente soviético, que apenas algumas semanas antes recusara um pedido de Chakhnazarov para visitar os Estados Unidos. “O que deu em você?”, dissera ele. “Como assim, os Estados Unidos? Nós vamos assinar o tratado de União, e você pode ir no dia seguinte.” Chakhnazarov protestou que o tratado não seria assinado antes de dezembro. Gorbatchov discordou, mas dessa vez preferiu deixar o assistente ir.³⁵¹

No final de outubro, na véspera do discurso de Iéltzin sobre a reforma econômica no parlamento, Chakhnazarov entregou a Gorbatchov um memorando que contestava diretamente a visão do chefe sobre uma nova União como um Estado unitário com um centro forte e uma Constituição para todos. “Neste momento, é praticamente impossível reviver o Estado da União”, escreveu Chakhnazarov.

Com exceção de Nazarbayev [Cazaquistão] e de Niyazov [Turcomenistão], praticamente todas as repúblicas decidiram irrevogavelmente provar a si mesmas e ao mundo que são independentes. Com sua última declaração, Iéltzin também atravessou o Rubicão. E com razão, é claro, pois a Rússia não tem outra saída. Não deve pegar no laço os parceiros em fuga nem implorar ou obriga-los a obrigar, e sim olhar para si própria. Quando a Rússia reviver, eles voltarão, e, se nem todos voltarem, que vão com Deus. Basta agarrar-se aos estados contíguos à Rússia na sua zona de influência política e econômica.

Esse foi o programa apresentado a Chakhnazarov por Gennady Burbulis, Serguei Chakhrai e os outros negociadores russos e acabaria sendo a base da política russa para as antigas repúblicas soviéticas.

Chakhnazarov também alegou que seria fútil insistir no ressurgimento de um centro forte da União e que, para Gorbatchov, o melhor era que se concentrasse no papel a ele atribuído por Iéltzin e pelos outros líderes republicanos, atuando como comandante em chefe das Forças Armadas, principal negociador em questões nucleares, coordenador da política internacional das repúblicas e intermediário nas disputas entre os membros da nova união. “Mikhail Sergueievitch”, escreveu Chakhnazarov, “esse é um momento fatídico que reverberará muito ponderosamente no país e em você como o indivíduo que provocou uma mudança de curso histórica. Não reconhecer a necessidade de renunciar, pelo menos temporariamente, a exigências excessivas no tocante ao Estado da União seria cometer um erro trágico”.³⁵²

Além de expor suas discordâncias e propor soluções, Chakhnazarov

apresentou sua renúncia. “Minha consciência não me permite continuar numa linha que considero equivocada e ineficaz”, escreveu ele na carta. Gorbatchov não aceitou a renúncia e preferiu deixar Chakhnazarov ir discutir com Kissinger. Já que não poderia contar com o apoio total de seu assessor quando chegasse a hora da discussão crucial sobre o tratado no Conselho de Estado, era mais seguro mandá-lo para Londres. O problema estava em que Chakhnazarov não era o único assessor que havia perdido a fé na estratégia de Gorbatchov. Em 13 de novembro, um dia antes da fatídica reunião do conselho no refúgio de Gorbatchov em Novo-Ogarevo, Anatoly Tcherniaiev apontou em seu diário: O tratado de união que estará na agenda em Novo-Ogarevo não passará. Eu li a versão nova! Kravtchuk não virá de jeito nenhum (...) E não virá ninguém da Ucrânia. Revenko [o chefe da Casa Civil de Gorbatchov] fez longas súplicas a todos os presidentes para que viessem. (...) E, à noite, ainda não estava claro se realmente viriam. Tudo isso parece uma ação de retaguarda de Gorbatchov.

Apesar das defecções explícitas ou secretas dos auxiliares em que ele mais confiava, Gorbatchov estava decidido. Lutaria até o fim para que o Conselho de Estado aprovasse sua versão do tratado de união, que previa um centro forte.³⁵³

Inicialmente, a discussão do tratado pelo Conselho de Estado, em 14 de novembro, confirmou os piores temores de Chakhnazarov. Com o apoio de outros líderes republicanos, Iéltzin protestou contra a criação de um “Estado da união” com Constituição própria. Ainda que, desde outubro, Kravtchuk tivesse deixado de participar das reuniões do Conselho de Estado, Iéltzin não teve o menor problema para obter o apoio da maioria dos líderes das repúblicas (entre os quais Nazarbayev, do Cazaquistão), que foram a Moscou. Gorbatchov, que concordara oficialmente em conduzir as negociações com base na ideia confederativa, afastou-se da dicotomia federação/confederação. “Um Estado da união”, disse ele ao grupo reunido. “Eu insisto nessa ideia categoricamente. Se não criarmos um Estado da união, meu prognóstico é problemas para vocês.”

Iéltzin não cedeu: “Nós vamos criar uma união de Estados.”

Gorbatchov fez tudo que pôde e chegou a ameaçar abandonar a reunião. “Se não houver um Estado, eu não participo desse processo”, disse ele. “Posso abandoná-lo agora mesmo. É minha posição por princípio. Se não houver um Estado, eu considero minha missão concluída. Não posso apoiar uma coisa amorfa.”

Iéltzin e os demais membros do conselho tentaram convencê-lo das vantagens de uma versão confederativa do tratado. Mesmo em uma confederação, argumentaram, as Forças Armadas, o sistema de transporte e os programas

ecológicos e espaciais seriam controlados pelo centro. Gorbatchov não lhes deu ouvidos. Levantou-se e começou a recolher seus papéis como indicação de que estava prestes a ir embora. Os líderes republicanos se assustaram e pediram um intervalo. Iéltzin conversou com Gorbatchov em particular, e os dois chegaram a um compromisso: a União de Estados Soberanos, como se chamaria a nova estrutura, constituiria um “Estado democrático confederativo”. Não teria Constituição própria, mas seu presidente seria eleito pelo povo de toda a união.

Apesar de todos os defeitos do novo esboço, Gorbatchov ficou muito satisfeito. Não tinha conseguido obter uma Constituição, mas assegurara uma cláusula sobre a eleição do presidente. Os líderes republicanos concordaram em rubricar o novo tratado de união na reunião seguinte do Conselho de Estado. Bóris Pankin, que estava presente em Novo-Ogarevo, reparou no “olhar inquieto, mas feliz, de Gorbatchov”. Quando os membros do Conselho de Estado se dirigiram à saída, ninguém sabia se iam falar com a imprensa ou não, mas o secretário de imprensa de Gorbatchov dispôs os repórteres de modo a que obstruíssem as saídas. Um por um, o presidente soviético levou os líderes republicanos ao microfone para fazer declarações de apoio ao Estado da união. “Nós concordamos que haverá uma União, formada por um Estado democrático confederativo”, declarou Iéltzin.³⁵⁴

Gorbatchov podia se sentir triunfante. Parecia ter conseguido algo que ninguém, nem mesmo seus colaboradores mais próximos, julgara possível. Seu intérprete, Pavel Palazhtchenko, assistiu à coletiva de imprensa na televisão. Em suas memórias, escreveu: “Para surpresa de quase todo o mundo, Gorbatchov parecia um vencedor na noite de 14 de novembro, enquanto Iéltzin e os outros falavam nos microfones na televisão, repetindo a frase ‘A União existirá. Haverá União’. Assistindo à transmissão ao vivo com meus colegas, eu senti que eles, como eu, estavam surpresos com o fato de Gorbatchov o ter conseguido.”³⁵⁵

318 “Telecon with Boris Yeltsin, President of the Republic of Russia”, 25 de outubro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-25--Yeltsin.pdf.

319 YELTSIN, Boris. “Obrashchenie k narodam Rossii, k S”ezdu narodnykh deputatov Rossiiskoi Federatsii”. *Rossiiskaia gazeta*, 29 de setembro de 1991.

320 “My boialis’ shokovoi terapii, a poluchili shokovuiu khirurgiiu”. *Izvestiia*, 29 de outubro de 1991. “Samyi populiarnyi prezident nakonets-to gotov k samym nepopuliarnym meram. Grupp kamikadze vozglavit El’tsin”. *Nezavisimaia Gazeta*, 29 de outubro de 1991. “Rossiiskaia programma reform: reaktsiia v respublikakh neodnoznachna”. *Izvestiia*, 30 de outubro de 1991.

- 321 BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 515.
HARMS, Gregory; FERRY, Todd M. *The Palestine-Israel Conflict: A Basic Introduction*. 2ª ed. Londres: Pluto Press, 2008, pp. 141-158.
"The Madrid Peace Conference". *Journal of Palestine Studies*, v. 21, n° 2, pp. 117-149, 1992.
- 322 "Charter of Paris for a New Europe". Disponível em www.osce.org/mc/39516.
SAROTTE, Mary Elise. 1989: *The Struggle to Create Post-Cold War Europe*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2009.
- 323 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 407-410.
BAKER, James A.; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 286-287, 316-317, 400-410.
HERRING, George. *From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776*. Nova York: Oxford University Press, 2008, pp. 908-912.
- 324 PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 195-223.
Memorando de Conversa do Encontro com o emir de Barém, 15 de outubro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-15--Isa%20\[2\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-15--Isa%20[2].pdf).
"Talking Points for Syria", 19 de setembro de 1991, p. 1. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Edmund J. Hull.
- 325 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 410, 548.
MISCAMBLE, Wilson D. *From Roosevelt to Truman: Potsdam, Hiroshima and the Cold War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 203-204.
- 326 PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, p. 230.
"The President's Press Conference with President Gorbachev of the Soviet Union in Madrid, Spain", 29 de outubro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3563&year=1991&month=10.
- 327 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 995-996, 1004.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 230-232.
- 328 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 663.
"Telcon with Prime Minister Felipe Gonzalez of Spain", 19 de agosto de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-08-19-Gonzalez.pdf.
- 329 ROSENTHAL, Andrew. "Uncertainty on Gorbachev Gives New Twist to Meeting with Bush". *New York Times*, 28 de outubro de 1991.
KOLESNICHENKO, T.; VOLKOV, V. "Madridskii marafon". *Pravda*, 29 de outubro de 1991.
COWELL, Alan. "The Middle East Talks: Bush and Gorbachev in Spain: Let the Talks Begin". *New York Times*, 30 de outubro de 1991.

- 330 Almoço com o presidente Gorbatchov, 29 de outubro de 1991, 12h30-13h15. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-29--Gorbachev%20\[1\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-29--Gorbachev%20[1].pdf). PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, 232.
- 331 Encontro com o presidente Gorbatchov da União Soviética, 29 de outubro de 1991, 13h20-14h45. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em [http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-29-Gorbachev%20\[2\].pdf](http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-10-29-Gorbachev%20[2].pdf). CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1004-8, 1012, 1016.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 356-358.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 664-665.
- 332 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1008-9.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 339-341.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 234. Ibid., p. 232.
- 333 Embaixada americana em Moscou para secretário de Estado em Washington, D.C. Tema: Esclarecimento do discurso de Iéltzin, segunda-feira, 26 de outubro de 1991, pp. 1-7. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Sala de Situação da Casa Branca. Golpe na URSS, Parte 3/4, 1991, nº 14.
- 334 PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 224-235.
- 335 Conferência de Paz sobre o Oriente Próximo, 1988-1991. Documentos James A. Baker, Caixa 106, Pasta 7.
- 336 *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 358-362.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, p. 234.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 664-665.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1008-1009.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 549-550.
- 337 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 985, 1009-1014.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 362-365.
- 338 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou:

- Rosspen, 2008, p. 1012.
PALAZHCHEKOV, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 339-344.
- 339 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1014-1016.
- 340 *Soiuz možno bylo sokhranit'.* Belaia kniga. *Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 367-372.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, p. 249.
- 341 PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, pp. 236, 248-249.
BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 559.
Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. *Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 365-372.
- 342 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1.017-1.018.
- 343 DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 1-84.
- 344 "Vsesoiuznaia perepis' naseleniia 1989 g. Natsional'nyi sostav po respublikam SSSR". *Demoskop Weekly*, junho de 2015. Disponível em http://demoscope.ru/weekly/ssp/sng_nac_89.php.
- 345 SURKOV, A. *Chechnia v plamene separatizma*. Saratov: Editora da Universidade de Volga, 1997, p. 65.
- 346 Ibid., pp. 62-66.
DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 100-115.
- 347 DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 115-117.
- 348 SURKOV, A. *Chechnia v plamene separatizma*. Saratov: Editora da Universidade de Volga, 1997, pp. 77-80.
DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 115-117, 121.
- 349 SURKOV, A. *Chechnia v plamene separatizma*. Saratov: Editora da Universidade de Volga, 1997, pp. 73-74, 77.
- 350 DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 117-120.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty*.

Ofitsial'nye soobshcheniia. Moscou: Taschenbuch, 2009, p. 965.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1018.
SURKOV, A. *Chechnia v plamene separatizma*. Saratov: Editora da Universidade de Volga, 1997, pp. 79, 81.

- 351 SURKOV, A. *Chechnia v plamene separatizma*. Saratov: Editora da Universidade de Volga, 1997, p. 82.
DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 119-120.
Voshchanov, Pavel. "Kak ia ob"iavlial voinu Ukraine". *Novaia Gazeta*, 23 de outubro de 2003.
- 352 DUNLOP, John. *Russia Confronts Chechnya: Roots of a Separatist Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 118-119.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1018.
- 353 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 101-198.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 688.
- 354 SHAKHNAZAROV, Georgy, *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscou: Rossika-Zevs, 1993, pp. 291-292, 299.
- 355 Ibid., pp. 287-289, 565-567.

PARTE V

VOX POPULI

CAPÍTULO 13

Antecipação

MIKHAIL GORBATCHOV ESTAVA em seu escritório em Novo-Ogarevo. Era a tarde de 25 de novembro, onze dias depois da reunião anterior do Conselho de Estado e data da reunião seguinte. Dessa vez, ele não se limitara a ameaçar sair da reunião, e saíra mesmo. Agora estava ansioso por saber o que trariam os minutos seguintes. Muita coisa tinha mudado em Moscou e nos arredores desde 14 de novembro, quando ele pôs Iéltzin e os outros líderes das repúblicas diante das câmeras de televisão e obrigou-os a dizer que haveria uma forma qualquer de união no futuro.

A principal mudança havia acontecido no estado de ânimo dos estrategistas políticos. Todos aguardavam o referendo ucraniano, marcado para 1º de dezembro, e todos, com exceção de Gorbatchov, previam um deslizamento de terra a favor da independência. Essa era a opinião dos dirigentes ucranianos, de Bóris Iéltzin e de seus colegas líderes das repúblicas e de George Bush e seus conselheiros em Washington. Nos dias subsequentes, a Ucrânia alteraria extraordinariamente o equilíbrio de forças entre as repúblicas, suas relações com Gorbatchov e as relações de Bush com o líder soviético. O primeiro sinal da mudança iminente foi o comportamento dos presidentes das repúblicas que se reuniram em Novo-Ogarevo em 25 de novembro para discutir o novo tratado de união proposto por Gorbatchov.

Naquele dia, esperava-se que eles endossassem o texto do tratado de união que haviam debatido e com o qual concordaram na reunião anterior do Conselho de Estado. Como sempre, os problemas começaram com Iéltzin, que voltou a levantar a questão da natureza da futura união. Afirmou que a expressão escolhida na última vez, “Estado confederativo”, não tinha sentido. Em vez disso, cabia ao tratado estipular a criação de uma união ou confederação de Estados soberanos; do contrário, o parlamento russo não o ratificaria.

Os dirigentes de Belarus, do Usbequistão e do Turcomenistão o apoiaram. Recusaram-se a endossar o tratado e, em vez disso, ofereceram-se para submetê-lo aos seus parlamentos sem assiná-los, dissociando-se efetivamente do texto.

Enfurecido, Gorbatchov acusou Iéltzin de faltar à palavra dada na reunião anterior. “E daí?”, respondeu o presidente russo, que, no dia seguinte à reunião de 14 de novembro, dissera à mídia que havia feito demasiadas concessões. “O tempo passa. [O texto] foi discutido em grupos e comitês do Soviete Supremo [russo], (...) e o que se diz é que esse esboço não vai ser aprovado.” Como se não bastasse, disse em alto e bom som o que ninguém ousava dizer, mostrando a ausência de representantes da Ucrânia. Ele duvidava de que a Ucrânia se dispusesse a participar de um “Estado confederativo”. “Não haverá União sem a Ucrânia”, declarou.

O presidente do parlamento bielo-russo, Stanislav Chuchkevich, membro da oposição democrática de sua república e adversário do golpe de agosto, alegou que os líderes republicanos precisavam de mais dez dias para estudar o tratado devido à sua importância. O adiamento também possibilitaria o ingresso da Ucrânia. “Esperemos até 1º de dezembro”, propôs Iéltzin. Gorbatchov tentou inverter a questão ucraniana. “Se declinarmos”, disse ele, referindo-se ao endosso do tratado de união, “será um presente para os separatistas”. Seu argumento caiu em ouvidos moucos. Ele finalmente perdeu a paciência e decidiu lançar mão de sua recorrente manobra e ameaçar ir embora. “Se vocês acham que o acordo é desnecessário, digam-no claramente”, pediu aos presidentes das repúblicas. “Talvez vocês queiram se reunir separadamente e decidir. Ou ficar aqui, e nós saímos. (...) Procurem sentir o que é mais importante para vocês: o povo ou os separatistas.” Com mais algumas palavras de despedida, saiu da sala acompanhado pelos assessores.

Passou quase uma hora no escritório. Os líderes rebeldes criariam juízo e o chamariam de volta? Em abril, ele tinha abandonado uma reunião do comitê central do Partido Comunista quando apresentaram uma moção para que se votasse sua destituição do posto de secretário-geral. O comitê recuou, anulando a votação, e Gorbatchov recuperou o controle do partido. Contudo, a situação agora era mais complexa. Ninguém estava tentando depô-lo do cargo de líder de um partido já morto e enterrado nem tirá-lo da posição de chefe de um Estado em ruínas. Simplesmente se recusavam a reconstruir o Estado, e, sem isso, ele não tinha papel a desempenhar nem país para governar. Os outros também relutavam em ir ao seu escritório e convidá-lo a voltar. Evidentemente, os líderes republicanos haviam decidido esperar e não correr atrás dele.

Depois de discutir a situação, enviaram representantes ao escritório de Gorbatchov: Iéltzin, que ele considerava, não sem razão, o principal culpado pela revolta, e o mais agradável Chuchkevich. O presidente russo não ficou

contente em ir, mas Chuchkevich tinha uma intenção oculta. Quando estavam a caminho do escritório de Gorbatchov pelo corredor envidraçado do prédio, desfrutando o panorama dourado da floresta, Chuchkevich lembrou Iéltzin sobre o convite que lhe fizera para visitar Belarus e discutir as relações econômicas entre as duas repúblicas. Propôs hospedá-lo em Belavezha, uma estância de caça do governo nas proximidades de Brest. O líder russo aceitou.

“Nós viemos ao câ da União. Tome-nos sob sua alta mão”, disse Iéltzin a Gorbatchov ao entrar no gabinete. Este, aparentemente aliviado e ressarcido, respondeu no mesmo tom: “Veja, tsar Bóris, tudo pode ser resolvido com cooperação honesta.” Estavam aludindo à história russa da Baixa Idade Média, quando os governantes do país reconheciam a suserania dos câs da Horda Dourada. O paralelo foi certamente inexato, pois os príncipes russos só começaram a se chamar de tsares após derrubarem a senhoria dos câs. Os tsares não reconheciam nenhuma autoridade acima da própria, e o “tsar Bóris” estava longe de renegar essa tradição. Como Gorbatchov depois contou aos seus assessores, Iéltzin se dirigiu a ele “com soberba, quase cuspiendo”. O que Iéltzin e Chuchkevich levavam a Gorbatchov era, na melhor das hipóteses, uma proposta para manter as aparências: os líderes republicanos deixariam a referência a um Estado “confederativo” no texto do tratado de união, mas o documento seguiria sem suas assinaturas para a discussão nos parlamentos republicanos. Não era o tipo de compromisso que o presidente soviético esperava.

Ele voltou à sala de conferências para continuar a reunião. Quanto o encontro terminou, colocou-se diante das câmeras de televisão, a fim de apresentar a decisão do Conselho de Estado sobre enviar o tratado aos parlamentos para discussão como um endosso do documento. Poucos se impressionaram com a atitude e o jogo de palavras. Como Gorbatchov recordou posteriormente, os jornalistas perguntaram quem era o responsável e quem havia prejudicado o endosso, mas ele ficou em silêncio. No íntimo, tinha certeza de que Iéltzin não agira sozinho. Segundo Anatoly Tcherniaiev, fazia tempo que o presidente soviético suspeitava de uma “conspiração entre Iéltzin e Kravtchuk para pulverizar a União pelos dois lados”.³⁵⁶

Antes disso, Gorbatchov já tinha achado a liderança ucraniana teimosa. Depois do golpe de Estado, à medida que a elite do país cerrava fileiras em torno de Kravtchuk e as pesquisas detectavam apoio público crescente à independência, o líder da Ucrânia começou a se mostrar mais audacioso. Em setembro, a visita

que fez ao Canadá e aos Estados Unidos não deixou dúvidas quanto ao seu compromisso com a independência. Na última reunião do Conselho de Estado a que compareceu, em outubro, ocupou-se de questões econômicas, e não do tratado de união. Nessa ocasião, Kravtchuk comunicou ao conselho que o parlamento ucraniano havia aprovado uma resolução, suspendendo até depois do referendo a participação da república em negociações sobre o novo tratado de união. Os deputados ucranianos votaram, na verdade, pelo boicote a todas as instituições da União, optando por vínculos diretos com as repúblicas individuais. No que lhes dizia respeito, a União estava efetivamente morta.³⁵⁷

Gorbatchov não pensava assim. Nunca perdeu a fé na república rebelde. Filho de pai russo e mãe ucraniana, encarava a perspectiva de uma ruptura russo-ucraniana como uma tragédia pessoal. Embora se considerasse russo, sabia e gostava de cantar canções folclóricas ucranianas. Também acreditava que entendia o estado de espírito da sociedade ucraniana melhor que qualquer um. “Não seja bobo, Leonid Makarovitch!”, disse a Kravtchuk por telefone. “Seu referendo certamente vai gorar; em março, setenta por cento votaram pela União.” Tratava-se de uma referência ao voto ucraniano de apoio à união renovada durante o referendo em março de 1991. Tampouco faltavam pontos sinistros nos apelos de Gorbatchov pela unidade russo-ucraniana. Nas conversas particulares com assessores e líderes estrangeiros, assim como nos apelos públicos, ele ameaçava os ucranianos com a possibilidade de conflito étnico e com as tensões crescentes, quando não incitava o conflito real entre as minorias da Ucrânia.³⁵⁸

O uso da carta étnica para frustrar o referendo fora uma ideia proposta a Gorbatchov por seu consultor Georgui Chakhnazarov num memorando de 10 de outubro de 1991. Chakhnazarov estava decepcionado porque, após a desintegração do Partido Comunista, não havia nenhuma força política na Ucrânia disposta a deter aqueles que ele chamava de “nacionalistas galicianos”. Também estava contrariado por a liderança russa ter decidido não impor reivindicações territoriais à Ucrânia. Propôs que Gorbatchov “não só repetisse publicamente, como também imprimisse tom oficial à posição da Rússia com relação à Crimeia, à bacia dos Donets e ao sul da Ucrânia”. E escreveu: “Deve-se afirmar explícita e claramente, sem restrição, que essas regiões são partes históricas da Rússia, e esta não tem intenção de renunciar a elas se a Ucrânia deixar de fazer parte da União.” Entre as outras sugestões de Chakhnazarov estava o lançamento de uma campanha anti-independência na Crimeia e no sul e no leste da Ucrânia. “Em conformidade com o camarada [Nikolai] Bagrov”,

escreveu ele, referindo-se ao chefe de parlamento crimeiense, “ativar o trabalho na Crimeia. Toda a população da república deve saber que, se a Ucrânia anunciar sua saída da União, a Crimeia cessará de fazer parte da Ucrânia no dia seguinte e será anexada à Rússia”. Chakhnazarov sugeriu a criação de um grupo especial dentro da administração presidencial chefiado pelo conhecido poeta ucraniano Bóris Oliynyk e o envio de um grande número de celebridades russas em turnês anti-independência pela Ucrânia. Gorbatchov, que em anos anteriores havia usado fundos do Estado para estabelecer e apoiar falsos partidos políticos que promovessem sua própria agenda política, não tinha recursos para implementar nem metade das propostas de Chakhnazarov; em outubro, não lhe restavam senão discursos e entrevistas. Nas discussões com George Bush em Madri no fim de outubro, Gorbatchov se referiu ao problema russo relacionado à Ucrânia, sugerindo-o como um dos motivos pelos quais a Ucrânia não abandonaria a União.³⁵⁹

Na época da Conferência de Madri, os ucranianos ganharam ainda mais importância tanto na agenda de Gorbatchov quanto no radar de Bush. Mais tarde, o intérprete de Gorbatchov, Pavel Palazhtchenko, recordou que, durante o banquete oferecido pelo rei Juan Carlos da Espanha, que criou uma impressão tão favorável em Gorbatchov, Bush crivou o presidente soviético de perguntas sobre a Ucrânia. “Você acha que Kravtchuk ganhará as eleições?”, perguntou ele, e Gorbatchov respondeu que certamente ganharia. “E você acha que, depois que ganhar, ele se juntará a você numa espécie de união ou associação?”, indagou em seguida. O russo respondeu que não tinha certeza quanto a Kravtchuk, mas sabia que a Ucrânia e a Rússia ficariam juntas. “Essas duas nações são galhos da mesma árvore. Ninguém é capaz de separá-las”, disse ele. Bush mudou de assunto e passou a falar sobre as próximas eleições presidenciais nos Estados Unidos. Palazhtchenko, que notou a visível preocupação do americano, não viu nenhuma conexão entre as eleições presidenciais ucranianas e americanas. Na verdade, havia uma.³⁶⁰

As relações do presidente com a comunidade ucraniana nos Estados Unidos não se tinham recuperado após o tropeço do discurso “Frango à Kiev” em agosto. Em 5 de novembro, os ataques ucranianos ao presidente, antes considerados pouco mais que chateação política, transformaram-se num problema político grave. Naquele dia, numa eleição especial para o Senado americano, os eleitores da Pensilvânia derrotaram Dick Thornburgh, o ex-procurador-geral e candidato escolhido a dedo por Bush para substituir o senador

John Heinz, morto num acidente aéreo naquele ano. O candidato democrata, Harris Wofford, cuja campanha era dirigida por Paul Begala e James Carville, os futuros gurus eleitorais de Bill Clinton, ultrapassou o rival e obteve uma vitória decisiva sobre o favorito republicano. A derrota foi um grande constrangimento para o presidente Bush e Thornburgh, que havia renunciado ao cargo de procurador-geral, convencido de que ganharia a cadeira.

Como Thornburgh era considerado o homem do presidente, os estrategistas democratas fizeram o possível para vinculá-lo a Bush, cuja popularidade vinha desmoronando nas pesquisas depois de ter chegado a níveis altíssimos imediatamente após a Guerra do Golfo. A economia, que começava a resvalar para a recessão, era a principal culpada, mas também havia questões políticas envolvidas. As pesquisas mostravam que os eleitores de ascendência do Leste Europeu, que haviam apoiado o Partido Republicano durante a Guerra Fria, estavam mudando de lado em reação ao que consideravam como uma indecisão do governo, primeiro com a questão da independência dos países bálticos e agora com a Ucrânia, a Armênia e outras repúblicas soviéticas. Os pré-candidatos democratas à Presidência estavam tomando posições quanto à questão étnica. O governador Bill Clinton, de Arkansas, criticava o governo por não apoiar o desejo de independência das repúblicas. Algo tinha de ser feito imediatamente para conter a defecção dos eleitores oriundos da Europa Oriental.³⁶¹

Tendo apoiado o Partido Republicano durante a Guerra Fria, os americanos-ucranianos agora acreditavam que a agremiação os traía. Depois do discurso “Frango à Kiev”, prometeram retaliação nas urnas, declarando forte oposição ao governo nos jornais e nas salas de reuniões. Seus tradicionais aliados republicanos não conseguiam chamar a atenção da Casa Branca. Uma carta do senador Hank Brown (Colorado) ao presidente Bush, datada de 16 de setembro e exortando a Casa Branca a reconhecer a independência da Ucrânia com base na declaração parlamentar, ficou sem resposta.

Os líderes da comunidade ucraniana mobilizaram seus adeptos para fazer *lobby* entre os representantes não só republicanos como também democráticos. Seu esforço para influenciá-los finalmente surtiu efeito em 21 de novembro, quando o Senado dos Estados Unidos aprovou uma resolução apadrinhada pelo senador democrata Dennis DeConcini (Arizona) para exortar o governo a reconhecer a Ucrânia depois do referendo de 1º de dezembro. DeConcini não hesitou em atacar os oponentes republicanos no governo. “Depois de apoiar a independência dos países bálticos durante cinquenta anos, para a vergonha do

nosso país, o governo dos Estados Unidos foi apenas o 37º a finalmente reconhecer essas bravas nações”, declarou o senador. “Esse padrão de hipocrisia não pode se repetir no caso da Ucrânia.”³⁶²

O *Ukrainian Weekly*, o principal jornal ucraniano publicado nos Estados Unidos, que geralmente tinha boa vontade com o governo, saiu repleto de artigos atacando Bush por não ajudar a Ucrânia e, aliás, dificultar seu esforço pela independência. O título do editorial do jornal de 24 de novembro foi “Seria prudente, George”, e o texto exigia o rápido reconhecimento da independência ucraniana. Escrevendo no mesmo número, Myron B. Kuropas, o colunista do jornal e ex-assessor especial do presidente Gerald R. Ford, escolheu como alvo o consultor de segurança nacional de Bush, general Brent Scowcroft.

“Foi ele que, por desprezo pessoal, subestimou a popularidade de Iéltzin na Rússia. Foi ele que ajudou a escrever as observações do presidente Bush em Kiev. É ele que, por admiração por Mikhail Gorbatchov, está lutando para preservar a União Soviética”, escreveu Kuropas. Equivocou-se ao dizer que a admiração de Scowcroft por Gorbatchov era a principal fonte de suas ideias sobre o destino da União Soviética, mas Scowcroft realmente desprezava Iéltzin, fora coautor do discurso “Frango à Kiev” e, ao retornar de Madri, havia declarado aos seus assessores que, embora Gorbatchov agora fosse um mero fantasma do antigo centro, a política dos Estados Unidos devia ser conduzida de modo a não o prejudicar.³⁶³

Isso estava prestes a mudar. Durante as duas últimas semanas de novembro, a equipe de política de segurança nacional dos Estados Unidos teve numerosas reuniões para discutir a situação. Havia consenso sobre a expectativa de uma votação esmagadora a favor da independência na Ucrânia e todos sabiam que isso marcaria um ponto de virada na política americana para a União Soviética. Porém, havia pouco mais em que os conselheiros de política externa conseguiram concordar. As linhas traçadas entre o Departamento de Defesa e o Departamento de Estado, em setembro, ficaram quase intactas. Sempre pressionando por vínculos mais estreitos com as repúblicas, Dick Cheney passou a falar pelo rápido reconhecimento da Ucrânia. Stephen Hadley, então assessor de Paul Wolfowitz no Departamento de Defesa, disse mais tarde: “Nós tínhamos a visão de que, sem a Ucrânia, a Rússia retrógrada não reconstituiria a União Soviética. Não viria a ser a ameaça representada pela União Soviética por causa dos recursos, da população e da geografia enormes da Ucrânia. Então, esse seria um elemento importante da política estadunidense – deixando de lado todos os princípios importantíssimos –; do ponto de vista estratégico, a independência da

Ucrânia transformou-se numa apólice de seguro.”³⁶⁴

James Baker advogava uma abordagem mais cautelosa que beneficiasse o centro soviético e Gorbatchov. Sua principal autoridade nesse assunto ainda era Eduard Shevardnadze, que Gorbatchov chamara de volta ao governo, na metade de novembro, para substituir Bóris Pankin. Shevardnadze, que tinha muito mais peso que seu predecessor tanto em política interna soviética quanto em política internacional, estava preocupado com um possível conflito russo-ucraniano pela Crimeia e pelo leste da Ucrânia, o mesmo problema potencial para o qual Gorbatchov alertara Bush em Madri. Baker queria adiar o reconhecimento da Ucrânia, mesmo que seu povo votasse pela independência, e usar o reconhecimento americano para influenciar as políticas dos líderes ucranianos em questões sensíveis, como as armas nucleares.

Havia ainda a posição do general Scowcroft. “Uma cautela geral marcava Scowcroft”, escreveu o subsecretário de imprensa da Casa Branca, Roman Popadiuk. “Por mais simpatia que lhe tivesse, ele relutava em dar demasiado destaque à causa nacional das repúblicas soviéticas.” Popadiuk, que seria o primeiro embaixador americano na Ucrânia independente, embora visse com olhos um tanto críticos a abordagem supercautelosa de Scowcroft, também reconhecia os motivos por trás dela. “Uma superpotência apoiando o desmantelamento de outra só podia gerar uma contrarreação e levar ao conflito político direto”, escreveu ele posteriormente.³⁶⁵

Em 25 de novembro, dia em que Iéltzin e os líderes das repúblicas soviéticas se recusaram a rubricar o novo tratado de união de Gorbatchov, o *Washington Post* publicou um artigo intitulado “Funcionários americanos divididos na reação a uma Ucrânia independente”, expondo as divergências no governo e caracterizando Baker como contrário ao reconhecimento do país prestes a se emancipar. Baker ficou furioso, suspeitando que os membros da equipe de Cheney tivessem vazado informações para a imprensa. Posto que o artigo citasse funcionários tanto do Departamento de Estado quanto do Departamento de Defesa, o vazamento vinha do lado do Departamento de Defesa. Falando em condição de anonimidade, um *insider* do Pentágono contou aos repórteres que tinha chegado a hora de os Estados Unidos começarem a “acompanhar” as nações que já haviam decidido reconhecer a Ucrânia. A decisão devia ser tomada antes da reunião do Conselho da OTAN marcada para o final da semana.³⁶⁶

No dia seguinte, os partidários de um rápido reconhecimento da independência da Ucrânia mobilizaram seus aliados no Congresso. Um grupo grande de

congressistas dos dois grandes partidos apoiou Cheney com todo o vigor. Sua carta ao presidente Bush, entre cujos signatários se achavam estrelas em ascensão da política americana, como Newt Gingrich, Nancy Pelosi, Leon Panetta e Rick Santorum, dizia: “Sabemos que agora o senhor está ponderando o conselho de vários membros de seu governo, inclusive do secretário de Defesa Dick Cheney, para que os Estados Unidos figurem entre os primeiros a reconhecer a independência da Ucrânia. Senhor presidente, esse é um bom conselho. É de importância vital que os Estados Unidos fiquem do lado da Ucrânia, a favor da liberdade e da democracia, em vez de ajudarem a apoiar um Kremlin ainda dirigido por comunistas mal reconstruídos.” Esta última referência era a Gorbatchov e seu círculo. “Aqueles que alegam que o controle contínuo do Kremlin sobre as políticas militar, econômica e social na Ucrânia beneficia de algum modo os Estados Unidos estão equivocados. Agora nosso país tem a oportunidade de passar rapidamente a negociar com a Rússia independente e com a Ucrânia independente a destruição total das armas nucleares, assim como a implementação de grandes reformas de mercado livre. Sejamos a vanguarda desse movimento, e não a desajeitada e capenga retaguarda.” Os parlamentares exortaram Bush a mostrar a determinação que tinha demonstrado durante a Guerra do Golfo.³⁶⁷

Para os defensores da independência da Ucrânia, tanto no governo quanto em outras partes, o *timing* da carta era perfeito. Em 26 de novembro, quando foi despachada, o presidente dirigiu uma reunião decisiva com os conselheiros de política externa. Com uma reunião do Conselho da OTAN marcada para o dia seguinte, em que se discutiria a situação ucraniana, e a pressão política pelo reconhecimento da independência do país aumentando em casa, Bush e assessores finalmente concordaram quanto a uma estratégia. Eles reconheceriam a Ucrânia, mas dali a algumas semanas. O presidente enviaria um emissário especial a Kiev imediatamente após o referendo para dar garantias à liderança ucraniana do apoio americano à sua recém-descoberta liberdade.

Em suas memórias, Baker põe o melhor viés possível no compromisso a que se chegou na reunião, escrevendo que os participantes haviam aceitado a proposta do Departamento de Estado de “reconhecimento adiado”. Nas notas manuscritas no verso da fotocópia do artigo do *Washington Post* sobre a divisão no governo, Baker escreveu: “Kozyrev diz que os *moderados* na Rússia apoiam nossa abordagem – é um erro dizer ‘não’ ou *apressadamente* ‘sim’ –, assim como os moderados na Ucrânia.” Ele marcou a frase seguinte com múltiplos asteriscos: “Correr risco apressando o rec[onhecimento] – caos + guerra civil –,

ao passo que esperar algumas semanas *não é risco*.”³⁶⁸

Naquele dia, um cabograma com itens da pauta da reunião do Conselho da OTAN foi enviado ao embaixador americano na sede da organização em Bruxelas. Os autores do texto previam uma sólida votação pró-independência no iminente referendo ucraniano e esperavam que o governo do país afirmasse sua independência imediatamente depois. Segundo o documento: “A questão para nós não é reconhecer a Ucrânia, mas como e em que momento.” Seus autores se manifestavam contrariamente ao estabelecimento de condições preliminares para o reconhecimento. “Nós não apoiamos a imposição de condições que a Ucrânia deva cumprir para que nos disponhamos a conceder reconhecimento e relações diplomáticas”, dizia o cabograma. “Em vez disso, acreditamos que a OTAN e cada um de nós devemos comunicar à Ucrânia certos fatores que levaremos em consideração ao tomar nossas decisões individuais.”

Entre os requisitos apresentados no cabograma, incluíam-se a manutenção do comando central existente sobre as forças nucleares localizadas no país, o compromisso de sua liderança com a já proclamada meta de vir a ser um Estado livre de armamento atômico e a adesão aos tratados internacionais de controle de armas assinados pela União Soviética, bem como aos Acordos de Helsinque, com suas cláusulas de reconhecimento das fronteiras posteriores à Segunda Guerra Mundial e as promessas de defesa e proteção dos direitos humanos. Os redatores do documento tinham plena consciência de que a decisão sobre a independência da Ucrânia estabeleceria um precedente na política americana e na atuação da OTAN para as outras repúblicas soviéticas, inclusive a Geórgia e a Armênia.³⁶⁹

Depois da fatídica reunião de 26 de novembro na Casa Branca, George Bush finalmente pôde começar a restaurar os laços com a comunidade ucraniana e, por extensão, com outros eleitores oriundos da Europa Oriental. O primeiro passo nesse sentido tinha sido dado dias antes pelo recém-nomeado diretor da CIA, Robert Gates. Em 17 de novembro, apenas algumas semanas depois de tomar posse, ele fez o discurso inaugural num jantar de uma comunidade americana-ucraniana no hotel New York Plaza. A ocasião foi a homenagem ao americano-ucraniano mais graduado no governo Bush, o vice-porta-voz da Casa Branca Roman Popadiuk, com o prêmio Ucraniano do Ano, a ele conferido pelo Instituto Ucraniano da América, sediado em Nova York.

A julgar pela reação do público, o discurso de Gates foi um sucesso. Mais tarde, Ralph Gordon Hoxie, um ilustre educador nova-iorquino e chefe do Centro para o Estudo da Presidência, que compareceu ao evento, cumprimentou-

o pelo discurso “espetacular” que o cativou com seu contraste jeffersoniano entre democracias e tiranias. Gates aproveitou a oportunidade para transpor o abismo entre o governo e a comunidade americano-ucraniana. Também teve uma conversa com Hennadi Udovenko, o chefe da missão ucraniana nos Estados Unidos. Posteriormente, o *US News & World Report* atribuiu a decisão do governo de reconhecer o resultado do referendo ucraniano à posição tomada, nos debates internos, pelo novo diretor da CIA.³⁷⁰

Os dirigentes da comunidade americano-ucraniana foram convidados à Casa Branca na manhã de 27 de novembro, dia seguinte à decisão do governo sobre reconhecer a independência do país. O grupo de quinze pessoas passou meia hora reunido com Bush, Scowcroft, Ed Hewett (do Conselho de Segurança Nacional) e outros consultores de política externa no Salão Roosevelt. Seu líder era Taras Szmagala, natural de Cleveland e antigo simpatizante dos republicanos, que dirigia a Associação Nacional Ucraniana e era *publisher* do jornal *Ukrainian Weekly*, ultimamente tão hostil ao presidente. Em 1988, Szmagala presidira o comitê Ucranianos Americanos a Favor de Bush. Em setembro de 1991, havia estado entre os membros da delegação americana liderada pelo irmão de Bush, Jonathan, para marcar o quinquagésimo aniversário do massacre de Babi Yar.

Recebido na Casa Branca, Szmagala disse a Bush que a independência ucraniana era inevitável e que o reconhecimento por parte dos Estados Unidos era a “questão visceral” da comunidade americano-ucraniana. Lembrou-o do apoio que dera à autodeterminação nacional ucraniana na década de 1970 e início de 1980, mas, segundo a reportagem do *Ukrainian Weekly* sobre a reunião, não mencionou a gafe do discurso “Frango à Kiev”. Os líderes da comunidade americano-ucraniana entregaram ao presidente um apelo dos dirigentes do Rukh, na Ucrânia, para que apoiasse o desejo de independência do país e cessasse a assistência financeira a Gorbatchov, que estava travando uma guerra midiática contra sua causa: uma guerra que, na opinião desses militantes, podia transformar-se em agressão aberta. “Quem assumirá a responsabilidade pela possível agressão de Gorbatchov contra a Ucrânia?”, perguntavam os líderes do Rukh.³⁷¹

George Bush teve a satisfação de dizer aos tão sofridos partidários americano-ucranianos que seu governo decidira reconhecer a Ucrânia. A ressalva, quando informou que isso não aconteceria imediatamente, perdeu-se na plateia, que ouviu o que mais queria ouvir. Por fim, os presentes tinham algo definitivo para contar aos amigos na Ucrânia e aos companheiros de comunidade que os

criticavam por apoiarem incondicionalmente os republicanos, muito embora o presidente republicano supostamente estivesse ao lado de Gorbatchov e atraísse a Ucrânia. Assim que saíram da Casa Branca, os líderes da comunidade se apressaram a contar aos repórteres sobre a promessa de Bush de que os Estados Unidos “saudariam a independência ucraniana” e “avançariam” com seu reconhecimento. “Não se mencionou nenhum cronograma”, observou o *Washington Post*.³⁷²

A notícia da disposição de Bush a reconhecer a Ucrânia não tardou a ser confirmada por um funcionário da Casa Branca, que, falando extraoficialmente, contou que a decisão tinha sido tomada em uma reunião no dia anterior. Apresentou a decisão como um compromisso entre as posições anteriormente defendidas por Cheney e Baker. Mais uma vez transposto com astúcia na questão da independência da Ucrânia, Baker culpou os líderes da comunidade ucraniana e a imprensa por ignorarem “as nuances de nossa posição”. Em suas memórias, George Bush escreveu com mágoa sobre a notícia ter “vazado” para a imprensa, mas Robert Gates, que antes compartilhara a postura cautelosa de Baker nessa questão, simplesmente registrou nas próprias memórias que “os fatos e a conveniência superaram uma abordagem de princípio”. Gates se recusou a culpar os líderes da comunidade americano-ucraniana pelo vazamento da notícia.

Na verdade, não pode ter sido uma surpresa para Bush e seus conselheiros o contato dos líderes da comunidade americano-ucraniana com a imprensa depois da reunião, tampouco tinha sentido esperar que a mídia se ocupasse de sutilezas sobre as nuances da posição do governo à luz da importante mudança em sua política. Com a perda de uma cadeira na Pensilvânia por parte dos republicanos, a popularidade de Bush a cair nas pesquisas e os eleitores oriundos da Europa Oriental manifestando seu descontentamento em alto e bom som, a Casa Branca não podia se dar ao luxo de manter o apoio anterior a Gorbatchov, agora descrito por Scowcroft como pouco mais que um “fantasma do centro”. A mudança de rumo, desagradável para George Bush, mas politicamente necessária, tinha de ser adotada cedo ou tarde. Gorbatchov estava caindo, e o perigo era arrastar o presidente americano para o abismo político.

O “vazamento”, que a Casa Branca confirmou imediatamente e completou com pormenores adicionais do processo de tomada de decisão, foi um modo conveniente de revelar ao país e ao mundo uma mudança importante na política externa dos Estados Unidos, resumida no abandono de Gorbatchov e de seu projeto de União. Numa ruptura de antiga tradição, o soviético não foi

consultado nem avisado sobre o anúncio. Formalmente, não houve anúncio nenhum.³⁷³

Em 30 de novembro, três dias depois do vazamento e um dia antes do referendo ucraniano, o presidente Bush telefonou para Gorbatchov a fim de explicar a guinada na política americana, da qual este já estava informado. Foi uma ligação pela qual nenhum dos dois líderes ansiava. Quando o assessor Anatoly Tcherniaiev contou-lhe que Bush havia solicitado uma conversa telefônica, Gorbatchov não gostou. “Para quê?”, perguntou ele. “Eu não estou.” Somente depois de certa hesitação, concordou em receber a chamada: “Que completem a ligação, esteja eu onde estiver.” Ele se sentia traído pelo homólogo estadunidense. O vazamento da Casa Branca prejudicava sua campanha contra a independência da Ucrânia, na qual ele garantia ter todo o apoio de George Bush e de outros líderes ocidentais. Agora a miragem do apoio do Ocidente desaparecia repentinamente, exposta como um blefe e dando aos ucranianos mais um incentivo para votar e pressionar pela independência.³⁷⁴

Seu intérprete, Pavel Palazhtchenko, ouvira a notícia primeiramente na CNN. “Sejam quais forem os detalhes da decisão tomada por Bush”, disse ele a Tcherniaiev, “esse anúncio é uma verdadeira pancada”. Tcherniaiev concordou e redigiu uma resposta pública em nome de Gorbatchov, afirmando que a notícia vinda de Washington “causa perplexidade”. A declaração não atingiu seu objetivo nem mesmo em Moscou, quanto menos em Washington. Foi criticada na primeira página do jornal *Izvestia*, que normalmente era leal a Gorbatchov. O autor do artigo sustentava que, embora o vazamento de Washington pudesse ser tratado como ingerência em assuntos soviéticos na véspera do referendo, o repúdio público de Gorbatchov à Casa Branca fazia pouco sentido, uma vez que as pesquisas mostravam que mais de oitenta por cento dos ucranianos apoiavam a independência. O artigo foi publicado ao lado de uma matéria intitulada “Ucrânia: um dia antes da liberdade obtida através do sofrimento”. Se alguém estava em descompasso com a realidade, era Gorbatchov, e não Bush. Contudo, Tcherniaiev se orgulhou de seu trabalho, suspeitando que a declaração de Gorbatchov desempenhara seu papel ao levar Bush a telefonar para o aliado abandonado.³⁷⁵

Quando a ligação finalmente foi completada, o americano disse imediatamente que telefonava por causa da questão da Ucrânia e que estava preocupado com declarações chegadas recentemente do lado soviético, numa referência clara à declaração de Tcherniaiev. “Você conhece nossa tradição de nação democrática.

Nós temos de apoiar o povo ucraniano”, disse Bush. Ele tentou dourar a pílula: “Talvez o reconhecimento da independência da Ucrânia traga-a de volta ao processo do tratado de união.” Depois de ouvir o presidente americano, Gorbatchov partiu para o ataque. “Não vou esconder que o vazamento de que a Casa Branca leva em séria consideração o reconhecimento da independência da Ucrânia – especialmente porque ocorreu na véspera do referendo – foi recebido negativamente”, disse ele. “Parece que os Estados Unidos não só estão tentando influenciar como também interferir nos acontecimentos.”

Gorbatchov prosseguiu declarando que o voto ucraniano a favor da independência não devia ser tratado como um voto a favor da secessão e evocou os fatos na Iugoslávia. “Se alguém na Ucrânia disser que o país está se separando da União e que o apoia”, disse ele, aludindo à disposição de Bush a reconhecer a Ucrânia, “está dizendo que 12 milhões de russos e membros de outros povos se tornarão cidadãos de um país estrangeiro”. Indicou que o interesse de Iéltzin pelas regiões ucranianas fronteiriças da Rússia e a situação das minorias russas na Crimeia e na região carbonífera da bacia dos Donets na Ucrânia Oriental eram questões potencialmente explosivas. Gorbatchov seguia as recomendações sobre as minorias ucranianas que Georgui Chakhnazarov lhe dera no mês anterior.

Anatoly Tcherniaiev, que presenciou a conversa, resumiu assim a argumentação de Gorbatchov: “Independência não é secessão, e secessão é a Iugoslávia ao quadrado e elevada à décima potência!” Ele pediu ao presidente americano que tomasse cuidado para não incentivar os separatistas. “Cada estado dos Estados Unidos é soberano, mas nós lidamos com os Estados Unidos como um Estado forte”, disse ele.

“É verdade”, respondeu Bush, que não estava disposto a ceder um centímetro. “O reconhecimento das aspirações dos ucranianos à independência pavimentará o caminho para a solução dessas questões espinhosas que obstruem as reformas política e econômica”, acrescentou. Bush garantiu ao presidente soviético que não tinha intenção de complicar as coisas para ele. “Eu estou sob certa pressão aqui”, explicou, referindo-se ao seu problema ucraniano doméstico. “Não posso entender as coisas pelas quais você passou, mas estão me apertando, de modo que posso entender um pouco o que você está vivendo.”

Não houve diálogo. De fato, a conversa consistiu em dois monólogos. Embora evitassem um conflito aberto, os dois interlocutores sabiam que suas posições eram incompatíveis. O telefonema pouco fez para aproximá-los. A aliança política entre Bush e Gorbatchov era coisa do passado. Tcherniaiev achou que

James Baker, que participara da conferência do lado americano, parecera mais simpático que Bush à grave situação de Gorbatchov e ao futuro da União. “Baker é mais livre em suas opiniões e menos sujeito à pressão de todos os tipos de lobistas, é mais franco!”, escreveu Tcherniaiev em seu diário naquele dia. Depois da conversa, redigiu um *release* sobre aquilo. Gorbatchov estava ansioso por usar o próprio telefonema, se não seu conteúdo, para obter vantagem política na véspera do referendo ucraniano. Tentou compensar o vazamento indireto de Bush para a imprensa, ocorrido alguns dias antes, com seu próprio vazamento. O objetivo da declaração, segundo o diário de Tcherniaiev, era “pressionar Kravtchuk & Cia”.³⁷⁶

Para Gorbatchov, a difícil conversa com Bush foi seguida por um encontro não menos difícil com Bóris Iéltzin, que ele considerava a fonte da maior parte de seus problemas recentes. Naquela manhã, pediu ao presidente russo que salvasse a União da inadimplência iminente, pois os russos, que agora controlavam a renda do petróleo e do gás, haviam parado de financiar as estruturas da União. A segunda superpotência mundial estava falida. Gorbatchov ainda comandava as Forças Armadas e o corpo diplomático, mas não tinha dinheiro para pagá-los e nem mesmo para cobrir os salários de seu próprio *staff*.

Os cofres da União estavam vazios. No dia anterior, durante uma sessão do parlamento da União, Gorbatchov solicitara aos deputados que aprovassem seu decreto, datado de junho, ordenando que o Banco Central emitisse 68 bilhões de rublos em créditos para instituições e empresas estatais. Também havia pedido a aprovação de novos créditos no valor de 90 bilhões de rublos. Foi, efetivamente, um pedido para imprimir mais dinheiro, e desagradou a muitos deputados. Embora uma câmara do parlamento da União tivesse aprovado a resolução de emitir os créditos, o parlamento como um todo, sob a influência dos deputados russos, não a aprovou. O governo russo, pronto para dar início a uma reforma econômica radical, queria evitar a qualquer preço outra rodada inflacionária. O governo Gorbatchov estava privado de verbas. “A Rússia bloqueou efetivamente a aceitação de um orçamento extraordinário da União no fim do ano”, escreveu em seu diário o consultor econômico de Gorbatchov, Vadim Medvedev. “Esse bloqueio desencadeou uma maciça falta de pagamento de salários a instituições dependentes do orçamento [da União].”³⁷⁷

No mesmo dia, o Banco do Estado suspendeu todos os pagamentos a instituições da União, inclusive o Exército e a administração presidencial. A única exceção foi o Ministério das Relações Exteriores, agora chefiado por

Eduard Shevardnadze. Consciente da reação negativa dos líderes ocidentais ao seu antigo plano de cortar o financiamento do ministério, Iéltzin continuou a custeá-lo com os cofres russos. Os funcionários do ministério deram o alarme, temendo que a Rússia se apoderasse do ministério, mas Gorbatchov era impotente. “O que nós podíamos fazer?”, escreveu Tcherniaiev em seu diário. “A Rússia ainda tem recursos para pagar, mas M[ikhail] S[ergueievitch] não tem nada!”

Naquele encontro com o presidente russo e seus conselheiros em 30 de novembro, Gorbatchov não tinha cartas para jogar. Sua única esperança era envergonhar os adversários para que lhe dessem dinheiro. “O caso foi apresentado da seguinte maneira:”, escreveu Tcherniaiev em seu diário, “não se pode deixar o ‘centro’ sem meios de sustentar-se”. No final da sessão de quatro horas, Iéltzin concordou em soltar alguma verba. Seus assessores econômicos calculariam como fazê-lo. Enquanto Gorbatchov conversava com Bush ao telefone em seu gabinete, as autoridades se reuniram no cômodo contíguo, chamado Salão de Nogueira, devido ao aos seus painéis e antes usado nas reuniões do politburo. Os líderes soviéticos que se reuniram ali no auge da rivalidade com os Estados Unidos durante a Guerra Fria dificilmente imaginariam, a não ser como um pesadelo, o problema que agora tentavam resolver naquele mesmo salão.³⁷⁸

A União estava em seu leito de morte e já nem sangrava; em se tratando de finanças, fazia tempo que seu sangue se esvaía. A solução negociada por Gorbatchov era, na melhor das hipóteses, um sopro de oxigênio, mas, apesar de todas as decepções dos últimos dias, ele não se dava por vencido. Na conversa com Bush, estava ávido por relatar um de seus raros sucessos políticos, contando que, no dia anterior, o esforço para salvar a União havia recebido todo o apoio de seu Comitê Consultivo Político, do qual participavam Anatoly Sobtchak, prefeito de São Petersburgo (antiga Leningrado), e Alexander Yakovlev, o “avô da *perestroika*”. Agora os membros do conselho, muitos fundadores do Grupo Inter-regional, o primeiro bloco democrático do parlamento da União, respaldariam o esforço de Gorbatchov para salvar a União. Alguns falaram em criar uma oposição formal ao que encaravam como a intenção de Iéltzin de destruir a União Soviética.

Naquela noite, Sobtchak, o antigo aliado de Iéltzin, foi à televisão com uma forte declaração de apoio à União, mas os membros do conselho não chegavam a constituir uma voz influente na Rússia. Não formaram o bloco de oposição que tinham discutido com Gorbatchov, e sua capacidade de influenciar a opinião

pública era, no mínimo, limitada. Iêgor Yakovlev, um membro do conselho que depois do *putsch* fora nomeado chefe da Administração da Televisão e do Rádio Soviéticos, estava perdendo o controle sobre seu próprio *staff*. “Iêgor Yakovlev queixou-se de que ‘estão tomando’ a televisão”, anotou Tcherniaiev em seu diário. “Ele já não é o chefe por lá. Agora os ‘russos’ é que mandam.” A seguir, Tcherniaiev acrescentou, referindo-se ao noticiário televisivo transmitido em 29 de novembro: “Houve comentários descaradamente ofensivos a M[ikhail] S[ergueievitch] concernentes à sua ‘política ucraniana’.”³⁷⁹

Alguns dias antes, Tcherniaiev e Alexander Yakovlev, dois *apparatchiks* liberais do partido, haviam concluído, como Tcherniaiev apontou no diário, que “queiramos ou não, não há alternativa para o avanço da Rússia rumo à independência. Os esforços de Gorbatchov para salvar a União são espasmos vãos”. Em 29 de novembro, dia em que o presidente soviético recebeu o apoio de Sobtchak e de outros líderes da *perestroika*, Tcherniaiev enviou-lhe o esboço de um discurso para os parlamentares da União com um apelo para que votassem um novo tratado de união. Ele anotou em particular: “Eu mesmo não acredito nessa possibilidade. (...) No entanto, propus as palavras!”. No mesmo dia, entregou ao presidente soviético um memorando em que, sim, acreditava, aconselhando-o a “redirecionar seu papel para assuntos internacionais e a defesa da cultura (...) para mostrar seu prestígio mundial em casa e atrair apoio a partir daí, sem confiar no tratado da União, nem nas decisões do Congresso que o elegeu e do Congresso que confirmou sua eleição depois do *putsch*, nem na Constituição da União Soviética!”. Esse não era um plano para salvar a União, e sim uma tentativa de salvar o próprio Gorbatchov como figura histórica ou até política.³⁸⁰

Este, por sua vez, estendia os braços para qualquer um que se dispusesse a escutar suas previsões de que a dissolução da União seria um desastre humano de proporções épicas. Numa entrevista ao *Jornal do Povo*, publicado em Belarus, fez uma de suas referências habituais à Iugoslávia, onde o conflito entre sérvios e croatas havia obrigado centenas de milhares de homens, mulheres e crianças a abandonar seus lares ancestrais e fugir da região de conflito. Ele achava que a tragédia iugoslava pareceria insignificante em comparação com o que podia acontecer dentro da União Soviética se novas fronteiras nacionais criassem uma legião de minorias étnicas. Seu argumento se concentrava nos russos – os ex-senhores do império – e a discriminação que eles poderiam enfrentar em Estados recém-independentes.

“Setenta e cinco milhões de pessoas vivem além dos limites de suas ‘pátrias

pequenas’”, afirmou Gorbatchov, referindo-se às pátrias étnicas das nacionalidades soviéticas e à entremesclada população da União. “E então? Todas elas são cidadãs de segunda classe? E não nos deixemos tranquilizar com garantias de que tudo será assegurado em acordos bilaterais assinados pelas repúblicas. Eu não acredito que eles resolverão o problema. Nós temos de preservar um Estado que ofereça defesa legal a cada indivíduo.” A seguir, aludiu aos habitantes russófonos da região, que não podiam participar plenamente do processo político sem conhecer as línguas locais. “Queira-se ou não, certos cidadãos que vivem nas repúblicas bálticas estão sendo reduzidos a algo como uma segunda classe”, disse Gorbatchov ao jornalista.

Por mais que o repórter bielo-russo fizesse perguntas com críticas francas a Iéltzin, convidando-o a arremeter contra seu principal adversário político, o presidente soviético não mordeu a isca. Independentemente do que pensava sobre o líder russo, esforçou-se para não o atacar em público. Porém, mostrou-se muito menos contido ao falar sobre Leonid Kravtchuk. Referindo-se à sua candidatura à Presidência da Ucrânia, ele disse ao jornalista: “Falando em termos gerais, uma república maravilhosa (...) Mas veja como estão explorando a ideia da independência: a meu ver, de modo algum o fazem só por conta da campanha eleitoral.” Então, jogou a cartada das minorias, afirmando que queria ver a Ucrânia unida ao mesmo tempo que chamava a atenção para sua grande minoria russa. “Se eles pretendem separar a Ucrânia”, argumentou, “o que farão os doze a quinze milhões de russos que vivem no país, e quem precisa disso afinal? Eu sou pela autodeterminação sem a destruição da União”.³⁸¹

Kravtchuk e seus partidários acreditavam que, expressando constantemente preocupação com o destino das regiões orientais da Ucrânia, Gorbatchov estava, na verdade, tentando semear um conflito interétnico na república e explorá-lo para salvar a União. No entanto, a questão do que aconteceria à minoria russa no país era mais que um ardil propagandístico por parte dele. Mesmo os membros de seu *entourage* que já haviam perdido a esperança na manutenção da União estavam preocupados com a possibilidade de dividir aquilo que era considerado como território histórico da Rússia. “Em geral, não haveria nada errado se não fosse pela Ucrânia e pela Crimeia, das quais não se pode abrir mão”, escreveu Tcherniaiev em seu diário.³⁸²

A resposta às preocupações de Gorbatchov e Tcherniaiev seria dada pelo iminente referendo ucraniano. Aqueles que rodeavam o presidente soviético não acreditavam que a Crimeia e outras regiões da Ucrânia com população russa considerável votariam pela independência. Era uma situação paradoxal. O futuro

da União dominada pela Rússia dependia do voto ucraniano, que, por sua vez, dependia do voto russo étnico no leste e no sul da Ucrânia.

356 Ibid., pp. 565-567.

CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1020.

357 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1021-1023.

MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 221.

Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 375-382.

PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, p. 258.

WALKER, Edward W. *Dissolution: Sovereignty and the Breakup of the Soviet Union*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2003, pp. 149-150.

358 PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 433.

359 Entrevista de Stanislav Chuchkevich. Davis Center, Universidade de Harvard, 17 de abril de 2000. *Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 384-393.

CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1026-1030.

360 LAPYCHAK, Chrystyna. "Parliament Votes to Boycott Union Structures, Passes Law on Ukrainian Citizenship". *Ukrainian Weekly*, 13 de outubro de 1991, pp. 1-2.

361 KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 110. CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, p. 277.

362 SHAKHNAZAROV, Georgy. *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscou: Rossika-Zevs, 1993, pp. 560-561.

PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 341.

BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 550.

WILSON, Andrew. *Virtual Politics: Faking Democracy in the Post-Soviet World*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2005, pp. 1-32.

363 PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 341.

BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 550.

364 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 448.

LAMIS, Renee M.. *Realignment of Pennsylvania Politics since 1960: Two-party Competition in a Battleground State*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 2009, pp.

- 365 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 448-449.
Hank Brown ao presidente Bush, 16 de setembro de 1991, e minuta da resposta de Brent Scowcroft em dezembro de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Arquivos Cronológicos da URSS, dezembro de 1991, nº 1.
“U.S. Senate Passes Resolution Urging Recognition of Ukraine”. *Ukrainian Weekly*, 1º de dezembro de 1991, pp. 1, 14.
- 366 “It Would be Prudent, George”. *Ukrainian Weekly*, 24 de novembro de 1991, p. 6.
KUROPAS, Myron B. “Bren and Harry: Two Peas in a Pod”. *Ukrainian Weekly*, 24 de novembro de 1991, p. 7.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 447-448.
- 367 GOLDGEIER, James M.; McFAUL, Michael. *Power and Purpose: US Policy Toward Russia After the Cold War*. Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2003, p. 47.
- 368 POPADIUK, Roman. *The Leadership of George Bush: An Insider’s View of the Forty-First President*. College Station, Texas: Texas A & M University Press, 2009, pp. 155-160.
- 369 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 560-561.
Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
SMITH, Jeffrey. “U.S. Officials Split over Response to an Independent Ukraine”. *Washington Post*, 25 de novembro de 1991.
- 370 Christopher Cox e outros congressistas americanos para George H. W. Bush, 26 de novembro de 1991, pp. 1-6. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Arquivos Cronológicos da URSS, dezembro de 1991, nº 1.
- 371 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 560-561.
“JAB Notes from 11/26/91 Conversation with POTUS (Recognition of Ukraine Independence)”.
Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 9.
- 372 “Draft Cable to USNATO for Nov 27 NAC”, pp. 1-5. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Arquivos Cronológicos da URSS, dezembro de 1991, nº 3.
- 373 R. Gordon Hoxie para Robert Gates, 19 de novembro de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Roman Popadiuk, Arquivos Cronológicos da URSS, dezembro de 1991.
TROFIMOV, Yaroslav. “Vote Brings Wave of Recognition”. *Ukrainian Weekly*, 8 de dezembro de 1991, pp. 3, 6.
- 374 KOLOMAYETS, Marta. “Ukrainian American Leaders Meet with President Bush on the Eve of

Ukrainian Referendum”. *Ukrainian Weekly*, 1º de dezembro de 1991, pp. 1, 3, 14.
“Rukh Appeals to President Bush”. *Ukrainian Weekly*, 1º de dezembro de 1991, p. 14.
MILLER, William F. “Firmly Rooted in Two Lands”. *Cleveland.com*, s/d. Disponível em www.cleveland.com/heritage/index.ssf?/heritage/more/ukraine/ukraine2.html.
YANG, John R. “Bush Decides to Accelerate U.S. Recognition of Ukraine”. *Washington Post*, 28 de novembro de 1991.

375 Ibid.

BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, p. 561.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 552.
GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider’s Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 531.

376 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1028-1029.

377 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, p. 561.
PALAZHCHEENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 347.
OSTAL’SKII, Andrei. “Sovetsko-amerikanskaia razmolvka iz-za ukrainskogo referendum”. *Izvestia*, 29 de novembro de 1991.
TSIKORA, S. “Ukraina: za den” do vystradannoi voli”. *Izvestia*, 29 de novembro de 1991.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1028-1029.

378 Conferência telefônica com o presidente Mikhail Gorbachov da União Soviética, 30 de novembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-11-30-Gorbachev.pdf.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 551-552.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1029.

379 V Politbiuro TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Chakhnazarova (1985-1991). Moscou, 2000, p. 730.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial’nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 997-998.

380 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1029.

381 Ibid., p. 1030.

382 Ibid., pp. 1027-1028.

CAPÍTULO 14

L O referendo ucraniano EONID KRAVTCHUK PASSOU OS últimos dias de novembro em campanha eleitoral. O referendo marcado para 1º de dezembro coincidiria com a data da eleição presidencial, e, como queria ser presidente da Ucrânia independente, ele tinha de ganhar nas duas votações.

Experiente *apparatchik* do partido, mas político público novato, ele se lembrou do conselho de George Bush durante sua visita a Kiev em julho: olhe nos olhos das pessoas, pois só assim saberá se elas votarão no senhor ou não. Kravtchuk não foi bater de porta em porta como um político ocidental, mas tampouco evitou o contato com todos os tipos de gente. A certa altura, isso quase lhe custou a vida. Quando estava visitando uma loja de departamentos na cidade de Vinnytsia, no centro do país, o chefe de seu serviço de segurança informou que milhares de pessoas se haviam aglomerado na praça em frente para vê-lo. Nem o serviço de segurança nem a polícia local tinham pessoal suficiente para controlar a multidão, que era estimada em vinte mil pessoas. Kravtchuk se recusou a sair pela porta dos fundos. “Fugir feito um ladrão das pessoas que logo estarão votando em mim?”, escreveu ele em suas memórias. “Seria uma burrice!” Novato em campanhas eleitorais, decidiu contrariamente aos guardacostas e foi conversar com as pessoas na praça.

Seu instinto político foi recompensado imediatamente com gritos de “Viva Kravtchuk!”, mas a multidão imensa, com as pessoas de trás a empurrarem para ver de relance o homem no centro, ficava cada vez mais impaciente. De repente, o presidente do parlamento ucraniano sentiu uma dor horrível e ouviu um estalo. Alguém na multidão lhe havia agarrado a mão numa tentativa frustrada de apertá-la e quebrou-lhe o dedo. “Olhei à minha volta e vi que as coisas estavam um tanto assustadoras”, escreveu. “Parecia que, se o incerto cordão da milícia não aguentasse, nós seríamos simplesmente esmagados.” Enquanto ele tratava de sair da praça, as pessoas continuavam gritando vivas e hurras, sinal de que aprovavam a ele pessoalmente e às políticas que defendia. Partiu de Vinnytsia com muita confiança na vitória, mas com o dedo da mão fraturado e os sapatos

destruídos, pois quando os seguranças o arrastaram em meio ao pavor, ele fincou os calcanhares no chão para não perder o equilíbrio. Esse era um aspecto da campanha democrática sobre o qual Bush não poderia dar conselhos; quem imaginaria que os antigos funcionários soviéticos não saberiam controlar uma multidão?³⁸³

No começo de novembro, um mês antes das eleições, Kravtchuk liderava as pesquisas com mais de trinta por cento das intenções de voto popular. Seu rival mais bem colocado, um ex-presos político e agora chefe da administração regional de Lviv, Viacheslav Tchernovil, seguia-o com pouco mais de doze por cento das intenções de voto. Os oponentes acreditavam que a sorte estava contra eles, já que Kravtchuk contava com todo o apoio do aparato do Estado tanto no centro quanto nas regiões. De fato, ele não só fazia parte do *establishment*, como era, nas circunstâncias, seu filho predileto e sua última esperança. A antiga elite comunista, inicialmente hostil ou desconfiada da independência, agora a abraçava inteiramente. Em agosto, a maioria comunista no parlamento ucraniano tinha votado pela independência desde que a decisão fosse ratificada três meses depois por um referendo. Isso lhes dava a oportunidade de mudar de ideia, mas não houve desdobramentos depois de 24 de agosto que exigissem uma alteração de curso.³⁸⁴

Sem dúvida, o voto favorável à independência não salvou o partido, que, além de suspenso, tinha sido declarado completamente fora da lei na Ucrânia no final de agosto de 1991, meses antes que o proibissem na Rússia. Entretanto, o processo foi bem diferente. Não houve humilhação pública dos funcionários do partido, que tampouco foram despojados das antigas propriedades da agremiação. Pelo contrário, um grupo transferiu calmamente os bens do partido para a jurisdição dos soviets locais, os conselhos regionais e municipais quase sempre controlados por ex-funcionários do partido. Para a maior parte da antiga elite comunista, a independência passou a ser uma nova religião e Kravtchuk, seu profeta que os salvaria da fúria de Iéltzin e dos democratas e nacionalistas em seu próprio quintal. Esses dois elementos – Kravtchuk e a independência – eram partes complementares do “ingresso” que lhes permitiria continuar no poder. Eles fariam qualquer coisa para apoiar a independência se Kravtchuk fosse eleito presidente e tudo para solapá-la se ele perdesse para os rivais do campo democrático pró-Iéltzin ou do campo democrático nacional.³⁸⁵

Kravtchuk tinha uma difícil tarefa pela frente. Logo depois da declaração da independência da Ucrânia em agosto, ficou claro que cabia a ele dar um jeito de

convencer os eleitores de que, apesar de seu passado comunista, ele era o melhor candidato para conduzi-los, a eles e ao país, à soberania. Também lhe cabia convencê-los a votar pela independência. Para atingir essa meta, precisava apaziguar as elites regionais e dissuadi-las de jogar a cartada separatista, acalmar as consideráveis minorias nacionais e religiosas, que talvez temessem ficar num país dominado por ucranianos sem a intermediação e a proteção do centro da União, e conquistar os comandantes das unidades militares soviéticas, que a União ou a liderança russa podiam usar como cavalo de Troia contra a independência ucraniana.

Convencer os eleitores de que ele era o melhor candidato à Presidência da Ucrânia parecia ser a tarefa mais fácil. Como havia outros cinco candidatos disputando a Presidência, as intenções de voto estavam divididas de várias maneiras. A *intelligentsia* urbana do Leste russificado, que votara nos democratas do tipo de Iéltzin durante os anos da *perestroika*, encontrara um porta-voz em Vladimir Hryniov, o segundo vice-presidente do parlamento. Russo étnico e produto do despertar democrático na cidade de Carcóvia, na fronteira com a Rússia, Hryniov foi um adversário precoce e resoluto do golpe de Estado. Também foi um entre os poucos deputados que votaram contra a independência na sessão de 24 de agosto, não por se opor à independência em si, mas por não querer que o país fosse governado por comunistas. Porém, com o Partido Comunista posto oficialmente na ilegalidade, ele abraçou a ideia da Ucrânia independente, convencido de que era isso que a maioria das pessoas desejava na época. Como Hryniov recordou depois: “Ficou claramente visível, durante a campanha eleitoral, que o ânimo das pessoas estava orientado para a independência da Ucrânia. Quando a gente encontra as massas, não pode dissimular o ânimo.”³⁸⁶

O principal candidato do bloco democrático nacional, Viacheslav Tchornovil, procurava usar sua história de vida para diferenciar-se de Kravtchuk, asseverando que sempre havia sido anticomunista e que nunca moldara suas opiniões conforme as circunstâncias. Dissidente político de longa data, preso pela primeira vez em 1967, Tchornovil tivera tempo mais que suficiente nos campos de prisioneiros para pensar no tipo de país que ele queria e podia construir. Acreditava que a Ucrânia independente devia ser um Estado federal. Quando se tornou chefe da administração regional de Lviv, após as primeiras eleições democráticas na primavera de 1990, promoveu a ideia de uma federação ucraniana, na qual a Galícia, uma região histórica composta por três *oblasts* e com centro administrativo em Lviv, teria autonomia. Na campanha presidencial,

contudo, minimizou o federalismo, afirmando que, naquele momento, ele atrapalhava a meta da independência.³⁸⁷

Para alguns rivais de Tchornovil no campo democrático nacional, era muito pouco e muito tarde. Levko Lukianenko, o principal autor da proclamação da independência ucraniana, seguia argumentando que Tchornovil era federalista e que o federalismo seria prejudicial ao país, pois encorajaria as ambições imperiais russas e daria um fundamento legal ao separatismo. Tchornovil, o candidato oficial do Rukh, e Lukianenko, o chefe da força política mais poderosa e organizada do Rukh, o Partido Republicano Ucraniano, tomaram caminhos separados, criando uma cunha nas fileiras democráticas nacionais, coisa que beneficiou Kravtchuk. O voto democrático ucraniano ficou ainda mais dividido quando alguns membros desse campo declararam apoio a Kravtchuk. Muitos antigos partidários da independência ucraniana que se encontravam nas fileiras da *intelligentsia* acreditavam que sua eleição era a única chance de ver a Ucrânia emergir unida e independente.³⁸⁸

Para muitos na *intelligentsia* ucraniana, Kravtchuk representava um mal menor. Aqueles do campo nacional desconfiavam de que, se não fosse vigiado, ele podia ceder à pressão de Moscou. Os democratas pró-Iéltzin do campo de Hryniov consideravam-no demasiado amistoso com os nacionalistas. Nenhum grupo conseguia esquecer seu passado comunista recente. Mesmo assim, aqueles que duvidavam que Tchornovil ou Hryniov pudessem ganhar estavam dispostos a tapar o nariz e votar estrategicamente em Kravtchuk. Como a deputada democrática nacional Larysa Skoryk explicou a um correspondente canadense do *Ukrainian Weekly*, Kravtchuk era o homem da hora, o homem certo para o cargo, o único candidato pró-independência capaz de conversar com a elite comunista, como havia demonstrado plenamente durante a votação a favor da independência em 24 de agosto. Segundo Skoryk, Kravtchuk sabia que não havia possibilidade de voltar atrás. “Ele é uma pessoa extremamente inteligente”, disse ela ao repórter. “Dizer que se trata de um homem de elevados valores morais, eu não posso. (...) Mas, por outro lado, o presente momento exige ações heroicas ou é um momento em que é necessária a superdiplomacia?”³⁸⁹

Como escreveu Kravtchuk em suas memórias, ganhar a Presidência só teria sentido se o povo ucraniano votasse pela independência. Uma coisa que ele não queria era ser o governador-geral de uma província dominada por Moscou. Bem cedo na campanha, com a posição de primeiro colocado consolidada e segura,

Kravtchuk decidiu que a melhor estratégia era fazer campanha não para si, mas pela independência ucraniana. Isso funcionou bem com os eleitores. Havia um aumento constante do número de cidadãos que favoreciam a independência: 65 por cento no fim de setembro, o que representava quase setenta por cento dos entrevistados e mais de oitenta por cento da população que pretendia votar na eleição no início de novembro. Era fundamental que o número ultrapassasse o patamar de setenta por cento, que era o nível de apoio a uma união renovada registrado entre os eleitores ucranianos no referendo de março de 1991 concebido por Gorbatchov. Esse resultado era a principal arma do presidente soviético na luta para manter viva a União Soviética.

Kravtchuk enfrentava um desafio formidável. Não apenas tinha de superar o resultado do referendo de março, como precisava que pelo menos cinquenta por cento do povo em todas as regiões do país votasse pelo sim. Do contrário, a legitimidade da independência ucraniana seria questionada tanto internamente quanto em Moscou, sem falar no Ocidente. Nada podia ficar ao acaso. Ele e seus seguidores deliberaram durante algum tempo sobre o enunciado da pergunta que fariam em 1º de dezembro. Os pesquisadores disseram a eles que o resultado era melhor quando perguntavam às pessoas não só se apoiavam a independência, como se aprovavam a declaração de independência de agosto adotada pelo parlamento ucraniano. A palavra “independência” tinha sido desacreditada durante décadas pela propaganda soviética no leste do país, mas a sanção do parlamento à palavra e ao conceito conferira uma nova legitimidade que atraía os eleitores conservadores. Na véspera do referendo, o *presidium* do parlamento emitiu um apelo à população do país, sublinhando um último ponto no debate e dizendo que não apoiar a independência significava apoiar a dependência. Pouca gente queria que a república continuasse dependente de Moscou.

Um sério problema enfrentado pelos defensores da independência ucraniana – de Kravtchuk e Hryniov a Tchernovil e Lukianenko – em suas respectivas campanhas fora a diversidade regional e cultural do país. Essa foi a cartada que Georgui Chakhnazarov propôs que Gorbatchov jogasse para conter a crescente maré pró-independência na Ucrânia, problema que Gorbatchov não se cansava de mencionar a qualquer um que o quisesse ouvir. Conquanto os pesquisadores previssem um forte voto pela independência, o grau de apoio variava de região para região. O apoio era mais forte na Galícia, que já tinha sido dominada pela Áustria e pela Polônia. No *oblast* galiciano de Ternopil, mais de 92 por cento dos entrevistados eram a favor da independência. A Volínia natal de Kravtchuk, que havia sido parte da Polônia no entreguerras, mas nunca da Áustria-Hungria,

não ficava muito atrás, com 88 por cento das intenções de voto favoráveis à independência. Kiev e a Ucrânia Central também haviam aderido à independência, mas em algumas províncias do leste e do sul do país o apoio mal ultrapassava cinquenta por cento das intenções de voto. Essas eram as regiões que só tinham sido totalmente colonizadas no século 19, sob o domínio do Império Russo, e que sofreram uma importante afluência de russos étnicos no período soviético. Nessas áreas, Kravtchuk estava significativamente à frente de seu principal rival, Viacheslav Tchernovil. Para muitos, sua eleição era uma garantia de que a independência, se viesse, não tomaria a forma do nacionalismo radical.³⁹⁰

Em 23 de outubro, Kravtchuk visitou a região mais independentista da Ucrânia, a república autônoma da Crimeia, para convencer o parlamento local a apoiar a emancipação do país. A Crimeia, uma península ligada à terra firme ucraniana por uma faixa de apenas sete quilômetros de largura e separada da Rússia pelos 4,5 quilômetros do estreito de Kerch, pertencia à Federação Russa antes de 1954. Transferida para a Ucrânia durante o governo de Nikita Krushev por motivos econômicos, foi um entre os 25 *oblasts* ucranianos até fevereiro de 1991. Isso mudou após o referendo crimeiense de janeiro de 1991, que endossou não apenas a autonomia da república, como também seu direito de ser uma signatária do novo tratado de união. No início de 1991, Gorbatchov e o centro se ocuparam de ampliar o status das autonomias, a fim de contrapor-las aos líderes favoráveis à soberania das repúblicas da União. A tática funcionou até certo ponto. Quando, em agosto de 1991, Gorbatchov convidou Nikolai Bagrov, presidente do parlamento crimeiense, para ir a Moscou e assinar o tratado de união, Bagrov declinou educadamente o convite. Já estava claro para todos que a Ucrânia não participaria do acordo.

Contudo, nem todos os problemas dos líderes ucranianos com a Crimeia tinham sido criados por Gorbatchov. Em fevereiro de 1991, as autoridades de Kiev haviam concordado em outorgar à península o status autônomo em parte por ser a única região do país em que os ucranianos étnicos eram minoria (representando um quarto da população). Mais de 67 por cento dos habitantes consistiam em russos étnicos, que dominavam a política e a cultura crimeienses. Não havia escolas em ucraniano na Crimeia, poucos ucranianos étnicos usavam tal idioma na vida cotidiana e apenas a metade afirmava que essa era sua língua materna, em uma indicação de que sua identidade ucraniana estava longe de ser forte. Uma preocupação adicional das autoridades de Kiev era a presença, na Crimeia, de oficiais e de marinheiros da frota do mar Negro soviética e de

militares reformados contrários à independência ucraniana. Os tártaros crimeienses, que foram deportados da península por Stalin em 1944, sob a acusação de colaboração com os nazistas durante a ocupação alemã, estavam começando a voltar à pátria ancestral, acrescentando complexidade ao equilíbrio étnico.³⁹¹

Kravtchuk esteve na Crimeia no dia em que o parlamento votaria a lei que regulamentaria o referendo local sobre a secessão da Crimeia em relação à Ucrânia e conseguiu convencer o parlamento a adiar a adoção da lei e cancelar o referendo. Seu argumento era simples, alegando que, como parte autônoma da Ucrânia, o parlamento da Crimeia teria poder suficiente para resolver os problemas da região sem a interferência de Kiev. A antiga elite comunista, que trabalhava com Kiev desde 1954, concordou em postergar a votação da lei. Seus adversários no parlamento, representados pelo Movimento Republicano da Crimeia e favoráveis ao referendo, foram derrotados.

O dirigente do Movimento Republicano da Crimeia, Iuri Mechkov, um dos poucos deputados crimeienses que se opuseram ao golpe de agosto, protestou, declarando-se em greve de fome e definindo o conflito no parlamento como uma luta da democracia contra o comunismo. No entanto, nem tudo era inequívoco na política crimeiense. Pouco depois, quatro jornalistas – uma ucraniana, uma tártara e duas russas – iniciaram uma greve de fome em protesto contra a escalada do ódio étnico na Crimeia por parte dos partidários de Mechkov. A opinião de Kravtchuk enfim prevaleceu, e não haveria referendo separado sobre a independência da península. Os eleitores crimeienses iriam às seções eleitorais para responder apenas se apoiavam a independência da Ucrânia. Ao contrário de Iéltzin no caso da Chechênia, Kravtchuk conseguiu manter a república autônoma da Crimeia em seu território por meios políticos.³⁹²

A Crimeia, que se tornara autônoma no início de 1991 e agora era tratada com consideração especial por parte de Kiev, era invejada pelas elites locais do *oblast* da Transcarpátia, que pertencera à Tchecoslováquia antes da guerra. Elas também queriam autonomia. Odessa, no sul, e a região carbonífera da bacia do Donets, no leste, eram importantes candidatas a um status semelhante. Com o federalismo em vias de se transformar em palavrão na eleição presidencial ucraniana, Viacheslav Tchornovil prometeu às elites de Odessa uma zona econômica livre. Ao mesmo tempo, Kravtchuk percorria o país com uma mensagem diferente, oferecendo ampla autonomia econômica às regiões históricas da Ucrânia, as quais, pelas suas contas, eram doze. As elites locais eram obrigadas a se conformar com o que ele oferecia, já que a maior parte não

tinha intenção de votar em Tchernovil. Segundo os boatos, se Kravtchuk perdesse, as elites regionais do leste e do sul se declarariam independentes de Kiev.

As tendências centrífugas nas regiões eram um desafio para Kiev nas vésperas do referendo de dezembro. Outro problema era o impacto que essas tendências teriam sobre as relações da Ucrânia com os vizinhos soviéticos e não soviéticos. Uma declaração feita pelo porta-voz de Iéltzin, Pavel Voshchanov, tinha deixado claro que, dependendo do resultado do referendo, a Rússia estava disposta a apresentar exigências territoriais sobre a Crimeia e, possivelmente, sobre as regiões orientais do país. Os húngaros da Transcarpátia estavam atentos aos seus irmãos étnicos do outro lado da fronteira, e um movimento romeno ganhava força no norte da Bucovina, uma região grandemente povoada por ucranianos e que pertencera à Romênia no entreguerras. Se as elites tchecoslovaca e húngara não reclamavam territórios ucranianos atuais, os parlamentares romenos se mostravam muito menos complacentes.

Na véspera do referendo ucraniano, o parlamento romeno adotou uma resolução exigindo o não reconhecimento do resultado no norte da Bucovina, que o documento chamava de “antiga terra romena”. O ministro das Relações Exteriores ucraniano, Anatoly Zlenko, soube da resolução romena quando estava a caminho de Bucareste para sua primeira visita oficial ao país vizinho. Tendo decidido interromper a viagem, desembarcou do trem ainda de madrugada, antes de atravessar a fronteira. Na manhã seguinte, o ministro romeno das Relações Exteriores, que não fora informado sobre a súbita mudança de planos do visitante ucraniano, ficou em vão à sua espera na estação ferroviária de Bucareste. Os ucranianos levavam muito a sério a questão de sua integridade territorial. Aliás, não tinham outra escolha, pois a Ucrânia do pós-guerra incorporava territórios que haviam pertencido à Polônia, à Tchecoslováquia, à Romênia e à Rússia antes de 1939.³⁹³

As reivindicações territoriais estrangeiras, como as feitas pela Rússia e pela Romênia, e as tendências centrífugas entre as diversas regiões do país estavam intimamente ligadas à questão das minorias étnicas da Ucrânia. Os russos constituíam o maior grupo, com 11 milhões de pessoas assentadas principalmente nos urbanizados leste e sul do país. Suas preocupações surgiam na mente de Kravtchuk e dos outros candidatos à Presidência sempre que faziam campanha na Crimeia e no sudeste da Ucrânia, mas a mensagem que levavam era aproximadamente a mesma, dizendo que queriam que os russos da Ucrânia se sentissem mais à vontade do que se estivessem na Rússia. Muitos se sentiam.

A semelhança entre os dois idiomas eslavos orientais, o russo e o ucraniano, e o fato de a maioria dos ucranianos étnicos nos centros urbanos do leste trocar seu idioma pelo russo no dia a dia tornava a separação russo-ucraniana quase invisível e dava aos russos confiança no futuro na Ucrânia independente. Muitos viviam na Ucrânia havia gerações e se tinham casado com ucranianos. Como grupo, não eram hostis à ideia da independência da Ucrânia e estavam dispostos a se deixar persuadir e ver suas vantagens.

A população russa da Ucrânia podia ver que a União Soviética não funcionava e que a economia estava em queda livre. Todos no país, inclusive os russos, estavam dispostos a tentar outra coisa. Marta Dyczok, uma estudante da Universidade de Oxford que escrevia como *freelance* para o jornal *Guardian* enquanto pesquisava em arquivos na Ucrânia, percorreu o território a serviço do jornal num esforço para entender o estado de espírito das pessoas. Posteriormente, condensou assim o que descobriu: “Escutando as pessoas antes e depois do golpe de Estado, o mais forte era o desejo de mudança. Era a principal emoção que ouvíamos em toda parte. Chega de confusão, chega de corrupção, chega do que temos. Queremos outra coisa. E a coisa que se oferecia como mudança era a Ucrânia independente.”³⁹⁴

Em seu apelo aos eleitores, Kravtchuk dava mais ênfase não ao nacionalismo etnocultural, mas à independência econômica, aproveitando-se do mito, arraigado na mente dos habitantes do país, da Ucrânia como superpotência econômica e celeiro da Europa que agora alimentava a Rússia e o resto das repúblicas soviéticas. Os jornais locais apresentaram uma reportagem – que se revelou completamente falsa – segundo a qual os especialistas do Deutsche Bank consideravam a Ucrânia a república soviética com o maior potencial econômico. Com um padrão de vida superior ao existente nas províncias russas durante a maior parte do período soviético e o mercado consumidor de bens agrícolas em situação muito melhor do que se encontrava o russo no outono de 1991, não foi difícil persuadir os cidadãos ucranianos de todas as nacionalidades a optarem pela independência e, assim, pela prosperidade econômica.

A necessidade de independência política e econômica tornou-se óbvia em novembro, quando o banco central soviético suspendeu os financiamentos para a Ucrânia, dificultando o pagamento de vencimentos e salários de muitas instituições e empresas do país. O discurso de Iéltzin sobre sua reforma econômica desestabilizou o mercado consumidor na Rússia, levando os preços a dispararem e os bens a desaparecerem das lojas na capital soviética. Os moscovitas, cujos salários eram pagos pelo governo russo, viajavam de trem

para o sul a fim de comprar produtos agrícolas na Ucrânia. Em reação, ucranianos e russos do leste tradicionalmente pró-russo do país começaram a proteger fisicamente seus mercados e os preços baixos dos bens agrícolas, impedindo os viajantes do norte de saírem das estações ferroviárias quando chegavam. Os enfrentamentos entre os dois grupos tornaram-se ocorrências cotidianas em centros industriais, como Dnipropetrovsk. Independentemente da origem étnica de cada um, a independência parecia ser a única saída para o enigma.³⁹⁵

Os judeus, com meio milhão de cidadãos, eram a segunda maior minoria no país. Figuravam entre os mais discriminados nas últimas décadas do domínio soviético, e foi junto a eles que as autoridades ucranianas procuraram demonstrar sua recém-descoberta tolerância. Em outubro de 1991, com os nacional-democratas na ofensiva e os velhos comunistas em fuga, as autoridades patrocinaram a primeira comemoração pública em memória do massacre dos judeus de Kiev na ravina de Babi Yar no outono de 1941. Foi a primeira vez que as dezenas de milhares de israelitas que compareceram à cerimônia puderam manifestar publicamente sua identidade judaica. Para as dezenas de milhares de não judeus, foi a primeira vez que reconheceram e aceitaram publicamente a identidade suprimida dos vizinhos.

Gorbatchov mandou um representante pessoal ao evento em Babi Yar, optando por Alexander Yakovlev, o “avô da *perestroika*”. Bush enviou uma delegação de americanos ilustres, encabeçada por seu irmão Jonathan. Kravtchuk encontrou-se com a delegação e discursou no evento, pregando a tolerância e o respeito aos direitos humanos e à vida humana diante do público multiétnico e multirreligioso.

Queridos amigos! A história das relações entre os povos ucraniano e judeu é complexa e dramática. Teve suas páginas luminosas e tenebrosas. Nenhum de nós tem o direito de esquecer o passado, mas devemos lembrá-lo não para reabrir velhas feridas, mas para que nunca deixemos que elas voltem a acontecer. Que nossas lembranças incluam com mais frequência aquilo que nos une, e não as diferenças entre nossos povos.

Kravtchuk, que havia presenciado um massacre de judeus em Volínia e sabia que policiais ucranianos foram recrutados pelos nazistas para participação no Holocausto, encerrou o discurso em iídiche depois de pedir desculpas ao povo judeu em nome da nação ucraniana.³⁹⁶

Em 1º de novembro, o parlamento aprovou uma Declaração dos Direitos das

Nacionalidades da Ucrânia, que garantia igualdade aos cidadãos de todas as origens. Em 16 de novembro, mil delegados se reuniram em Odessa para participar do Congresso Interétnico de Toda a Ucrânia, organizado em conjunto pelo Rukh e pelo parlamento ucraniano. A esmagadora maioria dos delegados adotou uma resolução de apoio à independência do país e houve apenas três votos contrários. Um repórter do jornal *Los Angeles Times* ficou impressionado ao ver um judeu chassídico e um ucraniano vestido no estilo cossaco, com um sabre na cinta, assistindo ao mesmo congresso e promovendo pacificamente suas respectivas causas em frente à Ópera de Odessa. Era uma marcante diferença em relação à tentativa anterior de obter a independência. Em janeiro de 1918, os delegados judeus do parlamento ucraniano, que antes haviam apoiado a autonomia, votaram contra a independência. Seguiram-se um racha na aliança pró-democrática, anos de guerra civil e numerosos *pogroms* e massacres que deixaram cicatrizes profundas na memória judaica. Agora as duas nacionalidades viam uma solução comum para seus respectivos problemas. Em novembro de 1991, o apoio judeu à independência registrou sessenta por cento, um pouco acima do percentual russo de 58,9.³⁹⁷

Em 20 de novembro, Kravtchuk falou durante o primeiro fórum religioso do país. O antigo principal ateu autodenominado da Ucrânia (sob sua supervisão, o departamento de ideologia do comitê central do Partido Comunista monitorava todas as organizações religiosas) pediu perdão aos líderes das diversas Igrejas, não em nome do finado partido, mas em nome do Estado que agora ele representava. À medida que o comunismo e o ateísmo perdiam seu atrativo ideológico e a religião retornava à esfera pública, as denominações religiosas começaram a ter um papel cada vez mais importante na sociedade. A Ucrânia, que abrigava dois terços das paróquias cristãs ortodoxas e a maioria dos protestantes de toda a União Soviética, era considerada o cinturão bíblico da União, que se transformara num campo de batalha religioso com a chegada da *perestroika* e da *glasnost*. Kravtchuk pediu tolerância mútua entre as religiões e apoio à independência, pois desejava que as lideranças trabalhassem pela emancipação de suas instituições religiosas, mas que evitassem conflito ao fazê-lo. Em 20 de novembro, os líderes de dezesseis organizações religiosas prometeram apoiar a política do governo para a religião. Foi, efetivamente, um gesto de apoio à independência.³⁹⁸

O destino do Exército soviético estacionado em território ucraniano era outra grande preocupação de Kravtchuk. Quando o general Valentin Varennikov o visitou em seu escritório parlamentar no primeiro dia do *putsch*, ele percebera como as autoridades do país eram indefesas contra as Forças Armadas soviéticas. Com o fracasso do golpe, as autoridades ucranianas trataram de formar imediatamente uma guarda nacional, apossando-se das tropas do Ministério do Interior em seu território, mas isso não bastou para dissuadir as formações do Exército estacionadas na Ucrânia e comandadas por Moscou. Considerada o segundo escalão das estruturas de defesa soviéticas em caso de uma guerra global (o primeiro era a Europa Oriental, controlada pelos soviéticos), a Ucrânia era a base permanente de unidades do Exército soviético que totalizavam 700 mil homens.

Em 27 de agosto, três dias após a proclamação da independência, Kravtchuk convocou uma reunião com comandantes militares soviéticos seniores postados na Ucrânia e pediu que eles se adaptassem à nova realidade política do país emancipado e dessem início à formação de Forças Armadas ucranianas independentes. Os chefões militares achavam que a decisão do parlamento local não os afetava. Com o apoio de Moscou, argumentaram que o Exército soviético devia permanecer unido sob comando único. A exortação de Kravtchuk por uma reforma militar contou com a reação positiva de apenas um oficial sênior presente na reunião, o major-general Konstantyn Morozov, de 47 anos, comandante de um exército da Força Aérea alocado na Ucrânia. Oficial de mente aberta e favorável ao movimento pela democracia no país, Morozov era o único militar na sala que havia boicotado as diretivas dos líderes golpistas para pôr as tropas em estado de alerta. Agora era o único militar na reunião a propor que a Ucrânia emancipada estabelecesse Forças Armadas próprias. Isso o tornou um homem marcado, deixando-o sem perspectiva de promoção ou mesmo de continuar no posto a que chegara.

Tal como o general Dzhokhar Dudayev, seu ex-subordinado que abandonou as Forças Armadas soviéticas na primavera de 1991 para conduzir a república chechena no caminho da independência, Morozov estava solidamente no campo anti-Moscou. Chegara a um ponto sem volta, e, dali por diante, sua vida e sua carreira ficariam associadas à ideia da independência ucraniana. Uma semana depois da reunião em 27 de agosto, o parlamento votou quase unanimemente pela nomeação de Morozov para primeiro-ministro da Defesa da Ucrânia. Ele compartilhava o desejo de transformar a Ucrânia em um Estado livre de armas nucleares e estava disposto a abrir mão do terceiro maior arsenal atômico do

mundo. No entanto, era contrário à transferência de tal armamento para a Rússia, querendo que fosse desmantelado na própria Ucrânia. A confirmação de Morozov pelo parlamento tornou-se uma certeza quando ele respondeu a uma pergunta de Dmytro Pavlytchko, que, além de presidir a comissão das relações exteriores, chefiava a Sociedade de Promoção da Língua Ucraniana. Quando este perguntou se dominava o dito idioma, Morozov, que falava ao parlamento em russo, respondeu afirmativamente e disse a Pavlytchko que gostaria muito de fazê-lo com a ajuda da sociedade. A resposta encantou os nacional-democratas, que não sabiam ao certo se convinha confiar a defesa do país ainda não totalmente nascido a um general de sobrenome tipicamente russo.

Morozov nascera na Ucrânia e tinha ascendência ucraniana. Educado na parte oriental russificada do país, onde a maioria da população falava russo ou uma mistura de russo com ucraniano, tinha estudado ucraniano na escola, mas não o usara em mais de trinta anos de carreira militar. Sua nomeação, em Kiev, para comandante das tropas aerotransportadas, foi um grave erro do Estado-Maior em Moscou. Segundo uma lei não escrita das Forças Armadas soviéticas, em circunstância alguma um oficial ucraniano étnico podia ocupar posições de alta autoridade na Ucrânia. A mesma regra valia para os outros grupos étnicos em suas repúblicas natais. O general Dzhokhar Dudayev, futuro líder da Chechênia independente, serviu sob o comando de Morozov na Ucrânia, mas não pôde assumir postos de comando em sua terra natal. Mesmo na Ucrânia, enfrentou problemas para ser promovido à patente de general. Foi acusado de nacionalismo por ter dançado a *lezginka*, uma dança nacional de muitos grupos étnicos do Cáucaso, ao saber da promoção.

Morozov se esquivou das restrições às minorias étnicas soviéticas porque seus documentos o identificavam como russo, e não como ucraniano. Quando ele declarou apoio à independência da Ucrânia no outono de 1991, os comandantes em Moscou, inclusive seu ex-protetor, o marechal Ievgueni Chapochnikov, agora ministro soviético da Defesa, não puderam acreditar. Chapochnikov perguntou-lhe duas vezes se era verdadeiramente ucraniano. Morozov respondeu, meio gracejando, que aparentemente havia um erro em seu cadastro de pessoal. Para os comandantes, recordou ele mais tarde, meio russo significava russo. Seu caso sublinhava a complexidade das relações russo-ucranianas e a confusão das duas culturas e identidades à medida que a russificação dos ucranianos étnicos ganhou velocidade ao longo do século XX. Na União Soviética, as pessoas de ascendência étnica mista, inclusive Morozov, podiam escolher sua nacionalidade à vontade. Muitas preferiam a nacionalidade russa no

passaporte, mas, tendo nascido e crescido na Ucrânia, consideravam esta sua verdadeira pátria. Morozov era uma dessas pessoas.³⁹⁹

Língua, identidade e lealdade eram três questões muito importantes que Morozov tinha de enfrentar na qualidade de principal arquiteto das Forças Armadas ucranianas. A importância da língua se tornou evidente em outubro de 1991, quando ele conheceu um acadêmico americano em visita, Zbigniew Brzezinski, ex-consultor de segurança nacional de Jimmy Carter, que esteve em Kiev na véspera da adoção, pelo parlamento ucraniano, de uma resolução sobre o status não nuclear do país. Depois do encontro oficial com o recém-nomeado ministro da Defesa, Brzezinski perguntou-lhe se podiam conversar em particular. Como recordou posteriormente, Morozov concordou, mas ficou um tanto intrigado, pois não falava inglês, e Brzezinski não estava disposto a passar para o russo. Por fim, eles encontraram um modo de se comunicar: de origem polonesa, Brzezinski passou a falar polonês, ao passo que Morozov falava ucraniano. Entenderam-se perfeitamente bem. Uma das perguntas que o americano fez durante a conversa particular tinha a ver com o idioma das Forças Armadas ucranianas, questionando se falariam ucraniano ou russo. Morozov respondeu que seria difícil mudar, mas que achava que devia ser o idioma ucraniano. Brzezinski gostou do que ouviu e disse algo que ficaria eternamente gravado na memória do ministro da Defesa: “A ordem de defender a nação deve ser dada na língua nacional.”⁴⁰⁰

Por ora, no entanto, o idioma teria de esperar, não só porque o próprio ministro da Defesa ainda estava tendo aulas particulares de ucraniano, como porque o modelo de recrutamento que Morozov e Kravtchuk decidiram implementar não incluía nem permitia a introdução imediata de um novo regime idiomático. Isso só teria sido possível se a Ucrânia tivesse seguido o exemplo dos países bálticos, nos quais os governos dos Estados recém-emancipados exigiram a retirada das tropas soviéticas de seu território e recrutaram suas Forças Armadas a partir do zero. Kravtchuk e Morozov achavam que isso seria inviável na Ucrânia. Havia setecentos mil homens do Exército soviético na Ucrânia, e eles não tinham aonde ir. A Rússia ainda estava às voltas – e passaria anos nessa luta – com a tarefa de repatriar e reassentar as tropas retiradas da Europa Oriental. Nada restava a Kiev senão assumir o comando das tropas soviéticas e tratar de “ucranizá-las” no processo.

Isso era relativamente fácil quando se tratava de recrutas, pois os novos soldados alistados na Ucrânia substituiriam soldados das outras repúblicas. Tampouco havia problemas com os suboficiais, que eram todos locais, mas a

oficialidade tinha sido recrutada em toda a União. Morozov e sua gente não pretendiam adotar a política de nacionalidade do antigo Exército soviético. A nacionalidade no passaporte seria apenas um dos critérios para decidir o destino de determinado oficial. Ele não ficaria necessariamente na Ucrânia por ter passaporte ucraniano nem seria mandado embora se tivesse passaporte russo ou armênio. Era igualmente importante o lugar de nascimento e os vínculos familiares do oficial, assim como outras ligações com a Ucrânia. Por último, mas não menos relevante, o oficial precisaria manifestar o desejo de servir à Ucrânia. Uma vez atendidos esses critérios, ele seria bem-vindo, e a aquisição do idioma podia esperar. Kravtchuk tentava erigir uma nação política a partir da população multiétnica da Ucrânia e Morozov, recrutar a oficialidade ucraniana com base no mesmo princípio.

As armas atômicas representavam outro desafio à ideia da emancipação do país. Morozov queria um exército independente, mas, inicialmente, ele e seus chefes políticos não questionaram o controle moscovita das forças nucleares em território ucraniano. Essa perspectiva ficou abalada depois de uma conversa com outro novo conhecido americano, o consultor de segurança nacional do governo Richard Nixon, Henry Kissinger. No primeiro encontro entre eles, o americano pareceu semiadormecido, mas a pergunta que fez ao ministro mostrou uma mente que funcionava de maneira inesperada. Quando Kissinger indagou o que ele e os líderes ucranianos fariam com as armas nucleares e as forças armadas estratégicas em seu território, Morozov explicou que as armas estratégicas ficariam sob o controle central de Moscou. O aparentemente sonolento americano reagiu com uma interrogação contundente: “Então, o que é independência?” A pergunta anulou todas as ideias anteriores de Morozov sobre a questão. A Ucrânia não podia se responsabilizar pelas forças nucleares estratégicas em seu território sem se tornar um pária internacional, mas, se levariam a independência a sério, seus líderes não podiam permitir que importantes formações militares no país prestassem contas a Moscou, e não a Kiev. Foi essa a origem da conclusão de Morozov de que convinha transferir as forças estratégicas para a Rússia, já que era melhor perdê-las a manter um cavalo de Troia dentro de casa.

Durante a maior parte do outono de 1991, seus planos para as Forças Armadas ucranianas continuaram sendo pouco mais que uma visão. As autoridades de Moscou rejeitaram a ideia de encarregar Kiev das formações militares baseadas no país, propondo que Morozov permanecesse no comando das tropas aerotransportadas soviéticas (recebendo ordens do Estado-Maior) ao mesmo

tempo que atuava como funcionário do governo ucraniano. Como Morozov relembrou, não conseguiam sequer pronunciar o título “ministro da Defesa”. Morozov solicitou a transferência de vários oficiais do Estado-Maior nascidos na Ucrânia que se haviam oferecido para ajudar a construir o Exército e estavam colocados em Moscou. Todos foram enviados a Kiev, mas, desde então, perderam a confiança dos ex-colegas.

Morozov estabeleceu um quartel-general nas dependências de um antigo prédio do partido no centro de Kiev. O gabinete contava com poucos funcionários e com pouquíssima verba. Ele se comunicava com seu pessoal em campo principalmente por telefones, e a comunidade ucraniana na América do Norte doou alguns aparelhos de fax. Seu pequeno *staff* dependia de voluntários nas unidades militares individuais estacionadas na Ucrânia para colher informações sobre o que se passava em cada região. Em algumas unidades, o trabalho de seus oficiais era quase clandestino. Os comandantes dos distritos militares ucranianos, todos com patentes superiores à posição de Morozov, mal o toleravam no cargo de ministro da Defesa.

Em novembro, começou a circular um boato segundo o qual o general Viktor Tchetchevatov, comandante do distrito militar de Kiev e um dos oficiais que, durante o golpe de Estado, participara do *entourage* do general Varennikov em sua visita a Kravtchuk, tinha mandado prender Morozov. Também houve relatos de que Gorbatchov aprovara que unidades estacionadas na Ucrânia fizessem manobras militares em 28 de novembro, dois dias antes do referendo nacional. Embora condenasse tais planos, Morozov tinha escasso controle sobre o que os militares faziam no território do Estado em que ele agora servia como ministro da Defesa.⁴⁰¹

Na manhã do domingo seguinte, 1º de dezembro, Kravtchuk depositou seu voto na urna de uma seção eleitoral do centro de Kiev em meio aos flashes de dezenas de câmeras de correspondentes ucranianos e estrangeiros ávidos por registrar aquele momento histórico. Como muitos de seus compatriotas, votou pela manhã. Os primeiros relatos vindos das seções eleitorais indicavam que o número de eleitores era bom.

A zona rural, onde as pessoas madrugavam, estava à frente. No povoado de Khotiv, ao sul de Kiev, entre setenta e oitenta por cento dos eleitores registrados tinham votado por volta das dez horas. Uma mulher do povoado prorrompeu em

lágrimas ao informar os correspondentes ocidentais desse fato. Estava orgulhosa de seus conterrâneos e não tinha a menor dúvida de que haviam votado pela independência. Em Kiev, como nas aldeias, muitos levaram os membros da família, inclusive as crianças, quando foram voltar. Alguns relutavam em voltar para casa depois de depositar a cédula e ficavam nas proximidades das seções eleitorais, discutindo o possível resultado do referendo e seu significado. Americanos e canadenses-ucranianos que foram à pátria ancestral para ajudar no sufrágio histórico ficaram comovidos com a experiência. Chrystyna Lapychak, do *Ukrainian Weekly*, exprimiu o sentimento de muitos compatriotas americanos-ucranianos quando disse a um correspondente da Associated Press: “Naquele dia, eu senti a presença de espíritos em todos os lugares: os espíritos daqueles que não tiveram a felicidade de viver para votar. Todos os nossos antepassados estavam lá, todos os que sofreram, os que sonharam que seus netos conheceriam a liberdade. Nós somos esses netos.”⁴⁰²

Em agosto, Iuri Shcherbak, um ministro do governo ucraniano, havia lido a proclamação da independência do país na tribuna do parlamento da União em Moscou. Mais tarde, recordou que diferentes forças políticas e grupos sociais se uniram para votar pela independência. Cada qual tinha esperanças e expectativas próprias: enquanto os nacional-democratas aspiravam decididamente à independência e à rápida “ucranização” cultural, os ex-dirigentes comunistas queriam um porto seguro para si e suas famílias, livres do controle de Moscou, e a maioria da população, convencida de que a Ucrânia era a república mais rica da União, desejava separar-se da pobre e imprevisível Rússia, com seus conflitos políticos e militares. O sucesso das ações dos americanos-ucranianos, que haviam conseguido comprometer o presidente Bush com o reconhecimento da independência antes mesmo que se realizasse a votação, deu à elite ucraniana confiança em que a emancipação podia ser não só proclamada, como também concretizada.⁴⁰³

O resultado do referendo superou as expectativas até mesmo dos partidários mais otimistas da emancipação do país. O número de eleitores em 1º de dezembro chegou a 84 por cento da população, sendo que mais de noventa por cento dos votos apoiaram a independência. Gorbatchov dissera que Kravtchuk era um sonhador quando ele prognosticou que não menos de oitenta por cento dos votantes respaldariam a emancipação do país, porém nem mesmo Kravtchuk esperava o que realmente aconteceu. Uma semana antes do referendo, quando Stepan Khmara, um parlamentar e ex-prisioneiro de um gulag, disse-lhe que o sim superaria os noventa por cento, ele o chamou de louco. Porém, Khmara

estava certo, pois o resultado final foi nada menos que 90,32 por cento a favor da independência. Em Vinnytsia, a cidade da Ucrânia Central onde, semanas antes, Kravtchuk quase fora pisoteado por seus admiradores, o voto a favor da independência excedeu 95 por cento. O apoio foi menos impressionante, mas mesmo assim forte, no leste e no sul. No *oblast* de Odessa, mais de 85 por cento votaram pela emancipação. No *oblast* de Lugansk, que fazia parte da região da bacia dos Donets e do *oblast* mais oriental da Ucrânia, o voto pela independência superou 83 por cento. No *oblast* vizinho, Donetsk, chegou a quase 77 por cento. Mesmo na Crimeia, tão problemática para as autoridades ucranianas, mais de 54 por cento da população votou a favor. Em Sebastopol, a base da Frota Soviética do mar Negro, a cifra se elevou a 57 por cento.

Kravtchuk soube das primeiras apurações do referendo aproximadamente às duas horas da madrugada de 2 de dezembro. Agora não havia dúvida de que a campanha independentista liderada por ele e seus rivais produziria um Estado independente a ser chefiado. Como se esperava, Kravtchuk estava à frente em todos os *oblasts*, com exceção da Galícia, onde o vencedor foi Viacheslav Tchornovil. Na totalidade do país, Kravtchuk recebeu 61 por cento dos votos contra 23 por cento para Tchornovil. Seu desempenho mais forte foi no *oblast* de Lugansk, no qual obteve mais de 76 por cento dos votos. Na Crimeia, venceu com 56 por cento contra oito por cento para Tchornovil. Apesar dos prognósticos desalentadores de Gorbatchov, a Ucrânia não estava dividida por conflitos étnicos nem pelo separatismo local. Naquela manhã, quando Kravtchuk telefonou para Gorbatchov para informá-lo sobre o resultado do referendo e da eleição presidencial, o presidente soviético não pôde acreditar no que ouvia. Parabenizou o líder ucraniano pela vitória na disputa presidencial, mas não fez alusão ao referendo.⁴⁰⁴

No dia seguinte, rasgou um rascunho de um texto de apelo aos cidadãos da Ucrânia preparado por seu assessor, Georgui Chakhnazarov. Àquela altura, Chakhnazarov havia cessado de fazer sugestões sobre como usar a cartada étnica para prejudicar o desejo ucraniano de independência e aderira inteiramente à posição russa no tocante ao referendo na Ucrânia. Aqueles que cercavam Iéltzin tinham se curvado perante o inevitável e estavam dispostos a endossar o resultado. O texto esboçado por Chakhnazarov incluía parabéns aos ucranianos por sua “escolha histórica”. Gorbatchov mandou seu outro assessor, Anatoly Tcherniaiev, preparar uma nova minuta, incluindo afirmações como “Todos são independentes, mas nem todos transformam a independência numa arma contra a União. (...) O infortúnio aguarda os ucranianos, tanto os que vivem lá como os

que estão espalhados pelo país. (...) Isso vale ainda mais para os russos.” Tcherniaiev obedeceu. No dia seguinte, Gorbatchov publicou um apelo aos parlamentares de toda a União Soviética. “Todos têm o direito de rejeitar a União”, dizia o apelo. “Mas isso requer que os escolhidos pelo povo levem em consideração todas as consequências.” Ele também alertou os deputados para o conflito interétnico.

Na noite de 2 de dezembro, Tcherniaiev estava presente quando Gorbatchov telefonou para Iéltzin. Em resposta à proposta de se reunirem para discutir a nova situação, talvez com Kravtchuk e com o líder do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, o líder russo disse: “De qualquer modo, isso não vai dar em nada. A Ucrânia é independente.” Ele sugeriu uma união de quatro membros constituída por Rússia, Ucrânia, Belarus e Cazaquistão. Gorbatchov recusou firmemente: “E qual seria meu lugar nela? Se o trato for esse, estou fora. Não vou ficar indo de um lado para outro feito um pedaço de merda num buraco no gelo.” Não permitiria uma união que o deixasse dependente de Iéltzin e o reduzisse ao papel de apoiar seu arqu-inimigo. Este, por sua vez, não toleraria uma união em que Gorbatchov pudesse lhe dizer o que fazer ou não.⁴⁰⁵

Em 3 de dezembro de 1991, George Bush pediu aos auxiliares que o conectassem com Leonid Kravtchuk. Queria dar os parabéns ao recém-eleito presidente de um país recém-emancipado tanto por sua vitória pessoal quanto pelo voto avassalador a favor da independência. Disse-lhe que os americanos aplaudiam o surgimento de uma nova nação democrática e mandaria um enviado especial para discutir o desarmamento nuclear e as questões de fronteira, de direitos humanos e de direitos das minorias. Kravtchuk tinha boas notícias para o americano: Iéltzin já o havia contatado, e a Rússia reconheceria a independência da Ucrânia. Ele teria um encontro com o líder russo no sábado seguinte, a fim de discutir a nova situação e coordenar a política.⁴⁰⁶

³⁸³ *Soiuz možno bylo sokhranit’*. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional’nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 406, 411-412.

MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 223.

³⁸⁴ KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 110-111.

CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh èpokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossen, 2008, pp. 1027-1028.

³⁸⁵ KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 116-117.

Entrevista de Leonid Kravtchuk ao autor. Kiev, 1º de setembro de 2011.

- 386 “Kravchuk Leading, Chornovil Second in Presidential Race”. *Ukrainian Weekly*, 10 de novembro de 1991, pp. 1, 14.
MARPLES, David. “Support Runs High for Independence. Kravchuk Likely to Be Elected”. *Ukrainian Weekly*, 25 de novembro de 1991, pp. 1-2.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 114-115.
- 387 KASIANOV, Georgi. *Ukraina 1997-2007. Ocherki noveishei istorii*. Kiev: Nash Chas, 2008, pp. 36-37.
Informação de Iuri Ratomsky, ex-consultor do comitê regional de Dnipropetrovsk do Partido Comunista, 27 de dezembro de 1991.
- 388 Entrevista de Vladimir Hryniiov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Pt. 3.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 114.
- 389 CHORNOVIL, Viacheslav. “Avtobiohrafiiia”. *Rukh Press*, s/d. Disponível em <http://rukhpess.com.ua/002005/Tcprint.phtml>.
Entrevista de Viacheslav Tchorovil em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Pt. 3. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/648>.
Entrevista de Levko Lukianenko em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Pt. 4. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/541>.
Chrystyna Lapychak, “In Odessa: One Day on the Trail with Rukh Candidate Viacheslav Chornovil”, *Ukrainian Weekly*, 10 de novembro de 1991, pp. 1, 9-10.
- 390 Entrevista de Viacheslav Tchorovil em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Pt. 3. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/648>.
Entrevista de Dmytro Pavlytchko em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Pt. 4. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/497>.
“Ukraine’s Presidium Rejects Diaspora Vote on Referendum”. *Ukrainian Weekly*, 24 de novembro de 1991.
- 391 ZAKYDALSKY, Oksana. “Larysa Skoryk Speaks at Canadian Friends of Rukh Conference”. *Ukrainian Weekly*, 31 de outubro de 1991, pp. 1, 11.
- 392 MARPLES, David. “Support Runs High for Independence. Kravchuk Likely to Be Elected”. *Ukrainian Weekly*, 25 de novembro de 1991, pp. 1-2.
MARPLES, David. “Kravchuk Leading, Chornovil Second in Presidential Race”. *Ukrainian Weekly*, 10 de novembro de 1991.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 117-118.
SHEVEL, Oxana. “Nationality in Ukraine: Some Rules of Engagement”. *East European Politics and Societies*, v. 16, nº 2, pp. 386-413, 2002.
- 393 Entrevista de Mykola Bahrov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 3. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/372>.
ALLWORTH, Edward A. *The Tatars of Crimea: Return to the Homeland*. Durham, Carolina do Norte: Duke University Press, 1998.

- 394 MARPLES, David. "Kravchuk Leading, Chornovil Second in Presidential Race". *Ukrainian Weekly*, 10 de novembro de 1991.
Cf. entrevistas de Vladimir Hryniov e Levko Lukianenko em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*. Disponíveis em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/239> e <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/541>.
- 395 ZLENKO, Anatólii. *Dyplomatiia i polityka. Ukraina v protsesi dynamichnykh heopolitychnykh zmin*. Carcóvia: Folio, 2003, pp. 66-67.
"News Briefs from Ukraine". *Ukrainian Weekly*, 1º de dezembro de 1991, p. 2.
- 396 Entrevista de Marta Dyczok em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 3. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/229>.
- 397 KASIANOV, Georgi. *Ukraina 1997-2007. Ocherki noveishei istorii*. Kiev: Nash Chas, 2008, p. 37.
Informação de Olena Plokhi, que morava em Dnipropetrovsk no outono de 1991.
- 398 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 993-995.
"Bush Names Babyn Yar Delegation". *Ukrainian Weekly*, 6 de outubro de 1991, p. 2.
LAPYCHAK, Chrystyna. "Ukraine Remembers Babyn Yar". *Ukrainian Weekly*, 13 de outubro de 1991, pp. 1, 8.
Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 9. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.
- 399 SOLCHANYK, Roman. "Centrifugal Movements in Ukraine and Independence". *Ukrainian Weekly*, 24 de novembro de 1991, pp. 8-10.
"Minorities Congress Decisively Supports Ukraine's Independence". *Ukrainian Weekly*, 24 de novembro de 1991, p. 1.
AREL, Dominique. "Language Politics in Independent Ukraine: Towards One or Two Languages?". *Nationalities Papers*, v. 23, nº 3, pp. 597-622, 1995.
- 400 "News Briefs from Ukraine". *Ukrainian Weekly*, 1º de dezembro de 1991, p. 2.
- 401 MOROZOV, Konstantyn P. *Above and Beyond: From Soviet General to Ukrainian State Builder*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2000, pp. 1-7, 74-75, 133-152.
- 402 Entrevista do general Konstantyn Morozov ao autor. Kiev, 6 de setembro de 2011.
LAPYCHAK, Chrystyna. "Deputies Draft Law on Military". *Ukrainian Weekly*, 27 de outubro de 1991, pp. 1-2.
"Brzezinski Notes Ukraine's Statement". *Ukrainian Weekly*, 27 de outubro de 1991, p. 2.
MARPLES, David. "Support Runs High for Independence. Kravchuk Likely to Be Elected". *Ukrainian Weekly*, 25 de novembro de 1991, p. 2.
- 403 MOROZOV, Konstantyn P. *Above and Beyond: From Soviet General to Ukrainian State Builder*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2000, pp. 91-152.
Entrevista de Konstantyn Morozov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 6. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/632>.
Entrevista do general Konstantyn Morozov ao autor. Kiev, 6 de setembro de 2011.
JAWORSKY, John. "Ukraine's Armed Forces and Military Policy". *Harvard Ukrainian Studies*, v. 20, pp. 223-247, 1996.

OLYNYK, Stephen D. "Ukraine as a Military Power". In: WOLCHIK, Sharon L.; Zviglyanich, Volodymyr (orgs.). *Ukraine: The Search for a National Identity*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2000, pp. 69-94.

404 LAPYCHAK, Chrystyna. "Reflections on an Independent Ukraine". *Ukrainian Weekly*, 8 de dezembro de 1991, p. 6.

405 Entrevista de Iuri Shcherbak ao autor. Roma, 19 de junho de 2012.

406 LAPYCHAK, Chrystyna. "Independence: Over 90 Percent Vote in Referendum: Kravchuk Elected President of Ukraine". *Ukrainian Weekly*, 8 de dezembro de 1991, pp. 1, 5.
LEWM Khristina. "Delving into Eastern Ukraine on the Eve of Nationhood". *Ukrainian Weekly*, 22 de dezembro de 1991, pp. 8-9.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 118.
Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 9. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.

CAPÍTULO 15

GA trindade eslávica GEORGE BUSH SOUBE sobre a planejada reunião dos líderes russo e ucraniano por intermédio de Bóris Iéltzin, com quem conversou na véspera do referendo na Ucrânia. O presidente russo o surpreendeu ao dizer que, a fim de preservar boas relações com o vizinho, seu país devia reconhecer-lhe prontamente a independência se os votos superassem setenta por cento.

“Prontamente?”, perguntou o americano.

“Sim, temos de fazê-lo prontamente. Do contrário, nossa posição se tornará desnecessariamente ambígua, sobretudo por estarmos nos aproximando do fim do ano e de uma nova reforma. Gorbatchov não sabe. Pensa que a Ucrânia vai assinar.”

Iéltzin tinha outra opinião: “No momento, o rascunho do tratado de união conta com apenas sete Estados dispostos a assiná-lo, sendo cinco islâmicos e dois eslavos (Belarus e Rússia)”, contou ao americano. Também explicou que, se a Ucrânia não entrasse na União, a Rússia ficaria encrocada: “Não podemos aceitar uma situação em que a Rússia e Belarus tenham dois votos, como Estados eslavos, contra cinco votos das nações islâmicas.” Minutos depois, acrescentou: “Eu tenho pensado muito, com um círculo pequeno de conselheiros, em como preservar a União, mas também em como não perder as relações com a Ucrânia. Nossas relações com a Ucrânia são mais importantes do que aquelas que mantemos com as repúblicas centro-asiáticas, que nós sustentamos. Por outro lado, não podemos esquecer o fator fundamentalista islâmico.

Embora visse com ceticismo as possibilidades de um tratado de união fomentado por Gorbatchov, Iéltzin era otimista quanto ao futuro das relações russo-ucranianas e a uma possível união que incluísse os dois países. “Acho que o novo presidente ucraniano não vai iniciar negociações com Gorbatchov, mas encetará conversas com a Rússia”, disse ele a Bush. Aliás, expôs minuciosamente sua posição no iminente encontro com Leonid Kravtchuk. Não convinha a Iéltzin ingressar na nova união sem a Ucrânia, mas ele não conseguia imaginar a Rússia sem uma forma de relacionamento de união com aquela

república. Assim, queria entabular negociações com a Ucrânia fora do arcabouço do novo tratado de união endossado por Gorbatchov. Quanto às repúblicas centro-asiáticas, queria reduzir os subsídios a elas, mas manter sua presença de uma forma ou de outra. Por ora, sua principal preocupação era o segredo. Pediu ao americano que não revelasse a ninguém o conteúdo de sua conversa, numa alusão a Gorbatchov. Bush concordou.⁴⁰⁷

O que Iéltzin lhe apresentara era uma arrojada política nova, em que a Rússia já não ameaçava a Ucrânia com um desmembramento, como fizera no fim de agosto. Pelo contrário, aceitava sua emancipação e tinha interesse em negociar um tratado de união com uma Ucrânia soberana sem que Gorbatchov soubesse, pois isso despedaçaria sua esperança em uma União Soviética reformada. Ainda assim, não estava nada claro o que a nova união da Rússia com a Ucrânia significaria na prática. Quais seriam suas condições e se acaso a Rússia tinha a oferecer à elite ucraniana algo que ela não podia obter com Gorbatchov e que não havia alcançado sob a independência *de facto*? E, caso os dois líderes chegassem a um compromisso, as repúblicas muçulmanas ficariam satisfeitas? Ninguém, nem mesmo Iéltzin, parecia saber a resposta a essas perguntas. A esperança era de que fosse dada durante a reunião imminente entre o presidente russo e o ucraniano.

Em 2 de dezembro, quando foi divulgado o resultado inicial do referendo, Iéltzin publicou uma declaração reconhecendo a independência da Ucrânia. A Rússia foi o terceiro país a fazê-lo, depois da Polônia e do Canadá. Iéltzin queria que Kravtchuk negociasse com ele, não com Gorbatchov, e precisava de transparência no que dizia respeito à Ucrânia antes de empreender uma reforma radical na Rússia. Queria reunir-se com o homólogo ucraniano fora de Moscou e longe dos olhos de Gorbatchov. Uma oportunidade conveniente se apresentou pouco depois do referendo ucraniano, na forma de uma visita oficial a Belarus, que ele e o presidente do parlamento bielo-russo, Stanislav Chuchkevich, haviam discutido entre as sessões de uma das reuniões do Conselho de Estado presididas por Gorbatchov em Novo-Ogarevo. A visita foi inicialmente agendada para 29 de novembro, mas depois foi adiada para 7 de dezembro e seria o acontecimento mais importante, depois do referendo da Ucrânia, a decidir o destino da União Soviética.⁴⁰⁸

Na manhã de 7 de dezembro, um sábado, Iéltzin chegou a Minsk, capital de Belarus, à frente da delegação de seu país, que incluía o segundo mais poderoso funcionário do governo, o secretário de Estado Gennady Burbulis; o vice-

primeiro-ministro Yegor Gaidar, responsável pela reforma econômica; o ministro das Relações Exteriores Andrei Kozyrev; e o consultor jurídico Serguei Chakhrai. Aos 46 anos, Burbulis era o mais velho no grupo de assessores. Os dois mais moços, Gaidar e Chakhrai, haviam completado 35 anos. O objetivo principal da visita era assinar acordos com Belarus, estando no topo da agenda o fornecimento de petróleo e gás russos. Contudo, no discurso ao parlamento bielo-russo, Iéltzin informou que sua visita a Minsk era apenas a primeira parte de uma viagem e que promover a cooperação russo-bielo-russa era apenas um de seus objetivos. “Os líderes das repúblicas eslavas avaliarão quatro ou cinco variantes do tratado de união”, disse ele aos parlamentares. “Talvez a reunião dos três chefes de Estado venha a ser histórica.”⁴⁰⁹

Que variantes tinha em mente? Uma delas era de autoria de seu ministro das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, que para ele redigira um memorando de quatro páginas acerca de uma possível estrutura para a união reformada. No entanto, o texto fora elaborado às pressas e não passava de um projeto de política futura. Na noite anterior à viagem a Minsk, Kozyrev se encontrara, no Hotel Savoy, em Moscou, com seu principal contato no Ocidente durante o golpe de agosto, Allen Weinstein, ex-professor de história da Universidade de Boston e diretor do Centro pela Democracia, sediado em Washington. Ele crivou o amigo americano de perguntas sobre as diferenças entre federação, associação e *commonwealth*. No mesmo dia, ao participar de um encontro com o primeiro-ministro húngaro József Antall, em visita ao país, esboçou planos para a futura organização do espaço pós-soviético, propondo uma frouxa confederação de todas as ex-repúblicas soviéticas, com exceção das bálticas, ou uma união entre Rússia, Ucrânia, Belarus e possivelmente o Cazaquistão.⁴¹⁰

A primeira proposta de união eslávica tinha sido apresentada por um dos mais conhecidos escritores russos da era soviética, Alexander Soljenítsin. Ex-prisioneiro dos campos de trabalho forçado de Stalin, premiado com o Nobel de literatura e autor do livro *Arquipélago Gulag*, amplamente aclamado no Ocidente e proibido na União Soviética, ele foi expulso do país pelas autoridades soviéticas em 1974. Em 1990, exilado em Vermont, escreveu um tratado intitulado “Reconstruindo a Rússia”, que se iniciava com a seguinte afirmação: “O relógio do comunismo parou. Mas seu edifício de concreto ainda não desabou. Por isso, em vez de libertar-nos, cabe-nos evitar ser esmagados sob seus escombros.” Soljenítsin era um nacionalista russo da velha guarda, que ainda concebia russos, ucranianos e bielo-russos em termos pré-revolucionários, como partes da mesma nação. Sugeriu que os russos, como ele definia esses

grupos em termos amplos, se desfizessem do fardo do império e criassem um Estado próprio, que incluísse a Rússia, a Ucrânia, Belarus e o norte do Cazaquistão colonizado por eslavos, o qual denominava “Sibéria Meridional”.⁴¹¹

Publicado em setembro de 1990 no jornal soviético de maior circulação, o *Komsomol'skaia Pravda*, “Reconstruindo a Rússia” foi amplamente discutido na União Soviética. A ideia adquiriu um significado muito prático poucos meses depois, quando os líderes das três repúblicas eslavas e do Cazaquistão enviaram a Gorbatchov um memorando propondo a criação de uma união de Estados soberanos na qual as outras repúblicas soviéticas pudessem ingressar. Gorbatchov desistiu da ideia, deu sua virada política para a direita e, depois de empregar força militar nos países bálticos, tornou-se um refém das linhas-duras da antiga liderança soviética. Em março de 1991, Bóris Iéltzin, Leonid Kravtchuk e os líderes bielorrussos encetaram negociações para a criação de uma união eslávica, mas as conversas foram suspensas após o afastamento de Gorbatchov do campo das linhas-duras e sua súbita abertura para os líderes republicanos, coisa que incluía o endosso de um novo tratado de união.

Pouco depois do referendo ucraniano, Iéltzin sugeriu ao líder soviético a ideia de uma união eslávica, mas este não lhe deu ouvidos, necessitando das repúblicas centro-asiáticas para salvar seu próprio projeto de união e manter o controle do poder. Entrementes, ninguém no campo russo sabia o que esperar de Kiev. Mais tarde, Burbulis recordou que, após o referendo, quando ele e outros membros do governo começaram “a escrever e a telefonar para todos aqueles homens livres ucranianos, logo sentimos que tínhamos de nos organizar, uma vez que a questão principal era, acima de tudo, como lidar com a Ucrânia em sua euforia”.⁴¹²

Kravtchuk viajou a Minsk com um pequeno grupo de assessores para se encontrar com o presidente russo na tarde de 7 de dezembro, dia em que este chegou a Belarus. De manhã, Kravtchuk esteve com um representante especial do presidente Bush, o subsecretário de Estado Thomas Niles. Disselhe que levava consigo um pacote de propostas capazes de viabilizar a assinatura de um acordo bilateral com a Rússia e Belarus e, potencialmente, levar à criação de uma comunidade de Estados parecida com a União Europeia. A julgar pelas memórias de Kravtchuk, naquele momento a liderança ucraniana só queria tornar sua independência uma realidade política, mas, para tanto, precisava da cooperação russa. O resultado do referendo era o principal trunfo na iminente disputa política com Iéltzin. “Naquela reunião”, registrou Kravtchuk

posteriormente, “a diferença consistia no fato de que cheguei armado com o resultado da expressão da vontade de todos os ucranianos. Além disso, eu já possuía o status de presidente”.⁴¹³

Entre os acompanhantes do recém-fabricado presidente ucraniano em sua viagem a Minsk estava o primeiro-ministro Vitold Fokin, um engenheiro de minas de 59 anos, natural da Ucrânia Oriental. Tal como o ex-premiê de Iéltzin, Ivan Silaiev, Fokin era um produto do aparato soviético da economia planificada e, embora apoiasse a ideia da autonomia econômica e até a independência da Ucrânia, preocupava-se com as consequências da desintegração de um espaço econômico único que abarcava as antigas repúblicas soviéticas. As forças democráticas ucranianas eram representadas por dois membros do bloco oposicionista no parlamento, ambos vindos do *establishment* intelectual da república. O acadêmico Mikhailo Holubets, especialista em ciências florestais e ecologia, e Vladimir Krizhanivski, um designer de construção que havia ingressado na política durante as primeiras eleições livres na primavera de 1990. No parlamento, aderiram ao Conselho Popular democrático nacional e se opuseram a Kravtchuk e sua base comunista antes do golpe de agosto.

No aeroporto de Minsk, a delegação ucraniana foi recebida pelo presidente do parlamento bielo-russo, Stanislav Chuchkevich. “Tivemos uma acolhida muito afetuosa”, lembrou Mikhailo Holubets. “O chefe do Conselho Supremo de Belarus, Stanislav Chuchkevich, professor de física, é um homem extraordinariamente agradável, um diplomata maravilhoso e um sensato chefe de Estado.” Holubets reconheceu claramente uma alma gêmea. A ascensão de Chuchkevich ao cargo mais elevado da república foi resultado da *perestroika* e, em última instância, do fracasso do golpe de Estado. Nascido em Minsk, em 1934, ele havia dedicado a maior parte da vida à pesquisa e ao ensino, tendo obtido um segundo doutorado em radioeletrônica aos 36 anos de idade, o que era um feito importante pelos padrões da época. Em 1986, tornou-se vice-presidente de sua *alma mater*, a Universidade Estatal Bielo-russa.

A *perestroika* deu um impulso tremendo à sua carreira. Eleito deputado no parlamento da União em 1989, ele ingressou no grupo inter-regional democrático, liderado por Andrei Sakharov, um dos dissidentes mais ilustres do país e pai da bomba de hidrogênio soviética, por Iuri Afanasiev, o historiador e *apparatchik* comunista transformado em crítico radical do regime, e pelos futuros prefeitos democraticamente eleitos de Moscou e Leningrado, Gavril Popov e Anatoly Sobtchak. No ano seguinte, Chuchkevich também foi eleito deputado do parlamento bielo-russo, no qual veio a ser o primeiro vice-

presidente. Em agosto de 1991, resistiu ao *putsch* e assinou um apelo contra os golpistas. Em setembro, quando os linhas-duras perderam o controle do parlamento em consequência do golpe de Estado, foi eleito presidente do parlamento e chefe de Estado.⁴¹⁴

Belarus era conhecido na União Soviética como um importante produtor de componentes eletrônicos para o complexo industrial-militar soviético e considerado uma república abastada, em parte graças à indústria de laticínios que abastecia a população local numa época em que o leite, a manteiga e o queijo eram escassos em outras partes da União Soviética. O idílio agrícola bielo-russo teve um fim abrupto e trágico em 26 de abril de 1986, quando explodiu um reator na usina nuclear de Chernobil, no norte da vizinha Ucrânia, perto da fronteira bielo-russa. Nos dias subsequentes ao desastre, os ventos dominantes levaram quase setenta por cento do material radiativo da usina para Belarus, contaminando um quinto de sua terra cultivável. Posto que autossuficiente em produção agrícola, o país era muito dependente da Rússia e das outras repúblicas quando se tratava de energia. Portanto, garantir o suprimento de petróleo e gás russos foi a principal preocupação dos líderes bielo-russos durante a visita de Iéltzin a Minsk em dezembro de 1991.⁴¹⁵

Pouco depois que o avião ucraniano aterrisou na capital bielo-russa na tarde de 7 de dezembro, Chuchkevich sugeriu a Kravtchuk a agenda de seu país para a próxima reunião, que consistia em divulgar uma declaração afirmando que Gorbatchov perdera a capacidade de governar, que as negociações para o novo tratado de união haviam chegado a um impasse e que a situação econômica e política se tornava cada vez mais sombria. Ele discutira essa ideia com Iéltzin naquele mesmo dia, após a chegada do presidente russo a Minsk, mas Kravtchuk, longe de se deixar impressionar, disselhe que não via necessidade de ir a Minsk para fazer semelhante declaração. Chuchkevich não soube o que dizer. Não tinha mais nada na agenda. Limitou-se a contar que Iéltzin se encontraria com eles mais tarde no pavilhão de caça de Viskuli, no oeste de Belarus.⁴¹⁶

“Por que em Viskuli?”, surpreendeu-se Kravtchuk. O bielo-russo respondeu que seria agradável fugir da pressão dos negócios cotidianos do governo e da atenção dos jornalistas. Viskuli era um dos pavilhões de caça estatais construídos para o primeiro escalão soviético na época de Krushev. Ficava a apenas oito quilômetros da fronteira polonesa, na parte bielo-russa da floresta de Belavezha. Até a Primeira Guerra Mundial, a região fizera parte do Império Russo e, no entreguerras, havia pertencido à Polônia. Tendo passado para a União Soviética

com base no Pacto Molotov-Ribbentrop, de 1939, a floresta de Belavezha foi palco da guerra de guerrilha da resistência e serviu de refúgio para os judeus locais em fuga do Holocausto.⁴¹⁷

Em 1957, durante o governo de Nikita Krushev, a floresta de Belavezha foi declarada reserva estatal. Naquele ano, o líder soviético passou pela primeira vez as férias na nova estância de caça. Os habitantes da região lembravam dele como um bom atirador, superado unicamente por seu homólogo húngaro, Janos Kádár. Outro político que gostava muito de ir a Viskuli era o sucessor de Krushev, Leonid Brejnev. A caça mais apreciada pelos caçadores de Belavezha era um raro tipo de bisão europeu conhecido em polonês e bielo-russo como *zubr*. Poucos caçadores conseguiam abater um *zubr*, contentando-se em acertar porcos selvagens, mas todos provavam uma variedade de vodca de “erva-de-bisão” chamada Zubrovka. Em junho de 1991, sugeriram a Gorbatchov que usasse a estância como local de seu encontro com o chanceler alemão Helmut Kohl, mas acabaram marcando a reunião em Kiev. Em dezembro, os anfitriões bielo-russos prepararam um suprimento ilimitado de Zubrovka para a iminente cúpula eslava em Viskuli.⁴¹⁸

Ao chegar ao famoso pavilhão, a delegação ucraniana decidiu ir caçar sem aguardar a chegada de Iéltzin, numa demonstração de “insubordinação” que não escapou a Alexander Korzhakov, o chefe da segurança pessoal do presidente russo. Posteriormente, ele escreveu acerca do chefe de Estado ucraniano: “[Ele] sempre procura fazer um show de comportamento para enfatizar sua independência. Em compensação, Stanislav Chuchkevich, na qualidade de anfitrião, recebeu os convidados com ostensiva amabilidade.” Chuchkevich fez o que pôde para atenuar o efeito do “presente de boa vontade” oferecido por Iéltzin, que foi apresentado ao parlamento bielo-russo naquele mesmo dia. Tratava-se de um alvará tsarista do século XVII para a cidade bielo-russa de Orcha, tomando-a sob proteção russa. Aquilo que Iéltzin e seus conselheiros encaravam como um exemplo da amizade russo-bielo-russa a ser emulado no futuro foi percebido pela oposição democrática no parlamento bielo-russo como um símbolo do imperialismo russo. O presente de Iéltzin foi recebido com gritos de “Que vergonha!”. O presidente russo ficou desconcertado e, mais tarde, culpou seus assessores pelo incidente.⁴¹⁹

Iéltzin foi a Viskuli acompanhado pelo primeiro-ministro bielo-russo, Viacheslav Kebitch. No tandem bielo-russo do poder, constituído do presidente do parlamento e do primeiro-ministro, este último era a figura mais poderosa. Assim como Kravtchuk, Kebitch, de 55 anos, nasceu no que tinha sido território

polonês durante o período entreguerras, mas sua carreira, mais ligada à indústria que à ideologia, coincidia mais com a trajetória de Iéltzin do que com a vida de Kravtchuk. Aos poucos, Kebitch subiu na hierarquia da administração industrial soviética, chegando a diretor-geral de uma empresa de alta tecnologia em Minsk e, depois, a secretário do comitê municipal no Partido Comunista na cidade. No início da *perestroika* de Gorbatchov, tornou-se vice-chefe do governo bielorrusso e, em 1990, foi nomeado primeiro-ministro. Embora fosse o candidato do *establishment* a presidente do parlamento do país em setembro de 1991, não obteve o apoio dos deputados repentinamente radicalizados na atmosfera do pós-golpe e aceitou a eleição de Chuchkevich como um compromisso temporário. Com Chuchkevich formalmente no topo, Kebitch manteve o controle do governo bielorrusso, composto de ex-gestores de empresas industriais e *apparatchiks* do partido. Esperava ser presidente de Belarus quando o cargo fosse criado, tal como tinha acontecido na Rússia e agora na Ucrânia.⁴²⁰

A cúpula eslávica tripartite iniciou-se na noite de 7 de dezembro de 1991 com um jantar para as três delegações. Iéltzin chegou tarde, fazendo os outros esperarem. Quando se reuniu ao grupo, sentou-se em frente a Kravtchuk, de modo que os dois formaram imediatamente um núcleo, reduzindo os demais participantes, inclusive os líderes de Belarus, ao papel de testemunhas do processo de negociação. Seu diálogo durou mais de uma hora. Os outros participaram unicamente com observações ocasionais ou tentativas de influenciar o tom da conversa, erguendo brindes em louvor à amizade das três nações eslávicas orientais.

Já no começo, Iéltzin cumpriu a promessa que havia feito a Gorbatchov dias antes, quando o informara de seu encontro iminente com os líderes ucraniano e bielorrusso, e pôs na mesa o texto do tratado de união negociado por Gorbatchov e os líderes republicanos em Novo-Ogarevo algumas semanas antes. Em nome do presidente soviético, convidou Kravtchuk a assiná-lo. Acrescentou que o assinaria imediatamente depois dele. “Lembro-me de que ele sorriu ironicamente ao ouvir tal preâmbulo”, escreveu o ministro bielorrusso das Relações Exteriores, Petr Kravtchenko, registrando posteriormente suas observações. O trato oferecido por Gorbatchov e levado a Viskuli por Iéltzin dava à Ucrânia o direito de modificar o texto, mas apenas depois de o ter assinado. Era uma armadilha, mesmo que Kravtchuk estivesse disposto a ingressar na União com base em suas condições particulares. Mas ele não estava. Gorbatchov não oferecia nada novo, e Iéltzin nada levava a Belavezha, à parte o acordo de

Gorbatchov. Kravtchuk o rejeitou.⁴²¹

A seguir, usou sua principal arma de negociação. Para recobrar a iniciativa na conversa, apresentou a Iéltzin e a Chuchkevich o resultado do referendo ucraniano. “Eu nem esperava”, recordou ele mais tarde, “que russos e bielorrussos ficassem impressionados com o resultado da votação, sobretudo nas regiões tradicionalmente russófonas, como a Crimeia e o leste da Ucrânia. Um apoio tão ativo à soberania por parte da maioria dos não ucranianos (e eram 14 milhões em toda a república) revelou-se uma verdadeira descoberta para eles”.

Segundo Kravtchuk, Iéltzin ficou particularmente impressionado. “O quê? Então a bacia dos Donets também votou a favor?”, perguntou ele.

“Sim”, respondeu Kravtchuk. “Não houve nenhuma região em que os votos tenham sido inferiores à metade do número de eleitores. Como o senhor vê, a situação mudou substancialmente. Nós devemos procurar outra solução.”

Então, Iéltzin mudou o rumo da conversa, referindo-se à história, às tradições de amizade e aos laços econômicos comuns que ligavam a Rússia à Ucrânia. Petr Kravtchenko teve a impressão de que o presidente russo era sincero na tentativa de salvar o que restava da União e lembrou posteriormente: Kravtchuk foi inflexível. Sorrindo e calmo, rebateu os argumentos e as propostas de Iéltzin. Não queria assinar nada! Sua argumentação era a mais simples possível. Ele dizia que a Ucrânia já havia determinado seu caminho no referendo, e que esse caminho era a independência. A União Soviética não existia mais, e o parlamento não o autorizaria a criar novas uniões de qualquer tipo. A Ucrânia não precisava de tais uniões; os ucranianos não queriam trocar um jugo por outro.⁴²²

Gennady Burbulis, o braço direito de Iéltzin, também creditou ao presidente ucraniano o sepultamento da ideia de uma nova união. “Sem dúvida, Kravtchuk foi o mais insistente e o mais teimoso de todos ao rejeitar a União”, recordou mais tarde, registrando também que: Foi difícilimo convencê-lo mesmo da necessidade de uma integração mínima. Embora fosse um homem sensato, ele se sentia comprometido com o resultado do referendo. E explicou-nos cem vezes que, para a Ucrânia, não havia o problema de um tratado de união, pois a união simplesmente não existia e nenhuma integração era possível. Estava fora de cogitação qualquer união, até mesmo uma reformada, com ou sem centro.

A discussão chegara a um impasse. Mais tarde, o consultor jurídico de Iéltzin, Serguei Chakhrai, recordou que o representante do Rukh na delegação ucraniana resmungou: “Nós não temos absolutamente nada que fazer aqui! Voltemos a Kiev.” Segundo um relato diferente, Kravtchuk teria dito a Iéltzin: “E quem o

senhor vai ser quando voltar à Rússia? Eu voltarei à Ucrânia como o presidente eleito pelo povo. Qual será seu papel? O papel de subordinado de Gorbatchov, como antes?”⁴²³

Kravtchuk acreditou que o momento decisivo chegou quando, reagindo à sua recusa a assinar o tratado de união, Iéltzin declarou que, sem a Ucrânia, ele tampouco o assinaria. Foi então que se começou a procurar uma nova estrutura que realmente substituísse a União Soviética. Petr Kravtchenko atribuiu ao primeiro-ministro ucraniano, Vitold Fokin, a mudança no rumo da discussão. Ele não podia contradizer Kravtchuk diretamente, mas achou outro meio de expressar sua opinião. Como lembrou Kravtchenko, “Fokin, citando constantemente [Rudyard] Kipling, começou a falar no apelo do sangue, na unidade de povos fraternos e em termos as mesmas raízes. Fez isso muito corretamente, na forma de observações e brindes gentis. E, quando Kravtchuk começava a disputar, ele citava argumentos econômicos”. Então, Kravtchuk teria dito: “Ora, visto que a maioria é favorável a um acordo (...) pensemos em como será essa nova estrutura. Talvez, de fato, não devamos nos dispersar.”⁴²⁴

A conversa à mesa entrou numa etapa mais construtiva. Iéltzin reiterava que a reunião devia produzir mais do que palavreado e sugeriu que especialistas elaborassem o esboço de um tratado entre as três repúblicas eslavas, a ser assinado pelos líderes já no dia seguinte. Todos concordaram. Mais tarde, Viacheslav Kebitch recordou que Iéltzin perguntou se Serguei Chakhrai e Andrei Kozyrev tinham alguma coisa preparada. Ambos responderam que dispunham apenas de rascunhos muito preliminares. Ele ordenou aos Jovens Turcos que se reunissem com os bielo-russos e os ucranianos e redigissem um novo acordo. Quando as autoridades se retiraram, exprimiu ódio a Gorbatchov, que, em sua opinião, perdera a credibilidade internamente e no estrangeiro, levando os líderes ocidentais a se preocuparem com a desintegração descontrolada da União Soviética e com as armas nucleares à solta. Segundo Kebitch, Iéltzin teria dito ao grupo: “Gorbatchov precisa ser removido. Basta! (...) Chega de bancar o tsar!”

Para os bielo-russos, o resultado daquela reunião foi um choque completo. Eles estavam preparando uma declaração destinada a avisar Gorbatchov que, se não acomodasse as repúblicas, o país se desintegraria. No máximo, contemplavam a possibilidade de formar uma união mais frouxa, mas não ter nenhuma união? Ninguém na liderança bielo-russa esperava semelhante desdobramento. “Depois do jantar, quase toda a delegação bielo-russa se reuniu na casa de Kebitch; só faltou Chuchkevich”, lembrou um segurança de Kebitch, Mikhail Babitch. “Eles disseram que a Ucrânia não queria ficar na União

Soviética e que nós tínhamos de pensar no que faríamos agora e em como nos aproximaríamos da Rússia.” Parecia que a decisão estratégica tinha sido tomada de imediato e que Belarus acompanharia a Rússia, numa nova união ou fora da união já existente. Após o jantar, os bielo-russos convidaram os membros das duas delegações a relaxarem numa sauna. Os ucranianos declinaram, mas a maior parte da delegação russa, inclusive Gaidar, Kozyrev e Chakhrai, aceitou.⁴²⁵

O vínculo russo-bielo-russo fortaleceu-se ainda mais quando os Jovens Turcos, acompanhados de Petr Kravtchenko e outras autoridades bielo-russas, reuniram-se no chalé de Gaidar depois da sauna para elaborar o esboço do acordo. Os ucranianos não compareceram, mas sua posição era o elefante na sala que ninguém podia desconsiderar e que foi levada em conta até mesmo no título proposto: “Acordo de Criação de um *Commonwealth* de Estados Democráticos.” Saía “união” e entrava *commonwealth*. Naquela noite, durante o jantar, os ucranianos tinham feito questão de proscrever a palavra “união”. “Kravtchuk chegou a pedir que esse vocábulo fosse proibido”, recordou Gennady Burbulis. “Ou seja, que fosse retirado do dicionário, da consciência, da experiência. Uma vez que não haveria união, tampouco haveria tratado de união.” A palavra *commonwealth*, por outro lado, carecia de conotações negativas; aliás, tinha conotações positivas. Posteriormente, Petr Kravtchenko escreveu que, na sessão de elaboração do rascunho, ele e os colegas pensaram “no British Commonwealth of Nations, que nos pareceu o exemplo ideal de integração pós-imperial”.

Tendo concordado quanto ao título do documento, as autoridades não sabiam por onde começar. Gaidar salvou a situação ao mostrar a minuta de um tratado russo-bielo-russo que a delegação russa levava consigo para negociações bilaterais com os bielo-russos em Minsk. “Gaidar pegou esse texto”, recordou Kravtchenko, “e, com nossa ajuda, começou a reelaborá-lo para que de bilateral passasse a ser multilateral. Esse trabalho demorou muito e se estendeu até as cinco da madrugada”. Gaidar escreveu o texto à mão, pois não havia máquina de escrever nem datilógrafo na residência. Às cinco horas da madrugada, o pessoal da segurança saiu em busca dessas duas coisas e só retornou horas depois. Quando o rascunho ficou pronto e os participantes da sessão noturna finalmente puderam ir dormir, já eram seis horas da manhã, horário de Moscou, e eles ouviram a Rádio Moscou iniciar a transmissão diária com o hino soviético. Enquanto o coro cantava as conhecidas palavras “A grande Russ’ cerrou para sempre a união indissolúvel das repúblicas livres”, os representantes da Rússia Grande e Branca caíam na cama, completamente exaustos do esforço que tinham

feito para transformar a união “eterna” em temporária. Começava o último dia da existência da União Soviética.⁴²⁶

A nova rodada de negociações iniciou-se na manhã de 8 de dezembro, depois do café, que presenciou um curioso show de amizade russo-bielo-russa. Iéltzin presenteou Chuchkevich com um relógio de pulso em gratidão, ao que ele chamou de “socorro ao presidente russo”. Na noite anterior, Iéltzin quase rolara escada abaixo depois do jantar, mas Chuchkevich o havia segurado no último instante. Antes do café da manhã, os especialistas russos e bielo-russos mostraram aos seus descansados homólogos ucranianos a minuta do acordo em que haviam trabalhado durante toda a noite. Eles aprovaram o rascunho com uma reserva: o *commonwealth* deveria ser de Estados “independentes”, e não “democráticos”. Todos concordaram. A democracia plena ainda era um sonho para a maioria das repúblicas soviéticas.⁴²⁷

Depois do café, que incluiu champanhe soviético, os três líderes eslavos se reuniram na sala de bilhar, que fora transformada em uma sala de reuniões. O formato de negociação escolhido, com Iéltzin e Burbulis falando pela Rússia, Chuchkevich e Kebitch falando por Belarus, e Kravtchuk e Fokin falando pela Ucrânia, foi vantajoso para o presidente ucraniano. Os influentes assessores de Iéltzin, inclusive Gaidar, Kozyrev e Chakhrai, ficariam na sala adjacente com seus homólogos ucranianos e bielo-russos menos preparados. Kravtchuk tomou imediatamente o controle do processo de negociação, oferecendo-se para redigir o novo acordo e tudo o mais, e desprezando a minuta preparada na noite anterior pela equipe de expertos russo-bielo-russa. “Peguei uma folha de papel em branco, uma caneta e disse que escreveria”, lembrou ele. “Foi assim que começamos. Nós mesmos escrevemos e editamos, sem assistentes. Segundo o antigo protocolo, nunca houve nada assim. Chefes de Estado nunca haviam escrito documentos governamentais de próprio punho.”⁴²⁸

Na noite anterior, Kravtchuk se recusara a deixar seu pessoal participar do grupo de trabalho de expertos russos e bielo-russos. Na verdade, acreditava não dispor de quem pudesse fazê-lo, recordou posteriormente: “Eu não tinha expertos.” Se seu primeiro-ministro, Vitold Fokin, relutava em enterrar a União Soviética, seus assessores do Rukh mostravam-se mais do que ávidos por fazê-lo, mas careciam de experiência política e *expertise* jurídica. Kravtchuk podia confiar em sua habilidade de negociador, no resultado do referendo ucraniano, no ódio de Iéltzin por Gorbachov e no desejo dos Jovens Turcos quanto a agilizar a reforma econômica russa. Durante o jantar de trabalho na véspera, ele havia jogado bem suas cartas, ganhando sozinho a primeira rodada de

negociações ao se recusar categoricamente a assinar o tratado proposto por Gorbatchov ou a ingressar em qualquer tipo de união reformada. Isso obrigou Iéltzin a mudar bruscamente de atitude e começar a pensar num tipo diferente de acordo. Agora Kravtchuk conseguia apresentar sua própria ideia de acordo como se fosse uma concessão sua. Deixar seus assessores se reunirem com russos e bielo-russos para elaborar o acordo significaria comprometer-se com determinada minuta, uma vez que participaria do processo; ele queria continuar sendo o árbitro do resultado final.⁴²⁹

Kravtchuk levava consigo breves anotações manuscritas. Eram os velhos rascunhos do tratado de união eslávica preparados por iniciativa dele e de Iéltzin no início de 1991, mas rejeitados por Gorbatchov. Tinham sido revisados, no outono daquele ano, pelos expertos de Kravtchuk no parlamento ucraniano, e ele os estudara na noite anterior, ficando acordado até três horas da madrugada. Seu principal homólogo no lado russo acabou sendo Burbulis, que levava anotações próprias escondidas num bolso. Tendo à sua frente os documentos preparados durante a sessão noturna pelos expertos russos e bielo-russos e as notas manuscritas, os chefes começaram a discutir o texto artigo por artigo. Posteriormente, o delegado ucraniano Mikhailo Holubets, que havia passado a manhã de 8 de dezembro na sala dos assessores, recordou que, nos primeiros trinta ou quarenta minutos, não se ouviu o menor ruído na sala de bilhar. Então, evidentemente preocupados com alguma coisa, Burbulis e Fokin saíram para uma rápida consulta com os expertos. Passaram-se mais quinze minutos, e, enfim, os expertos ouviram um “urra” quando os chefes chegaram a um acordo quanto ao primeiro artigo do tratado. Por iniciativa de Iéltzin, ergueram taças de champanhe em triunfo. A partir daí, o processo avançou com fluidez.⁴³⁰

O Acordo de Estabelecimento de um *Commonwealth* de Estados Independentes consistia em catorze artigos. Os três líderes concordavam em criar o *Commonwealth* e reconhecer a integridade territorial e as fronteiras existentes de cada república agora independente. Declararam também o desejo de estabelecer uma forma de controle conjunto sobre suas armas atômicas, reduzir as respectivas Forças Armadas e se empenhar no desarmamento nuclear completo. Outorgaram-se aos futuros membros o direito de declarar neutralidade e o status de livre de armas atômicas. O ingresso no *Commonwealth* ficou aberto a todas as repúblicas soviéticas e a outros países que compartilhassem os objetivos e princípios declarados no acordo. Os órgãos coordenadores do *Commonwealth* ficariam não em Moscou – a capital da Rússia, do antigo império tsarista e da União Soviética em vias de desaparecimento –, mas em

Minsk, a capital de Belarus.

Os três líderes garantiam o cumprimento dos acordos e das obrigações internacionais da União Soviética ao mesmo tempo que declaravam as leis soviéticas nulas e inválidas em seus territórios a partir do momento em que o acordo fosse assinado. “Está suspensa a operação das agências da antiga União Soviética no território dos Estados membros do *Commonwealth*”, dizia o último parágrafo do acordo. Era uma conclusão natural num documento que começava com a seguinte declaração: “Nós, a República de Belarus, a Federação Russa (RSFSR) e a Ucrânia, na qualidade de Estados fundadores da União Soviética que assinaram o tratado de união de 1922 (...), estabelecemos pelo presente documento que a União Soviética cessa sua existência como sujeito de direito internacional e da realidade geopolítica.”⁴³¹

A ideia de que as três repúblicas fundadoras da União não podiam simplesmente sair dela, sendo obrigados a dissolvê-la inteiramente, viera do assessor jurídico de Iéltzin, Serguei Chakhrai. A Constituição soviética garantia o direito das repúblicas de saírem da União – direito também exercido em setembro de 1991, depois de uma longa luta, pelas três repúblicas bálticas. Porém, o argumento de Chakhrai ia além de Belarus. Como a União Soviética tinha sido formada em dezembro de 1922 por quatro repúblicas socialistas soviéticas – a Rússia, a Ucrânia, Belarus e a Federação Transcaucasiana, que incluía as futuras repúblicas da Geórgia, da Armênia e do Azerbaijão –, e considerando a abolição da Federação Transcaucasiana em 1936, cabia aos três Estados membros fundadores da União decidir a questão de sua futura existência.⁴³²

Segundo Kebitch, a declaração acerca da dissolução da União Soviética foi acrescentada ao documento por iniciativa de Burbulis quando todo o texto já havia sido aprovado pelos chefes. Burbulis teria dito ao surpreso Iéltzin que faltava um artigo ao documento. “Devemos começar denunciando o tratado de união de 1922”, argumentou ele. “Somente assim nossos acordos serão absolutamente corretos do ponto de vista jurídico.” Os chefes concordaram. Se sair da União Soviética juntamente com a Rússia e Belarus era suficientemente bom para Kravtchuk, não o era para Iéltzin, pois não só divorciava a Rússia de boa parte de seu antigo império sem oferecer nenhum meio jurídico de manter sua influência como deixava Gorbatchov à frente do que restava da União. Se a União Soviética não fosse dissolvida, Gorbatchov poderia ficar em Moscou, que era sede da União e a capital de uma Rússia já fora da União. A luta entre ele e o presidente russo prosseguiria, tornando-se mais feia que nunca. Dissolver

completamente a União era a única solução que satisfazia Iéltzin e sua equipe.⁴³³

A cerimônia de assinatura em Viskuli realizou-se às duas horas da madrugada no saguão do pavilhão de caça. Havia mesas trazidas de outros cômodos e cadeiras tiradas do setor residencial. Kebitch foi incumbido de arranjar uma toalha de mesa, a qual finalmente encontrou na sala de jantar. Sua tarefa seguinte era preparar os jornalistas para a cerimônia que, segundo o prometido, seria curtíssima. Iakov Alekseitchik, um dos poucos representantes da mídia disponíveis, notou que Iéltzin não estava “perfeitamente bem”. O champanhe soviético com que ele havia comemorado cada artigo do acordo evidentemente afetara algo mais que o processo de dissolução da União Soviética. Os repórteres foram orientados a não fazer nenhuma pergunta ao presidente russo, mas, uma vez terminada a cerimônia, ele, que estava de muito bom humor, decidiu dizer algumas palavras aos jornalistas. Naquele momento, o porta-voz do primeiro-ministro bielo-russo, seguindo as instruções de seu superior, interrompeu-o subitamente: “Bóris Nikoláievitch, não há necessidade de dizer nada. Tudo está claro!” Iéltzin ficou atônito. “Ora, se para vocês tudo está claro...”, disse ele aos jornalistas, e saiu abruptamente da sala. A coletiva de imprensa estava encerrada.⁴³⁴

Kravtchuk recordou que Iéltzin estava muito estressado naquele dia. Procurava se antecipar aos fatos, contando os aliados e inimigos no agora inevitável choque com Gorbatchov. “Bóris Nikoláievitch estava visivelmente nervoso”, escreveu Kravtchuk em suas memórias. “Temia que Gorbatchov tivesse Nazarbayev ao seu lado.” Nursultan Nazarbayev, do Cazaquistão, era o líder centro-asiático mais influente, e Gorbatchov já havia contra-arrestado iniciativas dos líderes eslavos obtendo o apoio das repúblicas centro-asiáticas. Além disso, o Cazaquistão era a única outra república (à parte a Rússia, a Ucrânia e Belarus) com armas nucleares em seu território. Também tinha uma grande população eslava e fora considerada, no passado, um possível membro de uma união dominada pelos eslavos. Iéltzin mandou seus assessores telefonarem para Almaty, então capital do Cazaquistão, mas eles foram informados de que Nazarbayev estava a caminho de Moscou. “Eu exortei Bóris Nikoláievitch a não se preocupar, sentindo que aquele processo já não poderia ser revertido”, lembrou-se Kravtchuk posteriormente. Sua garantia não teve o efeito desejado.⁴³⁵

Iéltzin foi inflexível, fazendo questão de falar com Nazarbayev antes que ele se encontrasse com Gorbatchov em Moscou. Encarregou o chefe de sua segurança pessoal de tomar providências, mas havia pouco que Korzhakov

pudesse fazer antes que Nazarbayev desembarcasse na capital. Sua tentativa de convencer o chefe do controle de tráfego no aeroporto de Vnukovo, em Moscou, a colocá-lo em contato com o avião de Nazarbayev, fracassou, pois o general respondeu rudemente que seu patrão era outro e que ele não recebia ordens do chefe de segurança de Iéltzin. Em suas memórias, Korzhakov escreveu: “O poder dúplice é carregado de perigo porque as pessoas não reconhecem uma autoridade única nesse período. Gorbatchov já não era levado a sério, e as pessoas zombavam dele, mas Iéltzin não tinha acesso às alavancas do poder.” Mais tarde, soube-se que, por ordem de Gorbatchov, os controladores de tráfego tinham sido proibidos de conectar quem quer que fosse com o presidente do Cazaquistão durante o voo.⁴³⁶

Iéltzin finalmente entrou em contato telefônico com Nazarbayev quando este aterrisou em Moscou e fez o possível para convencê-lo de que o *Commonwealth* era, na verdade, a realização de sua ideia de formar uma união quadripartida, que havia sido proposta em 1990. Nazarbayev prometeu ir a Viskuli. Kebitch mandou um carro ao aeroporto para receber o velho amigo, mas não havia sinal de Nazarbayev. Primeiro, chegou a notícia de que foi preciso reabastecer o avião, depois de que Nazarbayev não se dirigiria a Viskuli, mas a Minsk, e não imediatamente, mas apenas no dia seguinte. Segundo os boatos, Gorbatchov o persuadira a ficar em Moscou oferecendo-lhe o cargo de primeiro-ministro da despedaçada União Soviética. “A notícia de que Nazarbayev não viria deprimiu a todos”, recordou Petr Kravtchenko, o ministro bielo-russo das Relações Exteriores. “Àquela altura, nós só podíamos imaginar que argumentos Gorbatchov havia encontrado para fazer com que Nazarbayev mudasse seus planos. Acaso o presidente soviético se preparava para recorrer à força bruta? O chefe da KGB bielo-russa, Eduard Chirkovsky, fez um comentário funesto: ‘Afinal de contas, basta um batalhão para acabar com todos nós aqui.’”⁴³⁷

Chirkovsky não estava brincando. Naquele mesmo dia, tinha abordado o primeiro-ministro Viacheslav Kebitch: “Viacheslav Frantsevitch, isso é um golpe de Estado puro e simples! Eu relatei tudo a Moscou, ao Comitê [de Segurança do Estado] (...) Estou aguardando ordens de Gorbatchov.”

Kebitch ficou petrificado ao ouvi-lo. “Eu não me considero medroso”, recordaria depois, “mas o relato me deu calafrios, e minhas mãos ficaram geladas”. Ele perguntou ao chefe da polícia secreta: “O senhor acha que essa ordem vai chegar?”

O homem da KGB não tinha dúvidas: “Claro que sim! Nós estamos diante de alta traição. Traição, sim, se formos dar o nome certo às coisas. Não me entenda

mal. Eu não poderia deixar de reagir. Fiz um juramento.”

Não era o que Kebitch queria ouvir. “O senhor pelo menos podia ter avisado!”, disse ele.

Chirkovsky respondeu: “Eu temi que o senhor não concordasse. E, em todo caso, não queria envolvê-lo. Se algo acontecer, eu assumo toda a responsabilidade.” Obviamente, estava fazendo o possível para servir a dois senhores.⁴³⁸

Kebitch não disse uma palavra a Chuchkevich a respeito de sua conversa com Chirkovsky. Contudo, não está fora de cogitação que tenha contado alguma coisa a Iéltzin ou a Kravtchuk. O presidente russo e os outros decidiram que estava na hora de partir. Como Nazarbayev ficara em Moscou, não havia dúvida de que Gorbatchov conhecia o resultado das negociações em Viskuli. As comunicações entre Viskuli e o resto do mundo foram restauradas, e os jornalistas puderam enviar suas reportagens aos respectivos jornais e agências. A publicidade era a melhor maneira de evitar um assalto. Enquanto os delegados se aglomeravam no saguão do pavilhão de caça, preparando-se para ir ao aeroporto, os líderes dos Estados agora independentes se reuniam nos aposentos de Iéltzin. O primeiro telefonema que fizeram foi para o homem que tinha o poder real de prendê-los, o ministro soviético da Defesa, Ievgueni Chapochnikov. Depois do golpe de agosto, Iéltzin havia feito questão de que Chapochnikov fosse nomeado para esse cargo, e, nos meses que conduziram à reunião de Viskuli, o ministro demonstrara lealdade a ele.

O presidente russo entrou em contato telefônico com Chapochnikov quando era pouco antes das dez horas da manhã em Moscou e informou ao ministro que os três países eslavos estavam formando uma nova entidade, o *Commonwealth* de Estados Independentes. Por telefone, citou partes do acordo relativas às Forças Armadas. Chapochnikov ficou contente com a seção referente às forças estratégicas, que continuariam unidas sob um comando único. Iéltzin tinha mais um argumento em seu arsenal para cimentar a lealdade de Chapochnikov e afastá-lo de Gorbatchov. Entre os documentos que os presidentes eslavos tinham assinado naquele dia, havia um decreto de formação do Conselho de Defesa do *Commonwealth*. O primeiro decreto desse conselho nomeava Chapochnikov como comandante em chefe das forças estratégicas do *Commonwealth*. Ele aceitou a nomeação. Acreditava que “a iniciativa dos líderes das três repúblicas tornava as coisas evidentemente mais precisas e ajudava a sociedade a sair do beco sem saída em que se achava”.⁴³⁹

Pouco depois dessa conversa com Iéltzin, Chapochnikov recebeu um

telefonema do surpreendentemente bem informado Gorbatchov. “Muito bem, quais são as novidades?”, perguntou Gorbatchov. “Afinal, o senhor acaba de falar com Iéltzin. O que está acontecendo em Belarus?” Chapochnikov não soube o que dizer. “Ele se retorceu e estrebuchou feito minhoca numa frigideira”, recordou Gorbatchov posteriormente, “e enfim disse que lhe haviam telefonado para perguntar o que ele achava de participar das Forças Armadas numa estrutura de Estado futura. Naturalmente, era mentira”. Segundo Chapochnikov, Gorbatchov lhe disse: “Eu estou avisando que é melhor que não se intrometa no que não lhe diz respeito!” Então, ele desligou. Posteriormente, Serguei Chakhrai afirmou que, naquela noite, Gorbatchov tentou entrar em contato com os comandantes dos distritos militares. Com a defecção de seu ministro da Defesa, aparentemente estava tentando obter o apoio dos subordinados de Chapochnikov. Não conseguiu. Mais tarde, Gaidar comentou que o presidente soviético não encontrou um único regimento leal a ele. Iéltzin e sua gente também estavam conversando com os comandantes militares *in loco*. Um desses telefonemas feitos em Viskuli foi equivocadamente direcionado ao secretário de imprensa de Gorbatchov, Andrei Grachev. Na verdade, os assessores de Iéltzin estavam tentando contatar Pavel Grachev, o primeiro vice-ministro de Chapochnikov e salvador de Iéltzin durante o golpe de agosto.⁴⁴⁰

Em Viskuli, com Chapochnikov ao seu lado, os três líderes pensaram em telefonar para Gorbatchov. Iéltzin se recusou a fazê-lo, e a tarefa coube a Chuchkevich, o anfitrião da reunião. Porém, antes que falasse com o presidente soviético, Iéltzin telefonou para George Bush. Segundo Kebitch, ligou deliberadamente para o chefe de Estado americano antes que alguém conseguisse falar com Gorbatchov e diz-se que respondeu aos que lhe propuseram conversar primeiro com Gorbatchov: “De jeito nenhum! Em primeiro lugar, a União Soviética não existe mais, Gorbatchov não é presidente e não pode nos dizer o que fazer. E, em segundo lugar, para evitar surpresas, é melhor que ele fique sabendo do que aconteceu como um fato consumado, que já não pode ser revertido.” Chuchkevich apoiou a ideia. Segundo Kebitch, ele encarava o telefonema para Washington como uma garantia contra a possível retaliação de Moscou. Mais tarde, Kravtchuk explicou a chamada nos mesmos termos. “Foi feita para que o mundo soubesse onde estávamos e que documentos aprovávamos”, recordou ele posteriormente. “Para qualquer eventualidade, como dizem.”⁴⁴¹

Foi logo depois das dez horas da manhã, horário de Moscou, que Iéltzin falou com Bush. O ministro russo das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, que fez a

ligação, teve de explicar primeiramente quem era e por que estava telefonando, pois ainda era uma figura pouco conhecida em Washington. Segundo o memorando americano da conversa, a ligação durou quase meia hora, das 13h08 às 13h36, no horário de Washington. Iéltzin informou Bush sobre a decisão tomada em Belarus e deu ênfase especial ao desejo dos líderes eslavos de manterem uma forma de controle conjunto sobre as armas atômicas e à sua aceitação das obrigações internacionais da União Soviética. Contou-lhe que falara com Chapochnikov e obtivera a aprovação de Nazarbayev, que ficou de ir a Minsk para assinar os acordos. Seja por ainda ter a impressão de que Nazarbayev compareceria ou por estar simplesmente distorcendo a situação de modo que lhe fosse mais favorável, Iéltzin falou ao presidente americano em nome de quatro repúblicas soviéticas, não de apenas três. “Isso é muito importante”, disse ele. “Esses quatro Estados formam noventa por cento do PIB da União Soviética.” Reconheceu que Gorbatchov ainda não tinha sido informado sobre as decisões. Como sempre, Bush foi muito cauteloso. Deixou o russo falar, reagindo ao seu monólogo com ocasionais “Entendo”. Prometeu estudar o texto do acordo e dar sua opinião. O principal objetivo de Iéltzin tinha sido atingido: Bush recebera a mensagem e não havia rejeitado a iniciativa imediatamente.⁴⁴²

Coube a Chuchkevich a tarefa mais ingrata imaginável de contar a Gorbatchov que o país do qual ele pensava ser o presidente já não existia. Ulteriormente, ele relembrou: Eu o informei com poucas palavras: “Nós assinamos tal e tal declaração, e seu conteúdo é essencialmente o seguinte (...) Esperamos uma continuação construtiva dessa abordagem e não vemos outra.” Gorbatchov: “Vocês se dão conta do que fizeram?! Entendem que a comunidade mundial vai condená-los? Veementemente!” Eu já ouvia Iéltzin conversar com Bush, dizendo “Saudações, George!”, e Kozyrev traduzir. Gorbatchov prosseguiu: “Quando Bush souber, como vai ser?” E eu lhe disse: “Bóris Nikoláievitch já lhe contou; ele reagiu normalmente...” E, então, do outro lado, Gorbatchov fez uma cena silenciosa. (...) E nós nos despedimos.

Furioso, o presidente soviético exigiu conversar com Iéltzin. “O que você fez pelas minhas costas e com o consentimento do presidente norte-americano é uma vergonha gritante, é uma desgraça!”, exclamou ao presidente russo, segundo suas memórias.⁴⁴³

Gorbatchov queria conversar com os três líderes eslavos no dia seguinte. Nem Kravtchuk nem Chuchkevich queriam ir a Moscou. Iéltzin, por sua vez, não tinha escolha. Decidiu-se que ele falaria com Gorbatchov em nome dos outros

dois. “Não tenho a menor vontade de voltar”, disse Iéltzin a Kravtchuk antes de partir de Viskuli. Alguém os avisou que seus aviões podiam ser derrubados, por ordem de Gorbatchov, assim que saíssem da região da base aérea de Viskuli. Segundo os boatos ouvidos pelos diplomatas americanos, quando Iéltzin chegou a Moscou, no começo da manhã de 9 de dezembro, estava completamente bêbado e saiu do avião carregado.

Na capital soviética (agora russa), o leal assessor de Gorbatchov, Anatoly Tcherniaiev, escutou o noticiário da meia-noite. “Meia-noite”, registrou em seu diário. “O rádio noticiou que Iéltzin, Kravtchuk e Chuchkevich declararam o fim da existência da União Soviética como sujeito de direito internacional.”⁴⁴⁴

O avião do presidente ucraniano registrou voo para Moscou, mas, na verdade, partiu para Kiev. Enquanto ainda estava em Viskuli, por precaução, Kravtchuk não telefonou para ninguém nem comunicou à família seus planos de viagem. Quando finalmente chegou à sua residência na periferia da capital ucraniana, viu homens armados. Sem saber o que esperar, preparou-se para o pior, mas os homens tinham sido enviados para protegê-lo. Uma vez a salvo em casa, ele contou à esposa o que acontecera em Viskuli. “Quer dizer que não fazemos mais parte da União?”, perguntou Antonina Kravtchuk. “Acabou tudo?” Ele respondeu: “Parece que sim.” Não retornou um telefonema de Gorbatchov naquela noite. Já não sentia que o presidente soviético era seu chefe.⁴⁴⁵

Os líderes bielo-russos decidiram continuar em Viskuli em vez de viajar a Minsk, capital de Belarus e cidade que os três líderes eslavos haviam designado capital do *Commonwealth*. Foram para a cama logo depois de retornar ao pavilhão de caça. No povoado vizinho de Kameniuki, junto à floresta de Belavezha, o chefe da reserva de caça, Serguei Baliuk, voltou para casa tarde e acordou a esposa com a notícia chocante: “A União Soviética se despedaçou!” Durante algum tempo, a mulher não conseguiu entender a notícia. “Semidesperta, eu não conseguia compreender o que tinha acontecido nem sabia o que fazer”, recordou Nadezhda Baliuk. “Ele estava agitado e nervoso e repetia constantemente: ‘A União Soviética não existe mais, não existe mais.’”⁴⁴⁶

⁴⁰⁷ CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1030-1031.

Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 418.

⁴⁰⁸ BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 554.

Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po

reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 420.

- 409 “Telcon with President Bóris Yeltsin of the Republic of Russia”, 30 de novembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-11-30-Yeltsin.pdf. BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 552-553.
Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
- 410 Entrevista de Stanislav Chuchkevich. Davis Center, Universidade de Harvard, 17 de abril de 2000. BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 552-554.
- 411 *Soiuz možno bylo sokhranit' . Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniui i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 424.
- 412 AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. “El'tsin sluzhil nam!”. Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
REMICK, David. *Resurrection: The Struggle for a New Russia*. Nova York: Vintage, 1998, p. 25.
- 413 SOLZHENITSYN, Aleksandr. “Kak nam obustroit' Rossiui?”. *Komsomol'skaia pravda*, 18 de setembro de 1990.
SOLZHENITSYN, Aleksandr. *Rebuilding Russia: Reflections and Tentative Proposals*. Trad. de Alexis Klimoff. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1991.
- 414 SOLCHANYK, Roman. *Ukraine and Russia: The Post-Soviet Transition*. Oxford: Rowman & Littlefield, 2001, p. 38.
AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. “El'tsin sluzhil nam!”. Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 415 “Newsbriefs”. *Ukrainian Weekly*, 15 de dezembro de 1991.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 128.
CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-es*. Kiev: Sventas, 1994, pp. 245-247, 260-261.
- 416 HOLUBETS, Mykhailo. *Bilovezha ochyma uchasnyka*. Lviv, 1996, p. 9.
“Shushkevich, Stanislav Stanislavovich”. In: *Kto est' kto v Rossii i blizhnem zarubezh'e. Spravochnik*. Moscou: Izd. Novoe Vremia, 1991, p. 749.
CHUCHKEVICH, Stanislav. “Osval'da ia zapomnil soldafonom”. *Izvestia*, 21 de novembro de 2003.
- 417 MARPLES, David. *Belarus: A Denationalized Nation*. Amsterdã: Harwood, 1999.
ZAPRUDNIK, Jan. *Belarus: At a Crossroads in History*. Boulder, Colorado: Westview Press, 1993.
- 418 STAROSTIN, Dmitri. “Desiat' let Belovezhskoi pushche”. *Vesti.ru*, 9 de dezembro de 2001.
CHUCHKEVICH, Stanislav. “Monolog o pushche”, *Ogonek*, 2 de dezembro de 1996.
- 419 SEMAKOV. V. *Belovezhskaia pushcha, 1902-2002*. Minsk: Vaia, 2002.
DUFFY, Peter. *The Bielski Brothers: The True Story of Three Men Who Defied the Nazis, Built a Village in the Forest, and Saved 1,200 Jews*. Nova York: Harper Perennial, 2004.

- 420 GUTOWSKI, Jerzy; JAROSZEWICZ, Bogdan. *Katalog fauny Puszczy Białowieskiej*. Varsóvia: Instituto de Pesquisa Florestal, 2001. KARLIUKOVICH, Ales'. "Gensek s ruzh'em". *Sovetskaia Belorussia*, nº 113, 21 de junho de 2001. Memorando de Anatoly Tcherniaiev para Gorbartchov sobre a organização da visita do chanceler Kohl à União Soviética, 17 de junho de 1991. Arquivo da Fundação Gorbatchov, Fundo 2, nº 8943.1.
- 421 DMUKHOVSKII, Mechislav. "Belovezhskie tainy". *Sovetskaia Belorussia. Sobesednik*, 12 de dezembro de 2003.
KRAVCHUK, Leonid. "Shushkevich i El'tsin predstaviali sebia, a ia-voliu naroda". *Unian*, 5 de dezembro de 2006.
Kryzhanivs'kyi, "Tostiv bulo".
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, p. 127.
KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast'iu. Iz zhizni prem'er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp. 190-194.
- 422 "Kebich, Viacheslav Frantsevich". In: *Kto est' kto v Rossii i blizhnem zarubezh'e. Spravochnik*. Moscou: Izd. Novoe Vremia, 1991.
- 423 EISMONT, Mariia. "Mikhail Babich, byvshii ofitser okhrany Viacheslava Kebicha: V Viskuliakh opasalis' predatel'stva". *Narodnaia volia*, 12 de dezembro de 2001.
Soiuz mozno bylo sokhranit'. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 432.
KRAVCHENKO, Petr. "Belarus' na rasput'e Zapiski diplomata i politika". *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
- 424 *Soiuz mozno bylo sokhranit'.* *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 440.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 129-130.
- 425 AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. "El'tsin sluzhil nam!". Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
ZAINASHEV, Iurii. "Belorusskaia pushcha: chto èto bylo?". *Novye izvestiia*, 8 de dezembro de 2006.
SHAPOVAL, Iurii. "Dvi hrudnevi istorii ne bez morali". *Den'*, 10 de dezembro de 2004.
MIKHAL'CHENKO, M.; ANDRUSHCHENKO, V. *Belovezh'e. L. Kravchuk, 1991-1995*. Kiev: Ukr Tsentru Dukhovnoi Kultury, 1996, p. 99.
- 426 CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, pp. 268-269.
Soiuz mozno bylo sokhranit'. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 445-447.
KRAVCHENKO, Petr. "Belarus' na rasput'e Zapiski diplomata i politika". *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
- 427 *Soiuz mozno bylo sokhranit'.* *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 433.
KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast'iu. Iz zhizni prem'er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp.

- 199-200.
ÈISMONT, Mariia. “Mikhail Babich, byvshii ofitser okhrany Viacheslava Kebicha: V Viskuliakh opasalis’ predatel’sstva”. *Narodnaia volia*, 12 de dezembro de 2001.
- 428 MOROZ, Oleg. “Za riumkoi kliuchevye voprosy ne reshali’s”. Entrevista de Yegor Gaidar. *Newsland*, 2 de maio de 2011. Disponível em www.newsland.ru/news/detail_id690529.
KRAVCHENKO, Petr. “Belarus’ na rasput’e Zapiski diplomata i politika”. *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
- 429 HOLUBETS, Mykhailo. *Bilovezha ochyma uchasnyka*. Lviv, 1996, pp.13-14.
Kryzhanivs’kyi, “Tostiv bulo”.
KRAVCHENKO, Petr. “Belarus’ na rasput’e Zapiski diplomata i politika”. *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
- 430 KRAVCHUK, Leonid. “Shushkevich i El’tsin predstaviali sebia, a ia-voliu naroda”. *Unian*, 5 de dezembro de 2006.
CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, p. 269.
CHAKHRAI, Sergei. “Nam udalos’ predotvratit’ iugoslavskii stsenarii”. *Novye izvestiia*, 8 de dezembro de 2006.
KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast’iu. Iz zhizni prem’er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, p. 201.
- 431 MOROZ, Oleg. “Za riumkoi kliuchevye voprosy ne reshali’s”. Entrevista de Yegor Gaidar. *Newsland*, 2 de maio de 2011. Disponível em www.newsland.ru/news/detail_id690529.
KRAVCHUK, Leonid. *Maimeo te, shcho maimeo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 125.
Entrevista de Leonid Kravtchuk in *Rozpad Radianskoho Soiuzu. Usna istoriia nezaleznoi Ukrainy 1988-91*, Fita 9. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.
CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, pp. 267, 271.
KRAVCHUK, Leonid. “Shushkevich i El’tsin predstaviali sebia, a ia-voliu naroda”. *Unian*, 5 de dezembro de 2006.
HOLUBETS, Mykhailo. *Bilovezha ochyma uchasnyka*. Lviv, 1996, p. 13.
Kryzhanivs’kyi, “Tostiv bulo”.
- 432 HOLUBETS, Mykhailo. *Bilovezha ochyma uchasnyka*. Lviv, 1996, p. 15.
PACHKOV, Sergei. “Sovetskii Soiuz. Poslednie dni”. *Vesti nedeli*, 2 de dezembro de 2001.
KOZHEVIN, Igor. “15 let kazhdyi za sebia”. *Vesti.ru*, 8 de dezembro de 2006.
CHUCHKEVICH, Stanislav. “Ni po odnomu punktu ne bylo raznoglasii”. *Ezhednevnik*, 9 de dezembro de 2008.
Soiuz mozhno bylo sokhranit’. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional’nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 435.
- 433 SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial’nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 1028-1031.
- 434 GAIDAR, Egor. *Dni porazhenii i pobed*. Moscou: Al’pina, 1996, pp. 148-150.
AVEN, Petr; KOKH, Al’fred. “El’tsin sluzhil nam!”. Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa), 22 de julho de 2010. Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 435 KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast’iu. Iz zhizni prem’er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, p.

- 436 KOZHEVIN, Igor. “15 let kazhdyi za sebia”. *Vesti.ru*, 8 de dezembro de 2006.
ALEKSEITCHIK, Iakov. “Kholodnyi dekabr’ v Viskuliakh”. *Sem’ dnei*, nº 49, 8 de dezembro de 2001.
- 437 KRAVCHUK, Leonid. *Maïemo te, shcho maïemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 132.
- 438 KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel’tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, p. 128.
HOLUBETS, Mykhailo. *Bilovezha ochyma uchasnyka*. Lviv, 1996, p. 16.
KRAVCHUK, Leonid. *Maïemo te, shcho maïemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 125.
Entrevista de Leonid Kravtchuk em *Rozpad Radianskoho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, fita 9. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/510>.
- 439 MOROZ, Oleg. “Za riumkoi kliuchevye voprosy ne reshais’”. Entrevista de Yegor Gaidar. *Newsland*, 2 de maio de 2011. Disponível em www.newsland.ru/news/detail_id690529.
KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast’iu. Iz zhizni prem’er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp. 207-208.
“Iz besedy prezidenta Kazakhstana N. Nazarbaeva s redaktorami moskovskikh gazet 15 apreliia 1995 g.” Arquivos da Fundação Gorbachov. Disponível em www.gorby.ru/userfiles/file/iz_besedy_prezidenta_kazahstana_n.pdf.
ROBBINS, Christopher. *Apples Are from Kazakhstan: The Land that Disappeared*. Nova York: Atlas, 2008, pp. 282-285.
KRAVCHENKO, Petr. “Belarus’ na rasput’e Zapiski diplomata i politika”. *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
- 440 KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast’iu. Iz zhizni prem’er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp. 202-203.
- 441 SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 125-127.
- 442 Idem.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 659.
CHAKHRAI, Sergei. “Nam udalos’ predotvratit’ iugoslavskii stsenarii”. *Novye izvestiia*, 8 de dezembro de 2006.
MOROZ, Oleg. “Za riumkoi kliuchevye voprosy ne reshais’”. Entrevista de Yegor Gaidar. *Newsland*, 2 de maio de 2011. Disponível em www.newsland.ru/news/detail_id690529.
GAIDAR, Egor. *Dni porazhenii i pobed*. Moscou: Al’pina, 1996, pp. 148-150.
“Belovezhskoe ékho”. *NTV*, 11 de dezembro de 2011.
- 443 KRAVCHENKO, Petr. “Belarus’ na rasput’e Zapiski diplomata i politika”. *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast’iu. Iz zhizni prem’er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp. 206-207.
CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, p. 270.
- 444 ZAVOROTNY, Sergei. “V saune ne parilsia, shampanskogo ne pil”. *Sovetskaia Belorussia*, 7 de dezembro de 2005. Disponível em <http://bp21.org.by/ru/art/a051207.html>.
Teleconferência com o presidente Iéltzin da República Russa, 8 de dezembro de 1991. Registros

Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-12-08-Yeltsin.pdf.

- 445 CHUCHKEVICH, Stanislav. “Monolog o pushche”, *Ogonek*, 2 de dezembro de 1996.
KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast’iu. Iz zhizni prem’er-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp. 210-211.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, pp. 131-132.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 659.
- 446 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 450.
HOLUBETS, Mykhailo. *Bilovezha ochyma uchasnyka*. Lviv, 1996, p. 17.
CHEMERYYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, p. 274.
DMUKHOVSKII, Mechislav. “Belovezhskie tainy”. *Sovetskaia Belorussia. Sobesednik*, 12 de dezembro de 2003.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossen, 2008, p. 1034.

PARTE VI

ADEUS AO IMPÉRIO

CAPÍTULO 16

P Saindo da floresta OU CO DEPOIS DO meio-dia de segunda-feira, 9 de dezembro de 1991, o dia seguinte à data de assinatura do Acordo de Belavezha, Bóris Iéltzin chegou ao Kremlin em meio a uma caravana de automóveis fortemente protegida. Estava ali para se encontrar com Gorbatchov, o presidente da agora supostamente falecida União Soviética. Seus guarda-costas estavam prontos para o pior. O chefe de sua equipe de segurança pessoal, coronel Alexander Korzhakov, levava um fuzil no banco dianteiro de seu utilitário esportivo Niva, o equivalente soviético a um jipe. Ele e um subordinado acompanharam Iéltzin ao gabinete de Gorbatchov e, até o fim da reunião, que durou quase duas horas, ficaram na antessala, cara a cara com os guarda-costas do líder soviético. O temor era que Gorbatchov fizesse agora, no Kremlin, aquilo que não pudera ou se recusara a fazer em Belavezha: prender os instigadores da dissolução da União Soviética. Antes do encontro, Iéltzin tinha telefonado para Gorbatchov e pedido garantias de salvo-conduto. “O quê? Você enlouqueceu?”, escandalizou-se o soviético. “Eu não, mas talvez outra pessoa”, foi a resposta que recebeu.⁴⁴⁷

Horas antes, quando Vadim Medvedev, a caminho do Kremlin, entrara em contato com o chefe pelo telefone celular, Gorbatchov havia mostrado sua atitude belicosa. Quando Medvedev lhe falou num documento que havia preparado a seu pedido sobre os motivos econômicos para a manutenção da União, ele respondeu: “Não são argumentos que nós precisamos agora, mas outra coisa.” O líder soviético iniciara o dia reunindo-se com os assessores jurídicos. “Mikhail Sergueievitch está furioso e diz que vai renunciar, que vai dizer-lhes aonde ir e assim por diante (...) que vai ‘mostrar-lhes’”, ouviu Anatoly Tcherniaiev de um membro da equipe do Kremlin que participou da reunião. Porém, quando o vice-presidente russo Alexander Rutskoi, surpreso com as decisões de Belavezha, correu ao gabinete de Gorbatchov e exigiu a prisão da “trinca de bêbados” sob a acusação de traição, ele se recusou. Preferiu pedir a Georgui Chakhnazarov que redigisse um discurso à nação “pondo todos os ‘pingos nos is’ e falando francamente sobre o papel de Kravtchuk e de outros

participantes dos acordos de Minsk”.⁴⁴⁸

Gorbatchov esperava que Kravtchuk fosse ao seu gabinete junto com Iéltzin e Chuchkevich. “Eles que se expliquem ao país inteiro, ao mundo e a mim”, disse ele ao secretário de imprensa Andrei Grachev. “Eu já falei com Nazarbayev; ele está indignado e também espera uma explicação de Iéltzin.” Nazarbayev e Iéltzin se encontrariam com Gorbatchov ao meio-dia, mas nem Chuchkevich nem Kravtchuk se mostravam inclinados a fazer o mesmo. O presidente do parlamento bielo-russo telefonou para o chefe da Casa Civil de Gorbatchov, Heórhi Revenko, a fim de informá-lo de que não iria. Segundo Revenko, Chuchkevich disselhe, “quase chorando”, que precisava repor o sono atrasado e refletir sobre as coisas, pois tudo tinha acontecido muito depressa em Belavezha. No entanto, dispunha-se a ir se Gorbatchov e Iéltzin decidissem que precisavam dele. Minutos depois, Gorbatchov citaria essa vaga promessa para dizer a Kravtchuk que Chuchkevich estava a caminho de Moscou.

Kravtchuk não retornara a ligação tardia de Gorbatchov, de modo que este resolveu telefonar novamente. “E então? Você vem a Moscou?”, foi sua primeira fala. Quando o ucraniano deu uma resposta educada, mas negativa, o líder soviético utilizou todos os argumentos concebíveis para fazê-lo mudar de opinião. “O que está fazendo?”, lembrou-se Kravtchuk posteriormente de ouvi-lo dizer. “Você é membro do Conselho [de Estado da União Soviética]. Como pode? (...) A União ainda existe.” O presidente da Ucrânia respondeu que a União não existia mais. “Isso significa que você não vem?” Dessa vez, Kravtchuk foi direto e disse que não. “Para mim e para os outros, chega de viajar”, pensou. A conversa chegou ao fim. “Ora, tudo bem”, concluiu Gorbatchov com um suspiro de decepção, e desligou. Posteriormente, Kravtchuk recordou que um entre seus motivos para não ir a Moscou era a suspeita de que estivessem preparando uma armadilha. “Eu senti”, escreveu em suas memórias, “que não nos deixariam ir embora, que nos prenderiam lá até que desistíssemos do acordo assinado na reserva de Belavezha”. A possibilidade de uma prisão também vinha ocorrendo a Iéltzin desde sua partida de Viskuli.⁴⁴⁹

Quando ele deixou seus seguranças na antessala e entrou no gabinete, Gorbatchov já o aguardava na companhia de Nazarbayev, que, apesar de suas promessas anteriores, não fora a Viskuli nem a Minsk e agora, ao que tudo indicava, apoiaria Gorbatchov. Iéltzin tratou de contar ao presidente soviético que havia tentado convencer Kravtchuk a participar de todo e qualquer tratado de união concebível, a começar por um acordo de quatro ou cinco anos e terminando com a participação associada da Ucrânia numa união eslávica. Como

o presidente ucraniano recusou-se obstinadamente, o *Commonwealth* de Estados Independentes foi a única solução possível naquelas circunstâncias. Sem embargo, a principal questão na mente de Gorbatchov não era a criação do *commonwealth*, mas a dissolução da União Soviética. “Vocês se reuniram, mas quem os autorizou?”, perguntou ele, segundo o relato que fez a um grupo de assessores naquele mesmo dia. “O Conselho de Estado não lhes deu instruções, e o Soviete Supremo também não lhes deu instruções.”

Iéltzin protestou e ameaçou ir embora. Gorbatchov o conteve, mas o tom da discussão não mudou muito. Quando perguntou o que deveria dizer ao povo no dia seguinte, Iéltzin respondeu: “Eu vou dizer ao povo que ficarei no seu lugar.” Além disso, acusou Gorbatchov de conspirar às suas costas com o vice-presidente da Rússia, Alexander Rutskoi. “Você conspirou com Bush”, retrucou o líder soviético. “E assim se estenderam quarenta minutos de briga; eu cheguei a ter vergonha de estar presente ali”, relembrou Nazarbayev depois. Gorbatchov exigiu que se fizesse um referendo sobre o futuro da União, mas o turbulento encontro terminou com o compromisso de que o texto do Acordo de Belavezha seria submetido ao estudo e à avaliação dos parlamentos republicanos. Posteriormente, Iéltzin disse a Kravtchuk: “Nunca mais quero ter uma conversa assim com quem quer que seja.”⁴⁵⁰

Gorbatchov não tentou prender o presidente russo, mas tampouco pensou em se render. Estava convencido de que o recém-criado *commonwealth* era ilegítimo e não duraria, ao passo que a União podia e seria salva. As duas semanas seguintes em Moscou presenciariam o maior drama humano e político desde o malogro do golpe de agosto, com Gorbatchov e Iéltzin a disputarem o apoio dos líderes republicanos, dos parlamentos, dos principais comandantes militares e da comunidade internacional numa luta em que estavam em jogo o futuro da União Soviética e a ordem política mundial. A única pessoa em Moscou a quem os preocupados líderes se dispunham a dar ouvidos era o secretário de Estado americano James Baker, que visitava a cidade. O problema era que, durante algum tempo, nem Baker nem seu chefe na Casa Branca, George Bush, sabiam o que fazer com a situação, em dúvida sobre endossar ou torpedear o recém-criado *commonwealth*.

Mikhail Gorbatchov ainda acreditava que tinha poder suficiente para salvar a dilacerada União Soviética e começou por restaurar relações com o ministro da Defesa, marechal Ievgueni Chapochnikov, que ele aconselhara na noite anterior a não se envolver com política. Ele mudou o tom ao falar com o marechal após o

encontro com Iéltzin e Nazarbayev: “Talvez tenhamos mais uma reunião em Novo-Ogarevo e proponhamos que o tratado de união seja assinado por quem desejar assiná-lo.” Naquele dia, Gorbatchov também se encontrou com os líderes do Turcomenistão e do Tadjiquistão, mas os líderes do Usbequistão e do Quirguistão desconsideraram seu convite para ir a Moscou e pediram a Nazarbayev que retornasse a Almaty. Lá corriam boatos acerca da possibilidade de estabelecer uma confederação muçulmana ou centro-asiática para contrarrestar o *commonwealth* fundado em Belavezha.⁴⁵¹

Naquela noite, os locutores da televisão leram a declaração de Gorbatchov sobre o Acordo de Belavezha, que resultara de sua incômoda discussão com os assessores depois do encontro com Iéltzin e Nazarbayev. Todos acharam que ele não podia ficar calado e precisava dar sua opinião ao público. Mas o que dizer? Seus assessores, que naquela noite foram a uma recepção na Casa Spaso, a residência do embaixador estadunidense, denunciaram o acordo como um segundo golpe de Estado, mas a declaração enfim assinada por Gorbatchov e lida na televisão não sugeria um conflito. O texto saudava a volta da liderança ucraniana à mesa de negociação e elogiava os artigos do acordo que garantiam a existência sustentada de um espaço comum econômico, de segurança e cultural. Frisava, porém, que, embora todas as repúblicas tivessem o direito de sair da União Soviética, três líderes republicanos não podiam decidir o destino de todo o país. Gorbatchov queria que o Acordo de Belavezha fosse discutido nos parlamentos da União e das repúblicas e sugeria a organização de um referendo sobre a preservação da União Soviética.⁴⁵²

Anatoly Tcherniaiev, que não tinha sido convocado para as consultas, ouviu a declaração na televisão e ficou mais do que cético quanto ao resultado das propostas de Gorbatchov. Em seu diário, registrou: Mesmo que os deputados do povo colham a metade das assinaturas [requeridas para autorizar um referendo], será inútil. Nicolau II foi homem suficiente para renunciar ao trono. Trezentos anos de governo dinástico. M[ikhail] S[ergueievitch] não consegue entender que seu tempo já foi. Deveria ter saído de cena há muito tempo (...) para manter a dignidade e conservar o respeito pelo que ele realizou na história.⁴⁵³

Do outro lado do mundo, em Washington, George Bush e seu *staff* acompanhavam com preocupação o drama que se desenrolava em Moscou. “Ficamos um tanto surpresos com [os acontecimentos de] 8 de dezembro, com a reunião de Iéltzin, Kravtchuk e Chuchkevich”, lembrou Nicholas Burns, membro do Conselho de Segurança Nacional.

Não esperávamos uma declaração terminante de que se separariam da União Soviética. (...) Ficamos surpresos, mas sabíamos que aquele provavelmente seria o fim, que, se as três repúblicas estivessem decididas a sair, seria muito difícil que a União Soviética se mantivesse coesa. Acho que foi a primeira vez que ficou bem claro que a União Soviética rumava aceleradamente para a desintegração.

O que mais inquietava o presidente americano era o possível envolvimento das Forças Armadas num conflito entre Gorbatchov e Iéltzin e seus aliados nas repúblicas.

Na noite de 9 de dezembro, Bush ditou ao gravador:

Ouvimos de Gorbatchov que toda a transação de Iéltzin é ilegal. “Nós precisamos de um referendo, precisamos que o povo fale.” E, nesta noite de segunda-feira, eu me vejo apreensivo com uma ação militar. Onde estava o Exército? Eles estão em silêncio. O que acontecerá? Isso pode escapar ao controle? Gorbatchov renunciará? Tentará resistir? Será que Iéltzin refletiu sobre isso adequadamente? É uma situação difícil, muito difícil.

A última vez que Bush tivera semelhantes preocupações fora durante o golpe de agosto, quando não conseguia entrar em contato com Gorbatchov e chegou a acreditar por algum tempo que tampouco conseguiria contatar Iéltzin. Agora podia telefonar para ambos, mas em que isso ajudaria?⁴⁵⁴

O temor do presidente americano sobre um possível envolvimento das Forças Armadas não era um mero produto de sua imaginação, pois uma coisa que Gorbatchov ainda tinha a seu favor era o título formal de comandante em chefe das forças militares soviéticas, e nada o impedia de recorrer a esse trunfo em sua confrontação com Iéltzin. Na manhã de 9 de dezembro, ele havia telefonado para o marechal Chapochnikov em um esforço de reconstruir as relações, que ficaram prejudicadas durante a discussão telefônica da noite anterior sobre a notícia vinda de Viskuli. Na terça-feira, 10 de dezembro, convocou os comandantes militares distritais ao Ministério da Defesa. Falando na presença de Chapochnikov, mas por cima de sua autoridade, exortou a alta oficialidade a apoiá-lo como comandante em chefe na preservação da União Soviética. Chegou até mesmo a dar-lhes uma lição de patriotismo soviético. Não funcionou. Chapochnikov e seus adeptos estavam consolidando claramente sua posição no ministério. Naquele dia, o ministro afastara do cargo dois vice-ministros da Defesa. Gorbatchov voltou da reunião com pouca esperança de que o Exército o apoiasse. Posteriormente, seus assessores reconheceram que a atitude dos generais tinha sido hostil.⁴⁵⁵

O provérbio russo que diz que “más notícias não viajam sozinhas” foi confirmado no mesmo dia, 10 de dezembro, quando Gorbatchov soube que os parlamentos da rebelde Ucrânia e da cautelosa Belarus ratificaram o Acordo de Belavezha. Na Ucrânia, a ratificação veio acompanhada de várias emendas – doze ao todo – que questionavam até os poucos artigos “integracionistas” introduzidos nos acordos pelos Jovens Turcos de Iéltzin. Kravtchuk conseguiu persuadir o parlamento ucraniano a aceitar o acordo, mas enfrentou forte oposição a qualquer proposta que recolocasse o país na órbita da Rússia. Até mesmo alguns membros de seu gabinete, inclusive o ministro da Defesa, Konstantyn Morozov, opuseram-se ao acordo. Em Belarus, o acordo recebeu críticas moderadas tanto por parte dos políticos pró-União quanto por parte dos membros pró-independência, mas a maioria dos deputados apoiou o acordo, inclusive Aliaksandr Lukachenka, o futuro presidente de Belarus que, posteriormente, denunciaria o Acordo de Belavezha. “Ele me felicitou e apertou minha mão, dizendo ‘Muito bem, rapazes! Vocês se saíram realmente muito bem’”, recordou o ministro bielo-russo das Relações Exteriores, Petr Kravtchenko, ao escrever sobre sua conversa com Lukachenka no dia da ratificação.⁴⁵⁶

Ao retornar do Ministério da Defesa, onde tinha sido rechaçado pelos generais, Gorbatchov reuniu os membros do Comitê Consultivo Político – um órgão criado por ele no outono para melhorar sua situação política –, a fim de discutir a conjuntura em rápida deterioração. Com a opção militar descartada e as repúblicas começando a ratificar o Acordo de Belavezha, suas esperanças de salvar a União e continuar no poder se reduziam em velocidade nunca vista. Ele iniciou a reunião com outra notícia deprimente: sem o consultar, Iéltzin havia subordinado a si o serviço responsável pelas comunicações do governo. “Eles se apoderaram, e isso é tudo”, disse Gorbatchov aos seus aliados.

A principal pergunta na agenda era o que fazer. Ievgueni Primakov, o novo chefe do serviço soviético de inteligência estrangeira, setor agora separado da KGB, sintetizou a situação: “Não temos meios de resolver isso pela força. Não podemos confiar no Exército. As potências internacionais vão cooperar com as repúblicas.”

Contudo, o ministro das Relações Exteriores, Eduard Shevardnadze, disse a Gorbatchov o que ele queria ouvir: “A renúncia será interpretada como abdicação da responsabilidade.”

O presidente soviético estava pronto para concordar e disse: “Diriam que eu fugi.” Decidiu ficar e lutar a todo custo.⁴⁵⁷

O dia seguinte, 11 de dezembro, trouxe mais uma fragilização de sua situação. Alarmado com a reunião do rival com os comandantes, Iéltzin providenciou uma reunião própria com a alta oficialidade, que correu excepcionalmente bem para ele. “No início, nós não soubemos como reagir”, recordou um participante de ambas as reuniões, “mas o Sr. Iéltzin soube o que dizer; afinal, já participou de uma eleição, e o Sr. Gorbachov, não”. O presidente russo também podia prometer aos militares um aumento significativo do salário dos oficiais, que se reduzira a quase nada devido à inflação altíssima dos meses anteriores. Ademais, prometeu tirar a sociedade do caos político e econômico vigente sob o presidente soviético. Naquele mesmo dia, desferiu outro golpe nos planos de Gorbachov, quando o parlamento russo adotou uma resolução retirando seus deputados do parlamento da União, coisa que impedia o líder soviético de usá-lo como um instrumento contra o Acordo de Belavezha. Gorbachov protestou, mas em vão.⁴⁵⁸

No dia seguinte, 12 de dezembro, seguindo o exemplo dos colegas ucranianos e bielorrussos, os deputados russos votaram pelo fim do tratado de união de 1922 e pela ratificação do Acordo de Estabelecimento de um *Commonwealth* de Estados Independentes. Iéltzin pediu-lhes que apoiassem as duas propostas. Apresentou o Acordo de Belavezha não como o matador, mas como o salvador do império. “Nas atuais condições”, disse ele, “só o *Commonwealth* de Estados Independentes pode assegurar a preservação do espaço político, jurídico e econômico erigido durante séculos, e agora quase perdido”. Também garantiu aos parlamentares que o *Commonwealth* estava aberto para o ingresso de outras repúblicas soviéticas: “Nós procuramos levar em conta os interesses não só das três repúblicas, como de todos os possíveis membros futuros do *Commonwealth*. Não posso concordar que ele se fundamente em um princípio étnico. Nós tratamos com igual respeito os povos das diversas nacionalidades.” Os deputados russos o apoiaram: 188 votaram a favor, sete se abstiveram e somente seis foram contra, inclusive S.A. Polozkov, o chefe do agora proibido Partido Comunista russo.⁴⁵⁹

Enquanto Iéltzin discursava para o parlamento de seu país, Gorbachov se encontrava com jornalistas para desmentir os rumores sobre sua renúncia iminente. “Que direito temos de fatiar a pátria como se fosse uma torta?”, perguntou-lhes. “Nós passamos sessenta ou setenta anos neste mundo, mas nosso Estado foi construído durante dez séculos e gerações viverão depois de nós; no entanto, começamos a fatiar a pátria como se fosse uma torta. E então? Vamos fatiar a torta, beber e tomar um lanche? Não, não esperem isso de mim.” Sua última esperança era a sessão do parlamento da União marcada para aquele

mesmo dia. Uma esperança fraca. Ele não pôde se dirigir à sessão por falta de quórum. “À tarde”, escreveu em seu diário o assessor do presidente soviético Vadim Medvedev, “tentou-se convocar uma sessão do Soviete Supremo, mas este já não tinha status legal, uma vez que algumas repúblicas haviam retirado seus deputados”. Então chegou o resultado da votação no parlamento russo, o que foi um golpe devastador. “Eu creio que foi depois da decisão do parlamento russo sobre aprovar o acordo de Minsk que Gorbatchov decidiu não resistir mais ao processo que havia adquirido ímpeto próprio”, escreveu o intérprete Pavel Palazhtchenko em suas memórias.⁴⁶⁰

Antes mesmo da reunião de Belavezha, um conselheiro de Gorbatchov, Nikolai Portugalov, havia preparado um memorando argumentando a favor da renúncia de seu chefe, antecipando-se ao colapso das estruturas da União. “O nome e a autoridade do presidente da União Soviética, um grande reformador russo, não devem em hipótese alguma ficar associados, seja agora, seja na história, à catástrofe que está para se abater sobre a pátria”, escreveu ele. Portugalov exortou Gorbatchov a seguir os passos do presidente francês Charles de Gaulle e afastar-se após explicar para o público soviético sua discrepância com os novos líderes das repúblicas. “Essa saída, além de ser a mais digna, é a mais racional e a mais adequada politicamente, porque só ela preserva a possibilidade real de um retorno ao poder quando a pátria e seus povos o chamarem.” Como isso poderia acontecer? Portugalov explicou: “A popularidade de Iéltzin continua declinando, mas a popularidade de Gorbatchov subirá quando sua profecia [de colapso econômico e político] se realizar. O Ocidente lhe dará assistência material.”⁴⁶¹

Não se sabe se Gorbatchov realmente leu esse documento, mas, na noite de 12 de dezembro, a data em que o parlamento russo votou a aprovação do Acordo de Belavezha e a dissolução da União, ele chamou Anatoly Tcherniaiev, que era sabidamente favorável à sua renúncia. “Gorbatchov estava triste”, escreveu Tcherniaiev, prosseguindo seu relato: Quis saber quais eram minhas impressões do parlamento russo, que ratificara o Acordo de Belavezha. (...) Ficou atônito com os insultos do cosmonauta Sevastianov, que havia declarado na tribuna que, embora o documento fosse fraco, era muito bom que a “era Gorbatchov” tivesse chegado ao fim. (...) Ele pediu uma minuta “manuscrita” de um discurso de despedida para o povo.

Boatos sobre a renúncia iminente de Gorbatchov inundavam Moscou desde o dia da assinatura do Acordo de Belavezha, mas esse foi o primeiro sinal de que o presidente soviético se preparava para tal eventualidade.⁴⁶²

Em 12 de dezembro, dia em que Gorbatchov pediu a Tcherniaiev que preparasse o discurso de renúncia, James Baker acordou às 4h30, preocupado com uma frase no discurso que faria mais tarde. Eram 14h30 em Moscou; o parlamento russo estava votando para ratificar a criação do *Commonwealth* de Estados Independentes, e era essa entidade nova e desconhecida que não dava sossego a Baker. Ele percebeu repentinamente que a minuta de seu discurso anunciando uma importante mudança na política externa norte-americana não fazia nenhuma alusão ao *Commonwealth*. O texto se referia ao espaço pós-soviético emergente como “Rússia, Ucrânia e as outras repúblicas”. Devia incluir também o *Commonwealth*? Tratava-se de uma instituição viável? Quanto tempo duraria? Seria substituída por outra coisa? Ninguém sabia. Baker telefonou para sua assessora, Margaret Tutwiler, despertando-a àquela hora e perguntando se o texto do discurso já fora entregue à imprensa. Não tinha sido, o que lhe permitia fazer alterações de última hora. Optou por algo que depois ele chamou de “frase dolorosa”: “A Rússia, a Ucrânia, as outras repúblicas e quaisquer entidades comuns.”⁴⁶³

O lugar escolhido para o discurso também devia sublinhar sua mensagem de uma alteração significativa na política. Princeton, em Nova Jersey, era não só a cidade da Universidade de Princeton, onde Baker se graduara em 1952, como também a base operacional do mais famoso pensador de relações internacionais da Guerra Fria, George F. Kennan. O decano das relações internacionais e pai intelectual da “contenção”, que definiu a política estadunidense para a União Soviética durante boa parte da Guerra Fria, estava na primeira fila, aos 87 anos, aguardando o discurso do secretário de Estado. Baker começou elogiando-o por ter concebido uma política que rendera frutos. A contenção, argumentou ele, funcionou. A União Soviética já não existia. “O Estado criado por Lênin e construído por Stalin trazia dentro de si as sementes de seu desaparecimento.”

O colapso soviético, prosseguiu Baker, havia gerado um novo mundo, e os Estados Unidos precisavam se valer da “nova revolução russa” para construir relações de longo prazo com a ex-adversária. Ele continuou: Se, durante a Guerra Fria, nós nos enfrentamos como dois escorpiões numa garrafa, agora as nações ocidentais e as antigas repúblicas soviéticas são como desajeitados montanhistas numa encosta íngreme. Unidos por uma corda comum, a queda da antiga União Soviética no fascismo ou no caos total também arrastará consigo o Ocidente. Porém, igualmente importante, um puxão forte e firme de nossa parte

pode ajudar os russos, os ucranianos e seus vizinhos a ganhar um ponto de apoio de modo a também fazerem a escalada rumo à democracia e à liberdade duradouras. Por certo, não devemos cortar a corda, e sim fortalecê-la.

Posteriormente, Baker escreveu que queria atingir duas metas importantes em Princeton, que eram assinalar o abandono das políticas da Guerra Fria e declarar uma mudança nas relações dos Estados Unidos com a União Soviética, desde o centro com Gorbatchov até as repúblicas. Declarou que os Estados Unidos somente estavam dispostos a negociar com os líderes que acatassem um conjunto de princípios, inclusive o estabelecimento do controle centralizado dos arsenais atômicos soviéticos, o desarmamento nuclear por parte de todas as repúblicas, com exceção da Rússia, e o compromisso com a democracia e a economia de mercado. Em consequência, a ajuda ocidental e particularmente o auxílio americano às repúblicas dependeria do cumprimento de tais princípios pelos líderes. O secretário de Estado dedicou a maior parte de seu tempo a explicar a necessidade de assistência americana e a descrever sua natureza e extensão, dando atenção especial à ajuda humanitária e afirmando que o inverno de 1991-1992 podia ser tão crucial para o curso da história mundial quanto foram os invernos russos de 1812, 1917 e 1941. O primeiro ajudou a derrotar Napoleão, o segundo levou os bolcheviques ao poder e o terceiro contribuiu para derrotar o nazismo. Se fosse gélido e esfaumado, o inverno de 1991 podia anular as conquistas do que Baker chamou de “nova revolução russa”.⁴⁶⁴

O ambiente universitário do discurso, boa parte de seu conteúdo, falando em ajuda humanitária e assistência econômica a um inimigo europeu transformado em aliado, e, finalmente, o apoio retórico à liberdade e à democracia não podiam deixar de lembrar um discurso proferido 44 anos antes por outro secretário de Estado, George Marshall. Em 1947, ele foi a uma cerimônia de colação de grau na Universidade de Harvard para anunciar um maciço pacote de ajuda destinado a reconstruir a Europa após a devastação da Segunda Guerra Mundial e, ao mesmo tempo, assegurar seu futuro democrático e a aliança com os Estados Unidos. Esse paralelo histórico não escapou a James Baker. Ele havia começado a preconizar um importante pacote de ajuda às repúblicas democráticas nascentes em setembro de 1991, depois de visitar Moscou, São Petersburgo e Almaty ainda em consequência do golpe de agosto. Na época, escreveu ao presidente Bush sobre a necessidade de forte apoio aos líderes democráticos e às suas políticas na esgotada União Soviética. “O que pode estar em jogo é o equivalente à recuperação, no pós-guerra, da Alemanha e do Japão como aliados democráticos, mas desta vez depois de uma longa Guerra Fria, não de uma breve

guerra quente”, escreveu ele em Moscou, traçando um paralelo entre as consequências das duas guerras e, implicitamente, advogando uma reação americana semelhante.⁴⁶⁵

Seus assessores no Departamento de Estado vinham aumentando o esforço para que fosse aprovada uma assistência econômica importante depois do referendo ucraniano. As notas preparadas por Baker antes de um encontro com Bush em 4 de dezembro diziam o seguinte: “Um ponto fundamental. Temos de ajudar os democratas a se saírem bem. Os próximos meses podem determinar o destino. Não devemos dar a impressão de não fazer nada para ajudá-los. Não pode ser um esforço unilateral. É preciso catalisar e mobilizar outros.” Ele acrescentou a palavra “repúblicas” onde seus auxiliares se referiam a “democratas”. Também fez um comentário na margem sobre a alusão aos 400 milhões de dólares a serem gastos no desmantelamento dos arsenais nucleares soviéticos: “Nós gastamos trilhões de dólares em quarenta anos. Esse é um pequeno investimento na *nossa segurança*.”

Não está claro se Baker teve sucesso na reunião com o presidente em 4 de dezembro, mas as anotações preparadas para seu planejado encontro com Bush em 11 de dezembro, uma semana depois, incluíam um apelo impaciente para que o presidente apoiasse decididamente um importante pacote de assistência econômica que criaria “bolsões de sucesso” nos lugares em que reformadores democratas estivessem ativos, como em São Petersburgo, governada por Anatoly Sobtchak. O apelo redigido pelos assessores de Baker usava o paralelo das vitórias americanas na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria para frisar sua posição. Curiosamente, essa posição era atribuída ao consultor econômico de Gorbatchov, Gregori Iavlinski: Eu examinei seu discurso de Pearl Harbor, e uma frase me impressionou muito. O senhor disse: “Nós esmagamos o totalitarismo e, quando o fizemos, ajudamos nossos inimigos a engendrarem democracias. Estendemos as mãos tanto na Europa quanto na Ásia. Transformamos nossos inimigos em amigos e curamos suas feridas e, no processo, nós nos elevamos.” Impressionou-me porque acho que hoje enfrentamos a mesma situação. Nós vencemos a Guerra Fria pacificamente. Agora temos de decidir, como diz Iavlinski, o que fazer com os povos que derrotamos. (...) Estamos diante de uma grande oportunidade e, igualmente, de um grande perigo.

O autor das notas tentou convencer Bush a fazer como Harry Truman e ir ao povo americano para persuadi-lo a aprovar um novo e grande plano de assistência econômica no exterior. “O senhor foi aprovado nos primeiros dois testes – libertar a Europa Oriental e libertar o Kuwait –, mas agora os

historiadores encararão esses testes como notas de rodapé de sua reação à crise atual”, prosseguiram as anotações, apelando para o senso histórico do presidente. “O senhor precisa explicar ao povo americano por que o internacionalismo, não o isolacionismo, é o caminho da paz e da prosperidade. (...) [E]le precisa saber que, na qualidade de comandante em chefe, o senhor está fazendo tudo que pode para garantir que as armas nucleares não fiquem à solta. Os mísseis assustam as pessoas. Elas confiam em que o senhor tomará as devidas providências.”⁴⁶⁶

O apelo de Baker, caso tenha sido apresentado a Bush na forma sugerida pelas notas, teve pouco sucesso. Em 1991, o governo americano alocou quase 4 bilhões de dólares em garantias de crédito à exportação de produtos alimentares e agrícolas para a União Soviética. No entanto, os Estados Unidos ficaram atrás da União Europeia, especialmente em concessões diretas. Setenta por cento da ajuda total à União Soviética proveio da Europa Ocidental. No início de 1992, a Alemanha sozinha havia destinado aproximadamente 45 bilhões de dólares em assistência econômica à União Soviética, boa parte para ajudar o Exército soviético a sair de solo alemão. O equivalente ao Plano Marshall, que Baker preconizava e os reformadores russos esperavam, não se materializou. Houve algumas razões pelas quais o governo Bush não seguiu os passos de Harry Truman e seus conselheiros; a mais imediata foi a dificuldade econômica e financeira interna. Em 1947, a economia americana estava na crista da onda do *boom* subsequente à Segunda Guerra Mundial, e os Estados Unidos respondiam por 35 por cento de todo o PIB mundial. Em 1991, essa participação se reduzira a vinte por cento, e a economia americana havia chegado ao piso da recessão econômica.⁴⁶⁷

O governo Bush também não contava com o generoso apoio bipartidário do Congresso a despesas consideráveis, coisa que Truman e Marshall haviam conseguido em meados da década de 1940. Nem os políticos americanos nem o público em geral consideravam o colapso soviético uma ameaça existencial para os Estados Unidos, como consideraram a ascensão da potência soviética após a Segunda Guerra Mundial. No outono de 1991, os Estados Unidos estavam numa crise profunda e não tinham condições de gastar livremente. Muitos americanos esperavam o fim da Guerra Fria para produzir um “dividendo da paz” financeiro, e não outro esgotamento da economia. Mesmo os mais fortes defensores do aumento da ajuda à União Soviética eram muito cautelosos para oferecer algo além de assistência humanitária. Assim, o secretário de Estado incentivou um esforço comum de todos os países ocidentais para auxiliar as antigas repúblicas soviéticas. “Baker apresenta medidas para ajudar a transição dos soviéticos”,

dizia o título do artigo de Thomas Friedman publicado em 13 de novembro no *New York Times*. “Mas não menciona nenhum grande aumento do financiamento americano”, especificava o subtítulo, esfriando as expectativas dos leitores.⁴⁶⁸

As notas preparadas para Baker em 13 de dezembro, visando o encontro seguinte com o presidente, não primavam pelo entusiasmo. Seu autor obviamente perdera o fôlego ou mesmo a esperança. “Talvez o senhor deseje discutir sua próxima viagem, especialmente preparando o caminho do apoio humanitário de que precisaremos no futuro, que pode incluir logística e suprimentos militares”, diziam as notas. Os assessores do secretário de Estado estavam visivelmente insatisfeitos com o tratamento dispensado às suas propostas por parte da Casa Branca. Dennis Ross, diretor da Equipe de Planejamento Político do ministério e um dos redatores do discurso feito em Princeton, tinha enviado o texto de um discurso ao seu chefe em 6 de dezembro, com uma nota que Baker considerou “insolitamente contundente”. Além de defender o afastamento da política de contenção e de Gorbatchov como figura relevante na política soviética, exprimia frustração com outros ramos do governo. “Poucos compreenderam o que está em jogo”, escreveu Ross, segundo uma passagem suprimida na primeira versão das memórias de Baker, “e liquidaram quase todas as boas ideias que tivemos nos últimos três meses”.⁴⁶⁹

O discurso em Princeton fora escolhido para inaugurar sua viagem à União Soviética em vias de extinção, a qual incluiria escalas em Moscou, assim como nas capitais do Quirguistão, do Cazaquistão, de Belarus e da Ucrânia. Baker visava articular a política americana na esteira do referendo ucraniano, mas os acontecimentos *in loco* tinham evoluído tão rapidamente que foram necessárias revisões de última hora. Quando o Departamento de Estado finalmente se dispôs a mudar do centro para as repúblicas, a notícia da criação do *Commonwealth* adicionou uma camada de complexidade à questão. Imaginar exatamente o que o *Commonwealth* significaria para o futuro da União Soviética, para a independência das repúblicas individuais e para o destino dos arsenais atômicos soviéticos tornou-se uma das principais tarefas da viagem iminente. “Eu me perguntava”, escreveu Baker, recordando suas ideias na véspera da viagem a Moscou em 14 de dezembro, “se seria possível encontrar um ponto de apoio sólido num país que se dissolvia no caos”.⁴⁷⁰

E se tratava mesmo de caos. Mais tarde, Baker lembrou que a embaixada americana em Moscou tinha dificuldade para achar gasolina com que abastecer os carros. O Aeroporto Internacional de Sheremetievo, na periferia da capital, onde o secretário de Estado aterrissou, era um dos poucos aeroportos soviéticos

ainda em funcionamento, pois muitos estavam fechados por falta de combustível, e a maioria dos voos fora cancelada nos outros. Em 13 de dezembro, a edição do *New York Times* que publicou longos excertos do discurso de Baker em Princeton na página A24, estampou na primeira página uma matéria intitulada “A miséria de Moscou”. Um fato narrado no artigo sucedera na cidade natal de Iéltzin, Sverdlovsk, agora rebatizada Ecaterimburgo, voltando ao nome que tinha antes da Revolução Russa. “Essa semana em Ecaterimburgo, nos Urais”, dizia o texto, “‘pessoas exaustas depois de mais de 24 horas de espera, sem ter onde sentar, sem encontrar o que comer e sem obter informações no terminal’ invadiram um avião com atraso de horas e obrigaram a tripulação a ir à Crimeia”. Prevalencia o caos no enorme país, pobre nos itens necessários para a vida cotidiana, mas rico em armas nucleares e com uma história repleta de violência e desordem.⁴⁷¹

Pouco tempo depois que a notícia do Acordo de Belavezha sacudiu o Kremlin e reverberou em todo o mundo, Michael R. Beschloss e Strobe Talbott, dois ilustres expertos em política externa, tomaram um avião a Moscou para entrevistar Mikhail Gorbatchov. O convite tinha sido feito por pessoas do círculo imediato do líder soviético. Beschloss, autor de vários livros sobre a Presidência americana, e Talbott, colunista de política externa na revista *Time* e que, ainda estudante, havia traduzido as memórias de Nikita Krushev e era especialista em Rússia e Europa Oriental – campo que ele cobriria na qualidade de coordenador especial e, depois, de vice-secretário de Estado no gabinete do presidente Bill Clinton, um amigo dos tempos de faculdade –, aceitaram com prazer. Eles estavam trabalhando num livro a respeito do fim da Guerra Fria, mas o presidente soviético queria dar uma entrevista à revista *Time*. Eles podiam satisfazer-lhe esse desejo. “Gorbatchov tentou pela última vez mobilizar seu único adepto restante: o público ocidental”, escreveram Beschloss e Talbott posteriormente.⁴⁷²

Na tarde de 13 de dezembro, quando Pavel Palazhtchenko levou Beschloss, Talbott e John Kohan, chefe do escritório da revista *Time* em Moscou, ao gabinete de Gorbatchov, eles esperavam (como depois escreveram) ouvir o canto do cisne do líder soviético. Ficaram surpresos ao encontrarem um homem aparentemente longe de estar derrotado. Deprimido na noite anterior com a notícia da ratificação do Acordo de Belavezha pelo parlamento russo, voltara a

erguer a cabeça pela manhã. À única pergunta semijocosa que os entrevistadores fizeram, querendo saber se ele ainda estaria no poder na segunda-feira, quando a revista publicasse parte da entrevista, Gorbatchov respondeu com uma gargalhada: “Segunda-feira? Tenho certeza que sim!”

O líder soviético continuava manifestamente magoado com a decisão de Iéltzin de telefonar para George Bush antes de falar com ele. “Não havia necessidade de envolver Bush”, disse a Beschloss e Talbott. “O problema são as escolhas morais de Iéltzin. Não posso aprovar nem justificar esse tipo de comportamento.” Mais diretamente, criticou o aqodamento do governo americano em passar por cima dele e estabelecer relações com os líderes republicanos e creditou a si próprio o lançamento da carreira internacional de alguns desses líderes. “Ora, se Gorbatchov mandou essa gente para cá, deve estar acabado, e o melhor é ficarmos do lado dos novos líderes”, disse ele, resumindo sua visão das atitudes ocidentais. “As coisas estão acontecendo aqui”, prosseguiu, obviamente ofendido. “Enquanto *nós* ainda tentamos decifrá-las, os Estados Unidos parecem já saber tudo! Para mim, isso não é lealdade, particularmente para com quem favoreceu a parceria e a cooperação plenas.”⁴⁷³

Se Gorbatchov havia praticamente desistido dos amigos americanos, seus assessores ainda acreditavam que eles eram sua melhor cartada para continuar no poder. Em 15 de dezembro, dois dias depois da entrevista, Beschloss e Talbott aceitaram o convite do intérprete do líder soviético, Pavel Palazhtchenko, para um almoço informal em seu apartamento nos arredores de Moscou. Depois da refeição, Palazhtchenko pediu à esposa que saísse da sala e aos surpresos americanos que registrassem uma mensagem confidencial para a liderança estadunidense. Ele ditou: O presidente [Gorbatchov] mantém todas as opções em aberto. É possível que aceite um papel no *Commonwealth*, mas não o aceitará se for de modo humilhante. Os líderes dos Estados Unidos e do Ocidente devem achar um meio de mostrar a Iéltzin e aos demais os benefícios de conservar o presidente envolvido e a importância de fazê-lo de modo a não lhe ofender a dignidade. Ao mesmo tempo, é bem possível que ele venha a ser uma figura privada dentro de algumas semanas. Certas pessoas estão forjando um caso [penal] contra ele. É importante que Iéltzin nada tenha a ver com isso e que não permita que aconteça algo que prejudique o presidente. Uma vez mais, os líderes dos Estados Unidos devem mostrar isso a ele. A visão acima é estritamente pessoal e nunca foi discutida com o presidente.

Palazhtchenko garantiu a Beschloss e Talbott que não falava em nome de Gorbatchov. Não divulgou a fonte da mensagem, mas foi muito preciso quanto

aos destinatários. A nota devia ser entregue a George Bush, a James Baker ou a Dennis Ross, diretor de planejamento político e auxiliar muito próximo a Baker no Departamento de Estado. Mais tarde, recordou que decidira enviar a mensagem à liderança americana após ser aconselhado por um colega que tinha amplas ligações com a elite soviética e trabalhou para Iéltzin. Esse colega contou a Palazhtchenko que “uma equipe está procurando freneticamente ‘material comprometedor’, e é bem provável que os *putschistas* alterem seu depoimento para ajudar a incriminá-lo” – ou seja, incriminar Gorbatchov. Aliás, os instigadores do golpe de agosto afirmavam que haviam declarado estado de emergência com a aprovação tácita do presidente soviético.⁴⁷⁴

A iniciativa de Palazhtchenko foi o ato desesperado de um funcionário leal tentando salvar o chefe e, ao mesmo tempo, seu próprio emprego. Contudo, apesar do grande drama envolvendo sua escolha, estava batendo numa porta já aberta. Dois dias antes, em 13 de dezembro, George Bush expressara a Iéltzin a preocupação americana com o futuro de Gorbatchov. Quando o presidente russo lhe telefonou, a fim de comunicar a ratificação do Acordo de Belavezha pelos parlamentos russo, ucraniano e bielo-russo, o americano perguntou: “Bóris, o que você acha que Gorbatchov fará?”

Iéltzin deixou claro que não ofereceria emprego a Gorbatchov no *Commonwealth*. “Não existirá o cargo de presidente do *Commonwealth*”, disse ao líder americano. “Seremos todos iguais.” Bush retomou a questão no fim da conversa. “Espero que essa evolução ocorra de maneira amistosa”, disse ele. Iéltzin assegurou que Gorbatchov seria tratado com respeito. “Eu garanto, prometo-lhe pessoalmente, senhor presidente”, declarou ele, “que tudo acontecerá de modo bom e decente. Trataremos Gorbatchov e Shevardnadze com grande respeito. Tudo será calmo e gradual, sem medidas radicais.”

Bush ficou satisfeito com a resposta: “Maravilhoso. Alegra-me ouvir isso.”⁴⁷⁵

Pouco depois dessa conversa, o presidente americano teve a cortesia de telefonar para Gorbatchov, que se pôs a invectivar contra Iéltzin e os líderes republicanos que o rejeitaram quando formaram o *Commonwealth*, o qual chamou de trabalho de amadores. “A fúria de Gorbatchov era óbvia”, recordou Bush. “Falava atropeladamente, relatando fatos ocorridos desde 25 de novembro.”

Apesar de toda a indignação com o que considerava uma traição de Iéltzin, ele não excluía a cooperação com o novo órgão. “Como eu vejo meu papel no futuro?”, perguntou-se durante a teleconferência com o presidente americano. “Se o *Commonwealth* for uma organização amorfa e sem mecanismo de política

externa, defesa e interação econômica, não vejo papel nenhum para mim.” A mensagem era clara: Gorbatchov estava disposto a ajudar, mas o *Commonwealth* precisaria ter organismos interestatais que coordenassem suas atividades e, assim, um lugar para ele entre os líderes.⁴⁷⁶

Depois da conversa, Bush se voltou para Brent Scowcroft e perguntou: “Esse é realmente o fim, não?” O consultor de segurança nacional concordou: “Sim, a essa altura, Gorbatchov é uma figura patética.” Nos registros telefônicos, a teleconferência do presidente americano com o soviético foi marcada pela primeira vez como uma conversa não com o presidente da União Soviética, mas com o líder da ex-União Soviética.⁴⁷⁷

Na tarde de 15 de dezembro, pouco depois de Palazhtchenko ditar sua mensagem para os surpresos Beschloss e Talbott, o avião americano que transportava James Baker e Dennis Ross – dois possíveis destinatários da nota ultrassecreta – pousou no Aeroporto Internacional de Sheremetievo. Com a nota de Palazhtchenko em mãos, Talbott foi às pressas ao Penta Hotel, no centro de Moscou, encontrar-se com Ross e entregar-lhe a mensagem. Contou-lhe que vinha de uma pessoa do *entourage* de Gorbatchov, mas não revelou o nome do remetente. Ross presumiu acertadamente que se tratava de Palazhtchenko. Sua segunda hipótese era Alexander Yakovlev. Quando Ross levou a nota de Talbott a Baker, que estava hospedado no mesmo hotel (construído para os Jogos Olímpicos de 1980, que os Estados Unidos boicotaram), o secretário observou para o assessor: “Bem, nós temos de checar. (...) Temos de fazer um levantamento tanto com Iéltzin quanto com Gorbatchov, mas não podemos entrar no meio.”⁴⁷⁸

Haviam decorrido três meses desde a última visita de Baker a Moscou no início de setembro. Na ocasião, ele desfrutara do calor e se deixara contagiar pela euforia geral que se seguiu ao colapso do golpe de agosto. Dessa vez, fazia frio e o céu estava cinzento, tal como a atmosfera política, pelo menos no que dizia respeito a seus amigos no *entourage* de Gorbatchov. A agenda de reuniões de Baker refletia a nova realidade no Kremlin. Sua primeira visita não seria ao ministro das Relações Exteriores soviético, seu velho amigo Eduard Shevardnadze, e sim a Andrei Kozyrev, o homólogo russo de Shevardnadze. Eles haviam sido apresentados em Bruxelas logo depois do *putsch*, quando Kozyrev saiu de Moscou para angariar apoio internacional à causa de Iéltzin. A partir daí, sua influência aumentara extraordinariamente, e, em novembro de 1991, ele eclipsara então o ministro soviético das Relações Exteriores, Bóris

Pankin. A volta de Shevardnadze ao comando do ministério na praça Smolensk, no centro de Moscou, não alterou essa tendência.

Kozyrev não esperava grande coisa da visita de Baker. Já tinha muito que fazer e não via como o secretário de Estado americano pudesse ajudar o governo russo a organizar as relações com os vizinhos pós-soviéticos. “Dezembro foi um mês terrível devido à quantidade de trabalho junto às antigas repúblicas”, recordou ele. “E, ainda por cima, apareceu Baker. Naquele momento, ficou inteiramente deslocado, já que nós estávamos tentando cuidar dos nossos assuntos.” Baker chegou ao gabinete do ministro russo, no antigo prédio do comitê central do Partido Comunista, com um numeroso grupo de assessores do Departamento de Estado, e crivou-o de perguntas sobre como funcionaria o *Commonwealth*, começando pelo controle das armas nucleares e das Forças Armadas e terminando com a formulação de uma política externa conjunta e a conveniência de que essa comunidade de nações fosse reconhecida como uma entidade internacional. Kozyrev recorreu à alegação padrão de que o estabelecimento de tal comunidade era um modo de deter a desintegração descontrolada da União Soviética, mas não adiantou nada mais específico.

O ministro queria que os Estados Unidos reconhecessem diplomaticamente os membros do *Commonwealth*. Baker não tinha pressa para prometer semelhante reconhecimento, que ele considerava a principal oferta que seu país podia fazer à Rússia e às demais repúblicas em troca da satisfação de suas exigências de segurança, democracia e reforma de mercado. Notou que o colega russo insistia em aludir à União Soviética como um ex-Estado e que não gostava que a tratassem como se fosse uma entidade ainda existente. A equipe de política externa norte-americana ainda não estava emocionalmente preparada para descartar a União Soviética. Os membros do *staff* de Baker não tardaram a fazer suas próprias, para as quais Kozyrev não deu respostas satisfatórias. Posteriormente, ele reconheceu que a confusão imperava na liderança russa da época: “É claro que não tínhamos nenhuma ordem. Tudo era feito às pressas, no improviso. Nenhum governo normal, nada.”⁴⁷⁹

Naquela noite, Baker exprimiu a Shevardnadze sua frustração com Kozyrev e o *Commonwealth*. Eles se encontraram para um jantar privado no apartamento de um amigo georgiano do ministro soviético, o escultor Zurab Tsereteli. “Numa sala com as paredes forradas de pinturas abstratas ousadamente coloridas, nós nos reunimos em volta de uma mesa de plástico branco com móveis de jardim multicoloridos”, lembrou Baker. Anos depois, Tsereteli viria a ser um dos escultores mais populares e mais detestados da Rússia, e seus monumentos aos

líderes russos seriam erigidos no centro de Moscou, São Petersburgo e outras cidades, onde alguns denunciariam sua monstruosidade como uma maldição para o conjunto arquitetônico existente. Os personagens que ele representou em bronze iam dos tsares Pedro I e Nicolau II a Joseph Stalin e Vladimir Putin. No apartamento estramboticamente decorado e mobiliado de Tsereteli, Baker enfim encontrou um ouvido amigo em Shevardnadze, que compartilhava sua opinião acerca do *Commonwealth*, concordando que, embora parecesse a única saída do impasse existente, “as partes dessa nova comunidade de Estados não sabem exatamente aonde vão”. Também ficou contente ao saber que o velho amigo endossava sua posição de que o reconhecimento dos Estados membros do *Commonwealth* dependeria do tratamento dispensado às questões militares.⁴⁸⁰

No dia seguinte, Baker levou suas perguntas sobre o *Commonwealth* e seu futuro e sobre o controle das armas atômicas ao único homem em Moscou em condições de dar-lhes resposta, Bóris Iéltzin, cujo desempenho causou uma impressão forte e positiva no hóspede estadunidense. O presidente russo fez questão de que a reunião se realizasse no Salão de Santa Catarina, no Kremlin, no qual Gorbatchov costumava receber ilustres dignitários estrangeiros. Levou consigo não apenas os membros de seu governo, inclusive os Jovens Turcos Yegor Gaidar e Andrei Kozyrev, como dois importantes ministros do esfrangalhado gabinete do presidente soviético: o marechal Ievgueni Chapochnikov, da Defesa, e o general Viktor Barannikov, do Interior. Na véspera da reunião, o pessoal de Iéltzin havia intrigado os jornalistas, propondo-lhes que observassem bem os acompanhantes do presidente russo. A referência era aos dois ministros da União, cuja presença em seu *entourage* visava enviar um sinal claro tanto para Baker quanto para o público doméstico sobre quem mandava realmente no Kremlin.

Iéltzin iniciou a reunião dando as boas-vindas ao norte-americano num “prédio russo em solo russo”. A seguir, prestou certo esclarecimento sobre questões como o *Commonwealth*, o controle nuclear e a ajuda humanitária, informações que Kozyrev não conseguira dar-lhe no dia anterior. Em primeiro lugar, anunciou que, em 21 de dezembro, as repúblicas centro-asiáticas ingressariam na comunidade de nações. Contou que a Rússia absorveria os ministérios principais da União, substituiria a União Soviética no Conselho de Segurança das Nações Unidas e assumiria o controle exclusivo das armas nucleares através do *Commonwealth*. Diante de Chapochnikov, manifestou o desejo de fundir as Forças Armadas do *Commonwealth* com as forças da OTAN. E, tal como Kozyrev, disse querer que os Estados Unidos reconhecessem a Rússia, a Ucrânia

e Belarus como Estados independentes e reconhecesse a Rússia como sucessora da União Soviética na arena internacional.

O secretário de Estado ficou satisfeito em obter respostas diretas às perguntas que tinha feito a Kozyrev na véspera – o ministro das Relações Exteriores provavelmente informara Iéltzin sobre as questões em que o americano estava interessado. Alertado pela mensagem de Palazhtchenko recebida no dia anterior, Baker estava ansioso por abordar a “questão Gorbatchov” com o presidente russo. Iéltzin disselhe que a especulação dos meios de comunicação a respeito da possibilidade de o presidente soviético tornar-se o comandante em chefe do *Commonwealth* não tinha fundamento. Mostrou-se muito mais receptivo à ideia de que Gorbatchov fosse tratado com respeito. Quando Baker mencionou os boatos que ouvira sobre uma possível perseguição penal a Gorbatchov, adiantando que os Estados Unidos não entenderiam nem aceitariam semelhante inflexão nos acontecimentos, Iéltzin se apressou a mostrar boa vontade para com o rival vencido. “Gorbatchov fez muito por esse país”, respondeu ele. “Precisa e merece ser tratado com respeito. Chegou a hora de sermos um país em que os líderes podem se aposentar com honra!”

Baker e Iéltzin discutiram a delicada questão do controle centralizado das armas atômicas numa parte confidencial do encontro, sem a presença dos assessores. O russo contou ao americano que havia três maletas nucleares com códigos de lançamento: uma estava com Gorbatchov, outra estava com Chapochnikov e a terceira estava com ele próprio. Para que ocorresse um lançamento, os três teriam de autorizá-lo. Tal apresentação implicava que Gorbatchov não tinha mais o poder exclusivo de tomar tais decisões. Iéltzin já estava envolvido nessa decisão, e era difícil imaginá-lo concordando com Gorbatchov no que quer que fosse, muito menos num ataque nuclear. O que ele previa, com o fim da União Soviética e o *Commonwealth* em seu lugar, era a redução do número de maletas nucleares, e não seu aumento. “Tirá o telefone e a maleta de Gorby antes do fim de dezembro”, anotou Baker em seu caderno de fabricação soviética, que tinha a palavra “Moscou” na capa. Iéltzin explicou que a maleta de Gorbatchov lhe seria tirada, mas os líderes das repúblicas nucleares – Ucrânia, Cazaquistão e Belarus – não receberiam maletas próprias. “Os líderes da Ucrânia, do Cazaquistão e da Bielo-Rússia não sabem como essas coisas funcionam, por isso estou contando somente ao senhor”, disse Iéltzin. “Eles ficarão satisfeitos com os telefones.” Baker achou a explicação satisfatória.

No fim do diálogo, o presidente russo prometeu entregar ao secretário de Estado americano uma lista de funcionários com os quais os Estados Unidos

poderiam tratar da entrega da ajuda humanitária. Decidindo não fazer perguntas constrangedoras, Baker riscou o parágrafo seguinte de sua lista de temas de negociação, que dizia: No momento, não temos condições nem mesmo de enviar produtos alimentícios pela CCC [acordo da Commodity Credit Corporation] porque vocês não podem pagar o custo do frete que se comprometeram a cobrir. E vocês precisam averiguar como vão pagar os créditos da CCC que vencem em janeiro. Se ficarem inadimplentes, nós somos legalmente obrigados a excluí-los. Isso seria desastroso.

No geral, Baker ficou satisfeito com o resultado do encontro. Deixou-se impressionar muito pela autoconfiança de Iéltzin, a clareza de sua apresentação e as respostas diretas dadas às perguntas que Kozyrev não soubera responder na véspera. Ao que parece, foi nesse momento, ao ouvir o presidente russo, que Baker transpôs a linha entre o apego político e emocional à União Soviética e a aceitação do *Commonwealth* liderado pela Rússia. Comparando a reunião com Iéltzin com o encontro que teve depois com Gorbatchov, ele escreveu em suas memórias que, naquele dia, “eu vi em primeira mão o passado da União Soviética e o futuro da Rússia”.⁴⁸¹

Em compensação, o ministro russo das Relações Exteriores estava muito insatisfeito com a reunião, não por ciúme da atuação do chefe, mas por achar que Iéltzin havia perdido uma excelente oportunidade de negociar uma assistência econômica em larga escala por parte dos Estados Unidos e se contentara com a mera ajuda humanitária. Antes daquele encontro, ele tinha discutido a assistência econômica com o guru econômico de Iéltzin, Yegor Gaidar, e os dois combinaram que Kozyrev pediria ao presidente russo que desse a Gaidar a oportunidade de apresentar as aspirações russas a Baker. Isso não aconteceu. Segundo o ministro russo, quando o americano perguntou se Iéltzin queria que só a Rússia recebesse ajuda humanitária, ele respondeu: “Ora, não. A Ucrânia e todas as repúblicas devem receber assistência humanitária.” Isso foi um choque para os Jovens Turcos. “Yegor e eu quase caímos de costas durante aquela discussão”, recordou Kozyrev. “Eu perguntei: ‘Yegor, era isso que você queria?’ Ele respondeu: ‘Não, não era isso’. Eu pedi: ‘Deixe Yegor falar.’ Iéltzin se recusou a dar ao guru econômico uma oportunidade para apresentar seus argumentos. “Ninguém podia falar quando ele falava”, observou Kozyrev, referindo-se ao seu chefe.

Evidentemente, ele interpretara mal os sinais dados pelo secretário de Estado americano no dia anterior. Não havia nenhum Plano Marshall engatilhado. O auxílio humanitário e a assistência técnica eram a dimensão da ajuda que os

Estados Unidos podiam e se dispunham a oferecer à Rússia e às outras repúblicas na época. Quando se despediu de Baker no aeroporto de Moscou em 17 de dezembro – e, devido ao frio intenso, deu-lhe seu gorro de pele –, Kozyrev estava decepcionado por o americano partir com uma mera solicitação de auxílio humanitário, e não com um pedido de um pacote substancial de assistência econômica. “E, assim, ele partiu, usando meu gorro e levando o auxílio humanitário preso entre os dentes, e trabalhou para colocá-lo em prática”, recordou Kozyrev anos depois, ainda com clara mágoa. Não deixava de ser um bom negócio trocar um gorro soviético de 100 dólares por centenas de milhões em assistência humanitária americana, mas não era o trato com que o jovem ministro russo sonhava.⁴⁸²

Antes de partir de Moscou, Baker voltou ao Kremlin para um encontro com o homem que mudara tão extraordinariamente seu país e o mundo que não havia mais lugar para ele. O americano não poderia perder de vista uma questão delicada durante o encontro com Gorbatchov em seu gabinete no terceiro andar do prédio do Senado. Três dias antes, em 13 de dezembro, quando Bush telefonara para o líder soviético, este lhe dissera: “George, eu acho que Jim Baker não deveria ter feito o discurso em Princeton, especialmente falando que a União Soviética havia deixado de existir. Nós precisamos ser mais cautelosos nesses tempos.” Gorbatchov confundira o discurso em Princeton com as observações anteriores do secretário de Estado na televisão, quando ele disse: “A União Soviética como a conhecíamos já não existe.” Baker fez essas observações depois da cúpula dos três líderes eslavicos em Belavezha e tentou ser o mais cuidadoso possível naquelas circunstâncias, mas, mesmo assim, Bush resolveu apaziguar Gorbatchov. “Eu aceito sua crítica”, disse ele. Depois da conversa, o líder soviético telefonou para Anatoly Tcherniaiev e contou que havia aplicado no americano “um corretivo pela sua conduta”.⁴⁸³

Agora Baker se via às voltas com um Gorbatchov ofendido, mas o encontro entre os dois transcorreu inesperadamente bem para ele. O presidente soviético não se mostrou com os sentimentos feridos e só se permitiu aludir aos tropeços americanos uma única vez, mesmo assim de maneira muito genérica. “Talvez tenha havido alguns erros, alguns deslizos graves da minha parte e alguns de sua parte”, disse a Baker, que interpretou a observação como uma possível referência ao vazamento da Casa Branca sobre o reconhecimento da independência ucraniana ou às suas próprias observações na televisão. Se Gorbatchov mostrou alguma indignação, foi com relação a Iéltzin e aos criadores

do *Commonwealth*, os quais acusou de encenarem um golpe de Estado. Ele compreendia plenamente sua situação precária, e a diferença entre sua atitude e o comportamento de Iéltzin não podia ser mais impressionante. “Onde Iéltzin se vangloriava”, lembrou Baker, “Gorbatchov era comedido”. Ele garantiu apoio americano ao presidente soviético. “Aconteça o que acontecer, vocês são nossos amigos”, disse a Gorbatchov e aos seus assessores. “E nos entristece muito ver, como vemos nessa visita, que o senhor está sendo tratado com desrespeito. Vou lhe dizer francamente que nós somos contra isso.” Baker não mencionou às garantias de Iéltzin de que seria permitido a Gorbatchov aposentar-se “com honra”.⁴⁸⁴

Ainda que obviamente ressentido com o tratamento dado a ele por Iéltzin, Gorbatchov mostrou disposição para trabalhar com os líderes republicanos. Uma nota preparada por Anatoly Tcherniaiev para aquela reunião com Baker dizia que a criação do *Commonwealth* havia produzido uma situação nova. “Meus antigos colegas e eu queremos”, disse Gorbatchov, referindo-se a Alexander Yakovlev e Eduard Shevardnadze, que estavam presentes no encontro, “ajudar a estabelecer o futuro do *Commonwealth* e a continuidade da sucessão”. Também contou a Baker que concordara com Iéltzin sobre um prazo para a entrega do poder. Apesar de todas as suas reservas ao Acordo de Belavezha, tanto Gorbatchov quanto Baker reconheciam que o *Commonwealth* era uma realidade e tentavam embarcar nele. Porém, enquanto o americano era um hóspede bem-vindo e um parceiro importante, Gorbatchov era considerado como um impostor e um penetra do qual todos queriam distância.⁴⁸⁵

⁴⁴⁷ CHEMERYYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Sventas, 1994, p. 274.

⁴⁴⁸ KRAVCHENKO, Petr. “Belarus’ na rasput’e Zapiski diplomata i politika”. *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
DMUKHOVSKII, Mechislav. “Belovezhskie tainy”. *Sovetskaia Belorussia. Sobesednik*, 12 de dezembro de 2003.

⁴⁴⁹ O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 192-193.

⁴⁵⁰ CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1034.
Soiuz možno bylo sokhranit’. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional’nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 465.
O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 192-193.

SHAKHNAZAROV, Georgy, *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscow: Rossika-Zevs, 1993, p. 303.

- 451 CHEMERYS, Valentyn. *Prezydent. Roman-ese*. Kiev: Svenas, 1994, pp. 274-275.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 133.
- 452 *Soiuz možhno bylo sokhranit'*. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2^a ed. Moscow: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 465-466.
GRACHEV, Andrei. *Gorbachev. Chelovek, kotoryi khotel kak luchshe*. Moscow: Vagrius, 2001, pp. 401ss.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 450.
O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, p. 192.
- 453 *Soiuz možhno bylo sokhranit'*. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2^a ed. Moscow: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 465-469.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod*. COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008
SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscow: PIK, 1993, p. 128.
“Stanislav Shushkevich: obresti suverennost'”, no ne raz”ediniat'sai granitsami”. *Rossiiskaia Gazeta*, 10 de dezembro de 1991.
“Nursultan Nazarbaev: Ia-pragmatik i budu ottalkivat'sia ot sobytii”. *Rossiiskaia Gazeta*, 10 de dezembro de 1991.
- 454 *Soiuz možhno bylo sokhranit'*. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2^a ed. Moscow: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 469-470.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 450.
- 455 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscow: Rosspen, 2008, p. 1035.
- 456 Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 556-557.
- 457 SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscow: PIK, 1993, p. 128.
“General'y ukhodiat. Pochemu? K kadrovym peremenam v Genshtabe”. *Moskovskie novosti*, 15 de dezembro de 1991.
DUNLOP, John. *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Empire*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1995, pp. 272-275.
Soiuz možhno bylo sokhranit'. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2^a ed. Moscow: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 472.
- 458 “Ratifikirovano soglasenie o sodruzhestve nezavisimyykh gosudarstv. Ukraina”. *Izvestiia*, 11 de

dezembro de 1991.

LAPYCHAK, Chrystyna. "Ukraine Ratifies Amended Agreement on the Commonwealth". *Ukrainian Weekly*, 15 de dezembro de 1991, pp. 1-2.

Entrevista de Konstantyn Morozov ao autor. Kiev, 6 de setembro de 2011.

459 "Ratifikirovano soglasenie o sodruzhestve nezavisimyykh gosudarstv. Belorussia". *Izvestiia*, 11 de dezembro de 1991.

KRAVCHENKO, Petr. "Belarus' na rasput'e. Zapiski diplomata i politika". *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.

KEBICH, Viacheslav. *Iskushenie vlast'iu. Iz zhizni prem'ier-ministra*. Minsk: Paradoks, 2008, pp. 216-217.

460 *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 472-474.

461 DUNLOP, John. *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Empire*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1995, p. 275.

"Armiia ne verit soiuznym strukturam". *Rossiiskaia Gazeta*, 13 de dezembro de 1991.

PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 352.

462 "Vystuplenie Prezidenta RSFSR B. N. El'tsina". *Rossiiskaia Gazeta*, 13 de dezembro de 1991. *Soiuz možhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarstva*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 477-481.

463 MEDVEDEV, Vadim. *Komande Gorbacheva. Vzgliad iznutri*. Moscou: Bylina, 1994, p. 227. *V Politburo TsK KPSS po zapisiam Anatóliia Cherniaeva, Vadima Medvedeva, Georgiia Shakhnazarova (1985-1991)*. Moscou, 2000, pp. 736-739.

"M. Gorbachev o situatsii v strane i o sebe". *Izvestiia*, 12 de dezembro de 1991.

PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 352.

464 Nikolai Portugalov, memorando para Mikhail Gorbachov, dezembro de 1991. Arquivos da Fundação Gorbachov, Fundo 5, nº 10866.1.

465 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1036.

"Gorbachev brosaet vyzov 'Slavianskomu Soiuzu'". *Izvestiia*, 10 de dezembro de 1991.

466 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 563.

467 *Ibid.*, pp. 562-564.

"Baker Sees Opportunities and Risks as Soviet Republics Grope for Stability". *New York Times*, 13 de dezembro de 1991.

FRIEDMAN, Thomas. "Baker Presents Steps to Aid Transition by Soviets". *New York Times*, 13 de dezembro de 1991.

GADDIS, John Lewis. *George F. Kennan: An American Life*. Nova York: Penguin Books, 2011.

THOMPSON, Nicholas. *The Hawk and the Dove: Paul Nitze, George Kennan and the History of the Cold War*. Nova York: Picador, 2009.

- 468 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 535.
- 469 Agenda proposta para encontro com o presidente, 4 de dezembro de 1991, 13h30; 10 de dezembro. Pontos soviéticos para encontro com o presidente. Documentos James A. Baker, Caixa 115, Pasta 8.
- 470 TARNOFF, Curt. "CRS Report to the Congress: U.S. Assistance to the Former Soviet Union". Serviço de Pesquisa do Congresso, 1º de março de 2007. Disponível em www.fas.org/sgp/crs/row/RL32866.pdf.
TARNOFF, Curt. "CRS Report to Congress. U.S. Assistance to the Former Soviet Union, 1991-2002: A History of Administration and Congressional Action". Serviço de Pesquisa do Congresso, 15 de janeiro de 2002, pp. 1-7. Disponível em www.policyarchive.org/handle/10207/bitstreams/914.pdf.
HARAN, Olexiy. "Disintegration of the Soviet Union and the U.S. Position on the Independence of Ukraine". Centro de Ciências e Relações Exteriores, Escola John F. Kennedy, Universidade de Harvard, agosto de 1995. Disponível em http://belfercenter.ksg.harvard.edu/publication/2933/disintegration_of_the_soviet_union_and_the_us_position_on_the_independence_of_ukraine.html.
- 471 FRIEDMAN, Thomas. "Baker Presents Steps to Aid Transition", *New York Times*, 13 de dezembro de 1991.
- 472 Agenda proposta para encontro com o presidente, 13 de dezembro de 1991, 11h00, Documentos de James A. Baker, caixa 115, pasta 8; BAKER, James. "The Politics of Diplomacy". Documentos James A. Baker, Caixa 195, Pasta 5, Cap. 31, pp. 7-8.
- 473 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 564.
- 474 Idem.
BOHLEN, Celestine. "Moscow Misery: The Planes Don't Fly and That's Not All". *New York Times*, 13 de dezembro de 1991.
- 475 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. xi-xiv, 451-452.
KOHAN, John; TALBOTT, Strobe. "I Want to Stay the Course". *Time*, 23 de dezembro de 1991.
- 476 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 452-454.
KOHAN, John; TALBOTT, Strobe. "I Want to Stay the Course". *Time*, 23 de dezembro de 1991.
- 477 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 455-456.
BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 565.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossphen, 2008, pp. 1036-1037.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet*

Interpreter. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 252-254.

- 478 “Telephone Conversation with President Boris Yeltsin of Russia”, 13 de dezembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-12-13-Yeltsin.pdf. BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, p. 557. “Telephone Conversation with President Gorbachev of the FSU”, 13 de dezembro de 1991. Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-12-13-Gorbachev.pdf.
- 479 BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 556-558.
- 480 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 455-456. BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, p. 572.
- 481 AVEN, Petr; KOKH, Al’fred. “Andrei Kozyrev-nastoiashchii kamikadze”. *Forbes* (edição russa), 28 de setembro de 2011. Disponível em www.forbes.ru/ekonomika/lyudi/74501-andrei-kozyrev-nastoyashchii-kamikadze. BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 564-567.
- 482 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 567-569. BLAGODAROV, Konstantin. “Ot shedevrov Tsereteli liudi prosto obaldeli”. *Komsomol’skaia pravda*, 4 de setembro de 2002.
- 483 “JAB Notes from 12/16/91 Mtg. w/Russian Pres. Yeltsin at the Kremlin, St. Catherine’s Hall, Moscow, USSR”. Documentos James A. Baker, Caixa 176, Pasta 28. “JAB Notes from 1-on-1 Mtg. w/B. Yeltsin During Which Command and Control of Nuclear Weapons Was Discussed 12/16/91”. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 10. BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 569-572. BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 456-457. AVEN, Petr; KOKH, Al’fred. “Andrei Kozyrev-nastoiashchii kamikadze”. *Forbes* (edição russa), 28 de setembro de 2011. Disponível em www.forbes.ru/ekonomika/lyudi/74501-andrei-kozyrev-nastoyashchii-kamikadze. PALAZHCHEENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 353.
- 484 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 575-578. AVEN, Petr; KOKH, Al’fred. “Andrei Kozyrev-nastoiashchii kamikadze”. *Forbes* (edição russa), 28 de setembro de 2011. Disponível em www.forbes.ru/ekonomika/lyudi/74501-andrei-kozyrev-nastoyashchii-kamikadze.
- 485 “Telephone Conversation with President Gorbachev of the FSU”, 13 de dezembro de 1991.

Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-12-13-Gorbachev.pdf.

BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998, pp. 556-658.

CAPÍTULO 17

E O nascimento da Eurásia M 17 DE dezembro, dia em que James Baker partiu de Moscou, Mikhail Gorbatchov e Bóris Iéltzin encontraram-se para discutir a transferência do poder da União para as autoridades responsáveis pelo *Commonwealth*. “Os presidentes concordam que o processo de administração da transição das estruturas da União para a nova jurisdição deve se concluir no fim deste ano”, dizia um artigo da edição do dia seguinte do *Rossiiskaia Gazeta*,⁴⁸⁶ jornal pró-Iéltzin. “A essa altura, a atividade das estruturas da União deve ter terminado; algumas serão transferidas para a jurisdição da Rússia, e o resto será liquidado.” Na metade de dezembro, ficou evidente para todos os agentes políticos que não haveria uma nova união. Até mesmo Gorbatchov se deu conta de que o projeto estava morto. Seu lugar seria tomado pelo *Commonwealth*. Segundo os pesquisadores, sua criação era apoiada por 68 por cento dos cidadãos da Federação Russa. A pergunta ainda sem resposta era qual tipo de *Commonwealth* seria posto em prática.⁴⁸⁷

A resposta dependia dos líderes das repúblicas eslávicas e centro-asiáticas que se reuniram em Almaty, a capital do Cazaquistão, em 21 de dezembro, para discutir a nova realidade política criada pelo Acordo de Belavezha. Iéltzin já havia dito a Bush que os líderes centro-asiáticos ingressariam no *Commonwealth*, mas ainda não estava claro quais seriam as funções e condições específicas. Gorbatchov depositava nessa reunião todas as suas esperanças de ficar no poder. Queria que os presidentes centro-asiáticos transformassem o *Commonwealth* numa entidade muito mais centralizada do que aquela concebida por Iéltzin, Kravtchuk e Chuchkevich em Viskuli. Como acontecera várias vezes desde 1989, ele esperava que o “radicalismo” dos políticos russos fosse compensado pelo conservadorismo dos representantes das repúblicas centro-asiáticas.

Foi um erro de cálculo. Por mais que tivesse recebido mal a criação do *Commonwealth* eslávico, a maioria dos presidentes centro-asiáticos, inclusive os líderes das duas maiores repúblicas, Nursultan Nazarbayev, do Cazaquistão, e Islam Karimov, do Usbequistão, não via nenhuma vantagem em contrariar a

Rússia. Eles guardavam ressentimentos suficientes com relação à antiga União e tinham ambição suficiente de vir a ser governantes independentes para apoiarem plenamente a ideia de um *Commonwealth* que incluísse suas repúblicas.

Enquanto Gorbatchov e Iéltzin tinham expectativas opostas na cúpula de Almaty, coube a James Baker ser o primeiro *outsider* a testar a atitude dos líderes centro-asiáticos em relação ao *Commonwealth*. Na manhã de 17 de dezembro, ele empreendeu uma complicada viagem que o levaria de Moscou a Bruxelas, passando pela Ásia Central, Belarus e a Ucrânia. Era uma agenda cruel. Partiria de Moscou às nove horas da manhã de 17 de dezembro, chegaria a Biskeque, a capital do Quirguistão, às 15h30, e a Almaty quarenta minutos depois. Seu último contato com a imprensa estava marcado para às 23h38 daquele mesmo dia. Na manhã seguinte, ele seguiria para Minsk, a capital de Belarus, chegando à uma hora da tarde, e então iria para Kiev, com a chegada prevista para às 17h55. Partiria da capital ucraniana às 6h45 de 19 de dezembro para participar de uma reunião em Bruxelas às nove horas da manhã.⁴⁸⁸

A visita ao Quirguistão foi a primeira no itinerário do secretário de Estado americano. “Numa região mais propensa aos senhores da guerra que a democratas jeffersonianos, o presidente do Quirguistão, Askar Akáiev, era uma anomalia que acreditava genuinamente na democracia e no mercado livre”, escreveu Baker em suas memórias, explicando a razão de sua escala em Biskeque. “Senti que minha visita ao país seria um símbolo importante para Akáiev e para os muçulmanos da região de que os Estados Unidos estavam dispostos a apoiar suas reformas.” Ex-presidente da Academia de Ciências quirguistanesa, Akáiev se destacava efetivamente na nova geração de líderes republicanos, todos eles ex-dirigentes do Partido Comunista, com a notável exceção de seu colega cientista Stanislav Chuchkevich, de Belarus. A visita do secretário de Estado americano foi realmente um grande estímulo para ele e seu país, que estava prestes a nascer. Como recordou Baker mais tarde, quando o presidente do Quirguistão o viu desembarcar no aeroporto de Biskeque, “estava com os punhos cerrados erguidos acima da cabeça, como se acabasse de ganhar o título de campeão dos meio-médios”.

Akáiev disse exatamente o que Baker queria ouvir de um líder republicano centro-asiático, afirmando que era totalmente favorável ao *Commonwealth* e considerava a ajuda russa essencial para enfrentar a ameaça representada pelo islamismo radical e a influência crescente da vizinha China. Não tinha planos de adquirir armas nucleares e tampouco acreditava que seu país precisasse de uma

força militar de mais de mil homens. O país se armaria, isto sim, dos cinco princípios proclamados por Baker, na esteira do golpe de agosto, como as diretrizes dos governos pós-soviéticos. Em suma, o Quirguistão seria um participante decidido e entusiasta da nova ordem mundial concebida pelo secretário de Estado americano. Baker partiu de Biskeque para Almaty pensando que “com nossa enorme autoridade moral em muitas dessas repúblicas e junto às suas lideranças, os Estados Unidos têm uma responsabilidade ímpar de apoiar o esforço reformista”.⁴⁸⁹

Menos de uma hora depois, Baker aterrissou em Almaty. Essa era sua segunda visita ao Cazaquistão em pouco mais de três meses, pois havia estado no país na metade de setembro, durante sua missão de reconhecimento pós-golpe na União Soviética. Seu retorno sublinhava a importância daquela república e a perspicácia política de seu líder. O presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, de 55 anos, governava a única república não eslava com armas atômicas em seu território, tinha uma influência considerável na política soviética e almejava estabelecer relações políticas e econômicas diretas com o Ocidente. O futuro da União Soviética e do *Commonwealth*, assim como o controle das armas nucleares, que era primordial para a liderança estadunidense, e tudo dependia em alto grau da atitude do presidente cazaque.

Atrasado em relação a muitos outros líderes republicanos em proclamar a independência de seu país, Nazarbayev alcançou-os depois da cúpula de Belavezha. Tendo presenciado a turbulenta reunião de Gorbatchov com Iéltzin em 9 de dezembro, decidiu deslocar seu apoio do líder soviético para o presidente russo e seu peso político da quase defunta União Soviética para o cada vez mais viável *Commonwealth*. A *Rossiiskaia Gazeta* descreveu assim a nova posição do líder cazaque: Ele desaconselhou a especulação em torno do tema da oposição entre as repúblicas eslavicas e asiáticas. Em primeiro lugar, porque é perigoso; em segundo lugar, porque ele mesmo se opõe profundamente a acordos com base em princípios nacionais ou étnicos e considera-os um retrocesso à Idade Média. E, em terceiro lugar, porque não vê nenhuma motivação anticazaque ou coisa que o valha no desejo dos três Estados eslavicos que buscam formas ótimas de cooperação.

Ao sair do Kremlin, Nazarbayev retornou apressadamente ao Cazaquistão, a fim de acelerar o processo de torná-lo um Estado independente. A União vivia seus últimos dias, e, se o país quisesse ter algum papel no *Commonwealth* ou em qualquer outra organização regional, precisava dotar-se de todos os atributos formais da independência nacional. Em 10 de dezembro, o parlamento cazaque

alterou o nome da República Socialista Soviética Cazaque para República do Cazaquistão. No mesmo dia, Nazarbayev prestou juramento de lealdade na qualidade de primeiro presidente da república – as eleições se haviam realizado em 1º de dezembro, no mesmo dia em que os ucranianos votavam pela independência e elegiam Leonid Kravtchuk. Em 16 de dezembro, o parlamento cazaque proclamou a independência sem submeter a matéria a referendo. Como sugeriram alguns jornais, os ucranianos tinham votado não só por sua própria independência, como também pela independência do Cazaquistão.⁴⁹⁰

James Baker queria encontrar-se com Nazarbayev a fim de discutir as armas nucleares e o futuro do *Commonwealth*. Dispunha-se a ofertar o mesmo que o governo americano tencionava oferecer aos outros líderes das repúblicas soviéticas; ou seja, ajuda humanitária e assistência técnica. Conduziu as negociações com Nazarbayev com base nos pontos preparados por sua equipe para as reuniões com todos os presidentes pós-soviéticos, incluindo uma lista de expectativas estadunidenses concernentes às armas atômicas e às forças convencionais, à solução de disputas de fronteira e à cooperação econômica. Citou também a quantidade de ajuda americana à União Soviética, com a promessa de assistência humanitária de até 3,5 bilhões de dólares desde as doações de dezembro de 1990. Em dezembro de 1991, o combalido Estado soviético devia receber suprimentos avaliados em 600 milhões de dólares como parte da quantidade prometida. Aparentemente, o presidente cazaque demonstrou pouco interesse pelo pacote de ajuda humanitária. Queria o reconhecimento da independência de seu país e investimentos estrangeiros. “Mande consultores e investidores, não dinheiro”, pediu a Baker.⁴⁹¹

Também foi franco ao mostrar seu descontentamento com o que interpretava como apoio americano à dissolução da União Soviética. “Iéltzin contou ao mundo inteiro que telefonou para o presidente Bush e que este apoiara prontamente o que ele tinha feito”, confidenciou ao secretário de Estado americano. Ele continuou: Se isso for mesmo verdade, eu só diria que, como o presidente Bush é respeitado por todo o mundo, convém considerar com muita cautela o peso de suas palavras. O que o presidente pensou sobre a legalidade desse ato? O que achou de sua constitucionalidade? Em agosto, a reação dos Estados Unidos foi muito clara, e a opinião americana é importante para todos. O que nós temos agora é Iéltzin tentando legitimar suas ações ao levar o presidente Bush a fazê-lo por ele.⁴⁹²

Baker garantiu a Nazarbayev que Bush permanecera neutro e não dera apoio a Iéltzin e a seus homólogos. Posteriormente, o secretário de Estado recordou que,

apesar de evidentemente magoado com sua exclusão inicial da cúpula de Belavezha, o líder cazaque estava disposto a se reconciliar com o fato. “Todos me pediram desculpas e acabou”, disse ao visitante americano, referindo-se a Iéltzin, Kravtchuk e Chuchkevich. Agora era totalmente favorável ao *Commonwealth* e estava empenhado em convencer os presidentes centro-asiáticos a ingressarem. “Vou bancar o bombeiro outra vez”, disse ele a Baker, aludindo à tempestade política desencadeada pelo Acordo de Belavezha. “Terei de juntar todos eles.”

Para ingressar no *Commonwealth*, os líderes centro-asiáticos haviam imposto a importante condição de serem tratados como membros fundadores, exigindo que todo o tratado fosse assinado novamente com sua participação. Nazarbayev também queria um tratado separado entre as quatro repúblicas nucleares que se dedicasse ao controle das armas atômicas. Tais palavras devem ter soado como música aos ouvidos de Baker. “Quando fui para meu quarto às três horas daquela madrugada, senti que as três horas passadas com Nazarbayev estavam entre as melhores que eu tivera até então”, recordou ele. Baker queria que o cazaque tivesse sucesso em seu pedido. Como explicou a Stanislav Chuchkevich no dia seguinte em Minsk: “Numa associação das repúblicas centro-asiáticas com as eslavicas, aquelas podiam servir como ponte entre o Ocidente e o Oriente e um para-choque seguro contra a disseminação do fundamentalismo islâmico radical.”⁴⁹³

Ao passo que os americanos estavam interessados em estender o *commonwealth* eslávico à Ásia Central por motivos ligados às armas atômicas e ao islã militante, as motivações dos líderes centro-asiáticos para ingressarem no Acordo de Belavezha eram muito mais diversas e complexas. As armas nucleares representavam uma questão unicamente para Nazarbayev, e o islã radical era apenas um dos fatores que influenciavam os líderes centro-asiáticos, a maior parte dos quais se constituía de ex-dirigentes do partido. No centro de seu pensamento estava a Rússia. Tradicionalmente, suas relações com Moscou eram de subordinação e dependência, e, embora ansiassem por dar fim a tal subordinação, não tinham condições de acabar inteiramente com a dependência.

Em 17 de dezembro, dia em que Baker chegou a Almaty, Nazarbayev encabeçou um grande comício no centro da cidade para marcar tanto a proclamação da independência do país pelo parlamento republicano, ocorrida um dia antes, e quanto o quinto aniversário dos protestos antigovernamentais, em Almaty, em 16 e 17 de dezembro de 1986. Os protestos haviam envolvido a

juventude cazaque e avançado sob palavras de ordem nacionalistas, num primeiro indício do aumento das tensões étnicas na União Soviética. Os jovens, em grande parte estudantes das instituições de ensino superior de Almaty, saíram às ruas para protestar contra a nomeação, por Moscou, de um russo étnico para líder do partido e do aparato de Estado da república, cargo até então exercido por um cazaque. A nomeação de Gennady Kolbin fazia parte do plano de Gorbatchov para afastar do poder os quadros do partido estreitamente associados a Leonid Brejnev e a seu governo corrupto.

Para tomar o controle das repúblicas e das elites regionais, o líder soviético dependia dos quadros partidários da Rússia. Um ano antes, Bóris Iéltzin tinha sido transferido de Sverdlovsk para Moscou, a fim de arrebatá-la das mãos de Viktor Grichin, que fora leal a Brejnev. Agora, Kolbin, que fora chefe de Iéltzin em Sverdlovsk na década de 1970, era trasladado do cargo de primeiro-secretário do partido na cidade de Ulianovsk, à beira do Volga, para o Cazaquistão. Com a bênção e o auxílio de Gorbatchov, a “máfia de Sverdlovsk” vinha interferindo com o objetivo de erradicar a corrupção e aumentar o poder do novo secretário-geral num país muito necessitado de reformas políticas e econômicas.⁴⁹⁴

Não obstante, se a nomeação de Iéltzin para a chefia da administração municipal de Moscou foi bem-vinda pelo público moscovita, a “eleição” de Kolbin para o posto de primeiro-secretário do Partido Comunista do Cazaquistão por exigência de Moscou não mereceu senão a hostilidade tanto da população quanto da elite cazaques. O principal motivo da resistência era muito simples: na tentativa de suprimir os velhos quadros do partido e a corrupção, Gorbatchov violara o contrato não escrito entre o centro e as repúblicas, que existia desde a morte de Stalin, e que dizia que o líder de cada república seria extraído de sua nacionalidade titular. Ao mudar as regras do jogo, Gorbatchov se mostrava disposto a governar a União Soviética diretamente do Kremlin, passando por cima das elites locais. Porém, Almaty não era Moscou. As repúblicas tinham mais direitos que as cidades, e não era apenas por um ingênuo recém-chegado ao Kremlin que o partido e as elites culturais das repúblicas concordariam em abrir mão de suas prerrogativas locais conquistadas a duras penas.⁴⁹⁵

Circulavam boatos de que altos funcionários do aparato partidário e do governo republicanos, que tinham muito a perder com a chegada de um nomeado por Moscou à sua capital, incentivaram os estudantes cazaques a se rebelarem. Nazarbayev, um cazaque étnico, era então o chefe do governo da república e um candidato óbvio ao cargo de primeiro-secretário do Partido

Comunista de seu país. Não faltou quem suspeitasse de que ele estava por trás dos protestos estudantis. Se estava realmente, conseguiu passar despercebido por Moscou. No auge dos protestos, falou aos estudantes, pedindo-lhes que se dispersassem. Quando a diplomacia falhou, ele apoiou aqueles que preconizavam medidas rigorosas. O protesto, ocorrido meses antes do início da política de *glasnost* de Gorbatchov, foi esmagado. Houve baixas, e milhares de estudantes foram presos, interrogados e expulsos das universidades.

Ex-engenheiro metalúrgico com os estudos iniciados em Dniprodzerzhynsk, na Ucrânia, a terra natal de Leonid Brejnev – fato que ele mencionava com orgulho para frisar sua qualificação internacionalista –, Nazarbayev conseguiu manter sua posição na liderança republicana. Para ele, a ocasião de requerer o mais alto cargo chegaria no verão de 1989, quando foi eleito primeiro-secretário do partido cazaque com a bênção do presidente soviético. O contrato entre o centro e a elite republicana no Cazaquistão, violado por Gorbatchov alguns anos antes, estava restaurado. Isso ocorreu num momento em que a elite republicana se preparava não apenas para recobrar os status que tivera sob Brejnev, como para reclamar um novo espaço em competição com o líder soviético, agora enfraquecido por suas próprias reformas políticas. Na primavera de 1990, menos de um ano depois de galgar o posto de primeiro-secretário, Nazarbayev assumiu a presidência do Cazaquistão, e, como Gorbatchov, recebeu o mandato não das massas, mas do parlamento.

O presidente Nazarbayev precisou ter muita cautela para decidir quanta soberania e independência tomar naquelas circunstâncias. No tocante ao equilíbrio político e étnico, sua situação mostrava-se muito mais difícil em comparação com as outras repúblicas. O Cazaquistão, muito embora seus líderes e sua nacionalidade titular fossem cazaques, era em grande parte não cazaque em termos de composição étnica. Dos 16,5 milhões de habitantes do país, os cazaques constituíam apenas 6,5 milhões. Os russos eram o segundo maior grupo étnico, com mais de 6 milhões; os ucranianos, linguística e etnicamente próximos, e em geral culturalmente russificados, formavam o terceiro maior grupo, totalizando pouco menos de 1 milhão. Na década de 1980, os cazaques foram o grupo étnico em mais rápido crescimento na república, mas os eslavos continuavam sendo majoritários. Geralmente, eram mais bem-educados, constituíam a maioria nos centros urbanos e alardeavam sua superioridade como donos da república. “Se o senhor percorresse meu país”, confidenciou Nazarbayev a Baker durante sua visita a Almaty em setembro de 1991, “encontraria meninos russos batendo em garotos cazaques. Foi assim para mim.

Não é fácil conviver com eles”.⁴⁹⁶

A composição étnica precária vista no Cazaquistão era resultado da engenharia étnica e da política econômica soviéticas. No início da década de 1930, a composição étnica da república foi afetada pela política agrária soviética e, em particular, por uma campanha brutal de coletivização forçada. Mais de 1 milhão de cazaques, ou um quarto da população total, pereceu na fome entre 1930 e 1933. A década de 1950 gerou a afluência de centenas de milhares de escravos, que chegaram como parte de outra campanha agrária, dessa vez a colonização das “Terras Virgens” iniciada por Nikita Krushev e implementada com a ajuda de uma estrela então em ascensão na política soviética, Leonid Brejnev. Eles queriam tornar as estepes do norte do Cazaquistão cultiváveis para assim resolver o problema da escassez crônica de alimentos na União Soviética. Posto que o problema alimentar continuasse sem solução, a composição étnica do Cazaquistão se alterou ainda mais a favor dos escravos.⁴⁹⁷

Logo depois de assumir a Presidência em 1990, Nazarbayev se viu entre a cruz e a espada: de um lado, a ascensão da autoconsciência e do nacionalismo cazaques; de outro lado, uma crescente tendência separatista entre os escravos, grande parte dos quais se radicava no norte do país. Enquanto pressionava pela soberania legislativa e pela autonomia econômica de sua república, ele não apoiou abertamente o nacionalismo cazaque nem o eslavo. Equilibrando-se entre os dois grupos, conseguiu consolidar o poder em Almaty e tornar-se um influente mediador político em Moscou. Ganhou o respeito de Iéltzin, Gorbatchov, Kravtchuk e Chuchkevich, e sua palavra passou a valer muito entre os líderes das repúblicas centro-asiáticas. O colapso das negociações para um novo tratado de união e a formação do *Commonwealth* de Estados Independentes testaram-lhe a capacidade de manobrar sem parecer titubear.

Nazarbayev não podia proclamar unilateralmente a independência do Cazaquistão se não fosse a vontade da maioria eslava, mas tampouco podia abraçar o *Commonwealth* tal como o haviam constituído em Belavezha, pois teria 6,5 milhões de cazaques a compartilharem uma nova entidade política com mais de 200 milhões de escravos. Era fácil prever quais seriam as consequências de semelhante arranjo para a influência da elite cazaque no *Commonwealth*, assim como para a identidade nacional e cultural cazaque. Ainda menos atraente era a visão do futuro do Cazaquistão oferecida por Alexander Soljenítsin, o pai espiritual da União Eslávica que muitos acreditavam ter nascido em Belavezha. O escritor que ganhara o prêmio Nobel de literatura defendia a “reunificação” do norte do Cazaquistão com a Rússia. Como Nazarbayev afirmou posteriormente,

mesmo que tivesse estado em Belavezha em 8 de dezembro, não assinaria o acordo na forma então existente.⁴⁹⁸

O presidente cazaque não estava disposto a assinar o tratado de *Commonwealth* se incluísse apenas os presidentes eslavos, mas o faria de bom grado se a ele se unissem os outros líderes centro-asiáticos. Em 12 de dezembro, viajou a Asgabate, a capital da vizinha república muçulmana do Turcomenistão, para participar de uma reunião com os cinco presidentes centro-asiáticos. Na pauta da reunião acolhida pelo líder turcomeno Sparmurat Niyazov, figurava a questão da reação centro-asiática à criação do *Commonwealth* eslávico. Niyazov propôs a formação de uma confederação centro-asiática para contrabalançar a União Eslávica criada em Belavezha. Nazarbayev se opôs à ideia, querendo que as repúblicas centro-asiáticas ingressassem no *Commonwealth* criado pelos três líderes eslavos.

“Nós nos reunimos na residência de Niyazov em Asgabate”, recordou o presidente cazaque, “e discutimos a situação até as três horas da madrugada, decidindo se devíamos nos recusar a aceitar a dissolução da União e reconhecer Gorbatchov como presidente. Mas que tipo de União podia haver sem a Rússia? Ou convinha mais criar uma confederação centro-asiática? Essa era a proposta de Niyazov, mas, neste caso, nós temos uma economia, um Exército, o mesmo rublo [que a Rússia], 1.150 ogivas nucleares no Cazaquistão. (...) Como poderíamos confrontar a Rússia?”. É provável que a ideia de uma confederação centro-asiática fosse vantajosa para a república de Niyazov, rica em gás natural e com uma população de apenas 3,5 milhões, sendo a maioria absoluta turcomena. Contudo, a possibilidade de separação completa da Rússia e das demais repúblicas eslávicas ameaçava aprofundar a divisão emergente entre eslavos e cazaques no Cazaquistão e podia perfeitamente significar o fim do Cazaquistão em suas fronteiras de então, com a subsequente realização de uma forma qualquer do cenário já descrito por Soljenítsin.⁴⁹⁹

A posição tomada por Islam Karimov, o líder de 53 anos do Usbequistão, foi decisiva para o resultado do debate noturno em Asgabate. Sua república era a mais populosa da Ásia Central. Com quase 20 milhões de habitantes, ocupava o terceiro lugar na União Soviética, depois da Rússia e da Ucrânia. Seus mais de 14 milhões de usbeques tinham uma maioria confortável sobre os não usbeques, pois a mais numerosa minoria étnica, os russos, ficava num remoto segundo lugar com pouco mais que 1,6 milhão. Embora não houvesse ameaça de russos ou eslavos em seu território, a elite usbeque tivera relações difíceis com Moscou nos últimos anos do domínio soviético. Moscou jamais tentara mandar um russo

étnico para governar o Usbequistão não eslavo, como chegara a fazer no Cazaquistão, mas se empenhara em marginalizar a elite usbeque com sua ofensiva implacável contra a corrupção – que, por várias razões, visava ao Usbequistão.⁵⁰⁰

A investigação do “Caso do Algodão”, que não tardou a ficar conhecido como “Caso Usbeque”, iniciou-se no governo de Iuri Andropov e prosseguiu com renovado vigor no mandato de Gorbatchov. Os fatos descobertos pelos investigadores de Moscou mandados ao Usbequistão eram impactantes. O primeiro-secretário do Partido Comunista do país foi acusado de receber propina de catorze indivíduos, no valor total de 1,2 milhões de rublos. Parte desse suborno, afirmavam os promotores, tinha sido entregue no Salão de São Jorge, dentro do Grande Palácio do Kremlin, durante sessões do Soviete Supremo da União Soviética. O sistema, que gerava milhões de dólares em propina no Usbequistão, havia sido criado por Choraf Rachidov, o primeiro-secretário do comitê central da república e membro não votante do politburo de Moscou, que governou o país de 1961 a 1983.

Na metade da década de 1970, reagindo às exigências crescentes de Moscou sobre cotas de produção de algodão – o principal produto de exportação do Usbequistão – e incentivado pela safra abundante daquele ano, ele prometeu publicamente a seu protetor, Leonid Brejnev, que, dali por diante, a república produziria 6 milhões de toneladas anuais de algodão. A verdade é que, na melhor das hipóteses, ela podia produzir somente dois terços dessa quantidade e, num ano ruim, não mais que 3 milhões de toneladas. O futuro de Rachidov e a carreira daqueles que o rodeavam ficaram ameaçados. Ele ordenou que cada pedaço de terra disponível fosse usado para o cultivo de algodão e obrigou toda a população da república, inclusive as crianças e os adolescentes, a trabalhar nas plantações, independentemente de sua ocupação principal. O resultado foi, quando muito, decepcionante, pois a safra nunca chegou às prometidas 6 milhões de toneladas.⁵⁰¹

Como as potências imperiais europeias em suas colônias do ultramar, os soviéticos queriam do Usbequistão o “ouro branco”, como era conhecido o algodão em seu jargão. Embora fosse cultivado e produzido no Usbequistão, as principais fábricas têxteis que o utilizavam ficavam na Rússia. Assim, o Usbequistão exportava algodão e importava tecidos, com um grande prejuízo para sua economia. Então, os dirigentes do Usbequistão encontraram uma solução colonial para o problema imperial. Ela se chamava suborno. Se as toneladas de algodão que faltavam anualmente não podiam ser produzidas na

república, os funcionários usbeques decidiram que seriam “acrescentadas” aos relatórios oficiais.

A maquinação envolvia dezenas de milhares de indivíduos em todos os níveis, das fazendas coletivas aos altos cargos do governo e do comitê central. O dinheiro recebido do centro pelo algodão supostamente produzido era redistribuído no Usbequistão em forma de suborno. Milhões de rublos iam para os diretores das fábricas têxteis e para os funcionários do Estado e do partido na Rússia, que confirmavam o recebimento do algodão nunca produzido ou fingiam não saber o que se passava. O Usbequistão passou a ser a pátria dos primeiros cem milionários da era soviética e um terreno fértil para o crime organizado. Andropov e Gorbatchov autorizaram a prisão dos envolvidos na artimanha. Com milhares de pessoas sendo investigadas, muitas começaram a encarar a perseguição criminal como um ataque contra toda a república, cujos líderes eram considerados por seus advogados de defesa como culpados unicamente de tentar satisfazer os desejos de seus senhores coloniais.

Islam Karimov, que se tornou líder do Usbequistão em 1990, compartilhava os sentimentos de seus patrícios. Como muitos no país, Karimov julgava o “Caso do Algodão” como uma forma de perseguição política. Em setembro de 1991, convocou um congresso do Partido Comunista do Usbequistão, agora rebatizado Partido Democrático Popular, que aprovou uma resolução eximindo os líderes comunistas do Usbequistão de qualquer delito. “Eles trabalharam honestamente e com uma clara consciência do bem da Pátria e podem olhar direta e abertamente nos olhos de seu povo”, dizia a resolução. No final de dezembro de 1991, dias antes de ser eleito para a recém-criada Presidência do país, Karimov perdoou todos os indivíduos perseguidos em consequência da investigação. A essa altura, ela ficara conhecida como “Caso Usbeque” e servia de símbolo do sofrimento usbeque sob o regime comunista.⁵⁰²

Karimov mostrou ter muito mais independência do que Nazarbayev durante as conversações iniciadas por Gorbatchov em torno do novo tratado de união. Com frequência, ficava do lado de Iéltzin e Kravtchuk para frustrar o esforço do presidente soviético (geralmente apoiado por Nazarbayev) em atar ainda mais as repúblicas ao centro. Depois do golpe de agosto, apressou-se a remover da sociedade usbeque as aparências da ideologia comunista, demolindo os monumentos aos líderes comunistas e rebatizando praças e ruas que antes levavam seus nomes. No entanto, declarou que o Usbequistão não estava pronto para a democracia, reprimiu a oposição nascente e proclamou que sua inspiração era o modelo político e econômico da vizinha China. Apesar desse

distanciamento em relação a Moscou, não agradaram a Karimov os acontecimentos em Belavezha. Mais tarde, expressou diretamente perante Iéltzin seu descontentamento com o acordo realizado em separado pelos presidentes eslavos. Contudo, durante a demorada discussão em Asgabate na madrugada de 12 para 13 de dezembro de 1991, apoiou Nazarbayev e outros que se opunham à criação daquilo que os jornalistas em Moscou já chamavam de “Carta Muçulmana”.

Seus motivos para ingressar no *Commonwealth* eram diferentes das razões de Nazarbayev. Tal como o presidente do Quirguistão, Askar Akáiev, Karimov precisava da Rússia e do *Commonwealth* como aliados contra os fundamentalistas islâmicos e a China em ascensão. Porém, precisava mais ainda da indústria têxtil russa para processar o algodão usbeque. Sem ela, a economia do país entraria em colapso em questão de semanas. Falando com os repórteres após a reunião em Asgabate, Karimov rejeitou as sugestões de um status de cidadania de segunda classe para as repúblicas muçulmanas no *Commonwealth* eslávico. Disse aos jornalistas que “a única maneira de fugir ao papel secundário [para tais repúblicas] é transformar a Ásia Central numa região altamente desenvolvida e com uma indústria de processamento própria”.⁵⁰³

Por mais que estivessem insatisfeitos com o caráter exclusivamente eslávico da reunião em Belavezha, Nazarbayev, Karimov e seus colegas não viam alternativa a não ser apoiar – em cada caso por uma combinação diferente de razões políticas, econômicas, sociais, étnicas e de segurança – o curso adotado pela Rússia e por seus vizinhos eslavos em Belavezha. Em Asgabate, os líderes centro-asiáticos não só concordaram em ingressar no *Commonwealth*, como também inventaram um modo de salvar-se ao fazê-lo. Nazarbayev falou aos jornalistas após a reunião: Tendo discutido a matéria, nós adotamos uma declaração dos líderes das cinco repúblicas que afirma o seguinte: “Nós tratamos com compreensão o esforço feito pelos líderes das repúblicas de Belarus, da Rússia e da Ucrânia para estabelecer um *Commonwealth* de Estados Independentes no lugar das repúblicas outrora despojadas de direitos. Nossa principal condição é o ingresso de todas as repúblicas do *Commonwealth* como fundadoras, ou seja, com base em direitos absolutamente iguais.”⁵⁰⁴

A cúpula de Almaty, que, como muitos esperavam, decidiria o destino tanto da União em frangalhos quanto do *Commonwealth* ainda não plenamente estabelecido, ficou marcada para sábado, 21 de dezembro. Seria realizada no Palácio da Amizade, na capital do Cazaquistão, onde, no início de novembro, os líderes de doze repúblicas soviéticas se haviam reunido em sua primeira cúpula

sem Gorbatchov para assinar um acordo econômico.

Essa nova reunião também se realizaria sem Gorbatchov, mas não ficou claro até o fim quantos seriam os líderes presentes em Almaty, e os jornalistas que desembarcaram na capital do Cazaquistão – quase quinhentos ao todo – para cobrir a última cúpula soviética e a primeira pós-soviética dos presidentes republicanos ficaram no escuro quanto ao que aconteceria. “Agora dizem que não só oito, e sim nove ou dez Estados participarão”, escreveu um repórter para o jornal moscovita *Izvestia*. “Espera-se que a Armênia e talvez a Moldávia se unam ao ‘trio’ de Minsk e ao ‘quinteto’ de Asgabate.” Na véspera da reunião, chegou a Almaty a notícia de que Ayaz Mutalibov, do Azerbaijão, um país engajado numa batalha sangrenta contra a Armênia pela região de Nagorno-Karabakh, também estava a caminho.⁵⁰⁵

Ninguém sabia o que os presidentes de repúblicas com interesses tão diferentes – às vezes até em guerra entre si, como a Armênia e o Azerbaijão – levariam à mesa, nem o que esperar da reunião. O único líder político que revelara publicamente sua agenda para a cúpula de Almaty era o que não havia sido convidado a participar: Mikhail Gorbatchov. Ele já não tinha acesso a nenhum veículo, a não ser a declarações públicas, para apresentar sua opinião e preocupações e tentar influenciar o resultado. Depois da ratificação do Acordo de Belavezha pelo parlamento russo e da declaração de Asgabate assinada pelos líderes das repúblicas centro-asiáticas, a única coisa que lhe restava era reconciliar-se com a ideia do *Commonwealth*. Em 17 de dezembro, dia em que Baker partiu de Moscou e em que teve o importante encontro com Iéltzin para discutir a transferência do poder, Gorbatchov declarou à mídia que suas posições coincidiam oitenta por cento com as afirmações do presidente russo.

O conteúdo dos vinte por cento restantes foi revelado no dia seguinte, quando ele publicou uma carta aberta aos participantes da cúpula de Almaty, desejando que o *Commonwealth* fosse sujeito de direito internacional, participasse de relações internacionais e tivesse cidadania comum. Também argumentava a favor da criação de um comando militar unificado e por uma agência comum de política externa que se encarregasse das obrigações jurídicas soviéticas no exterior e da representação da União Soviética no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Além disso, propunha a criação de instituições do *Commonwealth* para coordenar a política econômica e financeira, assim como atividades acadêmicas e culturais. Enfim, sugeria abandonar a referência a Estados independentes no título da nova organização e denominá-la “*Commonwealth* de Estados Europeus e Asiáticos”.⁵⁰⁶

A carta não deixava dúvidas de que, embora aceitasse a palavra *commonwealth*, Gorbatchov queria, na verdade, recriar uma versão mais frouxa da federação concebida em seu agora falecido tratado de união. Na melhor das hipóteses, mostrava-se finalmente disposto a concordar com os princípios de confederação advogados antes por Iéltzin e Nazarbayev e brevemente aceitos por Kravtchuk após o insucesso do *putsch* em agosto. Porém, era tarde demais e fazia tempo que o trem da confederação partira da estação. O texto da carta aberta foi redigido por Anatoly Tcherniaiev, cuja versão Gorbatchov preferiu à preparada por seu outro assessor, Georgui Chakhnazarov. Segundo Tcherniaiev, o texto de Chakhnazarov “compunha-se em tons sumamente ‘construtivos’: [era] benevolente, conciliador, pródigo em votos de sucesso”. Acaso o líder soviético cogitava fazer uma declaração de princípios independentemente das consequências políticas? Ou ainda esperava ter um papel importante no *Commonwealth* que o mantivesse politicamente à tona? Em suas memórias, ele não comenta as intenções que porventura teve e limita-se a afirmar – e não sem ressentimento – que sua carta “não surtiu o menor efeito”.⁵⁰⁷

Um dia depois da divulgação da carta, os jornais russos publicaram uma tradução da entrevista de Iéltzin ao jornal italiano *La Repubblica*, que dava a Gorbatchov poucas esperanças de um futuro político. À pergunta “Gorbatchov terá algum papel no *Commonwealth*?”, o presidente russo deu uma resposta inequívoca: “Não. Vamos tratá-lo com a dignidade e o respeito que merece, mas, assim como nós, que decidimos completar a fase de transição em nosso país até o fim de dezembro, ele também deve tomar sua decisão nesse prazo.”⁵⁰⁸

A visão de Iéltzin sobre as instituições do *Commonwealth* era muito mais modesta que as perspectivas de Gorbatchov. “Talvez se estabeleçam um Conselho de Chefes de Estado, um Conselho de Chefes de Governo e um Conselho de Defesa, abrangendo os chefes dos Estados independentes”, escreveu seu principal assessor, Gennady Burbulis, delineando os desideratos russos para a reunião em Almaty após o gabinete ter discutido a questão em 18 de dezembro. No mesmo dia, o governo reexaminou os *designs* alternativos do novo brasão de armas russo e decidiu retomar o símbolo da Rússia imperial, a águia de duas cabeças. Burbulis disse à imprensa que, entre as duas propostas discutidas na reunião, os ministros resolveram escolher a águia que parecia menos ameaçadora. A última coisa que o país queria àquela altura era espavorir seus parceiros potenciais no *Commonwealth*.⁵⁰⁹

O caráter das instituições dentro do novo *Commonwealth* e o alcance de sua autoridade preocupavam muito Leonid Kravtchuk. Durante algum tempo, não se

soube se ele compareceria à reunião ou não. Em Belavezha, tinha reiterado que seu país não aceitaria nenhuma instituição que lhe restringisse a independência. Ganhara essa rodada. Agora, subitamente, aqueles arranjos pareciam ter sido questionados. A julgar pelas declarações dos assessores de Iéltzin, a Rússia queria “aprofundar” o acordo e reforçar o aspecto integracionista do *Commonwealth*. Kravtchuk não gostou da ideia. Enfrentava forte oposição em seu governo, no parlamento e na sociedade em geral ao que muitos ucranianos consideravam uma traição aos interesses nacionais perpetrada quase imediatamente depois de o país ter obtido a tão longamente esperada independência. Não faltava quem duvidasse das intenções de um ex —*apparatchik* comunista que, tendo levado a Ucrânia à independência, assinara, sem sequer consultar o gabinete ou o parlamento, um acordo criando o que muitos julgavam ser a reencarnação da União Soviética.

Uma pesquisa feita em Moscou, Kiev e Minsk após a assinatura do Acordo de Belavezha indicava que somente cinquenta por cento dos entrevistados em Kiev os apoiavam, contra 84 por cento em Moscou e 74 por cento em Minsk. Os kievenses que efetivamente aprovavam a criação de um *Commonwealth* faziam-no por motivos econômicos, não por inspiração na ideia de unidade política das três nações eslávicas. Dentre os entrevistados em Kiev, 54 por cento vinculavam ao *Commonwealth* a esperança num futuro econômico melhor, contra 38 por cento em Moscou e 44 por cento em Minsk.⁵¹⁰

Quando os presidentes centro-asiáticos propuseram o cancelamento do primeiro tratado e a assinatura de um novo, Kravtchuk deu a entender que não tinha pressa alguma de ir a Almaty. Como sempre, sua jogada deu certo. Ao mostrar desinteresse em renegociar os acordos, deixou todos os outros líderes nervosos. Se as repúblicas centro-asiáticas não queriam perder a Rússia, a Rússia não queria perder a Ucrânia. Iéltzin se recusara a assinar o tratado de união de Gorbatchov sem a Ucrânia porque isso deixaria seu país quase à mercê das repúblicas muçulmanas da Ásia Central. O *Commonwealth* sem a Ucrânia, para ele, era uma proposta muito semelhante. Em 18 de dezembro, Baker visitou Kravtchuk em Kiev, e a conversa começou com o pedido do ucraniano por apoio dos Estados Unidos à independência de seu país. Quando ele contou que ia a Almaty, o secretário de Estado americano ficou aliviado.⁵¹¹

Ao contrário de Kravtchuk, o líder bielo-russo Stanislav Chuchkevich estava impaciente por participar da reunião em Almaty. Depois de assinar o Acordo de Belavezha, declarou publicamente que o *Commonwealth* não pretendia ser um clube exclusivamente eslávico e estava aberto para o ingresso das outras

repúblicas, inclusive as centro-asiáticas, mas os bielo-russos não queriam ampliar o *Commonwealth* a qualquer preço. Propunham que somente as repúblicas isentas de conflitos violentos em seu território fossem convidadas a participar. Essa abordagem excluiria automaticamente a Moldávia, que estava tentando controlar a Transnístria, região predominantemente eslava; o Azerbaijão, que se esforçava por reter a região de Nagorno-Karabakh, de colonização predominantemente armênia; a Armênia, que estava envolvida no conflito de Karabakh; e provavelmente a Geórgia, onde havia confrontos de rua entre a oposição e as forças governamentais, além de regiões como a Abecásia e a Ossétia do Norte, de composição étnica predominantemente não georgiana, que reivindicavam o direito de autodeterminação. Em teoria, até mesmo a Rússia, com sua crise cada vez mais profunda na Chechênia, podia ser impedida de ingressar no *Commonwealth* se a proposta bielo-russa fosse adotada na cúpula de Almaty.⁵¹²

Independentemente da proposta bielo-russa, a reunião em Almaty precisava se posicionar quanto às regiões secessionistas. Quando se aproximava a data da reunião, duas dessas regiões, a Transnístria, na Moldávia, e Nagorno-Karabakh, no Azerbaijão, solicitaram ingresso no *Commonwealth* antes que as repúblicas de que “eram parte” o fizessem. Nesse ínterim, a Rússia reconheceu a independência da Moldávia e da Armênia em suas fronteiras da era soviética, o que pouco contribuiu para reduzir as tensões nas regiões separatistas. A revolta das autonomias contra as repúblicas “mães”, tão estimulada pelo centro de Gorbatchov em 1990 e 1991, estava a todo vapor agora que a União Soviética se acercava de seu momento final.

Como se esperaria, dados os problemas anteriores das repúblicas da União com os movimentos autonomistas, os presidentes da Rússia, da Ucrânia e de Belarus haviam manifestado, durante o encontro de Belavezha, apoio às autoridades “legítimas” nas repúblicas. Por iniciativa da Rússia, publicaram uma declaração de apoio à liderança moldávia num esforço para esmagar o separatismo eslávico na Transnístria. Os presidentes eslavos exigiam a inviolabilidade das fronteiras existentes e punham o princípio jurídico acima da solidariedade étnica de seus companheiros eslavos. Sua unanimidade nesses pontos ajudaria a evitar uma “Iugoslávia com mísseis nucleares”, como a União Soviética havia sido descrita nos cenários apocalípticos de Gorbatchov.⁵¹³

Se as repúblicas eslavas estavam em paz entre si, as outras não estavam. O confronto étnico nas regiões não eslávicas do país outrora unido se tornava mais intenso e arrastava unidades do Exército soviético para o conflito. Em 9 de

dezembro, dia seguinte à assinatura do Acordo de Belavezha, forças moldávias enfrentaram as milícias da Transnístria na cidade fronteiriça de Bender. As milícias contaram com o apoio do Décimo Quarto exército soviético, formalmente ainda sujeito à autoridade de Gorbatchov. Nos dias subsequentes, houve confrontos no povoado transnístrio de Dubasari. Em 18 de dezembro, o presidente Ayaz Mutalibov assumiu o comando de todas as formações militares no território do Azerbaijão, querendo que as unidades do Exército soviético reconhecessem sua autoridade ou saíssem da república. No dia seguinte, os armênios de Nagorno-Karabakh formaram seu próprio comitê de autodefesa, que assumiu o comando das milícias locais que cooperavam com as tropas soviéticas sob a tutela de Gorbatchov. Na Armênia, o presidente Levon Ter-Petrosyan promulgou um decreto que reforçava os vínculos entre as autoridades locais armênias e as unidades do Exército soviético dentro do território da república. Se os azeris encaravam o Exército soviético como um inimigo potencial, os armênios o consideravam um aliado.⁵¹⁴

A guerra civil que Gorbatchov previra na véspera do referendo ucraniano estava irrompendo em outras repúblicas. Por ora, limitava-se ao Cáucaso e à fronteira eslávico-romena na Moldávia. No ano seguinte, chegaria ao Tajiquistão.

Conforme o planejado, a cúpula de Almaty começou às 11h30 de 21 de dezembro no Palácio da Amizade, na capital do Cazaquistão, com a esperança de que os participantes dessem um novo significado ao antigo clichê soviético da amizade entre os povos. Conseguiram fazê-lo. Enfrentavam problemas enormes nas respectivas repúblicas e no estrangeiro, mas também tinham esperança de que aquele encontro – o maior desde o fracassado golpe de Estado – mostrasse às antigas repúblicas soviéticas uma saída para o impasse dos últimos meses.

A reunião do *Commonwealth* oferecia aos líderes republicanos uma plataforma de negociação extremamente necessária, que Gorbatchov e suas reuniões sobre um novo tratado de união não conseguiram oferecer. O marechal Ievgueni Chapochnikov foi o primeiro a admiti-lo. “Aquela foi a primeira grande reunião em muitos meses com todos os chefes de república da União”, escreveu em suas memórias. “Comprova-o o próprio fato de todos terem ido a Almaty, com exceção dos líderes das repúblicas bálticas e da Geórgia, que optou por enviar um observador. Comparei essa reunião a muitas outras reuniões do Conselho de Estado da União Soviética e consultas em Novo-Ogarevo, às quais alguns líderes faltaram pelos mais diversos motivos.”⁵¹⁵

Formalmente ministro do governo de Gorbatchov, Chapochnikov exercia o único cargo oficial do *Commonwealth* estabelecido até então, com a função de comandante em chefe de suas forças militares. Tendo aceitado o posto oferecido por Iéltzin logo depois da assinatura do Acordo de Belavezha, agora chefiava um Exército em rápida desintegração. Seus problemas quanto a isso não se limitavam às tentativas dos presidentes das repúblicas do norte do Cáucaso, do Azerbaijão, da Armênia e da Geórgia de estabelecer uma forma qualquer de controle sobre as tropas soviéticas em seu território nem ao esforço dos líderes das regiões separatistas da Transnístria e de Nagorno-Karabakh para fazer o mesmo em suas jurisdições.

Não menos perigosa para a unidade das Forças Armadas foi a decisão do presidente da até então pacífica república da Ucrânia de declarar-se comandante em chefe das tropas soviéticas em solo ucraniano. Em 6 de dezembro, o ex-protegido de Chapochnikov, Konstantyn Morozov, que era ministro da Defesa de Kravtchuk, prestou um juramento de lealdade à Ucrânia. Reagindo à tentativa subsequente de Chapochnikov de ordenar às tropas soviéticas que jurassem lealdade à Rússia, Kravtchuk avançara com seus planos de aplicar um juramento de lealdade ao seu país às tropas estacionadas em território ucraniano. Embora tais planos estivessem temporariamente suspensos, Chapochnikov imaginava que os ucranianos levantariam a questão em Almaty. Miraculosamente, não o fizeram.⁵¹⁶

Os participantes da cúpula de Almaty se ocuparam de dois grandes temas, envolvendo a dissolução da União Soviética e a criação de um novo *Commonwealth* que incluísse não três, mas onze repúblicas. Os chefes de Estado pós-soviéticos não levaram mais que três horas e meia para concordar quanto aos princípios da nova estrutura internacional, que incluiria a maior parte do que restou da União Soviética após a saída dos países bálticos. Às quinze horas, os textos finais dos acordos tinham sido encaminhados para as datilógrafas, e, duas horas depois, foram assinados numa cerimônia oficial. Por exigência das repúblicas centro-asiáticas, os líderes dos Estados pós-soviéticos, inclusive a Rússia, a Ucrânia e Belarus, tornaram a assinar a declaração de formação do *Commonwealth*. Agora todos os presentes em Almaty eram membros fundadores da nova comunidade de nações.

A maior parte das decisões foi adotada por iniciativa da delegação russa. Primeiramente, os presidentes aquiesceram em formar duas instituições coordenadoras, sendo elas o Conselho dos Presidentes e o Conselho dos Primeiros-ministros. Também concordaram em abolir todos os ministérios e

instituições soviéticas restantes, questão de suma importância para Iéltzin em sua luta com Gorbatchov. Os participantes aprovaram que a Rússia se declarasse sucessora da União Soviética, o que significava, entre outras coisas, a filiação permanente do país no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O acordo de controle conjunto dos arsenais atômicos harmonizava-se plenamente com o plano apresentado por Iéltzin a Baker dias antes em Moscou, segundo o qual só o presidente da Rússia poderia autorizar o lançamento de armas nucleares, ao passo que os demais presidentes com arsenal atômico seriam consultados, mas não teriam capacidade técnica de ordenar um lançamento. Em julho de 1992, as armas atômicas táticas seriam transferidas da Ucrânia, de Belarus e do Cazaquistão para a Rússia para desmonte. Os líderes das quatro repúblicas nucleares, inclusive Kravtchuk, Nazarbayev e Chuchkevic, endossaram essa solução.⁵¹⁷

A reunião foi tão bem-sucedida porque sua agenda se restringiu a questões acerca das quais todos podiam concordar. As outras foram adiadas para a cúpula seguinte, marcada para 30 de dezembro, em Minsk, capital de Belarus e ainda capital do *Commonwealth*. Kravtchuk, que era o participante mais cético e reservado, assentiu. Concordou em deixar Chapochnikov no comando de todas as Forças Armadas, nucleares e convencionais, até a cúpula seguinte, sem exigir a criação de um exército ucraniano independente. Tampouco se opôs à resolução que tornava a Rússia sucessora jurídica internacional da União Soviética, o que significava a perda da participação de seu país em propriedades soviéticas no exterior.

O acordo de Almaty ofereceu-lhe compensação na forma da liquidação quase imediata da União Soviética como sujeito de direito internacional, o que abria caminho para o reconhecimento da independência da Ucrânia pelos Estados Unidos e por outros países ocidentais que ainda estavam em cima do muro. O ponto mais importante para a delegação ucraniana foi que, apesar da exigência de Gorbatchov, a reunião não criou estruturas supraestatais nem infringiu a soberania do país ao estabelecer uma cidadania conjunta do *Commonwealth*. Ademais, o Conselho de Defesa da comunidade de nações, criado *ad hoc* em Belavezha com o propósito único de nomear Chapochnikov como comandante em chefe e afastá-lo de Gorbatchov, agora estava tacitamente excluído. Mais tarde, Leonid Kravtchuk recordou com satisfação que, na coletiva de imprensa que se seguiu à cúpula, o anfitrião, Nursultan Nazarbayev, “levantou-se e, sem estardalhaço emocional, anunciou sobriamente que nós todos havíamos tomado uma decisão e que a União já não existia, o CEI era um fato e agora cabia-nos

tratar de erigir novas relações”.⁵¹⁸

Sobrevoando o Atlântico numa aeronave americana a caminho de Washington, James Baker recebeu um telefonema da distante Almaty. Nursultan Nazarbayev queria informá-lo sobre o resultado da reunião de cúpula. “O encontro de Alma-Ata terminou”, disse ele ao secretário de Estado. “Onze repúblicas participaram.” Acrescentou que as repúblicas centro-asiáticas haviam ingressado no *Commonwealth*, ao passo que Rússia, Ucrânia, Belarus e Cazaquistão concordaram em manter o controle unificado dos arsenais nucleares. Em breve, as armas atômicas táticas seriam transferidas para a Rússia, e o resto das repúblicas nucleares deixaria de sê-lo até o fim da década.

Baker ficou mais que satisfeito. “Permita-me expressar minha gratidão por seu telefonema e pelo relato tão completo”, disse ele ao presidente cazaque. “É coerente com tudo que o senhor e eu discutimos com os líderes republicanos.” Nazarbayev agradeceu, mas lembrou que sua façanha não tinha sido nada fácil. “O senhor foi extraordinariamente bem”, respondeu o americano, prometendo ao ex-dirigente comunista o pronto reconhecimento da independência de sua república.⁵¹⁹

“O tempo determinará o verdadeiro significado dos acordos assinados em Alma-Ata”, declarou o jornal moscovita *Izvestia*. Se o significado a longo prazo ainda não estava claro para os participantes e observadores, alguém cujo futuro imediato dependia diretamente do resultado da reunião compreendeu-o instantaneamente. No dia seguinte, o assessor de Gorbatchov, Anatoly Tcherniaiev, anotou em seu diário: “Ontem foi o dia do massacre de Alma-Ata. Um momento decisivo, evidentemente, comparável a 25 de outubro de 1917, e com consequências igualmente indeterminadas.” Tcherniaiev se referia à tomada do poder pelos bolcheviques em São Petersburgo setenta anos antes, um acontecimento que mudara o destino de seu país e a história do mundo. Ele e seu chefe, Mikhail Gorbatchov, estavam prestes a entrar na etapa final e provavelmente a mais dramática de suas carreiras políticas.⁵²⁰

⁴⁸⁶ BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, pp. 573-574.

PALAZHCHEKOV, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 355-356.

⁴⁸⁷ CHERNIAEV, Anatólii. Memorando “K besede s Beikerom”, dezembro de 1991. Arquivos da

Fundação Gorbatchov, Fundo 2, nº 19465.1.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh èpokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1037.

- 488 “Vstrecha dvukh prezidentov”. *Rossiiskaia Gazeta*, 18 de dezembro de 1991.
“Rossiiane podderzhivaiut sozdanie SNG”. *Nezavisimaia Gazeta*, 18 de dezembro de 1991.
- 489 Compromissos em 17, 18 e 19 de dezembro de 1991. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 10.
- 490 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 578-581.
- 491 “Nursultan Nazarbaev: Ia pragmatik i budu ottalkivat’sia ot sobytii”. *Rossiiskaia Gazeta*, 10 de dezembro de 1991.
“Prisiaga Nazarbaeva”. *Rossiiskaia Gazeta*, 11 de dezembro de 1991.
“Kazakhstan ob”iavil nezavisimost”. *Izvestia*, 17 de dezembro de 1991.
- 492 “JAB Core Points Used During Trip to Moscow, Bishkek, Alma Ata, Minsk and Kiev, 12/15-18/91”. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 10.
BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 581, 585-586.
“Dzh. Beiker-pervyi gost’ nezavisimogo Kazakhstana”. *Izvestia*, 17 de dezembro de 1991.
- 493 BAKER, James. “The Politics of Diplomacy”. Documentos James A. Baker, Caixa 195, Pasta 5, Cap. 31, 36, pp. 7-8.
- 494 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 580-582. Cf. “Zaiavlenie glav gosudarstv Respublika Kazakhstan, Respublika Kyrgyzstan, Respublika Tadzhikistan, Respublika Turkmenistan, Respublika Uzbekistan”. *Izvestia*, 17 de dezembro de 1991.
- 495 “Godovshchina dekabr’skikh sobytii proshla spokojno”. *Nezavisimaia Gazeta*, 18 de dezembro de 1991.
- 496 BATTALULY, Uak Arken. *Materialy genotsida, organizovannogo N. Nazarbaevym protiv Kazakhskogo naroda v dekabre 1986 goda*. Moscou: s/n, 2000.
KOZHANAZAROV, Khadzhimurat; MATAEVA, Aigul. “Pravda bessmertna”. *Soldat*, 27 de março de 2003.
- 497 BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, p. 538.
- 498 PANNIER, Bruce. “Kazakhstan: The Forgotten Famine”. *Radio Free Europe*, 28 de dezembro de 2007. Disponível em www.rferl.org/content/article/1079304.html.
“Separatizm russkikh regionov v Kazakhstane-vina rukovodstva respublik”. *Nezavisimaia Gazeta*, 11 de dezembro de 1991.
- 499 “Interv’iu prezidenta Kazakhstana”. *Rossiiskaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.

- 500 Soiuz možno bylo sokhranit'. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politique M. S. Gorbacheva po reformirovaniiu i sokhraneniiu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2^a ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 486-487.
- 501 LEVITIN, Leonid. *Uzbekistan na istoricheskom povorote*. Tashkent: Uzbekiston, 2005, pp. 8-12.
- 502 "O pis'me v TsK KPSS rabotnikov prokuratury SSSR tt. Gdliana T. Kh. I Ivanova N. V. ot 11 noiabria 1986 goda". Arquivo Nacional Russo de História Contemporânea. Fundo 89, Conjunto 24, n° 18.
"TsK KPSS. O khode vypolneniia postanovleniia Politbiuro no. P151/3." Arquivo Nacional Russo de História Contemporânea. Fundo 89, Conjunto 24, n° 19.
SOBCHAK, Anatólii. *Khozhdienie vo vlast'. Rasskaz o rozhenii parlamenta*. Moscou: Novosti, 1991, cap. 5.
- 503 "Khlopkovoe delo". Vídeo do YouTube postado por Edglezin, 1º de abril de 2011. Disponível em www.youtube.com/watch?v=sIKYYY3r vo.
WAUGH, Daniel C.. *Tamerlane's Heirs: Perspectives on 1991 and Its Aftermath in Central Asia*. Seattle: Bactrian Press, 2011, p. 27.
"Itogi Ashgabataskoi vstrechi vyzvali vzdokh oblegcheniia v strane". *Izvestia*, 14 de dezembro de 1991.
- 504 WAUGH, Daniel C. *Tamerlane's Heirs: Perspectives on 1991 and Its Aftermath in Central Asia*. Seattle: Bactrian Press, 2011, pp. 26-51.
"Itogi Ashgabataskoi vstrechi vyzvali vzdokh oblegcheniia v strane". *Izvestia*, 14 de dezembro de 1991.
- 505 "Uchastniki vstrechi v Ashgabate gotovy stat chlenami sodruzhestva. No ravnopravnymi". *Izvestia*, 13 de dezembro de 1991.
- 506 "Put' k sodruzhestvu: Minsk-Ashgabat-Alma-Ata". *Izvestia*, 19 de dezembro de 1991.
"Istoriia Sovetskogo Soiuzza zavershaetsia v stolitse Kazakhstana". *Izvestia*, 20 de dezembro de 1991.
"Aiaz Mutalibov tozhe v Alma-Ate". *Nezavisimaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.
- 507 "Gorbachev predlagaet nazvanie: Sodruzhestvo evropeiskikh i aziatskikh gosudarstv-SEAZ". *Izvestia*, 19 de dezembro de 1991.
Soiuz možno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politique M. S. Gorbacheva po reformirovaniiu i sokhraneniiu mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2^a ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 488-492.
- 508 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1037.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 660.
- 509 YELTSIN, Boris. "My perezhili tragicheskii éksperiment". *Rossiiskaia Gazeta*, 19 de dezembro de 1991.
- 510 "Kakie rabochie i predstavitel'nye organy mogut byt' v SNG". *Izvestia*, 19 de dezembro de 1991, p. 2.
"Respublika vernet sebe staryi gerb". *Nezavisimaia Gazeta*, 19 de dezembro de 1991.

- 511 Entrevista do general Konstantyn Morozov ao autor. Kiev, 6 de setembro de 2011.
“Oppozitsiia nakalivaet obstanovku. Leonid Kravtchuk rukovodit gosudarstvom”. *Nezavisimaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.
“Ratifikirovano soglasenie o sodruzhestve nezavisimyykh gosudarstv. Ukraina”. *Izvestia*, 11 de dezembro de 1991.
“Sotsiologicheskii opros na aktual’nuu temu”. *Izvestia*, 12 de dezembro de 1991.
- 512 “JAB Notes from 12/18/91 Mtg. w/Ukraine Pres. Kravchuk at Mariinskiy Palace in Kiev, Ukraine”. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 10.
BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam’s, 1995, pp. 581-583.
- 513 “JAB Notes from 12/18/91 Mtg. w/Supreme Soviet Chairman Shushkevich at the Government Res. Minsk, Belarussia [sic]”. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 10.
“Stanislav Chuchkievitch: obresti suverennost’, no ne raz”ediniat’sai granitsami”. *Rossiiskaia Gazeta*, 10 de dezembro de 1991.
“Belorusskaia delegatsiia ser’eznee drugikh otneslas’ k peregovoram”. *Nezavisimaia Gazeta*, 28 de dezembro de 1991.
“Moldova vstupit v SNG?”. *Nezavisimaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.
- 514 “Stanet li Belovezhskaia pushcha karabakhskoi”. *Rossiiskaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.
KRAVCHENKO, Petr. “Belarus’ na rasput’e Zapiski diplomata i politika”. *Narodnaia volia*, nos 154-157, 30 de setembro de 2006.
“Rossiia priznala nezavisimost’ Moldovy”. *Nezavisimaia Gazeta*, 19 de dezembro de 1991.
- 515 “Shturmuiut politsiuu”. *Nezavisimaia Gazeta*, 10 de dezembro de 1991.
“Snova krov’ v Dubossarakh”. *Izvestia*, 14 de dezembro de 1991.
“Komitet samooborony Nagorno-Karabakhskoi respubliki”. *Izvestia*, 20 de dezembro de 1991.
“Armeniia ukrepiaet granitsy”, *Izvestia*, 20 de dezembro de 1991, p. 2.
“Nezavisimost’ tol’ko togda chego-nibud’ stoit, kogda ona umeet sebja zashchishchat’. Novye ukazy prezidenta Armenii”. *Nezavisimaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.
“Bezopasnost’ ne garantiruetsia”. *Rossiiskaia Gazeta*, 21 de dezembro de 1991.
- 516 SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, pp. 129-130.
- 517 “Istoriia Sovetskogo Soiuza zavershaetsia v stolitse Kazakhstana”. *Izvestia*, 20 de dezembro de 1991, p. 1.
“Prezident sozdaet armiiu. Chem vse-taki komanduet Leonid Kravchuk?”. *Nezavisimaia Gazeta*, 17 de dezembro de 1991.
MOROZOV, Konstantyn P. *Above and Beyond: From Soviet General to Ukrainian State Builder*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2000, pp. 183-193.
KRAVCHUK, Leonid. *Maiemo te, shcho maiemo. Spohady i rozdumy*. Kiev: Stolittia, 2002, p. 145.
- 518 *Soiuz mozhno bylo sokhranit’*. *Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional’nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 493-503.
SHAKHRAI, S. M. (org.). *Raspad SSSR: Dokumenty i fakty (1986-1992 gg.). Normativnye akty. Ofitsial’nye soobshcheniia*. Moscou: Taschenbuch, 2009, pp. 1044-1053.
MOROZOV, Konstantyn P. *Above and Beyond: From Soviet General to Ukrainian State Builder*.

Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2000, pp. 187-188.

PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 359-360.

519 *Soiuz mozhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniu mnogonatsional'nogo gosudarsta*. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 499.

520 Teleconferência com Nursultan Nazarbayev, sábado, 21 de dezembro de 1991, 12h55 EST.

Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush.

BAKER, James A; DeFRANK, Thomas M. *The Politics of Diplomacy: Revolution, War and Peace, 1989-1992*. Nova York: G. P. Putnam's, 1995, p. 585.

CAPÍTULO 18

Natal em Moscou

NA MANHÃ DE segunda-feira, 23 de dezembro, o primeiro dia útil desde seu retorno de Almaty a Moscou, Bóris Iéltzin visitou Mikhail Gorbatchov para concluir a inacabada transmissão do poder. Já não temia por sua segurança como logo depois de Belavezha. Armado da decisão de Almaty sobre a liquidação de todas as instituições da antiga União Soviética e do acordo de todos os líderes republicanos quanto a entrega à Rússia dos bens e direitos jurídicos soviéticos no exterior, Iéltzin não queria senão pôr tudo em ordem e livrar-se de Gorbatchov o mais depressa possível. O acordo inicial a que haviam chegado dias antes estipulava que a transmissão do poder ocorreria na primeira quinzena de janeiro. Em Almaty, os presidentes republicanos concordaram que as propostas de liquidação das instituições soviéticas fossem apresentadas antes de sua reunião seguinte em Minsk, em 30 de dezembro. No entanto, o presidente russo não queria esperar nem até essa data. Aparentemente, ansiava por chegar a Minsk na qualidade de único líder da Rússia, tal como Kravtchuk o era na Ucrânia ou Islam Karimov, cuja eleição presidencial estava marcada para 29 de dezembro, no Usbequistão.

Ele havia discutido o futuro de Gorbatchov com os presidentes republicanos em Almaty, onde todos convieram que o ex-líder soviético devia ser tratado com respeito e autorizado a se afastar com uma aposentadoria correspondente a seu status presidencial. Iéltzin pedira aos presidentes que dividissem com ele a despesa da aposentaria de Gorbatchov. Porém, posteriormente, Alexander Korzhakov, o chefe de sua segurança pessoal, recordou que, muito embora Gorbatchov fosse presidente do conjunto da União Soviética, “todos se esquivaram delicadamente do problema, dando a entender que a Rússia era um país rico e que tinha plenas condições de manter o ex-líder soviético e sua comitiva”. Na coletiva de imprensa em Almaty, Iéltzin declarou que os presidentes haviam decidido não dar a Gorbatchov o tratamento dispensado aos seus predecessores soviéticos, isto é, de inimigo do povo, para depois reabilitá-los: convinha tratá-lo de modo civilizado. “De modo civilizado” era uma

expressão genérica, e, uma vez que o presidente russo foi “encarregado” de Gorbatchov em Almaty, cabia-lhe definir o significado exato de tais palavras.⁵²¹

Quando Iéltzin chegou ao Kremlin em 23 de dezembro, os produtores de televisão soviéticos e americanos que se achavam na cidade pediram aos dois presidentes autorização para filmar suas saudações. Gorbatchov concordou, mas Iéltzin recusou. Não haveria aperto de mãos diante das câmeras. O presidente russo também mostrou quem é que mandava aparecendo nos aposentos de Gorbatchov na última hora e obrigando-o a postergar todos os seus planos daquele dia. Àquela altura, o presidente soviético estava praticamente resignado com sua sina. Já havia dito ao chanceler Helmut Kohl, da Alemanha, que renunciaria ao cargo se a cúpula de Almaty aprovasse o *Commonwealth* em sua forma atual. A carta aberta aos participantes do encontro fora sua última tentativa de influenciar o futuro da dilacerada União Soviética e talvez prolongar sua existência política. Não conseguiu nem uma coisa nem outra.

Com a carta publicada na mídia, Gorbatchov concentrou-se em seu plano B, que era a renúncia. Quando os presidentes republicanos se reuniram no Palácio da Amizade, em Almaty, para iniciar a cúpula, ele chamou ao gabinete seus dois aliados políticos restantes, Alexander Yakovlev e Eduard Shevardnadze, assim como seu assessor e redator de discursos Anatoly Tcherniaiev. Pediu-lhes ajuda para editar o discurso de renúncia, e eles passaram duas horas elaborando o texto. Era o último discurso que redigiam para Gorbatchov. “Nós ficamos absortos na edição”, escreveu Tcherniaiev em seu diário, “como se (...) estivéssemos preparando mais uma alocução para o Soviete Supremo ou coisa que o valha. Discutindo as palavras, parecíamos ter esquecido que estávamos escrevendo um obituário.”⁵²²

Quando Iéltzin chegou inesperadamente na manhã de 23 de dezembro, Gorbatchov se preparava para gravar sua última fala para os cidadãos da inexistente União Soviética. A gravação teve de ser cancelada. O encontro se iniciou no Salão de Nogueira do antigo politburo, somente com a presença de Gorbatchov e Iéltzin, mas, passado algum tempo, os dois presidentes convocaram os chefes das duas administrações presidenciais para que tomassem conhecimento dos acordos a que haviam chegado. As negociações não foram agradáveis nem fáceis. Segundo diversos relatos, duraram de seis a oito horas. Iéltzin e Gorbatchov finalmente chegaram a um acordo sobre o cronograma da

transmissão de poder. Gorbatchov faria seu discurso de renúncia dali a dois dias, na noite de 25 de dezembro, e depois assinaria decretos renunciando aos cargos de presidente da União Soviética e comandante em chefe de suas Forças Armadas. A seguir, Iéltzin e Chapochnikov o visitariam para que ele lhes entregasse a maleta nuclear. Os assessores do ex-presidente deviam desocupar seus escritórios até 29 de dezembro. No último dia do ano, a bandeira vermelha soviética seria arriada pela última vez na torre do Kremlin. A sede do governo iniciaria o ano seguinte com uma nova bandeira e um novo senhor.

Na sequência da reunião, Gorbatchov mandou chamar Alexander Yakovlev para facilitar as negociações. Um dos pais intelectuais da *perestroika*, ele tinha sido abandonado pelo presidente soviético no verão de 1990 numa tentativa de apaziguar os linhas-duras na liderança do país. Posteriormente, foi expulso do politburo e, a seguir, do partido. Voltou a trabalhar para Gorbatchov após o fracassado golpe de agosto, durante o qual declarou apoio a Iéltzin. Tanto Gorbatchov quanto Iéltzin confiavam em Yakovlev, coisa que o tornava o intermediário ideal numa das discussões mais delicadas entre os dois rivais. Posteriormente, Yakovlev recordou que ambos se comportaram com dignidade e que o tom da reunião foi “sério e mutuamente respeitoso”. Também acrescentou um qualificador: “Às vezes discutiam, mas sem irritação.”

Com sua ajuda, os dois presidentes acordaram um cessar-fogo político. Gorbatchov não criticaria Iéltzin durante os meses mais difíceis da iminente reforma econômica. Iéltzin permitir-lhe-ia criar e dirigir uma fundação própria, supostamente destinada a promover a pesquisa de questões sociais, políticas e econômicas, mas que ficaria fora do cenário político propriamente. Nos dias anteriores ao encontro, Gorbatchov tinha imaginado algo como uma corporação RAND, financiada por fundações ocidentais, que cooperaria com os *think tanks* do Ocidente. Convidou Tcherniaiev e seus outros assessores e aliados, inclusive Yakovlev, a trabalhar para a nova fundação. Embora todos tivessem suas dúvidas, Yakovlev o ajudou a negociar um trato com o presidente russo, segundo o qual Iéltzin entregaria à futura fundação um complexo de prédios administrados, antes do *putsch*, pelo comitê central do Partido Comunista e usados como local de treinamento de quadros comunistas estrangeiros. Abrangia salas de aula, cantinas, ginásios e um hotel. “Àquela altura, Iéltzin obviamente não tinha a menor ideia das verdadeiras dimensões do complexo”, lembrou seu chefe de segurança e confidente Alexander Korzhakov.⁵²³

O encontro também incluiu a transferência do arquivo presidencial. Na presença de Yakovlev, Gorbatchov entregou ao novo senhor do Kremlin o

conteúdo de seus cofres, inclusive documentos secretos que passavam de um chefe do partido e de Estado a outro desde Joseph Stalin. Entre eles estava o mapa que acompanhou os protocolos secretos do Pacto Molotov-Ribbentrop, assinado em 1939, e o material da investigação interna do massacre de dezenas de milhares de prisioneiros de guerra poloneses, na floresta de Katyn, pelas tropas da NKVD na primavera de 1940. Gorbatchov havia declarado publicamente que, nos arquivos soviéticos, não havia documentos acerca do destino dos oficiais poloneses, mas o material havia estado o tempo inteiro em seu cofre. Havia outros documentos não menos delicados, inclusive relatórios da KGB sobre Lee Harvey Oswald e o assassinato do presidente John F. Kennedy, os quais mostravam que a KGB nada tivera a ver com o atentado.

Mais tarde, Iéltzin afirmou que se recusou a pegar os documentos e, assim, continuar com a conspiração para esconder a roupa suja do partido. “Aqueles eram questões de política externa, cada uma mais sórdida que a outra”, confidenciou ele ao ex-ministro soviético das Relações Exteriores, Bóris Pankin. “Eu disse: ‘Parem. Por favor! Entregue esses papéis aos Arquivos, e eles que o mandem assiná-los. Eu não pretendo ser considerado responsável por eles. Por que me encarregaria de todos esses assuntos? Você não é mais o secretário-geral, ao passo que eu nunca fui e nunca serei.’” Foi uma tentativa de romper totalmente com o passado. De fato, os assessores de Iéltzin que recolheram as pastas após a reunião trataram de devolvê-las aos arquivos. Pelo menos a maior parte delas, pois posteriormente Alexander Korzhakov escreveu que Iéltzin guardou alguns documentos em seu cofre pessoal. A ruptura com o passado não foi tão total quanto pareceu à primeira vista.⁵²⁴

Faltava tratar da questão da aposentadoria de Gorbatchov. Os negociadores achavam justo que se aposentasse com seu salário de 4 mil rublos, o qual, embora altíssimo para os padrões soviéticos, correspondia a meros 40 dólares à taxa de câmbio do mercado negro da época. Também deram ao ex-líder uma casa de campo situada num terreno arborizado de dezesseis hectares nas cercanias de Moscou, um apartamento um pouco menor que o ocupado por ele na época, dois carros e um *staff* de vinte membros, entre os quais cozinheiros, garçons, zeladores e guarda-costas. Iéltzin também permitiu que algumas pessoas do círculo de Gorbatchov, inclusive o ex-primeiro-ministro russo Ivan Silaiev, adquirissem suas *datchas* estatais com um desconto significativo. Uma coisa que não prometeu a Gorbatchov foi imunidade a perseguição. Dois dias depois, ele disse à mídia que, caso Gorbatchov se sentisse culpado por alguma coisa, a hora de confessar era aquela.

No fim do encontro, evidentemente exausto, Gorbatchov recolheu-se numa sala particular atrás de seu gabinete. “Deus queira que ninguém se veja na situação dele”, disse Yakovlev a Iéltzin. Os dois ficaram ali por mais uma hora. Como recordou Yakovlev mais tarde, “bebemos e tivemos uma conversa franca”. Quando procurou o presidente soviético em sua sala particular, encontrou-o arrasado. “Viu-o deitado no sofá, com lágrimas nos olhos”, recordou. “Está vendo, Sach? Pois é isso”, disse ele, chamando-o pelo apelido. “Eu o consolei da melhor maneira que pude”, escreveu Yakovlev posteriormente. “Mas também estava com a garganta apertada. Fui vencido pelas lágrimas de pena. Fiquei sufocado pelo sentimento de que acontecera uma injustiça. Um homem que ainda ontem tinha sido o tsar de mudanças cardeais no mundo e em seu país, que decidia o destino de bilhões de pessoas na Terra, agora era a vítima desamparada do último capricho da história.” Gorbatchov pediu água. Queria ficar a sós. Yakovlev saiu da sala.⁵²⁵

Iéltzin se retirou dos aposentos de Gorbatchov com mais autoconfiança que nunca. Yakovlev observou-o “pisar com firmeza no assoalho como se estivesse desfilando numa praça”. E escreveu em suas memórias: “Era a marcha de um conquistador.” Ao voltar ao seu gabinete com os documentos secretos do arquivo de Gorbatchov trazidos por seus assessores, o presidente russo telefonou para George Bush. Queria relatar o resultado da cúpula de Almaty e a transferência do poder que realizara.

“Alô, Bóris, feliz Natal”, ouviu o presidente americano dizer no outro lado da linha. Retribuiu a Bush a saudação natalina e se pôs a falar de negócios. A notícia do comando nuclear unificado e a promessa da Ucrânia, de Belarus e do Cazaquistão de se tornarem Estados não atômicos foram as peças centrais de sua apresentação da cúpula de Almaty. Também informou sobre o pacote de aposentadoria de Gorbatchov. “Ele ficou satisfeito”, disse. “Como combinamos com você, nós estamos tentando mostrar respeito por ele. Repito que ficou satisfeito, e eu já assinei o decreto referente a todas essas coisas.”

A seguir, abordou a questão do controle do botão nuclear. “Quando Gorbatchov anunciar sua renúncia no dia 25 de dezembro, o controle nuclear passará para o presidente da Rússia na presença de Chapochnikov. Não haverá um segundo de intervalo no controle do botão.” Bush agradeceu.

Depois de dar as notícias que sabia que o presidente americano gostaria de ouvir, Iéltzin aproveitou a oportunidade para pressioná-lo para que reconhecesse rapidamente seu país e propiciasse a transferência para a Rússia do assento soviético no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Também queria

acelerar o fornecimento de ajuda humanitária americana. Bush prometeu se ocupar das três questões e concordou a princípio com a proposta russa de uma cúpula bilateral. Iéltzin havia concluído seu golpe de Estado. Em tudo, menos no nome, agora era o único senhor do Kremlin.⁵²⁶

No Natal de 1991, oficialmente seu último dia no cargo, Gorbatchov pretendia seguir o roteiro combinado com Iéltzin dois dias antes. Às dezenove horas, faria o discurso de despedida, assinaria os decretos de renúncia e, por fim, transferiria os códigos nucleares.

A escolha do dia de Natal para sua fala de despedida foi um tanto accidental. Quando a visita inesperada de Iéltzin, em 23 de dezembro, frustrou-lhe o plano de gravar o discurso de renúncia, o presidente soviético propôs ao chefe da Administração da Televisão e do Rádio da União Soviética, Iêgor Yakovlev, fazer uma transmissão ao vivo. Queria acabar com aquilo o mais depressa possível e sugeriu o dia seguinte, mas Yakovlev o aconselhou a aguardar mais um dia. Disse que a véspera de Natal era a parte mais importante do feriado, e ele queria que os telespectadores comemorassem a data em paz.

Os telespectadores a que se referia estavam no exterior. O Natal ortodoxo, que seria comemorado treze dias depois, conforme o calendário juliano, aconteceria em 7 de janeiro. Iêgor Yakovlev tinha bons motivos para se preocupar com os telespectadores ocidentais e esquecer o público interno. Apesar do título que ostentava, ele já não tinha o controle da indústria televisiva soviética, e agora seu reino era governado pela gente de Iéltzin. As únicas equipes que pôde providenciar para gravar nos últimos dias do governo de Gorbatchov eram americanas. “Se, naqueles derradeiros dias, Iêgor Yakovlev não tivesse conseguido chamar a ABC, que estava literalmente vivendo nos corredores, filmando tudo que acontecia (...) M[ikhail] S[ergueievitch] teria ficado num bloqueio informativo até seu último dia no Kremlin”, anotou Anatoly Tcherniaiev em seu diário. A equipe da ABC que Yakovlev tinha em mente era chefiada por uma lenda da televisão americana, Ted Koppel. À parte Koppel e sua equipe da emissora ABC, havia a CNN, que obtivera direitos exclusivos de transmitir o discurso de renúncia de Gorbatchov fora da União Soviética. A equipe da CNN era chefiada por seu então presidente Tom Johnson.⁵²⁷

Trabalhar com produtores e câmeras americanos não era fácil para os funcionários soviéticos, pois envolvia barreiras tanto linguísticas quanto culturais. Gorbatchov e seu *staff* acreditavam que a véspera de Natal, não o dia de Natal, era o feriado mais importante no Ocidente. Essa convicção provinha da

própria tradição cristã oriental, pois na Rússia, na Ucrânia, em Belarus e em outros países historicamente ortodoxos da região, a principal comemoração do feriado era a ceia da véspera do Natal. Então, surgiu outra complicação: para surpresa dos funcionários, nem todos no Ocidente celebravam o Natal.

Na manhã de 25 de dezembro, quando um simpático funcionário do Kremlin aproximou-se de Koppel e de seu produtor da ABC, Rick Kaplan, desejando-lhes feliz Natal, este, que era judeu, respondeu: “Para mim, você deve dizer ‘feliz Hanucá’.” O funcionário ficou confuso; nunca tinha ouvido essa palavra. “Por que eu diria feliz Honecker?”, perguntou, pensando no líder comunista da Alemanha Oriental, Erich Honecker, cujo nome figurava em toda a imprensa soviética, uma vez que ele estava procurando evitar a extradição do que restava da União Soviética para a Alemanha agora reunificada. Os americanos acharam graça. Não, Kaplan não falara em Honecker. Ele se referia a um feriado judaico praticamente desconhecido na Rússia.⁵²⁸

Os assessores de Gorbatchov perceberam que tinham escolhido a data errada para o discurso de renúncia quando tentaram fazer a última ligação de seu chefe, na qualidade de presidente da União Soviética, para George Bush, que estava em Camp David. A embaixada americana em Moscou estava fechada devido ao feriado, e o Ministério das Relações Exteriores soviético já se achava nas mãos de Iéltzin. Pavel Palazhtchenko, o intérprete de Gorbatchov, conseguiu se comunicar com a mesa de operações usando uma linha telefônica regular. Marcou o telefonema para as dez horas, quando seriam cinco horas da tarde na capital soviética, apenas duas horas antes do discurso de renúncia do presidente soviético. A ligação se completou pouco depois que George e Barbara Bush, juntamente com os filhos e netos, terminaram de trocar os presentes de Natal.

“Feliz Natal a você, a Barbara e à sua família”, começou Gorbatchov. “Eu estive pensando em quando fazer minha declaração, na terça-feira ou hoje. Finalmente decidi fazê-la hoje, no fim do dia.” Anatoly Tcherniaiev, que esteve presente durante a conversa e contente porque o presidente americano concordara em receber a ligação no dia de Natal, também se alegrou com o tom da conversa. Registrou suas impressões no diário: “M[ikhail] S[ergueievitch] conversou de modo quase familiar (...) ‘Estilo russo’ (...) ‘como amigos’. (...) Mas Bush também ‘saiu’ de sua reserva pela primeira vez, proferindo muitas palavras elogiosas.” Segundo a transcrição americana da conversa, Bush recordou uma das visitas de Gorbatchov a Camp David: “O jogo de arremessar ferraduras em que você acertou aquele *ringer* continua em ótimas condições”, disse ele. “Nossa amizade continua forte como sempre e assim ficará com o

desdobrar dos acontecimentos. Não há dúvida quanto a isso.”⁵²⁹

Também houve a parte séria do telefonema, quando os dois presidentes discutiram a transferência do controle das forças nucleares soviéticas para Iéltzin. Posteriormente, Bush se surpreenderia ao saber que Gorbatchov autorizara Ted Koppel e a equipe da ABC a filmar toda a conversa do lado de Moscou. A presença de equipes de televisão no gabinete do presidente soviético pareceu estranha não só ao americano, como também ao próprio assessor de Gorbatchov, Pavel Palazhtchenko, que depois escreveu em suas memórias:

Parecia um pouco irreal. Enquanto o presidente dava os retoques finais no texto do discurso e no decreto que entregava a Iéltzin o controle das armas atômicas soviéticas, técnicos de televisão americanos iam de um lado para outro, ocupadíssimos, checando seus cabos e microfones. Um ano antes, quem imaginaria que isso – tudo isso – seria possível?⁵³⁰

Havia certo simbolismo na presença de americanos nas duas extremidades da linha. Com o telefonema para Bush, Gorbatchov reconheceu efetivamente que os Estados Unidos eram a única superpotência restante na face da Terra. Ironicamente, também foram os americanos que lhe deram a caneta para assinar os decretos de renúncia. Quando se preparava para fazê-lo, ele descobriu que sua caneta não estava funcionando bem. Tom Johnson, o presidente da CNN, que havia levado sua equipe ao Kremlin, ofereceu sua esferográfica Mont Blanc, presente que sua esposa lhe dera nas bodas de prata. Gorbatchov hesitou. “É americana?”, perguntou. “Não, senhor, é francesa ou alemã”, foi a resposta. O líder soviético assinou os decretos com uma caneta produzida por uma empresa alemã fundada em Hamburgo ainda antes da Primeira Guerra Mundial. Como para sublinhar o novo poder dos Estados Unidos, havia sido entregue a um político soviético por um empresário americano.⁵³¹

O discurso de renúncia de Gorbatchov, que começou às dezenove horas, horário de Moscou, como planejado, foi sua primeira alocução transmitida ao vivo tanto para o público soviético quanto para o mundo em geral. A transmissão soviética foi executada pela televisão estatal, que finalmente mostrou certo interesse por Gorbatchov, enquanto a transmissão internacional foi feita pela CNN. Andrei Grachev, secretário de imprensa do líder soviético, recordou depois que a voz de seu chefe estava quase trêmula quando iniciou a fala, mas Gorbatchov logo recuperou o autocontrole. Tcherniaiev ficou satisfeito com seu desempenho. “Ele estava calmo”, anotou em seu diário. “Não hesitou em consultar o texto, e tudo deu certo desde o começo.”

O assessor tinha motivos especiais para se alegrar com o desempenho de Gorbatchov, pois grande parte do texto que este não hesitou em consultar tinha sido escrita por ele próprio. Outra versão, redigida por Alexander Yakovlev, a qual Tcherniaiev achou repleta de rancor e autocomiseração, tinha sido rejeitada. Ela incluía as seguintes frases: “E que isso permaneça na consciência daqueles que agora atiram pedras em mim e se permitem entregar-se à vulgaridade e aos insultos. As pessoas decentes se lembrarão, espero, de onde elas deviam estar se tudo tivesse continuado como antes.” Gorbatchov também rejeitou uma versão escrita por seu secretário de imprensa, Andrei Grachev, que criticava os presidentes das repúblicas rebeldes e afirmava que, sem um centro, seria praticamente impossível uma cooperação entre as repúblicas não russas e a Rússia: “Uma união política igual, por exemplo, entre a pequena Moldávia e a gigantesca Rússia é impossível a princípio. A óbvia vantagem econômica da Rússia é uma base para seu iminente imperialismo.” Grachev propôs que Gorbatchov usasse o discurso para atropelar os presidentes das repúblicas recém-independentes e apelar para o apoio popular à reforma do Estado federal.

Gorbatchov havia tentado, notoriamente, evitar um confronto direto com Iéltzin. Não obstante, Tcherniaiev orgulhou-se de ter conseguido restaurar, na versão final do discurso, algumas de suas partes mais ousadas. Entre elas se achava a afirmação de que a União Soviética não devia ser dissolvida sem um referendo, frase que todos sabiam que enfureceria Iéltzin e que Gorbatchov inicialmente riscara durante o processo de edição. O que Tcherniaiev depois ouviu em seu próprio círculo convenceu-o de que agira corretamente. As pessoas mais próximas dele diziam que o discurso era a própria alma “da dignidade e da nobreza”. Alexander Yakovlev, cuja versão para o discurso Gorbatchov havia rejeitado, tinha outra opinião: “Essa é a ilusão típica de uma pessoa desprovida de autoanálise”, comentou ele posteriormente. “Ele não saiu do beco sem saída em que se meteu, magoado com o mundo inteiro.”

“Queridos compatriotas e caros cidadãos!”, começava o discurso. “Em face da situação surgida com a formação do *Commonwealth* de Estados Independentes, eu encerro minha atividade no cargo de presidente da União Soviética. Tomo essa decisão por motivos ligados a princípios.” Ninguém sabia como conciliar a renúncia por causa do fim da União e o abandono do cargo de presidente com razões ligadas a princípios. Não menos confusas eram as frases subsequentes: “Eu defendi com firmeza a independência, a liberdade dos povos e a soberania das repúblicas, mas, ao mesmo tempo, defendi a manutenção do Estado da União e da integridade do país.” Como fora possível defender simultaneamente a

liberdade, a soberania e até a independência das repúblicas e a unidade do Estado que tentava impedi-las de adquirir tais soberania e independência era algo que estava, provavelmente, além do alcance intelectual do público telespectador. Juntamente com Tcherniaiev, Gorbatchov ficou preso na retórica política dos últimos anos da União Soviética, nos quais se entendia “soberania” como algo diferente de “independência” e nenhuma dessas palavras significava para a classe política soviética o mesmo que significava para o resto do mundo.

Gorbatchov falou com muito mais coerência nas realizações de seu governo, apontando o fim da Guerra Fria, o desmantelamento do sistema totalitário, a democratização da política soviética e a abertura do país para o mundo. Porém, poucos cidadãos se dispunham a lhe dar crédito. Muitos já não suportavam sequer ouvir-lhe a voz, pois seus discursos infundáveis, durante os anos em que esteve no poder, vinham acompanhados de declínios constantes do nível de vida da população. Alguns tinham pena dele, mas ninguém queria que ficasse. Para Tcherniaiev, Gorbatchov parecia uma figura trágica. E era de fato. Visionário e homem de grandes realizações, mudou o mundo e seu país para melhor com seus atos, mas não soube mudar a si próprio. Essencialmente democrata, nunca enfrentou uma eleição popular e ficou mais tempo que devia à frente de um país que se esfacelava sob seus pés.⁵³²

Terminado o discurso, a única coisa que lhe restava fazer era transferir a mala nuclear para Iéltzin. O presidente russo iria ao seu gabinete acompanhado do marechal Chapochnikov e dos oficiais responsáveis pela mala nuclear, a fim de concluir a transferência. Quando, após uma breve entrevista à CNN, Gorbatchov voltou ao seu gabinete, Chapochnikov o aguardava na antessala, mas não havia sinal de Iéltzin. A razão era que o presidente russo havia telefonado para o marechal, quando ele estava escutando o discurso de renúncia, e dito que não iria ao gabinete de Gorbatchov. Chapochnikov que cuidasse da transferência sozinho.

Iéltzin ficara indignado com o conteúdo do discurso, que não fazia a menor referência à transmissão do poder a ele e creditava todo o desenvolvimento democrático da União Soviética exclusivamente ao próprio Gorbatchov. Depois de escutar a fala durante algum tempo, desligou a televisão, enfurecido. No que lhe dizia respeito, a trégua firmada dois dias antes havia expirado. Não via motivo para fazer algo que, para começar, ele sequer queria fazer: ir ao encontro de Gorbatchov na qualidade de presidente da União Soviética. Após as negociações de 23 de dezembro, ele dissera aos assessores que nunca mais o visitaria em seu gabinete. Agora Gorbatchov parecia ter dado uma desculpa para

que o presidente russo se furtasse a uma derradeira demonstração de deferência.

Iéltzin ofereceu-se para um encontro com Gorbatchov no “território neutro” do Salão de Santa Catarina. Tratava-se simplesmente de quem teria de ir até quem. Gorbatchov, que seus assessores encontraram ruborizado e agitado após a conversa com Chapochnikov, recusou-se a ir ao salão usado para receber delegações estrangeiras. Não cederia a Iéltzin, e, ademais, para ele, a União Soviética e a Rússia não eram Estados estrangeiros. Chapochnikov enfim deu um jeito para que Gorbatchov e Iéltzin transferissem os códigos atômicos sem um encontro formal. A cerimônia realizou-se num corredor do Kremlin, com um grupo de oficiais e funcionários entregando os códigos e outro grupo recebendo a mala nuclear. Eles se cumprimentaram na presença da equipe da CNN, cujas câmeras já estavam prontas.

Agora que já tinha infringido um acordo com Gorbatchov, Iéltzin resolveu descumprir outro, e ordenou o arriamento imediato da bandeira vermelha soviética que tremulava sobre a cúpula do prédio do Senado no Kremlin, inicialmente agendado para 31 de dezembro. O discurso de renúncia terminou às 19h12. Menos de meia hora depois, a bandeira desceu. Gorbatchov ficou horrorizado. “Logo nos primeiros minutos fora do cargo, deparei-me com insolência e falta de cortesia”, escreveu em suas memórias. Ele queria guardar a lembrança da bandeira soviética sendo retirada do mastro do prédio do Senado, mas não pôde. O estandarte vermelho foi arriado por guardas do Kremlin que já não obedeciam às suas ordens. E, depois de 74 anos de regime soviético, o estandarte era substituído pela bandeira vermelha, branca e azul da Rússia. O *Commonwealth* não tinha bandeira própria, e, se adotasse uma, seria hasteada em Minsk, não em Moscou.⁵³³

Uma vez concluído o ato oficial de transmissão dos códigos nucleares, Gorbatchov e seus assessores mais íntimos, inclusive Tcherniaiev, Alexander Yakovlev e Iêgor Yakovlev, brindaram com conhaque. Depois mudaram o que estava se transformando numa festa *ad hoc* no gabinete do ex-presidente soviético para o Salão de Nogueira, no qual a eles se juntou o secretário de imprensa Andrei Grachev. Como este recordaria posteriormente, o ex-presidente “teve seu último jantar de despedida no Salão de Nogueira em companhia de apenas cinco membros de seu ‘círculo mais próximo, sem receber um único telefonema que exprimisse, se não o agradecimento, pelo menos o apoio ou a simpatia dos políticos da nova Rússia ou dos Estados doravante independentes do CEI, que tudo lhe deviam”. Nos dias anteriores, os únicos líderes que ligaram para Gorbatchov, a fim de desejar felicidade na vida distante do gabinete

presidencial, foram ocidentais: o chanceler Helmut Kohl da Alemanha agora unificada, o primeiro-ministro John Major da Grã-Bretanha e, meia hora antes de seu discurso de renúncia, Hans-Dietrich Genscher, o ministro alemão das Relações Exteriores.

Em suas memórias, Mikhail Gorbatchov imprimiria um ar mais positivo ao seu último jantar no Kremlin: “Ali estavam os amigos e colegas mais íntimos que comigo compartilharam todas as grandes pressões e o drama dos últimos meses na Presidência.” O que certamente unia aqueles que beberam conhaque e comeram frios na antiga sala de reunião do politburo no último dia da presidência de Gorbatchov era a fé na *perestroika* e as mudanças revolucionárias que todos eles ajudaram Gorbatchov a implementar na sociedade. Mais tarde, Andrei Grachev classificou como solene, e ao mesmo tempo triste, o estado de ânimo à mesa do politburo: “Havia certo sentimento de uma realização grandiosa. Uma espécie de sentimento de participação de cada um.” Eles saíram do Kremlin depois de meia-noite, olhando para o futuro com certa esperança, mas sobretudo com preocupação. Gorbatchov pediu a Tcherniaiev que orientasse a pessoa responsável na indústria editorial alemã para que não transferisse a Moscou o pagamento dos direitos da tradução alemã de seu livro sobre o golpe de agosto. Ninguém sabia o que os aguardava nos dias subsequentes.⁵³⁴

Quando Gorbatchov e seus assessores saíram do Kremlin nas primeiras horas de 26 de dezembro, ainda era Natal em Washington. George Bush, que havia recebido um telefonema do líder soviético naquela manhã na casa de campo de Camp David, viajou a Washington a fim de falar à nação em um discurso no Salão Oval. A transmissão ao vivo estava marcada para 21 horas, ou seja, no começo da manhã de 26 de dezembro em Moscou. As principais redes de televisão cancelaram ou reagendaram às pressas alguns programas para transmitir o que muitos esperavam que fosse um anúncio histórico.⁵³⁵

Embora todos previssem a renúncia de Gorbatchov, que parecia inevitável depois da cúpula de Almaty, ninguém sabia ao certo quando ocorreria. Em 23 de dezembro, quando Iéltzin fez sua visita surpresa a Gorbatchov para organizar a transmissão do poder, Ed Hewett, o especialista em União Soviética do Conselho de Segurança Nacional, e seu assistente, Nicholas Burns, estavam dando os retoques finais na minuta de uma declaração que o presidente Bush faria em reação à iminente renúncia do presidente soviético. Hewett, Burns e outros no governo queriam que Bush fizesse um discurso explicando à nação o significado do colapso soviético, porém Bush resistiu. Burns acreditava que ele

não queria dificultar ainda mais as coisas para Gorbatchov. Posteriormente, o general Brent Scowcroft comunicou que não haveria discurso, e Hewett e Burns trataram de preparar uma declaração destinada a prestar tributo à contribuição de Gorbatchov para a história e ao seu papel no fim pacífico da Guerra Fria.

A declaração final elogiava o presidente soviético pela “transformação revolucionária de uma ditadura totalitária e a libertação de seu povo do abraço asfixiante daquela ditadura”. Também prestava tributo ao papel de Gorbatchov em assuntos internacionais. Ele tinha “agido corajosa e decididamente para pôr fim às irreconciliáveis divisões da Guerra Fria e havia contribuído para a restauração de uma Europa íntegra e livre”. Como exemplos da cooperação americano-soviética nas questões mundiais, a declaração ressaltava a Guerra do Golfo, os acordos de paz na Nicarágua e na Namíbia e o progresso nas conversações entre Israel e Palestina. “Nesse momento em que ele deixa o cargo”, dizia o texto preparado para Bush, “quero expressar publicamente e em nome do povo americano minha gratidão pelos anos de compromisso permanente com a paz mundial e meu respeito pessoal por seu intelecto, visão e coragem”.⁵³⁶

Às catorze horas de 23 de dezembro, Burns enviou o texto a Dennis Ross e Tom Niles, do Departamento de Estado, pedindo-lhes comentários. “O presidente deseja divulgar uma declaração no dia em que Gorbatchov renunciar”, dizia a nota na capa. A minuta não suscitou perguntas nem objeções do Departamento de Estado ou de ninguém mais. Ed Hewett e Nicholas Burns podiam esperar uma véspera e um dia de Natal sossegados. Porém, na véspera de Natal, George Bush, que já estava em Camp David, transtornou seus planos para o feriado organizando uma teleconferência com seus conselheiros, entre os quais James Baker, Brent Scowcroft, o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, e o pesquisador de opinião Robert Teeter – num sinal da iminente campanha presidencial –, para discutirem a reação do governo à esperada renúncia de Gorbatchov. Eles aprovaram a declaração preparada por Hewett e Burns, mas Scowcroft sentiu que a renúncia de Gorbatchov, que as últimas notícias de Moscou sugeriam que aconteceria no Natal, era “por demais importante para ser respondida com uma declaração do escritório de Marlin”. Em sua opinião, o presidente devia fazer um discurso televisionado para a nação. Bush finalmente concordou.

Então, surgiu a questão do texto da fala presidencial. Teeter, que estava pensando no impacto que tal fala teria sobre a opinião pública e tinha gostado da minuta preparada por Hewett e Burns, encontrou a solução: “Mande os dois

caras que escreveram a declaração transformarem-na num discurso.” Scowcroft e Fitzwater localizaram Hewett e Burns em casa e deram a notícia: “Feliz Natal! Precisamos de um discurso para amanhã, às nove.” Burns tinha apenas um compromisso antes de escrever o novo texto. Ele e a família – a esposa, Elizabeth, e as três filhas pequenas, Sarah, de 8 anos, Elizabeth, de 5, e Caroline, de 1 ano e meio – estavam prontos para comemorar a véspera de Natal. Tinham a tradição de deixar leite e biscoitos do lado de fora para o Papai Noel. Assim que fizeram isso, Burns saiu e foi para a Casa Branca, a fim de trabalhar no discurso que ele queria que o presidente fizesse e que a nação ouvisse.

Hewett e Burns trabalharam no esboço da alocução até três horas da madrugada do dia de Natal. “Receio que, naquela noite, os últimos estertores do comunismo me tenham obrigado a trabalhar no discurso do presidente não só na véspera de Natal, como no próprio Natal”, escreveu Burns alguns dias depois a um conhecido. “Não foi nada agradável para Libby e as meninas, mas vou tentar compensá-las por isso!” O telefone começou a tocar em sua casa pouco depois das oito horas da manhã de 25 de dezembro. Eram ligações do *staff* em Camp David sobre revisões do discurso e revisões das revisões. Burns acabou encaixando-as e editando o texto final, ocupando-se dele durante o resto do dia. Também tomou notas do telefonema de Gorbatchov para Bush naquela manhã. Todos no governo americano, cujo Natal havia sido arruinado pela súbita renúncia de Gorbatchov, acharam difícil acreditar na ideia de que o líder soviético, na realidade, havia escolhido aquela data porque queria que os americanos passassem a véspera de Natal em paz.⁵³⁷

Às 21h01 do dia de Natal, George Bush fez sua fala à nação, que durou sete minutos:

Boa noite e feliz Natal a todos os americanos em nosso grande país. Nos últimos meses, vocês e eu testemunhamos um dos maiores dramas do século XX, acompanhando a transformação histórica e revolucionária da ditadura totalitária da União Soviética e a libertação de seus povos. Durante mais de quarenta anos, os Estados Unidos lideraram o Ocidente na luta contra o comunismo e a ameaça que ele representava aos nossos valores mais preciosos. Essa luta mudou a vida de todos os americanos. Obrigou todas as nações a viverem sob o espectro da destruição nuclear. Agora esse confronto acabou. A ameaça atômica, ainda que longe de ter desaparecido, retrocede. A Europa Oriental está livre. A própria União Soviética deixou de existir. Essa é uma vitória da democracia e da liberdade. É uma vitória da força moral dos nossos valores.⁵³⁸

Posto que boa parte da declaração de Bush acerca da renúncia de Gorbatchov, divulgada no mesmo dia, tenha sido incorporada ao discurso televisivo, sua

interpretação do significado dos fatos era bem diferente. Aliás, dificilmente a mudança de interpretação poderia ser mais profunda. Na primeira declaração, o fim da Guerra Fria era apresentado como um esforço conjunto envidado com a participação ativa de Gorbatchov. No discurso televisivo, sua renúncia é que anunciava o fim da Guerra Fria, que se verificara através da vitória dos Estados Unidos. O aliado que ajudara a dar fim à Guerra Fria transformava-se no inimigo derrotado. Até as últimas semanas da existência da União Soviética, Bush havia resistido à sua desintegração e tentado manter Gorbatchov no poder a qualquer preço, mas, agora que este havia renunciado, o presidente americano e sua equipe mostravam-se dispostos a se creditar a perda de um parceiro menor na moldagem do mundo pós-Guerra Fria, algo que haviam trabalhado arduamente para evitar. Uma das razões dessa reviravolta foi a oscilante campanha presidencial de Bush. Outra foi a atmosfera de júbilo entre seus assessores.

Mais tarde, Nicholas Burns recordou que ele e Ed Hewett haviam recebido apenas diretrizes genéricas no tocante ao conteúdo do discurso, que foi composto sobretudo por uma representação daquele que ambos sabiam ser o sentimento da liderança americana à medida que a União Soviética se desintegrava e seu próprio sentimento em relação ao colapso soviético. Burns lembrou que:

Nós sentimos um grande entusiasmo, sentimo-nos bem, ficamos aliviados e felicíssimos com duas coisas: tínhamos evitado a Terceira Guerra Mundial, que seria uma catástrofe, e nossos valores democráticos haviam triunfado na Europa; triunfara o compromisso dos Estados Unidos com a Europa. Não havia amor perdido pela União Soviética. Apesar das boas relações pessoais com Gorbatchov e Shevardnadze, muitos a encaravam como o “império do mal”, nas palavras de Reagan. E foi por isso que o discurso que Ed e eu redigimos naquela noite procurava exprimir o triunfo da democracia e o triunfo dos Estados Unidos e dos povos europeus sobre o comunismo.⁵³⁹

O presidente aproveitou a ocasião do discurso de Natal para declarar o reconhecimento de todos os Estados recém-independentes que nasceram das ruínas da União Soviética. “Os Estados Unidos reconhecem e dão as boas-vindas ao surgimento de uma Rússia livre, independente e democrática, liderada pelo corajoso presidente Bóris Iéltzin”, anunciou ele. A Rússia recebeu não apenas o reconhecimento e a promessa de estabelecimento imediato de relações diplomáticas, como apoio para herdar o assento da União Soviética no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Um grupo de países pós-soviéticos, entre os quais estavam Ucrânia, Belarus, Cazaquistão e Quirguistão – os quatro Estados não russos visitados por Baker dias antes –, assim como a Armênia tão cercada de *lobbies*, recebeu reconhecimento e a promessa de rápido estabelecimento de

relações diplomáticas. Quanto às demais antigas repúblicas soviéticas – Moldávia, Turcomenistão, Azerbaijão, Tajiquistão, Geórgia e Usbequistão –, ficaram com a promessa de estabelecimento de relações diplomáticas assim que garantissem aos Estados Unidos sua adesão aos princípios de Baker, como tinham feito as outras repúblicas pós-soviéticas.⁵⁴⁰

Na tarde de 26 de dezembro, quando George Bush se encontrou com os jornalistas na sala de imprensa da Casa Branca, não se fizeram perguntas relacionadas especificamente a Gorbatchov. O próprio presidente o citou somente uma vez ao discutir o controle dos arsenais atômicos. A segurança nuclear e a entrega de ajuda humanitária à Rússia e a outros Estados pós-soviéticos, além de estar no topo da agenda dos meios de comunicação, envolveram todas as perguntas referentes à antiga União Soviética. Se Gorbatchov foi mencionado uma vez, falou-se seis vezes em Iéltzin. Do ponto de vista da mídia americana e, por extensão, do seu público, a União Soviética estava sendo relegada ao passado rapidamente.⁵⁴¹

Alguns dias depois, James Baker escreveu uma carta pessoal a Mikhail Gorbatchov, em que homenageou suas realizações. Nesse texto, praticamente reconheceu a liderança do ex-presidente soviético em pôr termo à Guerra Fria. “Você enxergou a loucura na competição das superpotências e no isolamento de seu país em relação ao resto do mundo”, escreveu Baker na missiva “Querido Mikhail”.

Seu discurso nas Nações Unidas em 1988 marcou o começo de uma nova era na política mundial. Em cada medida que tomou, você pediu aos Estados Unidos que o acompanhassem na construção de um novo mundo. Nós estávamos dispostos a fazê-lo e também a erigir uma parceria nova entre nossas nações. E o fizemos de maneira notável no Afeganistão, na América Central, no Camboja, na Namíbia, no Golfo Pérsico e no Oriente Próximo. Além disso, cooperamos não só para controlar as armas, como também para eliminá-las e para levar o risco de guerra nuclear ao nível mais baixo desde que se inventaram tais armas. Mais importante ainda, juntos vimos o mapa da Europa ser transformado pacífica e democraticamente. Vimos a Alemanha unida e o povo da Europa Central e Oriental libertar-se para determinar seu futuro. E, como eu disse em muitas ocasiões, nada disso teria acontecido sem sua liderança. Seu lugar na história estará assegurado para sempre.⁵⁴²

Na manhã de sexta-feira, 27 de dezembro, os guardas do Kremlin foram ao gabinete de Gorbatchov, no terceiro andar do prédio do Senado, a fim de trocar a placa colocada na porta. A placa que dizia “Presidente da União Soviética, Gorbatchov Mikhail Sergueievitch” foi substituída por outra com as palavras “Presidente da Federação Russa, Iéltzin Bóris Nikoláievitch”. Pouco depois das

oito horas, o próprio Iéltzin apareceu à entrada do cobiçado gabinete, acompanhado de seu principal conselheiro, Gennady Burbulis, do chefe do parlamento russo, Ruslan Khasbulatov, e do chefe de propaganda e informação, Mikhail Poltoranin. O que então aconteceu somente sabemos pelos relatos de segunda mão dos simpatizantes de Gorbatchov.

Iéltzin entrou no gabinete de um modo que não deixou dúvida quanto a quem estava no comando. “Muito bem. Mostre-o para mim”, ordenou ele ao secretário de plantão. Olhou para a escrivaninha, na qual parecia faltar algo. “Havia aqui um conjunto de escritório de mármore”, disse. “Onde está?” O aterrorizado servidor público explicou com voz trêmula que Gorbatchov não usava canetas-tinteiro, preferindo as hidrográficas, de modo que nunca tinha havido semelhante conjunto na sua escrivaninha. “Ora, tudo bem”, respondeu o presidente russo, deixando a questão de lado. “E o que é aquilo?”, perguntou, entrando na saleta particular que os antigos secretários-gerais e o presidente soviético usavam para descansar. Ele abriu as gavetas de uma escrivaninha. Uma delas estava trancada. Ele exigiu a chave. Demorou um pouco para que localizassem o funcionário encarregado. Por fim, acharam uma chave extra e destrancaram a gaveta. Estava vazia. “Bom, tudo bem”, disse Iéltzin, decepcionado. Então, voltou para o gabinete, no qual ele e seu *entourage* se sentaram à mesa de reunião e abriram uma garrafa de uísque para comemorar a tomada da última fortaleza do território inimigo. Eram 8h30. Vários minutos depois, bem-humorados e risonhos, os vencedores saíram do território conquistado e agora devidamente marcado. Ao se retirar, Iéltzin disse ao secretário ainda chocado: “Olhe para mim! Eu volto mais tarde!” De fato, voltou para assinar alguns decretos na presença da mídia.⁵⁴³

“Aquilo foi o triunfo dos saqueadores. Não consigo achar outras palavras para descrever tal coisa”, escreveu Gorbatchov, horrorizado, em suas memórias. Ele soube da invasão por um secretário que lhe telefonou contando o que se passava no Kremlin. Conforme o acordo anterior com Iéltzin, o presidente da União Soviética poderia usar seu gabinete até domingo à noite. Porém, no que dependia do presidente russo, o acordo estava cancelado. Ele simplesmente não podia esperar para se mudar para o gabinete historicamente associado ao poder supremo no país. Na segunda-feira, 30 de dezembro, estaria em Minsk para a primeira cúpula de trabalho dos líderes do *Commonwealth* de Estados Independentes. Queria Gorbatchov fora do Kremlin antes da viagem. “Longas despedidas geram lágrimas demais”, escreveu ele posteriormente.⁵⁴⁴

Naquele dia, quando Gorbatchov entrou no prédio do Senado, a festinha regada a uísque já havia terminado. Ele ficou mortificado. Tinha marcado uma

entrevista com jornalistas japoneses naquela manhã, e agora precisava procurar outro escritório. O gabinete antigo, onde ainda havia uma bandeira vermelha no canto, já não era dele. Humilhado, o ex-presidente deu a entrevista no escritório de seu ex-chefe da Casa Civil. Anatoly Tcherniaiev, que descreveu em seu diário a invasão do último refúgio de Gorbatchov, também ficou revoltado com o comportamento de Iéltzin, mas tampouco foi cordial com seu ex-chefe. “Para que se humilhar assim? Por que ele ‘vai’ ao Kremlin? (...) A bandeira já foi trocada na cúpula do Salão Sverdlovsk [o Salão Catarina no prédio do Senado], e ele já não é presidente! Que pesadelo! E aquele [Iéltzin] é cada vez mais casca-grossa. Espezinha com cada vez mais brutalidade.”⁵⁴⁵

Efetivamente, Iéltzin parecia incapaz de controlar seu desejo de vingança, apesar de sua promessa solene a Bush e Baker de que trataria o rival com dignidade. Iniciou o ataque antes mesmo que o presidente soviético terminasse o discurso de renúncia. Na tarde de 25 de dezembro, quando estava dando os retoques finais no texto de sua fala, Gorbatchov recebeu um telefonema inquietante. Tomada de pânico, Raíssa Gorbatchova informou ao marido que funcionários do Kremlin haviam aparecido em seu apartamento em Moscou, exigindo que fosse desocupado dentro de duas horas. Era a ruptura de todos os acordos em que haviam entrado alguns dias antes. Ele tinha concordado em se mudar para um apartamento menor, mas não antes de renunciar formalmente. O período de transição que haviam ajustado duraria até 31 de dezembro e podia-se esperar um pouco de civilidade, para não falar em indulgência, até depois dessa data. Agora, sua família estava sendo despejada antes mesmo que ele assinasse os documentos de renúncia! Gorbatchov ficou furioso. Segundo Anatoly Tcherniaiev, que estava presente quando Raíssa Gorbatchova telefonou para o marido, o presidente “encolerizou-se; ruborizou; fez uma ligação, depois outra, e soltou uma torrente de xingamentos”. Os funcionários de Iéltzin recuaram, e a mudança foi postergada para o dia seguinte. Gorbatchov estava livre para conversar com Bush e depois fazer seu discurso.⁵⁴⁶

Na manhã seguinte, Gorbatchov, que tinha voltado para casa tarde depois da festa de despedida *ad hoc* com os assessores, teve de enfrentar a realidade de uma mudança inesperada. Ele descreveu a cena em casa: “Montes de roupas, livros, pratos, jornais, cartas e sabe Deus o que mais espalhados pelo chão.” Quando foi trabalhar no Kremlin naquele dia, ele parecia deprimido. Seu serviço de segurança demorou um pouco para obter uma limusine que o levasse ao Kremlin, o carro que Iéltzin lhe permitira conservar como parte do acordo firmado na segunda-feira anterior. Foi quase impossível conseguir um caminhão

para tirar os pertences do apartamento. Irina, a filha de Gorbatchov, recordou que ele queria telefonar para Iéltzin e se queixar dos atos de seus subordinados. “Afinal, nós concordamos com ele em tudo como gente decente!”, disse ele à família. Raíssa Gorbatchova se opôs: “Não há necessidade de telefonar para ninguém, nem de pedir nada. Melhor morrer com Irina. Nós vamos juntar tudo e mudar. Conseguiremos ajuda.”⁵⁴⁷

Raíssa e Irina Gorbatchov arrumaram seus pertences com o auxílio dos guarda-costas que as haviam protegido em Foros. Depois do aprisionamento na Crimeia, a família estava pronta para o pior: Raíssa havia queimado suas correspondências pessoais com Mikhail e Irina, seus diários. “Afinal, nós havíamos passado todo o período mais recente como se morássemos na casa de outra pessoa”, relembrou ela, pensando nos meses que precederam a renúncia de Gorbatchov. “Tudo era muito incerto. Não sabíamos quem – a KGB ou os democratas – invadiria nossa casa.” Raíssa tomou um cuidado especial ao guardar os livros que ficavam nas estantes em ordem alfabética por autor. Entre eles havia obras presenteadas por Margaret Thatcher e um volume do poeta ucraniano Taras Shevchenko, adorado por seu pai. Em seu livro *Minhas esperanças*, publicado nos Estados Unidos poucos meses antes, ela transcreveu versos de Shevchenko que agora pareciam particularmente adequados à ocasião e foram citados nesse contexto por Conor O’Clery em seu livro sobre o último dia da Presidência de Gorbatchov: “Pensamentos meus, pensamentos meus, que dor me trazeis! Por que me assomais em tão lôbregas fileiras?”⁵⁴⁸

Gorbatchov tinha toda razão para estar horrorizado com o acossamento a que os subordinados de Iéltzin submetiam sua família, mas esse não era muito diferente do tratamento que o antigo regime reservava aos seus ex-funcionários. Aqueles que deixavam cargos no vértice da pirâmide de poder soviética jamais o faziam por vontade própria: ou morriam no posto ou eram removidos em desgraça. Essa tradição se manteve no período de Gorbatchov. Alexander Yakovlev recordou com assombro a velocidade impressionante com que lhe arrebataram os privilégios de membro do politburo quando o afastaram do cargo sob a aprovação de Gorbatchov: “Tão logo fui eleito para o politburo, levaram-me para casa em outro carro e com guarda-costas, porém, assim que Gorbatchov aceitou minha renúncia, tomaram-me o carro e me mandaram sair da *datcha* às onze horas da manhã seguinte.”⁵⁴⁹

A pressa brutal com que Iéltzin se apossou do gabinete de Gorbatchov e mandou despejar sua família da residência em que morava ficou conhecida em Moscou, trazendo críticas ao presidente russo e sua equipe. Em suas memórias,

Iéltzin discrepou dos “boatos espalhados pela imprensa, segundo os quais eu joguei literalmente os pertences do ex-secretário-geral para fora de seu gabinete no Kremlin”, afirmou que Gorbatchov teve tempo suficiente para se mudar para seu novo domicílio e atribuiu os possíveis excessos ao atrito entre os funcionários, que eram “inevitáveis” em tais circunstâncias. Um desses “funcionários”, Alexander Korzhakov, o chefe da segurança pessoal de Iéltzin, recordou-se de ter mandado os guarda-costas de Gorbatchov lembrarem seu chefe quase diariamente da necessidade de desocupar a casa de campo. O motivo, segundo ele, era muito simples. A Barvikha-4, como a equipe de segurança chamava a *datcha* de Gorbatchov, era a única residência governamental fora de Moscou que contava com o equipamento de comunicações requerido para acolher o líder do país e o comandante em chefe das Forças Armadas. “Não havia nenhum [outro] prédio desse tipo perto de Moscou”, lembrou Korzhakov.⁵⁵⁰

Cedo ou tarde, o presidente da União Soviética precisaria “evacuar” as instalações governamentais que ocupava, mas Iéltzin se empenhou em tornar o processo tão doloroso quanto possível para Gorbatchov e sua família. Acaso queria que este sofresse ao menos parte da dor que ele e sua esposa, Naina, sentiram quando foram apossados pelo líder soviético e seus homens? Em novembro de 1987, quando Iéltzin se recuperava numa clínica de Moscou após uma derrota numa reunião do politburo e uma desastrosa tentativa de suicídio, Gorbatchov mandou guarda-costas da KGB para tirá-lo do leito hospitalar e arrastá-lo a uma reunião do comitê municipal do partido de Moscou, que o afastaria do cargo de primeiro-secretário do comitê. Iéltzin avisou que não podia se locomover sem ajuda, mas o secretário-geral desconsiderou seus protestos, assim como as reclamações do ministro da Saúde, que lhe chamou a atenção para a gravidade do estado do convalescente. Quando os guardas foram buscá-lo no hospital, onde Iéltzin acabara de receber um forte analgésico e um antiespasmódico, Naina Iéltzina, desesperada, gritou que eles estavam agindo como nazistas e mandou-os dizer a Gorbatchov que ele era um criminoso.⁵⁵¹

O drama dos últimos dias de Mikhail Gorbatchov no cargo de presidente da União Soviética expôs com brutal clareza a profundidade da desconfiança e do ódio existentes entre ele e sua nêmesis Bóris Iéltzin, mas convém manter na perspectiva apropriada o significado desse conflito pessoal. No fim, não coube a Gorbatchov nem a Iéltzin decidir se a União Soviética viveria ou morreria. O verdadeiro conflito se dava entre as instituições emergentes da Rússia e das outras repúblicas soviéticas. Independentemente do que quer que seja, com a

saída da Ucrânia, Iéltzin e seus assessores se viram diante da escolha entre carregar sozinhos o fardo imperial ou abandonar o império. Eles decidiram abandoná-lo. A rivalidade pessoal entre Gorbatchov e Iéltzin apenas acelerou o processo.

- 521 “V Alma-Ate rodilos’ sodruzhestvo 11 nezavisimyykh gosudarstv”. *Izvestia*, 23 de dezembro de 1991.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1039.
- 522 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1039.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel’tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997.
O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 207-208.
- 523 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1039-1044.
O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, p. 208.
- 524 YAKOVLEV, Aleksandr. *Sumerki*. Moscou: Materik, 2005, pp. 506-507.
SHAKHNAZAROV, Georgy, *Tsena svobody. Reformatsiia Gorbacheva glazami ego pomoshchnika*. Moscou: Rossika-Zevs, 1993, p. 307.
O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 208-219.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 120-121.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel’tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 129-130.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1040, 1042.
- 525 DOBBS, Michael. *Down with Big Brother: The Fall of the Soviet Empire*. Nova York: Knopf, 1997, pp. 447-448.
PANKIN, Boris. *The Last Hundred Days of the Soviet Union*. Londres: I. B. Tauris, 1996, p. 86.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, pp. 122-123, 305-316.
O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 211-214.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel’tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, pp. 137-138.
- 526 YAKOVLEV, Aleksandr. *Sumerki*. Moscou: Materik, 2005, p. 508.
- 527 Ibid., p. 507.
Memorando de conversa telefônica com o presidente Bóris Iéltzin, 23 de dezembro de 1991.
Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em

http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-12-23-Yeltsin.pdf.

- 528 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, p. 1042.
O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 208, 211-214.
- 529 O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 25-26.
- 530 PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 364-366.
"Telecon with Mikhail Gorbachev, President of the Soviet Union", 25 de dezembro de 1991.
Registros Telefônicos e Memorandos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/pdfs/memcons_telcons/1991-12-25-Gorbachev.pdf.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 365.
- 531 O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 201-205, 218, 226.
- 532 Ibid., pp. 222, 225.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1040-1042.
"Obrashchenie M. S. Gorbacheva k narodu", dezembro de 1991. Arquivos da Fundação Gorbachov, Fundo 5, nº 10868.
GRACHEV, Andrei. "Proekt obrashcheniia Prezidenta SSSR k narodu", 14 de dezembro de 1991. Arquivos da Fundação Gorbachov, Fundo 5, nº 10884.1.
Soiuz mozhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, pp. 504-507.
"Yeltsin po-prezhnemu populiaren. Po krainei mere v Moskve". *Nezavisimaia Gazeta*, 19 de dezembro de 1991.
- 533 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1042-1043.
SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, p. 136.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 671-672.
Soiuz mozhno bylo sokhranit'. Belaia kniga. Dokumenty i fakty o politike M. S. Gorbacheva po reformirovaniu i sokhraneniui mnogonatsional'nogo gosudarsta. 2ª ed. Moscou: Comitê Central do Partido Comunista, 2007, p. 507.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, pp. 366-367.
O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 231-237.
- 534 O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 236-237, 241-247.
GRACHEV, Andrei. *Gorbachev. Chelovek, kotoryi khotel kak luchshe*. Moscou: Vagrius, 2001, p. 418.

GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 671.
PALAZHCENKO, Pavel. *My Years with Gorbachev and Shevardnadze: The Memoir of a Soviet Interpreter*. University Park, Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1997, p. 399.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossen, 2008, 1043.

535 BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, p. 464.

536 Nick Burns e Dennis Ross e Thomas Niles, 23 de dezembro de 1991.
“Draft Statement on the Resignation of President Gorbachev”. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Arquivos Cronológicos da URSS, dezembro de 1991, nº 1.
Cf. “Statement on the Resignation of Mikhail Gorbachev as President of the Soviet Union”, 25 de dezembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3790&year=1991&month=12.

537 Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.
BESCHLOSS, Michael R.; TALBOTT, Strobe. *At the Highest Levels: The Inside Story of the End of the Cold War*. Boston: Little, Brown, 1993, pp. 459-460.
Nick Burns e Ron McMullen, Academia Militar dos Estados Unidos, West Point, 31 de dezembro de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos Nicholas R. Burns, Arquivos Cronológicos da URSS, dezembro de 1991, nº 1.

538 “Address on Gorbachev Resignation”. *C-span*, 25 de dezembro de 1991. Disponível em <http://www.c-spanvideo.org/program/23549-1>.
“Address to the Nation on the Commonwealth of Independent States”, 25 de dezembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3791&year=1991&month=12.

539 Entrevista de Nicholas Burns ao autor. Universidade de Harvard, 15 de junho de 2012.

540 “Address to the Nation on the Commonwealth of Independent States”, 25 de dezembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3791&year=1991&month=12.
“U.S. Policy on Recognition of Former Soviet Republics. Press Guidance”, 28 de dezembro de 1991. Arquivos Presidenciais da Biblioteca Presidencial George Bush. Conselho de Segurança Nacional. Arquivos John A. Gordon, Rússia, dezembro de 1991.

541 “The President’s News Conference”, 28 de dezembro de 1991. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3792&year=1991&month=12.

542 James Baker e Mikhail Gorbatchov, 29 de dezembro de 1991. Documentos James A. Baker, Caixa 110, Pasta 10.

543 O’CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 261-262.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rossen, 2008, pp. 1043-1044.

- GRACHEV, Andrei. *Gorbachev. Chelovek, kotoryi khotel kak luchshe*. Moscou: Vagrius, 2001, p. 420.
- 544 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 672.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 124.
- 545 CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1043-1044.
- 546 Ibid., p. 1042.
- 547 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 672.
CHERNIAEV, Anatólii. *Sovmestnyi iskhod. Dnevnik dvukh épokh, 1972-1991 gody*. Moscou: Rosspen, 2008, pp. 1042-1043.
GRACHEV, Andrei. *Gorbachev. Chelovek, kotoryi khotel kak luchshe*. Moscou: Vagrius, 2001, pp. 417-418.
- 548 O'CLERY, Conor. *Moscow, December 25, 1991: The Last Days of the Soviet Union*. Nova York: Public Affairs, 2011, pp. 266-267.
- 549 YAKOVLEV, Aleksandr. *Sumerki*. Moscou: Materik, 2005, p. 555.
- 550 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 671.
YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994, p. 124.
KORZHAKOV, Alexander. *Boris Yel'tsin: ot rassveta do zakata*. Moscou: Interbuk, 1997, p. 139.
- 551 COLTON, Timothy J. *Yeltsin: A Life*. Nova York: Basic Books, 2008, pp. 140-150.

EPÍLOGO

“SENHOR PRESIDENTE DO Congresso! O presidente dos Estados Unidos!”, anunciou em alto e bom som o sargento de armas da Casa, fazendo o plenário da Câmara dos Deputados explodir numa salva de palmas. Um homem esguio de um metro e oitenta e cinco, terno cinzento, gravata de listras azuis e cinzentas (um tanto estreita para os padrões atuais) apareceu à porta. Acompanhado de membros seletos da Câmara dos Deputados e do Senado, dirigiu-se à mesa do secretário da Casa. Sorridente, trocou apertos de mãos e saudações e apontou de vez em quando para um congressista, um senador ou um membro do governo, todos ansiosos por vê-lo e dirigir-lhe uma ou duas palavras. Aplaudiram-no durante muito tempo quando ele chegou à mesa. O homem que era o centro das atenções estava evidentemente satisfeito. Prometera à plateia falar em “grandes coisas” naquele dia, em “grandes mudanças” e em “grandes problemas”. Cumpriu sua promessa.

Eram pouco mais de 21 horas de 28 de janeiro de 1992. O presidente George H. W. Bush estava prestes a fazer seu terceiro e, como a imprensa antecipou, mais importante discurso sobre o Estado da União, diante de um público telespectador de milhões de americanos. Esperava-se que, além de refletir acerca dos anos mais extraordinários de sua Presidência e de toda a história pós-Segunda Guerra Mundial de seu país, ele resumisse políticas para o futuro dos Estados Unidos e do mundo. Quando os aplausos enfim cessaram, Bush disse à plateia: “Sabem, com a enorme propaganda que este discurso teve, eu quis garantir que ele seria um grande sucesso, mas não consegui convencer Barbara a fazê-lo por mim.” Ouviu-se uma nova explosão no plenário, onde os membros da sessão conjunta do Congresso o aplaudiam de pé.

Normalmente frio e reservado, Bush obviamente acertou com a piada autodepreciativa. Barbara, com seus cabelos grisalhos e rosto largo de vovó, estava na primeira fila da galeria, ao lado do pregador batista Billy Graham, o religioso mais famoso do país. Sem dúvida, tinha um charme que faltava ao seu marido. Porém, daquela vez, ele se mostrou à altura da situação. O discurso, preparado com a ajuda de consultores de mídia, alguns dos quais o haviam assessorado durante a campanha presidencial anterior, continha frases fortes que

levariam o público a tornar a se levantar mais de uma vez.⁵⁵²

Um trecho que deixou republicanos e democratas ávidos por mostrar solidariedade ao presidente foi a exposição da política externa americana e da transformação positiva da política mundial que se verificara desde seu discurso sobre o Estado da União anterior, em janeiro de 1991. Os sucessos de Bush na arena internacional eram reconhecidos tanto por amigos quanto por adversários. “Hoje estamos num momento dramático e profundamente promissor da nossa história e da história do homem na Terra”, declarou. “Nos últimos doze meses, o mundo vem presenciando mudanças de proporções quase bíblicas.”

Bush se referia aos acontecimentos extraordinários de 1991, ano que se iniciou com os americanos e seus aliados lançando a operação Tempestade no Deserto contra o Iraque controlado por Saddam Hussein e terminou com o fim da União Soviética. “O comunismo morreu esse ano”, disse Bush à assembleia exultante. “Porém, a maior coisa que aconteceu na minha vida, na nossa vida, é que, pela graça de Deus, os Estados Unidos ganharam a Guerra Fria.” Tais palavras foram recebidas com vivas e ovações de pé. Minutos depois, ele capitalizou esse ponto ao declarar que “a Guerra Fria não ‘acabou’, e sim foi ganha”.

George Bush continuou sua fala, honrando o sacrifício feito pelos soldados e contribuintes estadunidenses para alcançar a vitória, e concluiu com uma alusão emocional às futuras gerações de americanos:

E assim, agora, pela primeira vez em 35 anos, nossos bombardeiros estratégicos estão em solo. Já não precisam ficar em alerta permanente. Amanhã, nossas crianças irão à escola e estudarão história e o crescimento das plantas. E não terão, como tiveram meus filhos, exercícios antiaéreos em que aprendiam a se enfiar embaixo das carteiras e cobrir a cabeça em caso de guerra nuclear. Meus netos não precisarão fazer isso e não terão os pesadelos que tinham as crianças de outrora, de décadas atrás. Ainda há ameaças, mas acabou o medo prolongado, interminável.

Os aplausos voltaram a trepidar o plenário.

Bush não se deteve na proclamação da vitória após a longa luta da Guerra Fria e também apresentou sua visão do papel novo que os Estados Unidos estavam destinados a desempenhar na nova era. “Agora um mundo antes dividido em dois campos armados reconhece uma potência única e preeminente, os Estados Unidos da América”, asseverou ele, triunfante. Então, delineou os modos como usaria esse poder recém-adquirido. “Enquanto for presidente, continuarei governando a favor da liberdade em toda parte, não por arrogância, não por altruísmo, mas pela segurança e pela tranquilidade de nossos filhos. Na

realidade, a força em prol da paz não é um vício; o isolacionismo em prol da segurança não é uma virtude.” Uma vez mais, o plenário recebeu suas palavras com aplausos. A mensagem era vigorosa e clara, informando que os Estados Unidos tinham vencido a União Soviética e emergido vitoriosos na Guerra Fria e que agora estavam fadados a governar o mundo.⁵⁵³

Era uma retórica muito diferente das declarações cautelosamente calibradas e muito mais humildes emitidas por Bush e seus assessores antes da renúncia de Gorbatchov em 25 de dezembro de 1991. O novo tom era o resultado direto da campanha eleitoral presidencial que começava a se aquecer. Vincular a recente queda da União Soviética, a ex-inimiga dos Estados Unidos, ao fim da Guerra Fria, que, segundo dizia o próprio governo, havia ocorrido pelo menos um ou dois anos antes, passou a ser a nova estratégia eleitoral. Em 1990, na tentativa de não tornar as coisas mais difíceis para Gorbatchov internamente, o presidente Bush se absteria daquilo que alguns assessores chamavam de “dança no Muro [de Berlim]” após a reunificação da Alemanha. Na época, ainda havia a possibilidade de resistência por parte dos linhas-duras na União Soviética, onde as repúblicas bálticas estavam lutando pela soberania, e na Europa Oriental, que continuava ocupada pelo Exército soviético. Contudo, tais restrições haviam desaparecido, e a sensação de vitória era maior do que nunca. As declarações conjuntas de Bush e Gorbatchov prestadas em dezembro de 1989, em Malta, acerca do fim da Guerra Fria, assim como as afirmações da Casa Branca segundo as quais o encontro em julho de 1991 entre os dois presidentes em Moscou era a primeira cúpula pós-Guerra Fria, estavam esquecidas. Os veementes protestos do ex-presidente soviético, que se sentia despojado do seu papel de dar fim ao conflito, não eram ouvidos, pelo menos em público. Supostamente, Bush teria pedido em particular que Gorbatchov “não levasse a sério o que ele diria durante a campanha presidencial”. Em outubro de 1992, Gorbatchov declarou à revista *New Yorker*: “Imagino que sejam coisas necessárias numa campanha, mas, se a ideia for séria, é uma grande ilusão.”⁵⁵⁴

A estratégia eleitoral baseada na “vitória na Guerra Fria” não deu tão certo assim. O país estava em recessão econômica, e as pesquisas indicavam que o presidente, cuja popularidade era enorme menos de um ano antes – logo depois do fim da Guerra do Golfo, Bush contava com a aprovação de 89 por cento do público –, vinha perdendo apoio rapidamente à medida que se aproximava a eleição de 1992. Segundo um artigo do *Washington Post* comentando o discurso de Bush sobre o Estado da União, mais da metade dos entrevistados condenaram seu desempenho. Tal como outro líder em tempo de guerra, Winston Churchill,

Bush não soube capitalizar seu sucesso em política externa. Em ambos os casos, os eleitores queriam mudanças dentro de casa.

E, tal como Churchill, Bush tentou moldar a memória pública da guerra a que ele ajudara a pôr fim, memória essa que escreveu a quatro mãos com seu consultor de segurança nacional, Brent Scowcroft. Sem dúvida, os dois procuraram tratar o tema com o máximo de objetividade possível, mas o marco cronológico de sua narrativa, definido pelas datas do mandato presidencial de Bush, impunha uma lógica própria. Dentro desse marco, era perfeitamente plausível concluir a história do fim da Guerra Fria não com a demolição do Muro de Berlim em 1989, e sim com o colapso da União Soviética no fim de 1991. Foi nesse ponto, com o derradeiro telefonema de Gorbatchov para o presidente americano no Natal de 1991, que eles concluíram o livro de memórias *A World Transformed*.⁵⁵⁵

Publicando memórias e dando entrevistas durante toda a década de 1990, os membros do governo Bush ajudaram a criar uma narrativa do fim da Guerra Fria diretamente ligada ao fim da União Soviética, fundindo os dois acontecimentos sem se creditar o colapso do bloco soviético explicitamente (tendo em vista o papel desempenhado pela Casa Branca para salvar a União Soviética). Alguns membros do governo sentiram que haviam sido praticamente privados de uma muito merecida sensação de vitória. “George Bush”, escreveu Robert Gates em suas memórias, que também terminavam com os fatos do final de 1991, “que se recusou a ‘dançar no Muro’, não se dispôs a declarar vitória na Guerra Fria. Não houve comemoração nacional como a que se seguiu à Guerra do Golfo Pérsico. (...) Tínhamos ganho a Guerra Fria, mas não haveria parada militar”. Segundo Gates, um dos motivos para a falta de uma grande celebração da vitória foi o simples fato de que “em dezembro de 1991, não havia consenso em Washington de que os Estados Unidos haviam, de fato, ajudado a União Soviética a descer mais cedo à sepultura”.⁵⁵⁶

O embaixador Jack F. Matlock, que representou o governo Bush em Moscou entre 1987 e 1991 e partiu da capital russa na véspera do golpe de agosto, tem alegado reiteradamente que o fim da Guerra Fria, o colapso do comunismo e a queda da União Soviética foram acontecimentos relacionados, mas diferentes. “A atitude dos Estados Unidos variou muito para com esses três fatos, e muito variou nossa contribuição para eles”, observou Matlock em certa ocasião. Segundo o ex-embaixador, os Estados Unidos escreveram a partitura do fim da Guerra Fria e ajudaram a derrubar o comunismo promovendo os direitos humanos, mas o fim do conflito também interessava aos soviéticos, e a

derrocada do comunismo foi em grande parte realização deles, e não dos americanos. No referente à queda da União Soviética, o governo estadunidense apoiou a independência das repúblicas bálticas, mas desejava que o resto da União Soviética continuasse existindo indefinidamente. “Nós não derrubamos a União Soviética”, argumentou Matlock, “por mais que agora algumas pessoas queiram se creditar isso e que alguns chauvinistas, na Rússia, queiram nos acusar de tê-lo feito. Simplesmente não é verdade”.⁵⁵⁷

Se a queda da União Soviética não foi – ou não foi principalmente – obra do governo americano nem sinônimo do fim do comunismo soviético ou da vitória americana na Guerra Fria, o que levou ao súbito colapso de um dos países mais poderosos que o mundo já viu? “Revendo a história das relações internacionais na era moderna, que se pode considerar que se estende de meados do século XVII até o presente”, escreveu um dos mais sérios especialistas e acadêmicos da Guerra Fria, George F. Kennan, em 1995, “acho difícil pensar num acontecimento mais estranho, surpreendente e, à primeira vista, mais inexplicável que a desintegração e o desaparecimento repentinos e totais, principalmente nos anos de 1987 a 1991, da grande potência sucessivamente conhecida como o Império Russo e a União Soviética”.⁵⁵⁸

O que pareceu inexplicável a Kennan estava longe de ser um enigma para alguns ex-assessores de Gorbachov. “O que aconteceu na União Soviética naquele ano foi o que aconteceu, no ‘seu tempo’, em outros impérios no momento em que a história lhes esgotou o potencial”, escreveu retrospectivamente Anatoly Tcherniaiev, sintetizando o resultado de 1991. Seguindo esse raciocínio, o colapso soviético simplesmente concluiu um processo iniciado decididamente na alvorada do século e acelerado pelas duas guerras mundiais: a desintegração dos impérios mundiais e seu desaparecimento do mapa político. Os herdeiros dos tsares foram os últimos a perder suas possessões imperiais, seguindo os ex-senhores dos impérios Habsburgo, otomano, britânico, francês, português e alguns outros menores, terrestres e marítimos. O que parece especial no caso da União Soviética é que pouca gente a considerou um império durante sua existência ou dispôs-se a tratá-la como qualquer outra coisa que não um Estado-nação. O próprio comentário de Tcherniaiev foi feito depois do colapso soviético.⁵⁵⁹

Fosse um império ou não – o debate ainda continua –, a União Soviética teve a morte de um império, rompendo-se ao longo de linhas grosseiramente definidas por fronteiras étnicas e linguísticas. Conquanto haja diferenças importantes na

maneira como os impérios mundiais se desintegraram, não faltam semelhanças impressionantes, especialmente quando se trata das experiências soviética e britânica. Em 1945, Stalin exigiu e recebeu dois assentos para a Ucrânia e Belarus na Assembleia Geral das Nações Unidas-Belarus, repúblicas que foram tratadas pelos participantes da Conferência de Yalta como equivalentes aos domínios britânicos. Não se comparavam com domínios britânicos, como o Canadá e a Austrália, no referente a autonomia e autogoverno, e sua composição étnica, diferente da russa, também as distinguia dos estados americanos típicos (em Yalta, o presidente Franklin D. Roosevelt tentou negociar a acessão de dois estados americanos às Nações Unidas, ideia rejeitada pelo público estadunidense).

Do mesmo modo que fizeram os domínios britânicos, as repúblicas soviéticas abandonaram sua metrópole, em 1991, conduzidas por seus líderes e instituições “nativos”. Tal como ocorreu com outros domínios e possessões coloniais do século XX, algumas repúblicas soviéticas deixaram o núcleo da União não contra o desejo da nação dominante, mas em conformidade com ele: os líderes da Federação Russa queriam que as repúblicas centro-asiáticas saíssem quando a Ucrânia abandonou a União. Como no caso de outros impérios europeus, foi a questão de estender os direitos cívicos, particularmente o direito de voto, aos residentes das repúblicas soviéticas que tornou praticamente impossível a continuação do império em sua forma vigente.⁵⁶⁰

Apesar do empenho de Gorbatchov em provar o contrário, a democracia eleitoral mostrou-se incompatível com a continuidade da existência do Estado soviético. Com frequência, esquece-se que a dissolução da União Soviética foi consequência da política eleitoral. O colosso soviético caiu menos de três anos depois da introdução de eleições semilivres no antigo império Romanov pela primeira vez desde 1917, ano do golpe bolchevique em São Petersburgo. A queda da União Soviética deu-se como resultado direto do referendo ucraniano de 1º de dezembro de 1991, no qual mais de noventa por cento dos participantes votaram a favor da independência. Essa consulta popular anulou o referendo anterior, realizado em março de 1991, no qual mais de setenta por cento votaram pela continuidade da participação na União sob a condição de uma reforma de amplo alcance. A União viveu ou morreu dependendo do voto de seus cidadãos. Até mesmo a decisão secreta dos três presidentes eslavos, em dezembro de 1991, sobre dissolver a União Soviética, foi aprovada por grandes majorias nos parlamentos democraticamente eleitos da Rússia, da Ucrânia e de Belarus. Em compensação, a tentativa de salvar a União Soviética em sua forma antiga foi

feita não por canais democráticos, mas por um golpe de Estado que fracassou na escadaria do prédio do parlamento russo três dias depois de iniciado.

A chegada da democracia eleitoral alterou extraordinariamente a paisagem política soviética e influenciou as decisões dos líderes, que passaram a depender do apoio popular e do consenso da elite para permanecer no poder. Posto que limitando as opções disponíveis para os novos líderes, a democracia também fortaleceu aqueles que, dentre eles, contavam com o apoio do eleitorado. Embora quem votasse fosse o povo, eram seus líderes políticos, tanto no centro quanto nas repúblicas soviéticas, que formulavam questões para os referendos e interpretavam seus resultados. Como Gorbatchov alegou mais de uma vez, a dissolução da União Soviética não foi submetida a um referendo. O voto pela independência da Ucrânia significava a dissolução da União Soviética? Essa era uma questão para os líderes decidirem. A democracia excluiu os líderes que não conseguiram obter um mandato para governar através do processo eleitoral. O resultado da competição entre Bóris Iéltzin, o presidente da Rússia popularmente eleito, e Mikhail Gorbatchov, o presidente da União Soviética nomeado para o cargo pelo parlamento – luta que chegou ao auge nos últimos meses de 1991 –, mostra o poder decisivo da política eleitoral sobre os principais atores do drama reconstruído neste livro.

Mikhail Gorbatchov desencadeou reformas que mostraram a predileção das revoluções modernas por devorar os próprios filhos. Se a Revolução Francesa serviu como inspiração para os bolcheviques, o liberalismo ocidental forneceu as ideias e a linguagem para criar a *perestroika* de Gorbatchov. Como muitos antes dele na Rússia, o líder soviético procurou no Ocidente soluções para os problemas de seu país, que se manifestavam numa incapacidade de competir em termos econômicos, sociais e, enfim, militares. Desde o governo de Pedro, o Grande, no início do século XVIII, a elite russa procurava adotar modelos ocidentais, a fim de alcançar o Ocidente. Repetidamente, esses modelos conflitavam com a sociedade russa e o povo não ocidentalizado. Certos segmentos da elite tentaram reiteradamente mudar as duas coisas mediante golpes militares, como o golpe organizado pelos oficiais da guarda, em dezembro de 1825; reformas liberais, como as introduzidas pelo tsar Alexandre II na segunda metade do século XIX; ou revoluções sangrentas, como a lançada por Vladimir Lênin em 1917. As reformas de Gorbatchov foram a última tentativa de emular o Ocidente para alcançá-lo.

Bem como seus predecessores imediatos, o presidente soviético não achava que vivia num império ou governava um, mas suas tentativas de centralizar o

governo, eliminar a corrupção generalizada nas repúblicas centro-asiáticas e atrair um novo grupo de administradores russos, inclusive Bóris Iéltzin e seu antigo mentor Gennady Kolbin, não fizeram senão irritar a elite republicana, suscitando as primeiras revoltas anti-Moscou em décadas. Gorbatchov afastou ainda mais os chefões republicanos e seu séquito ao desencadear a *glasnost*, abrindo o partido para a crítica dos meios de comunicação e forçando a elite comunista a enfrentar eleições para obter o direito de continuar no poder. Quando ela, nas regiões russas e nas repúblicas não russas, se viu às voltas com revoltas nacionalistas e desafios democráticos ao seu poder, tornou-se mais dependente dos resultados das urnas que as ordens do chefe supremo no Kremlin. Foi só uma questão de tempo para que questionasse a autoridade de Moscou, exigindo autonomia e independência. Com a elite a dar-lhe as costas e os intelectuais nacionalistas e liberais a reivindicarem mais liberdades, não tardou para que Gorbatchov ficasse sem ter em quem confiar, a não ser o Exército. Nos últimos anos da União Soviética, essa instituição seria empregada mais de uma vez numa república após outra, alegadamente sem o conhecimento do comandante em chefe. Em março de 1991, o Exército foi levado às ruas de Moscou para intimidar Bóris Iéltzin e seus partidários.

O fato de, até o golpe de agosto, Gorbatchov ser não só presidente da União Soviética, como também secretário-geral do Partido Comunista tornou difícil distinguir o colapso do comunismo e a queda da União Soviética. Outros já argumentaram que, depois do banimento do partido, que presumivelmente servia como cola unindo as repúblicas, não sobrou nada que mantivesse a coesão da União. Na verdade, na época do golpe de agosto, o partido já não sustentava a coesão de nada, à medida que, nas repúblicas, os líderes se transformavam em líderes dos parlamentos e, em muitos casos, até em presidentes não subordinados a Moscou. Os dirigentes partidários que se haviam tornado presidentes ou o fariam em breve, como Islam Karimov, do Usbequistão, passaram a pressionar, se não pela independência de suas repúblicas, pela reestruturação confederativa da União.

A proibição do Partido Comunista por Iéltzin não cortou as amarras que ligavam Moscou às repúblicas, as quais quase não tinham mais importância fora do Exército soviético e da KGB, mas provocou uma revolta da antiga elite partidária contra o que parecia ser um novo golpe de Moscou contra ela. As consultas entre Gorbatchov e Iéltzin, de um lado, e os líderes republicanos, de outro, continuaram após a proibição do partido, seguindo uma trajetória estabelecida que já não tinha nada a ver com o partido ou com as decisões dos

órgãos governantes. Gorbatchov conseguiu manobrar o partido de modo a afastá-lo do poder supremo muito antes que ele fosse proibido na Rússia; na verdade, era um alvo e bode expiatório fácil para o golpe, que foi liderado pela KGB e a alta oficialidade do Exército.

Em pronunciamentos públicos e, depois, em suas memórias, Gorbatchov praticamente monopolizou o papel de defensor da União Soviética, afirmando que assinar seu tratado de união era a única maneira de salvar a União, ao passo que seus oponentes tinham a intenção não só de acossá-lo, como de destruir o bloco. Isso procedia em muitos casos, mas não em todos. A verdadeira luta em Moscou estava sendo travada não entre partidários e adversários da União vigente, e sim entre duas visões de uma união futura. Depois do *putsch*, Gorbatchov rejeitou a ideia propugnada pelos assessores de Iéltzin de transformar a União numa confederação. Formalmente, foi obrigado a aceitar o princípio da confederação postulado por Iéltzin como base para quaisquer negociações futuras em torno do destino da União, mas, na prática, resistiu até depois do Acordo de Belavezha, quando era tarde demais até para a confederação.

A linha divisória que separava os defensores das duas visões da União não só passava entre Gorbatchov e Iéltzin, como atravessava o próprio meio de Gorbatchov. Seus assessores Georgui Chakhnazarov e Anatoly Tcherniaiev viam com ceticismo o esforço do chefe para levar os líderes republicanos a assinarem o novo tratado de união. O último ministro da Defesa da União Soviética, o marechal Ievgueni Chapochnikov, considerava um erro grave por parte do presidente soviético não levar a sério a ideia de uma confederação, conforme escreveu mais tarde naquela década:

Se Gorbatchov tivesse avançado a metade do caminho rumo às tendências que compreendiam a ideia de confederação, com consentimento comum de que o centro teria o monopólio das comunicações, do transporte, da defesa, uma política externa conjunta e outros componentes da vida e da atividade sociais comuns a todas as repúblicas, quem sabe em que tipo de estrutura estatal estaríamos vivendo atualmente.

Como os demais comandantes militares, recusou-se a dar apoio quando Gorbatchov pediu ajuda aos militares para salvar seu modelo de União, tanto antes quanto depois do Acordo de Belavezha.⁵⁶¹

Em nossa reconstrução dos últimos meses da história da União Soviética, Bóris

Iéltzin emerge como uma figura muito mais complexa do que pode sugerir sua imagem popular de coveiro do comunismo, matador da União e fundador da Rússia moderna. O presidente russo e seus assessores tinham muito mais afinidade com a União do que se reconhece nos comentários gerais a respeito deles. Nem mesmo seu assessor mais radical tinha a dissolução da União Soviética em sua agenda original. “Inicialmente, a tarefa não era destruir a União Soviética”, recordou o mais influente entre eles, Gennady Burbulis. “A tarefa era descobrir as aptidões e os recursos para governar a Federação Russa conforme todas as regras de uma administração efetiva.” Segundo ele, na primavera de 1990, foi a impossibilidade de produzir mudanças por meio do parlamento conservador da União que obrigou os líderes da oposição democrática a se concentrarem na política russa. A eleição de Iéltzin para a presidência do parlamento russo transformou essa instituição no veículo da realização dos objetivos políticos dos deputados democratas.

Até o golpe de Estado, a meta de Iéltzin era arrancar do centro o máximo em termos de poder e recursos, inclusive a posse legal dos vastos recursos naturais da Federação Russa. Ele atingiu essa meta no fim de julho de 1991. O *putsch* ameaçou seus poderes recém-adquiridos e o controle dos recursos da Rússia, da qual agora era presidente, mas a derrota do golpe deu a ele e aos seus assessores a chance de voltarem vitoriosos para o espaço da União, que haviam abandonado, e implementar suas reformas. Agora, Iéltzin, que impedira os *putschistas* de salvar a União Soviética, assumia, ele mesmo, essa missão. Com a burocracia central derrotada e seu líder, Gorbatchov, enfraquecido, seus partidários lançaram uma aquisição hostil das estruturas da união. O que eles não puderam ou não quiseram adquirir, como o Partido Comunista, foi destruído. Essa aquisição hostil do centro por um líder muito mais poderoso e dinâmico que Gorbatchov levou as outras repúblicas a se rebelarem, proclamando a independência. Iéltzin foi obrigado a recuar. A tentativa de se apoderar da União abriu caminho para negociações em torno de uma estrutura confederativa que outorgaria à Rússia poder suficiente para implementar a reforma econômica e social sozinha, livre de quaisquer restrições por parte da elite conservadora das repúblicas não russas.

Os conselheiros e simpatizantes de Iéltzin concebiam a Rússia como uma arca para a salvação da nascente democracia soviética e de seu programa de reformas econômicas. Nesse sentido, assemelhavam-se aos bolcheviques da época de Lênin, que viam a Rússia como uma arca para a salvação da revolução proletária mundial e seu programa de transformação social e econômica universal. Uma

das muitas diferenças entre essas duas visões era que, em 1917, Lênin argumentava que, no interesse da revolução mundial, os marxistas do Império Russo multiétnico deviam manter-se unidos, ao passo que agora os democratas russos acreditavam que sozinhos tinham mais possibilidade de sucesso. Isso parecia muito lógico pelo ponto de vista econômico. Se, durante a Revolução Russa, Lênin afirmava que a revolução não sobreviveria sem o carvão ucraniano, em 1991, as maiores riquezas da União, especialmente seus vastos recursos minerais, estavam em território da Federação Russa, e não nas repúblicas. A morte da União Soviética diferiu do fim de outros impérios à medida que a metrópole rica em recursos retirou de suas ex-possessões coloniais o fácil acesso a esses recursos. A Rússia tinha condições de beneficiar-se da perda de suas possessões mais do que qualquer outro império no passado. Iéltzin e sua gente não só o sabiam como contavam com isso.⁵⁶²

Seria difícil exagerar a importância da rivalidade pessoal entre Gorbatchov e Iéltzin para a queda da União Soviética. Os dois nunca se abstiveram de expressar suas queixas mútuas tanto na época quanto depois. Em suas memórias, o presidente russo discutiu as razões psicológicas de sua recusa a assumir o papel político de Gorbatchov e sucedê-lo à frente da União Soviética. Gorbatchov, em suas memórias, acusou Iéltzin de dissolver a União com o único objetivo de livrar-se dele como presidente da União Soviética. A possibilidade de ser testa de ferro numa União confederativa dominada pela Rússia e por Iéltzin lhe era evidentemente inaceitável. Alguns autores da Rússia contemporânea tendem a ver a rivalidade entre Gorbatchov e Iéltzin como o principal motivo do colapso da União Soviética. Outros, como o ex-homem forte do golpe de agosto, o general Valentin Varennikov, acreditavam que tanto Iéltzin quanto os líderes republicanos em geral simplesmente não toleravam Gorbatchov, que os enganara reiteradamente. Não há dúvidas de que os sentimentos de Iéltzin sobre ter sido prejudicado pela liderança do Partido Comunista e por Gorbatchov em particular tiveram um papel importante em sua adesão à agenda democrática russa, mas, em geral, foi essa agenda, definida em termos políticos, econômicos e sociais, que orientou suas políticas e definiu suas escolhas.⁵⁶³

Apesar da aversão a Gorbatchov, Iéltzin o consultou antes de sua viagem a Belavezha e iniciou negociações com Leonid Kravtchuk, da Ucrânia, oferecendo-lhe o plano aprovado por Gorbatchov para uma União Soviética reformada. Foi a posição do líder ucraniano, respaldada pelo referendo de 1º de dezembro sobre a independência da Ucrânia, que acabou sendo crucial para a

decisão do destino da União Soviética. Nem Gorbatchov nem Iéltzin imaginavam uma União viável sem a Ucrânia. Tratava-se da segunda república soviética depois da Rússia em população e em contribuição econômica para os cofres da União. A liderança russa, que já duvidava sobre arcar com o custo do império, pôde ser convencida a só fazê-lo juntamente com a Ucrânia. De resto, em mais de uma ocasião, Iéltzin disse a George Bush que, sem a Ucrânia eslávica, a Rússia ficaria em desvantagem numérica e de votos perante as repúblicas centro-asiáticas, a maioria das quais, com a notável exceção do Cazaquistão, dependia de subsídios maciços vindos do centro da União.

Quando se trata de atribuir culpa ou crédito pela desintegração da União Soviética, os dedos apontam habitualmente para a Rússia e sua revolta contra o centro. Embora seja claramente importante, esse fator prende nossa atenção quase exclusivamente à confrontação entre Gorbatchov e Iéltzin, que, à medida que os acontecimentos do golpe de agosto se esvaeciam, perdia importância como um aspecto decisivo do destino da União Soviética. Em dezembro de 1991, a Rússia se havia apoderado efetivamente das instituições da União ou impedido que operassem sem autorização e apoio russos. O resultado da batalha entre a Rússia e o centro da União se decidiu antes do referendo ucraniano de 1º de dezembro de 1991 e do Acordo de Belavezha em 8 de dezembro do mesmo ano. Foram as relações com a Ucrânia, a segunda maior república soviética, e não as relações com o anêmico centro da União, que tiveram papel decisivo no futuro do Império Soviético nas últimas semanas de sua existência.

Leonid Kravtchuk, nascido no que tinha sido território polonês durante o período do entreguerras, dirigiu o ímpeto independentista de uma república cuja mobilização nacionalista era muito parecida com o processo das repúblicas bálticas. Na Ucrânia Ocidental, que, tal como os países bálticos, havia passado os anos do entreguerras fora da União Soviética, as eleições democráticas de 1990 levaram à expulsão completa da antiga elite local que controlava os assuntos governamentais. A Ucrânia Ocidental, anexada pela União Soviética após o Pacto Molotov-Ribbentrop de 1939, nunca foi totalmente digerida pela poderosa União Soviética. É fácil imaginar que a União Soviética talvez ainda existisse, numa ou noutra forma, se Joseph Stalin não tivesse firmado o “pacto de não agressão” com Hitler em agosto de 1939 e depois exigido a metade da Europa Oriental. Provavelmente, ainda estaria presente, ainda que sem as províncias bálticas, se, em Yalta, Stalin tivesse levado em conta o desejo de Franklin D. Roosevelt de deixar a cidade de Lwów (Lviv) na Polônia. Stalin fez

questão de transferi-la para a Ucrânia. No final da década de 1980, Lviv tornou-se o centro da mobilização nacionalista em prol da independência ucraniana. Era tão difícil imaginar a independência da Ucrânia sem Lviv quanto imaginar a União Soviética sem a Ucrânia no outono e no inverno de 1991.

Na Ucrânia Ocidental, a situação lembrava o ambiente dos países bálticos; no Leste, parecia-se com o que estava acontecendo em Moscou, em Leningrado (São Petersburgo) e nas regiões mineiras da Rússia. Nos setores central e oriental da Ucrânia, que faziam parte da União Soviética desde o começo, a antiga elite comunista lutava pela sobrevivência contra a agitação liderada por mineiros em greve na bacia dos Donets e pela *intelligentsia* liberal, que tomou os conselhos municipais nos grandes centros industriais. Assim, tanto no Leste quanto no Oeste, a velha elite ucraniana sentiu-se abandonada pelo centro da União e foi obrigada a negociar com as forças de oposição para continuar no poder.

Nos idos de 1922, a União Soviética foi criada com a intenção de acolher a Ucrânia. A União surgiu como um Estado com um centro poderoso, cuja meta na primeira década de sua história foi conter os ucranianos e sujeitar os russos, o grupo étnico anteriormente dominante. Dizimada na esteira da Grande Fome Ucraniana de 1932 e 1933, a elite comunista da república recuperou-se após a Segunda Guerra Mundial, tornando-se a parceira menor *de facto* (mas não *de jure*) da Rússia na manutenção do Império Soviético. Influente, se não dominante, em Moscou durante os governos de Nikita Krushev e de Leonid Brejnev, a elite ucraniana foi alijada do centro do poder sob Gorbatchov.

Apesar do rancor contra o novo líder e suas políticas, os *apparatchiks* do partido ucraniano conservaram-se leais à ideia de União até o golpe de agosto, e alguns deles até depois. A tentativa de Iéltzin de tomar o centro na esteira do frustrado golpe de agosto ameaçou a elite ucraniana com uma situação em que o centro implodido a deixaria cara a cara com a poderosa Rússia não mais sujeita a qualquer restrição. Enquanto Gorbatchov ainda tentava cooptar os ucranianos em estruturas de União, oferecendo a segunda posição no partido a um *apparatchik* do país antes do *putsch* e, depois deste, o cargo de primeiro-ministro na futura União a um funcionário do governo ucraniano, Iéltzin não tinha planos dessa natureza. E, em todo caso, os ucranianos já não estavam interessados. Foi a insistência da elite ucraniana na independência do país e a recusa e a incapacidade da elite russa de oferecer à liderança ucraniana uma alternativa integracionista atraente, a não ser uma confederação dominada pela Rússia, que levou à queda da União Soviética.

Havia pouca esperança de uma conciliação russo-ucraniana após o golpe. A missão com Alexander Rutskoi, enviada a Kiev por Iéltzin no final de agosto de 1991, não conseguiu atingir seus objetivos e deter a impulsão da Ucrânia rumo à independência. Em outubro, Kravtchuk deixou de ir a Moscou, e seu fatídico encontro com Iéltzin em Belavezha precisou ser organizado por intermediários bielo-russos.

A União Soviética não se transformou num análogo do Império Austro-húngaro, que, no século XIX, estendeu sua vida obrigando a elite austro-germânica a dividir os butins e as responsabilidades de governar o império com seus homólogos húngaros. A visão de Alexander Soljenítsin de uma União Eslávica, que alguns acreditavam que podia ser real depois de Belavezha, era, na verdade, um projeto de criação de uma Rússia maior, não o reconhecimento das diferenças entre a Rússia e a Ucrânia ou uma proposta de parceria. Quando a população ucraniana votou pela independência com uma unanimidade surpreendente, Kravtchuk apresentou tanto a Gorbatchov quanto a Iéltzin o fato consumado de que a Ucrânia sairia da União Soviética. Em Belavezha, os presidentes russo e ucraniano negociaram as condições da saída e um novo *modus vivendi*.

A incapacidade de Gorbatchov de recuperar o poder após o golpe de Estado, o destrambelho de Iéltzin na tentativa inicial de tomar o centro da União, sua decisão subsequente de avançar com a reforma econômica russa sem as outras repúblicas e, enfim, a insistência obstinada de Kravtchuk na independência deixaram em situação difícil a maioria das repúblicas que ainda não haviam declarado o desejo de se retirar da União. Os líderes bielo-russos, anfitriões da cúpula de Belavezha, disseram a Iéltzin e a Kravtchuk que apoiariam qualquer decisão que os dois tomassem. Em particular, sabiam que teriam de ficar do lado Rússia em qualquer circunstância, mesmo que fosse apenas por causa da dependência de sua república, que precisava do fornecimento de energia russa. Nursultan Nazarbayev, o presidente do Cazaquistão e anfitrião da reunião de Almaty em 21 de dezembro, compartilhava essa posição. Não eram os recursos russos que ele tinha em mente, mas a população russa e eslava em sua república, que superava em número sua nacionalidade titular, os cazaques. Tampouco os líderes das outras repúblicas centro-asiáticas podiam imaginar a União proposta por Gorbatchov se não incluísse a Rússia. Houve uma reação em cadeia: a Ucrânia não queria ficar na União, a Rússia não concebia a União sem a Ucrânia, e o resto das repúblicas não podia imaginar a União sem a Rússia. Os líderes centro-asiáticos foram praticamente expulsos do império por seus

senhores imperiais e agora não tinham alternativa senão ingressar no *Commonwealth*.

Ao contrário das leis da União Soviética, a estrutura do *Commonwealth* permitia muito mais flexibilidade na definição do nível de integração política, econômica e social entre as repúblicas. Eram os variados níveis de integração dos territórios não russos ao centro imperial que distinguiam o antigo império Romanov e a União Soviética. Se no Império Russo a Finlândia e o reino da Polônia podiam gozar de direitos e privilégios especiais não concedidos às províncias russa ou ucraniana, na União Soviética todas as repúblicas, desde a minúscula Estônia até a gigantesca Rússia, eram iguais em termos constitucionais. Dar certos direitos à Estônia era impossível sem dá-los também à Rússia. Foi essa característica do federalismo soviético que tornou a desintegração da União Soviética praticamente inevitável quando o movimento em prol da independência ganhou velocidade nos países bálticos, na Ucrânia Ocidental, no Cáucaso e na Moldávia.

A incapacidade dos líderes soviéticos de diferenciar as repúblicas da União em termos constitucionais era uma das realidades da vida política soviética que George H. W. Bush e seus assessores em Washington não compreendiam plenamente. Pressionavam a favor da independência dos países bálticos, convencidos de que a União Soviética podia não só sobreviver, como ir muito bem sem eles. Sua argumentação falava em justiça e legalidade: os Estados Unidos não haviam reconhecido a anexação das repúblicas bálticas em 1939, e agora elas deviam ser libertadas. O resto das repúblicas que ficasse como estava. Era uma proposta difícil de ser vendida para os demais Estados. George Bush tentou em vão fazê-lo com seu discurso “Frango à Kiev” no parlamento ucraniano, conseguindo dificultar, senão impossibilitar, para Gorbatchov o emprego do poder coercitivo do Estado ainda ao seu dispor no sentido de estabelecer a lei marcial nos países bálticos durante um longo período. As aplicações cirúrgicas de força já não eram eficazes. Com a pressão ocidental a tornar proibitivo o preço do uso prolongado da força, Gorbatchov não teve escolha senão agir de acordo com as normas constitucionais.

Em última análise, as políticas de George Bush contribuíram para a queda da União Soviética, mas o fizeram independentemente dos desejos de seu governo ou mesmo de forma contrária a eles. A pressão pela independência dos países bálticos é apenas um exemplo das consequências inesperadas das ações americanas. Por certo, ao ajudar a salvar Gorbatchov após o *putsch* e ao

pressionar Iéltzin a cooperar com eles, os Estados Unidos impediram que o presidente russo se apoderasse inteiramente do centro da União ou que obrigasse o presidente soviético a negociar um acordo de confederação em setembro ou outubro de 1991, quando Kravtchuk e os líderes ucranianos ainda compareciam às reuniões de líderes republicanos convocadas por Gorbatchov. Em novembro, algumas semanas antes do referendo ucraniano, o governo Bush continuava a pressionar Iéltzin, tentando impedi-lo de se desfazer do governo da União, especialmente de seu setor de política externa, o Ministério das Relações Exteriores. Somente no final de novembro Bush permitiu o vazamento da notícia do reconhecimento iminente da independência da Ucrânia, levando a moribunda União Soviética ao extremo. Dessa vez, o governo sabia quais seriam as consequências de seu ato.

Por que George H. W. Bush e seus conselheiros fizeram o que fizeram? O apego pessoal do presidente americano a Gorbatchov, que ele respeitava como homem e político, naturalmente faz parte da explicação, porém muito mais importante foi o desejo do governo de manter a União Soviética e seu líder à tona tanto quanto possível. O objetivo imediato, como o formulou James Baker no início de 1991, era extrair o máximo de concessões do agonizante mastodonte soviético no âmbito do controle de armas e das relações internacionais. A estratégia funcionou excepcionalmente bem. A retirada da assistência soviética aos governos apoiados por Moscou em Cuba e no Afeganistão, a concordância de Moscou em fazer cortes profundos em seus arsenais atômicos e o apoio de Gorbatchov ao acordo de paz no conflito árabe-israelense figuraram entre as conquistas da política soviética de Bush no outono de 1991.

No entanto, a preocupação americana mais importante era a segurança dos arsenais nucleares soviéticos, que, acreditava-se em Washington, estavam muito mais seguros sob o controle central das Forças Armadas soviéticas, com as quais Colin Powell, o presidente do Estado-Maior Conjunto, e outros comandantes americanos haviam trabalhado nos anos do governo Gorbatchov. Também nesse caso as políticas americanas tiveram sucesso. Uma das primeiras coisas que Iéltzin fez ao telefonar para Bush quando estava em Belavezha, em dezembro de 1991, foi informá-lo do acordo dos presidentes eslavicos quanto ao controle conjunto, mas centralizado, das armas nucleares. Por fim, havia uma preocupação relacionada à dissolução pacífica da União Soviética, especialmente referente às repúblicas dotadas de armas atômicas da Rússia, da Ucrânia, do Cazaquistão e de Belarus. Apesar das inquietações e previsões sombrias de Gorbatchov, a União Soviética não se transformou numa Iugoslávia

com ogivas. A Rússia não se transformou na Sérvia e Iéltzin, ao contrário de Slobodan Milošević, não tentou reaver pela força as muitas terras agora em posse de outras repúblicas, mas consideradas por seu país historicamente russas.

O maior crédito pela dissolução pacífica da União Soviética deve ser atribuído às políticas de Bóris Iéltzin e à postura cautelosa no tocante às minorias russas assumida por Leonid Kravtchuk e Nursultan Nazarbayev. Contudo, a contribuição americana para o processo não foi de modo algum insignificante. Coordenando sua posição com os líderes da Europa Ocidental, Bush conseguiu evitar uma situação parecida com a ocorrida na Iugoslávia, quando a Alemanha incentivou o desejo de independência da Eslovênia e da Croácia, enquanto o resto das potências ocidentais continuava indeciso quanto à questão. No caso da União Soviética, Bush logrou reunir todos os líderes ocidentais e atuou como porta-voz de sua posição comum. Para serem aceitos no Ocidente, os líderes das repúblicas tinham de fazer o que Bush queria que fizessem no tocante às armas nucleares, às fronteiras e às minorias. As expectativas americanas foram explicitadas por James Baker no começo do outono de 1991 e seguidas no espírito, se não na letra, pelos líderes das repúblicas soviéticas.

Ainda que tenha perdido a batalha para salvar a União Soviética como um parceiro menor na arena internacional, o governo Bush ajudou a orquestrar sua dissolução pacífica. Não foi uma realização modesta, especialmente quando se leva em conta o fim sangrento que tiveram outros impérios. Em certo aspecto, a história chegou realmente ao fim – não no sentido de uma vitória final do liberalismo, como declarou o importante cientista político americano Francis Fukuyama em seu best-seller *O fim da história e o último homem*, publicado em 1990, mas no sentido do desaparecimento dos antigos impérios europeus. Os Estados Unidos, nascidos da rebelião contra um império e arqui-inimigos do colonialismo em todo o mundo, viram-se, inesperadamente, administrando a dissolução de um país muitas vezes rotulado como o último império mundial. Assim, os americanos realizaram seu propósito anti-imperialista sem realmente o desejar.⁵⁶⁴

Não faltam motivos para ver o ano de 1991 como um importante ponto de inflexão na história mundial, e em parte alguma isso parece mais óbvio que no antigo espaço pós-soviético, no qual muitas tendências atuais em relações internacionais, política interna e relações econômicas continuam à sombra do ano que alguns denominam *annus mirabilis*, ao passo que outros, inclusive o presidente Vladimir Putin, da Rússia, associam à “maior catástrofe geopolítica

do século”.⁵⁶⁵

Foi nesse ano que a liderança russa estabeleceu uma política de uso da força, que obedeceu até a guerra russo-georgiana de 2008. Enquanto as repúblicas da União podiam sair sem luta, as repúblicas autônomas, como a Chechênia, não podiam. A liderança russa aprendeu uma lição com o colapso soviético e criou um novo sistema federativo em que alguns membros da Federação Russa, como a Chechênia e o Tartaristão, podiam ter mais direitos que os demais. Isso ajudou a preservar uma aparência de unidade no Estado russo durante a primeira e difícil década pós-soviética. Coerção e flexibilidade, sendo que esta era escassa na União Soviética, passaram a ser distintivas da nova política russa para lidar com as autonomias rebeldes. Ao mesmo tempo que esmagava os esforços independentistas de suas próprias autonomias, os líderes russos pegavam uma página do livro de Gorbatchov de 1990 e 1991, quando ele jogou os líderes das autonomias russas contra Bóris Iéltzin e tentou apoiar as autonomias rebeldes em outros Estados pós-soviéticos, inclusive a Abecásia e a Ossétia do Sul, na Geórgia, e a Transnístria, na Moldávia.

Aquilo que atualmente se considera uma invenção de Putin – a política agressiva de integração das antigas repúblicas soviéticas a instituições comuns e a oposição ao ingresso da Ucrânia e da Geórgia na OTAN e em estruturas ligadas à União Europeia – também remonta aos acontecimentos de 1991. Muitos assessores de Iéltzin consideravam o *Commonwealth* não como um instrumento de divórcio, e sim como um meio de controle russo sobre o espaço pós-soviético. Acreditavam que a Rússia precisava livrar-se do fardo de sustentar um império tradicional, mas, em trinta anos, quando se recuperassem dos problemas econômicos e políticos, as repúblicas retornariam à Rússia por livre e espontânea vontade. Algumas, como Belarus, voltaram e se integraram a organizações políticas, econômicas e militares lideradas pela Rússia, mas outras, não, e uma guerra fria entre a Rússia e o Ocidente quase se materializou na esteira da Revolução Rosa de 2003, na Geórgia, que resultou na chegada ao poder do presidente Mikheil Saakashvili, educado no Ocidente, e da Revolução Laranja, na Ucrânia, que viu a eleição do presidente pró-ocidental Viktor Iuchtchenko contra o rival apoiado e financiado pela Rússia. Hoje, como em 1991, as antigas repúblicas mais distantes politicamente da Rússia são as bálticas, ao passo que o país mais dependente das possibilidades de reintegração do espaço pós-soviético sob os auspícios de Moscou é a Ucrânia.⁵⁶⁶

A origem das políticas americanas que moldaram as relações internacionais durante a primeira década do século XXI também remontam a 1991, quando

James Baker persuadiu Gorbatchov e Iéltzin a retirarem o apoio ao governo afegão de Najibullah. Em breve, o Afeganistão se transformaria numa terra de ninguém, num país de senhores da guerra, salvo do caos e da violência cotidiana pelo Talibã. A paz interna imposta pelos zelotes religiosos levou destruição ao exterior quando Osama bin Laden converteu a ex-sepultura do Exército soviético em seu quintal. A reação do governo do 43º presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, ao desafio do 11 de Setembro, foi muito informada pelas experiências e lições que sua assessoria extraiu dos acontecimentos de 1991.

Nos últimos meses desse ano, quando a queda da União Soviética se desenrolava diante das câmeras de televisão da CNN, os expertos do governo Bush começaram a fazer preparativos para um novo mundo em que a União Soviética seria um fator muito menor na política mundial ou podia até desaparecer. O planejamento ficou a cargo do secretário de Defesa Dick Cheney e colocado sob a supervisão direta do subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz. A nova doutrina produzida pelos especialistas do Pentágono refletia a visão apresentada no discurso sobre o Estado da União de George H. W. Bush em 1992: a Guerra Fria não só terminara, como fora ganha. Agora, os Estados Unidos tinham uma missão especial no mundo, definida por seu novo status de única superpotência global. Já não se aplicavam os limites geográficos e políticos impostos por seu antigo adversário na Guerra Fria.

Algumas semanas após o discurso de Bush em janeiro de 1992, quando vazaram para a imprensa elementos da Doutrina Wolfowitz, revelou-se que a missão especial não era unicamente apoiar a liberdade em todo o mundo, como afirmara o presidente, mas também impedir o surgimento de qualquer rival potencial no cenário mundial, se necessário, por meio de guerras preventivas. Esse foi o modelo de política externa adotado por George W. Bush. Em março de 2003, ele ordenou às tropas americanas que invadissem o Iraque, a fim de frustrar uma ameaça que nunca existira, apontando supostas armas de destruição em massa que não foram encontradas. A invasão tirou Saddam Hussein do poder no país, mas ao preço extremo de matar mais de 190 mil pessoas e desestabilizar a região. Também custou aos Estados Unidos a vida de quase 4,5 mil militares e pelo menos 3,4 mil paramilitares contratados.⁵⁶⁷

George W. Bush acreditava que os Estados Unidos tinham ganho a Guerra Fria e elogiava a “clareza moral” que tornara a vitória possível. Em novembro de 2003, depois do sucesso inicial da invasão do Iraque, fez um discurso marcando o vigésimo aniversário da Fundação Nacional para a Democracia. Nele, atribuiu à determinação americana o fim do “beco sem saída nuclear global com a União

Soviética – assim como o fim da União Soviética”. Em sua narrativa triunfalista, encontrou inspiração para seu plano de levar a democracia ao Oriente Próximo, transformando o mundo muçulmano. “E agora cabe-nos aplicar essa lição ao nosso tempo”, alegou o presidente no mesmo discurso. “Chegamos a outro grande ponto de inflexão, e a determinação que mostrarmos modelará a próxima etapa do movimento democrático mundial.”⁵⁶⁸

A nova etapa não chegou. Foi substituída pelo pesadelo da longa e sangrenta ocupação do Iraque. Em muitos aspectos, o caminho da Guerra do Iraque começou em 1991. As decisões que mandaram as forças americanas ao Iraque em março de 2003 foram resultado não só do desejo de terminar a Guerra do Golfo de 1990 e 1991, derrubando o regime de Saddam Hussein, como também de uma fé profundamente arraigada no poder dos Estados Unidos como o país que ganhou a Guerra Fria, apagando do mapa mundial seu principal adversário.

⁵⁵² Discurso sobre o Estado da União. *C-Span*, 28 de janeiro de 1991. Disponível em <http://www.c-spanvideo.org/program/23999-1>.

⁵⁵³ Discurso sobre o Estado da União perante uma Sessão Conjunta do Congresso, 28 de janeiro de 1992. Documentos Públicos da Biblioteca Presidencial George Bush. Disponível em http://bushlibrary.tamu.edu/research/public_papers.php?id=3886&year=1992&month=01.

⁵⁵⁴ “Bush and Gorbachev Declare End of Cold War”, 3 de dezembro de 1989. *History, A&E Television Networks*. Disponível em www.history.com/speeches/bush-and-gorbachev-declare-end-of-cold-war#bush-and-gorbachev-declare-end-of-cold-war.
HOLSER, Karen. “The First True Post-Cold War Summit”. *Baltimore Sun*, 28 de julho de 1991.
“Bush Told Gorbachev to Ignore ‘Crowing’ over Cold War Victory”. *Seattle Times*, 26 de outubro de 1992.

⁵⁵⁵ YOUNG, John R. “In State of Union, President Evokes Spirit of Gulf War”. *Washington Post*, 29 de janeiro de 1991.

⁵⁵⁶ BUSH, George; SCOWCROFT, Brent. *A World Transformed*. Nova York: Knopf, 1998), pp. 559-561.

KOTKIN, Stephen. *Armageddon Averted: The Soviet Collapse, 1970-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 185.

GATES, Robert M. *From the Shadows: The Ultimate Insider’s Story of Five Presidents and How They Won the Cold War*. Nova York: Simon & Schuster, 1996, p. 552.

⁵⁵⁷ MATLOCK, Jack. *Autopsy on an Empire: The American Ambassador’s Account of the Collapse of the Soviet Union*. Nova York: Random House, 1994, pp. 667-672.
“The End of the Cold War, the Collapse of Communism, and the Fall of the Soviet Union”. Parte 4 de “The Collapse of the Soviet Union and the End of the Cold War: A Diplomat Looks Back”. Entrevista de Jack Matlock a Harry Kreisler. Série “Conversations with History”, Instituto de Estudos Internacionais, Universidade da Califórnia, Berkeley, 13 de fevereiro de 1997. Disponível em <http://globetrotter.berkeley.edu/conversations/Matlock/matlock-con4.html>.

- 558 KENNAN, George F. "Witness to the Fall". *New York Review of Books*, novembro de 1995, pp. 7-10 (arqui. 7).
- 559 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 1.046.
- 560 BEISSINGER, Mark. "The Persistent Ambiguity of Empire". *Post-Soviet Affairs*, nº 11, 1995.
BEISSINGER, Mark R. "Rethinking Empire in the Wake of Soviet Collapse". In: BARANY, Zoltan; MOSER, Robert (orgs.). *Ethnic Politics and Post-Communism: Theories and Practice*. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 2005, pp. 14-44.
BECKER, S. "Russia and the Concept of Empire". *Ab Imperio*, nos 3-4, pp. 329-342, 2000.
MARTIN, Terry. *The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923-1939*. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 2001.
MARTIN, Terry. "The Soviet Union as Empire: Salvaging a Dubious Theoretical Category". *Ab Imperio*, nº 2, pp. 91-105, 2002.
BURBANK, Jane; COOPER, Frederick. *Empires in World History: Power and Politics of Difference*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2010, cap. 14.
LIEVEN, Dominic. *Empire: The Russian Empire and Its Rivals*. New Haven, Connecticut: Yale University Press, 2002, cap. 9.
PLOKHY, S. M. *Yalta: The Price of Peace*. Nova York: Penguin Books, 2010, cap. 14.
- 561 GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, pp. 651-657.
SHAPOSHNIKOV, Evgenii. *Vybor: Zapiski glavnokomanduiushchego*. Moscou: PIK, 1993, p. 102.
- 562 AVEN, Petr; KOKH, Al'fred. "El'tsin sluzhil nam!" Entrevista de Gennady Burbulis. *Forbes* (edição russa, 22 de julho de 2010). Disponível em www.forbes.ru/node/53407/print.
- 563 YELTSIN, Boris. *The Struggle for Russia*. Trad. de Catherine A. Fitzpatrick. Nova York: Crown, 1994), p. 116.
GORBACHEV, Mikhail. *Memoirs*. Nova York: Doubleday, 1995, p. 658.
Entrevista de Valentin Varennikov em *Rozpad Radians'koho Soiuzu. Usna istoriia nezalezhnoi Ukrainy 1988-91*, Fita 2. Disponível em <http://oralhistory.org.ua/interview-ua/401>.
- 564 FUKUYAMA, Francis. "The End of History". *National Interest*, verão de 1989.
FUKUYAMA, Francis. *The End of History and the Last Man*. Nova York: Free Press, 1992.
- 565 HERRING, George. *From Colony to Superpower: U.S. Foreign Relations Since 1776*. Nova York: Oxford University Press, 2008, p. 914.
CHIVERS, C. J.. "Russia Will Pursue Democracy, but in Its Own Way, Pútin Says". *New York Times*, 26 de abril de 2005.
- 566 LUCAS, Edward. *The New Cold War: Putin's Russia and the Threat to the West*. Nova York: St. Martin's Griffin, 2009.
- 567 UNGER, Craig. *American Armageddon: How the Delusions of Neoconservatives and the Christian Right Triggered the Descent of America-and Still Imperil Our Future*. Nova York: Scribner, 2007, pp. 115-117.
"Iraq War: 190,000 Lives, \$2.2 Trillion". *Press release*, Projeto Custos de Guerra, Universidade Brown, 14 de março de 2013. Disponível em <http://news.brown.edu/pressreleases/2013/03/warcosts>.
- 568 BUSH, George W. "Commencement Address at the United States Military Academy at West Point,

West Point, New York”, 1º de junho de 2002. Disponível em
<http://www.presidentialrhetoric.com/speeches/06.01.02.html>.

BUSH, George W. “Freedom in Iraq and the Middle East: Address at the 20th Anniversary of the National Endowment for Democracy, Washington, D.C.”, 6 de novembro de 2003. Disponível em
<http://www.presidentialrhetoric.com/speeches/11.06.03.html>.

AGRADECIMENTOS

Exatamente como um dos personagens deste livro, o ministro russo das Relações Exteriores Andrei Kozyrev, eu saí de Moscou no segundo dia do golpe de Estado, 20 de agosto de 1991. Ele partiu rumo a Paris, enquanto eu tomei um avião da Aeroflot para Montreal. Até aterrissarmos, ninguém sabia se os *putschistas* em Moscou (ou melhor, as autoridades da Aeroflot) permitiriam que a aeronave chegasse ao Canadá ou se a desviariam para Havana. Não fizeram o que muitos no voo temiam e deixaram-nos seguir viagem até nosso destino. Mais importante, perderam o controle não apenas do nosso avião, como também da situação em terra em Moscou.

No dia seguinte, não havia mais golpe de Estado com que nos preocuparmos. Meus colegas na Universidade de Alberta, no Canadá, onde eu lecionaria como professor visitante, estavam entusiasmados com os acontecimentos na União Soviética e me pediram que desse um curso sobre a crise no país, enfocando o destino da democracia russa e soviética e sua vitória final sobre o totalitarismo. Chegando da Ucrânia e ciente da importância da mobilização nacional nessa república, ofereci-me para dar um curso acerca da questão da nacionalidade dentro da União Soviética. Meus anfitriões duvidaram da ideia. Essa questão parecia-lhes marginal, sem relação clara com o que estava acontecendo em Moscou, ou pelo menos era assim que muitos na academia norte-americana encaravam os fatos. Eu insisti, e eles abandonaram suas objeções.

Quando meu curso terminou, em dezembro de 1991, a União Soviética já não existia. Em vez de exemplificar o triunfo da democracia, ela se desintegrara em quinze repúblicas. Ao contrário de muitos colegas norte-americanos, eu havia percebido a importância da “questão da nacionalidade” na União Soviética e acompanhado o desejo de independência das repúblicas que a compunham. Tal como eles, porém, assustei-me com a velocidade dos desdobramentos e custei a compreender o processo pacífico, mas revolucionário, que se deu entre a derrota do golpe e a vitória da democracia nas ruas de Moscou, em agosto, e a dissolução da União Soviética, em dezembro.

A literatura existente a respeito do colapso da União Soviética, escrita por jornalistas, cientistas políticos e, na década passada, por historiadores, não ajuda

muito a explicar exatamente o que aconteceu na União Soviética durante meu período de licença sabática no Canadá. Não me restava senão escrever este livro para entender o que verdadeiramente aconteceu na União Soviética e no mundo nos últimos meses de 1991 e por que aconteceu. Para dar resposta a essa questão e a várias outras relacionadas, contei com a ajuda e a assistência de muita gente.

Quero começar pelos participantes dos fatos que se dispuseram a ser entrevistados pelo autor deste livro. Entre eles figuram o presidente da Ucrânia, Leonid Kravtchuk; o presidente do parlamento bielo-russo, Stanislav Chuchkevich; o ministro da Defesa ucraniano, Konstantyn Morozov; o deputado do parlamento soviético, escritor e depois diplomata ucraniano Iuri Shcherbak, o embaixador americano na Polônia e depois no Paquistão, Thomas Simons, e o funcionário do Conselho de Segurança Nacional e depois embaixador na Grécia e subsecretário de Estado, Nicholas Burns. Também agradeço àqueles que me ajudaram a conseguir essas entrevistas: Marshall Goldman, Marta Dyczok, Lubomyr Hajda e Leonid Poliakov.

O secretário de Estado James Baker autorizou o uso de seus documentos arquivados na Biblioteca Mudd, da Universidade de Princeton. O embaixador Burns leu todo o manuscrito e fez comentários e correções excepcionalmente úteis. O vice-ministro das Relações Exteriores Anatoly Adamichin, da Federação Russa, leu o livro e não fez objeções importantes. Estou muito agradecido aos meus colegas de Harvard, Mark Kramer e Mary Sarotte, e à minha aluna pós-doutoranda Elizabeth Kerley pelos comentários em vários rascunhos do manuscrito.

Terry Martin, Charlie Maier e Erez Manela comentaram meus trabalhos e apresentações com as pesquisas feitas para este livro, assim como o fizeram Blair Ruble, do Centro Internacional para Acadêmicos de Woodrow Wilson, em Washington, Vlad Zubok, da Escola de Economia de Londres, e Olga Pavlenko, da Universidade Russa de Humanidades. Suas opiniões muito me ajudaram a cristalizar minha argumentação, eliminando partes menos importante do manuscrito e evitando erros. Como sempre, Myroslav Yurkevich, meu amigo e editor há muito tempo, encarregou-se do belíssimo trabalho de “inglesar” minha prosa.

Expresso minha gratidão ao Departamento de História pela licença, no outono de 2011, para trabalhar no livro e ao apoio financeiro do Instituto Ucraniano de Pesquisa e do Centro de Estudos Russos e Eurasianos da Universidade de Harvard. Um obrigado especial ao meu colega Tim Colton, com quem codirigi o seminário “Legados imperiais e política internacional” no ano letivo de 2012-

2013, e aos colegas e pós-doutorandos do Davis Center que fizeram esse curso. Aprendi muito com Tim e com os participantes do seminário acerca da política soviética e pós-soviética e sobre os modos como ela foi interpretada nas últimas décadas.

O arquivista da Universidade de Princeton, Daniel J. Linke, auxiliou-me a obter autorização para usar os documentos do secretário de Estado James Baker na Biblioteca Mudd. Alexei Litvin muito me ajudou a ter acesso aos arquivos da Fundação Gorbatchov. Mikhail Prezumenshchikov, Peter Ruggenthaler, Iuri Shapoval e Vladimir Viatrovich me orientaram sobre os antigos artigos soviéticos, russos e ucranianos. Agradeço também a Evgenia Panova, do Departamento Internacional da agência de fotografia ITAR-TASS, e a Oscar Espaillat, da Corbis Images, pela ajuda na escolha das imagens para este livro.

Minha agente literária, Jill Kneerim, além de me ajudar a encontrar um editor excelente para o manuscrito, contribuiu para tornar minha argumentação a mais clara possível tanto para especialistas da área quanto para o público leitor mais amplo. Não se podia esperar uma *publisher* e editora mais compreensiva e entusiasmada do que Lara Heimert, que se interessou imediatamente pelo manuscrito e, junto com sua equipe motivada, amistosa e enérgica, transformou-o em livro. Na Basic Books, sou especialmente agradecido a Roger Labrie, cuja revisão tornou minha prosa mais lúcida, e a Katy O'Donnell, que ajudou a conduzir o livro pelo processo editorial. Como todos os meus livros anteriores, este não poderia ter sido escrito sem o interesse, o apoio e os conselhos de minha esposa, Olena.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[PARTE I A ÚLTIMA REUNIÃO DE CÚPULA](#)

[CAPÍTULO 1 Encontro em Moscou](#)

[CAPÍTULO 2 O penetra](#)

[CAPÍTULO 3 Frango à Kiev](#)

[PARTE II OS TANQUES DE AGOSTO](#)

[CAPÍTULO 4 O prisioneiro da Crimeia](#)

[CAPÍTULO 5 O rebelde russo](#)

[CAPÍTULO 6 A vitória da liberdade](#)

[PARTE III UM CONTRAGOLPE](#)

[CAPÍTULO 7 O ressurgimento da Rússia](#)

[CAPÍTULO 8 A Ucrânia independente](#)

[CAPÍTULO 9 Salvando o império](#)

[PARTE IV DESUNIÃO SOVIÉTICA](#)

[CAPÍTULO 10 O dilema de Washington](#)

[CAPÍTULO 11 A arca russa](#)

[CAPÍTULO 12 O sobrevivente](#)

[PARTE V VOX POPULI](#)

[CAPÍTULO 13 Antecipação](#)

[CAPÍTULO 14 O referendo ucraniano](#)

[CAPÍTULO 15 A trindade eslávica](#)

[PARTE VI ADEUS AO IMPÉRIO](#)

[CAPÍTULO 16 Saindo da floresta](#)

[CAPÍTULO 17 O nascimento da Eurásia](#)

[CAPÍTULO 18 Natal em Moscou](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)